REIS DO PECADO

LIVRO 5

REI DA INVEJA

LUXO, OBSESSÃO E LEALDADE



ANA HUANG



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

REI
DA
INVEJA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ANA HUANG

REI DA INVEJA



Traduzido por Roberta Clapp

ARQUEIRO

REIS DO PECADO

LIVRO 5

Título original: *King of Envy*

Copyright © 2025 por Ana Huang
Trecho de *Partindo para o ataque* © 2024 por Ana Huang
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Beatriz D'Oliveira
revisão: Luana Luz de Freitas e Rachel Rimas
diagramação: Abreu's System
imagens de miolo: © alexkava/Depositphotos, lindwa/Depositphotos
capa: Cat/TRC Designs (© Sourcebooks)
adaptação de capa: Natali Nabekura
imagens de capa: © Depositphotos: Kucheruk/ CHAKRart/ jag_cz/ sidmay/ rabbit75_dep/ MashaKotscur; © Ilbusca/iStock; © Dmitry Nesterov/Shutterstock
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H86r
Huang, Ana, 1991-
Rei da inveja [recurso eletrônico] / Ana Huang ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital (Reis do pecado ; 5)

Tradução de: King of envy
Sequência de: Rei da preguiça
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-959-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título. III. Série.

26-102822.0

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

A todas as leitoras que gostam de homens fictícios levemente desequilibrados.
Este livro é para vocês.

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Playlist

"Moth To A Flame", Swedish House Mafia ft. The Weeknd
"Battle Scars", Guy Sebastian ft. Lupe Fiasco
"Fashion", Sandra Resendes
"You Right", Doja Cat ft. The Weeknd
"Young and Beautiful", Lana Del Rey
"Tearin' Up My Heart", *NSYNC
"Baby (Acoustic)", Clean Bandit ft. MARINA e Luis Fonsi
"Obsessed", zandros ft. Limi
"Who Do You Want", Ex Habit
"i'm yours", Isabel LaRosa
"Lose Control", Teddy Swims
"Believer", Imagine Dragons
"Undiscovered", Laura Welsh
"I Got You", Bebe Rexha
"Way down We Go", KALEO
"LET THE WORLD BURN", Chris Grey

LINK DO SPOTIFY:



LINK DO APPLE MUSIC:



Nota sobre o conteúdo

Esta história contém descrições explícitas de sexo, violência, assédio e agressão sexual, além de termos obscenos e temas que podem ser sensíveis para alguns leitores.

Para obter uma lista detalhada (em inglês), acesse o código abaixo:

CAPÍTULO 1

Ayana



– MEUS PARABÉNS. METADE das pessoas aqui quer te matar e a outra metade quer ser você. – Os lábios do meu noivo roçaram minha bochecha. – Isso, *sim*, é uma conquista.

– Não sei bem se é motivo de orgulho – retruquei discretamente, mantendo o sorriso firme. As pessoas estavam nos observando. – Ainda mais a segunda parte.

– A lista de convidados parecia só incluir os maiorais da moda, e pelo visto isso se confirmou – rebateu ele. – Inspirar inveja numa multidão como esta é um talento. Aceita, MOTY.

Soltei uma risada abafada.

– Sério, você tem mais orgulho desse título do que eu.

MOTY era a abreviação de "Model of the Year", modelo do ano. Oito meses haviam se passado desde que recebi o prestigioso título, e Jordan ainda mencionava o fato sempre que podia.

– O que posso dizer? Isso só prova que tenho um olhar apurado. – Ele deu uma piscadela. – Lembro quando o Hank falou pra todo mundo que tinha encontrado "o rostinho do século" numa festa universitária aleatória em Washington. Agora olha só pra você.

Meu sorriso vacilou à menção do meu agente, mas segurei as pontas.

– Não sei se sou o rostinho do século, mas isso aqui sem dúvida é melhor do que uma república de estudantes fedorentos.

Tomei um gole de champanhe e contemplei o jardim a céu aberto. Naquele momento, estávamos bancando os anfitriões num coquetel de fim de verão da Jacob Ford, a icônica loja de departamentos de luxo fundada pelo avô do meu

noivo havia mais de meio século.

Jordan me alçara à fama ao me escolher para ser embaixadora da loja, quatro anos antes. O tamanho e o sucesso de uma única campanha abriram mais portas do que dois anos de testes de elenco e trabalhos pequenos. Eu devia minha carreira a ele e à empresa.

Ele havia alugado um terraço para aquela festa. Os drinques corriam soltos, o sol brilhava e vários dos convidados nos encaravam, tentando (ou não) disfarçar os cochichos. Jordan estava certo: alguns deles definitivamente queriam me ver morta.

Trabalhar como modelo era fazer parte de uma indústria cruel. Minha ascensão nos últimos anos, aliada ao noivado com um dos solteiros mais cobiçados de Nova York, não me fizera cair nas graças de muitos colegas do meio. Eu tinha poucos amigos e ainda menos amigos *de verdade*.

Não havia o que fazer a respeito disso, mas, às vezes, eu pensava na vida que teria se não estivesse sempre tão exposta ao olhar público.

– Opa. – Jordan se aprumou. – Míssil à vista. Se prepara, ou ela vai te explodir em mil pedacinhos.

Meu breve surto de melancolia estourou como uma das bolhas em minha bebida. Abafei outra risada mesmo enquanto seguia o conselho de Jordan e me preparava para o impacto.

A indomável Orla Ford não era fácil. Embora Jordan fosse o CEO, sua avó era a acionista majoritária e a matriarca da família. Ela comandava o clã Ford de sua mansão em Rhode Island, e a capacidade de dobrar metade de Manhattan à sua vontade mesmo estando a mais de trezentos quilômetros de distância era prova de sua personalidade forte.

– Vocês são os anfitriões da festa, certo? – disse ela ao vir em nossa direção.

A elegante mulher de 84 anos estava impecável num terninho floral que combinava com o seu famoso colar de diamantes e esmeraldas, mas, de perto, parecia exausta. Suas bochechas estavam encovadas e havia um leve tremor em suas mãos.

Mesmo assim, mantinha-se altiva e imponente, estreitando os olhos à espera da nossa resposta.

– Sim, vovó – respondeu Jordan, sem mais nenhum resquício de leveza.

– Então por que estão de gracinha aqui no canto, feito dois colegiais, em vez de *receberem os convidados*? – Orla estalou a língua. – Dante e Vivian Russo estão aqui. Stella Alonso está aqui. Vão conhecer gente. Vocês estão noivos agora... Vão ter tempo de sobra para essas coisinhas de casal mais tarde.

Meu rosto esquentou com seu tom sugestivo ao dizer "coisinhas de casal". Jordan colocou sua bebida numa mesa próxima e saiu em disparada. Tentei ir atrás dele, mas sua avó segurou meu braço.

– Você não, querida. Ainda não. – Ela me examinou com um olhar perspicaz. – Você está linda.

– Obrigada – respondi, satisfeita.

Os elogios de Orla eram raros, e eu sabia a importância de sua validação.

Estava usando um vestido amarelo-açafrão curto, da coleção da própria loja. Meu cabelo alisado com prancha caía em ondas largas sobre os ombros, e meus saltos que desafiavam a gravidade me deixavam cinco centímetros mais alta até do que Jordan, que tinha 1,82 metro. Tinham custado uma fortuna, mas eram tão lindos que não resisti.

Todo mundo tinha suas indulgências. As minhas eram sapatos e perfumes. Também fazia tricô, mas minhas peças saíam tão deformadas que eu ainda não contara para ninguém sobre esse hobby.

– Queria falar com você porque não costumamos nos ver pessoalmente – disse Orla. – Sei que você e Jordan já estão noivos há um bom tempo... um ano e quatro meses, acredito... mas eu...

Ela vacilou. Sua respiração ficou ofegante. Quase estendi a mão para ver se ela estava bem, mas Orla logo se recuperou e continuou como se nada tivesse acontecido:

– Ainda não tive a oportunidade de lhe dar as boas-vindas à família de maneira apropriada. – Ela segurou minha mão nas dela. – Por muito tempo, pensei que o Jordan jamais encontraria a parceira certa. Ele é meu único neto, e eu ficava... preocupada. Ele nunca namorou ninguém por mais de algumas semanas. Temia que, quando ele *finalmente* nos apresentasse alguém, fosse uma desclassificada qualquer. Estou muito feliz que seja você. – Orla deu um tapinha na minha mão. – Vocês formam um belo casal. Sei que você vai cuidar bem dele.

Ela soou sincera, mas um pouco triste. Ignorei o uso da palavra "desclassificada" – afinal, a mulher tinha quase 90 anos – e disfarcei minha confusão com outro sorriso.

Orla não era uma pessoa sentimental e já havia me dado as boas-vindas à família na festa de noivado, mais de um ano antes. Será que tinha esquecido?

– Eu agradeço, Orla. Você tem sido muito gentil comigo desde que anunciamos o noivado. Estou, hã... muito animada para me juntar à família.

Se ela notou minha pequena hesitação, não demonstrou.

– Imagina, querida. Eu precisava lhe dizer isso pessoalmente. Não podia

contar com minha filha para isso. A única coisa que ela sabe fazer é gastar meu dinheiro e arrumar amantes cada vez mais chocantes. – Ela olhou para o lado. – Ah, lá está Buffy Darlington. Com licença, preciso cumprimentá-la.

Orla deu um último tapinha em minha mão antes de se retirar. Fiquei olhando para o lugar vazio onde ela estivera. O que tinha acabado de acontecer?

– Você parece em estado de choque. O que ela falou? Ela reclamou de você estar usando um sapato que te deixa mais alta do que eu? – Jordan reapareceu como um fantasma, se materializando do absoluto nada após a avó ter se afastado. Ele a amava, mas também morria de medo dela. – Você sabe como ela é exigente com aparências. Não pega bem quando a mulher é mais alta do que o homem, blá-blá-blá.

– Bem, eu tenho 1,78 metro descalça, então acho que vai ser difícil – brinquei. – Mas não, ela não falou nada dos meus sapatos. – Fiz um breve resumo da conversa e concluí: – Inclusive, não quero te deixar preocupado, mas está tudo bem com a sua avó? Ela parece um pouco pálida e as mãos dela não param de tremer.

Jordan franziu a testa.

– Tenho certeza de que está tudo bem. Ela pegou uma gripe na semana passada e ainda está se recuperando. É óbvio que ela insistiu em vir à festa mesmo assim. Adora uma chance de se gabar da empresa e do nosso casamento. – Ele virou o copo de uísque cheio que tinha na mão. – Por falar nisso, não esqueça que temos um jantar com o Vuk na sexta-feira para tratar de umas coisas do casamento. Reservei uma mesa para nós naquele novo bistrô francês em West Village.

O champanhe ficou amargo na minha boca.

Vuk Markovic tinha sido colega de quarto de Jordan na faculdade e seria padrinho do nosso casamento. Eu não o conhecia bem, mas nossas interações anteriores não tinham sido das mais calorosas. Na verdade, eu tinha quase certeza de que ele me desprezava, embora não fizesse ideia do porquê.

Sempre fui amigável e cordial com ele e nunca dei ouvidos aos rumores de que o poderoso CEO estava possivelmente envolvido em negócios mais obscuros do que a administração da maior empresa de bebidas alcoólicas do mundo.

Jordan era um dos melhores caras que eu conhecia. Havíamos nos aproximado enquanto eu trabalhava na campanha da Jacob Ford, e éramos amigos desde então. Ele jamais convidaria alguém para ser seu padrinho se a pessoa não fosse idônea. Certo?

– Sexta-feira no Village. Pode deixar – respondi. – Estou um pouco surpresa

por ele não estar aqui hoje.

– Sério? – Jordan parecia cético. – Vuk odeia festas. Algo me diz que, para ele, um baile de gala com música ao vivo é a representação exata do sétimo círculo do inferno.

Dei risada.

– Sei lá. Ele compareceu a um monte de festas este ano. A *Mode de Vie* até mencionou isso no perfil que fez sobre ele, mês passado.

– É verdade, mas eu não contaria que essa tendência vá durar muito. Vuk faz o que precisa fazer para impulsionar os negócios dele e pronto. Um coquetel num jardim não se enquadra nesse princípio. Merda. Minha avó está me fuzilando com os olhos outra vez. Vou atrás de alguém "importante" para conversar antes que ela me apunhale com um picador de gelo. Pelo visto, vamos ter que passar o resto da festa afastados, ou ela vai nos acusar de não sermos bons anfitriões.

– Também acho.

Apertamos as mãos solenemente, nossas bocas se contorcendo numa tentativa de conter o riso.

– Boa sorte, soldado – falei. – Nos vemos depois da batalha.

Jordan respondeu com uma continência lacônica e desapareceu no meio da multidão. Tomei um último gole da minha bebida antes de ir até Stella Alonso e seu marido.

Passei por Orla no caminho. Suas palavras ecoavam em minha cabeça: *Vocês formam um belo casal. Sei que você vai cuidar bem dele.*

Fiquei mesmo muito feliz em ouvir aquilo. Muitas pessoas a achavam assustadora – o que ela podia ser mesmo –, mas, em particular, era mais calorosa do que os outros imaginavam.

Retribuí o sorriso dela e ignorei a abrupta sensação de culpa em minhas entranhas.

Obter a aprovação de Orla era uma grande conquista, mas eu suspeitava que ela seria menos benevolente comigo se descobrisse a verdade: que meu noivado com seu neto era uma farsa.

CAPÍTULO 2

Ayana



NAQUELA SEXTA-FEIRA, COMO PROMETIDO, fui ao bistrô onde Jordan havia feito a reserva. A comida estava deliciosa, mas infelizmente é difícil apreciar até mesmo uma refeição com estrela Michelin quando a pessoa sentada à sua frente te odeia.

Vuk não disse isso, é claro, mas dava para *sentir* a animosidade que emanava dele, e precisei de todo o meu autocontrole para não esmorecer sob seu olhar.

Tomei um gole d'água e tentei evitar qualquer contato visual enquanto Jordan, ao meu lado, falava sobre nosso casamento:

– Conseguimos o castelo na Irlanda, cortesia do Katrakis – disse ele, alheio à tensão que sufocava a mesa. – Setecentos convidados. Cinco dias no campo. Depois, a cerimônia etíope nos Estados Unidos. Vai ser o casamento do ano, e estamos empolgados. Não é mesmo, querida?

– Com certeza.

Abri um sorriso. A ideia de passar cinco dias com setecentas pessoas que mal conhecia me dava vontade de rastejar até um buraco e definhar lá dentro. Isso sem contar as outras centenas que meus pais estavam convidando para a recepção que *eles* fariam em Washington.

No entanto, eu tinha que desempenhar o papel de noiva empolgada. Era parte do nosso acordo. Jordan precisava de uma esposa para garantir a herança; eu precisava de dinheiro para me livrar do contrato horrível que tinha assinado na juventude para ajudar minha família.

Cinco milhões de dólares à vista por cinco anos da minha vida, e outros cinco milhões quando Jordan recebesse a herança. Era um acordo mutuamente benéfico.

Então por que me sentia desconfortável toda vez que pensava na cerimônia?

– A lista praticamente inteira confirmou presença. – A voz de Jordan se sobressaiu ao barulho do restaurante. – Por falar nisso, obrigado por cuidar da despedida de solteiro. Sei que festas não são muito... a sua praia.

Silêncio.

Sempre o silêncio.

Finalmente olhei para o outro lado da mesa, onde o padrinho de casamento era uma montanha imóvel de músculos e cicatrizes.

Vuk Markovic.

CEO da Markovic Holdings, presidente do comitê de gestão do Valhalla Club e talvez a pessoa mais intimidadora que eu já tinha conhecido.

Com 1,98 metro de altura, mesmo sentado ele pairava muito acima de mim. Sua expressão sisuda e a cicatriz brutal – a única mácula em seu belo rosto – davam a ele um ar de perigo silencioso, mas eram seus olhos que me causavam arrepios dos pés à cabeça.

Gélidos. Impassíveis. De um azul tão claro que parecia branco.

Aqueles olhos assustadores encontraram os meus por um breve instante antes de Vuk voltar a atenção para Jordan e responder com uns poucos gestos bruscos das mãos.

Eu havia aprendido linguagem de sinais no ensino médio, depois que minha tia perdeu a audição, então entendia Vuk perfeitamente.

"Sou seu padrinho. Esse é o meu trabalho."

Não foi a resposta mais entusiasmada do mundo, mas não conseguia imaginar Vuk expressando entusiasmo por nada. O homem era uma verdadeira geleira.

– Eu sei, mas mesmo assim... – retrucou Jordan. – Eu agradeço. *Nós* agradecemos.

Ele apertou minha mão sobre a mesa, e abri outro sorriso fingido.

Nada extraordinário. Apenas duas pessoas prestes a se casar e profundamente apaixonadas uma pela outra. *Óbvio*.

Um músculo saltou na mandíbula de Vuk.

Seus olhos encontraram os meus novamente, e tentei disfarçar outra onda de calafrios.

Nem Jordan nem eu tínhamos contado sobre o acordo para mais ninguém. Era arriscado demais. Havia milhões de dólares em jogo, e nosso acesso a eles dependia da nossa capacidade de tornar aquele relacionamento convincente. Por mais que odiasse guardar segredos da minha família, eu *precisava* do dinheiro.

Mas às vezes Vuk olhava para nós, para mim, como se...

O toque de um celular cortou meus pensamentos.

Jordan fez uma careta.

– Desculpe, preciso atender. – Ele soltou minha mão e se levantou. – Já volto. Se o garçom perguntar, não vou querer sobremesa, está bem, querida?

– Aham. Pode deixar.

Torci para que minha resposta soasse natural e espontânea. Embora a conversa fluísse com facilidade quando estávamos a sós, a necessidade de mostrar ao mundo que éramos um casal feliz atrapalhava nossa interação em público.

Depois que Jordan se retirou, Vuk e eu voltamos a ficar em silêncio.

– Então... – falei, num tom animado, desejando, não pela primeira vez, que Jordan tivesse escolhido alguém menos apavorante para ser seu padrinho. – Quais são os planos para a despedida de solteiro? Pôquer? Strippers? Seja sincero. Não vou ficar ofendida.

Eu não queria falar sobre o casamento, mas não conseguia pensar em mais nada que pudéssemos ter em comum.

Vuk me encarou com frieza. Uma mão envolvia o copo, a outra estava pousada na mesa, e Deus era testemunha de que ele não havia conversado comigo uma única vez desde que nos conhecemos, mais de um ano antes. Duvidava que ele fosse começar naquela noite.

Está bem, então. Ao que parecia, ele também não queria falar sobre o casamento.

Contive um suspiro e dei uma garfada na salada, desanimada.

Tinha acabado de forçar as folhas goela abaixo quando uma família de três pessoas passou pela nossa mesa. A filha, que aparentava ter 7 ou 8 anos, parou para observar Vuk.

– Mamãe, papai, olha só a cara dele – sussurrou a menina, o que não adiantou muito já que ela estava a menos de meio metro de nós. – Por que ele é assim?

– Pare de olhar – ralhou o pai. – É falta de educação.

– Mas aquelas cicatrizes são *nojentas*.

– Emily! – A mãe repreendeu a filha antes de lançar um olhar constrangido na nossa direção. – Me desculpem. Ela é...

Risadas estridentes de outra mesa abafaram o resto do pedido de desculpas. A mulher segurou a menina pelo ombro e a conduziu às pressas para fora do restaurante. O pai foi atrás, tomando o cuidado de não olhar para Vuk.

Senti o metal gelado pressionando a palma da minha mão. Não havia percebido a força com que estava segurando o garfo e tive que me obrigar a soltá-lo.

Vuk, por outro lado, não se movera nem um centímetro. Se não fosse por uma contração quase imperceptível de seus lábios, diria que nem sequer tinha ouvido a garota.

Com que frequência as pessoas descaradamente o encaravam e cochichavam coisas horríveis, a ponto de ele reagir com tanta indiferença?

A empatia aliviou minha irritação de antes. Não sabia se deveria falar ou não sobre o ocorrido, então deixei o silêncio se estender enquanto refletia sobre o que dizer a seguir.

Além da cicatriz no rosto, Vuk tinha outras marcas de queimadura ao redor do pescoço, despontando sob a gola da camisa. Embora não se destacassem tanto, qualquer pessoa as notaria.

Mas a menina estava errada. As marcas de Vuk não eram nojentas. Simplesmente faziam parte dele. Algumas pessoas tinham sardas e pintas; ele tinha cicatrizes.

Os lábios de Vuk se contraíram ainda mais.

"Se a minha aparência te incomoda tanto, podemos encerrar o jantar mais cedo." Seus movimentos foram tão afiados que poderiam cortar vidro. "Não quero estragar o seu apetite."

Senti meu rosto esquentar, morta de vergonha por ter sido pega encarando – exatamente o que a garotinha havia feito –, mas as suposições dele a respeito do meu caráter me deixaram indignada.

Ele realmente me achava mal-educada e frívola a ponto de julgar descaradamente a aparência dele durante o jantar?

– Eu não estava te olhando por causa da sua aparência. Você está sentado bem na minha frente. É natural que eu olhe pra você. Eu nem sequer estava *pensando* em você.

Era uma mentira descarada, mas não havia a menor chance de eu compartilhar meus verdadeiros pensamentos com ele. Tinha a impressão de que Vuk ficaria mais irritado com uma demonstração de empatia do que com uma grosseria.

Ele arqueou minimamente a sobrancelha.

– Não estava mesmo. – Ergui o queixo. – Estava pensando sobre... a Irlanda. E em como estou animada para conhecer o país.

Vuk não pareceu convencido.

"Você já foi à Irlanda."

Dessa vez, fui eu que ergui as sobrancelhas.

– Como sabe disso?

Eu havia passado um verão em Dublin, estudando, antes de ser descoberta por um caça-talentos e largar o curso na Universidade Howard para trabalhar como modelo em tempo integral. Não era nenhum segredo, mas também não era de conhecimento geral.

Houve uma pequena pausa antes de Vuk responder:

"Jordan me contou."

Franzi a testa. Não me lembrava de ter contado a Jordan sobre Dublin, mas podia estar enganada. O último ano e meio tinha sido tão confuso que eu mal lembrava como era a vida antes de aceitar o casamento de conveniência com Jordan.

Era um noivado longo, mas eu me casaria com o herdeiro de Jacob Ford. As pessoas esperavam uma cerimônia luxuosa, e planejar algo daquele porte levava tempo.

Ela estava marcada para fevereiro, dali a seis meses. Depois disso, eu receberia a primeira parcela de 5 milhões de dólares e poderia finalmente largar a agência.

Eles já haviam sugado demais meu dinheiro e minha alma. Se eu perdesse mais alguma parte de mim, não sobraria nada.

– Você vai levar alguém ao casamento? – perguntei a Vuk.

Apesar de bastante conhecido, já que era CEO de uma grande empresa, o homem era notoriamente reservado.

Eu sabia que ele havia nascido na Sérvia e que sua família tinha se mudado para os Estados Unidos quando ele tinha 10 anos. Vuk fizera faculdade de engenharia química, época em que conheceu Jordan, e os dois haviam sido colegas de quarto durante os dois últimos anos na Thayer.

Algumas pessoas o chamavam de Sérvio, aparentemente porque ele odiava ser chamado pelo nome verdadeiro, mas eu suspeitava que isso fosse apenas boato. Jordan sempre o chamava de Vuk, e ele nunca reclamou.

Era tudo que eu sabia a seu respeito.

Não havia nenhuma informação sobre a vida pessoal de Vuk na internet, e eu sentia uma estranha curiosidade em relação à sua vida amorosa.

Nunca o vira acompanhado, mas ele era rico, solteiro e poderoso – a santíssima trindade, ao menos para grande parte das mulheres de Manhattan. Ele *tinha* que estar saindo com alguém, ainda que casualmente.

Uma emoção indecifrável cruzou o rosto dele.

"Talvez."

– *Talvez* não é resposta.

"Se eu tivesse outra, teria dado."

Eu o encarei, séria.

– Você faz questão de ser uma pessoa difícil ou é só seu jeitinho mesmo?

"As duas coisas."

Deixei escapar um leve grunhido de frustração.

Os lábios de Vuk se contraíram. Em qualquer outra pessoa, aquilo talvez fosse o lampejo de um sorriso, mas a mera ideia de Vuk Markovic sorrir era tão absurda que eu só podia estar imaginando coisas.

– Eu...

Uma lufada de ar interrompeu a resposta certamente brilhante que eu estava prestes a dar.

– Me desculpem. – Jordan pareceu sem fôlego ao se acomodar na cadeira. Eu estivera tão concentrada na conversa com Vuk que nem o vira se aproximar. – A ligação demorou mais do que eu esperava.

– Está tudo bem? – perguntei.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas dele, e o cabelo, antes impecável, estava espetado como se ele tivesse passado a mão na cabeça várias vezes.

– Na verdade, não. – A voz de Jordan soou estrangulada. – É a minha avó. Você tinha razão. Ela... não está muito bem. Preciso ir a Rhode Island amanhã para vê-la.

Orla havia retornado à sua mansão em Newport depois da festa de terça-feira.

– Como assim, ela não está muito bem? – perguntei, preocupada.

– Não sei direito. A assistente dela acabou de me dizer que preciso ir até lá o mais rápido possível.

Não podia ser boa coisa.

Mordi o lábio, aflita. Não tinha intimidade com a família de Jordan, mas também não desejava que algo de ruim acontecesse à avó dele.

Ela era o motivo do nosso acordo. Orla havia se cansado de esperar que o único neto sossegasse e dera um ultimato a Jordan no ano anterior: ele deveria se casar nos dois anos seguintes e *ficar* casado por pelo menos cinco anos ou ela doaria toda a fortuna da família para a caridade.

Todos os 120 milhões de dólares.

Claro, Jordan me procurara dias depois com uma proposta. Eu tinha

aceitado, e ali estávamos nós.

Preciso ir a Rhode Island amanhã para vê-la.

Só então entendi o que aquelas palavras sugeriam.

– Se você precisa ir para lá amanhã, isso significa que...

– Não vou poder ir à prova dos bolos – disse ele, constrangido. – Sinto muito. Sei como foi difícil conseguir esse horário.

Tínhamos um voo marcado para a Califórnia no dia seguinte para nos encontrarmos com Sammy Yu, cujos bolos de casamento haviam se tornado um símbolo de status. Noivas do país inteiro esperavam *meses* para conseguir um horário para a degustação. Os casais organizavam viagens a São Francisco só para vê-lo.

– Não. Tudo bem. – Balancei a cabeça. – Vamos remarcar. Sua família é prioridade.

– Duvido que a gente consiga remarcar para antes do casamento. Já estamos com o prazo apertado e minha mãe vai ficar furiosa se não tivermos um bolo do Sammy Yu na recepção. – Jordan passou a mão pelo rosto. – O problema é que ela quer ir para Rhode Island no jatinho, então não tem como você usá-lo para ir à Califórnia. E não quero que você faça a prova sozinha. A não ser que...

Os olhos dele foram até o outro lado da mesa. Um medo repentino se formou em meu estômago. *Não.*

– Vuk, eu sei que é pedir muito, mas você se importaria de levar a Ayana a São Francisco amanhã? – Um tom de súplica tomou a voz de Jordan. – Seu jatinho está em Nova York, né? É só pelo fim de semana, e eu fico te devendo uma.

Eu me atrevi a olhar para Vuk mais uma vez.

Qualquer sinal de cordialidade que ele pudesse ter demonstrado antes havia desaparecido. Ele parecia uma estátua de pedra com uma expressão sombria, olhando para Jordan como se ele tivesse lhe pedido que esfolasse a própria pele e a transformasse em um tapete para os meus pés.

Nossa, uau. Sabia que ele não gostava de mim, mas não precisava parecer *tão* horrorizado diante da perspectiva de viajar comigo.

– Por favor. Não confio em mais ninguém para acompanhar a Ayana, e você sabe como a minha mãe é – disse Jordan. – Ela vai me infernizar pelo resto da vida se não conseguirmos esse maldito bolo.

"Ela pode usar o jatinho." Vuk nem se dignou a olhar para mim. "Não preciso ir com ela."

Fiquei irritada. Embora fosse gentil ele oferecer o jatinho (mais ou menos),

eu não estava gostando nem um pouco de os dois falarem de mim como se eu não estivesse presente.

– Não preciso de jatinho nenhum. Vou comprar uma passagem, como uma pessoa normal.

– Vai dar muito trabalho – argumentou Jordan. – Você precisa estar de volta na segunda de manhã, e muitos voos têm sido cancelados ultimamente por conta desse apagão nas comunicações. – Ele se voltou de novo para Vuk. – Dois dias. Só isso. Você conhece o meu gosto, então pode me substituir na prova, e Ayana não gosta de voar sozinha.

Eu me retraí. Não era como se meu medo de avião fosse um grande segredo, mas parecia um detalhe íntimo demais para ser compartilhado com Vuk.

Tudo parecia íntimo demais para ser compartilhado com ele.

Suas feições se transformaram em uma carranca. Se o sujeito já parecia desconfortável antes, agora estava claramente irritado.

Parte de mim esperava que ele dissesse não. Sim, a ideia de pegar um jatinho particular era muito mais atrativa do que tomar um calmante antes de encarar um avião lotado, mas Vuk e eu nunca tínhamos ficado sozinhos antes.

Mesmo naquele momento, cercado por dezenas de clientes em um dos restaurantes mais badalados da cidade, ele conseguia sugar todo o oxigênio do ambiente. Sua presença era como um buraco negro – poderosa, inescapável e tão intensa que todo o resto empalidecia.

"Está bem." Seu semblante era frio como gelo. "Eu vou. Só pelo fim de semana."

– Ótimo. – O alívio de Jordan era palpável. – Muito obrigado de verdade. – Ele apertou minha mão outra vez. – Não é ótimo, querida?

– Demais.

Forcei tanto o sorriso que minhas bochechas doeram. Se eu fosse atriz em vez de modelo, seria demitida na hora. Felizmente, Vuk não notou minha tentativa lamentável de fingir entusiasmo, pois *continuava* ignorando a minha presença de forma ostensiva.

Era como se o retorno de Jordan tivesse acionado um interruptor. Ele passou de uma conversa sucinta para a mais completa indiferença.

Tudo bem, eu podia lidar com isso. Preferia mil vezes um acompanhante silencioso a ter que aturar alguém impossível.

Além disso, era só uma degustação de bolos. Vuk não iria me acompanhar para comprar a lingerie da noite de núpcias.

Uma viagem de ida e volta e um fim de semana na Califórnia. Seria tranquilo.

Peguei o copo d'água, meu anel de noivado absurdamente opulento brilhando sob as luzes. Não era nem um pouco o meu estilo, mas Jordan havia insistido que fosse algo chamativo, "para manter as aparências".

Vuk estreitou os olhos, que fuzilaram o diamante antes de encontrarem os meus.

Uma nova onda de arrepios se espalhou pelos meus braços.

Tranquilo. Engoli a água, que tinha um gosto metálico. *Claro*.

CAPÍTULO 3

Ayana



BOA NOTÍCIA: VUK NÃO me matou durante o voo para São Francisco.

Má notícia: ainda tínhamos cerca de 28 horas juntos e não dava para garantir que suas tendências homicidas não dariam as caras em algum momento entre uma fatia de bolo de chocolate e o retorno a Nova York.

Por conta do trânsito matinal e das tempestades imprevistas que atingiram o Meio-Oeste, decolamos e aterrissamos mais tarde do que o previsto. Não tivemos tempo de fazer o check-in no hotel antes da prova, então me ajeitei no banheiro do jatinho mesmo.

Hidratante: retocado.

Batom: retocado.

Sapatilhas trocadas por maravilhosos Louboutins.

Quando Vuk e eu finalmente descemos do jatinho, um Rolls-Royce preto já estava à nossa espera na pista.

Ele aguardou que eu entrasse e se juntou a mim – embora "juntar-se" fosse um termo generoso demais para descrever sua tentativa de se sentar o mais longe possível de onde eu estava. Ele estava tão apertado contra a lateral oposta do carro que fiquei surpresa de não ter se fundido com a porta em um híbrido veículo-CEO.

– Não tenho nenhuma doença contagiosa. Você pode se sentar feito uma pessoa normal. Eu não mordo, juro.

Nenhuma resposta.

Que surpresa. Ele havia me honrado com míseros dois segundos de contato visual quando embarcamos e depois agira como se eu não existisse.

Pensei em tocá-lo de leve para ver se ele derreteria como a Bruxa Má do Oeste diante da minha audácia, mas, como queria chegar inteira à degustação, peguei o celular na bolsa.

O plano de ler as últimas publicações do meu blog de fragrâncias favorito se desintegrou quando vi um nome piscando na tela.

Quatro letras e uma náusea imediata de revirar o estômago.

– Oi, Hank.

Mantive o tom suave ao me virar de costas para Vuk e baixar a voz. Ele ainda podia me ouvir, mas a ilusão de privacidade era o único conforto que eu poderia ter naquele momento.

Toda vez que falava com meu agente, eu tinha vontade de desaparecer. Não conseguia acreditar que um dia achei que ele estava do meu lado.

Essa era uma das coisas mais difíceis da vida adulta: perceber que as pessoas que imaginávamos que estavam nos protegendo muitas vezes eram as que nos apunhalavam pelas costas.

– Ayana – falou ele num tom adulador. – Chegou bem à Califórnia?

– Cheguei, sim, estamos a caminho da degustação neste minuto.

– Excelente. E ouvi dizer que você está com Vuk Markovic.

Meus ombros ficaram tensos. Não havia contado a Hank sobre meu novo parceiro de viagem, mas ele sabia. Ele *sempre* sabia.

Andava tão paranoica com a inexplicável onisciência dele que, alguns meses antes, havia feito uma varredura em meu apartamento e em meus dispositivos em busca de escutas. Não encontrei nada, o que de certa forma foi pior do que se tivesse encontrado.

– Ele foi muito gentil em vir comigo depois que o Jordan soube que não poderia me acompanhar.

Não perguntei como ele soube de Vuk.

Hank sempre tirava proveito do menor sinal de fraqueza e, se percebesse o quanto sua aparente onipresença me tirava do sério, se empenharia ainda mais em sugar minhas forças.

– Que generoso da parte dele. – Uma porta bateu, seguida pelo som de uma máquina de café expresso ao fundo. – Bem, odeio atrapalhar o seu fim de semana...

Quase dei risada.

Ele não tinha nenhum constrangimento em me atrapalhar, independentemente do que eu estivesse fazendo. Certa vez, insistira para que eu fosse até o centro para um *casting* de última hora enquanto eu estava no meio de

uma consulta no dentista.

– Mas estou ligando pra me certificar de que você estará de volta a tempo para a sessão de fotos da Delamonte Cosmetics, na segunda-feira de manhã. – *Ou vai ver só.* Hank fez uma pausa, deixando que as palavras implícitas preenchessem o silêncio antes de prosseguir: – É um cliente importante. A agência vai ficar muito chateada se você colocar essa campanha em risco, principalmente levando em consideração suas distrações mais recentes.

Cravei as unhas no banco de couro. As tais "distrações" a que ele se referia eram os preparativos do casamento.

Hank e a diretoria da agência não gostaram muito da ideia de eu ficar noiva, mas não tinham feito muito alarde até o último mês, quando os preparativos se intensificaram e minha agenda acabou lotada. Desde então, eles estavam na minha cola.

– Nunca coloquei uma campanha em risco. Estarei de volta na segunda-feira de manhã. Não se preocupe.

– Ótimo. Pois, caso contrário, seremos obrigados a deduzir os prejuízos e o custo de mão de obra do seu próximo pagamento.

A raiva subiu pela minha garganta, e eu a engoli antes que ela extravasasse em uma torrente de xingamentos.

– Entendido.

Ainda calma, ainda equilibrada. *Jamais* permitiria que ele notasse meu pânico.

Hank desligou, e me forcei a respirar fundo antes de relaxar a mão e colocar o telefone de volta na bolsa.

Ele não havia ligado porque estava preocupado com a possibilidade de eu faltar à sessão de fotos na segunda-feira, mas sim para reafirmar sua autoridade sobre mim. Para me lembrar de que eu tinha uma dívida com ele por conta de um contrato idiota que eu havia assinado aos 19 anos, quando não sabia o que estava fazendo.

A raiva desceu até o estômago e se misturou com a náusea.

Só mais seis meses.

Precisava lidar com ele por apenas mais seis meses. Depois disso, poderia rescindir o contrato e me livrar da agência para sempre.

Havia anos que eu queria sair, mas a possibilidade só surgiu quando Jordan me procurou com a proposta.

Respirei fundo mais uma vez e me virei para a frente. Ainda estava me recompondo quando senti a bochecha arder e vi que Vuk me encarava.

"Era o seu agente?"

Sabia que ele tinha ouvido a minha parte da ligação, mas fiquei tão surpresa com seu súbito desejo de conversar que demorei um segundo para responder.

– Sim, estávamos falando sobre... sobre uma sessão de fotos que vamos fazer.

"Você pareceu aborrecida."

Primeiro, ele puxava conversa. Agora estava preocupado com meu estado de espírito?

Quase vasculhei o carro em busca de câmeras escondidas para o caso de estarmos em um programa de pegadinhas, mas Vuk Markovic jamais participaria de um reality show.

Então, fiz o que sabia fazer melhor: fugi do assunto.

– Não estou aborrecida. Só um pouco estressada com tudo que está acontecendo. – Abri o mesmo sorriso que me rendeu um cobiçado contrato com a Delamonte Cosmetics. – E você? Alguma coisa interessante acontecendo no trabalho?

Não foi a mais inspirada das abordagens, mas foi a única que me ocorreu.

"O que ele te falou?"

Tanto esforço para nada.

– Ele estava me lembrando da sessão de segunda-feira.

Não contava meus segredos mais profundos e sombrios para ninguém, muito menos para Vuk. Nem mesmo Jordan sabia como as coisas iam mal com Hank.

– Por que está tão interessado no que ele disse? Não me diga que está em busca de um agente.

Falei isso em tom de brincadeira, mas o olhar de Vuk ficou ainda mais sério.

"Hank Carson. É esse o nome dele?"

Assenti, escondendo minha surpresa. Alguém de fora do mercado não saberia o nome do meu agente.

O rosto de Vuk se fechou, tornando-se frio e distante. Um lampejo sombrio atravessou os olhos dele, e arrepios tomaram minha pele.

Cruzei e descruzei as pernas, meu estômago pegando fogo apesar do calafrio repentino. Por que parecia que ele estava pensando em como matar Hank por... por minha causa?

Não. Não podia ser. Ele nem gostava de mim.

Então, por que a ideia daquele hipotético comportamento protetor fez com que eu sentisse uma leve vibração no peito?

Porque, desde que você se mudou para Nova York, ninguém nunca te protegeu. Não sem querer algo em troca.

Claramente, eu estava delirando. Não existia um mundo no qual Vuk iria querer me proteger de qualquer coisa.

Mas o silêncio pulsava tão forte quanto meu coração, e houve um segundo, apenas um, em que pensei que ele talvez...

Uma buzina soou do lado de fora. A expressão de Vuk endureceu, e ele se recostou no banco e tirou o celular do bolso como se nada tivesse acontecido – porque nada *tinha* acontecido.

Ele quis confirmar o nome do meu agente. Só isso.

Eu me virei para a janela enquanto esperava que meus batimentos acelerados voltassem ao normal. Por fim, meu coração foi se acalmando e o mundo retornando para o lugar conforme nos arrastávamos pelo trânsito da tarde.

Não aconteceu nada.

Ainda assim, passei o resto da viagem com um calorzinho no peito.



Chegamos à confeitaria um minuto antes da hora marcada. A recepcionista nos recebeu e, em seguida, nos acompanhou até os fundos, onde a área de provas já estava montada com café, chá e uma variedade de bolos.

– Olá. – Sammy Yu nos cumprimentou com um largo sorriso. Era um homem bonito, alto e de queixo quadrado, com cabelos escuros curtos e um jeito descontraído. – Vocês devem ser Ayana e Jordan. É um prazer conhecê-los.

– É um prazer conhecê-lo também. – Apertei a mão dele. – Na verdade, Jordan teve uma emergência familiar e não pôde vir. Este é Vuk, padrinho dele. Ele vai, hã... substituir o Jordan hoje.

Vuk o cumprimentou com um aceno brusco de cabeça.

Sammy ergueu as sobrancelhas.

Pelo visto, não era comum um padrinho assumir uma função tão importante em uma festa de casamento, mas Sammy manteve o profissionalismo e não teceu nenhum comentário.

Vuk e eu nos sentamos em nossos lugares. A recepcionista trouxe taças de champanhe, e passei a hora seguinte conversando com Sammy sobre o casamento e provando os bolos.

Ele havia criado seis sabores com base nas preferências que Jordan e eu havíamos listado previamente.

Todos eram maravilhosos.

Não era de admirar que as pessoas cruzassem o país para vê-lo. Eu estava

com medo de que fosse tudo superestimado, mas os bolos valiam a viagem.

– Depois que você escolher o sabor, vamos falar do design do bolo – explicou Sammy. – Vou enviar alguns esboços na semana que vem. Você tem algum favorito até agora?

– Amei todos, mas estou inclinada a escolher este. – Apontei para o de amêndoa com framboesa. – Vuk, o que você acha?

Ele havia provado todos os bolos, mas não comentava nada.

"É essa a sua escolha?"

Franzi a testa.

– Você não gostou?

"Meu gosto não importa." O rosto dele ficou sério. "Jordan odeia amêndoa."

Merda. Ele tinha razão.

Havia me esquecido completamente da aversão de Jordan a elas, mas, como noiva dele, *deveria* estar ciente disso.

Por que diabos Jordan não mencionara isso quando enviamos nossas preferências? Tínhamos preenchido as fichas juntos, então eu tinha certeza de que ele tinha listado suas preferências e objeções.

– Claro. Acho que nos esquecemos de incluir na ficha que Jordan não gosta de amêndoa. – Tentei disfarçar a gafe com uma risada. – Nós as preenchemos depois do Met Gala, então estávamos exaustos. Eu deveria ter me lembrado hoje, mas estou com *jet lag*. Sabe como é.

Vuk me encarou com uma expressão desconfiada.

O sangue pulsava freneticamente em minhas veias.

Está tudo bem. Ele não sabe. E daí que eu esqueci que Jordan odeia amêndoa? Foi só um deslize. Não é como se eu tivesse atirado o anel que ele me deu no lixo e dito que o odiava.

Mesmo que Vuk descobrisse sobre o acordo, não sairia correndo para dedurar o melhor amigo para a avó... a menos que me odiasse a ponto de usar isso para acabar com o noivado.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria descartado essa ideia na mesma hora, mas estava falando de Vuk Markovic. Não duvidava de nada vindo dele.

Depois de um silêncio tenso e prolongado, ele voltou a atenção para Sammy.

Eu deveria ter me sentido aliviada, mas o nó em minhas entranhas só aumentou. Não conseguia me livrar da sensação de que Vuk havia adicionado o deslize em relação à amêndoa a uma pasta mental criada apenas para compilar informações a meu respeito.

Sammy acompanhou tudo com um olhar entretido.

– Nada de amêndoa, então. Vou deixar anotado. – Ele foi discreto e deixou o assunto morrer. – Algum outro sabor favorito?

– Acho que o de avelã com buttercream de chocolate ou o de chá preto com geleia de rosas.

O segundo sabor combinava mais comigo, mas aquela era uma decisão a ser tomada por duas pessoas. Tentei fazer Vuk opinar mais uma vez.

– De qual você gostou mais?

"Não importa. Não sou eu que vou me casar com você."

Eu não costumava perder a paciência. Meus pais haviam me ensinado a jamais fazer escândalo em público, e nunca fui de bater de frente com as pessoas.

Entretanto...

Vuk estava sendo um *babaca* e, depois de um voo de sete horas, da ligação de Hank e de uma quantidade de açúcar capaz de causar uma cárie, eu não aguentava mais aquela postura passivo-agressiva.

Respondi na linguagem de sinais. Não havia necessidade de deixar Sammy desconfortável.

"Eu sei. Só estou perguntando qual dos dois Jordan iria preferir. Além disso...", minhas mãos cortavam o ar de maneira afiada, "embora eu aprecie o fato de você ter reservado um tempo para me acompanhar, não estou *nada* contente com sua falta de colaboração. Você aceitou vir. Aja como um ser humano decente e escolha um sabor ou vá embora. Pode deixar que eu me viro sem você."

Os olhos de Sammy oscilaram entre mim e Vuk. O cômodo estava tão silencioso que dava para ouvir a recepcionista digitando do lado de fora.

Tec. Tec. Tec.

Meu coração batia no ritmo do teclado. Não estava cem por cento convencida de que Vuk não sairia porta afora e me largaria na Califórnia, mas ele quase pareceu achar graça da situação.

Sem tirar os olhos de mim, apontou com a cabeça para o bolo de chá preto com geleia de rosas.

"Não vai fazer diferença para o Jordan. Mas esse combina mais com você."

Como ele...

Não importava. Havia duas opções. Ele tinha cinquenta por cento de chance de escolher a minha favorita. Não significava nada.

– O segundo, então.

Alisei a saia e sorri para Sammy. O pobre coitado provavelmente já estava arrependido de ter nos aceitado como clientes.

– Perfeito. Vou acertar os detalhes com a Vera na recepção. Enquanto isso,

por favor... – Ele apontou para a mesa. – Aproveitem as bebidas e os doces. Voltarei com mais champanhe para comemorar.

"Fazia um bom tempo que você estava segurando esse sermão", disse Vuk depois que Sammy se retirou.

Meu rosto ficou vermelho.

– Só porque você não está... não está...

"Colaborando?"

O tom de zombaria era perceptível.

Eu o encarei, mas minha resposta mordaz morreu rapidamente quando ele estendeu a mão e passou o polegar pela minha bochecha.

Fiquei paralisada.

Ele nunca havia me tocado. Nunca. Nem sequer apertou minha mão quando fomos apresentados.

Por instinto, meus músculos se contraíram, divididos entre o impulso de fugir e a vontade de me inclinar para a frente.

A mão dele era áspera. Forte. Mas seu toque foi surpreendentemente delicado quando ele esfregou o canto da minha boca.

Então o momento acabou, e o oxigênio inundou meus pulmões como se eu tivesse passado horas sem respirar, em vez de segundos.

Sem perceber, levei a mão ao local que ele havia tocado. Um vestígio de calor persistia.

Vuk franziu os lábios, limpou a mão em um guardanapo e jogou o papel amassado em uma lixeira antes de escrever algo em um guardanapo novo.

Ele o empurrou na minha direção, os olhos gélidos.



Claro. Fazia sentido.

O calor escaldou meu pescoço e meu peito. O que estava acontecendo comigo? Por que estava dando tanta importância às nossas interações?

Por sorte, Sammy voltou naquele exato momento e me salvou da obrigação de responder.

Vuk e eu recusamos a taça de champanhe extra. Assinei a papelada e, quinze minutos depois, estávamos a caminho do hotel.

Tínhamos sido o último atendimento de Sammy naquele dia. O sol já estava se pondo quando saímos e, embora pudéssemos ter voltado direto para Nova York, passar a noite ali parecia muito melhor do que fazer uma viagem intercontinental de ida e volta em menos de 24 horas.

Já havia submetido meu corpo a muitas coisas durante a Fashion Week e sessões de fotos malucas, então tentava deixá-lo descansar sempre que possível.

– Sr. Ford e Sra. Kidane, bem-vindos ao Winchester – disse a recepcionista.

Eu havia entregado a ela minha identidade para o check-in, mas me esquecera de trocar o nome de Jordan pelo de Vuk na reserva. Nem eu nem ele corrigimos a funcionária.

– Estou vendo aqui que vocês têm uma reserva de uma noite na nossa Regal Suite. Fico feliz em informar que seu quarto está pronto. Aqui estão as chaves. Os elevadores ficam no final do corredor, à esquerda. Se precisarem de alguma coisa, basta discar zero e estaremos à sua disposição.

Arquejei. *Merda*.

Jordan e eu havíamos reservado uma suíte com apenas um quarto, só para manter as aparências. Infelizmente, havia me esquecido de alterar a reserva depois que Vuk assumiu seu lugar na viagem.

Ao meu lado, Vuk ficou tenso.

– Com licença, houve uma mudança de planos de última hora. Eu deveria ter mencionado antes, mas o dia foi longo. – Lancei à recepcionista um olhar encabulado. – É possível adicionar uma suíte extra à reserva? Nós, hã... gostaríamos de quartos separados, se possível.

O sorriso dela vacilou.

– Sinto muito. O hotel está lotado. Riley K. vai fazer um show na cidade este fim de semana e todos os hotéis da região estão cheios. A Regal Suite é nosso único quarto disponível para esta noite. *Mas*... – disse ela, voltando a se animar – ele tem uma cama extra, então dá para duas pessoas dormirem separadas. Funciona para vocês?

Vuk cerrou os punhos no balcão.

Engoli em seco. Esperava que ele não estivesse pensando em me estrangular. Se tínhamos que dividir o mesmo quarto, queria acordar inteira.

– Senhorita? – perguntou a recepcionista.

– Humm.

Dei uma olhadela em direção a Vuk. Bastava ele fazer uma ligação para conseguir uma suíte em qualquer lugar da cidade. Ora, ele poderia comprar aquele hotel inteirinho naquele momento se quisesse. Mas, como ele não se

prontificou a fazer isso, achei melhor não questionar.

– Funciona, sim. Obrigada.

A suíte ocupava o último andar do hotel. Contava com uma sala de estar, uma sala de jantar, um quarto com banheiro privativo todo em mármore e, sim, a cama extra.

Uma cama dobrável minúscula e de aparência frágil.

Para ser sincera, teria servido para qualquer pessoa que não fosse Vuk. O sujeito tinha quase dois metros e pesava pelo menos 90 quilos. Era capaz de esmagar aquela coisa com as próprias mãos.

– Você pode ficar com a cama de verdade – ofereci. – Acho que você não vai, hã... caber naquela ali.

"Não vou ficar com a cama."

Tudo bem. Eu não ia discutir.

Por mais que me sentisse mal por ele, gostava muito das fronhas de seda e dos colchões Duxiana, não vou mentir.

Estava tirando meus itens de higiene pessoal da mala e pensando no que pedir pelo serviço de quarto quando o inevitável aconteceu.

Vuk jogou a mala na cama dobrável e se sentou.

A estrutura se curvou com um rangido sinistro.

E, antes que tivéssemos tempo para entender o que aquilo significava, a cama desabou.

CAPÍTULO 4

Vuk



EU JÁ HAVIA SIDO torturado antes.

Facas, queimaduras, algemas – tinha sobrevivido a tudo isso.

Mas aquilo ali? Aquilo era tortura *de verdade*, e eu não podia culpar ninguém além de mim mesmo.

Semicerrei os olhos para o notebook, furioso, tentando me concentrar no relatório do meu chefe de segurança, e não na porta fechada do banheiro.

De onde estava sentado, na sala de estar, tinha a visão direta da porta, bem como da mala aberta no quarto, cheia de peças de seda e renda. Era como se ela tivesse deixado aquilo ali de propósito, só para me atormentar.

O chuveiro emitiu um rangido e em seguida veio o som de água corrente.

Um músculo saltou em minha mandíbula.

– ... reforçar as medidas de segurança do escritório... – A voz de Sean atravessou meus pensamentos.

Jamais deveria ter aceitado acompanhar Ayana até ali. Estar perto dela em público já era ruim. Agora tínhamos que dividir não apenas o mesmo quarto, mas a mesma cama.

Como o hotel estava lotado, não havia outra cama extra disponível, então eu teria que encarar uma noite de sofrimento.

Se ao menos eu tivesse procurado outro hotel antes...

Se ao menos meu lado ganancioso e egoísta – o mesmo que tolamente queria estar perto dela – não tivesse vencido...

Se ao menos...

– Não queria dizer nada até que estivesse confirmado, mas temos uma pista

sobre a pessoa que iniciou o incêndio na Vault.

A atualização de Sean finalmente me tirou daquele redemoinho cada vez maior.

Eu me endireitei, o coração acelerando. Naquele momento o incêndio era a única coisa capaz de afastar meus pensamentos de Ayana, e Sean tinha acabado de me oferecer uma distração suculenta em uma bandeja de prata.

– Encontramos vestígios de fibras que não pertencem a nenhum colaborador ou visitante registrado – disse ele.

Sean era ex-agente de operações especiais e tinha sido um dos melhores funcionários da Harper Security antes de ser contratado para fazer parte da minha equipe pessoal, cinco anos antes. Ele tinha a personalidade direta e objetiva que eu valorizava em meus funcionários.

– Dado o estado do local depois do incêndio e toda a burocracia, demoramos um pouco para vasculhar as evidências. Nosso pessoal só encontrou as fibras hoje de manhã.

Digitei minha resposta no bate-papo. Quando não podíamos nos encontrar pessoalmente, nos comunicávamos por meio de uma rede criptografada segura.

Algum vestígio de DNA?

– Não, mas encontramos esta foto de uma pessoa que estava ali na área no momento do incêndio.

Uma imagem apareceu na tela. Uma mulher loura de 20 e poucos anos com um moletom da Northwestern sorria para a câmera. Era obviamente uma turista, mas eu não estava interessado nela.

Estava interessado no homem ao fundo.

Ela havia tirado uma selfie no momento em que ele estava passando. Para olhos amadores, ele parecia um transeunte qualquer.

Para mim, parecia um homem que escondia alguma coisa. As roupas comuns, a postura tranquila porém alerta, o rosto desviando das câmeras de vigilância: era um profissional.

Um boné azul simples ocultava metade de suas feições. Ele tinha aproximadamente 1,85 metro, pele branca, corpo musculoso e cabelos escuros. Camiseta preta, sem logotipos identificáveis.

Sean leu minha mente.

– Talvez as fibras sejam compatíveis com a camiseta que ele está usando. Analisamos as imagens das câmeras de vigilância das empresas vizinhas. Não temos uma imagem direta do rosto dele, mas, levando em conta o horário, a roupa e outros fatores relevantes, ele é o maior suspeito.

Examinei a foto novamente e percebi algo que deixara passar da primeira vez: uma tatuagem escapando pela manga da camisa. Ela estava embaçada e distante demais para que eu conseguisse ver os detalhes, mas nada que um bom editor de imagens não pudesse resolver.

Mais uma vez, Sean captou o que eu estava pensando.

– Aprimoramos a imagem e estamos analisando a tatuagem. É difícil, pois só vemos uma parte dela, mas, assim que tivermos detalhes, vamos jogar no banco de dados.

Enviei minha resposta.

Ótimo. Vasculhe o máximo que conseguir. Dinheiro e tempo não são problema.

Não me importava quantos meses ou anos fossem necessários. Eu ia encontrar o desgraçado que havia tentado me matar.

No início daquele ano, durante uma visita à agora famosa boate Vault – da qual eu era sócio oculto –, eu quase tinha morrido durante um incêndio "inesperado". Se o dono da Vault, Xavier Castillo, não tivesse arriscado sua vida e me arrastado para fora a tempo, eu seria uma pilha de cinzas agora.

Fontes oficiais atribuíram o ocorrido à fiação elétrica antiga e defeituosa, mas o momento escolhido e o método utilizado não tinham sido por acaso.

Eu não acreditava em coincidências e, definitivamente, não confiava na polícia. Havia ordenado que minha equipe investigasse o incêndio por conta própria.

Mesmo após seis meses de becos sem saída, eles nunca me questionaram, o que só provava sua lealdade.

Estávamos chegando mais perto. Como Sean disse, a tatuagem não era grande coisa, mas era um começo, e isso era tudo de que eu precisava.

A porta do banheiro se abriu.

Saí da chamada de vídeo sem dizer mais nada e fechei o notebook antes mesmo de Ayana entrar no quarto.

– Desculpa por ter demorado tanto tempo – disse ela. – Se quiser, o banheiro é todo seu.

Ergui os olhos e rangi os dentes.

Puta merda.

Ela estava vestindo um robe de seda dourado abaixo dos joelhos. Era comportado, mas não importava.

Rosto sem maquiagem.

Pés descalços.

Pele úmida.

A imagem dela recém-saída do banho foi algo tão íntimo que me atingiu como um soco no estômago.

Eu era capaz de lidar com ela usando um vestido de festa elegante ou um maiô, mas não com aquilo. Não quando a única coisa que nos separava era uma distância insignificante e meu autocontrole estava em frangalhos.

Ela era a noiva do meu amigo. Eu não deveria reparar na curva sensual de seus lábios ou me fixar na gota d'água que escorria pelo seu pescoço.

E certamente não deveria imaginar minha boca seguindo aquela gota, descendo pelo pescoço até a sombra de seu decote.

Mas eu sempre havia feito coisas que não deveria. Ninguém nunca me impedira.

Ninguém jamais havia se atrevido a isso.

Eu me recostei, com o rosto impassível, enquanto Ayana se aproximava para pegar o celular na mesa. A manga de seu robe roçou meu braço quando ela se esticou por cima de mim.

Uma corrente elétrica percorreu todo o meu corpo, intensificando meu desconforto, e virei o rosto para não ter que sentir seu cheiro.

Algumas mulheres eram fiéis a um único perfume, mas Ayana usava sempre uma fragrância diferente. Adocicado num dia, sensual no outro.

Naquela noite, não havia perfume: apenas o cheiro suave de xampu de coco e o aroma natural de sua pele.

Eu o desejava na mesma proporção em que o odiava.

– Desculpa. Esqueci que deixei meu celular aqui fora.

"Pare de se desculpar."

Seus olhos se voltaram para os meus, e eu completei:

"Dois pedidos de desculpas em dois minutos é um pouco demais quando não há nada de que se desculpar."

Não gostava da versão contida e servil de Ayana. Não combinava com ela. Queria ver a versão que tinha me dado uma bronca na confeitaria – e que me encarava naquele momento como se não soubesse ao certo se deveria concordar comigo ou me dar um tapa.

Uma satisfação tomou meu peito. *Bem melhor*.

Tudo bem, eu poderia ter falado de um jeito menos babaca, mas, quanto mais distante ela ficasse de mim, melhor.

"Por que você precisa estar em Nova York na segunda-feira de manhã?"

Mudei de assunto, na esperança de que a conversa me distraísse.

Pernas compridas, maçãs do rosto salientes, pele negra aveludada e olhos escuros que brilhavam com um misto de inteligência e diversão – mesmo se não fosse uma modelo famosa, Ayana chamaria a atenção das pessoas na rua.

O que mais me atraía nela, porém, não era a aparência física. Era como ela se movia, com uma leveza natural impossível de ser aprendida; era sua risada, tão espontânea e contagiante que dissipava até as sombras mais densas. E a luz que ela emanava, como se guardasse dentro de si um fogo prestes a irromper.

Famosa ou não, Ayana Kidane nasceu para brilhar.

– Tenho uma sessão de fotos para a Delamonte Cosmetics.

Ela se sentou em uma poltrona à minha frente. Seus cabelos pretos como a noite caíam em ondas sobre os ombros e sua pele brilhava sob a luz fraca da suíte. Ela parecia alheia à inquietação que eu sentia.

– Sou a nova embaixadora de beleza da marca e esta é minha primeira sessão de fotos com eles, então é importante.

Importante o suficiente para que seu agente ligasse em um sábado para fazer cobranças.

Não deu para ouvir o que ele disse, mas escutei o lado dela da conversa. Eu me lembrei da forma como suas unhas se cravaram no assento e da tensão permeando sua voz.

Não era só estresse, era medo.

Hank Carson. Fiquei repetindo o nome mentalmente enquanto fazia a pergunta seguinte.

"Ser modelo era seu sonho de infância?"

– Não exatamente. – Ela passou o dedo pela mesa, distraída. – Sempre gostei muito de moda e beleza. Até convenci meus pais a assinarem a *Vogue* pra mim, quando eu tinha 11 anos, mas não me via como modelo. Eu queria ser... bem, muitas coisas. Pediatra, psicóloga, intérprete... Acabei indo fazer faculdade de química na Howard, com intenção de cursar medicina depois, até que fui à festa da amiga de uma amiga na Thayer. Hank estava lá e me recrutou. O resto é história.

Eu já sabia de tudo aquilo, na verdade. Havia assistido a todas as entrevistas e lido todas as matérias em que ela era mencionada.

Mas gostei de ouvi-la compartilhar os detalhes comigo, embora o tom de amargura em sua voz me dissesse que a história era mais complexa do que dava a entender.

Para uma modelo que havia estampado a capa de inúmeras revistas e dominado as passarelas de Nova York, Paris e Milão, ela não parecia muito

empolgada.

– E você? – Os olhos de Ayana brilharam de curiosidade. – Como entrou no mercado de bebidas?

Era irritante como meu coração batia mais forte ao menor sinal de interesse por parte dela.

"Estudei engenharia química."

– Esse não é exatamente um caminho óbvio para alguém construir um império multinacional.

"Estudei administração de empresas paralelamente."

Não contei a ela toda a história entediante que havia por trás desses fatos. Que eu tinha trabalhado em uma pequena destilaria em minha cidade natal, na Virgínia, durante o ensino médio. A administração era péssima, por isso economizei dinheiro suficiente para comprá-la após a faculdade. Depois de assumir a empresa, usei meus conhecimentos de engenharia química para revolucionar o processo de fabricação da vodca. Nasceu, assim, a Markovic Holdings, que continuou a crescer até se tornar o que era.

– Você poderia ter contado isso de cara. – Ayana ficou pensativa. – Vuk Markovic engenheiro. Não consigo imaginar.

Ignorei a emoção de ouvir meu nome sair de seus lábios e ergui uma sobrancelha, com ar questionador.

– É difícil imaginar você fazendo algo que não seja liderar. Não consigo imaginar você...

Ela se conteve.

"Não consegue me imaginar fazendo o quê?"

– Não consigo imaginar você em um cubículo, desenvolvendo processos de fabricação. Só isso – disse ela, por fim.

Havia um tom estranho em sua voz. Constrangido, talvez, mas também um pouco ofegante.

"O que você me imagina fazendo?"

Parecia uma pergunta inocente, mas os movimentos das minhas mãos eram calculados, quase indolentes. Eles a desafiavam a responder.

Eu estava trilhando um caminho perigoso.

Ali, naquele cômodo, com nada além de uma mesinha entre nós... seria muito fácil.

Estávamos tão perto um do outro que eu poderia me aproximar e deslizar o robe pelos ombros dela. Passar as mãos na sua pele e ver se era tão suave quanto parecia. Deslizar minha língua em sua boca e ver se ela era tão doce

quanto eu imaginava.

O silêncio se estendeu.

Ayana entreabriu os lábios. Não havia nenhuma dúvida de que ela percebera o duplo sentido da pergunta – seus olhos estavam arregalados, e dava para ver a pulsação acelerada na base do seu pescoço.

Imaginei que ela fosse se afastar, colocando um ponto-final na conversa. Mulheres como ela jamais se sentiriam atraídas por monstros como eu.

Mas ela não fez isso.

Continuou sentada, apenas me encarando... Me encarando de um jeito que não deveria, não com o anel de noivado de outro homem no dedo, com uma intensidade que chegava a queimar.

Meu sangue ardeu ainda mais por um motivo totalmente diferente.

Aquela *porra* daquele anel de noivado.

O diamante cintilou em minha visão periférica e me jogou um balde de água fria.

Ela estava noiva. Eu era padrinho do casamento. E, embora tivesse ultrapassado muitos limites e distorcido muitos princípios ao longo da vida, sempre fui uma pessoa leal.

Levantei-me abruptamente, interrompendo o contato visual.

Ayana se assustou.

– Eu...

Não esperei que ela terminasse a frase.

Entrei no banheiro e fechei a porta.

Meus batimentos ecoavam nas paredes.

Meu pau estava duro feito pedra, mas não toquei nele.

Abri o chuveiro, desejando a água mais fria possível, e deixei que as gotas caíssem pelo meu corpo.

Talvez eu estivesse me punindo ou só sendo masoquista, assim como era incapaz de ficar longe da mulher no cômodo ao lado.

Apoiei a testa na parede de azulejos, respirei fundo e soltei o ar lentamente.

Não ajudou.

Minha cabeça ainda estava zumbindo por conta do momento compartilhado no outro cômodo. Estava tão tenso que bastaria uma palavra dela para me fazer explodir.

Se ela estivesse noiva de qualquer um que não Jordan, talvez eu tivesse deixado rolar, sem me importar com as consequências.

Mas ele era meu amigo e já havia salvado a minha vida uma vez. Foi só por

isso que concordei em ser seu padrinho de casamento.

Eu era leal às pessoas que eram leais a mim.

Ainda assim, lealdade não bastava para domar a fera horrenda que vivia dentro de mim. Eu tinha mais dinheiro e poder do que Jordan, mas invejava sua capacidade de construir e manter relacionamentos normais. Ele era capaz de viver tranquilamente, sem que os outros o encarassem como se ele fosse uma atração de zoológico e, por mais que eu desprezasse a maioria das interações humanas, havia dias em que ansiava por uma normalidade que jamais teria.

Tinha inveja de sua criação cheia de privilégios, com berço de ouro e acesso fácil a tudo. Ele nunca havia sido forçado a vender a alma por dinheiro. Nunca havia perdido pessoas que amava.

Acima de tudo, eu invejava o fato de *ela* ser dele.

Cerrei os dentes.

Envolvido na investigação do incêndio e na gestão de uma empresa multibilionária, eu tinha coisas melhores a fazer do que ficar obcecado pela noiva do meu amigo. Mas, como disse, meu bom senso não funcionava bem quando se tratava dela.

Jordan e Ayana. O casalzinho feliz.

Algo se desfez dentro de mim, e um veneno sorrateiro se alastrou até minha garganta, me fazendo engasgar.

Por mais que eu tentasse, não conseguia dissipar aquela sensação – e tudo por causa deles.

Porque eles estavam prestes a se casar.

Porque eu a vi primeiro.

Porque ela era dele quando deveria ser minha.

CAPÍTULO 5

Ayana



– PERAÍ. VOCÊ ESTÁ dividindo a cama com Vuk Markovic? – A descrença de Sloane atravessou a linha. – Como isso aconteceu?

– Eu te falei. Esqueci de alterar a reserva, e todos os hotéis decentes da região estão lotados por conta de um show da Riley K. – Olhei de relance para a porta do banheiro. O chuveiro ainda estava ligado. Vuk tinha entrado lá havia quarenta minutos, e precisei me esforçar *muito* para não imaginar o que ele estaria fazendo. – E, tecnicamente, ainda não dividimos a cama. Será só... algo inevitável quando formos dormir.

– Ele realmente quebrou a cama dobrável só de se sentar nela?

– Pois é.

Para um hotel cinco estrelas, o Winchester não estava causando a melhor das impressões.

Praticamente pude ouvir Sloane balançar a cabeça em resposta.

Havia um ano e meio que Sloane Kensington era minha assessora de imprensa. Também havia se tornado uma amiga, tanto que a convidei para ser uma das minhas madrinhas de casamento. Fiquei surpresa e feliz quando ela aceitou.

A triste verdade era que eu não tinha muitas amigas em Manhattan. Conhecia muita gente do mundo da moda. Participávamos dos mesmos desfiles, íamos às mesmas festas e frequentávamos os mesmos círculos sociais, mas eu não considerava ninguém ali *amigo* de verdade. Não eram pessoas a quem eu recorria quando estava tendo um dia ruim, nem com quem eu queria celebrar minhas vitórias.

Felizmente, eu tinha Sloane, que sabia como esse universo funcionava sem ser refém dele.

– Desde que essa história do hotel não vá parar na imprensa, tudo bem – disse ela. – A última coisa de que precisamos é um escândalo antes da Fashion Week.

– Pode acreditar, não tenho intenção de causar nenhum tipo de escândalo.

Só que intenções e realidade nem sempre andavam de mãos dadas.

O que você me imagina fazendo?

A lembrança da pergunta de Vuk provocou um arrepio incômodo no meu corpo. A maneira como ele estava sentado, as pernas abertas, o olhar glacial, mas provocador, como um predador se preparando para a caçada.

Aquilo me fez imaginar coisas que não deveria, mesmo que apenas por um segundo.

Eu mal o conhecia.

Não sabia nem se gostava dele.

No entanto, sua presença era tão imponente que reagir a ele era inevitável, não havia escolha.

Eu me ajeitei na poltrona e olhei novamente em direção ao banheiro.

– Ayana? – chamou Sloane. – Você me ouviu?

Hesitei, voltando a atenção à chamada.

– Desculpa, pode repetir?

– A entrevista com a *Luxury Brides*. Você sabe me dizer se o Jordan está de acordo com a mudança do horário?

– Sim, vamos dar um jeito.

A revista *Luxury Brides* estava fazendo uma grande matéria sobre o casamento. Enviariam sua principal correspondente à Irlanda para a cobertura presencial, mas queriam fazer algumas entrevistas preliminares.

Eu já estava apavorada.

Houve uma pausa antes de Sloane me surpreender:

– Você tem certeza de que quer seguir adiante com esse casamento?

– Claro. Por que não seguiria?

Dei uma risada um pouco aguda.

– Você nunca parece muito animada quando falamos do assunto – continuou ela.

Senti a pele formigar. Achava que vinha fingindo bem, mas Sloane sempre foi muito observadora.

Eu também a havia procurado em busca de conselhos quando Jordan me

abordou com a proposta. Não revelei o aspecto comercial do acordo, mas expressei minha hesitação em me casar com ele. Disse que estava dividida entre a gratidão (ele havia me dado uma grande oportunidade como modelo) e meu coração. Gostava dele, mas será que isso era suficiente?

Sloane havia me aconselhado a seguir minha intuição; em vez disso, ouvi a razão.

Nem todo mundo tinha o privilégio de seguir o próprio coração.

– Estou sobrecarregada, só isso – respondi. – Não sabia o trabalho que dava planejar um casamento. É estressante.

Não sabia se Sloane havia acreditado em mim, mas ela não insistiu no assunto.

– Desde que seja o que você quer... – Sloane fez outra pausa. – Se precisar conversar com alguém, estou sempre aqui. Estou dizendo isso como sua amiga, não como sua assessora.

Isso era o máximo de sentimento que Sloane Kensington expressava.

Senti um nó na garganta. Forcei um sorriso, embora ela não pudesse me ver.

– Obrigada. De verdade.

O clima pesado durou pouco, e conversamos sobre mais algumas questões relacionadas à assessoria antes de desligarmos. Já passava da meia-noite na Costa Leste, mas ela trabalhava direto, sete dias por semana.

Estava prestes a verificar minha caixa de e-mails quando ouvi a torneira do chuveiro ranger ao ser fechada.

Meu coração disparou, e desviei o olhar quando a porta se abriu, para não parecer que estava à espera dele.

Uma faixa de pele nua cintilou em minha visão periférica, mas mantive os olhos fixos no celular.

Pelo menos tentei.

Vuk se abaixou para pegar algo na mala. Os músculos de suas costas se flexionaram quando ele passou a camisa pela cabeça, e vislumbrei o que pareceu ser uma tatuagem na parte interna do braço antes que a manga a cobrisse.

O que era aquela tatuagem? Um símbolo, uma citação, um nome, uma data?

Não ia perguntar, mas estava louca para saber.

Reprimi um grunhido de irritação.

Não fazia o menor sentido esse cara de repente chamar tanto a minha atenção. Não era exatamente desejo. Seria... interesse? Curiosidade? Uma fascinação doentia?

Não importava. Dava tudo no mesmo. Era *inapropriado*.

Fosse um noivado de conveniência ou não, eu estava recebendo milhões para agir como uma noiva amorosa. Não deixaria que meus planos fossem por água abaixo por causa de pensamentos absurdos.

– Como a gente faz? – perguntei, depois que ele já estava vestido e me senti mais segura.

Indiquei a cama com a cabeça.

Vuk me lançou um olhar sarcástico.

"É uma cama. Deitamos nela."

– Eu sei. Sim, mas... olha, quer saber? Deixa pra lá – disse, entrando no banheiro às pressas, bufando de irritação.

Vesti meu pijama e passei a meia hora seguinte fazendo minha rotina de skincare e cuidando do cabelo enquanto Vuk fazia as coisas dele. Provavelmente, bolava um plano para me matar enquanto eu estivesse dormindo.

Não entendia como ele e Jordan eram amigos. Jordan era tão sociável e descontraído, e Vuk... não.

Depois de passar meus séruns e cremes, escovei o cabelo, fiz uma trança e a prendi com grampos. Envolvi tudo em um lenço de seda antes de voltar para o quarto, onde encontrei Vuk sentado ao lado da cama, lendo.

Era algum thriller policial, e quase perguntei do que se tratava, mas me contive.

Já havia puxado assuntos demais por um dia. Ele tinha sido grosseiro na metade das vezes, e eu não era nenhuma masoquista.

Se ele não queria conversar como uma pessoa civilizada, eu não ia forçá-lo.

Sentei na cama e deliberadamente me virei de costas para ele. Foi ridículo da minha parte, com certeza, mas dessa forma não precisava notar como ele ficava irritantemente sexy com um livro nas mãos.

Jamais teria imaginado que ele gostasse de ler ficção, mas não sabia muita coisa a seu respeito. Até mesmo a resposta sobre como havia entrado no ramo de bebidas fora vaga.

Olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Dez e meia.

Ouvi páginas farfalharem, seguidas pelo som suave de um livro pousando na madeira. Um segundo depois, a cama afundou e o calor do corpo dele me envolveu.

Fiquei imóvel, com medo de que acabássemos nos tocando se eu respirasse muito fundo.

Não importava o tamanho do colchão. Poderíamos estar dormindo em lados opostos do quarto e ainda assim seria perto demais.

O edredom deslizou sobre minha pele nua enquanto Vuk se acomodava na cama.

Fechei os olhos com força e desejei estar vestindo outra coisa que não aquele minúsculo short de cetim.

Também desejei ter levado um livro ou minhas agulhas de tricô para a cama. Dessa forma, teria algo em que me concentrar, além do sujeito irritante ao meu lado.

Como não levei, simplesmente fiquei deitada, inquieta, até que por fim adormeci, mergulhando em um sono agitado.



ERAM TRÊS DA MANHÃ e, desde o momento em que apaguei as luzes, não fiz nada além de olhar para o teto e ouvir a respiração de Ayana.

Seu corpo havia relaxado e sua respiração havia se estabilizado horas antes. Estava muito claro que ela dormia profundamente enquanto eu me digladiava com a distância minúscula entre nós.

Em circunstâncias normais, a cama king-size do hotel seria enorme. Naquelas circunstâncias? O oceano Pacífico não seria grande o suficiente.

Eu ainda sentia seu calor.

Ainda sentia o cheiro de seu xampu.

Ainda imaginava como seria fácil me aproximar e beijá-la até ela ficar molhada e cheia de tesão.

Cerrei os dentes. Fechei os olhos e me forcei a pensar em outra coisa, *qualquer* coisa.

O desempenho do Blackcastle (o clube de futebol londrino que eu havia comprado) naquela temporada.

A investigação do incêndio.

O maldito hambúrguer que eu havia pedido no serviço de quarto mais cedo.

Nada funcionou.

Nas horas tranquilas entre a meia-noite e o amanhecer, meus piores impulsos falavam mais alto, e eu não podia fazer absolutamente nada a respeito.

Virei a cabeça, os olhos já tão habituados à escuridão que eu era capaz de distinguir a curva do ombro de Ayana e o suave relevo de seus quadris sob o edredom.

Ela estava deitada tão perto da beirada que estava quase caindo da cama – um lembrete de que eu não era, e jamais seria, seu noivo. Estava apenas substituindo-o naquela viagem. Se Jordan estivesse ali, os dois provavelmente estariam abraçados como malditas lontras.

Eles só morariam juntos depois do casamento, mas eu imaginava que dormiam com frequência na casa dele.

Para Jordan, aquilo era a coisa mais natural do mundo. Ele não veria nada de mais em dormir e acordar ao lado dela todos os dias.

Aquele pensamento corroeu minha mente. A escuridão se tornou tão densa que quase sufoquei.

Felizmente, meu celular vibrou com uma notificação naquele exato momento e me tirou daquela espiral.

Sean.

Soltei o ar pelo nariz com força e abri o e-mail, ansioso por alguma distração. O cara dormia tão pouco quanto eu, o que era bom para o nosso trabalho juntos.

A mensagem continha uma única frase.

Os arquivos que você solicitou estão anexos.

A satisfação diluiu parte da inveja que eu remoía. Era por isso que eu pagava a ele um salário bom o suficiente para bancar uma casa no West Village e a mensalidade da escola particular do filho. Ele dava conta do serviço, e muito bem.

Abri os documentos criptografados e examinei o conteúdo. Um deles era um dossiê completo sobre Hank Carson. O outro, um relatório semelhante sobre a agência dele, a Beaumont Model Management. O nome da agência era uma homenagem à fundadora e proprietária, Emmanuelle Beaumont. Desde que iniciara a carreira de modelo, Ayana tinha um contrato com eles.

Depois da ligação do agente, eu pedi a Sean que me enviasse tudo que encontrasse sobre Hank e a Beaumont. À primeira vista, parecia tudo normal, mas meu instinto me dizia que havia algo errado com a agência.

Nunca havia prestado muita atenção neles, mas a ansiedade de Ayana com a ligação de Hank foi um sinal de alerta. Assim como a ficha limpíssima deles a qual agora eu tinha acesso. Além dos habituais processos por excesso de trabalho e atrasos nos pagamentos, o perfil deles era quase limpo *demais*.

Para uma agência que existia há duas décadas, era de esperar algum tipo de escândalo ou rumores de má conduta. Estávamos falando da indústria da moda – um terreno fértil para abusadores.

Ou Emmanuelle era uma santa, ou tinha uma equipe muito boa cobrindo

seus rastros.

De todo modo, os dossiês eram apenas o começo. Havia registros financeiros para examinar, clientes para rastrear e uma intrincada rede de relacionamentos e favores para desvendar.

Eu mesmo faria isso. Queria que Sean se concentrasse em encontrar o suspeito do incêndio, e qualquer coisa relacionada a Ayana ficaria comigo. Com ninguém mais.

Fechei os arquivos e estava colocando o celular de volta na mesa de cabeceira quando ela se mexeu.

Fiquei paralisado.

Ela murmurou algo – talvez eu estivesse ouvindo coisas, mas poderia jurar que ela disse *manteiga de amendoim* – e rolou para o outro lado. O movimento a deixou a poucos centímetros de mim.

Fiquei tenso. Antes que eu pudesse restabelecer a tão necessária distância entre nós, ela passou a perna por cima da minha e suspirou.

O calor de sua pele nua atravessou minha calça de moletom como se ela sequer existisse. Meu corpo reagiu de maneira tão visceral, tão imediata, que dei um pulo sem nem pensar direito. Esbarrei o ombro na mesa de cabeceira, provocando uma dor que irradiou pelo braço.

Ayana acordou sobressaltada.

– O que aconteceu? – Ela se sentou, um fio de pânico percorrendo sua voz sonolenta. – Está tudo bem?

Acendi as luzes e joguei as cobertas de lado. Meu coração martelava no peito.

"Está tudo bem."

Meus pés tocaram o chão. Peguei a chave do quarto e o celular e fui em direção à porta.

– Então, por que você está acordado às... – presumi que ela estava conferindo o relógio – ... às três e meia da manhã?

Eu me virei para ela.

"Estou indo para a academia."

– Às *três e meia* da manhã?

Sim. Meu Deus, eu dormiria na academia se fosse possível. Qualquer coisa para ficar longe dela e apagar a lembrança de seu corpo contra o meu.

Fechei a cara.

"Volte a dormir, Ayana."

Não fiquei esperando resposta.

Saí do quarto e fui direto para o saguão do hotel.

A academia ficava aberta 24 horas por dia, mas estava deserta àquela hora da madrugada.

Ayana provavelmente me achava um babaca com problemas de oscilação de humor. Não estaria cem por cento errada, mas era melhor que ela não gostasse de mim.

A única coisa pior do que a mulher por quem eu estava obcecado me odiar era ela tentar fazer amizade comigo.

Peguei um par de halteres. Minha pele ainda formigava por conta do breve momento de contato, mas ignorei o fato.

Canalizei todas as frustrações reprimidas em um treino pesado. Se Sean estivesse ali, ele me repreenderia por ser imprudente com meu corpo, mas foda-se. Não era ele quem tinha de dormir na mesma cama que a noiva do amigo.

Depois de uma hora de musculação e exercícios aeróbicos, por fim parei a esteira e desabei em um banco. O suor escorria pelo meu rosto e pelas minhas costas, e meus músculos protestavam intensamente.

Recebi a dor de braços abertos. Aquilo me dava outra coisa em que me concentrar além da imagem de Ayana em um babydoll de renda branca. Tinha conseguido deixar a lembrança de lado durante o treino, mas, agora que estava parado, ela havia voltado com força total.

Apoiei os antebraços nos joelhos, a pulsação latejando nos ouvidos. O espelho à minha frente refletiu meu olhar.

Mesmo depois de todos aqueles anos, meu reflexo era um soco no estômago. A cicatriz no rosto havia esmaecido, indo de um vermelho intenso para um tom branco-rosado, enquanto as queimaduras em meu pescoço haviam se transformado em um rosa-arroxeado. A pele destruída havia atingido o máximo de cicatrização possível, mas não era a estética que embrulhava meu estômago.

Sempre que olhava para meu rosto, me lembrava dos gritos dele. Sentia o cheiro de carne queimada. Sentia a dor rasgando meu rosto e minha garganta.

Algumas coisas o tempo não apaga.

Naquela época, eu não tinha o dinheiro e o acesso aos recursos médicos que possuía atualmente. Mesmo que tivesse, teria deixado as cicatrizes ali mesmo.

Eram o preço a pagar pelo que aconteceu: raiva, culpa e horror, tudo reunido em uma imagem monstruosa que deixava todo mundo boquiaberto. Um aviso para manter distância e um lembrete do que eu havia feito.

Mesmo que Ayana não estivesse noiva de Jordan, ela não seria minha. Pertencíamos a mundos diferentes.

Mas havia momentos – dias – em que eu não dava a mínima. O lugar dela era

ao *meu* lado. E ela estava bem ali, a apenas alguns andares de distância, como se o universo a tivesse jogado no meu colo de propósito, para me sacanear.

Meus lábios se franziram.

Desviei os olhos do espelho e entrei no banheiro da academia, onde liguei a água no máximo e tomei a segunda ducha fria da noite.

CAPÍTULO 6

Ayana



VUK JÁ ESTAVA DE pé e pronto para sair quando acordei na manhã seguinte. Talvez nem tivesse dormido, mas, se a privação de sono o afetou, ele não deu sinais.

Ficou sentado à mesa da sala de estar, tomando café e lendo o jornal enquanto eu me arrumava. Ele e seus ombros largos e seu jeito rústico, a camisa com a gola aberta revelando uma faixa da pele levemente bronzeada. Nem um traço de cansaço marcava suas feições glaciais.

Não me dei ao trabalho de dizer "bom dia". Ele não merecia, depois da noite anterior.

Sei que foi mesquinharia, mas eu estava farta de ser rejeitada. Não acreditei nem por um segundo que ele de repente sentiu vontade de malhar às três da manhã.

Fizemos o check-out do hotel e seguimos para o aeroporto em silêncio.

A equipe de Vuk estava pronta para nos receber quando chegamos, e não demorou muito para que estivéssemos voando de volta para Nova York.

Reprimi o enjoo e evitei olhar pela janela em direção às nuvens que flutuavam lá embaixo. Tinha tomado um remédio para ansiedade antes de decolarmos, mas demorava um pouco para fazer efeito. Até lá, eu estaria presa a milhares de imagens de acidentes e destroços de avião.

Meu medo de voar não era debilitante. Se fosse, não teria sido capaz de fazer meu trabalho.

No entanto, o estresse era tão grande que eu ficava esgotada, a menos que tivesse alguém para me distrair. Minha tia quase morreu em um acidente de avião quando eu tinha 15 anos. Depois disso, mergulhei fundo em pesquisas

sobre acidentes, e as imagens que encontrei ficaram gravadas no meu cérebro. Toda vez que entrava em um avião, eu me convencia de que aqueles seriam os últimos minutos da minha vida.

Vuk, por outro lado, parecia perfeitamente à vontade. Estava sentado do outro lado do corredor, com a cabeça apoiada no assento e os olhos fechados. Uma taça de champanhe de boas-vindas estava intocada na mesa à sua frente.

– Por que você me odeia tanto? – indaguei, cortando o silêncio com um único golpe.

Poderia alegar que a pergunta me escapou, mas fazia meses que tentava encontrar uma resposta para o comportamento de Vuk. Achei que não havia momento melhor para uma conversa difícil (e para me distrair da minha imaginação doentia) do que presa com ele em um voo de seis horas.

Vuk abriu os olhos e virou a cabeça. Sua expressão era indecifrável.

"Você acha que eu te odeio?"

– Não odeia? – Apontei de mim para ele. – Você faz de tudo para me evitar. Quando não consegue me evitar, mal olha na minha cara. Preferiu passar a noite na academia do hotel a ficar no mesmo quarto que eu, pelo amor de Deus. E não venha me dizer que você não gosta de ninguém. Existe uma diferença gritante entre a maneira como você me trata e como trata as outras pessoas. – Respirei fundo. – Sei que não venho de uma família rica, então pode ser que você não me considere boa o suficiente para o Jordan. De qualquer maneira, nós estamos noivos e *vamos* nos casar. Você é o padrinho. O mínimo que podia fazer é agir civilizadamente até o dia do casamento.

Minha frustração veio com tudo.

Estava *de saco cheio* daquela gangorra emocional. Por mais que já tivesse me exaltado com ele durante a prova de bolos, no dia anterior, estávamos a sós naquele momento. Não precisava me conter, e havia chegado a hora de descobrir de uma vez por todas qual era o problema daquele sujeito comigo.

Algo sombrio cintilou nos olhos pálidos de Vuk. Ele se virou e escreveu algo em um bloco de papel.

Então se levantou, e eu instintivamente afundei ainda mais na poltrona. Meu coração acelerou quando ele se aproximou.

Por que Vuk tinha escrito a resposta, em vez de usar sinais? Será que eu enfim o havia levado ao limite? Será que ele ia me matar ali mesmo, em seu jatinho particular?

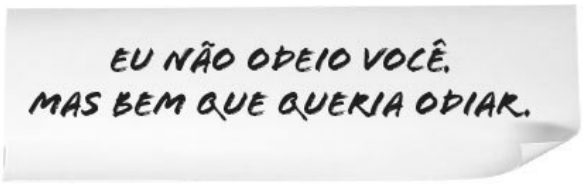
Não havia mais ninguém por perto, exceto o piloto e a comissária de bordo, ambos contratados por ele. Eu duvidava que fossem vir correndo em meu

socorro.

Vuk parou na minha frente. Ele era tão alto que precisei me afastar um pouco para encará-lo.

Minha respiração ficou presa na garganta quando ele abriu o punho e largou o papel amassado no meu colo. Foi só quando Vuk desapareceu na outra cabine que consegui relaxar e ler o que tinha escrito.

Meu coração acelerou ainda mais com as palavras rabiscadas em letras firmes:



Vuk não explicou o bilhete. Eu não o questionei.

O fato de alguém querer odiar você era quase pior do que alguém de fato te odiar, e eu estava exausta demais para ir atrás de uma explicação. Tentar arrancar uma resposta direta dele era como tentar tirar leite de pedra.

Horas depois, enquanto Vuk ainda estava trancado na outra cabine, dei uma olhada em minha conta bancária.

De modo geral, não estava terrível. Eu ganhava bem em comparação à média das pessoas, mas sabia quanto *deveria haver* na conta e quanto *de fato* havia. A disparidade era imensa.

A Beaumont pagava todos os custos e despesas antecipadamente – hotéis, transporte, fotos para testes e tudo mais – quando eu estava começando. Entretanto, como a maioria das agências de modelos, eles esperavam o ressarcimento integral desses custos, e eu passei anos em dívida com eles até conseguir trabalhos bem remunerados o suficiente para sair daquele buraco financeiro. Mais ou menos.

Os anos posteriores à quitação da dívida com a Beaumont foram marcados por pagamentos atrasados ou não efetuados, desculpas e ameaças sutis sempre que eu tentava cobrá-los. Eles ainda me deviam dinheiro por trabalhos concluídos um ano antes.

Infelizmente, o trabalho de modelo era mal regulamentado. Exploração financeira e outras formas de abuso corriam soltas, e não havia muito que as

modelos pudessem fazer.

Eu tinha a sorte de ter um pé-de-meia razoável e minha família por perto. Mesmo assim, estava presa ao contrato, que me proibia de deixar a agência sem um "acordo mútuo". Se saísse sem esse acordo, teria que pagar a eles um valor altíssimo por quebra de contrato. Era um dinheiro que eu ainda não tinha condições de pagar – não quando Nova York era tão cara e meus rendimentos como modelo, tão instáveis. Estava indo muito bem naquele momento, mas nada garantia sucesso no futuro. Era por isso que eu precisava do dinheiro do acordo com Jordan – para pagar pela rescisão do contrato, cobrir os honorários advocatícios e ter segurança financeira. Saí do aplicativo do banco e digitei uma mensagem para Hank:

Queria checar a situação do pagamento da Crystal Water.
O ensaio foi oito meses atrás e ainda não recebi o dinheiro.

Ele me respondeu quinze minutos depois:

Desculpe, querida, não estou sabendo de nada.
Você vai ter que falar com o financeiro.

Sabia que essa seria a resposta dele, então não me dei ao trabalho de falar mais nada. Queria apenas deixar registrado.

Deixei o celular de lado e terminei de beber minha água. Apesar do dinheiro que estava para receber de Jordan, eu continuava angustiada. Muita coisa poderia dar errado até fevereiro.

O que aconteceria se eu não conseguisse rescindir o contrato? Ficaria presa à Beaumont para sempre, até... Um tranco repentino fez meu celular cair no chão. Pratos sacudiram na cozinha e um relâmpago atravessou o céu cinzento do lado de fora. O jatinho sacudiu com tanta força que senti meus ossos estremecerem.

Assim como nas cenas mórbidas que imaginei antes.

Ai, meu Deus.

Todos os pensamentos sobre Hank, a Beaumont e minhas finanças sumiram, e senti a bile subir pela garganta. A única coisa em que conseguia me concentrar era no sacolejo desesperador da aeronave.

A que altura estávamos? Trinta, quarenta mil pés? Quanto tempo levaria até atingirmos o solo e explodirmos em uma bola de fogo?

Vuk entrou na cabine do piloto com uma expressão tensa. Ele conseguiu

andar com firmeza apesar do tremor (era normal uma turbulência durar tanto tempo?) e sentou-se na poltrona ao meu lado sem dizer uma palavra. Atrás dele, a comissária de bordo se acomodou no assento designado para ela.

Cinto de segurança. Claro. Eu deveria colocar o meu também.

Estava tão atrapalhada com o cinto que mal prestei atenção ao aviso do piloto para que ficássemos sentados. A fivela escorregava o tempo todo de minhas mãos suadas.

Por que aquela porcaria não *fechava*?

Senti um pequeno sopro de ar quando Vuk se aproximou e afivelou o cinto para mim.

– Obrigada.

A palavra arranhou minha garganta seca.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, o avião deu outro solavanco. Dessa vez, não contive um grito e instintivamente agarrei a mão de Vuk.

Ele ficou tenso, mas não se afastou.

Respire.

Eu me forcei a contar até dez repetidas vezes, até que o tremor diminuísse. Só então relaxei, embora a adrenalina ainda tomasse meu sangue.

Foi também nesse momento que me dei conta de que ainda estava apertando a mão de Vuk.

Ele olhou para nossas mãos, a mandíbula tensa.

– Desculpe. – Meu rosto ficou corado. – Não lido bem com turbulências.

Tentei soltar a mão dele, mas Vuk curvou os dedos, prendendo minha mão na dele. Sua pele era áspera e quente, sua pegada era firme.

O ar desapareceu de meus pulmões pela segunda vez. Abri a boca, não sei bem para dizer o quê, mas, naquele momento, o jatinho voltou a chacoalhar.

O frango e o espinafre que eu havia comido no almoço reviraram em meu estômago. Eu não aguentaria por muito tempo. Se continuasse a ter picos de adrenalina, acabaria vomitando na mesinha personalizada do avião.

Felizmente, a aeronave logo se estabilizou. Do lado de fora, o cinza se transformou em azul e a voz do piloto ecoou dos alto-falantes, assegurando que havíamos atravessado a turbulência. O resto do voo deveria ser tranquilo.

Quando o comunicado terminou, Vuk soltou minha mão como se fosse uma batata quente.

Esfreguei a palma da mão na coxa, esperando que isso ajudasse a afastar o formigamento. Não funcionou.

– Como você sabia?

Presumi que ele havia agarrado minha mão quando tentei soltá-lo porque sabia que atravessaríamos outro trecho complicado.

"Estou sempre voando. A gente acaba pressentindo esse tipo de coisa."

Pareceu um pouco exagerado, mas eu não ficaria surpresa se ele tivesse poderes sobrenaturais. Havia algo profundamente intimidante nele.

Para minha surpresa, Vuk permaneceu ao meu lado, apesar da mensagem tranquilizadora do piloto. Seu olhar deslizou do meu rosto suado para o joelho que eu segurava com força.

Como eu disse, não lidava bem com turbulências.

Aterrissaríamos em mais ou menos uma hora, provavelmente o tempo que eu levaria apenas para me recuperar.

"Você tem medo de voar, mas escolheu ser modelo."

Não foi uma pergunta.

Escolher era uma palavra um pouco forte, mas deixei passar.

– Não é medo. Só fico um pouco nervosa.

Tudo bem, às vezes sentia medo, mas na *maioria* das vezes era só nervosismo.

– Geralmente ajuda quando tenho alguém com quem conversar. Assim não fico pensando no fato de que estou presa em uma lata flutuando no céu porque algum gênio chegou à conclusão de que seria um bom meio de transporte.

Uma pitada de curiosidade atravessou os olhos de Vuk.

"Conversar sobre o quê?"

– Qualquer coisa. Tudo. Filmes, memes, atualidades. – Então completei, incapaz de me conter: – Sobre como algumas pessoas são tão inconstantes que é impossível dizer o que elas acham de você.

Vuk ignorou o final e se fixou no último tópico que imaginei que pudesse chamar sua atenção.

"Memes."

– Sim. Tipo os memes do Caco, dos Muppets. Ou do cara piscando de perplexidade.

Eu passava muito tempo rolando a tela do celular enquanto aguardava minha vez nos testes, por isso conhecia bem as piadas que estavam fazendo sucesso na internet.

Sempre que descobria uma boa, enviava para minha irmã, mas ela geralmente estava tão ocupada com os filhos ou com o trabalho de enfermeira que só respondia dias depois.

Uma vez, enviei um vídeo engraçado para Jordan e passei meia hora tentando explicar o meme para ele. Nunca mais mandei outro.

Vuk me lançou um olhar de soslaio.

"Eu sei o que são memes." Uma pausa. "Sobre o que você e Jordan conversam quando voam juntos? Especificamente."

A resposta era: não conversávamos. Eu tentava me acalmar lendo meus blogs favoritos de moda e perfumes enquanto ele trabalhava. Mas não podia dizer isso a Vuk.

– Família. – Foi a primeira coisa que me veio à mente. – Nossas famílias. E, hã... como em breve elas serão uma única família.

Estremeci. Que coisa mais ridícula de se dizer.

Se Vuk engoliu minha mentira, não demonstrou.

"Me fala sobre a sua família."

Fiquei em silêncio por um instante, surpresa ao perceber quanto tempo fazia que não falava sobre minha família com ninguém de fora dela.

– Eles moram em Washington. Tenho dois irmãos mais velhos, Liya e Aaron. A Liya é enfermeira no pronto-socorro do Thayer Hospital, e o Aaron trabalha no restaurante dos meus pais. Está sendo preparado para assumir o negócio depois que eles se aposentarem, daqui a alguns anos.

"Que tipo de comida?"

– Etíope. Eles são de Adis Abeba e abriram o restaurante quando eu era adolescente porque sentiam falta da culinária de casa. A comunidade etíope em Washington é enorme, então já havia alguns restaurantes, mas nenhum deles consegue fazer *sambusas* como as do meu pai.

Abri um sorriso saudoso ao me lembrar de nossos jantares semanais de sexta-feira, quando a casa inteira cheirava a frango e temperos. Liya, Aaron e eu reclamávamos de nossas tarefas enquanto meu pai cozinhava e minha mãe colocava a mesa.

Também recebíamos convidados com frequência. Nossa casa vivia cheia de tias, tios, primos e amigos da família, muitos dos quais levavam os amigos *deles* para experimentar a famosa comida do meu pai.

Eu adorava Nova York, mas em Washington eu tinha uma comunidade. Depois de seis anos em Manhattan, ainda estava lutando para encontrar meu lugar.

Ligava e trocava mensagens com meus pais com frequência, mas não era a mesma coisa.

– Nossa família é grande – acrescentei. – Tenho familiares espalhados por toda a Costa Leste, mas sempre comemoramos as festas de fim de ano com um grande encontro na casa dos meus avós em Maryland.

Havia perdido várias reuniões de família ao longo dos anos por causa do trabalho. Já estavam todos tão acostumados com minha ausência que nem se davam ao trabalho de me pressionar para "tirar uma folga", o que me deixava ainda pior.

A comissária de bordo veio nos oferecer comida e bebida.

Vuk e eu recusamos, e ele voltou a se concentrar em mim.

"Quem é seu irmão favorito?"

Eu o olhei de esguelha.

– Tá querendo me meter em confusão, é?

Ele deu de ombros, com a sombra de um sorriso nos lábios.

Não sabia o que pensar a respeito de seu súbito interesse em minha vida pessoal. Não havia me esquecido do bilhete: *Eu não odeio você. Mas bem que queria odiar.*

Só que ele não estava agindo como se quisesse me odiar. Estava agindo como se realmente quisesse saber mais sobre mim.

Aparentemente, estávamos nos dando bem outra vez. Por mais que detestasse as oscilações de humor dele, fazia muito tempo que não tinha uma conversa de verdade sobre outra coisa além do trabalho ou do casamento. Era... agradável.

Vuk ficou sério de novo.

"Por que o Jordan?"

Hesitei, tão surpresa com a mudança repentina de assunto que levei um minuto para responder.

– Não sei se entendi bem a pergunta.

"Por que você escolheu se casar com ele?"

Escolher. Outra vez essa palavra.

Sim, eu havia *escolhido* me casar com ele, mas, assim como minha carreira de modelo, foi mais por necessidade do que por qualquer outra coisa.

Toda a minha vida adulta havia sido moldada por circunstâncias fora do meu controle.

Uma pedra se alojou em minha garganta. Cruzei as pernas e alisei a saia, tentando ganhar tempo.

Eu não era uma pessoa inquieta, mas as perguntas de Vuk – a mera presença dele – me deixavam agitada. Sentia como se estivesse a ponto de desmoronar. Um movimento errado e tudo desabaria.

– Por que eu não me casaria com ele?

Lição número 1 sobre como fugir de um assunto: responder a uma pergunta com outra pergunta e torcer para dar certo.

O olhar de Vuk se fixou no meu, tão gélido que chegava a queimar.

"Isso não é uma resposta, Ayana."

Nunca tinha ouvido a voz dele, mas o som fantasma do meu nome em sua boca provocou uma descarga elétrica no meu corpo.

– Ele é legal. – Reprimi o constrangimento diante da descrição simplória. – Nós nos conhecemos há muito tempo e gostamos da companhia um do outro. Ele é exatamente o tipo de pessoa com quem eu deveria me casar.

Não estava me saindo bem em vender nossa história de amor, mas, em minha defesa, ninguém nunca havia me perguntado por que eu ia me casar com Jordan. A modelo e o CEO do mundo da moda. Para a maioria das pessoas, a resposta era óbvia.

Infelizmente, Vuk não era a maioria das pessoas.

"Se fôssemos seguir a sua lógica, eu teria me casado com o Jordan antes de você. Eu o conheço há muito tempo e gosto da companhia dele."

Eu até teria implicado com ele por ter quase feito uma piada, se não fosse pelas estranhas faíscas que dançavam sob minha pele.

– Isso é mentira. Você não gosta da companhia de ninguém.

"Errado."

– Diga o nome de alguém de cuja companhia você goste. Além do Jordan.

"Ele não conta como 'alguém'?"

– Não para os fins desta conversa. Estou tentando provar uma suspeita.

"Que suspeita?"

– Que você não gosta de gente.

"De gente em geral, não." Ele baixou os olhos por um segundo antes de me encarar outra vez. "Mas há exceções."

Uma névoa deixou o ar mais denso, tornando-se mais quente a cada inspiração.

Vuk não estava falando de mim. Não poderia estar, levando em conta como havia me tratado no passado.

Mas ele me acompanhara naquela viagem.

Segurara minha mão durante a turbulência.

E, quando ele me olhava, eu me sentia um ser humano de verdade, de carne e osso. Não um manequim. Não uma fonte de renda. Não um modelo a ser seguido por tantas meninas, o que nunca foi meu objetivo.

Apenas uma pessoa comum, com interesses próprios e uma vida para além daquela que a agência havia construído para mim.

Eu não odeio você. Mas bem que queria odiar.

A névoa começou a se dissipar, destruindo todas as minhas ideias do que Vuk sentia em relação a mim. Será que ele...

O aviso do cinto de segurança apitou. A voz do piloto soou nos alto-falantes.

– Demos início à descida em direção à cidade de Nova York. Se precisarem usar o banheiro ou outras instalações, sugiro que o façam agora. Vamos aterrissar em breve.

A névoa se dissipou. O oxigênio voltou aos meus pulmões e, quando olhei para o celular, fiquei chocada ao ver que já havia passado uma hora desde o início da turbulência.

A conversa com Vuk fez mais do que me distrair do pânico terrível; fez com que eu o esquecesse por completo.

Quando ergui os olhos outra vez para agradecer a ele, Vuk já não estava mais lá.

CAPÍTULO 7

Vuk



ENGATILHEI A ARMA E apontei.

Todos os tiros atravessaram a cabeça e o coração do alvo de papel em furos perfeitos, até que acabassem as balas.

Em seguida, Sean se aproximou e examinou o alvo com as sobrancelhas arqueadas. Ele tinha uma pasta nas mãos.

– Está se sentindo melhor?

Nem um pouco. Não quando meu fim de semana com Ayana continuava a me assombrar.

Em vez de responder, simplesmente recarreguei a arma.

Éramos as únicas pessoas no estande de tiro do Valhalla Club. Era uma das instalações menos populares do clube, o que a tornava o local perfeito para aprimorarmos nossas habilidades e discutirmos assuntos particulares.

Na verdade, armas de fogo não eram minhas favoritas. Eram muito impessoais. Se você odiava uma pessoa a ponto de querer matá-la, que tivesse coragem de fazer isso de perto, de onde conseguisse ver a luz se esvair de seus olhos.

Profissionais e psicopatas à parte, isso diferenciava os que matavam por propósito e os que matavam por impulso. Somente os primeiros eram fortes de verdade para ir até o final e sentir o último suspiro de suas vítimas contra a pele.

Era por isso que eu preferia facas. Eram precisas, versáteis e sempre pessoais.

No entanto, quando precisava desanuviar ou tirar certa supermodelo da cabeça, armas de fogo serviam muito bem.

– Tenho uma notícia que vai fazer você esquecer qualquer coisa que esteja te

irritando – disse Sean, e me entregou a pasta. – Identificamos a tatuagem do suspeito. Tem 75 por cento de correspondência com o que estava visível na foto. É o máximo que poderíamos esperar, levando em consideração o que tínhamos como base.

Abaixei a arma e abri a pasta, que continha uma única foto ampliada da tatuagem em questão: uma foice preta com uma víbora sibilante enrolada no cabo.

Meu sangue gelou. Havia apenas uma organização cujos membros tinham especificamente aquela tatuagem.

A Irmandade.

– Obviamente, isso complica a situação – continuou Sean. – Pelo menos, agora temos certeza de que o incêndio não foi um acidente e de que eles estão atrás de você. Sabemos o motivo.

Fechei a pasta e a larguei na mesa.

"Sabemos?"

Meu último conflito sangrento com a Irmandade havia acontecido quase treze anos antes. Desde então, vivíamos em uma trégua um tanto incerta. Eles me deixaram em paz; eu deixei que eles continuassem vivos.

Então, por que diabos estavam vindo atrás de mim outra vez, depois de todo aquele tempo?

– Não o motivo exato – emendou Sean, que havia aprendido linguagem de sinais depois que o contratei, então me entendia perfeitamente. – Mas vamos descobrir. Algum contato fora do comum recentemente? Notou alguém novo ou suspeito rondando? Entregadores. Eletricistas. Qualquer um que passe despercebido e que possa ter acesso temporário a você.

Balancei a cabeça. Fui treinado para ficar atento a comportamentos suspeitos. Se tivesse percebido algo, teria contado a Sean na mesma hora.

– Foi o que pensei, mas precisava confirmar.

Sean franziu os lábios. A Irmandade não era uma organização criminosa qualquer. Meu chefe de segurança estava preocupado, e eu não o julgava por isso.

– Já elaborei um plano para intensificar o esquema de segurança. Você quer que eu coloque uma equipe pra vigiar a Willow também?

Willow era meu antigo braço direito e minha assistente de longa data. Era também a melhor amiga da minha mãe e, depois que meus pais morreram, cuidou de mim como se eu fosse seu filho.

Havia se aposentado no início do ano e se mudado para o Oregon. Sua saúde já não andava muito boa e seu primeiro neto nascera fazia pouco tempo. Ela

queria passar mais tempo com a família. Respeitei sua vontade e lhe dei uma indenização robusta como presente de despedida.

Ainda nos falávamos com regularidade, mas não nos víamos com a mesma frequência. Eu também não havia contratado ninguém para substituí-la; não confiava em ninguém o suficiente.

"Não. Não trabalhamos mais juntos, e ela está no Oregon. Eles não vão atrás dela." Fiz uma pausa e acrescentei: "Não faça nenhuma alteração no esquema de segurança ainda. Não queremos que eles percebam que eu sei que estão atrás de mim."

Sean arregalou os olhos.

– Seremos alvos fáceis. Nosso esquema de segurança atual é excelente, mas contra a Irmandade... Eles poderiam fazer outro ataque a qualquer momento.

"Eles poderiam fazer muita coisa. Mas não fizeram."

As coisas andavam estranhamente tranquilas desde o incêndio. Nenhuma tentativa de homicídio, nenhum acidente esquisito. Cheguei a duvidar da minha intuição sobre o incêndio ter sido intencional antes de Sean confirmar o envolvimento da Irmandade.

Eu os conhecia bem. Sabia que estavam só esperando que eu baixasse a guarda antes de atacar novamente. Isso me dava mais um mês, talvez mais.

Como eu, eles eram muito pacientes.

"Faça pequenas melhorias na segurança, inclusive cibernética e de vigilância. Vamos fingir que é parte da avaliação anual da empresa. Mude também os códigos de acesso, fechaduras etc., mas não quero nenhum acréscimo visível de pessoal."

Não haveria alerta maior para a Irmandade do que mais seguranças nos arredores da minha casa e dos escritórios.

– Entendido.

Sean foi para sua baia, e demos mais alguns tiros antes de devolvermos o equipamento.

Ninguém deu a menor importância quando entramos no prédio principal do clube. Sean só tinha acesso porque era meu convidado, mas os outros membros estavam acostumados a vê-lo por lá. Mesmo que não estivessem, eram espertos para não questionar quem eu levava ao clube e por quê.

O Valhalla Club era a sociedade mais exclusiva do mundo. Algumas pessoas já nasciam com o privilégio de serem membros; eu havia batalhado para conseguir entrar.

Mas estava ali e havia chegado à presidência do comitê de gestão do clube. A

cada cinco anos, membros de alto nível se alternavam no cargo, e meu mandato estava chegando ao fim. No entanto, ainda tinha acesso às vantagens de ser diretor, incluindo passes ilimitados para convidados e acesso praticamente livre às instalações.

"Vou descobrir o que a Irmandade quer."

Sean e eu passamos por um trio bem-vestido no caminho para o saguão. Um príncipe europeu de passagem por Nova York, o CEO de uma empresa de telecomunicações e a herdeira de uma marca de cosméticos riquíssima que havia se tornado empresária. Todos nos encararam e se apressaram pelo corredor.

"Você lida com o suspeito."

Sean assentiu.

Depois que ele se foi, peguei o elevador até meu escritório. Além das atividades extras, tinha minha própria empresa para gerir e questões do Valhalla para resolver.

Minha cabeça latejava enquanto eu me servia de uma dose de vodca Markovic, pura. Virei tudo em um gole.

Foi só depois do terceiro copo que me atrevi a olhar para a parte mais odiada do meu corpo.

Não as cicatrizes, nem as queimaduras, mas a tatuagem gravada na parte interna do meu bíceps: uma foice preta com uma víbora enrolada no cabo.



Se eu pudesse, dedicaria todo o meu tempo a caçar a Irmandade outra vez.

Infelizmente, tinha obrigações a cumprir, e por isso acabei na Vault naquela sexta-feira.

A casa noturna havia ganhado notoriedade desde a inauguração, cinco meses antes, e os convites para as noites Tastemaker – que garantia aos participantes acesso antecipado e exclusivo aos melhores eventos de gastronomia, moda, literatura e muito mais – eram os mais cobiçados da cidade.

Como sócio oculto, eu contribuía com capital, mas não participava das operações do dia a dia, que ficavam a cargo de Xavier Castillo, herdeiro da fortuna da cerveja Castillo e, naquele momento, o nome mais prestigiado da vida noturna de Nova York.

– Bom te ver, Vuk. – Ele deu um tapinha no meu ombro. – Você vai gostar de saber que os negócios estão bombando. Vou te mandar os relatórios do último trimestre na segunda-feira.

Assenti, indiferente. Minha parceria era mais uma formalidade do que qualquer outra coisa. Não tinha expectativas de que a boate se tornasse uma grande fonte de receita, embora estivesse impressionado com a competência de Xavier para administrar tudo.

No ano anterior, quando ele me procurou para apresentar a ideia da Vault, eu o dispensei. O ex-playboy era conhecido por sua frivolidade, indolência e devassidão, e nenhuma dessas eram qualidades que eu buscava em um parceiro de negócios.

No entanto, ele me impressionou com sua tenacidade e a visão que tinha em relação à boate. Mesmo depois de o incêndio ter causado um atraso de semanas na obra, ele dera um jeito de resolver tudo a tempo da suntuosa inauguração.

Eu havia feito um bom investimento.

Só que não estava ali para apreciar o sucesso da Vault. O evento Tastemaker daquela noite teria uma aguardada prévia da nova coleção de Lilah Amiri antes da Fashion Week de Nova York.

Jordan havia voltado de Rhode Island e me pedira que o encontrasse lá para discutirmos um "assunto importante". Ele vivia tentando me tirar de casa, daí a insistência em me encontrar em festas e restaurantes.

Mas naquela noite? Eu teria ido mesmo que ele não tivesse me convidado.

Depois que Xavier saiu para cumprimentar os outros convidados, meus olhos percorreram o salão repleto de celebridades do mundo da moda. Passei direto por modelos desconhecidas, estilistas e editores de revistas em busca de...

Ali.

Meu olhar se concentrou no canto onde estavam Ayana e Jordan, que conversavam com uma mulher loura de pernas compridas usando um vestido azul – Sloane, a namorada de Xavier e assessora de imprensa de Ayana.

O ressoar de uma gargalhada límpida e brilhante atravessou a música e se alojou no fundo do meu estômago.

A risada de Ayana foi o que chamou a minha atenção na primeira vez que a vi. Era contagiante, alegre e cheia de vida – a antítese de como eu levava minha própria vida.

Não consegui parar de pensar naquela risada. Não consegui parar de pensar *nela*. E, quanto mais a observava, mais minha obsessão aumentou, até eu estar tão presa em suas teias que não seria capaz de arrancá-las sem morrer junto.

Ayana disse algo que fez Jordan sorrir. Ele passou o braço em volta da cintura dela e sussurrou algo em seu ouvido. Ela riu outra vez, seu sorriso reluzindo na penumbra da boate.

Tomei um gole de uísque, os olhos fixos no ângulo do corpo dela e na posição da mão dele.

O álcool desceu pela garganta queimando os gases tóxicos da inveja e deixando um gosto amargo para trás.

Vê-la com Jordan era uma tortura. Não vê-los e deixar minha imaginação correr solta era pior.

Estava fodido de qualquer maneira.

Um grupo barulhento baixou o tom de voz conforme se aproximou de mim. Eles passaram ao meu lado, mas mantendo uma boa distância.

Além de Xavier, Jordan e poucas outras pessoas, ninguém se aproximava de mim em eventos. Era exatamente o que eu queria.

Não tinha o menor talento para conversa fiada, muito menos para puxar o saco dos outros.

Estava ali por um motivo, um *único* motivo.

Virei o copo e terminei a bebida sem tirar a atenção do casal no canto.

Jordan disse mais alguma coisa para Ayana antes de se afastar, a mão roçando o quadril dela no caminho.

O copo vazio rachou na minha mão.

Em seis meses, eu teria que vê-los se beijando. Se casando. Vivendo o "felizes para sempre" que pessoas como eu nunca alcançam.

O vidro se estilhaçou.

As conversas ao meu redor cessaram, e em seguida houve uma explosão de arquejos e cochichos. Dois funcionários apareceram imediatamente para tirar o vidro quebrado da minha mão e varrer os cacos.

– Sinto muito, Sr. Markovic – disse um deles, com um pequeno tremor na voz. Ele evitou meu olhar enquanto seu colega fazia o possível para passar despercebido. – Por favor, vamos fazer um curativo nesse corte. Se puder nos acompanhar...

Olhei para a poça de sangue nas minhas mãos. Não havia sentido a dor até ele mencionar o corte.

– Vamos verificar mais uma vez a qualidade de todos os nossos copos...

Ah, pelo amor de Deus.

Balancei a cabeça, interrompendo-o. O incidente não foi culpa dele e com certeza não foi culpa do copo.

Peguei um guardanapo para estancar o sangramento e dispensei os dois homens, que desapareceram sem me questionar.

A música estava alta o suficiente para que apenas as pessoas mais próximas

tivessem percebido o que acontecera. Ayana ainda estava conversando com Sloane, mas a assessora se afastou um minuto depois.

Ayana ficou sozinha.

Ela tomou um gole de sua bebida e observou o vaivém do salão. Seu olhar passou direto por mim, mas voltou um segundo depois.

E encontrou o meu. Um brilho suave de surpresa iluminou o rosto dela, e a dor do corte em minha mão se esvaiu.

Ela deu um passo na minha direção.

No entanto, antes que pudesse avançar mais, um homem com cabelos penteados para trás e uma camisa vermelha entrou na frente dela. Ayana parou abruptamente e franziu os lábios.

O sujeito não precisou se virar para que eu o reconhecesse.

Hank Carson. O agente dela.

Algo sombrio e desagradável percorreu minhas veias.

Havia examinado os arquivos dele e da Beaumont. Ainda não tinha descoberto nada suspeito, mas descobriria. Até lá, seria interessante ver a dinâmica deles se desenrolar.

Então, fiquei observando.

E esperei.

CAPÍTULO 8

Ayana



– HANK. – DISFARCEI meu descontentamento com um sorriso tenso. *O que* ele estava fazendo ali? – Não achei que você fosse do tipo que vai a boates.

Ele sorriu também, todo sofisticado e exalando um charme artificial. Objetivamente, era um homem bonito, mas eu já tinha visto o que havia por trás de sua máscara, e a imagem era repugnante.

– Não sou, mas é um evento Tastemaker. Levando em conta que várias das minhas garotas estão por aqui, achei que deveria dar as caras.

Havia uma dúzia de outras modelos da Beaumont presentes. Cumprimentei-as ao chegar, mas estavam todas ocupadas demais fazendo networking para perder tempo com pessoas que consideravam concorrentes.

– Que gentil – respondi, sarcástica.

– Fiquei sabendo que deu tudo certo no ensaio da Delamonte na segunda-feira. – Ele voltou a atenção para mim. – Você recebeu uma avaliação excelente do fotógrafo.

– Eu disse que você não precisava se preocupar.

Era minha primeira grande campanha de beleza, e eu tinha ficado muito nervosa durante a sessão de fotos. Felizmente, o fotógrafo e a equipe eram fantásticos, e não tivemos nenhum problema.

– Humm. – Hank fixou os olhos nos meus. – Para onde você foi depois que saiu de lá?

Prendi a respiração.

Não. Ele não tinha como saber. Eu tinha sido muito cuidadosa.

Ele sabe de tudo, sussurrou uma voz na minha cabeça. Era a mesma voz que

havia me dito que era má ideia ir a um escritório de advocacia depois da sessão de fotos da Delamonte Cosmetics. Deveria ter esperado um momento em que Hank não estivesse na cidade.

No fim, achei que estava apenas sendo paranoica. Como Hank poderia ter descoberto? Eu havia escolhido um escritório sem qualquer relação com o mundo da moda, localizado do outro lado da cidade, no extremo oposto da Beaumont. Não era possível que a agência tivesse espiões em todas as empresas de Manhattan, embora às vezes desse essa impressão.

Minhas entranhas se contorceram.

– Resolvi algumas coisas na rua, fui pra academia e depois pra casa – respondi.

– Que coisas?

– Lavanderia, mercado, correio. – Tudo verdade, embora eu tivesse deixado de fora uma parada importante. Adotei um tom brincalhão. – Por que esse interesse repentino nos detalhes mundanos da minha vida?

– Eu me preocupo com a vida e o bem-estar de todas as minhas garotas. Como seu agente, é meu trabalho ter uma visão abrangente de tudo que acontece na sua vida. Você sabe disso.

Sim, porque minhas idas ao correio eram essenciais para meu sucesso como modelo. Que palhaçada.

– Por falar nisso, tenho boas notícias. – Hank alisou a gravata. – A Sage Studios ligou. Eles querem você na campanha da coleção de jeans.

Meu coração disparou.

– Que ótimo!

Minha antipatia por Hank não anulava o prazer em conseguir um trabalho. Embora a carreira de modelo não fosse meu sonho de infância, havia me apaixonado por ela.

– Sim. Faz tempo que você não faz uma grande campanha comercial de roupas. Prestígio é ótimo, mas é o comercial que paga as contas. – Hank estalou a língua. – Wentworth vai ficar contente. Faz tempo que ele quer te fotografar de novo.

Meu sorriso derreteu.

– Wentworth... Holt?

– Tem algum outro Wentworth relevante na moda?

O tom de Hank indicava que só havia uma resposta. *Não.*

Minhas entranhas se contorceram ainda mais.

– Eu já te falei que não quero mais trabalhar com ele.

– Ainda bem que o que você quer não importa. – A resposta de Hank foi tão casual que se eu ainda fosse nova no meio teria achado que ele estava só brincando. – Wentworth é o fotógrafo de moda mais influente do momento. Você *vai* fazer as fotos com ele e *vai* garantir que ele saia de lá satisfeito.

Meus dedos estrangularam o copo d'água.

– Não tô nem aí para a influência dele. Esse homem é um predador.

O setor estava repleto deles, mas todo mundo fazia vista grossa. Era a velha máxima: quanto mais poderosos eram, mais facilmente se safavam, e Wentworth Holt era Poderoso com P maiúsculo.

Se ele se recusasse a trabalhar com uma modelo, a carreira dela estava praticamente condenada. Ele também era conhecido por colocar a mão na massa um pouco *demais* durante os ensaios – e não de uma forma profissional.

– Você testemunhou algum comportamento inadequado dele com seus próprios olhos ou está só reproduzindo fofocas e mentiras? – perguntou Hank, com frieza.

– Já vi como ele tratou outras modelos no estúdio. E ele já *me* deixou desconfortável durante um ensaio.

Wentworth não era burro a ponto de tentar alguma coisa com outras pessoas por perto, mas sem dúvida passava dos limites do que era considerado apropriado. Na última vez em que trabalhamos juntos, ele me apalpou e tentou fingir que estava "ajeitando" a minha roupa, o que era trabalho da estilista.

Fazia mais de um ano que eu não trabalhava com ele, depois de ter compartilhado minhas questões com Hank. Tolamente, pensei que isso significava que a agência estava respeitando meus limites ao menos uma vez, mas deveria ter imaginado que não.

– Deixar alguém desconfortável não é um *comportamento predatório* – zombou Hank. – Estamos falando do mundo da moda, e você é uma estrela, querida. Então segure a onda e pare de reclamar. – Ele ergueu a sobrancelha. – Você não quer ganhar fama de difícil, né?

Cerrei os dentes. Reputação era tudo, e rumores de que uma modelo era "difícil" podiam macular até mesmo a mais brilhante das carreiras.

Antes que eu pudesse responder, o sorriso malicioso de Hank desapareceu. Ele olhou por cima do meu ombro, e sua expressão foi tomada pelo pânico.

Estava prestes a me virar para ver o que o havia assustado tanto quando senti.

A presença dele às minhas costas, fria e imponente. O leve cheiro de uísque e couro. O roçar suave de sua camisa em meu braço.

Ele não disse nada. Não era necessário.

Senti minha nuca esquentar.

– Vou dar uma palavrinha com a Vlada. – Para seu crédito, Hank até que conseguiu fingir certa tranquilidade. – Mando para você por e-mail os detalhes da campanha da Sage Studios.

Ele desapareceu nas profundezas do clube, e esperei até que estivesse fora de alcance antes de finalmente encarar a pessoa que o fizera sair correndo como um ratinho assustado.

Meu coração disparou.

– Vuk Markovic em uma boate. – Disfarcei a falta de ar com um sorriso sarcástico. – Será que nunca vou parar de me surpreender?

Ele ergueu a sobrancelha.

"Sou sócio da boate. E já estive em casas noturnas antes."

– Só a trabalho. Não para se divertir.

Ele estivera presente na inauguração, e só.

"Não sabia que você acompanhava os meus passos tão de perto."

– Não acompanho, mas é difícil não reparar em você, quando está presente.

Eu estava falando em termos objetivos, mas só percebi quão sugestiva a frase soara depois que as palavras saíram da minha boca.

A sobrancelha de Vuk se elevou mais um centímetro.

Minhas bochechas queimaram.

– Quero dizer, porque você é enorme. Em termos de altura – acrescentei, às pressas. – É claro que não estou falando de mais nada além disso.

"É claro."

Os lábios dele se curvaram para cima. Ele estava *rindo* de mim?

Tentei fulminá-lo com o olhar, mas era impossível sentir raiva quando eu mesma havia provocado a situação. Além disso, ele não parecia estar zombando de mim. Parecia até que estávamos... flertando.

A ideia não foi tão perturbadora quanto deveria.

– Me conta. – Apoiei o copo em uma mesa próxima. – Se você não estivesse aqui esta noite, o que estaria fazendo? Emburrado em um canto qualquer ou aterrorizando camponeses e crianças?

Os olhos dele brilharam de diversão.

"Posso fazer as duas coisas aqui mesmo. Sou ótimo em fazer várias coisas ao mesmo tempo."

Uma imagem do que seriam essas coisas atravessou minha mente por um milésimo de segundo.

Mãos e boca. Beijos violentos e dedos agarrando cabelos.

Nada a ver com ficar emburrado em um canto ou assustar crianças.

Engoli em seco.

– Você fala muito, mas ainda não vi nada disso na prática. – Peguei minha água de novo e rezei para que ele não percebesse a aflição na minha voz. – O que você faz além de ficar de cara feia e falar de chatices de trabalho?

"Jogo bingo."

A resposta foi tão rápida e inesperada que quase engasguei com a água.

– Como é que é?

"Bingo. É um jogo em que os jogadores marcam os números sorteados em um cartão."

– Eu sei o que é bingo. – Franzi a testa, sem saber se ele estava falando sério ou zombando de mim. – Está me dizendo que é isso que você faz quando não está comandando uma empresa multibilionária?

"Entre outras coisas."

– Onde, exatamente, você joga bingo?

Ele só podia estar brincando.

"Centros para idosos, se estiver me sentindo sociável. Em casa, se não estiver." Ele deu de ombros. "Minha equipe gosta de bingo tanto quanto eu."

Tentei imaginar Vuk Markovic jogando uma partida animada de bingo com sua equipe naquela mansão gigante.

Era mais fácil imaginar um leão dançando de tutu e tiara.

Ainda assim, a imagem de Vuk desfrutando de algo tão mundano era estranhamente encantadora. Dava a ele um raro brilho de normalidade... se ele não estivesse mentindo a respeito do bingo. Eu ainda não tinha certeza.

– Quantos anos você disse que tinha mesmo? – perguntei, implicando com ele. – Oitenta?

"O bingo é um jogo de azar. Não requer complexidade. É a atividade perfeita para me ajudar a relaxar depois de passar o dia inteiro tomando decisões no trabalho."

Nunca havia pensado naquilo.

– Você costuma ganhar?

A boca de Vuk se curvou um pouco mais. Seus olhos brilhavam, claros e afiados como cristais.

"Eu sempre ganho."

Vindo de qualquer outra pessoa, teria sido pura arrogância. Vindo dele, era um mero fato.

Vuk Markovic sempre conseguia o que queria.

A festa rolava ao nosso redor. A prévia de Lilah estava programada para começar em breve e Hank ainda estava à espreita em algum lugar, mas era impossível me concentrar nessas coisas com uma euforia percorrendo meu corpo.

Por mais que gostasse de Lilah, tinha passado a semana inteira apreensiva com o evento daquela noite. Não queria ficar de conversa fiada com pessoas do meio, e só compareci porque Jordan me pediu. A aparição indesejada de Hank concretizou o meu temor.

Para o bem ou para o mal, a presença de Vuk afastou tudo isso de uma só vez.

Depois que me mudei para Nova York, tive alguns relacionamentos casuais. No entanto, nenhum daqueles homens estava interessado em nada além de uma transa ou uma namorada-troféu. Quanto mais eu avançava na carreira, piores minhas opções ficaram, e, agora que estava noiva, não podia nem *tentar* sair com mais ninguém.

Não estava tentando virar namorada de Vuk – ele não era o tipo de homem que "namorava" –, mas, quando estava perto dele, meu mundo se abria de novo. O potencial, as possibilidades... a adrenalina do "e se".

Ele me dava um vislumbre de como seria retomar o controle da minha vida.

Vuk se aproximou para permitir a passagem de um convidado. Sua camisa roçou meu peito, bem de leve, e pequenos vaga-lumes dançaram por toda a minha pele.

Os olhos dele pareciam mais escuros de perto. Mais quentes.

– Aí está você.

Ouvir de repente a voz de Jordan foi como ser assolada por uma tempestade de neve depois de passar a noite aconchegada em frente a uma lareira.

Recuei, com o coração acelerado, embora Vuk e eu não estivéssemos fazendo nada de errado.

A expressão de Vuk voltou a ficar séria quando Jordan parou ao meu lado. Ele havia retornado de Rhode Island naquela manhã, bem a tempo para a tão esperada prévia daquela noite.

Ainda não tinha me contado nada a respeito do estado de saúde da avó, mas comentara que precisávamos debater um assunto importante.

– Vuk! Que bom te ver. – Jordan deu um tapinha no ombro do amigo. – Estava te procurando.

Vuk respondeu com um meneio de cabeça frio. Todo o calor acumulado que eu havia detectado antes desaparecera; nenhum traço de emoção marcava suas feições esculpidas em gelo e pedra.

Meu mundo se fechou outra vez. As possibilidades se apagaram uma a uma, como estrelas morrendo na noite.

Mais uma vez, eu era Ayana Kidane, a supermodelo e noiva apaixonada.

Eu queria gritar.

– A prévia já vai começar, então vai ser perfeito. Tem uma coisa que preciso conversar com vocês. Com vocês *dois*.

Jordan passou a mão pela boca. Seus olhos estavam levemente vermelhos, e uma inquietação tomou conta de mim.

– Como vocês sabem, minha avó ficou doente na semana passada, mas não foi uma doença passageira. Ela foi diagnosticada com uma doença pulmonar. Ao que parece, descobriu isso no mês passado, mas não contou a ninguém. Eu conversei com o médico, e o prognóstico não é bom. Ele disse que as chances são de que, até o final do ano, ela perca sua mobilidade. – Seu tom era sóbrio. – Passei a semana com ela e, depois de muita... discussão, ela deixou claro qual era o seu desejo.

Blocos de concreto se acumularam em meu estômago. *Ah, não.*

– Ela quer que a gente antecipe o casamento – disse Jordan. – Sou o herdeiro dela, e seu desejo é que eu me case enquanto ela ainda está bem. Não quer correr o risco de esperar até fevereiro.

As palavras formaram uma estranha bolha no ar. Apesar do barulho ao redor, ali em nosso círculo restrito daria para ouvir um alfinete cair.

Vuk ficou tão imóvel que poderia ser confundido com uma estátua. Se não fosse pelo leve movimento de suas narinas, eu acharia que ele nem sequer ouviu Jordan.

Enquanto isso, uma tempestade de emoções me invadiu.

Culpa por estar pensando no amigo dele enquanto a avó de Jordan estava morrendo. Surpresa com o pedido da matriarca dos Ford. E, acima de tudo, aquele pânico esmagador outra vez.

– Antecipar o casamento? – Minha voz soou tensa até aos meus próprios ouvidos. – Para quando?

Jordan suspirou.

– Outubro – disse ele, parecendo tão feliz quanto eu. – Daqui a dois meses.

CAPÍTULO 9



EU TINHA VÁRIOS PROBLEMAS. Três, para ser exato.

O primeiro era o reaparecimento da Irmandade na minha vida. Uma semana havia se passado desde meu encontro com Sean e não estávamos mais perto de localizar o suspeito nem de descobrir os objetivos dos Irmãos.

Segundo: o tom robótico do meu diretor financeiro ao falar sobre os resultados do último trimestre da Markovic Holdings. Ele era competente, mas sua voz era capaz de adormecer um urso sob efeito de cocaína.

Terceiro...

Meu maxilar travou.

O casamento de Jordan e Ayana, agora programado para o final de outubro.

Com seis meses eu podia lidar. Já seria um novo ano, longe o suficiente para eu fingir que o casamento era apenas uma possibilidade distante.

Dois meses eram algo concreto.

Dois meses me faziam querer atear fogo na porra da igreja.

Vamos encerrar por hoje.

Minha mensagem apareceu no chat, e todos ficaram em silêncio de repente.

Meus diretores ficaram de queixo caído. Aparentemente, não entendiam por que eu não queria passar horas a fio ouvindo-os debater perdas e lucros.

– Mas, senhor, nós ainda não... – O diretor financeiro hesitou diante do meu olhar. – Claro. Vou lhe enviar os relatórios completos imediatamente para que possa analisá-los quando quiser.

Saí da sessão inquieto. A tempestade do lado de fora combinava com meu estado de espírito e lançava uma nuvem cinzenta e sombria sobre meu escritório em casa.

Ao menos não estava na empresa, sendo interrompido o tempo todo.

Detestava aquele teatro da vida corporativa. A subserviência, as lisonjas, a bajulação dos puxa-sacos que pulariam em um tonel de piranhas se eu mandasse.

Havia erguido a Markovic Holdings do zero, logo depois da faculdade. No início, o desafio foi inebriante. O dinheiro e a influência que vieram junto me proporcionaram uma proteção adicional, caso os Irmãos quebrassem sua promessa e fossem atrás de vingança.

Entretanto, depois de treze anos de ações, fusões e lançamentos de produtos, estava tão entediado que cheguei a pensar em atirar em alguém só para animar as coisas.

Talvez devesse fazer uma visita a Hank e usá-lo como exemplo. O desconforto de Ayana ao lado dele, na Vault, não tinha me passado despercebido, mas o sujeito ainda tinha a carreira dela nas mãos. Eu não podia agir ainda.

Quando agisse, seria minucioso. Era melhor ir com calma e fazer algo do jeito certo do que me apressar – por mais que eu tivesse sentido vontade de esmurrar a cara do agente da Ayana assim que voltamos para Nova York.

Em vez disso, decidi abrir novamente o dossiê sobre a Beaumont. Minha equipe estava de olho na Irmandade, mas a organização havia reformulado suas operações ao longo dos anos. Algumas de minhas fontes antigas estavam mortas. Outras tinham sido descartadas.

Estava levando mais tempo do que eu gostaria para obter respostas, mas eu os pegaria. Até lá, precisava de outra coisa para tirar minha cabeça daquela merda de casamento.

Analisei os arquivos da Beaumont pela terceira vez. Já havia dado uma olhada em outras informações disponíveis, mas sempre voltava ao dossiê inicial.

Ainda não havia identificado o que me deixara em alerta na primeira vez em que o examinei. Talvez uma conexão que meu inconsciente tivesse feito ou um nome que minha memória tivesse guardado em uma gaveta empoeirada.

Fosse o que fosse, era importante, e não tinha a ver apenas com Ayana.

Depois de meia hora e nenhum avanço, joguei o dossiê de lado e me servi de um copo de uísque. Tudo que eu havia colocado para dentro desde a Vault tinha gosto de merda, mas tomei a bebida mesmo assim.

Meu escritório em casa era feito sob medida para mim: grande, isolado e silencioso, com uma janela que dava para o pátio dos fundos e um labirinto de corredores que o separava dos cômodos principais. Era repleto de móveis e livros, mas poucos objetos pessoais.

A única lembrança de meu passado vinha na forma de um diploma da Thayer pendurado na parede. Foi lá que Jordan e eu nos conhecemos.

Se nunca tivéssemos nos conhecido, eu não seria seu padrinho de casamento. Estaria livre da tortura de ver ele e Ayana juntos.

Se nunca tivéssemos nos conhecido, porém, eu não seria CEO. Ou estaria preso à Irmandade, ou morto.

De certa forma, devia tudo que tinha a ele, mas abriria mão de tudo por uma coisa – uma pessoa.

Se eu tivesse comentado sobre Ayana depois que a vi pela primeira vez, será que ele teria ido atrás dela mesmo assim?

Se ele não tivesse feito isso, ela estaria ao meu lado?

Não. Eu teria ficado observando de longe, e ela teria ficado noiva de algum babaca em algum momento, e eu não estaria preso por dívidas de gratidão ou amizade, eu o teria matado.

Em vez disso, eu me encontrava em um limbo infernal onde não podia fazer nem uma coisa nem outra. Não podia tê-la e não podia matá-lo.

Terminei um segundo copo de uísque e voltei para minha mesa.

O ódio transformava meu sangue em ácido.

Minha obsessão por Ayana era uma faca de dois gumes. Eu ansiava por sua presença mesmo quando ela me enlouquecia; fixava-me em sua ausência mesmo quando ela consumia meus pensamentos.

Quer ela estivesse perto ou longe, eu sofria.

Peguei o dossiê Beaumont e o li. Mais uma vez.

Talvez fosse o álcool ou o desespero para esquecer as festividades de outubro, mas as palavras pareceram diferentes daquela vez. Mais claras, mais nítidas.

Passei pelas origens da agência e me concentrei na biografia da fundadora.

Emmanuelle Beaumont, nascida Élodie Beaumont. Cinquenta e poucos anos, nascida em uma pequena cidade na França, mudou seu nome para ficar mais "na moda" depois de ter sido descoberta como modelo durante umas férias em Paris quando era adolescente.

Élodie. França. A linha do tempo...

Tudo se encaixou de repente, enquanto uma sensação gélida afastava o ardor do álcool.

Poderia ser uma coincidência, mas, como disse antes, eu não acreditava em coincidências.

Peguei o celular e mandei uma mensagem para Sean:

Preciso que você investigue uma coisa para mim. Imediatamente.

CAPÍTULO 10

Ayana



– VOCÊ SABE POR que está aqui, Ayana?

Não entre em pânico.

– Hank disse que você queria discutir os planos para o futuro da minha carreira.

Emmanuelle se recostou na cadeira, o auge da sofisticação e da classe.

Seu sorriso formava uma ousada faixa vermelha em seu rosto.

Aos 52 anos, a dona de uma das agências de modelos mais importantes de Manhattan poderia se passar por uma mulher com metade de sua idade. Nem uma única ruga marcava sua pele de porcelana; nem um único fio louro de seu elegante corte chanel ousava sair do lugar. Ela exalava a mesma elegância que a tornara um fenômeno em seu auge como modelo, mas havia uma severidade nela que me impedia de relaxar em sua presença.

Ela me lembrava uma bela serpente na grama, esperando para dar o bote.

– Sim, faz seis anos que você está conosco – disse Emmanuelle. Sua voz, com um leve sotaque, era tão suave e certeira quanto seu blazer perfeitamente ajustado. – Você alcançou um enorme sucesso ao longo dos anos, e eu não poderia estar mais orgulhosa.

– Obrigada.

Cruzei as pernas e me forcei a manter contato visual.

O santuário de Emmanuelle era feito para parecer acolhedor. Vasinhos de plantas decoravam as prateleiras ao lado de sua mesa; fotos do marido e do filho salpicavam diversas superfícies.

Em todos os meus anos na agência, ela me chamara duas vezes à sua sala:

uma quando assinei o contrato e outra depois que fiz minha primeira campanha multimilionária.

Foi o suficiente para eu saber que a decoração acolhedora era uma armadilha.

– Eu não estaria onde estou sem você – acrescentei. Conhecia bem o jogo. – Ter você como mentora ao longo de todos esses anos tem sido inestimável, assim como o trabalho árduo e a orientação do Hank.

Era uma mentira descarada. Minha verdadeira mentora foi Fabiana, a ex-supermodelo brasileira que me acolheu depois que nos conhecemos na premiação de Modelo do Ano, cinco anos antes.

Não nos falávamos mais com tanta frequência, verdade, agora que ela havia se casado novamente e viajava pelo mundo com o novo marido, mas Fabiana tinha feito muito mais por mim do que Emmanuelle.

– Fico feliz em ouvir isso. – Emmanuelle não deu a mínima para meu elogio forçado. – Talvez tenha sido por isso que fiquei confusa ao ouvir dizer que você está insatisfeita com as datas dos pagamentos. Essa não parece a atitude de uma modelo em quem investimos tanto, não acha?

Um frio profundo me invadiu.

Droga. Precisava avançar com cuidado.

O noivado com Jordan me dava algumas vantagens, mas até nos casarmos e eu receber o dinheiro, Beaumont estava no controle.

– É claro que não estou insatisfeita. Sou muito grata por tudo que a agência fez por mim ao longo desses anos.

Coloquei o máximo de sinceridade que pude na voz.

Pressionar Hank era uma coisa; bater de frente com Emmanuelle era outra. Ela era uma das pessoas mais poderosas e bem relacionadas do mercado. A última vez que uma de suas modelos a irritou, a garota desapareceu da noite para o dia. A agência disse que ela voltou para Wisconsin por "questões de saúde mental", mas havia muitos boatos sobre o que acontecera de fato.

Eu não costumava dar muita bola para sensacionalismos, mas todo cuidado era pouco. Independentemente do que tivesse acontecido com a garota, a capacidade de Emmanuelle de arruinar a vida de quem quisesse era um fato notório.

– Como você sabe, estou no meio dos preparativos para o casamento. Parte disso inclui discutir minhas finanças com o Jordan. Foi assim que surgiu a questão dos pagamentos.

– Compreendo. – O sorriso de Emmanuelle voltou. – Tenho certeza de que esses pagamentos não são nada perto da fortuna da família Ford, mas entendo

por que você quer contribuir com alguma coisa. Vou falar com o financeiro. Não queremos estragar seu grande dia com um pequeno mal-entendido.

Meus dedos se apertaram na borda da cadeira. Aquele "pequeno mal-entendido" era minha carreira e meu bem-estar financeiro.

– Eu agradeço. De verdade.

– Que bom. Fico feliz por estarmos em sintonia. – Emmanuelle voltou a atenção para o computador. – Pode ir.

Eu me levantei e fui até a porta. A sensação era de que minha pele estava esticada demais sobre o corpo.

– Mais uma coisa. – Sua voz me fez parar de repente. – A sessão de fotos com Wentworth Holt. Será um problema?

Senti meu peito ser cravado por estilhaços afiados.

– Não. – Minha boca formou algo próximo a um sorriso. – Problema nenhum.

Passei toda a viagem de elevador imaginando as caras de Emmanuelle e de Hank quando eu me demitisse. Queria pegar um martelo e estraçalhar aquelas janelas de vidro imensas dela em meu último dia lá. Retribuir cada grama de manipulação psicológica e condescendência que despejaram em mim multiplicado por dez.

Meu sangue fervia, e uma violência alarmante dominava meus pensamentos.

Forcei-me a respirar fundo. Não podia me dar ao luxo de ficar irritada demais. Ainda que me demitisse, precisava manter o profissionalismo.

Quando se atingia determinado nível, as pessoas viviam atrás de qualquer desculpa para derrubá-la. Jamais daria a eles essa oportunidade.

Foi por isso que aceitei a proposta de Jordan, que me daria dinheiro suficiente para pagar pela rescisão do contrato e quitar minhas dívidas com a Beaumont. Essa era a única maneira de acalmar Emmanuelle e evitar que ela falasse mal de mim para a cidade inteira. Quando ela falava, as pessoas ouviam, e, por mais que desprezasse os maus elementos do mundo da moda, eu adorava a arte de modelar.

Minha relação com a câmera, a forma como eu ganhava vida quando o obturador clicava, a emoção de trocar de persona como trocava de vestidos... Isso tudo era *meu*. E eu não ia perder.

Quando finalmente saí do prédio, o calor do final do verão era intenso. Passava dos trinta graus e o ar estava tão pesado e denso que parecia sopa em meus pulmões.

Eu tinha duas horas até a prova de roupas no showroom da Stella Alonso,

então parei em uma cafeteria próxima para uma dose de cafeína. A Fashion Week começava no dia seguinte. Entre a preparação exaustiva e a ansiedade por conta do casamento, eu andava dormindo pouco.

A cafeteria estava lotada, mas me aproveitei da movimentação. Quanto mais barulhento era o local, mais fácil era se isolar.

Olhei para o cardápio no quadro-negro e tentei acalmar o coração acelerado.

Estou bem. Estava tudo bem.

Emmanuelle não havia me banido nem queimado minha reputação, e ela não sabia que eu tinha planos de deixar a agência. Se soubesse, teria sido menos sutil nas ameaças.

Quanto ao casamento... bem, isso era outra questão.

Era quinta-feira, quase uma semana inteira após Jordan ter lançado a bomba lá na Vault. Desde então, vínhamos correndo para atualizar toda a logística e avisar os convidados e fornecedores.

Jordan e eu concordávamos que seria impossível antecipar tanto a festa, então decidimos por uma alternativa: uma cerimônia pequena e íntima para nossos amigos e familiares mais próximos em Nova York, seguida pelas recepções irlandesa e etíope em fevereiro, conforme planejado originalmente. A avó dele se importava mais com os votos do que com a festa.

Meus pais ficaram assustados quando souberam da mudança nos planos, mas como a cerimônia na igreja não afetaria a festa que eles haviam planejado, acabaram se tranquilizando.

Logística à parte, nos casarmos antes do planejado não deveria ser um grande problema. A maioria das noivas e dos noivos provavelmente faria isso de bom grado. Quanto mais cedo o casamento, mais cedo poderiam passar o resto de suas vidas juntos. Casar-me antes também significava receber o dinheiro mais rápido. Se tivesse sorte, sairia do controle da Beaumont antes das festas de fim de ano.

Só que Jordan e eu não passaríamos o resto de nossas vidas juntos, e outubro pairava no horizonte de maneira muito mais ameaçadora do que fevereiro. Mesmo a perspectiva de deixar a agência não era capaz de aliviar o aperto em meu peito.

– Senhorita? – A voz do caixa me trouxe de volta ao presente. Havia chegado minha vez e eu não tinha percebido. – Como posso ajudar?

– Ah, desculpa – respondi, atrapalhada. – Só um chá verde grande. Quente. Obrigada.

Paguei e dei um passo para trás... esbarrando na pessoa atrás de mim. Eu me

virei, mas meu segundo pedido de desculpas em poucos minutos morreu quando vi os cabelos escuros e os olhos azuis.

– Vuk. – Meu coração disparou. – O que você está fazendo aqui?

Ele ergueu as sobrancelhas e olhou para a máquina de café expresso.

Claro. Café. Dã.

Eu me recompus enquanto ele fazia o pedido e se juntava a mim ao lado do balcão de coleta.

Vuk usava roupas de trabalho – um terno preto, sem gravata –, mas isso não diminuía o ar de perigo que ele exalava. Isso vinha da maneira como ele se movia, de seu porte, de como seus olhos observavam cada detalhe do ambiente.

Nem todas as roupas sob medida do mundo seriam capazes de esconder o fato de que ele fora feito para o campo de batalha, não para uma sala de reuniões.

– Teve alguma reunião aqui perto? – perguntei.

Não tinha visto Vuk desde que ele fora embora de repente após o anúncio de Jordan. Imaginei que estivesse ocupado com o trabalho de CEO e planejando a despedida de solteiro, por isso era estranho vê-lo ali no meio do dia. A cafeteria não ficava nem perto de sua casa nem de seu escritório.

Ele assentiu, mas não deu mais detalhes.

Que surpresa. Vuk daria informações sobre si mesmo voluntariamente no mesmo dia em que eu voluntariamente usasse Crocs em público (ou seja, nunca).

– Chá verde para Ayana! – chamou a barista.

Peguei minha bebida e hesitei por um segundo. Apesar de sua reticência, a presença de Vuk acalmou meu nervosismo... talvez porque eu estava ocupada demais pensando em cada pormenor de nossa interação para me concentrar em qualquer outra coisa.

– Você pode se juntar a mim se quiser. – Fiz o convite por impulso e me sentei a uma mesa que tinha acabado de vagar ali perto. – Tenho um tempo livre antes do meu próximo compromisso. Seria bom ter companhia.

Havia levado meus materiais de tricô e tinha planejado trabalhar em meu último projeto (um gorro feito com uma linda linha azul-celeste que eu comprara na Escócia) antes de esbarrar com ele, mas preferia conversar com Vuk a tricotar.

Queria conhecê-lo melhor. Ele era o melhor amigo de Jordan, o que significava que conviveríamos por muitos anos. Também havia me acompanhado até a Califórnia e me acalmado durante o voo de volta. Estranhamente, eu queria ver mais daquele seu lado. O lado mais delicado e gentil, embora nada em Vuk pudesse ser considerado particularmente delicado

ou gentil.

Apesar do convite, não esperava que ele aceitasse. Era um dia de semana e um CEO devia ter coisas melhores para fazer do que ficar ali comigo.

Já havia me conformado com minha própria companhia quando ele pegou o café antes que a barista tivesse a chance de chamar seu nome, ignorando os olhos arregalados da moça para seu rosto. Então se sentou à minha frente.

Ele era tão grande e a cadeira, tão pequena, que parecia um gigante sentado a uma mesinha de boneca, mas seu olhar de advertência me disse para guardar esse comentário para mim.

Reprimi um sorriso.

– Pensei que um CEO do seu calibre pedisse à assistente para buscar um café para ele. Muito humilde da sua parte vir até aqui fazer isso.

"Sempre compro minhas bebidas. Assim há menos chance de eu ser envenenado."

Eu o encarei, perplexa.

– Você está falando sério ou foi uma piada? Deixa pra lá. – Levantei a mão. – Não me conte. Não quero saber.

Será que as pessoas andavam por aí envenenando CEOs rivais? De todo modo, ainda parecia mais plausível do que Vuk Markovic estar fazendo uma piada.

Sua boca se curvou um pouquinho para cima, mas seu olhar permaneceu impassível.

"Como estão os preparativos para o casamento?"

Meu peito murchou enquanto minha boca mantinha o sorriso.

– Muito bem. A cerimônia na igreja vai ser pequena, e Vivian está à frente de tudo.

Jordan e eu havíamos contratado Vivian Russo, uma conhecida promotora de eventos de luxo. Ela também era uma das melhores amigas de Sloane, e eu tinha plena confiança nela para dar conta do grande dia sem falhas.

– Vamos conseguir fazer tudo a tempo. Vai ser uma cerimônia linda.

"Tenho certeza de que você está animada. Está contando os dias, não é mesmo?"

A emboscada de Vuk foi preparada tão casualmente que eu não a teria percebido se não fosse pela tensão quase imperceptível em seus ombros.

Ele estava me testando. Por quê? Será que havia percebido minha aversão àquele casamento, lá na Vault, antes de ir embora? Ou ainda estava desconfiado depois do deslize envolvendo as amêndoas na prova dos bolos?

Fosse lá o que fosse, ele observava meu rosto como um falcão.

– Bem, é óbvio que eu gostaria que estivéssemos nos casando em circunstâncias melhores, mas que noiva não sonha com o dia do casamento?

Torci para que ele não notasse o leve tremor em minha mão quando levei o copo à boca.

Poucos minutos antes, havia me convencido de que me casar mais cedo era uma coisa boa por vários motivos, mas as palavras de Vuk fizeram com que esses motivos se dispersassem como folhas ao vento.

Eu *deveria* estar animada. Afinal de contas, um casamento platônico não era muito diferente da minha atual vida amorosa (inexistente), e eu ainda estava sendo paga para isso. Além do mais, Jordan e eu éramos grandes amigos e nos divertíamos juntos. Havia coisas muito piores do que estar casada com um grande amigo.

Mas amigo não era amante, e platônico não era romântico.

No fim das contas, não era amor. Não do tipo que me deixaria animada.

"Mais uma vez, isso não é uma resposta."

Vuk não havia tocado no café. Sua atenção estava totalmente voltada para mim e, de repente, entendi como insetos deviam se sentir sob um microscópio.

– É, sim. Por que você está tão obcecado com o que eu penso e sinto em relação ao casamento? – Uma ponta de irritação surgiu em minha voz.

Não era do meu feitio perder a calma, mas toda vez que eu estendia uma bandeira branca, ele a usava para me intimidar com sua arrogância. Será que não dava só para falar de amenidades e ter uma conversa agradável?

"Quero saber se você está apaixonada pelo Jordan."

– Por quê?

"Ele é meu amigo. Você vai se casar com ele. Ligue os pontos."

Foi incrível a rapidez com que passei de feliz por ele estar ali a querer esbofeteá-lo.

– Você às vezes é um babaca mesmo – rebati, apertando o copo com tanta força que uma gota de líquido espirrou pela lateral.

"Já me chamaram de coisas piores." O desgraçado não se abalou nem um pouco. "Responda à pergunta, Ayana. Você está apaixonada por ele?"

Sim. Uma palavra, uma sílaba. Era uma mentira fácil de contar.

A resposta estava na ponta da língua, mas não consegui dizê-la. Em vez disso, optei por uma alternativa.

– Eu amo o Jordan e vou me casar com ele. – Respirei fundo e endireitei os ombros. Não estava *apaixonada* por Jordan, mas o amava como amigo. – Então,

a menos que você tenha uma objeção legítima ou *pessoal* à nossa união, gostaria que parasse de me interrogar sobre isso. Me deixa desconfortável.

A multidão de antes havia se dispersado, deixando a cafeteria vazia, exceto por nós dois e os baristas. Minha voz ecoou pelo pequeno espaço, mas os funcionários foram discretos e evitaram olhar em nossa direção.

Talvez estivessem com medo de Vuk, cuja mandíbula estava tão tensa que quase achei que seus dentes fossem quebrar.

"Entendido."

E foi isso. Nenhuma reação, nada mais a ser dito.

Minha breve indignação passou.

– Obrigada.

Algo que não conseguia nomear invadiu meu peito. Um aperto, um peso, mas que passou tão rápido que não dei importância.

Tentei puxar outro assunto.

– A despedida de solteiro é no próximo fim de semana. Já decidiu o que vocês vão fazer?

"Sim."

– Muito bem. E qual é o grande plano?

"É a segunda vez que você me pergunta sobre a despedida de solteiro." Vuk finalmente tomou um gole de café. "Você fala que eu estou obcecado, mas talvez não seja o único."

Senti meu pescoço e meu peito corando.

– Não estou obcecada. Não diria que repetir uma pergunta significa estar *obcecada*.

"Se te deixa mais tranquila pensar assim..."

– Continue testando a minha paciência. Eu *vou* tirar os sapatos e apunhalar você com os saltos – ameacei.

Vuk se recostou e se espreguiçou como se eu tivesse lhe oferecido um dia em um spa.

"E se eu dissesse que vai ter strippers na festa?" Seu olhar preguiçoso não perdeu nem uma gota de sua força original. Ele poderia perfurar uma armadura com aqueles olhos. "Você ficaria chateada?"

Não poderia me importar menos. Só tinha perguntado sobre a despedida de solteiro porque foi a primeira coisa que me veio à cabeça, mas era difícil ter qualquer interesse real nas atividades da despedida de solteiro de Jordan.

Quando fizemos o acordo, concordamos que poderíamos fazer o que quiséssemos com quem quiséssemos, desde que fôssemos discretos.

Ironicamente, nenhum de nós tirava proveito disso.

Jordan não tinha interesse em relacionamentos românticos com absolutamente ninguém, nunca, e eu era paranoica demais para ter um caso, mesmo que sancionado pelo meu marido. Não confiava que um amante em potencial fosse ficar de bico calado. A última coisa que queria era um escândalo ou que Jordan fosse humilhado.

Claro que não podia contar nada disso a Vuk.

– É só diversão. Não significa nada – respondi. – Toda despedida de solteiro tem strippers, e confio que Jordan não passará dos limites. Se passar, tenho certeza de que você vai cuidar dele. É para isso que serve o padrinho.

Vuk fechou a cara, parecendo profundamente descontente com a perspectiva de ficar de babá.

Ocorreu-me, então, que Jordan não seria o único a ser entretido pelas strippers. Vuk também estaria lá.

O aperto no peito voltou, mas dessa vez por um motivo totalmente diferente.

Ele não me parecia ser do tipo que gostava desse tipo de coisa, mas, como padrinho, seria esperado que ele participasse das festividades. Além disso, até que ponto eu realmente o conhecia? Vuk poderia ser um frequentador assíduo do Vermilion Lounge, o clube de striptease mais sofisticado da cidade.

Uma imagem de Vuk sentado em uma sala VIP escura, com uma dançarina peituda se esfregando nele, cruzou minha mente.

O chá de repente ficou amargo demais, e afastei o copo depressa.

Vuk me observou em silêncio.

"Se você fosse minha noiva, eu não olharia para nenhuma outra mulher. Sendo só diversão ou não."

Em algum lugar dos meus pulmões, uma bolha de oxigênio explodiu.

Se você fosse minha noiva...

Senti aquelas palavras na pele, macias e ásperas ao mesmo tempo.

Eu nunca tinha ouvido a voz de Vuk. Poucas pessoas tinham ouvido.

De acordo com Jordan, Vuk parou de falar verbalmente com a maioria das pessoas depois de um incidente obscuro em seu passado. Mas o choque de suas palavras foi tão forte que pareceu até que ele tinha encostado a boca em meu ouvido e despejado todas aquelas sílabas em minha corrente sanguínea.

Se você fosse minha noiva, eu não olharia para nenhuma outra mulher. Sendo só diversão ou não.

O olhar de Vuk se estreitou.

Fiquei me perguntando se ele conseguia ler os pensamentos estampados em

meu rosto. Se ele ouvia meu coração acelerado ou se notou meu peito ofegante quando não consegui mais prender a respiração e soltei o ar todo de uma só vez.

O tempo desacelerou. O zumbido das máquinas de café expresso se transformou em ruído branco.

Então ele endireitou novamente a postura, e o fio sustentando aquele instante se rompeu com uma rapidez perturbadora.

O barulho voltou, pontuado pelo tilintar dos sinos acima da porta quando um novo cliente entrou na cafeteria.

"Hipoteticamente falando, é claro."

A expressão de Vuk era educada, impessoal.

– Claro – respondi, fingindo um tom animado. – Bem, espero que você se divirta no fim de semana que vem. Também estarei em minha despedida de solteira.

Ele fez menção de responder, mas congelou no meio do caminho. Sua atenção se voltou para algo acima do meu ombro e seu rosto se fechou com tanta hostilidade que até me encolhi.

"Preciso ir." Ele empurrou a cadeira para trás. O metal rangeu contra o piso de ladrilhos. "Obrigado por me convidar para o café."

Fiquei imóvel, boquiaberta, vendo-o desaparecer pela porta. Estava tão surpresa com sua saída abrupta que não dei muita atenção a um fato até então inédito: pela primeira vez, ele havia me agradecido por algo.

Eu me virei e procurei do lado de fora da janela o que poderia ter chamado a atenção dele. Nada se destacou.

Vi apenas um entregador de pizza, as costas de Vuk se afastando e, mais adiante na rua, um turista usando um boné azul.

CAPÍTULO 11

Vuk



MESMA ALTURA. MESMO PORTE físico. Mesmo boné do homem nas imagens das câmeras de segurança.

De costas, meu alvo era idêntico ao membro misterioso da Irmandade, mas foi o jeito de andar que o entregou. Hesitante demais.

Ainda assim, ele era mais um fio na teia da Irmandade. A única coisa que tinha o poder de me afastar de Ayana.

O sujeito virou à esquerda. Eu o segui, mantendo distância suficiente para ser discreto, mas não a ponto de correr o risco de perdê-lo de vista. Meu coração latejava nos ouvidos.

Ele tinha passado o dia inteiro me seguindo. Eu o havia notado assim que saí de casa, mas o perdi em algum ponto entre o Upper East Side e o escritório da Beaumont.

Não me parecia uma ameaça imediata (se quisesse me matar, teria tentado no instante em que coloquei o pé para fora de casa), então fingi não ter notado sua presença. Mas se aproximar com tanta tranquilidade enquanto eu estava com Ayana era ultrapassar todos os limites. Queria mantê-la longe do radar deles.

A Irmandade não costumava envolver civis inocentes em seus negócios, mas cuidado nunca era demais. Talvez seus protocolos tivessem mudado ao longo dos anos.

Eu deveria ter entrado no escritório da Beaumont, como havia planejado de início, em vez de mudar de direção e seguir Ayana ao vê-la saindo de lá, mas não resisti. Valia a pena o desvio para ter um momento a sós com ela – a menos que isso a colocasse em perigo.

O homem de boné azul diminuiu o ritmo, mas mantive o passo firme.

A rua em que estávamos era tão estreita que não cabia nem mesmo o menor dos carros. Janelas fechadas e paredes pichadas ladeavam o beco imundo, e um gato vadio correu para trás de uma lixeira quando me aproximei. Fora isso, não

havia nenhum outro sinal de vida.

O estranho estava quase chegando ao final da rua quando seu instinto de autopreservação deu as caras. Ele se virou, com a expressão de um coelho sentindo a aproximação de um predador.

Era tarde demais. Eu já o havia alcançado.

Ele partiu para cima de mim, mas me esquivei facilmente do golpe e o joguei contra a parede, pressionando sua garganta com o antebraço. Ele se debateu, tentando me afastar, mas seus esforços foram diminuindo aos poucos conforme foi ficando sem energia e oxigênio.

Não fazia sentido ele ter feito questão de chamar minha atenção no café – pois sabia que eu o veria pela janela e o seguiria – e depois se esforçar tanto para escapar.

Ou era um imbecil, ou era arrogante o suficiente para achar que passaria despercebido.

Entretanto, seu desleixo confirmou o que eu já suspeitava: ele não era um Irmão. A organização podia ter mudado ao longo dos anos, mas nunca seria tão negligente com seus recrutas.

Semicerrei os olhos, observando o rosto avermelhado do desgraçado. Ele estava apavorado.

Não havia mais ninguém por perto. Se eu exercesse um pouco mais de pressão em sua traqueia...

– Espera! – disse ele, ofegante. – Não é o que você está pensando. Eu não...

Pressionei o antebraço com mais força contra sua garganta e fiquei olhando com uma indiferença gélida enquanto ele cravava os dedos no meu braço.

Não, eu não o mataria ainda. Ele era uma fonte de informações, mas até mesmo fontes precisavam de certa dose de motivação.

Esperei até que seu rosto fosse de vermelho para roxo antes de aliviar a pressão.

Ele engasgou, ofegante.

– Não vim para machucar você – disse ele entre os dentes. – Fui pago para te seguir e chamar a sua atenção. Ele falou... Ele falou que eu não podia te abordar diretamente. Precisava fazer você vir atrás de mim.

Viu só? Nada fazia as pessoas abrirem o bico mais rápido do que o medo da morte.

– Por quê?

Minha voz soou gutural após anos de pouco uso. Odiava desperdiçar palavras com pessoas insignificantes, mas era necessário em situações como aquela.

– Não sei! – Lágrimas brotaram nos olhos dele. – Ele me pagou mil dólares em dinheiro para usar esse boné e te passar uma mensagem. Me deu o endereço da sua casa e do seu escritório. Eu precisava muito do dinheiro, então não perguntei nada.

O homem da foto devia saber que sua semelhança com aquele sujeito chamaria minha atenção. O boné era a cereja do bolo.

– O... o bilhete está no bolso da minha calça. Do lado esquerdo.

O infeliz parecia muito arrependido de ter aceitado o que pensou ser dinheiro fácil.

Podia ser mentira. A Irmandade sem dúvida era capaz de se fazer de vítima em prol de seus objetivos, mas eu tinha desenvolvido um faro afiado para lorotas.

O sujeito estava dizendo a verdade.

Mesmo assim, mantive o braço em seu pescoço e meus sentidos em alerta máximo enquanto pegava o bilhete. Estava em um envelope branco liso, com minhas iniciais impressas na frente em fonte Times New Roman preta. Simples, genérico, impossível de rastrear.

– Descreva o sujeito – ordenei.

– Ele me abordou em um bar, ontem à noite. Estava escuro, e ele estava com um casaco de capuz e óculos escuros. Eu não vi muita...

Ele engasgou quando cortei seu ar mais uma vez.

– Peraí! Peraí! – O homem ofegou. – Eu... eu lembro que ele tinha mais ou menos a minha altura. Porte parecido. Talvez 20 e muitos ou 30 e poucos anos? Difícil dizer, mas... mas ele cheirava a óleo de motor. Tipo um mecânico, ou coisa assim.

Interessante.

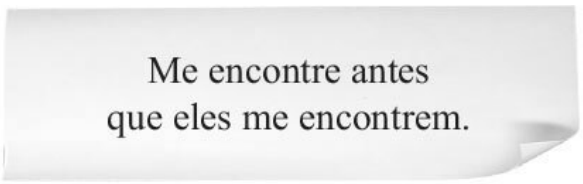
Arquivei aquela informação para análise posterior. Havia várias garagens abandonadas pela cidade que poderiam ser usadas como esconderijo. Valia a pena dar uma investigada.

O cara do boné azul não tinha mais nenhuma informação útil, então o liberei depois de ameaçá-lo para que não dissesse uma palavra sobre aquele incidente para ninguém. Não lhe disse o que faria se ele quebrasse a promessa. Não precisava.

Esperei até que ele saísse correndo e só então abri o envelope. A carteira do homem, portando seu documento de identidade, estava no meu bolso. Ele nem sequer notara que eu a havia pegado.

Sean poderia pesquisar seu nome em nosso banco de dados mais tarde; por enquanto, a única coisa que me interessava era o conteúdo do bilhete.

Uma frase, digitada com o mesmo tipo de letra preta genérica das minhas iniciais:



CAPÍTULO 12



O BILHETE NÃO CONTINHA impressões digitais, vestígios de DNA nem qualquer outra pista que pudesse identificar quem o enviara ou onde o papel havia sido comprado.

Os resultados dos exames laboratoriais da minha equipe confirmaram essas suspeitas, mas eu tinha certeza de que estávamos deixando passar alguma coisa.

Me encontre antes que eles me encontrem.

Fazia uma semana que eu havia ido atrás do sujeito de boné azul. A checagem de seus antecedentes revelou-se tão sem graça quanto o homem em si; era de fato apenas um azarado que o Irmão misterioso havia escolhido para fazer seu trabalho sujo.

Se o Irmão quisesse que eu o encontrasse, teria deixado uma pista.

A busca nas oficinas mecânicas abandonadas da cidade e arredores não havia resultado em nada. Se ele de fato trabalhasse como mecânico, nosso raio de busca aumentaria muito.

Repassei os detalhes daquela situação.

Os fatos: o homem da foto era membro da Irmandade, ainda estava em Nova York e, em vez de se esconder, queria chamar minha atenção. Provavelmente sabia que eu não perdoaria o incêndio na Vault, então seu motivo para fazer isso era maior do que seu medo de morrer.

As incógnitas: por que a Irmandade estava subitamente interessada em mim? O Irmão misterioso estava agindo por conta própria ou com a aprovação da liderança? E por que ele não me procurou pessoalmente? E quem seriam "eles"? Poderia ser a Irmandade, mas poderia ser outra pessoa.

Havia muitas incógnitas para o meu gosto.

Como se a situação já não fosse complicada o suficiente, também precisava lidar com o trabalho, com o casamento e com meu palpite sobre a Beaumont enquanto Sean investigava a pista envolvendo o cheiro de óleo de motor.

Pisquei para afastar a imagem mental do bilhete e voltei a me concentrar na tela do computador, onde passava um vídeo do último desfile de Stella Alonso. Já havia assistido, mas gostava de deixá-lo passando enquanto eu trabalhava.

A Fashion Week de Nova York tinha acabado de terminar e, embora eu nunca fosse assistir aos desfiles pessoalmente, acompanhava alguns pela internet.

Stella, Delamonte, Prada, Saint Laurent, Dior. Todos tinham uma coisa em comum.

Os graves da música diminuíram, e meu coração acelerou em expectativa. Um segundo depois, Ayana surgiu na passarela com um vestido cor de lavanda etéreo. Sua pele radiante resplandecia sob as luzes e os cachos soltos escapavam de um adereço de cabeça todo ornamentado que sombreava metade de seu rosto. Mas eu já a tinha visto desfilar vezes o bastante para reconhecer seu caminhar característico.

A Ayana Kidane da passarela era uma pessoa diferente da que me convidara para um café e me provocara em relação ao bingo. Sua personalidade se transformava a cada desfile, oscilando de divertida a sedutora, de altiva a majestosa. Uma deusa para todos os gostos.

Independentemente do papel que assumisse, porém, na passarela ou fora dela, Ayana mantinha um brilho todo dela. Era desse brilho que eu nunca me satisfazia.

Ficava esperando. Observando. Completamente *obcecado*.

O vídeo terminou. Pensei em reproduzi-lo pela terceira vez, mas uma nova mensagem me impediu.

JORDAN

Passando pra saber dos preparativos da despedida de solteiro.

JORDAN

Tudo certo? Se precisar de alguma coisa, me avisa.

A realidade arruinou a minha alegria momentânea. A despedida de solteiro era naquele fim de semana, um fato que eu tinha tentado esquecer mesmo enquanto confirmava os planos com os outros convidados.

VUK

Tudo certo, não se preocupe.

JORDAN

Tem certeza? É que você nunca organizou uma festa.

JORDAN

Tirando a Grande Festa de Halloween no terceiro ano da faculdade.

Fiz uma careta, irritado. Só o Jordan para me convencer a dar aquela festa desastrosa, na universidade. Ele vivia me incentivando a "relaxar e me divertir". Acabei cedendo às suas incessantes súplicas, e foi nisso que deu: uma audiência disciplinar na coordenação, uma proibição definitiva de entrar no supermercado local e duzentos rolos de papel higiênico dos quais foi um sufoco nos livrarmos.

Foi divertido? Mais ou menos, durante a festa.

Eu tinha relaxado? Não.

VUK

Já te falei pra não tocar nesse assunto.

JORDAN

Tá bem. Só tô comentando que você odeia festas.
Então, se precisar de ajuda, ficarei mais do que feliz em colaborar.

Um rosnado baixo ressoou em meu peito.

Eu odiava festas mesmo, mas havia concordado em ser padrinho. Não ia transferir minhas responsabilidades para outra pessoa, por mais que detestasse a tarefa.

Felizmente, Jordan era tranquilo no que dizia respeito a festas. Bastava uma bebida forte e música boa que ele ficava feliz. Era uma de suas melhores qualidades. Apesar da origem rica, ele não era nada esnobe.

VUK

Se me perguntar se preciso de ajuda de novo, a festa vai ser num acampamento. Com ursos.

JORDAN

...

JORDAN

Ok. Entendido. Chega de perguntas.

Deixei o celular de lado e tentei me concentrar novamente, mas agora que a despedida de solteiro e, por consequência, o casamento haviam tomado minha mente, eu não conseguia mais pensar em outra coisa.

Jordan e Ayana.

Ayana e Jordan.

As paredes da sala se fecharam ao meu redor. A pressão me sufocou e, de repente, não aguentei mais ficar ali.

Desliguei o computador, peguei o paletó no encosto da cadeira e saí.

A equipe caiu em silêncio enquanto eu passava, olhos arregalados acompanhando meu trajeto até o elevador, como se estivessem com medo de eu explodir caso deixassem de prestar atenção em mim.

As portas do elevador se abriram. Dois funcionários juniores do marketing já estavam lá dentro, mas, quando me viram, saíram correndo como se o elevador estivesse em chamas.

– Desculpe, Sr. Markovic – disse um deles. – É todo seu.

Ele encarou minha cicatriz por tempo demais, até receber uma cotovelada do colega, então desviou o olhar, com o rosto vermelho.

Entrei sem responder. O elevador parou em mais dois andares no caminho até o saguão, mas ninguém mais entrou.

Lá fora, a cidade estava à beira de outra tempestade. A chuva havia coberto as ruas de cinza nos últimos dias e, apesar de uma manhã promissora de sol e céu azul, aquela tarde estava prestes a repetir o padrão dos outros dias.

Inspirei o ar fresco, deixando que acalmasse as chamas no meu estômago. Sean ficaria transtornado se me visse ali fora daquele jeito, exposto à ameaça da Irmandade, mas nunca havia me escondido de nada nem de ninguém na vida. Não começaria agora.

Havia tomado o cuidado de usar roupas reforçadas com Kevlar e carregar uma arma escondida, mas sabia que os Irmãos não me apagariam com um tiro em público. Iam querer algo mais pessoal.

Cinco minutos depois, me vi em frente a uma loja conhecida. De acordo com uma das entrevistas de Ayana, aquela era sua suqueria favorita na cidade.

Não tinha planejado ir até lá – eu odiava suco –, mas meus pés tinham vontade própria.

Ou... Meu coração acelerou quando a porta se abriu e uma mulher deslumbrante saiu. *Deus escreve certo por linhas tortas.*

Quais eram as chances de eu chegar bem na hora em que Ayana estava saindo?

Ela parou de súbito bem na minha frente. Estava com um suco verde em uma das mãos e o celular na outra.

– Primeiro a cafeteria, agora a suqueria. – Os olhos dela brilhavam de surpresa. – Sr. Markovic, está me seguindo?

"Não." A resposta saiu mais tensa do que eu pretendia. "Meu escritório fica aqui perto. Estou no horário de almoço."

– Eu sei. Estava só brincando.

Ayana guardou o celular no bolso e ajeitou a alça da bolsa no ombro.

Um segundo de silêncio se estendeu entre nós.

Seus saltos a colocavam dez centímetros mais perto do nível dos meus olhos, mas, fora isso, ela estava só de camiseta, calça jeans e sem maquiagem. Mesmo assim, era a mulher mais bonita que eu já tinha visto.

"Me desculpe por ter saído de repente naquele dia." Meus gestos foram rígidos. "Tive uma emergência."

– Não tem problema. Eu precisava ir para uma prova de roupa mesmo. – Ela inclinou a cabeça. – Um agradecimento *e* um pedido de desculpas no mesmo mês. Daqui a pouco chove canivete.

"Não se acostume."

– Jamais.

Mais silêncio.

Cheguei um pouco para a frente, deixando uma mãe e o filho passarem. Ayana abriu e fechou a boca sem dizer uma palavra.

Durante todo esse tempo, a tempestade iminente se acumulava em nuvens escuras e pesadas.

E, no entanto, nenhum de nós fez menção de ir embora.

Eu tinha uma lista de tarefas imensa no escritório, mas poderia ficar ali com ela para sempre. Só nós dois, bem desse jeito.

Uma gota d'água caiu no meu rosto, me fazendo voltar à realidade. Várias outras caíram em seguida, e aquele foi o último aviso antes que os céus finalmente se abrissem e acabassem com a nossa paz.

Torrentes de chuva desabaram como a ira de Deus, inundando as ruas e nos

encharcando dos pés à cabeça.

– Merda! – gritou Ayana, correndo para debaixo de um andaime do outro lado da rua e usando a bolsa como guarda-chuva até se abrigar em segurança.

Eu a segui, menos aflito comigo mesmo e mais com o fato de ela estar correndo de salto alto, mas não deveria ter me preocupado. Ela chegou sem nem tropeçar.

– Acho que a culpa foi nossa por ficarmos a céu aberto – disse ela, sem fôlego.

Os andaimes proporcionavam alguma cobertura, mas a inclinação da chuva continuava a nos salpicar com gotas.

– *Sabia* que deveria ter trazido um guarda-chuva. Odeio pegar chuva. Meus sapatos ficam... – Ela se interrompeu e soltou uma risada constrangida. – Desculpa, estou tagarelando. Tenho certeza de que você não se importa nem um pouco com o que acontece com os meus sapatos.

Eu me importo com tudo que é relevante para você. O pensamento cruzou minha mente, silencioso e fugaz, mas logo o afastei.

"Como você vai para casa?"

– De metrô – respondeu Ayana. – Se a chuva não parar logo, vou chamar um Uber.

A estação de metrô mais próxima ficava a vários quarteirões de distância e era propensa a inundações durante chuvas fortes. Fiz uma careta ao pensar nela apertada em um vagão lotado de desconhecidos encharcados.

"Não precisa chamar um Uber. Eu te levo."

– Não precisa, eu...

"Meu carro está aqui perto." Tirei o paletó e o entreguei a ela. "Usa isto para se proteger. Sua bolsa parece cara."

Ayana cruzou os braços.

– Você é sempre mandão desse jeito?

"Sim."

– Não é uma característica muito cativante, você sabe, né?

"Eu sei."

Ela bufou e não fez menção de aceitar o paletó.

Àquela altura, só podia estar recusando por pura teimosia. Como encarar um vagão imundo ou pagar um preço abusivo para andar no carro de um desconhecido seria melhor do que uma carona para casa?

"Os ratos costumam fazer a festa quando chove. Não se surpreenda se encontrar uma família de roedores na estação." Fiz uma pausa, então acrescentei:

"Você já viu os ratos do metrô? São do tamanho de gatos."

Ayana hesitou.

– Nunca vi, mas isso não é verdade. Você está inventando.

Ergui uma sobrancelha como quem diz: *Talvez, mas você realmente quer arriscar?*

– Você...

Um grito próximo a interrompeu. O guarda-chuva de alguém havia perdido a batalha contra o vento e virado do avesso. O dono estava ensopado e, em uma infeliz coincidência, vestido todo de branco.

Ayana olhou para ele, receosa.

– Está bem. Aceito a carona para casa, mas só se me deixar fazer três perguntas durante o trajeto. Você tem que responder... e *com sinceridade*.

Quase sorri. Ninguém mais ousaria barganhar comigo de forma tão descarada.

"Estou te fazendo um favor, e mesmo assim é você quem faz exigências?"

– Sim. – Ela deu de ombros de modo elegante. – Não faz diferença pra mim. Se não quiser responder, vou arriscar esbarrar nos ratos gigantes convocados pela chuva.

Meu quase sorriso se transformou em uma quase risada.

Ofereci o paletó novamente, concordando com os termos dela. Ela o pegou, sua boca se curvando.

– E você? – perguntou ela. – Se você se abaixar, nós dois cabemos debaixo do paletó.

O paletó não era grande o suficiente para cobrir nós dois.

"É só água. Vou ficar bem."

Fui na frente, tirando-a da segurança do andaime em direção ao estacionamento do escritório. Eu raramente dirigia na cidade, mas tinha ido de carro naquele dia na esperança de ir atrás de algumas das oficinas mecânicas depois do trabalho. Isso teria que esperar.

Um ônibus passou por uma poça imensa e mandou um jato d'água na nossa direção. Instintivamente, virei o corpo para protegê-la, e Ayana agarrou meu braço com a mão livre. Eu me retraí, e ela se afastou depressa.

– Foi mal. Não pretendia...

"Não tem problema."

Acelerei o passo, com o coração a mil, mas nem mesmo a chuva conseguiu apagar a sensação de seu toque.

Chegamos ao carro sem maiores incidentes. Destranquei as portas e Ayana

tirou o paletó da cabeça ao deslizar para o banco do passageiro.

Liguei os aquecedores de assento enquanto ela observava o couro italiano preto, o painel de última geração e os detalhes personalizados.

– Uma vibe meio Batman, né? – disse ela.

"Parece um insulto."

– Só se você quiser entender assim. – Ela afundou ainda mais no banco e soltou um suspiro. – Tem razão. Isto é melhor do que o Uber.

"Eu sempre tenho razão."

– É sempre muito humilde também – disse ela, sarcástica.

Ela me passou seu endereço, e eu o coloquei no GPS só para manter as aparências. Já sabia onde ela morava.

Saímos em silêncio para a rua.

Era a primeira vez que eu ficava realmente sozinho com Ayana desde que tínhamos sido obrigados a dividir um quarto de hotel, três semanas antes. Mesmo naquela ocasião, dava para fechar uma porta entre nós ou fugir para a academia.

Ali, não havia opção. Nenhuma porta, nenhum transeunte, nenhuma ligação para nos distrair da presença um do outro.

Apenas o aroma de seu perfume e a curiosidade calorosa de seu olhar.

Uma bela tortura que eu mesmo tinha criado.

– Primeira pergunta – disse Ayana quando paramos em um sinal vermelho. – Como é a sua família? Eu te contei sobre a minha, mas não sei nada sobre a sua.

Família.

Gritos fracos ecoaram em meus ouvidos. O cheiro de carne carbonizada invadiu meus pulmões e meu estômago se revirou.

Os nós de meus dedos ficaram brancos ao redor do volante, e precisei forçar a bile de volta. Foi só depois que a náusea passou que soltei o volante para responder.

"Não há muito o que contar. Éramos eu, meus pais e meu irmão. Só isso."

O barulho da chuva contra o vidro ecoava dentro do carro.

– Éramos? – perguntou Ayana, suavemente.

"Essa é a segunda pergunta?"

Eu odiava falar sobre minha família. Meus pais morreram de causas naturais – minha mãe, de doença cardíaca, e meu pai, de câncer –, então era mais fácil pensar neles. Meu irmão, por outro lado...

Senti a tatuagem na parte interna do braço arder.

– Não – respondeu Ayana, sua voz ainda mais suave, quase hesitante.

Afrouxei o aperto no volante. Não tinha percebido que o havia agarrado de novo.

O sinal abriu, e voltamos a avançar. O trânsito estava lento devido à chuva. O que deveria ter sido uma viagem de vinte minutos estava se transformando em uma de quarenta.

Minha equipe provavelmente estava se perguntando onde eu tinha me metido, mas uma das vantagens de ser o chefe era não ter que responder a perguntas.

A menos, pelo visto, que viessem de Ayana.

Ela ficou mergulhada em pensamentos até chegarmos a outro sinal vermelho.

– Muito bem, segunda pergunta. E não é sobre a sua família, prometo. – Ela pigarreou. – Você está saindo com alguém?

Eu a encarei, sério. Ayana parecia calma, mas detectei um traço de nervosismo quando ela se remexeu sob o meu olhar.

"Defina *saindo*."

– Você já passou dos 30 e ainda precisa que eu defina o que é sair com alguém? Típico de homem.

Não mordi a isca. Apenas aguardei.

Depois de um minuto, ela suspirou e explicou:

– Tipo, você está envolvido romanticamente com alguém?

"Defina *envolvido*."

Ayana fez uma careta.

– Você *sabe* o que eu quero dizer.

"Não sei. Você está falando sobre sair para jantar, Ayana, ou sobre trepar?"

Dei um sorriso quando ela respirou fundo.

Não deveria ter gostado tanto de vê-la constrangida, mas foi Ayana quem começou, e talvez eu quisesse que ela sentisse o que eu sentia quando estava ao seu lado – uma tensão insuportável e angustiante, do tipo que condensava o mundo em uma bolha ao nosso redor e fazia com que até mesmo respirar fosse difícil.

Ayana engoliu em seco e se remexeu de novo, o sutil aperto de suas coxas contradizendo sua voz calma.

– As duas coisas.

Eu a deixei esperando.

Só depois que o sinal abriu e milhares de buzinas irromperam atrás de nós, desviei o olhar, dando uma resposta simples.

"Não."

Tinha minhas necessidades, mas eram insignificantes diante do meu desdém pelo insípido teatro das relações modernas. As mulheres que se atiravam para cima de mim faziam isso por dinheiro e poder, e eu não tinha nenhum tesão em vê-las engolindo sua repulsa não tão discretamente na esperança de se tornar a esposa de um bilionário.

Mesmo que alguém adequado, com um interesse genuíno, aparecesse, não faria diferença.

Eu só queria uma pessoa, e ninguém mais era ela.

Ayana mexeu no paletó pousado em seu colo e não disse mais nada até chegarmos ao seu prédio, meia hora depois.

– Você nunca dá uma resposta direta – disse ela. – É tão difícil assim simplesmente dizer "não, não estou saindo com ninguém"?

"Você parece ter um estranho interesse pela minha vida amorosa."

Não me permiti pensar no porquê. Não traria nada de bom para nenhum de nós.

– Não é interesse, é curiosidade. São coisas diferentes – respondeu ela, seu tom muito digno. – Só estou perguntando porque não tem nenhuma informação sobre a sua vida pessoal na internet, e o Jordan praticamente não me conta nada.

Meu humor ficou mais sombrio ao ouvir o nome dele.

Queria me aproximar e pressionar a boca contra a dela até que Ayana não se lembrasse nem do próprio nome, muito menos do dele.

Queria fazer suas pernas envolverem minha cintura e fazê-la gritar por mim e *somente* por mim.

Queria muitas coisas que não podia ter, então me contentei com fingir indiferença.

"Você passa muito tempo pesquisando a minha vida na internet?"

– Só quando estou entediada. Também passo muito tempo pesquisando pontos de tricô e assistindo a vídeos de gatos, então não se sinta tão especial. Você é menos interessante do que essas outras coisas.

Aconteceu tão de repente que mal percebi, até que o som saiu da minha garganta. Uma gargalhada. Minha.

Minha primeira risada genuína em anos, talvez.

A surpresa me imobilizou por um instante. Eu *nunca* perdia o controle daquela maneira, e a resposta de Ayana não fora tão engraçada nem tão surpreendente. Por outro lado, fora tão adoravelmente rancorosa que não deu para resistir.

A alegria que iluminou o rosto dela fez com que eu desejasse ser o tipo de

homem que ria com facilidade, ao menos para poder vê-la sorrir com mais frequência.

Uma batida interrompeu nosso momento de cumplicidade. O porteiro devia ter se cansado de nos ver parados diante do prédio dela.

Minha diversão acabou.

Ayana baixou o vidro.

– Oi, Bernard. Pode nos dar mais um minutinho, por favor? Já vou sair.

– Srta. Kidane, infelizmente... – Ele hesitou quando o encarei, às costas dela. – Um minutinho. Claro.

Ele se retirou, e Ayana me encarou de novo.

– Mais uma vez, obrigada pela carona e pelo paletó.

"De nada."

Esperei que ela descesse imediatamente, mas Ayana ficou ali, cruzando e descruzando as pernas, como se estivesse debatendo consigo mesma.

Poucas coisas ainda me surpreendiam. Fui treinado para esperar o inesperado e, ainda assim, nada poderia ter me preparado para as palavras que saíram de sua boca em seguida:

– Você quer subir?

CAPÍTULO 13

Ayana



VOCÊ QUER SUBIR?

Minha pergunta ficou pairando no ar. Apagou o calor remanescente da risada de Vuk, mas era tarde demais para voltar atrás.

– Para se secar – acrescentei às pressas. – Você está encharcado, e vai levar pelo menos mais quarenta minutos para chegar em casa, com esse trânsito.

Considerei uma oferta razoável, mas, pela expressão dele, parecia que eu havia lhe pedido para atirar em um gatinho recém-nascido.

– Não precisa aceitar – tagarelei, para preencher o silêncio pesado. – Imagino que suas roupas já tenham secado, mas podem ainda estar meio úmidas, sabe. Por causa da chuva. Você pode pegar um resfriado ou algo assim. – *Pare de falar. Agora.* – Mas, como eu disse, sem pressão. Foi só uma sugestão, se você quiser.

Meu rosto estava em chamas.

Já estava me martirizando por ter perguntado sobre a vida amorosa dele, e aquele papo sem sentido só me fazia afundar em um buraco ainda maior.

Eu não tinha más intenções, mas estava soando desesperada para que ele subisse para fazer mais do que secar a roupa.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Vuk.

Depois de mais um segundo de silêncio interminável, ele se afastou do meio-fio e entrou na garagem anexa.

Ele ia subir.

A expectativa inundou minha pele enquanto estacionávamos e pegávamos o elevador para o vigésimo andar. Vuk era o primeiro homem que eu convidava para ir ao meu apartamento em meses, a não ser pelo rapaz da manutenção. A

natureza platônica da visita dele não importava. Eu estava com os nervos à flor da pele mesmo assim.

Chegamos ao meu apartamento. Destranquei a porta e a abri.

– Chegamos. Lar doce lar.

Eu havia dividido apartamento durante meus primeiros quatro anos na cidade, até juntar dinheiro suficiente para ter meu próprio espaço: um quarto e sala aconchegante, com uma vista fantástica. Ficava perto do metrô e tinha muita luz natural, que era exatamente o que eu buscava em um apartamento.

O aluguel era absurdo, mas valia a pena. Janelas gigantescas, com vista para Manhattan, e uma delas tinha até uma espécie de sofá bem na frente, onde eu podia ler e ficar pensando na vida.

Obras de arte coloridas enfeitavam as paredes. Tapetes de fibra natural cobriam o piso de madeira clara e plantas pendentes davam um toque de verde ao espaço. Uma manta laranja pesada, que eu havia tricotado em noites de insônia, estava jogada no encosto do meu sofá.

Não era meu melhor trabalho, mas foi a primeira peça de tricô que concluí, e tinha muito orgulho dela.

Olhei de soslaio para Vuk quando ele entrou. Seu olhar percorreu o espaço arejado e tentei enxergar o lugar através de seus olhos. O que ele via ao observar aquela manta ou observar a coleção de frascos de perfume vazios na prateleira da sala?

Era impossível saber.

Tiramos os sapatos, e mostrei rapidamente o apartamento. Sala, cozinha, o canto que deixava sempre preparado para fotos e entrevistas on-line. Achei melhor evitar o quarto.

– O banheiro é ali. – Apontei para o corredor. – Posso colocar suas roupas na secadora enquanto você... *Ah.*

Vuk tirou a camisa.

"Vou ficar de calça." Ele não olhou para mim. "Onde fica a lavanderia?"

Engoli em seco e, sem dizer nada, abri o armário que continha um dos itens mais cobiçados de Manhattan: uma máquina lava e seca. Ninguém tinha um cômodo reservado *especificamente* para lavar roupa, a menos que fosse rico como Markovic.

Tentei não ficar olhando enquanto Vuk jogava a camisa na máquina e selecionava os comandos. Tentei muito.

No entanto, era impossível não me permitir uma espiadinha, quando ele estava a menos de meio metro de distância, de costas para mim – o momento

perfeito para eu admirar seu corpo esculpido sem risco de ser pega no flagra.

Seus braços e costas eram musculosos, e os ombros eram da largura da porta. Suas coxas eram grossas feito troncos de árvore. Quando ele terminou de programar a secadora e se virou em direção ao banheiro, vi uma leve camada de pelos descendo por seu peito e desaparecendo no cós da calça.

Senti um tesão inexplicável. Como meus hormônios ousavam ignorar que eu não podia desejar meu padrinho de casamento? E como ele ousava entrar no meu apartamento e ocupar tanto *espaço* a ponto de eu mal conseguir respirar? Que falta de educação!

Eu me obriguei a esperar Vuk fechar a porta antes de ir para a cozinha e me ocupar preparando duas xícaras de chá.

Já tinha visto homens sem camisa antes. Caramba, já tinha visto *Vuk* sem camisa antes.

Mas nunca tão de perto. Nunca ali, na minha casa, a poucos passos de onde eu...

– Merda! – xinguei quando a caneca transbordou e o chá queimou minha mão.

Entendi isso como um sinal de que nem mesmo o universo aprovava aqueles pensamentos indecentes.

Quando terminei de limpar a bagunça, Vuk já havia saído do banheiro e se juntado a mim na cozinha – sua presença tão dominadora que imediatamente exigiu atenção.

– Aqui. Fiz um chá para você.

Empurrei uma caneca fumegante pela ilha de mármore e resolvi não olhar para nenhum lugar abaixo de seu queixo.

– É um mix especial da Etiópia, que minha mãe fez. Vai te aquecer enquanto esperamos sua camisa secar.

Ele encarou a bebida, servida em uma caneca com um gatinho cinza sorridente. Por um segundo, imaginei-o atirando o pobre gatinho de cerâmica contra a parede, furioso com sua fofura, mas Vuk pegou a caneca sem tecer nenhum comentário. Parecia delicadíssima em sua mão.

Mordi o lábio para conter o riso.

Vuk deu uma olhada na cozinha.

"Seu apartamento não é como eu imaginava."

– Você passa muito tempo imaginando meu apartamento? – perguntei, fazendo alusão ao comentário dele sobre eu ter pesquisado seu nome na internet.

Talvez fosse a iluminação, mas poderia jurar que suas orelhas ganharam um

leve tom de rosa. Quando pisquei, o rubor havia desaparecido.

Devia ter sido só imaginação. Vuk Markovic não ficava vermelho. Nunca.

"A maioria das modelos não coleciona canecas com animais nem tem uma casa tão colorida."

A maioria das modelos? Ele já estivera no apartamento de quantas?

A necessidade de saber me incomodava, mas não lhe dei a satisfação de perguntar.

– Em primeiro lugar, você está generalizando. Em segundo, nem todo mundo se dobra ao minimalismo – respondi, tentando afastar da mente a imagem dele com Polina, Indira ou Vlada.

Passei os olhos pelos armários verde-esmeralda, pelas panelas de cobre e pelas paredes de azulejos brancos. Eu mesma havia pintado os armários e teria que pintá-los novamente quando me mudasse. Tinha valido a pena. Detestava o branco estéril de antes.

– Quando me mudei para Nova York, dividia apartamento com outras modelos da agência. Era um lugar muito sem graça, muito sem cor. Não sabíamos quanto tempo ficaríamos lá, então não fazia sentido gastar tempo nem dinheiro decorando.

Essas eram duas coisas escassas naquela época. Minha situação atual tinha suas desvantagens, mas jamais sentiria saudades daqueles primeiros dias de *castings* e rejeições constantes.

– Quando enfim consegui ter minha própria casa, queria o exato oposto. Então, eu a enchi com tudo que amava, mesmo que as coisas não combinassem.

Eu acreditava piamente que uma casa deveria parecer um lar. Livros deveriam ser lidos, sofás deveriam ser aproveitados, cozinhas deveriam ser usadas. Uma casa não era um museu; era uma trama de nossas personalidades e nossas vidas.

"Mas você vai ter que se mudar em breve." Vuk fez uma pausa. "A menos que o Jordan venha morar com você."

Meu sorriso se desfez.

– Não. Ele não vem morar comigo.

Jordan e eu concordáramos em nos mudar para a casa dele no Upper East Side depois de nos casarmos. Eu já deveria estar empacotando minhas coisas, considerando a nova data do casamento, mas não tinha sequer começado.

Não estava com medo. Só tinha andado ocupada com a Fashion Week. Só isso.

– Vai ser ótimo – comentei. – Terei muito mais... espaço.

Um espaço abafado, careta e lotado de antiguidades.

Jordan disse que eu poderia redecorar a casa para me sentir mais à vontade, mas qual seria o propósito, tendo em vista que me mudaria dali a alguns anos?

– Como você e o Jordan ficaram amigos? – perguntei, para conduzir a conversa para um terreno mais seguro. – Sei que vocês foram colegas de quarto, mas muitos colegas de quarto de faculdade não mantêm contato por tanto tempo depois da formatura.

Eu já havia perguntado a Jordan, mas "acabamos nos aproximando" foi vago demais para mim.

A expressão de Vuk era tão austera que eu não podia acreditar que pertencia à mesma pessoa que dera risada mais cedo.

"Se eu responder, essa vai ser sua terceira pergunta."

Soltei um grunhido. Parecia até que eu estava tentando arrancar uma confissão dele sob tortura, e não perguntando coisas básicas.

Ainda assim, tínhamos um acordo.

Hesitei, me questionando se valia a pena gastar a terceira pergunta com aquele assunto. Talvez devesse abordar algo mais profundo, como a origem de suas cicatrizes ou por que ele optava por não falar, mas pareceu invasivo demais. Não nos conhecíamos tão bem assim, e não queria forçá-lo a se abrir sobre algo que o deixaria desconfortável.

Eu *também* podia perguntar o que ele quisera dizer com o bilhete no avião. O papel tinha ido parar na gaveta da mesa de cabeceira, e eu o relia com mais frequência do que gostaria de admitir.

Eu não odeio você. Mas bem que queria odiar.

Ele poderia me dar muitas respostas, e eu não sabia ao certo se queria ouvir qualquer uma delas.

Assenti, indicando que ele poderia responder a pergunta. Estava mesmo curiosa sobre sua história com Jordan. Eles eram tão diferentes quanto a noite e o dia, e a amizade dos dois me surpreendia mais do que qualquer outra coisa que já havia descoberto sobre Vuk até então. Bem, além da história do bingo, sobre a qual não estava totalmente convencida.

"Não ficamos amigos de cara. Convivíamos bem, mas eu era quieto demais e ele era barulhento demais. Tínhamos... interesses diferentes. Depois, eu me meti em confusão e ele salvou minha vida."

Respirei fundo.

– Ele nunca me contou isso.

Vuk deu de ombros.

– O que aconteceu?

Havíamos esgotado as três perguntas. Como ele era muito reservado, eu não tinha o direito de me intrometer, e Vuk podia muito bem não responder. Mas algo naquele momento – a chuva caindo do lado de fora, as canecas de chá esfriando, o zumbido suave da secadora ao fundo – gerava uma sensação de intimidade.

Ou talvez tenha sido a imagem dele na minha cozinha, à vontade em meio a temperos organizados em ordem alfabética e cortinas translúcidas. Ele era bruto demais, frio demais, másculo demais... e, no entanto, encaixava-se perfeitamente ali.

Uma ilha de calmaria em meio a um mar de incertezas.

"Me envolvi com a turma errada. Devia dinheiro a eles, e não era uma boa ideia estar em dívida com gente daquele tipo. Quando Jordan descobriu, pagou o valor integral, sem nem perguntar nada." Outro dar de ombros. "O resto você já sabe."

Levando em conta a personalidade reticente de Vuk, ele havia me oferecido uma mina de ouro de informações.

Tentei analisar tudo.

Agora entendia por que ele era tão leal a Jordan, apesar de suas diferenças. Provavelmente se sentia em dívida com ele.

Mas que "turma errada" seria aquela com a qual Vuk tinha se envolvido na faculdade? Uma gangue, a máfia ou alguma outra organização criminosa? Eram as opções mais prováveis. Por mais assustadora que pudesse ser a receita federal, eles não saíam por aí matando pessoas que lhes deviam dinheiro.

A boca de Vuk se curvou diante de meu silêncio prolongado.

"Pergunta."

– Perguntar o quê?

"A quem eu devia dinheiro."

Seus olhos eram lascas de gelo em um rosto de pedra.

Não era difícil acreditar que Vuk tivesse se envolvido em atividades questionáveis no passado, mas isso não importava.

Balancei a cabeça.

– Não.

Os olhos de Vuk cintilaram de surpresa.

– Se você quiser me contar, tudo bem, mas qualquer coisa que tenha acontecido foi há mais de uma década. No final deu tudo certo, e o que passou passou. Seria injusto da minha parte reabrir velhas feridas, a menos que você se

sinta à vontade para falar do assunto.

Seus olhos glaciais derreteram, dando-me um vislumbre do homem que havia rido de forma tão bela e inesperada mais cedo. Fazê-lo baixar a guarda foi um dos meus maiores triunfos e não esperava repetir o feito, mas ainda assim senti falta da sinceridade daquele momento.

"Se for psicologia reversa, não vai funcionar. Não vou contar se você não perguntar."

Bufei, dividida entre o riso e a irritação.

– Não espero que diga nada... sério mesmo. Mas obrigada por me considerar uma manipuladora – completei, em tom de brincadeira.

"Você é muitas coisas, Ayana, mas manipuladora não é uma delas."

Parei de achar graça na mesma hora.

Era estranho como eu ouvia claramente a voz dele na minha cabeça, sendo que Vuk nunca havia enunciado uma única palavra para mim.

Segurei a beirada da bancada. O anel de noivado parecia insuportavelmente pesado, e tudo que eu queria era arrancá-lo. Um momento de liberdade. Era tudo de que eu precisava.

O olhar de Vuk se voltou para o diamante. Um frio perceptível tomou o ar.

Quando seus olhos voltaram aos meus, o peso do anel dobrou.

Eu ganhava a vida posando para câmeras. Aonde quer que eu fosse, olhos me acompanhavam. Observando, dissecando, julgando. Eu me moldava ao que outros queriam que eu fosse, porque esse era o meu trabalho, e estava acostumada a ser objeto de escrutínio.

No entanto, nenhuma multidão ou câmera me causava os mesmos sentimentos que Vuk – como se eu fosse eu mesma outra vez. Como se me *enxergassem*.

Um bipe alto desviou nossos olhares um do outro. O ciclo da secadora havia terminado.

Soltei a bancada e dei um passo para trás, com o coração batendo mais rápido do que deveria.

– Vou pegar...

Fui interrompida por uma batida à porta. Franzi a testa. Não estava esperando ninguém e já morava na cidade havia tempo suficiente para desconfiar de visitas repentinas.

No entanto, a presença de Vuk me deixou mais corajosa, então fui ver quem estava à porta enquanto ele pegava a camisa.

Meu estômago se revirou quando espiei pelo olho mágico.

Cabelo penteado para trás. Pele bronzeada. Rolex brilhante no pulso.

Mas que porra era aquela? Quando foi que meu agente começou a fazer visitas domiciliares?

Pensei em deixá-lo no corredor e fingir que não estava em casa, mas isso só adiaria o inevitável. Era melhor arrancar o band-aid de uma vez e acabar logo com aquilo.

Eu me preparei e abri a porta.

– Hank. O que está fazendo aqui?

Não era do meu feitio fingir educação. Minha casa era meu santuário, e não gostei nada daquela invasão.

Pela primeira vez, ele não me subestimou falando baboseiras sobre ter passado para saber como eu estava, por *pura* preocupação com meu bem-estar, mas seu rosto sério fez com que uma sensação gelada se espalhasse pelo meu peito.

– Precisamos conversar.

CAPÍTULO 14

Vuk



QUANDO AYANA SAIU PARA atender a porta, fui até a secadora. Peguei a camisa e me vesti enquanto minha mente fervilhava com os erros que havia cometido naquele dia.

Oferecer carona a Ayana. Aceitar o convite para subir. Contar a ela sobre meu passado com Jordan. Porra, *dar risada*.

Todos eles passos errados e perigosos que me aproximaram de sua órbita de interesse quando o correto a ser feito era eu manter o máximo de distância possível da noiva do meu amigo.

Havia lhe dito uma meia-verdade sobre a Irmandade e o motivo de eu ter precisado do dinheiro de Jordan, mas, se ela tivesse me pedido detalhes, talvez eu tivesse contado... não tudo, mas o suficiente para que ela olhasse para mim como outras pessoas olhavam. Como se eu fosse um monstro no corpo de um homem.

Ela me enxergava como um homem muito melhor do que eu jamais seria, e eu era egoísta e masoquista demais para destruir essa fantasia.

Se não podia tê-la por inteiro, preservaria então a parte dela que ainda me oferecia uma mínima chance de redenção.

Os cochichos na entrada do apartamento interromperam meus pensamentos. Uma voz masculina, outra feminina.

Ayana e quem? Jordan? Um vizinho simpático demais?

Quem diabos estava fazendo uma visita no meio de uma tarde de quarta-feira?

Fiquei incomodado com as possibilidades.

Fechei a tampa da secadora e fui até a sala. Ayana estava de costas para mim,

mas percebi a tensão emanando de seu corpo a metros de distância.

– Eu fui lá para uma consultoria sobre um assunto relacionado ao casamento. Só isso – disse ela, com um nervosismo por trás do tom calmo.

– Entendi.

A resposta irônica me fez travar a mandíbula. *O filho da puta do Hank Carson.* Reconheceria sua voz asquerosa em qualquer lugar.

– Muito curioso, considerando que a Brown, Kermit & Wells é especializada em contratos comerciais. Especificamente, na rescisão desses contratos.

– Um casamento é um contrato, e sem dúvida muita gente o considera um negócio. – A voz de Ayana esfriou mais um grau. – Eu amo o Jordan, mas seria tola de não me precaver.

Eu amo o Jordan.

Um nó violento se formou na minha garganta. Tentei engoli-lo à força, mas o gosto tóxico ficou, como uma mancha que se recusava a desaparecer.

– Bom saber. – O tom de Hank se suavizou o suficiente para quase esconder seu ceticismo. – Só queria garantir que estamos em sintonia. Emmanuelle ficaria chateada se soubesse que você está pensando em sair da agência.

Eu já tinha ouvido o bastante.

Cheguei por trás de Ayana, o corpo contraído pela tensão acumulada. Hank já estava no meu radar depois daquela ligação, na Califórnia, e eu vinha esperando pacientemente pelo momento certo para atacar.

Mas minha paciência estava se esgotando e, se ele continuasse com aquele tom de ameaça ao falar com ela, eu mandaria a paciência para o inferno e arrancaria a língua do infeliz.

Hank abriu a boca, mas congelou em choque ao me ver. Para seu crédito, ele se manteve firme dessa vez, em vez de fugir como havia feito na Vault.

– Sr. Markovic. Que surpresa. – Ele se recompôs, sua atenção oscilando entre mim e Ayana. Um brilho de curiosidade surgiu em seus olhos. – Não sabia que você e a Ayana eram tão próximos.

– Nós nos esbarramos mais cedo e ele foi muito gentil de me dar uma carona, por conta da chuva – explicou ela, antes que eu pudesse fazê-lo. – Eu o convidei para subir para que pudesse se secar. Agora, se era só isso que você queria discutir, tenho aula de kickboxing daqui a uma hora.

– Claro. Não quero atrapalhar o seu treino. – Hank franziu os lábios. – É uma pena você não poder ir a Paris e a Milão este ano, por conta do casamento.

Um ruído de advertência subiu pela minha garganta.

Ele se retraiu e deu um pequeno passo para trás antes de acrescentar

rapidamente:

– Um casamento que tenho certeza de que será lindo.

Hank me encarou outra vez. Por trás de um véu de medo, seus olhos ganharam um brilho especulativo. Podia apostar que ele já estava inventando mil histórias sobre o motivo de eu estar no apartamento de Ayana – histórias que usaria para coagi-la a cumprir suas ordens.

Já havia esbarrado com homens como Hank. Já havia matado homens como Hank.

Sabia exatamente como eles agiam.

Ele devia ter pressentido o perigo no ar, porque desviou o olhar e partiu com um adeus apressado.

Ayana fechou a porta com mais força do que o necessário e me encarou com uma ruga de irritação na testa.

– Desculpa. Eu não fazia ideia de que ele ia aparecer aqui.

"Ele tem o hábito de aparecer na sua casa sem avisar?"

– Não, por isso fiquei tão surpresa. – Ela suspirou. – Ele ficou sabendo que eu estive num escritório de advocacia umas semanas atrás. Um escritório conhecido por livrar os clientes de contratos rígidos. E suspeitou que estou planejando deixar a Beaumont.

Um sussurro gelado percorreu minhas veias. Minha equipe não conseguiu confirmar meu palpite sobre a fundadora, o que me preocupou ainda mais. Ou eu estava exagerando na conexão que havia feito com o dossiê, ou Emmanuelle Beaumont tinha contatos fortes o suficiente para limpar seu histórico.

De todo modo, Ayana estaria melhor ficando bem longe dessa agência, mas eles não abririam mão de sua melhor modelo assim tão facilmente.

"E você vai? Deixar a Beaumont?"

Ela hesitou por um instante.

– Estou cogitando isso, sim. – Suas palavras eram cheias de cautela. – Há muita coisa em jogo, por isso procurei um advogado. Não disse nada ao Hank por motivos óbvios. Se eu ficar na Beaumont e eles descobrirem que eu pensei em sair, os impactos na minha carreira seriam... terríveis.

Eu não estava familiarizado com os meandros do mundo da moda, mas sabia que certos agentes detinham um poder desproporcional sobre suas modelos. Emmanuelle Beaumont era uma delas.

Observei Ayana, que apertou a maçaneta da porta outra vez, talvez inconscientemente. Ela me olhava com tanta firmeza que era como se estivesse se forçando a fazer contato visual para que eu não achasse que estava mentindo.

Ela não estava feliz na Beaumont, isso estava bem claro. Mas, com base nas poucas interações que presenciara entre ela e Hank, poderia apostar que Ayana já estava decidida a deixar a agência. Apenas não queria dizer isso em voz alta ainda.

"Por que você quer sair?"

– Parece que o jogo virou, e agora sou eu respondendo às perguntas. – O breve sorriso de Ayana desapareceu. – Trabalho com a Beaumont desde o início da minha carreira. Eles fizeram muito por mim, mas acho que está na hora de ter outras experiências. Além disso, o Hank é... Temos personalidades e formas de trabalhar conflitantes.

Havia mais coisa nessa história. Sempre havia.

Já tinha ouvido histórias terríveis sobre a maneira como as agências tratavam algumas de suas modelos. Talvez o sucesso de Ayana a protegesse do pior, mas mesmo grandes nomes não estavam imunes à exploração e ao abuso, em um setor tão mal regulamentado.

O público geral pensava que celebridades podiam fazer o que quisessem, mas muitas eram subordinadas a suas agências, gravadoras e outros contratantes.

Algo sombrio e insidioso se agitou em minhas entranhas. Precisava me aprofundar na relação de Ayana com a Beaumont, mas, naquele momento, tinha uma pergunta mais urgente: se Ayana não queria que a agência soubesse que ela ia sair, como Hank havia descoberto a visita ao escritório de advocacia?

– Não faço ideia de como ele ficou sabendo que eu me encontrei com um advogado – disse ela, como se tivesse lido minha mente. Ela tirou a mão da maçaneta e tocou o pingente no pescoço. – Mas não deveria estar surpresa. Ele sabe de tudo.

Estreitei os olhos.

"Explique."

Ela hesitou por um momento a mais do que o normal.

– Ele sempre dá um jeito de descobrir as coisas – revelou ela, por fim. – Por exemplo, ele sabia que era você quem estava comigo na Califórnia, e não o Jordan. Comentou a respeito durante a ligação, mas eu não tinha contado nada. Outras coisas também... pequenos detalhes sobre lugares que visitei e pessoas com quem me encontrei fora do trabalho. Nunca perguntei nada porque não quero que ele saiba que isso me incomoda. – Ela soltou uma risada pesarosa. – Talvez esteja sendo paranoica, mas sinto que, se eu fizer algum comentário, vou piorar as coisas. E ele vai me monitorar com mais cuidado, pra que eu nunca descubra como faz isso.

Um frio cortante correu em minhas veias, gelado, mas *abrasador*.

– Antes que você me pergunte: sim, eu vasculhei o apartamento e todos os meus aparelhos eletrônicos atrás de escutas – disse Ayana. – Não encontrei nada.

"Com que frequência você faz isso?"

Mantive meus gestos supercontrolados, mesmo sentindo que a fera dentro de mim espumava pela boca, pronta para ir atrás de Hank.

Ela fez uma expressão envergonhada.

– Humm, duas vezes, no total?

Meu Deus. Minha equipe vasculhava minha casa, meu carro, meus escritórios e meus dispositivos eletrônicos diariamente. Era difícil se livrar de hábitos antigos, e o mundo corporativo podia ser tão cruel quanto o mundo do crime.

"Há certos dispositivos de vigilância que os detectores de escutas básicos não captam." Eu sabia bem disso, porque já os tinha usado. "Vou pedir para minha equipe verificar. Eles serão discretos, e aí vamos entender o que está acontecendo."

Ayana soltou um suspiro trêmulo.

– Obrigada. É muita gentileza sua. De verdade.

"Entrarei em contato", disse, indo em direção à porta.

– Você já vai? Quero dizer, você ainda nem terminou o chá – falou Ayana, um pouco sem jeito.

Quase sorri pela segunda vez naquele dia.

Queria ficar. Ela com certeza estava abalada por causa do encontro com Hank... e era exatamente por isso que eu precisava ir embora.

"Fica para a próxima." Abri a porta. "Tenho umas questões de trabalho pra resolver."



Hank morava em um apartamento no lado oeste da cidade. Era um prédio surpreendentemente mediano para um homem que ostentava relógios caros e falava com tanta arrogância, mas o contraste fazia sentido com o que eu conhecia da natureza humana.

Homens medíocres gostavam de ostentar.

Estacionei a alguns quarteirões de distância e entrei com toda a tranquilidade no prédio sem porteiro. A busca pelo Irmão misterioso teria que esperar mais um dia. Eu tinha uma questão mais urgente para resolver.

Uma mensagem para Sean e eu havia conseguido o endereço e a placa do

carro de Hank, e um palpite me levava a crer que o agente tinha ido direto para casa depois de ameaçar Ayana.

O cargo de agente sênior na Beaumont garantia a ele flexibilidade para trabalhar de casa. Estava muito tarde para o almoço e muito cedo para o jantar, e o apartamento de Ayana ficava relativamente longe dos bairros onde o pessoal da moda costuma se encontrar. Se estivesse com uma tarde cheia, Hank não teria tido tempo de ir visitá-la *e* voltar para suas reuniões. Portanto, sua localização mais provável era em casa.

Uma batida provou que eu estava certo.

Hank abriu a porta, ainda com a mesma camisa e o mesmo relógio cafona que usava mais cedo, e arregalou os olhos ao me ver.

– O que você está... Ei! – Ele deu um grito quando forcei a entrada. – Você não pode entrar desse jeito! É invasão de propriedade!

Ignorei o falatório e examinei o apartamento com um olhar impassível. Tinha conceito aberto, de modo que não havia paredes separando a sala da cozinha e da área de jantar. Televisão de tela plana, revistas empilhadas na mesa de centro, louça suja na pia. O típico apartamento de um cara solteiro.

– Sai daqui ou eu chamo a polícia. – Hank mexeu no celular, a mão tremendo. – Agora mesmo.

Fui até a cozinha e peguei uma maçã da cesta de frutas.

– Você me ouviu? – A voz dele ficou mais aguda. – Estou ligando pra polícia!

Peguei uma faca do bloco de madeira.

Hank ficou pálido, mas não ligou para a polícia. Eles demorariam a chegar e eu podia fazer muita coisa em pouco tempo.

– É por causa da Ayana? – perguntou ele, adotando um tom persuasivo. – Porque eu juro que só fui até lá para ver como ela estava. Ayana é uma das minhas agenciadas mais importantes. Eu me preocupo com o bem-estar dela.

Curioso como ele mudou rápido de postura. Não parecia mais tão durão, agora que não tinha um alvo fácil para intimidar.

Lentamente, descasquei a maçã com a faca. O movimento metódico conteve minha raiva, mas, quanto mais Hank tagarelava, mais difícil era me segurar.

A voz dele me fez lembrar sua conversa com Ayana. A conversa com Ayana me fez lembrar como ela ficou chateada... e o que eu tinha ouvido antes de aparecer na frente de Hank.

Eu amo o Jordan.

O fio afiado da lâmina cortou a polpa da maçã. Um pedaço caiu na pia junto com a casca.

Ela estava mentindo ou falando a verdade? Havia me convencido de que ela não estava tão animada com o casamento quanto uma noiva deveria estar.

Talvez estivesse enganado.

A última fatia de casca caiu na pia. Dei uma mordida na maçã e Hank caiu num silêncio profundo. Parecia ter se dado conta de que suas chances de sobrevivência seriam maiores se não falasse tanto.

Não dei uma segunda mordida. Em vez disso, fui até ele, com a faca e a maçã na mão. Meus passos ecoaram no piso de madeira.

Hank recuou um pouco, até chegar ao sofá. Olhou para a porta, avaliando suas chances de escapar antes que eu o alcançasse. Não eram boas.

Parei a trinta centímetros de distância. De perto, os olhos de Hank estavam um pouco vermelhos, e ele fedia a perfume. Ele me olhava fixamente, com o rosto mais pálido do que o normal.

Minha raiva borbulhava e se expandia, lutando contra as amarras, implorando para ser libertada e descarregar minhas frustrações em um sujeito que não passava de um babaca arrogante.

O casamento. A Irmandade. O estresse no rosto de Ayana enquanto conversava com ele.

Tudo isso incomodaria bem menos depois de uns cortes bem dados.

Meus olhos oscilaram entre o rosto de Hank, sua mão e o sofá, e depois retornaram. Uma ruga se formou entre as sobrancelhas dele, até que a ficha caiu.

Ele abriu a boca, fechou-a, então apoiou a mão trêmula no encosto do sofá.

Balancei a cabeça e ergui o queixo. Ele hesitou antes de virar a palma da mão para cima. Gotas de suor pontilhavam sua testa.

Coloquei a maçã na mão dele – suavemente, quase com delicadeza.

Um segundo se passou.

A ruga diminuiu e os ombros dele relaxaram.

– Se você...

Ele deu um grito agudo quando cravei a faca. Foi tão rápido que Hank não teve chance de reagir antes que eu enfiasse a lâmina bem no miolo.

Seu grito ainda ecoava quando a ponta da lâmina atingiu sua carne. O sangue manchou a fruta, seu leve odor acobreado se misturando ao cheiro de urina enquanto Hank se mijava.

Ele segurou a maçã, aparentemente catatônico de choque, e eu dei um passo para trás. A faca tremeu com a força residual do meu golpe antes de enfim parar.

Se não tivesse parado naquele ponto, teria rompido músculos e ossos, inutilizando sua mão direita.

Crispei os lábios. Fora um corte superficial, mas o fato de quase ter sido mutilado havia feito a falsa valentia do agente cair por terra. Hank estava branco feito cera e tremia como uma folha solitária ao vento.

Ele não tinha problemas em ameaçar ou espionar Ayana, mas bastava apertar um pouco que se mijava todo.

Patético.

Eu o deixei lá no apartamento, coberto de mijo e sangue, e voltei calmamente para o carro.

Se dependesse de mim, teria ido mais longe. No entanto, Ayana foi a última pessoa vista com Hank (as câmeras de segurança do prédio dela com certeza haviam registrado sua chegada), e eu não queria envolvê-la em uma investigação de homicídio.

Então, não, ainda não podia lidar com o agente da forma que queria, mas havia conquistado o resultado pretendido.

O que aconteceu no apartamento de Hank provou que nem sempre são necessárias palavras para se comunicar.

Ele tinha ouvido meu aviso em alto e bom som.

CAPÍTULO 15

Vuk



– VOCÊ CONSEGUIU! – Jordan deu um tapa no meu ombro. – Porra, estou orgulhoso de você, cara. A noite está incrível.

Fiz um ruído qualquer em resposta. Tínhamos definições bem diferentes de "incrível".

Era sábado, a noite da tão temida despedida de solteiro. Jordan estava se divertindo como nunca, e eu teria preferido me atirar em uma piscina de ácido de bateria. Seria um milagre se conseguisse terminar a noite sem matar alguém.

Enquanto Jordan foi buscar outra rodada de shots, fiquei no meu lugar em um canto. Estávamos apenas na segunda parada do roteiro meticulosamente planejado, e eu não parava de olhar o relógio. *No mínimo* mais quatro horas daquela palhaçada antes de encerrarmos a noite.

Meu Deus. Por que alguém não me dava logo um tiro?

O único ponto positivo da noite era o quanto Jordan estava feliz e relaxado. Pensar nele e em Ayana juntos fazia minhas entranhas se revirarem, mas, como seu amigo, eu estava mesmo feliz por ele estar se divertindo.

Jordan havia deixado claro que não queria nada extravagante para a despedida de solteiro – nenhuma viagem, nenhuma performance ou atividade ridícula –, então eu havia me limitado ao trio que nunca falhava: música, álcool e mulheres.

A primeira parada foi o salão VIP da Vault, que Xavier havia reservado só para nós. As bebidas de primeira linha e o DJ islandês famoso deram lugar ao piso pegajoso e às luzes de neon cafonas do bar asqueroso onde nos encontrávamos naquele momento.

Para alguém que crescera cercado de luxo, Jordan tinha uma queda por espeluncas como aquela. O Soggy Bottom era a cara dele, embora não se pudesse dizer o mesmo de todos os presentes na despedida de solteiro.

– Que bar... pitoresco. – Kai Young fez uma careta quando uma morena seminua jogou a cabeça para trás e bebeu cerveja de um funil. Ao lado dela, dois rapazes com pinta de universitários batiam no peito e gritavam como gorilas imbecis. – Como foi mesmo que você descobriu este lugar?

Ele parecia estar achando graça, mas, de todos os presentes, o aristocrático magnata da mídia britânica era o que tinha menos chances de pisar de bom grado naquele estabelecimento.

Dei de ombros, irritado demais com o barulho, as pessoas e a noite de modo geral para responder.

Éramos oito no total: eu, Xavier, Jordan, seu primo Topher, seu amigo Will, do colégio interno, e alguns colegas de trabalho e conhecidos mais próximos. Na alta sociedade nova-iorquina, até mesmo eventos privados, como despedidas de solteiro e casamentos, eram meras desculpas para fazer networking.

Como CEO de um império de mídia, cujas publicações de moda tinham Jacob Ford como um dos principais anunciantes, Kai pertencia à categoria networking. Assim como Dante Russo, CEO de um conglomerado de produtos de luxo.

O oitavo e último membro do grupo era o único mais próximo da linha entre amigo e conhecido. Killian Katrakis era amigo próximo da família Ford e, por isso, aceitara que a festa de casamento fosse realizada em sua famosa propriedade ancestral na Irlanda. Entretanto, ele era oito anos mais velho que Jordan, e os dois raramente se encontravam, exceto em eventos familiares.

Quando Kai saiu para se juntar a Jordan no bar, virei um copo de vodca pura. O álcool vagabundo deixou uma trilha ardente em minha garganta.

Tínhamos mais três paradas depois daquela – dois bares e o clube de entretenimento do Valhalla. Era muito superior ao Vermilion Lounge em termos de classe e qualidade, mas não foi por isso que o incluí no roteiro.

Queria ver o que Jordan faria ao ser confrontado com a tentação – se ele permaneceria fiel ou se vacilaria. Se seria respeitoso ou se deixaria os olhos e as mãos vagarem além do aceitável.

Era um gesto bem manipulador da minha parte, mas eu nunca disse que era santo.

– Por que você está com essa cara de merda?

Ignorei Dante quando ele parou ao meu lado. Além de conduzir o Russo

Group, era também o próximo na fila para assumir o comitê de gestão do Valhalla. Trabalháramos juntos por meses preparando a transição, por isso eu o conhecia melhor do que muitos dos outros participantes.

Isso não significava que eu quisesse conversar. Odiava festas e odiava ficar de papinho.

Dante seguiu meu olhar até Jordan, que estava rindo com Xavier e Topher.

– O noivo parece estar se divertindo. Algum motivo para você estar olhando para ele como se quisesse matá-lo?

Voltei meu olhar para o italiano e digitei uma resposta no celular.

Você não deveria estar em casa com a sua esposa e a sua filha?

Não importava que Jordan o tivesse convidado. Ele não precisava aceitar.

O sorriso de Dante se desfez ao me olhar de volta.

– Deveria – resmungou ele. – Mas a Josie está com a avó, e a Vivian saiu com as amigas.

Ele parecia desapontado além da conta com a situação.

Eu não entendia. Quem não ia querer tirar folga de um bebê que não parava de berrar?

Voltei a atenção para o bar. Em menos de dois meses, Jordan e Ayana estariam casados.

Ela se mudaria para a casa dele. Dormiria na cama dele. Acordaria ao lado *dele* todas as manhãs e o beijaria carinhosamente todas as noites.

Um dia, também teriam filhos, e estariam unidos para sempre, mesmo que se divorciassem.

A vodca agitou-se em minhas entranhas. Bati o copo vazio na mesa ao meu lado com tanta força que ouvi um pequeno estalo.

Dante arqueou as sobrancelhas, mas foi esperto o bastante para ficar quieto, embora seu olhar intrigado tenha permanecido em mim enquanto Jordan e o resto do grupo se juntavam a nós.

– Parece que você precisa de outra bebida. – Jordan me entregou outra vodca. Seu rosto estava corado, um sinal claro de que estava bêbado. – Vamos, relaxe um pouco! A noite está incrível.

Peguei a bebida e a tomei de um só gole.

A despedida de solteira de Ayana também era naquele dia. O que será que estavam fazendo? Também estariam em um bar ou em um clube de striptease?

A imagem de um dançarino besuntado em óleo se esfregando nela passou pela minha cabeça. Fechei o punho, querendo entrar em minha mente e tirar o idiota imaginário de cima de Ayana.

Will fez uma careta.

– Não acredito que você bebe vodca pura. Que... – Ele parou de falar quando o encarei. – Legal – disse apressadamente. – Muito legal.

– E você está animado para o casamento? – perguntou Kai a Jordan. – Está chegando o grande dia.

Uma sombra cruzou o rosto de Jordan.

– Estou animado, mas gostaria que as circunstâncias fossem diferentes – respondeu ele. – Pelo menos minha avó vai poder comemorar com a gente.

Todos soltaram os murmúrios obrigatórios em solidariedade à debilitada matriarca dos Fords.

– Vai ser bom resolver logo a cerimônia, para que vocês possam aproveitar a festa – disse Killian.

Ele era um gigante do mundo da eletrônica e das telecomunicações, e estava encostado em uma grade próxima, chamando a atenção de várias participantes das despedidas de solteira nos arredores.

– Minha equipe está bem animada para finalmente realizar um casamento em Westford, já que perderam a esperança em mim.

Westford era o castelo da família dele no condado de Mayo, e Killian era um notório solteirão que havia jurado publicamente nunca se casar. Isso não impedia que todas as mulheres de Manhattan tentassem conquistá-lo – um esforço que se mostrara inútil ao longo dos anos.

– Quer algum conselho dos casados do grupo? – Topher apoiou a mão no ombro de Jordan. – Ele nunca teve um relacionamento longo antes da Ayana. Precisamos prepará-lo antes que ele cometa algum erro fatal. Não vou pegar um avião até a Irlanda só para ele se divorciar um mês depois.

Risos e gargalhadas por toda parte.

Um divórcio rápido. *Essa* era uma boa ideia. Eu me consolei com a possibilidade, por mais remota que parecesse.

– Ei, tenha um pouco mais de fé em mim – protestou Jordan. – Eu e a Ayana nos damos muito bem. Nós nunca nem brigamos.

– Isso é porque vocês nunca nem se casaram – rebateu Topher.

– Meu conselho: não dê ouvidos a ninguém que diga que você tem que se dar bem com seus sogros – disse Dante. – Quanto menos você encontrar com eles, melhor. Sogros são babacas.

– Não – corrigiu Kai. – Os *seus* sogros são babacas. Os meus são uns amores.

Mais risadas enquanto Dante olhava feio para o amigo.

Sua esposa, Vivian, tinha uma relação notoriamente difícil com o pai. Fora

ele quem arranjara o casamento dela com Dante.

Embora o relacionamento de Dante e Vivian tivesse dado certo, havia rumores de que Francis Lau havia se utilizado de manobras questionáveis antes do casamento, conquistando o eterno desprezo da filha e do genro.

– Eu gosto dos pais da Ayana, então acho que isso não será um problema – disse Jordan. – Eles são muito simpáticos e fazem a melhor comida do mundo.

Dante abriu a boca, mas Kai o cortou.

– Não dê ouvidos ao Russo. Ele é incapaz de superar qualquer rancor. Meu conselho é que você ouça, seja paciente e nunca, jamais, reorganize os livros da sua esposa sem autorização. – Kai franziu a testa. – Você pode até achar que a ordem alfabética por título faz sentido, mas, pelo visto, não é "esteticamente agradável".

– Por que você reorganizou os livros dela? – Xavier pareceu chocado. – É a regra número um de qualquer relacionamento, casamento ou não. Não mexa nas coisas da outra pessoa. Se eu tentasse reorganizar as coisas da Sloane, não estaria aqui agora. Estaria morto.

– Ela estava atrasada com um trabalho, e eu só queria ajudar – disse Kai, na defensiva.

– Bem, foi uma ideia idiota. – Xavier se virou para Jordan. – Não sou casado, mas, pessoalmente, acho que o segredo para um casamento feliz é transar todo dia. Duas vezes por dia, até.

Senti os dentes rangerem. *Porra, Xavier.* Não podia matá-lo, mas com certeza podia me imaginar fazendo isso.

– Meu Deus – disse Topher, com um grunhido. – Ninguém tem *nenhum* conselho prático? Jordan, você está ferrado.

– Pense pelo lado positivo. – Killian sorriu para Jordan, que parecia cada vez mais nervoso. – Se você se separar, vai ter o Davenport para te dar dicas de como reconquistá-la. Deu certo pra ele.

– Aliás, cadê ele? – perguntou Xavier. – Sei que está em Manhattan.

– É o aniversário de casamento deles. Do primeiro casamento. – Dante abriu um sorriso debochado. – Ele nunca mais vai perder *essa* data.

Dominic Davenport era um poderoso financista de Wall Street, cuja esposa havia pedido o divórcio dois anos antes. Eles se casaram novamente menos de um ano depois da separação. Eu não sabia dos detalhes do divórcio e da reconciliação, mas, com base na alfinetada de Dante, presumi que tivesse a ver com o aniversário de casamento.

Na verdade, eu não dava a mínima. Já tinha problemas suficientes sem ter

que lidar com os de outras pessoas.

Enquanto o resto do grupo continuava a provocar Jordan em relação à sua vida conjugal, passei os olhos pelo bar.

Minha equipe ainda não havia descoberto nada a respeito do Irmão misterioso. Eu não estava tão preocupado assim com um ataque da Irmandade a ponto de redobrar a segurança para aquela noite (estava com alguns dos homens mais poderosos da cidade e a organização não tinha interesse em provocar um escândalo), mas precisava ficar alerta.

O tempo estava passando. Mais cedo ou mais tarde, a Irmandade voltaria a agir. Meu trabalho era encontrá-los, neutralizá-los e descobrir o que queriam antes que eles dessem cabo de qualquer que fosse o plano deles.

Topher saiu para ir ao banheiro – ao menos, tentou. Esbarrou em outro cliente no caminho, e tudo pareceu ficar em silêncio quando o sujeito se virou e o encarou.

– Qual é a sua? – rosnou.

O homem era quase tão alto quanto eu e duas vezes mais largo, com braços que pareciam troncos de árvores e uma barba de lenhador que cobria metade do rosto.

– Foi mal. – Topher ergueu as mãos. – Estava só tentando passar.

– Ah, é? Bem, você derramou a minha bebida. – O homem apoiou o copo com força na mesa mais próxima. As pupilas dilatadas e o bafo de álcool deixaram claro que estava bêbado. – Acha que pode simplesmente sair por aí esbarrando nas pessoas porque quer "passar"?

O primo de Jordan parecia um cervo paralisado sob a luz de faróis. Era um herdeiro mimado, que tinha a metade do tamanho do Lenhador. Uma briga entre os dois só poderia ter um resultado.

– Foi sem querer, mas entendo por que você ficou irritado – interveio Kai, sempre a voz da razão. – Que tal pagarmos outra bebida para você e ficarmos quites?

O Lenhador fez uma careta.

– Acho que não.

Ele deu um empurrão em Kai. Com força.

Kai olhou para baixo, onde as marcas de mãos molhadas tinham manchado sua camisa antes imaculada. Quando voltou a encarar o homem, sua expressão estava mais dura do que pedra.

– Isso foi um erro – disse ele.

A situação evoluiu de tal maneira que ninguém teria sido capaz de fornecer

um relato preciso, nem se quisesse.

O Lenhador foi para cima de Kai, que se esquivou do golpe bêbado e acertou o sujeito em um ponto que o fez se curvar para a frente. Um dos amigos do Lenhador entrou na briga, mas Dante o puxou para trás antes que os dois se unissem contra Kai. O resto foi um borrão.

Mais pessoas se juntaram à briga, que não parava de crescer. Uma aglomeração se formou, gritos irromperam, e então vi o segurança do bar abrindo caminho para chegar aos culpados.

Em qualquer outra noite, talvez tivéssemos conseguido sair de lá apenas com alguns queixos e egos feridos.

Infelizmente, eu já estava no limite e, quando outro dos amigos do Lenhador tentou me provocar, algo dentro de mim se rompeu.

– Tá aí parado por quê? Tem medinho de brigar? – provocou ele, seu olhar recaindo sobre minhas cicatrizes. – Qualquer um diria que um filho da puta feio desse jeito...

Agarrei-o pela gola da camisa e o atirei contra a grade. A madeira vagabunda se estilhaçou com o impacto, e seu uivo de dor foi tão alto que todo mundo parou para olhar.

Minha visão estava tingida de vermelho. Um zumbido familiar enchia meus ouvidos enquanto eu ia até aquele babaca.

Alguém me agarrou por trás quando cheguei à metade do caminho. Tentaram me conter com uma chave de braço, mas me livrei facilmente. O cara caiu voando sobre uma mesa cheia de copos pela metade. A mesa se espatifou no chão, espalhando cacos por todo lado.

A música parou quando gritos tomaram conta do bar. O segurança finalmente chegou ao centro da confusão, mas, quando tentou separar a briga entre a despedida de solteiro de Jordan e os amigos do Lenhador, alguém lhe deu um soco no olho.

E foi nessa hora que tudo se transformou num caos completo.

CAPÍTULO 16

Ayana



– O QUE VOCÊ acha que os rapazes estão fazendo agora? – perguntou Indira. – Será que estão com uma stripper no colo? Bebendo em algum lugar? Devíamos nos juntar a eles.

– Não é assim que funcionam as despedidas de solteira – disse minha irmã mais velha, Liya, encarando-a com uma expressão séria. Tínhamos as mesmas maçãs do rosto destacadas e a mesma pele negra, mas ela era mais baixa e seus traços eram mais delicados. – Vamos *parar* de pensar nos caras e celebrar *a Ayana*? Esta noite é dela.

Indira deu de ombros, um pouco constrangida. Era uma das poucas modelos que eu considerava amiga, em vez de colega de trabalho. Não nos víamos toda semana, mas muitas vezes éramos contratadas para os mesmos trabalhos e passávamos muito tempo reclamando do setor e nos lamentando.

– Desculpa, mas não consigo. Você viu os convidados da despedida de solteiro? É tipo uma lista dos homens mais gatos de Nova York. – Ela lançou um olhar rápido na minha direção. – Não que eu não esteja me divertindo com vocês. Esta é, tipo, a despedida de solteira mais tranquila de todos os tempos.

Seu tom indicava que isso não era necessariamente uma coisa boa.

Todas as minhas primas moravam em outras cidades e não puderam comparecer ao evento, então éramos apenas cinco no grupo: eu, Indira, Sloane, Liya e minha cabeleireira amada, Kim.

Estávamos jantando em um restaurante famoso pela decoração kitsch, pelo extenso menu de coquetéis e pelos garçons belíssimos. Era um local popular para despedidas de solteira, como evidenciado pelas muitas mulheres usando faixas e

tiaras espalhadas pelo espaço animado.

Eu havia recusado a faixa e a tiara, mas estava usando um vestido novo da Stella Alonso e meus sapatos favoritos. Podia até não estar me casando por amor, mas isso não era motivo para não estar belíssima na minha despedida de solteira.

– Muito bem, já chega de *tranquilo* por hoje – disse Kim. Ela estava beirando os 50 anos, mas tinha uma vida social mais animada do que metade das jovens de 20 e poucos que eu conhecia. – Chega de ficar tomando coquetéis como se estivéssemos na droga de um clube do livro. Está na hora de agitar um pouco as coisas.

Liya cruzou os braços.

– Como? Não tem pista de dança.

No papel de madrinha de casamento, tinha sido ela quem planejara a noite: jantar seguido de um *escape room* personalizado e coquetéis mais tarde em um *speakeasy* de jazz. Eu não era muito de baladas e fiz Liya jurar que não me faria chegar perto de tanquinhos nus ou sobremesas em formato de pênis. O roteiro era perfeito, ainda que "tranquilo" demais para Indira.

– Como se fosse preciso uma pista para dançar. – Kim bufou. – Mas não era isso que eu tinha em mente. Se vamos passar a noite juntas, devíamos nos conhecer melhor. Alguma coisa simples, divertida, ousada...

– Tipo um *drinking game*! – O rosto de Indira se iluminou. – Que tal "Eu nunca"? É um clássico.

– Sei lá. – Sloane torceu o nariz. – Não brinco disso desde a faculdade.

– Tá explicado – disse Kim. – Sem querer ofender, mas, pela sua cara, você precisa de mais uns três drinques e uma boa dose de relaxamento. Se solta. Vai se sentir melhor.

Seu tom foi caloroso e instigante. Mesmo assim, lancei um olhar apreensivo para Sloane, que não levava desaforo pra casa. Ela era um pouco mais travada do que o resto das minhas amigas, mas eu a conhecia havia tempo suficiente para saber que era capaz de se soltar e se divertir quando queria, ainda mais depois de ter começado a namorar Xavier.

Para minha surpresa, Sloane não ligou para o comentário de Kim.

– Bem que eu queria mesmo outro drinque – concordou ela. – Essa semana foi um inferno no trabalho.

– Está decidido, então. – Indira bateu palmas. – Vai ser "Eu nunca".

Pedimos uma nova rodada de margaritas, e Indira deu o pontapé inicial depois que me recusei a ser primeira.

Ela pensou por um segundo antes de anunciar:

– Eu nunca participei de uma suruba. Ainda.

Kim tomou um gole discreto, provocando arquejos chocados ao redor da mesa.

– O que foi? – Ela deu de ombros. – Os anos 2000 foram uma loucura.

Depois *dessa* surpresa, a brincadeira esquentou de vez. Cada confissão era mais picante do que a anterior e, quando finalmente chegou a minha vez, não consegui pensar em nada de bom que já não tivesse sido dito.

– Eu nunca... gozei várias vezes com um cara na mesma noite.

Foi a melhor ideia que me ocorreu, mas não esperava que todas bebessem. Fiquei boquiaberta.

– Sério? Vocês estão me dizendo que *todas* vocês já tiveram vários orgasmos numa mesma noite? Isso é estatisticamente impossível!

A maioria das mulheres tinha sorte de gozar uma vez, quem dirá duas ou mais.

– Se você explorar o suficiente, tudo é possível – disse Indira. – Mas admito que, nesse aspecto, costumo ter mais sorte com mulheres do que com homens. Elas são melhores em ir direto ao ponto, se é que vocês me entendem.

– Eu dei sorte de conhecer um francês *muito* talentoso durante o intercâmbio. – Kim se abanou. – Gerard. Ai, ai! Ainda penso nesse homem de vez em quando.

Voltamos a atenção para Sloane, que balançou a cabeça.

– Não vou discutir minha vida sexual em um restaurante com luminárias em forma de banana. Mas... – Ela deu de ombros, com um brilho de malícia iluminando seus olhos azuis. – Vou dizer apenas que não tenho do que reclamar nesse departamento.

– Você. Não ouse abrir a boca – avisei minha irmã. – Ou nunca mais vou olhar para o Nathan do mesmo jeito.

Não conseguia imaginar meu cunhado, tão calmo e tranquilo... *Não*. Estremeci. *Melhor parar por aí.*

Liya riu.

– Sem detalhes, mas o que posso dizer é que, às vezes, é preciso um pouco de orientação. Quando você fica à vontade com alguém, não tem medo de dizer o que funciona e o que não funciona para você. E aí todo mundo fica feliz.

– Você precisa falar para o Jordan se dedicar mais. – Kim soltou um muxoxo. – Sei que estão apaixonados e tudo mais, mas já vi o cara dançando. O pobre coitado tem menos ritmo do que uma tábua de passar.

Eu não deveria, mas uma risada escapou antes que pudesse me conter.

Se elas ao menos soubessem o quanto aquela conversa era irrelevante para minha vida sexual no momento... Jordan poderia ser o melhor ou o pior amante do mundo, e eu não faria a menor ideia. Não tínhamos feito mais do que nos beijar, apenas para manter as aparências... e íamos nos casar dali a um mês.

Minha alegria desapareceu ao pensar em cinco anos de celibato. Não conseguia cogitar a possibilidade de ter um caso, nem mesmo sancionado pelo meu marido, mas...

Sem "mas". Você sabia no que estava se metendo. Agora é tarde demais para ficar em dúvida.

– Sabe do que você precisa? – Indira se inclinou para a frente. – Apimentar sua vida sexual. Ficar confortável *demais* também pode ser um problema. Experimenta um *ménage*.

– Você não deveria aconselhar a Ayana a levar uma terceira pessoa para a cama durante a despedida de solteira – comentou Sloane. – Mas concordo que precisa dar uma apimentada. Tenta transar em algum lugar proibido, tipo o escritório dele.

– *Ou* usar uns apetrechos – sugeriu Liya. – Tipo algemas ou grampos de mamilos.

Quase me engasguei com a bebida.

– *Liya.*

– Não me venha com "Liya". Estou casada há dez anos. Se não encontrássemos maneiras de manter as coisas interessantes, morreríamos de tédio.

– É a mais pura verdade. – Kim gargalhou. – Eu sabia que um joguinho seria uma boa ideia. Dito isso, converse com o Jordan antes de dar a louca numa sex shop. Ele não parece o tipo de homem que gostaria de usar algemas *nem* grampos de mamilos.

– Ele tem mesmo cara de quem mete fofo – refletiu Liya. – Nada contra, mas esse tipo de cara não costuma ser muito aventureiro na cama.

– As aparências enganam, hein? – As bochechas de Sloane estavam muito coradas. As margaritas estavam fazendo efeito. – De acordo com uma amiga minha, os quietinhos são um perigo.

– Ah, eu acredito. Sabe quem se encaixa nessa descrição? – Um sorriso malicioso se espalhou pelo rosto de Indira. – Vuk Markovic.

Dessa vez, me engasguei de verdade. Comecei a tossir enquanto a tequila e o suco de limão subiam pelo meu nariz.

Eu me recuperei o mais rápido possível, mas meus olhos ainda estavam

lacrimejando quando o resto do grupo se concentrou no nome de Vuk.

– Quem é esse mesmo? – perguntou Kim. – O nome não me é estranho.

– O padrinho do Jordan – disse Indira, então mexeu no celular e o entregou a Kim.

– Ahhh. Esse, *sim*, tem cara de quem mete forte. – Os olhos de Kim brilharam. – Bem o meu tipo.

– Você é casada com um contador – comentei.

– Você já viu um contador na época da declaração do imposto de renda? – rebateu ela. – Eles podem ser assustadores.

– Ah, fala sério, Ayana. – Indira cutucou minha perna com o pé. – Vai me dizer que não tem curiosidade com o Vuk? Ele tem essa cicatriz bizarra, mas meio que faz parte do charme. Perigoso é sexy.

Fiquei indignada com o uso da palavra "bizarra" e resisti ao súbito desejo de esganar uma das minhas poucas amigas na cidade.

– Nunca olhei para ele com maldade – respondi, tensa. – Estou noiva. Lembra?

Como tínhamos chegado a esse ponto? Não tinha a menor intenção de discutir a vida sexual de Vuk naquela noite... nem nunca. Na verdade, quanto menos pensasse nele, melhor.

– E daí? Virou freira por causa disso? Além do mais, aposto que até uma freira teria pensamentos profanos com esse homem. – Indira suspirou. – Podem falar o que quiserem da cara dele, mas aquele corpo... Nossa. Enfim, é para isso que serve ficar de quatro. Ou posso apagar as luzes enquanto estivermos transando. Se ele não tivesse aquelas cicatrizes, seria muito gato, mas eu não ia querer olhar para a cara dele bem antes de gozar, sabe?

Senti o sangue subir pelo pescoço em direção ao meu rosto. Um zumbido estranho soou em meus ouvidos e eu segurei a beirada da cadeira com força. Meu instinto me dizia para não tocar em nenhum garfo ou faca, para não acabar a noite na cadeia por homicídio.

– Não tem nada de errado com as cicatrizes dele. – Meu tom foi tão mordaz que até eu me surpreendi. – Dão personalidade.

– Aham. – Indira me olhou de um jeito estranho. – Foi o que eu disse.

– Você disse...

– Vamos embora? – interveio Sloane rapidamente. – O *escape room* é daqui a meia hora, então é melhor a gente ir andando. Vou chamar o garçom.

Pagamos e saímos do restaurante. Fiquei mais atrás do grupo, ruborizada e irritada com a última conversa. O zumbido havia se dissipado, mas meu coração

continuava acelerado.

Quem era Indira para falar de Vuk como se ele fosse um animal de zoológico? Ela ia gostar se alguém dissesse que apagaria as luzes antes de transar para não ter que olhar para a cara dela? Não. Era... grosseiro, desprezível e simplesmente *errado* falar das pessoas daquela maneira.

O fato de Vuk ter dinheiro e poder não significava que fosse feito de pedra. Ele tinha sentimentos. E, claro, era provavelmente a última pessoa na face da Terra que precisava de alguém para defendê-lo em sua ausência, mas...

– Sabe quem *não* dá a mínima para as cicatrizes do Vuk? Polina. Ela está correndo atrás dele há um tempão. – Indira surgiu ao meu lado, alheia ou indiferente à minha raiva. – Vai em todos os eventos na esperança de esbarrar com ele. A garota é determinada.

Polina era uma modelo conhecida por emendar um relacionamento no outro, sempre com homens importantes, incluindo um breve caso com o astro do futebol britânico Asher Donovan, alguns anos antes.

Minhas pernas ficaram bambas. A perspectiva de Vuk sair com Polina superou minha irritação com Indira.

– É uma péssima estratégia. Ele odeia esses eventos.

Além disso, ele e Polina não tinham nada a ver. Ela gostava de "aparecer", e isso o enlouqueceria.

Mas ela *era* deslumbrante. Vuk não me parecia um cara superficial, mas a maioria dos homens não recusaria uma bela supermodelo loura dando em cima dele.

Meu jantar ameaçou voltar pela garganta. Não deveria ter bebido tantas margaritas.

– Ele não parece mais odiar tanto assim ir a eventos. – Indira deu uma piscadela para um grupo de executivos que nos comeu com os olhos ao passar. – Tenho esbarrado com ele muito mais agora. Até naquela festa de moda em Londres ele foi, no ano passado.

Eu me lembrava dessa festa. Eu ia, mas acabei desistindo por conta de um jantar de última hora com a Versace.

– Tanto faz. Não me importa.

Acelerei o passo para não ter mais que falar com Indira.

O *escape room* ficava a apenas alguns quarteirões do restaurante, por isso optamos por ir a pé. Parecia que todo mundo tinha saído de casa naquela noite: mal conseguíamos cruzar a multidão que se aglomerava nas calçadas.

Kim olhou para um grupo de homens em frente a um dos bares.

– Estou sem óculos, então posso estar enganada, mas... aquele não é o seu noivo?

Parei e me concentrei no grupo em questão. Vários dos homens tinham cortes e hematomas. Um deles segurava uma bolsa de gelo contra a bochecha enquanto outro discutia com um policial com cara fechada. As luzes silenciosas da viatura de polícia banhavam o grupo com flashes de vermelho e azul.

Eu parei, meu cérebro agitado demais para prestar atenção em qualquer pessoa em particular.

Sloane reagiu meio segundo antes de mim. Seu queixo caiu quando ela parou ao lado do grupo.

– *Xavier?*

O namorado dela se virou. Suas covinhas apareceram em seu rosto constrangido.

– Oi, Luna. Isso, hã, não é o que parece.

Ela cruzou os braços.

– Parece que você e o resto do grupo se meteram numa briga e foram expulsos do bar.

Xavier ficou em silêncio.

– Está bem, então é exatamente o que parece.

– Sério, Xavier... – Sloane percebeu o hematoma no queixo dele. – Você está machucado. Cadê a bolsa de gelo? Você aí! – Ela apontou para um cara aleatório ali perto. – Me traz uma bolsa de gelo.

– Senhora, eu não sei quem você...

– Gelo. Agora.

O cara murchou sob o olhar dela, engoliu em seco e entrou correndo no bar, como se estivesse sendo perseguido pelo demônio.

Nunca imaginei que Sloane fosse do tipo protetora, mas ver o namorado ferido devia ter desencadeado algum instinto latente.

– Está doendo muito – disse Xavier, manhoso, enquanto ela passava os dedos pelo queixo dele. – Pode dar um beijinho bem... aí. – Ele suspirou quando Sloane deu um beijo suave no machucado. – Bem melhor.

Eu deveria ter seguido o exemplo da minha assessora e ido direto até Jordan, mas, em vez disso, me vi procurando cabelos escuros e olhos azul-claros.

Nada.

Senti um aperto no peito, mas ignorei a sensação e encontrei Jordan. Ele estava próximo ao grupo com seu primo Topher, a quem eu havia sido apresentada na festa de noivado.

Topher tinha um corte na testa, e Jordan não parecia muito melhor, com um olho roxo. Ele deu um sorriso amarelo, surpreso ao me ver.

– Que bom te ver por aqui.

– Meu Deus. O que houve? Você está bem?

Corri para o lado dele e toquei seu rosto com cuidado. Estremeci diante da mancha preta e azulada em sua pele. O hematoma era horrível.

– Estou bem. O Topher esbarrou num bêbado idiota, que tentou puxar briga com ele *e* com o Kai – explicou Jordan. – Aí, o Dante se meteu, os amigos do outro cara se meteram e, bem, a situação piorou.

Olhei de soslaio para o italiano, que estava perto o suficiente para ouvir a explicação de Jordan.

– O babaca mereceu – disse Dante, sem um pingo de remorso.

– A Vivian não vai gostar *nada* disso – alertou Sloane.

Ela olhou para Xavier, sua expressão se transformando de preocupação em repreensão. O rapaz recrutado por ela mais cedo havia voltado com uma bolsa de gelo, que Xavier segurava contra o queixo.

– E você. Você deveria saber que não era para se meter nisso.

– Um por todos, todos por um. – Xavier também não parecia nem um pouco arrependido. – Não podia deixar meus amigos sozinhos.

– Isso é o que acontece quando testosterona e álcool se misturam. – Liya balançou a cabeça. Ela e Kim assistiam à cena, parecendo achar graça, enquanto Indira estava ocupada flertando com Killian Katrakis. – O que aconteceu com a boa e velha festinha particular cheia de strippers?

– Pois é, essa era nossa próxima parada – disse um dos amigos de Jordan, do colégio interno, e sorriu. Qual era o nome dele? Wyatt? Walker? *Will*. Isso. – Não que eu ache ruim ficar conversando com belas senhoritas como vocês.

Ele passou os olhos pelo grupo.

– Eu sou casada, mas agradeço o elogio – disse Kim. – Pode continuar.

Will parecia prestes a fazer exatamente isso quando seu olhar se desviou para alguém atrás de mim.

– Ei, Markovic, ainda vamos para o Valhalla, né? Eu sempre quis saber como é lá dentro.

Quase me virei, mas me contive.

Voltei a focar em Jordan, acariciando seu rosto de um jeito automático, enquanto meu corpo inteiro se retesava com a expectativa da aproximação de Vuk.

Uma lufada de ar gelado roçou minhas costas. Meus braços se arrepiaram,

mas esperei três segundos antes de baixar a mão e me virar.

Sabia que ele estava lá antes de vê-lo. Era impossível não notar sua presença. Isso não impediu que meu coração disparasse quando olhei para ele.

Ao contrário do resto do grupo, Vuk saíra ileso da briga.

Nenhum machucado ou corte à vista.

Ele ignorou a pergunta de Will e olhou para mim. Um músculo saltou em sua mandíbula.

Pareceu irritado, mas eu ainda não tinha dito nem feito nada.

– Estávamos passando e vimos vocês – expliquei, motivada pela necessidade de preencher o silêncio com algo além das batidas do meu coração. – Estão muito encrencados?

Os policiais tinham ido embora, mas o segurança parecia querer arrastar todos até um beco e meter a porrada neles.

"Nada. Já resolvemos tudo com a polícia." Vuk estava mesmo irritado. Dava para perceber apenas pelo modo como se movia.

Ele baixou os olhos, correndo-os pelas minhas pernas e pelos meus ombros nus antes de se concentrar em meu rosto novamente.

Meu corpo se aqueceu em reação ao seu olhar minucioso. Foi como entrar em uma ducha quente depois de uma tempestade de neve... Meu corpo inteiro reagiu, alheio à minha vontade.

– Deixa eu adivinhar. – Disfarcei o calafrio com um sorriso irreverente. – Você botou medo neles até que concordassem em esquecer o assunto?

"Botar medo é um exagero. Eu os convenci."

– Aham. Entendi por que você não quis me contar os planos para a despedida de solteiro. "Briga de bar" não estava entre os meus palpites, principalmente num lugar com um nome que significa... – Olhei para as letras verde-neon que zumbiam na entrada. – "O traseiro encharcado".

"O Fighting Pit já estava lotado", respondeu Vuk, com uma expressão tão impassível que quase acreditei que estava falando sério, até que percebi um leve sorriso em seus lábios. Ele tinha inventado o local. "Poço de luta"...

Tentei reprimir meu próprio sorriso.

– Isso foi uma piada?

Ele me encarou de volta, os olhos inescrutáveis, mas seu rosto finalmente relaxara. A coisa que o tinha irritado antes não era mais um problema.

– Ayana. – Indira apareceu ao meu lado. Killian tinha sumido e ela voltara a atenção para Vuk como um míssil mirando no alvo. – Não vai me apresentar o seu amigo?

Ela não esperou minha resposta para se aproximar de Vuk e estender a mão.

– Meu nome é Indira, sou colega de trabalho da Ayana. – Ela fez uma pausa, como se quisesse dar a ele tempo para processar o fato de que era modelo. – Talvez você tenha me visto na capa da última edição da *Mode de Vie*.

Vuk olhou para a mão dela, mas não a cumprimentou, e senti uma pontada de satisfação diante de seu total desinteresse.

Indira não se intimidou com a falta de resposta.

– Parece que você e eu somos os únicos solteiros do grupo.

Ela estava tão concentrada em flertar com Vuk que parecia ter se esquecido de Killian, que também era solteiro. *Como se mais cedo você não tivesse feito piada das cicatrizes dele*, pensei, furiosa.

– Devíamos sair para jantar um dia desses. Tem um lugar excelente no SoHo...

Parei de prestar atenção nela quando minha náusea voltou dez vezes mais forte. Jordan havia retomado sua conversa com Topher enquanto eu falava com Vuk, mas eu precisava de uma distração. Se não saísse de perto deles logo, vomitaria nos sapatos Louboutin dela.

– Odeio atrapalhar, mas podemos voltar para a nossa festa? – perguntou Liya de forma incisiva. – Estamos muito atrasadas para o *escape room*.

– *Escape room* em uma despedida de solteira? – Will bufou. – Que sem graça.

– Se você quiser emoção, sempre posso cortar uma das suas bolas – disse ela em um tom todo fofo. – Sou enfermeira. Sei usar vários instrumentos médicos.

Ele ficou pálido e cobriu a virilha com as mãos.

– Nem pensar. Você não teve que fazer um juramento hipócrita ou algo do tipo?

– É Juramento de Hipócrates, e é só para médicos. – Liya não mencionou que enfermeiras recitavam uma versão modificada chamada Juramento de Nightingale. – Para sua sorte, não tenho tempo para lidar com seus órgãos genitais hoje. Ayana, vamos lá. Precisamos mesmo ir.

Hesitei. Não estávamos fazendo nada além de conversar na calçada, mas me sentia estranhamente relutante em ir embora.

– Tenho uma ideia melhor. Por que não juntamos os grupos? – sugeriu Indira. – Já estamos juntos mesmo. Podemos fazer uma grande festa. Quanto mais gente, melhor, não é?

– Concordo – disse Topher na mesma hora. Ele olhou para a supermodelo como se ela tivesse acabado de sair de seus sonhos. – Também acho que deveríamos nos unir.

– Por mim, tudo bem. – Kim deu de ombros.

Um coro de concordância se espalhou pelo grupo.

– Peraí. Vocês estão esquecendo que isso não cabe a nós. – Sloane lançou ao grupo um olhar gelado que calou a todos. – Esta é a noite do Jordan e da Ayana. Eles que têm que decidir. – Ela se virou para nós. – O que vocês acham?

Jordan e eu nos entreolhamos.

Não queria ficar bancando a noiva amorosa durante a despedida de solteiro, mas estávamos com nossos amigos. Com certeza isso nos dava certa liberdade para agir como quiséssemos. Nem todos os casais passavam o tempo todo grudados.

– Eu concordo – respondi. – Como a Indira falou, quanto mais gente, melhor.

– Eu também, mas chega de bares, tá? Já bebi demais hoje.

Jordan apontou para o olho roxo como prova.

Depois do nosso consentimento, tínhamos mais um problema a resolver. Para onde iríamos? Bares e boates estavam fora de cogitação, e o grupo era grande demais para o *escape room*.

Sugeriram minigolfe, karaokê e uma noite de cassino, até que Xavier interveio.

– Peraí. Eu tenho a ideia perfeita. – Ele sorriu, os olhos cheios de malícia. – Mas vamos precisar de mais três garotas.

CAPÍTULO 17

Vuk



A VIDA ERA MESMO uma loucura.

Em um momento, uma tentativa de homicídio; em outro, uma maldita noite de *laser tag* com meu amigo, sua noiva, por quem eu era secretamente obcecado, e uma modelo grudada em mim feito um carrapato. Ah, e um bando de gente bêbada com quem eu não me importava.

Teria preferido enfrentar outra tentativa de homicídio.

Depois que os policiais separaram a briga no Soggy Bottom (não antes de Kai quebrar o nariz do Lenhador e de eu fazer dois amigos dele saírem de lá correndo), resolvi a situação com a polícia sem nenhum problema. Várias testemunhas confirmaram que foi o Lenhador quem dera o primeiro soco, e os nomes dos convidados da despedida de solteiro foram suficientes para fazer a polícia recuar.

Fomos banidos do Soggy Bottom para o resto da vida, mas nenhum de nós ficou abalado com isso.

No entanto, a última coisa que eu esperava era encontrar Ayana e as amigas. Quando saí do bar e a vi acariciando o rosto de Jordan, quis bater em alguma coisa outra vez.

A inveja me consumia, e agora eu ia ter que passar a noite inteira vendo os dois pombinhos se amando.

Olhei feio para Jordan enquanto Xavier explicava as regras. Ele havia assumido meu papel de comandante da festa, mas eu não dava a mínima.

– Meninos contra meninas. Os vencedores levam para casa o direito de se gabar.

Xavier olhou para o grupo eclético de bilionários, supermodelos, amigos e familiares. Para que as equipes ficassem equilibradas, havia recrutado três amigas de Sloane para participar, e foi assim que Vivian Russo, Isabella Young e outra cliente de Sloane, Maya, acabaram se juntando à turma. Todos estavam ridículos com os coletes de *laser tag*, inclusive eu.

– Todo mundo entendeu as regras?

– É *laser tag* – disse Kai. – Tenho certeza de que vamos saber o que fazer.

– Nunca joguei *laser tag* – comentou Will. – Mas adoro videogames. É mais ou menos a mesma coisa, né?

Dante contraiu o lábio.

– Permissão para trocar o Will pela Viv. Pelo menos ela entende a diferença entre realidade virtual e realidade de verdade.

A esposa dele sorriu.

– Nem pensar. Estou doida para acabar com você.

Os olhos dele brilharam e Dante inclinou a cabeça e sussurrou algo que fez as bochechas de Vivian corarem.

– Como se vocês tivessem alguma chance – zombou Jordan. – A nossa vitória é certa.

– Quer apostar? – Ayana inclinou a cabeça. – Quem perder fica responsável pela conta o resto da noite.

Todos tínhamos ido para casa trocar de roupa antes de nos reencontrarmos na Area 56. A camiseta preta e a calça elegante de Ayana eram, de certa forma, ainda mais atraentes do que o vestido que ela estava usando antes, e ela ignorara a sugestão do local de não usar saltos – suas botas de couro acrescentavam pelo menos cinco centímetros à sua altura.

– Combinado – disse Jordan. – Você está muito confiante para quem nunca jogou *laser tag*.

Ela arqueou a sobrancelha em resposta.

– Quem disse que eu nunca joguei?

– *Touché*. – Jordan deu um beijo na bochecha dela. – Bem, se você ganhar, terei o maior prazer em passar a noite toda pagando suas bebidas.

Minhas narinas se dilataram. Desviei o olhar e fui em direção à entrada da arena sem esperar pelos demais.

Estávamos ali para jogar ou para ficar de papinho?

Os outros pegaram a deixa e vieram atrás de mim.

De acordo com Xavier, a Area 56 era o melhor local fechado para jogar *laser tag* em toda a zona metropolitana de Nova York. Serviço excelente, tecnologia de

ponta, uma sala VIP onde os clientes podiam se deliciar com bebidas alcoólicas de primeira linha e quitutes gourmet entre uma partida e outra. Tinha de tudo.

Mas eu não dava a mínima para nada disso. Só queria atirar em alguma coisa, ainda que fossem tiros falsos.

Quando as portas se fecharam e o jogo começou, todos ficaram sérios. Éramos um grupo competitivo e, embora cobrir a conta do bar não fosse colocar nenhum de nós no vermelho, ninguém queria perder.

Eu me separei do resto dos rapazes e fui caçar sozinho. Não queria que ninguém me atrasasse ou revelasse minha posição.

A música explodia em alto-falantes ocultos. Avancei de barreira em barreira, mantendo os olhos atentos a cabelos longos e formas familiares.

Em poucos minutos, avistei o primeiro alvo. Levantei a arma e atirei bem no coração de Isabella.

– Droga! – lamentou ela. – Eliminada na primeira rodada. Tantas horas assistindo a filmes de ação para *nada*.

Não esperei para ouvir o resto de suas reclamações. Segui em frente e "matei" Liya e Maya antes que as duas primeiras rodadas terminassem.

Número de baixas: oito. Quatro homens (Topher, Xavier, Killian e Jordan) e quatro mulheres (Isabella, Maya, Liya e Indira) tinham sido eliminados, deixando o jogo empatado.

Tivemos um intervalo de vinte minutos antes da última partida. Nosso grupo era grande demais para caber em uma única mesa, então nos dividimos em duas, uma ao lado da outra.

Acabei ficando com as últimas pessoas com quem queria me sentar: Jordan, Ayana e Indira.

– Estávamos jogando "Eu nunca" no jantar, mais cedo – comentou Indira, depois de pegarmos nossas bebidas, lançando-me um olhar de soslaio. – Deveríamos fazer mais um joguinho. Sugiro "Verdade ou consequência".

– Somos adultos. Estamos velhos demais para essas brincadeiras – resmungou Dante.

– É *exatamente* porque somos adultos que deveríamos brincar – rebateu Xavier. – Nostalgia dá o maior barato, Russo. Aproveita.

Pelo amor de Deus.

Nunca participei desses joguinhos sem graça na faculdade e não tinha o menor interesse em participar de um naquele momento. Infelizmente, a decisão era da maioria, que votou a favor do "Verdade ou Consequência" com uma ressalva: não era permitido passar a vez. Era *obrigatório* responder, ou teria que

encarar uma consequência.

Ignorei todo mundo, até que chegou a vez de Ayana.

– O que vai ser? – Os olhos de Kim brilhavam. – Verdade ou consequência?

– Verdade.

– Qual foi o lugar mais louco em que você já transou?

Meu copo parou na metade do caminho até a boca. Pousei-o sem tomar um gole e me recostei na cadeira, com os olhos fixos em Ayana.

Ela ficou paralisada. Seus olhos se voltaram para os meus por uma fração de segundo antes de ela pigarrear.

– O lugar mais louco onde eu transei, hã... foi...

A expectativa pairava no ar. Jordan se remexeu, parecendo muito constrangido, enquanto meu coração batia em um ritmo constante e perigoso.

– Foi na cabine de uma loja de departamentos – disse Ayana. – A Bergdorf's. A loja de... vestidos de festa.

– Uaaau. – Kim se animou. – Sexo *e* alta-costura. Amei. Arrasou.

Ela deu uma piscadela para Jordan, que respondeu com um sorriso constrangido.

Meus batimentos cardíacos deram uma guinada violenta.

A pessoa que inventou esse jogo merecia a morte. Se já estivesse morta, deveria morrer novamente. De um jeito horrível.

Ayana desafiou Indira a compartilhar o histórico de pesquisa de seu celular com o grupo (meu Deus, eram compras que não acabavam mais), e então chegou a minha vez.

– Vuk. – Indira se virou para mim. – Verdade ou consequência.

Ela usou as mãos para enfatizar a pergunta, indicando qual era qual.

Engoli minha irritação e apontei com a cabeça para sua mão esquerda. Consequência.

O sorriso dela deu a entender que estava torcendo para que eu escolhesse isso mesmo.

– A consequência é beijar alguém desta mesa.

Ela era a única outra pessoa solteira à mesa. Foi uma manobra inteligente, considerando que era proibido passar a vez.

– Caramba. – Jordan deu risada. – Ela te pegou.

Ao lado dele, Ayana ficou toda tensa, o pescoço e os ombros completamente retesados.

Olhei para Indira com frieza. Ela era muito atraente, analisando de modo objetivo, mas eu tinha mais interesse em beijar uma lesma do que ela – e odiava

quando as pessoas tentavam me forçar a fazer algo que eu não queria.

Mantive os olhos fixos nos dela enquanto me aproximava e, lenta e deliberadamente, pegava a mão de Ayana.

Um silêncio pesado caiu sobre a mesa.

Levei sua mão à boca, passei os lábios pelos nós de seus dedos... e me demorei. O leve aroma de amêndoas invadiu meus sentidos.

Havia passado tanto tempo imaginando como seria beijá-la que mesmo o breve toque de meus lábios em sua mão foi suficiente para fazer meu coração disparar. O sangue latejou em meus ouvidos e todas as células do meu corpo se inflamaram.

Queria puxá-la para mim e beijá-la de verdade – minha língua em sua boca, minha mão em seu cabelo, seus gemidos em meus ouvidos.

Queria deitá-la na mesa e devorá-la até ela implorar por mais. Até ela gritar o *meu* nome e ficar claro para todos àquela mesa, naquela cidade, naquele *mundo*, que ela era minha e somente minha.

Queria tudo que não podia ter e cada instante que não podia roubar, mas, por um breve momento, quase acreditei que ela também queria.

Os dedos de Ayana se curvaram. O leve tremor veio acompanhado de um suspiro tão baixinho que poderia ser confundido com um fantasma.

Foi só então que soltei a mão dela e me sentei, com os olhos ainda fixos nos de Indira. Não fiz contato visual com Ayana.

Indira ficou boquiaberta, seus olhos vidrados, com um misto de decepção e desejo.

Um silêncio pesado, subaquático, veio no rastro da minha audácia, até que a gargalhada de Xavier o rompeu.

– É por isso que a gente precisa ser bem específico nesse jogo – disse ele. – Ou as pessoas arrumam brechas.

Indira havia mesmo deixado em aberto a parte mais importante quando se tratava de consequências como a proposta por ela: não havia especificado que tipo de beijo. Ao escolher Ayana, induzi todo mundo a pensar que estava me esquivando do desafio, porque nenhum idiota insolente daria em cima da noiva do amigo na frente dele.

Quando finalmente me virei para Ayana, ela me encarava com uma expressão indecifrável e logo desviou o olhar do meu rosto, mas era impossível não notar sua respiração entrecortada.

Meu sangue ferveu. Para o bem ou para o mal, eu não era o único afetado pelo beijo.

O intervalo terminou e voltamos à arena para a última partida. Acabou muito mais rápido do que as duas primeiras. Eu estava precisando gastar a energia acumulada, e as pessoas estavam bêbadas e/ou distraídas com seus parceiros.

Em dez minutos, todos foram eliminados, exceto eu, Ayana e, surpreendentemente, Will.

A música continuava tocando. Sombras tremulavam nas paredes e, com a maioria dos jogadores eliminada, a arena havia ganhado um clima quase fantasmagórico. Barreiras se erguiam ao meu redor, cada uma potencialmente escondendo um inimigo.

Era um jogo bobo, com armas falsas e baixas expectativas, mas isso não impediu que uma sensação de *déjà vu* me arrepiasse a nuca.

De repente, lembrei-me de outra noite, quando a música tocava ao fundo e a morte, ou coisa pior, aguardava logo adiante.

Os gritos. O medo. O *cheiro*.

Minha visão escureceu. Um gosto metálico inundou minha língua, e o cheiro de fumaça aguçou meus sentidos.

Segurei o gatilho com mais força. *Não é a mesma coisa.* Eu não estava no passado e não estava em casa. Estava em um jogo de *laser tag*, cheio de estruturas de papelão e pessoas conhecidas. Só isso.

Eu me forcei a respirar mais devagar.

Mesmo que eles reaparecessem, não havia mais ninguém que pudessem tirar de mim, exceto...

Ouvi um ruído atrás de mim e fui dominado pelos meus instintos. Não raciocinei. Nem mesmo verifiquei quem era.

Ninguém me pegava de surpresa. Nunca.

Eu me virei e joguei a pessoa contra a parede mais próxima. Sua arma caiu no chão quando agarrei seus pulsos e os prendi acima da cabeça, imobilizando-a. Minha outra mão envolveu sua garganta e apertou.

A adrenalina inundava meu sangue, obscurecendo meus pensamentos e me fazendo apertar e apertar, até que um arquejo penetrou a névoa. Olhei para a pessoa que eu estava segurando. Minha visão clareou aos poucos e o horror percorreu meu corpo quando os contornos de seu rosto tomaram forma.

Cílios longos e escuros. Olhos imensos, brilhando de medo. Maçãs do rosto altas e uma boca carnuda e exuberante, tão próxima que dava para sentir sua respiração suave.

Ayana.

CAPÍTULO 18

Ayana



NÃO CONSEGUIA RESPIRAR.

Todas as tentativas de puxar o ar fracassavam e eu estava ficando assustadoramente tonta, tanto pela mão em volta da minha garganta quanto pelo peso do corpo dele sobre o meu.

A presença de Vuk se erguia sobre mim, seu rosto contraído em uma expressão que ativou todos os meus alarmes. Seus olhos flamejavam com alguma emoção sombria indecifrável, mas era como se ele não estivesse ali. Sua mente estava separada do corpo, perdida em algum lugar que eu não alcançava.

Ele não me via. Via uma ameaça sem nome e sem rosto que precisava neutralizar.

Manchas dançavam diante de meus olhos. O medo inundava meu peito junto com uma euforia estranha, diminuta e totalmente fora de lugar.

A sensação desapareceu em um segundo, mas causou um choque tão grande que soltei um leve arquejo.

O ruído pareceu fazer com que Vuk voltasse a si.

O discernimento voltou aos poucos ao seu rosto, seguido pelo horror. Na mesma hora ele afrouxou o aperto e pude respirar outra vez, meus pulmões ardendo com o súbito influxo de ar.

Lágrimas tomavam meus olhos – uma reação mais física do que emocional – e todos os músculos do meu corpo relaxaram de alívio.

Vuk me olhava fixamente, com o rosto tenso. Apesar de ter afrouxado os dedos, sua mão permanecia em meu pescoço e meus braços ainda estavam presos acima da minha cabeça. Seu corpo se moldava tão firmemente ao meu que eu

sentia cada protuberância e cada músculo.

Fui parando de ofegar conforme minha respiração voltava ao normal. Não o empurrei para longe.

Eu *deveria* estar com medo. Se Vuk não tivesse voltado a si naquele momento, eu teria desmaiado ou coisa pior. Mas parte de mim, de modo meio maluco, acreditava que ele nunca, jamais, me machucaria.

Eu não tinha dados para embasar esse sentimento. Lógica nem motivo. Era puro instinto.

Os olhos de Vuk percorreram meu rosto. Ele não era do tipo que demonstrava arrependimento, mas a contração em sua mandíbula revelou sua perturbação diante do ocorrido.

– Eu estou bem – sussurrei. – Está tudo bem.

Vuk engoliu em seco. Fez menção de me soltar, mas instintivamente libertei uma das minhas mãos e agarrei seu pulso, o impedindo.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, e a pequena chama de antes voltou à vida.

Eu nunca tinha curtido a sensação de medo. Odiava filmes de terror, evitava ruas escuras à noite e encarava o Halloween com a cautela de quem se aproxima de um gato selvagem. Minha vida sexual tinha sido bem banal até o momento, e eu nunca havia fantasiado com asfixia.

Mas alguma coisa naquela situação acionou um interruptor dentro de mim.

Talvez tivesse sido o álcool, ou talvez tivesse sido apenas *ele*.

A lembrança da boca de Vuk em minha pele voltou. Fora um beijo leve como uma pluma, tão breve e casto que mal se qualificava como um beijo de fato. No entanto, meu corpo pulsou com a lembrança, e meus quadris se arquearam por conta própria.

Vuk havia colocado a coxa entre as minhas pernas, me imobilizando, e o leve movimento de meus quadris gerou uma pressão insuportável no meio das minhas coxas.

O lampejo de calor se transformou em um incêndio absoluto. Arrepios tomaram a minha pele, e precisei reunir todo o meu autocontrole para não me esfregar na coxa dele feito uma leoa no cio. Minha respiração voltou a ficar irregular enquanto eu lutava para controlar aquela excitação inexplicável.

Qual era o meu *problema*? Meu noivo estava me esperando na sala ao lado, e eu estava fantasiando com seu padrinho de casamento – fantasias sórdidas e vulgares sobre o que aconteceria se eu cedesse aos meus desejos e o que ele faria comigo enquanto eu estivesse presa sob seu corpo.

As chamas pulsavam em meu ventre.

Meu Deus, com certeza tinha um lugar reservado para mim no inferno.

A escuridão voltou a se infiltrar nos olhos de Vuk. Eu não tinha soltado seu pulso, e ele devia saber, ou imaginar, o efeito que tinha em mim.

Minha boca ficou seca.

Não sabia ao certo quanto tempo havia se passado, mas estava tão escuro, e a música estava tão alta, que o tempo parecia ter congelado.

Estávamos em nosso próprio mundo. Nada mais importava.

Vuk pressionou mais o joelho... foi só mais um centímetro, um movimento tão sutil que não alterou em nada o resto de sua postura.

Mas foi o suficiente. A pressão maior provocou uma explosão de prazer em mim, que inundou meu sangue, me queimando de dentro para fora.

Vuk fechou a mão outra vez em minha garganta – não o suficiente para cortar o ar por completo, mas o bastante para arrancar um leve e humilhante gemido.

Eu não deveria estar gostando daquilo, mas, *caralho*, como estava.

Minha mão deslizou de seu pulso para seu ombro. Vuk baixou a cabeça, seu rosto uma máscara assustadora de traços másculos e emoções frias e brutais, observando enquanto eu me esfregava descaradamente nele, livre de qualquer constrangimento.

Mal percebi. Uma onda de calor se espalhou pela minha pele e o mundo ao redor ficou embaçado, restringindo-se ao ponto entre minhas pernas. A pressão foi aumentando, aumentando... subindo cada vez mais, até que...

O som de passos invadiu minha névoa.

Vuk recuou como se eu estivesse pegando fogo. Ele virou a cabeça para a esquerda quando seu colete vibrou, indicando que havia sido atingido.

O meu vibrou logo depois. Um arrepio percorreu meu corpo, mas cerrei os dentes e me forcei a me recompor.

Encarei o intruso, o meio das pernas latejando, a pele tão sensível devido ao orgasmo interrompido que cada vibração ecoava como uma provocação perversa.

– Ganhei! – Will sorriu para nós e fez uma dancinha. – Porra, eu ganhei!

Ele parecia animado demais com a vitória para perceber que se tratava de um jogo em equipe e que, ao atingir Vuk, havia eliminado um membro de seu próprio time.

Não importava. Eu era a última mulher, então eles teriam vencido de qualquer maneira.

Soltei um suspiro trêmulo. Havia esquecido que estávamos jogando *laser tag*. Quanto Will tinha visto antes de atirar em nós? Será que ele... quando eu...

Minhas bochechas arderam. Olhei para Vuk, que havia voltado a agir como se eu não existisse. Ele passou por mim em direção à saída sem sequer me olhar.

Ai, meu Deus.

A concretude do que eu tinha feito me atingiu como um caminhão. Basicamente, havia sarrado em Vuk Markovic em uma maldita arena de *laser tag*. E ele não me repeliu.

O que isso significava? Talvez ele tivesse ficado surpreso a ponto de não saber como reagir *ou* – quem me dera – nem tivesse percebido o que estava acontecendo.

As chances eram pequenas, mas não tínhamos nos beijado ou tirado a roupa nem nada do tipo. Eu nem sequer cheguei a gozar, graças a Will. Na prática, não aconteceu nada. Certo?

Soltei um pequeno grunhido. Minhas desculpas pareciam esfarrapadas até para mim mesma.

Segui Vuk e Will até a sala VIP, onde o resto do grupo estava nos esperando. Tinha certeza de que minha quase infidelidade estava estampada em meu rosto, mas ninguém pareceu notar.

– Bom trabalho, querida. – Jordan se levantou e beijou minha bochecha.

Forcei um sorriso. Senti uma pontada de culpa ao aceitar seu beijo enquanto ainda tinha a sensação do toque de outro homem em minha pele.

Minha atenção se desviou de novo para Vuk. Percebi com um sobressalto que ele estava nos observando. Seus olhos deslizaram para Jordan, depois para mim, e sua boca se curvou em um sorriso debochado que me fez corar outra vez.

Desviei os olhos.

Ele sabia o que eu tinha feito, mas não precisava agir que nem um babaca.

Felizmente, não ficamos mais muito tempo ali, já que o jogo havia acabado. Como as mulheres tinham perdido, minhas amigas pagaram a conta da noite e recusaram minhas tentativas de contribuir.

– Esta noite é *sua* – disse Sloane, com firmeza. – Você não vai pagar um centavo.

Discutir com ela era como discutir com uma parede de tijolos, por isso nem me dei ao trabalho.

Saímos todos, exceto Vuk, que ficou para atender a uma chamada de vídeo. Todo mundo se despediu e cada um seguiu para sua casa, e Jordan e eu ficamos sozinhos pela primeira vez desde que ele havia voltado de Rhode Island.

Ele esperou até que as luzes traseiras do último táxi desaparecessem para falar.

– Como você está?

Uma brisa rápida varreu de vez o rubor em minha pele.

– Bêbada e com frio – respondi, dando uma risadinha. Sorri antes de comentar, um pouco apreensiva: – Só faltam seis semanas.

– É. – Jordan enfiou as mãos nos bolsos. – Pronta?

Não.

– Pronto?

– Digamos que sim.

Ficamos em silêncio, ouvindo o som dos carros e a conversa dos transeuntes. Normalmente conversávamos com facilidade, mas naquele dia ambos estávamos perdidos em nossos próprios pensamentos.

– Como está sua avó? – perguntei, enfim quebrando o silêncio.

– Bem, na medida do possível. Você sabe como ela é. – Jordan abriu um meio sorriso. – Ela é durona, e desde que terminei a faculdade insiste para eu me casar. Está muito feliz com o nosso casamento, apesar de todo o resto.

Pelo menos havia esse ponto positivo. Mas já que estávamos falando de família...

– Você vai contar a verdade para sua família depois que o acordo terminar?

O sorriso dele se transformou em uma careta. Esse assunto era um território em que raramente pisávamos, mas eu sabia o quanto custava a Jordan manter seu segredo. Acima de tudo, eu queria que ele fosse feliz. Não achava que isso seria possível a menos que ele contasse à família por que havia escolhido um casamento de conveniência em vez de um casamento por amor.

– Não sei. Eu quero, mas tenho a impressão de que eles não vão receber bem a notícia, e não estou pronto para lidar com isso. – Ele abriu outro sorriso amarelo. – Me pergunte daqui a cinco anos.

– Vou anotar na agenda – respondi.

Jordan deu risada, mas não insisti mais.

A vida era dele, que deveria fazer as coisas em seu próprio tempo. Além disso, eu entendia sua hesitação. Jordan era o único herdeiro da família. Como dizer a eles que não tinha interesse em relacionamentos românticos? Já havia transado e tido diferentes experiências amorosas, mas não queria uma parceira ou um parceiro e também não precisava deles. E com certeza não queria ter filhos.

Foi por isso que ele me fez a proposta. Jordan me confessara seu segredo

durante uma noite de drinques em Milão, alguns anos antes, logo após o fim da minha campanha para a Jacob Ford, quando eu já havia me mostrado uma das poucas pessoas em sua órbita que nunca havia tentado usá-lo, manipulá-lo ou seduzi-lo de alguma maneira.

Também não havia nenhuma possibilidade de eu me apaixonar por ele ou esperar um casamento tradicional, o que me tornava a parceira perfeita para seus objetivos.

Era um acordo mutuamente benéfico, mas parte de mim desejava que não fosse necessário. Era impossível não ficar um pouco triste por Jordan não poder compartilhar uma parte tão importante de sua vida – e de si mesmo – com a família.

– Você nunca me contou por que precisa do dinheiro do acordo – disse ele. – Não quer me dar uma pista?

– É preciso mesmo um motivo para querer dinheiro? – respondi, me esquivando.

Embora confiasse em Jordan, ele era envolvido demais com o setor da moda para que eu me arriscasse a revelar meus planos. De todo modo, não havia nada que ele pudesse fazer em relação ao contrato de agenciamento, e eu não queria envolvê-lo na minha confusão quando sua avó estava doente e ele tinha a própria empresa para gerir.

– Não, mas quando uma mulher como você está disposta a abrir mão de cinco anos da própria vida por isso, geralmente existe um motivo forte. – Ele deu de ombros. – Você é bonita, inteligente e bem-sucedida. Poderia encontrar alguém melhor e mais rico do que eu num estalar de dedos. Um amor.

Um amor. Aham.

Inclinei a cabeça para trás e olhei para o céu. Era impossível ver as estrelas acima de Manhattan, mas gostava de imaginar um mar delas lá em cima, brilhando como anjos benevolentes. Assistindo ao drama e aos percalços da humanidade enquanto passávamos a vida tropeçando em busca de propósito, significado e o mínimo de felicidade.

– Talvez – respondi. – Mas isso não importa muito agora.

Havia homens mais ricos do que Jordan? Sim. Eram homens melhores ou talvez a minha alma gêmea? Impossível saber.

Dei uma olhada na entrada do *laser tag*. Vuk ainda estava lá dentro.

Minha mente repassou nossas interações no último mês.

Como sua presença se encaixava perfeitamente na minha cozinha. O leve frio na barriga toda vez que o vi. O toque de seus lábios em minha pele, e sua mão em

meu pescoço.

Não tinha tanto a ver com quem ele era, mas com como fazia eu me *sentir* – como se não estivesse sozinha, como se estivesse viva e o mundo estivesse repleto de possibilidades, em vez de obstáculos.

Se tivesse sido ele a me propor um casamento de conveniência, será que eu estaria me sentindo tão mal nessas últimas semanas?

– Vou para casa – disse Jordan. – Posso chamar um táxi para você.

Balancei a cabeça.

– Vou a pé. Moro aqui pertinho.

Nós nos despedimos. Então ele foi embora e fiquei sozinha outra vez. Por algum motivo, não conseguia sair dali.

Todos tinham ido embora, e eu me sentia... vazia. O grupo tinha me enchido de energia e, sem a animação deles, fiquei triste e exausta. Não era bem assim que uma noiva deveria se sentir depois da despedida de solteira.

Tinha me divertido, mas também estava ciente do fato de que mal conhecia metade das pessoas presentes naquela noite.

Eu havia perdido contato com as amigas do ensino médio e da faculdade. O tempo e a distância haviam desgastado esses relacionamentos, e eu não possuía nada para substituí-los. Em outras circunstâncias, talvez me sentisse menos à deriva.

Tinha novidades emocionantes, mas ninguém com quem compartilhá-las; tinha dias ruins, mas ninguém com quem desabafar. Não em um nível profundo, ao menos. Era como se houvesse uma grossa parede de vidro entre mim e todo mundo. Podia vê-los, mas sem conseguir alcançá-los. Se tivesse uma emergência de verdade, não saberia para quem ligar além da minha família.

Tudo isso porque havia trocado a vida que eu desejava por... aquilo ali. Glamour, fama, dinheiro... que, na verdade, nem era tanto assim, depois de descontados os impostos, as taxas da agência e outras despesas. A maioria das pessoas adoraria ter a minha vida, mas eu me perguntava com frequência como teria sido terminar a faculdade e me tornar médica ou química.

Talvez tivesse sido melhor, talvez tivesse sido pior, mas pelo menos eu teria me sentido livre.

A porta do *laser tag* se abriu. Vuk saiu, sua expressão mais uma vez pétrea. Não sabia que tipo de ligação ele precisava fazer tão tarde em um sábado à noite, mas ela o havia deixado irritado.

Nossos olhares se encontraram. Os acontecimentos da noite pairaram entre nós, carregados de palavras não ditas.

Vuk retesou a mandíbula e se virou para ir embora sem se despedir.

Siga o exemplo dele e vá embora, Ayana.

Eu o observei enquanto se afastava. Lembrei-me da sensação de seus lábios em minha mão e da sensação elétrica de nosso momento no escuro. Fazia muito, muito tempo que não me sentia tão viva.

Quando ele desapareceu na esquina, algo dentro de mim se rompeu. Saí correndo atrás dele antes que perdesse a coragem.

– Espera!

Vuk parou no meio de um passo, ainda de costas para mim. A rua estava mais silenciosa do que a avenida principal onde ficava a entrada da arena, e dava para ouvir meu coração trovejando enquanto corria até ele.

Estava usando botas de salto alto, contra a recomendação da arena, porque me sentia mais à vontade de salto. Geralmente, me davam confiança e uma sensação de controle sobre minha vida.

Naquela noite, não havia nenhum pingo de confiança ou controle. Eu vibrava de nervosismo, tensa, mas era tarde demais para recuar.

Vuk finalmente se virou e ficou olhando conforme eu me aproximava, o retrato da indiferença. Sombras brincavam em sua face, contornando as maçãs do rosto afiadas e a boca cruel e severa.

Um mês antes, ficar sozinha com Vuk Markovic em uma rua escura teria me causado um ataque de pânico. Mas, de alguma maneira, em algum ponto, isso havia mudado.

Se eu pudesse escolher qualquer pessoa para estar comigo naquele momento, seria ele.

Parei a alguns metros de distância, com o coração na boca.

– Quando você beijou a minha mão durante a brincadeira, foi só um jeito de escapar do desafio ou... foi outra coisa?

Fui direto ao ponto. Era muito tarde e eu estava frustrada demais para agir diferente.

Meu coração batia acelerado enquanto eu aguardava a resposta.

Nem um único lampejo de emoção cruzou o rosto de Vuk.

"O que seria 'outra coisa'?"

– Me diz você.

Eu nunca tinha sido tão franca com alguém, mas fazia semanas que estávamos pisando em ovos um com o outro.

Havia chegado a hora de falar sobre o elefante na sala, de uma vez por todas.

Vuk saiu das sombras para a luz. Seus passos ecoaram na rua deserta, e um

medo estranho, cheio de expectativa, se retorceu dentro de mim.

Era a mesma sensação que havia tomado conta de mim na arena. A certeza de que estava à beira de um precipício perigoso e de que a queda seria a coisa mais aterrorizante e mais emocionante que já havia experimentado.

Ele precisou de três passos para eliminar a distância entre nós. A ameaça de uma tempestade iminente espreitava por trás daqueles olhos azuis e gélidos.

"Por que você está aqui, Ayana?"

Era minha última chance de dar uma desculpa qualquer. Seria a coisa mais segura e inteligente a fazer.

Mas eu estava cansada de dar passos seguros e inteligentes, e de fazer todas as outras coisas que não haviam me levado a lugar algum, exceto aquele... uma gaiola dourada, presa a um homem que eu não amava.

Por que todo mundo podia fazer o que queria, enquanto eu precisava fazer o que era "certo"? Por que não podia correr atrás da minha própria felicidade, após ter passado tanto tempo buscando os sonhos e objetivos dos outros?

Queria ter *uma* coisa que fosse minha. Uma faísca de conexão que fizesse com que minha vida voltasse a ser emocionante.

Minha respiração se condensava na brisa fresca da noite. Dei um pequeno passo para mais perto, meu peito roçando o dele a cada expiração.

Os músculos de Vuk ficaram visivelmente tensos, mas ele não se afastou.

Meu sangue foi inundado de expectativa. Estava subindo, centímetro a centímetro, até o topo de uma montanha-russa, aguardando a queda inevitável. Aquela sensação repentina e vertiginosa... inigualável.

Encorajada, coloquei a mão em seu ombro e fiquei na ponta dos pés, deixando uma bravura imprudente me guiar enquanto inclinava o queixo para cima e...

Vuk estendeu a mão e agarrou meu pulso. Sua pele queimava contra a minha.

– Não.

A palavra percorreu todos os meus sentidos e me atingiu em cheio.

Ele falou. Verbalmente. Comigo.

Fiquei sem ar. Sua voz era grave e rouca, exalando controle, mas tomada de emoção.

A surpresa frustrou minha tentativa de beijá-lo, como detritos levados pela enchente.

Vuk não falava a menos que sentisse que era preciso. Mesmo Jordan não o ouvira falar muitas vezes desde a faculdade.

Então, por que ele escolhera aquela noite para quebrar o silêncio?

Olhei fixamente para ele, notando a tensão em seus lábios e o aperto doloroso em meu pulso.

Não. O som angustiado ecoou em meus ouvidos, e foi nesse momento que a realidade se impôs com uma clareza dolorosa e angustiante.

Não tinha sido a ordem de um homem que não me queria. Tinha sido o apelo de alguém que *me queria, sim*.

Vuk Markovic me desejava, e estava sofrendo por não poder me possuir, mesmo comigo me oferecendo a ele. *Principalmente* comigo me oferecendo a ele.

Fiquei atordoada ao me dar conta daquilo.

– Vuk... – sussurrei.

Ele apertou meu braço a ponto de quase machucar, aproximou a boca do meu ouvido, com uma voz tão baixa e rouca que me fez tremer.

– Kada te konačno budem, poljubio nećeš više nositi njegov prsten na ruci.

Não entendi uma palavra do que ele dissera, mas compreendi a ideia geral. Parecia uma ameaça e uma promessa, tudo junto.

Vuk me soltou pela segunda vez naquela noite.

E me deixou ali no escuro, sem ar, com tesão e vontade de mais.

CAPÍTULO 19

Vuk



A ÚLTIMA GARRAFA EXPLODIU em uma chuva de cacos de vidro.

Tinha batido meu recorde de acertar todas as doze garrafas em menos de um minuto, mas não sentia nenhuma satisfação com isso. Ainda estava tenso, minhas emoções oscilando loucamente entre a fúria e o arrependimento.

Já haviam se passado seis dias desde a despedida de solteiro.

Seis dias relembrando a maneira como Jordan beijara Ayana no rosto e como ela sorrira para ele.

Cento e quarenta e quatro horas lembrando como o corpo dela se arqueara contra o meu.

Mais de oito mil minutos relembrando o momento em que ela quase me beijara.

E uma eternidade de questionamentos acerca do que teria acontecido se eu não a tivesse impedido.

Ela tinha perdido o juízo para fazer aquilo na noite da despedida de solteira?

Não acreditava nem por um segundo que Ayana colocaria em risco o noivado com Jordan sem um bom motivo. E com certeza não acreditava que ela tivesse sido dominada por um súbito desejo por mim, a ponto de não conseguir se conter.

Organizei uma nova fileira de garrafas.

Não estava com disposição para socializar, então havia me retirado para meu campo de tiro improvisado em casa em vez de ir para o do Valhalla. Depois da despedida de solteiro, queria passar pelo menos dois meses sem falar com ninguém.

Estava prestes a começar a segunda rodada quando a porta se abriu. Sean entrou, com uma expressão sombria.

Minha equipe tinha passado a semana inteira me evitando. Trabalhavam para mim havia tempo suficiente para perceberem meu mau humor e sabiam que qualquer interação humana só me deixaria ainda mais irritado.

Se Sean tinha conseguido passar por Jeremiah, meu mordomo e autoridade suprema a respeito de quem cruzava os portões, devia ser importante.

Tirei o protetor dos ouvidos e esperei.

– Encontramos uma coisa. – Sean foi direto ao assunto. – Um chip de celular em uma oficina abandonada, no centro da cidade. Conseguimos rastrear o local onde foi comprado. As chances de isso resultar em alguma coisa eram pequenas, mas demos sorte.

A satisfação brilhava por trás de sua exaustão. Fazia semanas que ele estava atrás do Irmão misterioso sem descanso, e aquilo havia cobrado um preço físico.

– Devin Rhoades. O pseudônimo de um conhecido membro da Irmandade.

O ar congelou enquanto cada célula do meu corpo se apegava àquela informação, como um tubarão farejando sangue na água.

– Isso é tudo que conseguimos descobrir sobre ele. – Sean me entregou uma pasta. – O cara é um fantasma, o que já era de se esperar, considerando a afiliação ao grupo. Mas dá uma olhada no sobrenome dele.

Abri a pasta e vi uma foto nítida do Irmão misterioso. Ele olhava diretamente para a câmera, seu rosto um mapa de traços brutais e olhos verdes gelados. Trinta e poucos anos, norte-americano, branco, visto pela última vez na cidade de Nova York. Usava vários pseudônimos, mas o nome mais antigo no arquivo vinha dos registros da assistência social.

Roman Davenport.

– Sim. – Sean interpretou com precisão meu silêncio atônito. – *Esse* Davenport mesmo. Ele e Dominic foram designados para o mesmo lar adotivo em Ohio, quando adolescentes. Dominic foi para a faculdade e Roman sumiu do mapa. Não temos os detalhes de seu recrutamento e treinamento na Irmandade, mas ele reapareceu do nada cerca de seis anos atrás, na França. Há rumores de que foi o responsável pelo assassinato de um chefe do crime organizado de lá. Decapitação. A mensagem foi bem clara.

Digeri calmamente a sequência de informações.

Roman e Dominic Davenport eram irmãos adotivos. O mesmo Dominic com quem eu tinha feito negócios, interagido em eventos e trocado gentilezas no Valhalla.

Dominic nunca falava sobre sua família ou os anos antes da universidade. Meu instinto me dizia que ele não estava envolvido com a Irmandade, mas, em situações como aquela, eu não podia descartar nenhuma possibilidade.

"Como é a relação entre Dominic e Roman atualmente?"

– Não está claro – respondeu Sean. – Pelo que sabemos, eles perderam contato depois que Dominic foi para a faculdade. No entanto, essas descobertas são preliminares. Teremos que fazer uma busca mais profunda, mas achei importante vir logo informar você das últimas descobertas.

Ele parou de falar.

Ergui uma sobrancelha diante daquela hesitação, que era incomum para Sean.

"O que mais? Desembuche."

– Você se lembra do escândalo envolvendo o Sunfolk, dois anos atrás? – perguntou ele.

Assenti.

Tinha sido um dos maiores crimes a tomar os noticiários nos últimos anos. Um membro de uma organização mercenária não identificada havia vazado um contrato entre o CEO do Sunfolk Bank e os mercenários para se livrar da concorrência, usando qualquer meio necessário (ou seja, assassinato).

O contrato viralizou nas redes sociais. A maior parte dos detalhes havia sido suprimida com tarjas, mas isso não impedira o surgimento de rumores e teorias da conspiração. O CEO do Sunfolk havia morrido em circunstâncias misteriosas na cadeia, mas outra pessoa entrara em cena para comprar o banco em dificuldades: Dominic.

As peças se encaixaram.

"Você acha que a Irmandade é a organização do contrato."

– Sim. E acho que Roman pode ter sido o responsável pelo vazamento. – Sean contraiu os lábios. – Não posso confirmar nada ainda, mas, levando em conta a linha do tempo e os envolvidos, faz sentido.

Fazia mesmo e, merda, gostaria muito que não fizesse.

O envolvimento de Dominic aumentava a complexidade da situação. Não éramos amigos, mas frequentávamos os mesmos círculos. Eu tentava separar meu passado de meu presente, e Dominic estava entrelaçado demais com minha vida atual para ter algum vínculo com minha vida antiga.

"Vai atrás disso. Quero atualizações diárias."

Sean assentiu.

– Mais uma coisa – disse ele. – Como seu chefe de segurança, eu seria

negligente se não enfatizasse a importância de ampliar as medidas de proteção tanto aqui quanto no seu escritório. Implementamos atualizações de segurança leves, conforme discutimos antes, mas, se a Irmandade estiver de olho em você, pode já estar ciente da nossa busca por Roman. Eles saberão que *você* sabe que estão atrás de você, o que significa que pode haver outro ataque.

Ele estava certo. Mais uma vez.

Odiava ter seguranças armados ao meu redor. Quanto mais gente envolvida, maiores as chances de um vazamento ou de uma traição. Bastaria um deslize ou um traidor para que tudo desmoronasse. Não importava quão bem os seguranças fossem avaliados. A maioria das pessoas podia ser subornada. Eu só confiava em alguém se já tivesse uma história consolidada com a pessoa e ela tivesse provado sua lealdade.

Felizmente, havia outras maneiras de me proteger, além da contratação de pessoal.

"Nada de guarda-costas. Aprimore as outras medidas. Sei me cuidar", acrescentei quando Sean abriu a boca para argumentar.

Ele suspirou, mas não insistiu.

– Pode deixar.

Depois que ele saiu, fiquei em meu campo de tiro improvisado e tentei conectar as peças que faltavam do quebra-cabeça.

Roman. Dominic. A Irmandade. A Vault. Qual era a relação entre tudo isso?

Se Sean tivesse razão e Roman fosse o responsável pelo vazamento do contrato, ele seria o alvo principal da organização. Matadores de aluguel dependiam da reputação para fechar negócios; um vazamento dessa magnitude acabava com a credibilidade do grupo. A população podia até não saber o nome da organização, mas, no submundo, segredos se espalhavam rápido.

Se Roman era o alvo da organização, por que tentaria me matar em nome dela? Talvez estivesse trabalhando de forma independente, mas nunca havíamos nos cruzado antes. Ele não tinha nenhum motivo pessoal para me querer morto.

Por fim, havia aquele maldito bilhete. *Me encontre antes que eles me encontrem.*

Será que a Irmandade era o "eles" a que estava se referindo?

Minha cabeça estava cheia de perguntas em aberto e de milhares de possibilidades.

Não conseguia me concentrar, então arrumei tudo e subi para o escritório. Levei a arma comigo.

Minha ala da casa era separada dos cômodos principais por uma passarela

fechada. Minha equipe só entrava lá para limpeza e manutenção, a menos que eu os chamasse, e era assim que eu gostava. Havia comprado aquela propriedade no Upper East Side porque a planta me oferecia mais privacidade do que as coberturas e prédios geminados chiques que muitos dos meus colegas adoravam.

Entrei no escritório, pronto para fazer parte do trabalho que vinha negligenciando por não tirar a cabeça da despedida de solteiro, mas os pelos da minha nuca se eriçaram imediatamente.

Havia algo de errado.

Para ser mais exato... *havia alguém ali.*

O sexto sentido que me ajudara a sobreviver a várias ameaças ao longo dos anos entrou em ação antes mesmo de eu perceber a sombra na parede ou o fato de que a cadeira estava virada para o lado errado.

Quando o intruso girou na *minha* cadeira para me encarar, eu já havia levantado a arma e a apontado para ele.

Com um sorriso malicioso, o homem se acomodou melhor no estofado de couro castanho.

– Essa não é uma maneira muito educada de cumprimentar seus convidados.

Engatilhei a arma.

– Você pode atirar em mim. – Ele soou entediado. – Ou pode descobrir por que eu me arriscaria a invadir sua casa.

– Prefiro a primeira opção – rosnei.

Odiava desperdiçar palavras com homens que tão logo estariam mortos, mas eu não abaixaria a arma de jeito nenhum. Falar era a única maneira viável de me comunicar naquela situação.

– Então ele fala. – Seu sorriso não tinha qualquer humor. – Sei que você sabe quem eu sou, o que significa que também sabe que temos um interesse em comum: a Irmandade. Como eu disse, você pode atirar em mim ou pode ouvir o que tenho a dizer. Tenho a impressão de que posso responder a algumas perguntas que você tem se feito ultimamente. – Ele ergueu as mãos devagar. – Não estou armado. Só quero conversar.

Meu dedo tremeu. Estava tentado a puxar o gatilho e atirar nele de qualquer maneira, e a Irmandade que se fodesse. Porra, ele poderia ser só uma distração. Poderia haver outros membros dentro da casa naquele momento, invadindo os corredores e aterrorizando minha equipe enquanto eu estava ocupado ali.

Era improvável, dado que nenhum alarme havia disparado, mas não era impossível.

O fato de ele ter conseguido entrar não era nada bom, mas eu lidaria com

essa falha da segurança mais tarde. Tinha assuntos mais urgentes em mãos.

Ele me olhava fixamente, sem hesitar.

Desgraçado. Ele tinha um trunfo e sabia disso. Era meu único elo ativo com os Irmãos naquele momento, logo a satisfação de explodir sua cabeça não valia as informações que morreriam com ele.

Baixei a arma um centímetro e fiz um gesto para que ele começasse a falar.

– Foi o que pensei. – Roman Davenport se inclinou para a frente, seus olhos brilhando à luz da tarde. – Antes de entrarmos em detalhes, tenho uma proposta para você.

CAPÍTULO 20

Ayana



– CORTA! – WENTWORTH baixou a câmera e franziu a testa. – Ayana, minha linda, você não está *se concentrando*. Cadê o fogo? Cadê a paixão? Cadê aquele *borogodó* que fez de você a Modelo do Ano, hein? Não estou conseguindo ver, querida.

Não sou sua linda nem *sua querida.*

Engoli a resposta grosseira. Se fizesse qualquer coisa além de ser profissional, ganharia a fama de "difícil".

Além disso, por mais que odiasse admitir, ele tinha razão. Minha cabeça não estava focada. A sessão na Sage Studios tinha começado havia duas horas e ainda não tínhamos conseguido nenhuma foto boa. Eu não passava por uma dificuldade tão grande em um ensaio desde que tive intoxicação alimentar em Milão e vomitei num vestido de 10 mil dólares.

– Desculpe. – Forcei um sorriso. – Estou pronta. Vou me concentrar.

Wentworth me encarou por um segundo antes de soltar um suspiro exagerado.

– Não. Pessoal, vamos fazer uma pausa. Vão tomar um ar fresco, dar uma rapidinha na porra do banheiro. Não dou a mínima. Mas, quando voltarmos ao set, preciso de *todos* vocês dando o melhor possível, ouviram? Vambora! – Ele estalou os dedos. – Vamos, anda, anda!

A equipe de assistentes, estilistas, maquiadores e cabeleireiros se dispersou. Dava para ouvir as pessoas cochichando no estúdio, e algumas lançavam olhares solidários em minha direção enquanto eu me dirigia à janela mais próxima.

Abri o vidro um centímetro e aspirei ansiosa uma lufada do ar fresco de

setembro. Não ingeria nada desde o smoothie verde que havia tomado no café da manhã e estava me sentindo um pouco tonta por causa do estresse e da fome. O fato de Wentworth estar berrando ao fundo não ajudava em nada. Meu Deus, como eu detestava aquele homem.

Até então, ele vinha agindo profissionalmente, mas sua mera presença me dava calafrios. Já tinha visto e ouvido coisas demais para me sentir confortável perto dele, mesmo que estivéssemos cercados por outras pessoas.

Se ao menos Vuk estivesse aqui. O pensamento surgiu sem querer. Ele não tinha nenhuma relação com o mundo da moda, mas, por mais intimidador e irritante que fosse, fazia com que eu me sentisse segura. Eu tinha certeza de que se o apocalipse chegasse ele saberia o que fazer para nos manter vivos. Nesse nível.

Infelizmente, Vuk também era o motivo de eu estar mandando tão mal na sessão.

Fazia quase uma semana que ele havia me largado sozinha na rua depois de eu ter tentado beijá-lo. Quanto mais pensava sobre isso, mais era consumida pela culpa e pelo constrangimento, mas não conseguia *parar* de reprisar aquele momento.

O olhar dele, a mão segurando meu pulso e as palavras roucas que sussurrou no meu ouvido...

Não tinha entendido o que ele dissera, mas não fazia diferença. Sempre que pensava nisso, sentia um arrepio quente na coluna. Todas as vezes.

A maquiadora se aproximou.

– Vamos voltar em um minuto. Deixa eu retocar a sua maquiagem antes.

– Claro. – Engoli a agitação e fechei a janela. – Obrigada.

Enquanto a equipe cuidava do meu cabelo e da maquiagem, minha mente se voltou para o último fim de semana.

Não tinha visto Vuk nem falado com ele desde então, e estava começando a duvidar dos meus instintos. Provavelmente ele não estava atraído por mim. Talvez o álcool tivesse me feito imaginar coisas e inventar o clima que senti entre nós.

Se fosse esse o caso, ele provavelmente estava enojado pela minha falta de vergonha. Para ele, eu não passava de alguém que havia tentado trair o noivo semanas antes do casamento.

Se não fosse esse o caso, e ele de fato estivesse atraído por mim... Bem, não mudava muita coisa, né? A menos que ele estivesse disposto a arriscar uma amizade de treze anos por um prazer passageiro.

Soltei um grunhido baixinho. Foi tudo muito mais fácil quando eu estava bêbada.

A equipe terminou os retoques, e reassumi meu lugar diante da câmera.

Wentworth me olhou de cima a baixo.

– Linda – disse ele, seus olhos se demorando um pouco demais nos meus seios e nas minhas pernas. – Mas isso não basta. Me mostra o famoso brilho de Ayana Kidane.

Quanto mais cedo eu conseguisse uma boa foto, mais cedo poderia ir embora, então deixei de lado o desconforto e todos os pensamentos relacionados a Vuk e ao casamento.

Se tinha sido capaz de posar para uma campanha de inverno na Islândia usando um vestido decotado nas costas e sapatos de salto enquanto estava menstruada, seria capaz de dar conta daquilo também.

Respirei fundo e deixei o resto da sala desaparecer até que só restassem eu, a câmera e o clique compassado do obturador. Minha vida podia estar uma grande merda em todos os sentidos, mas ali... Ali era onde eu brilhava.

Durante as horas seguintes, fiz poses, improvisei e entrei no clima. Não precisava pensar, apenas deixar o corpo fluir naturalmente para as posições.

Música eletrônica francesa tocava ao fundo, acompanhando as exclamações de Wentworth de "Lindo!" e "Perfeito!". Fizemos algumas pausas para mais retoques e trocas de roupas, mas a sessão seguiu tão tranquilamente que terminamos antes do pôr do sol.

– Bom trabalho, pessoal – disse Wentworth, depois de concluirmos. – Esta campanha vai ser um sucesso.

Troquei de roupa e dei uma olhada no celular enquanto a equipe desmontava o set. Tinha novas mensagens da minha família e de Indira (perguntando, *outra vez*, se eu poderia dar uma forcinha com Vuk), mas de Vuk mesmo, nada... O que fazia sentido, levando em consideração que eu nunca dera meu número a ele.

Mas a decepção era grande mesmo assim.

– Ótimo trabalho, querida. Sabia que você ia conseguir.

A voz de Wentworth em meu ouvido me fez dar um pulo. Levantei a cabeça e encontrei seu rosto a centímetros do meu, e precisei de muito autocontrole para não lhe dar uma joelhada no saco.

– O começo foi difícil, mas acabou dando certo, né? – continuou ele.

O sorriso dele teve o efeito oposto ao pretendido.

Objetivamente, Wentworth tinha uma boa aparência. Tinha 40 e poucos anos, cabelos castanhos volumosos, olhos castanhos e traços austeros. Não era do

tipo que teria dificuldade para arrumar companhia... até as mulheres o conhecerem melhor.

Qualquer atrativo era neutralizado por sua arrogância e sua sordidez.

– Aham. – Discretamente, dei vários passos para trás. – Estou feliz por termos conseguido uma boa foto.

Olhei ao redor e percebi que todos tinham ido embora, menos nós dois. Eu me dei um sermão mental por não ter saído assim que a sessão terminou. Nenhuma modelo queria ficar sozinha com Wentworth.

– Devíamos comemorar. – Ele diminuiu a distância entre nós outra vez. Agora que não havia testemunhas, não parecia tão preocupado em ser profissional. – Meu apartamento é aqui perto. Posso pedir comida. Champanhe. Outras coisas.

As duas últimas palavras foram ditas de forma sugestiva.

Minha inquietação se multiplicou.

– Não, obrigada. – Dei mais um passo para trás, mas a parede me impediu de ir mais longe. – Tenho outro compromisso daqui a pouco. Na verdade, é melhor eu...

– Sério? – Wentworth arqueou as sobrancelhas. – O Hank me disse que esse era seu último trabalho do dia.

Porra, Hank.

Ele andava sumido desde que aparecera sem avisar em meu apartamento, o que era estranho. Normalmente, teria ligado pelo menos quatro vezes para saber como eu estava, mas não tive nenhum sinal dele.

Talvez fosse por saber que eu havia descoberto que ele estava me espionando. Como prometido, no início daquela semana Vuk enviara sua equipe para vasculhar meu apartamento e meus dispositivos eletrônicos em busca de grampos. Encontraram um no meu celular e outro na caneta Beaumont que eu carregava sempre comigo. Não conseguiram rastreá-los até Hank, mas eu sabia que ele era o responsável.

A equipe de Vuk havia se livrado dos grampos e deixara comigo um scanner que me permitia verificar dispositivos "não rastreáveis" sozinha. O corte súbito no fluxo de informações deveria ter chamado a atenção de Hank, embora ele estivesse sumido desde antes disso.

Não queria confrontá-lo ainda sobre os grampos. Não tinha certeza sobre o que estava esperando, só sabia que não era a hora.

Enquanto isso, precisava lidar com outro babaca.

– Não é um trabalho. É um... tratamento facial – menti.

Ajeitei a alça da bolsa no ombro e calculei a distância até a porta. Não estava longe, mas Wentworth bloqueava a passagem.

– Fiquei sabendo que você vai se casar daqui a um mês.

Ele se aproximou o suficiente para que eu sufocasse com o cheiro forte de seu perfume.

– Pois é – respondi, com um sorriso tenso. – Agora, se me der licença...

– É por isso que você tem andado tão distraída? Preciso dizer que esperava mais. – Wentworth balançou a cabeça. – Profissionalismo é fundamental.

Meu sangue ferveu, mas não mordi a isca. Recusava-me a lhe dar esse tipo de abertura.

– Tem muita gente falando do seu casamento – comentou ele em um tom casual. – Dizem que a cerimônia na igreja *na verdade* foi adiantada por conta de um escândalo, e não por causa da saúde de Orla Ford. Gravidez, filho fora do casamento, esse tipo de coisa.

– A pessoa que anda dizendo isso está equivocada – respondi rapidamente, irritada demais para fingir educação. – Como disse, tenho um compromisso daqui a pouco, então preciso mesmo ir.

Tentei desviar, mas ele foi mais rápido.

– Há outros boatos também – disse Wentworth, bloqueando a passagem outra vez. – De que você e o seu noivo não transam. Deve ser difícil. Intimidade física é importante em um relacionamento.

Ele tocou meu braço, seu hálito atingindo meu rosto.

Suas pupilas estavam enormes.

Ele está drogado. A constatação me atingiu em cheio. Não sabia o que ele tinha usado depois da sessão, mas Wentworth estava totalmente alterado.

Uma punhalada de medo gelou meu peito no momento em que ele se moveu, rápido feito um raio. Quando reagi, já era tarde demais.

Sua boca pressionou a minha. Ele apoiou as mãos na parede acima da minha cabeça, prendendo-me enquanto sua língua forçava passagem entre meus lábios.

Fiquei tão atordoada com a abrupta reviravolta que simplesmente fiquei parada, presa, enquanto Wentworth Holt me beijava sem consentimento.

Deveria empurrá-lo. Gritar, chorar, *qualquer* coisa. Mas parte do meu cérebro não conseguia processar o que estava acontecendo.

Ouvíamos histórias e notávamos determinadas coisas, mas dentro de cada pessoa vivia a minúscula e inabalável crença de que ela seria a exceção. De que o que acontecia com as outras jamais aconteceria com ela. O desastre era possível, mas não provável.

Portanto, apesar de todas as preocupações que tinha em relação a ele e todo o incômodo que sentia, nunca pensei que Wentworth seria ousado o suficiente para ter uma atitude como aquela.

Ele interpretou minha falta de reação como um incentivo e me beijou mais intensamente, uma de suas mãos deixando a parede para acariciar meu ombro.

A sensação da mão dele contra minha pele nua me tirou do estupor.

Senti o estômago se revirar, e uma repentina onda de raiva se sobrepôs a todas as outras emoções. Naquele momento, não me importei com minha carreira ou minha reputação. Homens como Wentworth Holt estavam há muito tempo tirando proveito dos outros, e eu estava *de saco cheio*.

Eu o empurrei para longe e lhe dei um tapa. O estalo retumbante ecoou pelo estúdio vazio.

– Não *encosta* em mim.

Meu coração batia tão forte que chegava a doer. Uma gosma pegajosa e azeda cobria minha língua, e as luzes zumbiam como vespas em meus ouvidos.

Em comparação com outras modelos, eu tinha tido "sorte" até então quando se tratava de canalhas como Wentworth. Já havia sido alvo de olhares e comentários sugestivos, e já tinha suportado uma mão boba aqui e ali, mas ninguém tinha sido tão descarado... até aquele momento.

O rosto de Wentworth se contorceu em uma carranca. Não estava acostumado a ouvir "não", e a combinação da rejeição e das drogas o transformou em uma versão ainda mais monstruosa de si mesmo.

Ele partiu para cima de mim outra vez. Tentei me esquivar, mas o espaço era limitado e ele tinha a força sobre-humana de um drogado.

Ele segurou meus braços e me jogou contra a parede.

Um grito subiu pela minha garganta, seguido por uma nova onda de fúria.

Estava faminta e exausta depois de um dia inteiro de ensaio, mas, se ele achava que isso significava que o deixaria fazer o que quisesse sem revidar, estava *muito enganado*.

Quando Wentworth tentou me beijar novamente, reuni toda a minha força e lhe dei uma cabeçada. O estalo horrível de ossos se misturou ao seu uivo de dor.

Sangue jorrou de seu nariz e pingou em mim quando o afastei e corri em direção à porta.

– Sua piranha!

Ele agarrou meu braço quando passei. Sua mão estava escorregadia por causa do sangue, e consegui me soltar.

Não lhe dei tempo para tentar me encurralar novamente. Nem sequer pensei.

Agi por instinto e dei uma joelhada na virilha dele com toda a força que consegui reunir.

Wentworth se dobrou com um uivo agudo. Só para garantir, bati com a bolsa na cara dele. Era a bolsa que eu sempre usava em ensaios, e estava cheia de maquiagem, produtos de cabelo, uma garrafa de água, uma agenda, um carregador de celular, lanches, um par de sapatos reserva e mil outras coisas que levava comigo para o caso de uma emergência.

Ou seja, a bolsa estava pesadíssima, e ouvi um baque muito satisfatório quando ela se chocou contra o rosto de Wentworth.

Não esperei para ver se o golpe o nocauteara ou se apenas o deixara mais lento.

Eu me virei e fui embora. Estávamos no sexto andar, mas peguei as escadas em vez de esperar pelo elevador, porque precisava me mover, precisava *continuar* me movendo, caso ele me alcançasse e me fizesse pagar por aquilo tudo.

Meus pulmões estavam ardendo quando cheguei ao saguão e saí para as ruas de Chelsea.

Um casal de passagem se espantou ao me ver surgindo, toda desgrenhada e suja de sangue, mas, como bons nova-iorquinos, não me incomodaram. Ignorei os olhares curiosos dos outros transeuntes enquanto caminhava depressa para bem, bem longe do estúdio. Entrei numa rua, depois em outra, e mais outra, até perder o senso de direção.

Por fim, parei na frente de um banco em uma esquina aleatória. Minhas panturrilhas doíam devido à velocidade da caminhada, e foi só quando minha visão embaçou que percebi que minhas bochechas estavam molhadas.

Meu peito arfava com soluços silenciosos. Tentei enxugar as lágrimas, mas elas não paravam de cair, e acabei desistindo.

Encostei na parede. A descarga de adrenalina diminuiu, deixando minhas pernas tão pesadas que mal conseguia ficar de pé.

Estava esgotada havia meses, e o embate com Wentworth havia drenado toda a energia que me restava.

Olhei fixamente para a frente, o mundo se transformando em um borrão de pessoas e carros.

No dia a dia, quando tinha uma agenda lotada para seguir e coisas mundanas para me distrair, conseguia me convencer de que estava bem. No entanto, quando ficava sozinha, à flor da pele e vulnerável, não conseguia negar o que me recusava a admitir: estava exausta. Física, mental e emocionalmente.

Minha vida estava uma loucura, e cada tentativa de recuperar o controle só o

deixava cada vez mais distante. Primeiro, assinei o contrato com a Beaumont para salvar minha família das dificuldades financeiras. Depois, concordei em me casar com Jordan para me livrar do contrato. Agora, tinha que lidar com meus sentimentos por Vuk e com o ataque de Wentworth. Tinha certeza de que ele tentaria distorcer o que aconteceu para me pintar como vilã.

Uma enxaqueca latejava em minhas têmporas.

Deveria registrar uma queixa na polícia. Ligar para Sloane. Descobrir o que fazer quando a agência me acusasse de ter "agredido" Wentworth, mesmo que tivesse agido em legítima defesa.

Fazia muito tempo que havia entendido que a Beaumont não estava do meu lado. Para eles, as modelos eram a base da pirâmide – havia uma oferta inesgotável delas.

Sempre havia uma jovem bonita com olhos brilhantes em algum lugar, sonhando com fama e dinheiro – ou, no mínimo, com a possibilidade de colocar comida na mesa da família.

Então, não, a Beaumont não ficaria do meu lado quando inevitavelmente descobrissem o ocorrido. Manteriam tudo em segredo e dariam um jeito de acalmar Wentworth.

Sequei o rosto com as costas da mão, fervendo de raiva. Meu lado racional sabia que deveria sair da rua antes que alguém tirasse uma foto minha chorando e a espalhasse pela internet.

Eu era famosa, mas, felizmente, não o bastante para justificar uma horda de paparazzi seguindo todos os meus passos. Isso não significava que estivesse a salvo de fotos espontâneas tiradas por transeuntes aleatórios.

Respirei fundo e tentei pensar. O que fazer em seguida?

Não queria voltar para o meu apartamento vazio; queria estar com alguém em quem confiasse. Mas quem eu tinha, de fato?

Jordan era a escolha óbvia, do ponto de vista prático, mas não queria algo prático. Queria apoio emocional, e ele não era a primeira pessoa a quem eu recorreria para isso.

Kim estava trabalhando, e Indira não era boa opção. Ela entenderia a situação, mas era próxima demais do setor. Sloane seria racional demais, e minha família enlouqueceria se soubesse da situação. Meu pai provavelmente sairia para matar Wentworth com as próprias mãos. Não queria depositar esse fardo emocional sobre eles quando já tinham tanto trabalho, além da organização da festa.

Minhas lágrimas enfim foram parando.

Sendo sincera, havia apenas uma pessoa que eu queria ver. Não fazia sentido, mas poucas coisas na minha vida ainda faziam sentido.

Então, antes que pudesse me convencer a mudar de ideia, fui até a estação mais próxima e peguei o metrô para o centro, em direção ao homem mais perigoso que conhecia.

CAPÍTULO 21

Vuk



TENHO UMA PROPOSTA PARA VOCÊ.

As palavras de Roman pairavam no ar. Ele estava sentado atrás da mesa, com uma expressão indiferente, mas a intensidade de seu olhar sugeria que minha resposta era muito mais importante do que ele deixava transparecer.

– Quero acabar com a Irmandade – disse ele. – E quero sua ajuda para fazer isso.

Levantei a arma outra vez.

– Eu sei, eu sei – continuou ele. – Você deve estar pensando: por que eu ia querer ajudá-lo? – Se encarar o cano de uma Glock o deixava desconfortável, Roman não demonstrou. – Fui eu quem incendiou a Vault. Quase o matei. Então, entendo você ter ficado um pouco...

Um tiro explodiu.

A bala passou por ele e se cravou na parede. Um aviso. Um aviso tão próximo que o cabelo dele se agitou levemente com a velocidade e a proximidade do disparo.

Roman hesitou.

– ... chateado – concluiu ele, calmo. – Não foi pessoal. Eu tinha uma dívida com a Irmandade e a paguei. Se não tivesse pagado, nós dois sabemos o que teria acontecido comigo.

Franzi os lábios. Infelizmente, eu sabia por experiência própria o que significava estar em dívida com os Irmãos. Isso não mudava o fato de que aquele desgraçado havia tentado me *matar* se aproveitando da minha maior fraqueza.

Minhas veias ardiam em chamas. Eu queria deixar a arma de lado, pegar

minha faca favorita e pintar as paredes com o sangue dele.

Meus instintos mais primitivos exigiam que eu cedesse, mas, no fim, a razão prevaleceu.

Roman continuaria vivo – por ora.

– Então, vou direto ao ponto. Quanto mais tempo eu passar aqui, mais provável será que eles descubram que entrei em contato com você. – Ele olhou para o escritório como se os Irmãos estivessem escondidos nas sombras. – A Irmandade quer você morto. *Muito mesmo*.

Jura? Agora me conta uma novidade.

Meu silêncio deixou claro que eu não estava nem um pouco impressionado.

– Não é pelos motivos que você imagina. A organização está em guerra. – Roman abriu outro sorriso apático diante da minha surpresa. – Gallo morreu no ano passado. O protegido dele, Shepherd, assumiu o comando, mas uma facção dos Irmãos se opôs à liderança dele. Isso rachou o grupo, e agora eles estão brigando pelo controle da organização. Em vez de atacarem uns aos outros, o que obviamente seria prejudicial para a saúde geral e a longevidade da Irmandade, eles definiram um prêmio, e o vencedor fica com tudo. – Roman acenou para mim com a cabeça. – Você.

A revelação caiu sobre mim feito navalhas.

Ele não entrou em detalhes, mas eu era capaz de preencher as lacunas sozinho.

Passara anos sendo a maior pedra no sapato da Irmandade. Fui o único que conseguiu escapar – uma prova viva do fracasso deles.

Eles eram um dos grupos de assassinos e matadores de aluguel mais elitizados do mundo, e eu tinha sido a única pessoa ao longo dos cem anos de sua história a enfrentá-los e sobreviver.

Me matar devolveria a honra da organização. Mais importante ainda: o lado vencedor teria demonstrado as qualidades que eles mais valorizavam. Força. Habilidade. Poder.

– Preferi ficar do lado do Shepherd. Pelo menos já sei como ele age. Ele me encarregou de matar você e fazer com que parecesse um acidente. Talvez eu tenha sido propositalmente descuidado no trabalho, mas fiz algo convincente o bastante para que eles não suspeitassem de uma traição.

– Por quê?

A atitude mais inteligente teria sido me matar e cair nas graças de Shepherd. Por outro lado, com a Irmandade em guerra, isso não significaria nada se a outra facção ganhasse.

Tudo isso presumindo que Roman estivesse dizendo a verdade. Era impossível verificar naquele momento, então eu precisava partir do pressuposto de que ele estava, até conferir sua história. Minuciosamente.

– O inimigo do meu inimigo é meu amigo. – Ele deu de ombros. – Não quero mais ser aliado de nenhuma das facções. Quero me livrar das duas. Mas não tenho como vencê-las sozinho, por isso preciso da sua ajuda.

Esperei.

– Vou lhe fornecer informações privilegiadas. E você fornece dinheiro e recursos – explicou ele. – Minha ideia era esperar você me procurar, mas as circunstâncias mudaram e seus homens estavam demorando demais. Então, deixei uma pequena pista na oficina, para dar uma acelerada nas coisas.

Os olhos de Roman percorreram o escritório novamente. Ou ele era um ator digno do Oscar, ou estava de fato apreensivo com a possibilidade de os Irmãos o encontrarem ali.

– Ainda não reconquistei totalmente a confiança dos Irmãos, depois de uma indiscrição que cometi. Eles estão me vigiando de perto, e eu não podia arriscar fazer contato direto até que eles estivessem... distraídos.

– Parece que eles têm motivos para não confiarem em você.

Isso era um péssimo sinal. Primeira regra de sobrevivência: nunca confiar em um traidor. Se uma pessoa foi capaz de trair alguém a quem devia lealdade, havia grandes chances de que traísse você também. Mas se os Irmãos tinham alguma ideia de onde ele estava...

– Quem são "eles"? No seu bilhete.

Me encontre antes que eles me encontrem.

Roman fechou a cara.

– Alguém com quem cruzei quando estava me escondendo da Irmandade.

Havia muitos segredos por trás daquelas palavras.

Apostaria minha empresa que a tal "indiscrição" tinha sido o vazamento do contrato com o Sunfolk, e que era por esse motivo que ele vinha se escondendo dos Irmãos. O que o fez reaparecer? E com quem ele cruzara? Quem era poderoso o bastante para deixar um assassino experiente preocupado?

Eram todas perguntas intrigantes, mas eu não tinha tempo para me aprofundar naquele momento. Até confirmar o que ele já havia me contado, era melhor não complicar demais a situação.

– Se você eliminar os líderes das duas facções, se tornará o novo líder da Irmandade. Muito conveniente.

Roman dissera que queria se livrar dos dois grupos. Não dissera que queria se

livrar da situação como um todo.

A organização seguia a antiga lei da matilha. O mais forte mandava e os mais fracos obedeciam.

Se Roman matasse Shepherd e o líder da outra facção, se mostraria o mais forte, e a liderança passaria para ele, a menos que alguém o desafiasse.

– Inteligente. Eu fiz bem em procurar você. – Um sorriso genuíno surgiu em seus lábios. – Sim, tenho motivos bem egoístas para querer o papel de líder, mas será benéfico para você também. Quando eu assumir o comando, a animosidade entre você e a Irmandade será esquecida. De uma vez por todas. Eu garanto.

– Você espera que eu acredite nisso?

– Claro que não. Mas a minha palavra é melhor do que nada. – Roman apontou para a arma com a cabeça. – Sua trégua durou enquanto a Irmandade temeu você. Infelizmente, esse mesmo medo o transformou no maior alvo deles. A única razão para eles ainda não terem feito outra tentativa tem a ver com certos... desdobramentos na guerra. Distrações. Depois que derem um jeito nisso, vão voltar a perseguir você.

– Que desdobramentos?

Ele soltou uma leve risada.

– Valeu a tentativa. Já falei o suficiente. Se quiser saber mais, vai ter que me dar algo em troca. – Roman me observou. – Suas antigas fontes na Irmandade secaram. Estão mortas ou aposentadas. Sou seu único elo ativo com a organização, e o único que pode lhe dizer quando eles planejam atacar outra vez. A facção do Shepherd, pelo menos. Mas tenho certeza de que consigo me infiltrar no outro lado também.

Ele teve o cuidado de não mencionar o nome da outra facção. Será que estava escondendo mais alguma informação ou era só um sinal de que estava me enrolando?

Analisei minhas opções.

Se Roman estivesse mentindo e eu concordasse em ajudá-lo, poderia acabar em uma armadilha. No entanto, ele havia conseguido entrar na minha casa. Se estivesse aliado aos Irmãos, eles já teriam atacado. Não faria sentido prolongar a situação – a menos, é claro, que quisessem fazer um espetáculo. Me humilhar primeiro, provando o quanto eu era ingênuo de acreditar nas mentiras de Roman, e depois me torturar. Era improvável, mas possível.

Se Roman estivesse dizendo a verdade, aquela era a melhor chance que eu tinha de sobreviver. Desde que descobri que a Irmandade estava envolvida no incêndio, havia ficado apenas na defensiva, porque não tinha escolha; estava

trabalhando no escuro. Com as informações de Roman, eu poderia enfim partir para o ataque.

Quanto às consequências de Roman assumir o controle da organização... seria um problema para depois.

– E aí? – Os olhos dele se fixaram nos meus. – Temos um acordo?

Minhas antigas fontes podiam ter secado, mas obter informações sobre a guerra entre a Irmandade não era impossível, desde que se soubesse onde procurar... e eu sabia.

Teria que conferir com muito cuidado cada palavra que saíra da boca de Roman. Até lá...

Apertei o gatilho.

Ele não teve chance de correr. Seu corpo tremeu com o impacto da bala e ele soltou um sibilo agudo quando o projétil atravessou seu ombro. O sangue brotou na frente da camisa e pingou no apoio de braço de couro.

Merda. Era minha cadeira favorita.

Roman me encarou com o rosto pálido de dor, mas não gritou. Ganhou pontos por isso.

– Eu podia ter mirado no seu coração. Entro em contato para falar da sua proposta. Agora, sai da minha casa antes que eu mude de ideia.

CAPÍTULO 22

Ayana



A MANSÃO DE VUK lembrava o dono: grande, imponente e envolta em silêncio.

Era uma das raras propriedades de Manhattan com espaço suficiente para um pátio na frente e *outro* nos fundos, cercados por gigantescos portões de ferro preto.

Já havia visitado o local uma vez com Jordan. Fiquei tão intimidada com o tamanho e a fachada pouco acolhedora que passei o jantar inteiro nervosa. Nem sentira o gosto do belo assado gourmet feito em casa.

Isso já fazia um ano.

Dessa vez, no entanto, a visão dos portões me encheu de alívio. Queria me perder sob a segurança das pesadas paredes de pedra e das fechaduras. Queria uma bolha onde o mundo exterior não existisse e homens como Wentworth Holt não pudessem me alcançar. Acima de tudo, queria ver a única pessoa capaz de me fazer esquecer o que aconteceu, mesmo que por pouco tempo.

Apertei a campainha e esperei. O sol havia se posto e o crepúsculo banhava a rua em um silêncio azul e gelado.

Aquele era um dos bairros mais seguros de Nova York, mas mesmo assim preferia estar do lado de dentro dos portões.

– Posso ajudar? – disse uma voz límpida, com sotaque levemente britânico, pelo interfone.

– Oi. Eu vim ver o Vuk. Markovic – acrescentei inutilmente, como se houvesse outro Vuk que pudesse residir no local. – Sou uma, hã... amiga.

Talvez "amiga" fosse exagero, mas "a noiva do amigo dele, que tentou beijá-lo depois que ele quase a matou asfixiada sem querer na noite da despedida de

solteira dela" não ia pegar muito bem.

Além disso, quando eu colocava naqueles termos... Estremeci. Meu Deus, eu estava maluca.

– Certo. – A voz soou inabalável, mas educada. – Receio que o Sr. Markovic esteja ocupado no momento, mas vou lhe avisar que a senhorita está aqui. Qual é o seu nome?

– Ayana Kidane – respondi, constrangida, tentando disfarçar meu tom embargado.

Não começaria a chorar só porque Vuk não podia me ver depois de eu aparecer em sua casa sem avisar. O que eu esperava? Que ele estivesse sentado aguardando visitas? Ele era CEO de uma empresa e presidente do comitê de gestão do Valhalla. Tinha coisas mais importantes para fazer.

Minha resposta foi seguida de uma longa pausa.

Para minha surpresa, os portões se abriram logo depois, seguidos por uma recepção um pouco mais calorosa.

– Por favor, entre.

Eu me perguntei o que fez o porteiro mudar de ideia. No entanto, como a cavalo dado não se olha o dente, entrei e fui até a porta.

Um homem alto, de cabelos brancos e terno preto, me aguardava na porta principal. Não me lembrava de tê-lo visto na última visita. Na ocasião, o próprio Vuk nos recebera, e os únicos funcionários com quem interagi foram os garçons.

– Srta. Kidane, seja bem-vinda – disse ele. – Sou Jeremiah, o mordomo. Me acompanhe, por favor. O Sr. Markovic está à sua espera.

Menos de um minuto havia se passado desde que ele abrira o portão. Como já havia tido tempo de informar Vuk?

Não importa. Não estava ali para analisar como Vuk gerenciava a casa.

Segui Jeremiah para dentro. Havia me arrumado no banheiro de uma loja de departamentos antes de ir, mas não consegui disfarçar os olhos inchados de tanto chorar nem limpar a mácula que a boca de Wentworth havia deixado na minha.

Meus passos vacilaram por um instante, e torci para que Jeremiah não tivesse notado o leve tremor em minha mão enquanto ajeitava a bolsa.

Atravessamos o hall de entrada e seguimos para as áreas sociais. Era exatamente como eu lembrava. Longos corredores de mármore levavam a cômodos imensos dedicados a todo tipo de atividade. Sala de sinuca, sala de cinema, sala de estar, sala de visitas (até hoje não sabia a diferença entre as duas últimas) e uma que parecia não ter outra finalidade a não ser exibir diferentes instrumentos musicais.

Depois de uns dez minutos, enfim paramos em frente à biblioteca. As portas estavam entreabertas. Jeremiah apontou para que eu entrasse. Assim que obedeci, ele fechou a passagem atrás de mim com um estalido baixo.

Esperei até que seus passos se distanciassem para voltar a respirar normalmente. Vuk não havia nos mostrado a casa da vez que estive lá com Jordan, então eu nunca tinha visto a biblioteca.

Era linda – prateleiras e mais prateleiras de livros encadernados em couro, um carpete verde-esmeralda tão pesado que abafava os sons dos meus passos, e janelas gigantescas com vista para o quintal.

Vuk estava sentado a uma das mesas de jacarandá. O notebook estava aberto à sua frente, e uma ruga profunda se formara entre suas sobrancelhas. No entanto, seu olhar se suavizou um pouco quando ele me viu.

Vuk fechou o notebook abruptamente e ficou de pé, concentrado em meu rosto e em meu aperto firme na bolsa. Seu olhar ficou mais aguçado.

"O que aconteceu?"

Abri a boca. Não saiu nada.

Passei só para dar um oi. Tenho algumas coisas para resolver sobre o casamento. Quero falar sobre o último fim de semana.

Havia ensaiado uma dezena de desculpas durante a viagem de metrô. Concluí que seria melhor não contar a Vuk sobre Wentworth, porque, na verdade, tinha um pouco de medo do que ele poderia fazer. Não queria que se metesse em confusão.

Mas, agora que estava ali, as desculpas que inventara morreram em minha garganta. Para meu grande constrangimento, lágrimas brotaram em seu lugar.

Por um breve instante, achei que conseguiria controlá-las. Então, um soluço se libertou, e pronto.

Desabei, os ombros tremendo, o abdômen se contraindo com a força do meu choro. As lágrimas de antes não eram nada comparadas àquilo. Eu havia inconscientemente me contido porque estava em público, mas, ao me ver em um lugar seguro, perdi todas as amarras.

A raiva, o nojo, o medo, a frustração e o nervosismo – todas as emoções que me atormentaram no último ano inundaram a sala. Não era só Wentworth. Era *tudo*. Ele fora apenas a gota d'água.

Cada arfada em busca de oxigênio falhava; cada tremor gerava mais tremores. Calafrios percorreram meu corpo e eu estava me afogando tão fundo em minha angústia que não percebi a aproximação de Vuk.

Braços fortes me envolveram e me abraçaram. Instintivamente, enterrei o

rosto no peito dele, encontrando conforto em seu calor e em seu cheiro com leves notas de fumaça. Seu coração batia em um ritmo constante sob minha bochecha.

Pensei que os muros e os portões fossem me dar segurança, mas não. Era *ele*.

Depois de minutos, horas ou talvez dias, minhas lágrimas diminuíram. Eu me afastei, com os olhos e a garganta ardendo.

– Me desculpa. – Funguei. – Não pretendia entrar e cair no choro em cima de você desse jeito. Eu nem... nem cheguei a dizer oi.

"Não peça desculpas." Seus movimentos foram comedidos, mas detectei em seus olhos algo que nunca tinha visto: pânico. "Me conta o que aconteceu."

Engoli em seco. Apesar do que havia decidido antes, não queria mentir para ele. Vuk estava muito preocupado, e eu, muito ansiosa para me abrir com alguém.

Qual seria a pior coisa que ele faria, supondo que sequer tomasse alguma atitude? Cobrar alguns favores e dar um jeito de Wentworth ser excluído do mercado ou receber uma surra? O cara merecia.

– Eu estava em uma sessão de fotos, e o fotógrafo... – Solucei. – Depois que todo mundo foi embora... ele tentou... ele...

Foram necessárias várias tentativas, mas finalmente consegui falar. Contei a Vuk o que acontecera, começando com as investidas de Wentworth após a sessão e terminando com minha fuga do local. Quanto mais eu falava, mais imóvel Vuk ficava. Quando terminei, ele parecia uma estátua, os olhos tão frios e inexpressivos que os pelos da minha nuca se eriçaram.

– Ele pôs as mãos em você – disse Vuk baixinho.

Não havia qualquer emoção em sua voz. Era puro gelo.

Foi tão desconcertante que nem refleti muito sobre o fato de aquela ser a terceira vez que ele falava verbalmente comigo.

– Ele não... Não aconteceu nada além do beijo.

Não estava tentando defender Wentworth, mas a estranha calma de Vuk me deixou mais nervosa do que se ele tivesse se enfurecido e socado alguma coisa.

– Estou bem.

Não era verdade. Estava fisicamente bem, mas minha mente e meu emocional estavam em frangalhos. De qualquer maneira, eu me sentia mil vezes melhor do que quando havia chegado.

Preparei-me para um novo interrogatório sobre os acontecimentos do dia. Para minha surpresa, ele não fez nenhuma pergunta.

Vuk digitou algo no celular e me guiou até a mesa mais próxima. Eu me

acomodei, confusa, até que dois funcionários apareceram minutos depois com bandejas de prata. Eles as colocaram à minha frente e removeram os cloches, revelando uma caneca fumegante de chá, uma variedade de frutas e doces e, curiosamente, dois potes de manteiga de amendoim. Uma cremosa e outra crocante.

"Come." Vuk sentou-se à minha frente depois que sua equipe saiu. "Você vai se sentir melhor."

Pegando a deixa, meu estômago roncou. Eu estava mesmo morrendo de fome.

– Como você sabia?

"Você passou o dia inteiro em uma sessão de fotos. Duvido que tenham alimentado você direito."

Um calor invadiu minha barriga.

– E a manteiga de amendoim?

Era um dos meus prazeres secretos.

"Você falou sobre manteiga de amendoim enquanto dormia, naquela viagem para a Califórnia. Imaginei que gostasse."

– Eu falei sobre manteiga de amendoim enquanto estava dormindo? – perguntei, constrangida. – Isso é tão... Alguém me mata, por favor?

Um sorriso suavizou a boca de Vuk. Ele não disse mais nada enquanto eu devorava um croissant e mergulhava as fatias de maçã na manteiga de amendoim. Danem-se as calorias. Comeria o que quisesse e me preocuparia com isso mais tarde.

Fiquei grata por Vuk não ter feito mais perguntas sobre Wentworth. Já havia desabafado, e foi bom comer em silêncio, sem remoer o trauma.

Era exatamente do que eu precisava naquele momento.

Tomei um gole de chá e arregalei os olhos diante do sabor.

– É praticamente idêntico ao chá que servi para você na minha casa.

Vuk deu de ombros.

"Gostei dele, então pedi que o recriassem para mim, o mais parecido possível."

– Como? É uma mistura personalizada da minha mãe. Nem para *mim* ela conta tudo que coloca nele.

"Tenho meus contatos."

Claro que tinha.

– Que beleza – murmurei.

Já eu precisava ir a Washington se quisesse mais chá.

A familiaridade reconfortante me provocou uma onda de nostalgia. Se ao menos estivesse em casa... Sentia falta da simplicidade da juventude, quando não havia nada que minha mãe não pudesse acalmar com um abraço e uma bebida quente.

Vuk sorriu outra vez, mas a frieza não deixou seus olhos em momento algum.

Ainda estava pensando em Wentworth.

Ao mesmo tempo, havia outra pendência a resolver. Fiquei em dúvida se deveria tocar no assunto, mas teríamos que conversar sobre o que acontecera, cedo ou tarde. Era melhor arrancar todos os band-aids de uma vez.

– Sobre o sábado passado... – comecei, timidamente. – Eu não...

"Não aconteceu nada no sábado passado."

Eu me sobressaltei com a resposta concisa. Ele não hesitou nem por um segundo.

Será que eu estava delirando? Será que tinha imaginado o que acontecera na rua?

Não. Eu não estava tão bêbada assim. Com certeza tentei beijá-lo, e ele com certeza me impediu. Não sabia o que Vuk havia dito em sérvio, mas ouvi o que veio antes, em alto e bom som.

Não.

Vuk estava me fazendo uma gentileza, me dando a chance de fingir que nada havia acontecido. Aquele era, em todos os aspectos, o melhor cenário para nós dois.

Então por que fiquei tão decepcionada?

Ele mudou de assunto.

"Você contou para mais alguém o que aconteceu com o Wentworth?"

– Ainda não. – Meu rosto ficou quente. – Você foi a primeira pessoa que eu procurei.

A vulnerabilidade nua e crua da minha admissão pairou entre nós como páginas de um diário ao vento.

A expressão de Vuk ficou mais branda.

– Vou ter que contar ao Hank e à Sloane – acrescentei rapidamente. – De qualquer maneira, vou ter que falar com o Hank em breve. Passei a semana toda sem notícias dele.

"É mesmo?" A expressão de Vuk era impassível. "Que estranho."

– Pois é. – Terminei de beber o chá e coloquei a caneca na mesa. – Obrigada pela comida e por me ouvir, mas preciso ir embora. Já tomei bastante do seu tempo.

“Por que você não procurou o Jordan primeiro?”

Fiquei imóvel. Em termos lógicos, eu *deveria* ter procurado meu noivo primeiro. Mas como poderia dizer a Vuk que era ele quem eu queria ver, e não Jordan?

– Vou contar para ele mais tarde – menti. – Mas ele tinha, hã, uma reunião muito importante no trabalho hoje, e não quis incomodá-lo.

Vuk estreitou os olhos. Era uma justificativa frágil, mas, felizmente, ele não insistiu no assunto.

Fiz menção de me levantar, mas parei diante da pergunta seguinte.

“Você está com raiva?”

– Do quê?

“Do Wentworth.”

Meu maxilar se contraiu.

– É *claro* que estou com raiva. Ele me atacou, e não sou a primeira modelo que ele assedia. Eu queria... – Respirei fundo, me controlando. – Não importa. A raiva não vai me levar a lugar algum. Tenho que lidar com as coisas... de maneira prática. Embora esteja feliz de provavelmente ter quebrado o nariz dele.

Torcia para que o nariz dele nunca voltasse ao lugar e que aquele babaca tivesse que passar o resto da vida com a cara torta. Ele era tão vaidoso que sofreria com isso.

Vuk se levantou de repente.

“Vem comigo. Tenho uma coisa que pode ajudar.”

O fato de eu sequer tê-lo questionado era uma prova do quanto passara a confiar nele.

Meu peito se encheu de curiosidade enquanto eu o seguia para fora da biblioteca e descia as escadas até...

Hesitei, sem saber ao certo o que estava vendo.

A sala no subsolo tinha o dobro do tamanho do meu apartamento, mas estava vazia, exceto por uma mesa no meio e caixas cheias de lixo. Garrafas quebradas e tampinhas estavam espalhadas do lado oposto, e havia um leve odor pungente. Parecido com o de torrada queimada, mas um pouco mais enfumaçado.

Vuk se aproximou de um baú preto e o abriu, então fez sinal para que eu me juntasse a ele.

Eu fui. Olhei lá dentro, meio que esperando ver um cadáver ou algo assim. Em vez disso, encontrei um capacete, um colete, óculos de proteção e luvas.

Franzi a testa.

– O que... – Parei e olhei ao redor outra vez. De repente, entendi tudo. – Peraí. Você tem sua própria *rage room*?

Ele deu de ombros.

"É útil às vezes."

Já tinha ouvido falar de locais onde as pessoas pagavam para descarregar o estresse e a raiva destruindo objetos. Nunca tinha ido a um, mas sempre ficara intrigada com o conceito. Era definitivamente melhor do que puxar briga em um bar ou descontar nas pessoas mais próximas.

Olhei para as caixas de louça e eletrônicos antigos que nos cercavam. Meus pais haviam me criado para valorizar nossos pertences. A ideia de quebrar indiscriminadamente aqueles itens me deixou inquieta – até que meus olhos pousaram em uma câmera antiga.

Não era da mesma marca ou modelo da que Wentworth havia usado. Nem mesmo da mesma cor. Mas a mera imagem me lembrou do estúdio, da repugnância de ter as mãos dele em mim e da prepotência que ele havia demonstrado.

A fúria voltou à tona, preenchendo minhas entranhas até que achei que fosse explodir.

Peguei o equipamento de segurança e o coloquei. Fiz questão de prender o cabelo antes de colocar o capacete, para que não ficasse desgrenhado. Quando terminei, Vuk me entregou um taco de beisebol e se retirou sem dizer uma palavra.

A porta se fechou.

Fiquei olhando para a mesa antes vazia. Vuk a havia enchido de itens enquanto eu estava me arrumando. Havia taças de vinho, pratos, uma TV e a maldita câmera. A tela escura da TV estava voltada para mim, refletindo minha silhueta trêmula.

O que Wentworth viu quando olhou para mim? Alguém de quem podia se aproveitar porque o sistema foi criado para favorecê-lo. Alguém como as outras garotas, que ficavam de boca calada e fingiam educação porque tinham medo das consequências.

Eu não as julgava por não se manifestarem. O mundo não era gentil com aquelas que ousavam se posicionar.

Mas não significa que isso estava certo.

Aproximei-me da mesa, com o coração acelerado. Munida do equipamento e com o bastão na mão, não parecia tão indefesa como sempre me sentia. Parecia alguém capaz de reagir.

Respirei fundo, levantei o bastão e *golpeei* a câmera, que se quebrou com um estalo tenebroso.

Não satisfeita, passei para a TV. Bati nela uma, duas, três vezes, até que a tela ficou tão destruída que mal dava para reconhecer o aparelho. Em seguida, descarreguei a frustração nos pratos, nas garrafas, nos enfeites de cerâmica. Nada estava a salvo da minha raiva.

No entanto, o fogo dentro de mim continuou aceso, cravando suas garras, desesperado para se libertar. Meu coração estava disparado. O suor encharcava minha pele, e meus músculos doíam com a força dos golpes.

Mas continuei golpeando com o taco, sentindo um prazer perverso com a chuva de cacos de vidro e cerâmica, até que, *por fim*, não havia mais nada para quebrar. Só então parei.

O taco caiu no chão. Apoiei as mãos enluvadas na mesa e me debrucei, com o peito arfando. Os óculos de proteção estavam embaçados e gotas de suor escorriam pela lateral do meu rosto. Meus braços estavam tão doloridos que era difícil erguê-los.

Não era conforto. Era algo ainda melhor.

Catarse.

CAPÍTULO 23

Vuk



– O SENHOR NÃO pode entrar aí. Senhor!

O assistente veio atrás de mim, os sapatos brilhantes rangendo contra o piso de mármore.

Eu o ignorei da mesma forma que ignorei os demais funcionários que me encararam enquanto eu atravessava o escritório da Beaumont.

Havia esperado o fim de semana inteiro por aquilo, e minha paciência tinha chegado ao limite.

Depois que Ayana terminou de usar minha *rage room* improvisada, na sexta-feira, eu a levei para casa e me certifiquei de que estava em segurança dentro do apartamento antes de formular meu plano.

Precisei de todo o meu autocontrole para não ir atrás do maldito Wentworth Holt naquela mesma noite e matá-lo. Mas havia algo que precisava fazer primeiro, e agir por impulso nunca era uma boa ideia.

Parei na frente de uma das salas e entrei sem bater.

Emmanuelle Beaumont não pareceu surpresa com a minha chegada.

Devia ter sido avisada por alguém da recepção.

– Vuk Markovic. – Ela dispensou o assistente, os olhos brilhando, entretida, quando fechei a porta na cara do sujeito. – Que surpresa. A que devo a honra?

Eu me sentei na cadeira diante da dela e apenas a observei, sem esboçar qualquer reação.

Emmanuelle era uma mulher muito bonita, mas eu já havia lidado com cobras muitas vezes na vida e as reconhecia facilmente.

Por trás do verniz educado, havia a mente astuta de uma víbora. Ela não havia chegado ao topo de seu campo de atuação sendo boazinha, e eu a teria admirado por isso se sua crueldade não tivesse afetado Ayana.

Fui direto ao ponto e coloquei um pedaço de papel na mesa dela. Continha duas palavras: Wentworth Holt.

– O que tem ele?

Tom neutro, expressão neutra, mas ela estava ciente do que havia acontecido. Deu para perceber pela sua serenidade. Era a calma de alguém que estava se esforçando muito para fingir não saber do que eu estava falando.

Havia uma caneca de cerâmica cheia de canetas comuns ao meu lado. Ignorei todas elas e peguei a Montblanc personalizada de 500 dólares da mão dela.

Emmanuelle contraiu os lábios, mas foi esperta o suficiente para ficar quieta.

Escrevi a resposta com traços pretos precisos.

Ele atacou Ayana depois da sessão de fotos na sexta-feira.

Escrever aquilo fez minha raiva ferver novamente. Apenas covardes atacavam pessoas que consideravam incapazes de revidar. Wentworth sabia o poder que detinha e o usara para tomar liberdades inadmissíveis.

Era o pior tipo de covardia.

– Interessante. – A expressão de Emmanuelle voltou à neutralidade. – Wentworth me ligou hoje de manhã aos gritos, falando sobre Ayana ter atacado *ele*. Ele foi ferido e tem registros do pronto-socorro para provar. Disse que está a ponto de prestar queixa.

Deixe que preste.

Ela olhou fixamente para as palavras no papel. A ameaça implícita pairou no ar, pesada.

Quando Emmanuelle voltou a falar, soou cautelosa:

– Eu não sou chefe dele, Sr. Markovic. Eu não o *deixo* fazer nada. Não tenho controle sobre suas decisões.

Mas você tem controle sobre os ensaios da sua agência. A fervura havia atingido o ponto máximo, mas eu a contive por ora. *Nunca mais coloque uma modelo sua em uma sessão com esse sujeito*.

– Essa é uma exigência e tanto para alguém que não trabalha com moda e com quem eu nunca tinha conversado – respondeu Emmanuelle, me analisando. – Você é o padrinho de casamento de Jordan Ford, certo?

Respondi com um olhar frio. Nós dois sabíamos a resposta.

– Estou curiosa. – Ela passou uma unha afiada e vermelha sobre o texto preto no papel. – Por que é você quem está aqui, discutindo a situação, e não o noivo dela?

Porque ela é minha.

Jordan tinha o título de noivo, mas foi a mim que ela recorreu. Era eu quem entendia do que ela precisava – não de conforto, mas de vingança. Era eu quem mataria e morreria por ela sem nem hesitar.

Nenhum outro homem ocuparia esse lugar, com ou sem anel de noivado.

Abri um sorriso desprovido de qualquer emoção genuína, uma imitação deliberada de um sorriso de verdade. O movimento contorceu a cicatriz ao redor da minha boca.

Emmanuelle engoliu em seco. Um lampejo de repulsa cruzou seu rosto.

Eu me levantei, e ela enrubesceu quando as pernas de metal da cadeira arranharam o chão.

Saí sem responder à pergunta dela.

Esperei até chegar à calçada para pegar o celular e fazer login em um aplicativo criptografado.

Queria confrontar Emmanuelle a respeito de Wentworth, mas também tinha outro motivo para ir até lá: instalar um pequeno dispositivo de vigilância debaixo da mesa enquanto ela estava distraída com o bilhete.

O dispositivo já estava transmitindo em alto e bom som tudo que acontecia na sala.

Eu estava prestes a guardar o celular no bolso quando ele vibrou com uma nova mensagem.

SEAN

Estamos só te esperando.

Desta vez, meu sorriso foi quase genuíno.

O dia já estava melhorando.



Quarenta minutos depois, cheguei a uma área industrial no Brooklyn. Ao contrário das regiões badaladas mais próximas do centro, aquele canto específico da vizinhança era um antro de pichações e ruas vazias. Armazéns abandonados se aglomeravam ao longo de calçadas rachadas e cobertas de sujeira. Até mesmo o céu parecia mais cinzento.

As chances de alguém passar por ali aleatoriamente eram quase nulas.

Estacionei atrás do armazém de número 5 e entrei pela porta de trás.

Sean já me aguardava em frente ao antigo depósito que ficava nos fundos.

– Nós o pegamos a caminho de casa – disse ele. – Ninguém viu nada, e ele passou o tempo todo vendado pra não saber onde estávamos.

"Ótimo."

Eu estava ansioso para entrar, mas meu chefe de segurança me impediu antes de eu tocar a maçaneta.

– Mais uma coisa. – Ele baixou a voz. – Investiguei as alegações do seu... amigo. Ninguém me deu uma resposta concreta, mas todos me deram fortes indicações que ele está dizendo a verdade. O submundo está em estado de alerta. Raramente ficam tão preocupados, a menos que algo grave esteja acontecendo. – Sean esfregou a boca. – Poderíamos tentar contratar a Irmandade por meio de um laranja e ver o que acontece, mas seria arriscado.

"Concordo. Nada de intermediários."

Poderiam rastrear o laranja até nós. Se ele fosse pego, seria torturado pelos Irmãos, e não importava quão durão fosse o sujeito. Todo mundo cedia, mais cedo ou mais tarde.

"Pode deixar que eu cuido dessa situação daqui para a frente. Espere aqui até eu terminar."

Havia contado a Sean, e *apenas* a Sean, a respeito da visita de Roman. Ele ficara chocado e indignado com o fato de alguém ter conseguido entrar na minha casa. Levara menos de uma hora para encontrar e corrigir a falha de segurança. Roman havia entrado sorrateiramente como membro do serviço de jardinagem quinzenal, e o guarda encarregado de fazer a triagem de todos os visitantes fora negligente. O homem foi demitido de imediato e substituído por alguém com mais experiência.

Um erro bobo, que não podíamos nos dar ao luxo de cometer, agora que a Irmandade estava de novo na jogada.

Sean não ficara nada animado com a proposta de Roman. Ainda assim, compreendia a complexidade do meu relacionamento com a Irmandade e se absteve de fazer críticas, mas não deixou de me alertar para não confiar em Roman.

– Entendido – respondeu ele. – Vou ficar de olho.

Girei a maçaneta e entrei no depósito.

Havia comprado o armazém anos antes, usando uma empresa de fachada. Sua titularidade estava enterrada sob tanta burocracia que uma equipe completa de contadores forenses de primeira linha levaria anos para descobrir que pertencia a mim.

Deixei a maior parte do armazém como estava, mas instalei isolamento acústico em alguns cômodos, incluindo o depósito. Era impossível alguém do lado de dentro ouvir o que acontecia do lado de fora e vice-versa.

Adquirir e reformar o armazém sem dar nenhuma dica do verdadeiro dono tinha sido uma dor de cabeça, mas valera a pena.

O armazém era para situações especiais. Não o visitava com frequência, mas ele tinha sua utilidade.

O homem lá dentro se endireitou ao me ouvir entrar. Estava amarrado a uma cadeira, com uma venda nos olhos.

Aproximei-me e calmamente removi o pedaço de pano com a mão enluvada.

Wentworth Holt me encarou, o rosto pálido. Um lampejo de reconhecimento atravessou seus olhos.

– O que é isso? – Sua voz tremeu. – O que está acontecendo? Você precisa me ajudar! Você precisa...

Ele parou de falar quando tirei um pedaço de papel do bolso e o coloquei em seu colo.

Era uma cópia de sua agenda da última sexta-feira, com a sessão na Sage Studios circulada em vermelho.

Wentworth era um predador, mas não era burro. Levou menos de um minuto para que as peças do quebra-cabeça se encaixassem.

– Isso tem a ver com a Ayana? – Ele soltou uma risada nervosa. – Escuta, cara, eu não sei o que ela falou para você, mas foi *ela* quem deu em cima de *mim*. Estava me implorando para...

Suas palavras foram interrompidas por um uivo quando dei um soco na sua cara. Fiquei satisfeito ao notar que o nariz dele ainda não havia se curado da cabeçada de Ayana e que se quebrou facilmente com o golpe.

A dor devia ter sido excruciante.

– Eu nem fiz nada! – gritou Wentworth. Sangue e lágrimas escorriam pelo rosto dele. – Foi só um beijo idiota. Você não pode... Você é empresário, né? Eu me lembro de você, dos jornais. Você não pode fazer isso. Isso é... Eu... Isso é sequestro!

Em primeiro lugar, odiava que as pessoas me dissessem o que eu podia ou não podia fazer.

Em segundo...

Digitei a resposta no celular. *Só é sequestro se você estiver vivo.*

No momento em que assimilou a ameaça implícita, a expressão de Wentworth se contorceu com o mais puro terror, e ele simplesmente desmaiou.

Ah, pelo amor de Deus.

Olhei para seu corpo lânguido com nojo.

Qual era o problema daqueles caras da moda? Primeiro Hank, agora

Wentworth. Eles adoravam aterrorizar outras pessoas, mas não aguentavam um por cento do próprio remédio.

Achavam que Ayana era fraca, mas ela era mil vezes mais forte do que eles.

Verifiquei o relógio. Tinha uma prova de smoking e uma reunião com Cingapura dali a duas horas.

Em vez de perder tempo, dei um tapa em Wentworth para acordá-lo e ignorei seus balbucios apavorados quando peguei um martelo em uma mesa. Desamarrei seus braços e coloquei sua mão direita na mesa.

Era sua mão dominante – a que ele usava para tirar fotos e a que tinha usado para tocar Ayana. Para agarrá-la e prendê-la enquanto tentava tomar o que não lhe pertencia.

A mão que ele usou para fazê-la chorar.

Wentworth devia ter lido as intenções estampadas em meu rosto, pois suas súplicas atingiram um tom febril. Não era burro o suficiente para tentar escapar, mas seus gritos só aumentaram a raiva gelada que percorria minhas veias.

Imaginei o rosto de Ayana cheio de lágrimas. Relembrei o som de seus soluços. Lembrei-me da maneira como ela tremeu em meus braços.

Fui cegado pelo ódio e deixei toda a raiva reprimida *explodir* ao esmagar a mão de Wentworth com o martelo.

O ruído de ossos se partindo foi tão alto que consegui ouvi-lo mesmo sobre seus gritos animalescos.

Joguei o martelo de lado e descarreguei o resto da minha raiva com os punhos. Gostava de facas e armas, mas, quando se tratava de extravasar, nada melhor do que uma surra à moda antiga.

Não havia ninguém para dar ouvidos às súplicas de Wentworth. Quantas vezes ele já havia ignorado alguém gritando para que ele parasse? Não era tão agradável quando era com ele, não é mesmo?

O suor cobria minha pele. Os nós dos meus dedos estavam machucados e feridos por causa da surra, mas continuei até que seus lamentos diminuíssem e ele desmaiasse mais uma vez.

Só então parei.

Passei por seu corpo todo quebrado e fiz sinal para que Sean cuidasse dele. Já tinha descontado a maior parte da minha raiva, mas não toda.

Wentworth tinha se safado muito fácil. Queria mesmo era cortar o pau dele fora e enfiá-lo pela goela dele, mas não valia a sujeira. Por isso, deixei-o com a cara ensanguentada, a mão quebrada e uma advertência tácita para que nunca mais se aproximasse de Ayana ou sequer *pensasse* nela.

Nem era preciso dizer que qualquer tentativa de denunciar os acontecimentos daquele dia não terminaria bem para ele. Talvez Emmanuelle ligasse os pontos, dada a cena que eu havia feito em seu escritório, mas o destino de Wentworth era um aviso sutil para ela também. A dona da agência era mais esperta do que o fotógrafo e ficaria de boca calada.

Quando saí do armazém, já respirava mais devagar. Ayana jamais ficaria sabendo do que eu fiz. Não era preciso; tudo que ela tinha que saber era que o problema havia sido resolvido.

Ninguém a machucava e saía ileso.

Agora que eu tinha lidado com Wentworth, podia voltar minha atenção para outra ponta solta.

Todos os indícios apontavam que Roman estava dizendo a verdade sobre a guerra interna da Irmandade. Ele até poderia estar mentindo sobre os detalhes, mas eu não podia me dar ao luxo de ficar procurando pelo em ovo quando havia um alvo nas minhas costas.

Roman havia deixado seu número de telefone antes de eu expulsá-lo da minha casa naquele dia. Enviei uma mensagem curta e direta.

Estou dentro.

CAPÍTULO 24

Ayana



ADMITO: PERDI A CORAGEM.

Não contei a Sloane, a Jordan *nem* à agência sobre o que acontecera com Wentworth. Tinha toda a intenção de fazer isso, sobretudo por estar convencida de que ele distorceria os fatos e tentaria me pintar de vilã, mas, uma semana após o incidente, ele simplesmente desapareceu.

Cancelou todos os compromissos, deixando em seu rastro um enxame de editores e marcas irritados. Não deu detalhes nem forneceu a ninguém uma maneira de entrar em contato depois de desligar o celular e excluir sua conta de e-mail.

Já fazia duas semanas desde a sessão na Sage Studios, e ninguém sabia o paradeiro de Wentworth. Mesmo que ele tentasse voltar, havia irritado tanta gente poderosa – que teve que se virar para encontrar um fotógrafo de última hora – que nunca mais ocuparia o mesmo lugar no mundo da moda.

Nem Hank nem Emmanuelle mencionaram o que ocorrera na sessão. Ou não sabiam, ou não se importavam. As duas opções eram plausíveis.

Qualquer que tivesse sido o caso, o desaparecimento de Wentworth fez meu plano inicial perder o sentido. Já havia extravasado meus sentimentos e não queria falar sobre o episódio com ninguém além de Vuk. Era desgastante demais.

Tinha minhas suspeitas sobre o que – ou melhor, *quem* – havia causado o desaparecimento de Wentworth, mas, no fim das contas, não importava. Só queria esquecer aquele dia e aquele homem.

Felizmente, tinha muita coisa para me distrair, incluindo o casamento dali a três semanas e o baile de gala daquela noite no Valhalla. Eu não era sócia, mas

Jordan, sim.

– Tudo bem se eu deixar você aqui um minutinho? – perguntou ele após chegarmos à festa. – Preciso discutir um assunto com o Dante.

– Vai lá. Vou ficar bem. – Apontei o luxuoso salão de baile. – Tem bastante coisa para me entreter por aqui.

O tema do baile era "Oceano", e os organizadores haviam instalado aquários gigantescos nas duas extremidades do salão. Havia bebida à vontade, orquestra ao vivo, artistas acrobáticos e uma escultura de Poseidon em gelo com quase cinco metros de altura. Todos os convidados usavam tons variados de azul, verde e prata, inclusive eu.

Depois de muita deliberação, tinha escolhido um vestido de tule de seda verde-água, com um corpete tomara que caia e uma saia deslumbrante e volumosa que caía em camadas graciosas até o chão. Colocara poucas joias, optando por um impactante par de brincos de ouro e quartzo verde que iam até os ombros e pelo anel de noivado. Simples, mas marcante.

– Ótimo. – Jordan me deu um sorriso distraído. – Volto já.

Enquanto ele falava com Dante, fui até o bar principal e pedi uma água com limão. Havia relaxado na dieta ao longo das últimas semanas, por isso resolvi cortar o álcool até o casamento.

– Fala para ele que isso é inaceitável. – Uma voz furiosa chamou minha atenção para a mulher sentada alguns bancos adiante. – *Não*, eu não vou dividir o cargo com Sebastian Laurent. Nem que ele fosse o último homem... Mãe. Por favor. – Ela deu um suspiro irritado. – Eu entendo, mas será que a gente pode discutir isso mais tarde? Estou no baile de gala do Valhalla. Aham. Sim, eu sei. Boa noite.

Ela desligou e esfregou a têmpora.

A mulher tinha uma beleza natural e descomplicada, com os cabelos mais brilhantes e os cílios mais longos e espessos que eu já tinha visto. Seu corpo definido e atlético estava envolto em um requintado vestido azul, e sua pele negra e sedosa e traços marcantes deixariam algumas das modelos que eu conhecia no chinelo.

Ela também me parecia estranhamente familiar. Com um sobressalto, percebi que aquela mulher havia estado em minha despedida de solteira. Era uma das outras clientes de Sloane.

Ela devia ter sentido meu olhar, pois baixou a mão e me encarou.

– Desculpa – falei, envergonhada. – Não foi minha intenção escutar a sua conversa, mas... você é a Maya, né? Acho que você estava na minha despedida de

solteira.

Era uma maneira estranha de conhecer alguém. A maioria das noivas não permitiria que uma desconhecida participasse de suas comemorações pré-matrimoniais, mas nada naquele casamento era normal.

– Estava, sim. – Maya se animou. – Obrigada por deixar que eu me juntasse ao grupo. Eu estava com a Vivian, porque ela está organizando minha festa de aniversário, e quando recebi o convite *tive* que aceitar. Fazia muito tempo que eu não jogava *laser tag*. – Ela me encarou com uma expressão constrangida. – Espero que não tenha sido esquisito, já que nós...

– Nem nos conhecemos? – completei, sorrindo. – Imagina. Foi divertido, e gosto de conhecer gente nova.

– Ótimo. Sei que tecnicamente já nos conhecemos, mas vou me reapresentar. – Ela estendeu a mão. – Maya Singh. Aceito ser madrinha de casamento reserva se precisar, já que entrei de penetra na sua despedida de solteira.

Dei uma risada e apertei a mão dela.

– Ayana Kidane. Vou adicionar seu nome à lista de reforços.

O sorriso de Maya aumentou. Sloane havia nos apresentado naquele dia, mas havia tantas pessoas e tanta coisa acontecendo que não tivemos a chance de conversar direito.

Singh. Era um sobrenome comum, mas, dada sua presença no Valhalla, Maya devia pertencer *àquela* família Singh – imensa e riquíssima, que havia feito fortuna na indústria de alimentos congelados. Desde então, eles tinham expandido o império, incluindo lanches, bebidas e doces, entre outras coisas.

Basicamente, era impossível entrar em um supermercado ou loja de conveniência sem ver pelo menos uma dezena de marcas sob o guarda-chuva corporativo dos Singhs.

– Bem, fui convidada para a festa na Irlanda, então nos veremos lá de qualquer maneira. – Maya balançou a cabeça. – Não acredito que a cerimônia na igreja foi antecipada em tantos meses. Entendo o motivo, mas você é uma pessoa melhor do que eu, porque uma mudança dessas teria me enlouquecido.

– Não é mesmo o ideal – admiti.

– Animada com a festa, pelo menos?

Maya fez sinal para o barman, pedindo outro drinque.

– Claro. – Minha voz saiu um pouco mais aguda do que gostaria.

– Está tudo bem. Não precisa mentir para mim. Sei bem como são casamentos grandiosos como o seu. – Ela revirou os olhos. – Quando minha irmã mais velha se casou, meus pais convidaram *todo mundo*. Sem brincadeira,

foram 2 mil convidados na cerimônia indiana. Minha irmã nunca tinha visto metade daquelas pessoas, mas era "socialmente inaceitável" que elas não estivessem na lista.

– No nosso serão setecentos convidados. Não são 2 mil, mas eu entendo você. – Fiz uma careta. – Imagina a fila para cumprimentar os noivos? Vai ser uma tortura.

– Use um sapato confortável e leve álcool em gel – aconselhou Maya. – Ou apenas encha a cara de champanhe até tudo virar um carnaval de sorrisos e felicitações.

Dei risada outra vez. Gostaria que tivéssemos tido a oportunidade de conversar mais na despedida de solteira. Algo nela me deixava à vontade, como se fôssemos amigas de longa data.

A conversa mudou aos poucos das questões do casamento para viagens, moda e nossa aversão mútua a alimentos e bebidas com sabor de abóbora (era outono, então havia abóbora por toda parte, mas eu gostava mais de batata-doce).

Maya até que era bem pé no chão para alguém cuja família possuía muitos bilhões de dólares. Também era bom finalmente conversar com alguém que não tinha nenhum vínculo com meu trabalho. Ela não estava envolvida com o mundo das modelos e não tínhamos nenhum relacionamento profissional. Era apenas alguém com quem eu me dei bem.

– Queria que a Sloane tivesse nos apresentado antes. Você é muito mais divertida do que metade das pessoas com quem sou obrigada a lidar todo dia. – Maya suspirou, olhou por cima do meu ombro e arqueou as sobrancelhas perfeitamente modeladas. – Uau. O Sérvio está aqui. Isso, *sim*, é uma surpresa.

Olhei para trás antes que pudesse me conter.

Apesar das mais de cem pessoas que lotavam o salão de baile, avistei Vuk de imediato. O ar pareceu se distorcer ao seu redor quando ele entrou. O espaço e o tempo se curvavam à força indomável de sua presença, e ele estava absolutamente maravilhoso no smoking preto.

Meu coração acelerou.

Desviei o olhar antes que ele me pegasse espiando. Ainda assim, minhas costas formigavam. Não importava se ele estava perto ou longe: Vuk sempre me despertava essa sensação quando estávamos no mesmo ambiente.

– *Ah*. – Os olhos de Maya se arregalaram. – Ele está vindo na nossa direção.

– Sério? Quero dizer... – Tomei um gole de água. – Interessante.

Não tinha visto Vuk pessoalmente desde a *rage room*. Nas últimas duas

semanas, por várias vezes quis enviar uma mensagem, mas sempre me acovardava. O que diria, afinal?

Ei, obrigada por me deixar quebrar coisas no seu porão. A propósito, quer vir tomar um chá um dia desses?

Não, obrigada.

– Ops. Esquece. – Maya ainda estava atenta aos passos de Vuk, atrás de mim. Ele não frequentava muitos bailes, então sua presença era sempre um acontecimento. – Eu me enganei. Ele está falando com os Davenports.

Senti uma pontada de decepção. Eu me virei outra vez.

Vuk, de fato, conversava com Dominic e Alessandra Davenport.

Estava de frente para mim, e seus olhos deslizaram na minha direção. Ele abriu um sorrisinho imperceptível e perspicaz.

Merda. Pega em flagrante.

Um calor envolveu meu pescoço e minhas orelhas. Desviei o olhar e bebi o resto da água.

Como tinha ficado tão quente ali dentro?

– Você está bem? – perguntou Maya, franzindo a testa. – Parece um pouco corada.

– Aham. – *Não olhe para trás. Não olhe para trás.* – Na verdade, eu, hã... tenho que ir ao banheiro, mas estou muito feliz de termos tido a oportunidade de conversar. Foi ótimo. Podíamos marcar um brunch ou sair um dia desses. Se você quiser... – acrescentei rapidamente.

Lutei contra a vontade de me retrair. Fazer amigos depois de adulta era como namorar – um misto de estranheza e constrangimento, mas, quando funcionava, o desconforto valia a pena.

Maya abriu um sorriso radiante.

– Eu *adoraria*.

Depois de pegar o número dela, saí do salão. Precisava mesmo usar o banheiro, mas tinha um outro motivo para escapulir.

Passei deliberadamente por Vuk ao sair. Não olhei para ele, mas o calor de seu olhar penetrou minha pele.

Para a minha sorte, não havia fila no banheiro. Usei-o rapidinho e retoquei a maquiagem. Quando saí, o corredor estava vazio.

Murchei por completo. Talvez eu tivesse entendido errado. Talvez...

As portas do salão se abriram. Ombros largos e cortes pretos precisos ocuparam o espaço. E, simples assim, meu coração voltou a disparar.

O olhar de Vuk se voltou para mim, frio e avaliador.

Eu o ignorei e subi as escadas, o coração batendo forte a cada passo. O segundo andar estava deserto. Continuei andando até chegar às portas no final do corredor.

O latejar da minha pulsação ficou mais alto. Respirei fundo e, com um giro rápido das maçanetas, entrei na biblioteca do Valhalla. O luar atravessava os vitrais; um silêncio profundo pairava entre o tapete macio e o pé-direito triplo.

Eu senti mais do que ouvi Vuk entrar atrás de mim. Um segundo depois, as portas se fecharam com um clique suave, e estremeci da cabeça aos pés.

– Você deveria estar lá embaixo.

A voz áspera dele fez minha pele se arrepiar.

Finalmente me virei.

– Você também. – Mantive um tom leve e despreocupado. – Foi você quem me seguiu.

Vuk me observou a uma distância de uns quatro metros. Sua expressão era dura, séria.

"Me diz para ir embora."

– Não.

A palavra viajou entre nós como um desafio. Não tinha chegado até ali para desistir naquele momento. Se ele quisesse ir embora, teria que ser por conta própria. Eu não facilitaria para ele.

Vuk soltou um suspiro profundo.

"Você não se arrumou toda para ficar comigo em uma biblioteca."

Talvez não, mas estaria mentindo se dissesse que não esperava que Vuk aparecesse aquela noite.

– Repetindo: foi você quem me seguiu até aqui – falei, sabendo muito bem que o havia induzido a isso.

"E é você quem quer que eu fique."

Também era verdade.

Os segundos se passaram sem uma resposta minha ou um movimento dele. O silêncio se estendeu, ardendo com todo o calor acumulado e o desejo ofegante que não deveríamos estar sentindo.

O olhar de Vuk deslizou do meu rosto até meu pescoço e meu peito. Passou pela barriga e pelos quadris, e se arrastou, sem pressa, pelas minhas pernas, antes de voltar para cima e encontrar meus olhos.

Perdi todo o meu fôlego em uma onda suave. Mil vagalumes dançavam sobre a minha pele diante do olhar dele. Tinha sido tão terno, tão *íntimo*, que pude senti-lo tão perfeitamente quanto a carícia de um amante.

"Por que você me procurou primeiro, na semana passada?"

Estava tão zonza que levei um tempo para entender a pergunta. Vuk se referia ao episódio com Wentworth.

– Porque você era a pessoa que eu queria ver naquela hora. – A verdade veio à tona com facilidade. Em outro momento ou lugar, poderia ter mentido, mas já tínhamos passado desse ponto. – Não existe outro motivo. Foi isso.

Vuk engoliu em seco.

– O Wentworth desapareceu – acrescentei, baixinho. – Por acaso você sabe alguma coisa a respeito disso?

"Não." O brilho de satisfação nos olhos de Vuk me disse o contrário. "Mas imagino que a justiça tenha sido feita."

Um arrepio percorreu meu corpo.

Seu envolvimento no desaparecimento de Wentworth deveria me deixar desconcertada. O fotógrafo tinha um ego gigantesco, e o que quer que Vuk tivesse feito devia ter sido pesado, para que o infeliz caísse na clandestinidade. Mas eu tinha passado tantos anos sendo ignorada e lutando sozinha, que a decisão de Vuk de resolver o problema com as próprias mãos fez com que eu me sentisse mais protegida.

– Você acha que ele está vivo? – perguntei com cautela.

Era o único limite que eu não queria cruzar.

Vuk deu de ombros.

"Se ele for inteligente e souber se cuidar, sim."

– Entendi.

Umedeci os lábios. Os olhos dele se voltaram para minha boca novamente e o calor de antes voltou à vida.

Minha respiração ficou mais curta, e qualquer pensamento sobre Wentworth, trabalho ou o mundo fora dali se dissolveu sob o peso do olhar de Vuk.

Não sei o que ele viu em meu rosto, mas sua expressão endureceu.

"Você se casa este mês."

– Eu sei.

A confissão oculta naquela frase acabou com todas as minhas chances de negar o que estava acontecendo ali. Não poderia usar o álcool como desculpa naquela noite. Sabia exatamente o que estava fazendo.

Seria diferente se eu ainda achasse que Vuk me odiava ou que só me tolerava por causa de Jordan, mas os acontecimentos das últimas semanas tinham provado que ele também me queria... não importava o quanto tentasse esconder.

E, no entanto, ali estávamos nós. Presos em lados opostos de um oceano,

separados por nossa lealdade a um homem que não tinha feito nada de errado. Eu tinha feito uma promessa a Jordan, mas o escopo da promessa não abrangia *aquilo* ali.

Sentimentos genuínos. Possibilidades promissoras. O gostinho de um mundo que sempre me parecera inalcançável.

– Você se lembra de quando me perguntou se eu o amava? – Minha pergunta sussurrada fez os olhos de Vuk se acenderem. – A verdade é que eu não o amo. Não romanticamente.

Dessa vez, o corpo dele tremeu com a força de seu suspiro.

– Ele também não me ama. Nunca me amou.

A biblioteca estava tão silenciosa que dava para ouvir o peso da confissão escorregando dos meus ombros para o chão. Estava exposta e vulnerável – metade do meu coração na garganta, a outra metade na mão.

Depois de todo o fingimento, das mentiras, da enganação e da negação, era ali que eu tinha ido parar. Exatamente onde queria estar.

– Por que você está me contando isso? – A voz de Vuk soou fria, mas o fogo em seus olhos queimava o suficiente para me fazer estremecer.

Por que eu estava contando isso a ele? O que estava esperando? Que ele admitisse que sentia algo por mim? Que me arrebatasse e fizesse todos os meus problemas desaparecerem com um estalar de dedos?

Ele tinha o poder para isso, mas eu não queria uma solução mágica. Queria...

Ele.

Só isso. Não me importava com seu dinheiro ou poder. Não me importava com suas atitudes duvidosas em relação a Wentworth ou a outras pessoas que mereciam. Não me importava com ontem, amanhã ou dali a três semanas.

Só me importava com aquele momento, ali mesmo, com nós dois.

– Porque eu quero que você saiba – respondi. – E porque... não quero que você se sinta culpado.

– Pelo quê?

– Pelo que eu quero que você faça agora – sussurrei.

Vuk cruzou a distância entre nós com passos lentos e deliberados. Seus olhos em geral pálidos estavam da cor da meia-noite sob a luz fraca, e ele se movia com a elegância contida de um predador à espreita.

Fiquei parada, com o medo e o desejo latejando entre as coxas.

Ele parou a centímetros de mim.

– Pelo que você quer que eu faça. – Seu tom era letalmente suave. – E o que seria?

O cheiro de seu perfume invadiu meus pulmões, roubando-me as palavras. Umedeci os lábios outra vez. Meu olhar desceu à boca dele e um ruído torturado escapou da garganta de Vuk.

Foi o primeiro sinal tangível de que ele estava perdendo o controle.

As chamas arderam mais quentes. Minha pele parecia tão retesada que eu sentia cada minúscula alteração no ar. A atmosfera estava tão densa que a menor faísca poderia incendiá-la.

– Tire o anel.

A ordem dura de Vuk foi como uma dose de uísque direto na veia.

Uma febre me dominou, deixando-me tonta. Minha pele queimou e minha mão tremeu de leve enquanto eu tirava o diamante do dedo.

Ele observou, os olhos sombrios e impiedosos, quando o círculo apertado enfim se soltou.

Coloquei-o na mesa atrás de mim. O anel mal havia tocado a superfície de mogno quando Vuk me pegou pela nuca e engoliu meu arquejo com a boca.

As chamas explodiram em um incêndio. Fumaça e calor percorreram meu sangue, consumindo-me de dentro para fora. A pele dele era o único alívio em um mundo em chamas, e minhas mãos percorreram seu corpo, buscando desesperadamente algo para atenuar o *desejo* doloroso e insaciável dentro de mim.

Vuk gemeu, me levantou e me colocou na mesa, seu beijo voraz, quase punitivo. Quando passei as pernas ao redor de sua cintura, puxando-o para mais perto, ele mordiscou meu lábio inferior em um leve aviso.

– Cuidado, *srce moje*. – Sua voz roçou minha pele sensível. – Ou vai acabar me matando.

Meus dedos agarraram a camisa dele com força.

– Ótimo – respondi, ofegante.

Vuk me apertou com força. Seus dedos se cravaram nas laterais do meu pescoço, e um gemido constrangedor escapou antes que sua boca cobrisse a minha novamente.

Isso. Era *isso* que eu tanto queria. Antes, não soubera definir o que era, porque nunca tinha experimentado, mas era selvagem e imprudente, e tudo que eu imaginava que um beijo deveria ser.

Esse era o tipo de beijo que fazia o tempo parar. Não queria ir embora nunca mais. Não queria que acabasse nunca mais.

Meus gemidos baixinhos se misturaram com a respiração pesada dele. A mão de Vuk queimou minha pele ao deslizar pela curva do meu ombro e descer,

passando pela cintura até...

Um forte estrondo nos tirou do momento e nos deu um banho de água fria.

O toque de Vuk desapareceu. Arrepios surgiram com o frio resultante, e nossos olhos voaram para a porta.

O barulho tinha vindo do corredor. O responsável por ele *ainda* não havia entrado, mas a gargalhada retumbante seguida de uma risadinha agitada deixou claro que não tínhamos sido os únicos a sair do salão em busca de privacidade.

A atenção de Vuk se voltou para mim. A euforia do beijo se desfez com a frieza em seus olhos.

A realidade nos atingiu em cheio.

Ele me olhou de cima a baixo. Um músculo se contraiu em sua mandíbula e sua garganta se moveu com um xingamento silencioso antes de ele desviar os olhos e partir. As portas se fecharam atrás dele, com mais força dessa vez.

Ele não precisou xingar alto para que eu ouvisse. *Merda*.

Tipo, *merda*, o que foi que a gente fez?

As risadas no corredor desapareceram. As pessoas não iam entrar ali.

Então, fiquei sentada, com o coração disparado e o cabelo e o vestido bagunçados depois da pegação mais intensa da minha vida. O anel havia caído no chão, de onde brilhava quase como uma acusação.

Deveria ter me sentido culpada. Meu noivo provavelmente estava lá embaixo, me procurando, enquanto eu estava ocupada beijando seu padrinho de casamento. Se eu e Vuk não tivéssemos sido interrompidos, teríamos feito mais do que nos beijar.

Soltei um leve suspiro. Não fiz menção de pegar o anel.

Sim, eu *deveria* me sentir culpada, mas não me sentia.

Era difícil lamentar o que havia acontecido quando nunca tinha me sentido tão maravilhosa e incrivelmente viva.

CAPÍTULO 25

Vuk



FOI NECESSÁRIA TODA A minha força de vontade para me afastar de Ayana na biblioteca. Foi preciso ainda mais para não entrar em contato com ela na semana seguinte ao beijo.

Tive que mandar minha equipe de tecnologia instalar um maldito código que apagaria todos os dados dos meus dispositivos caso eu ligasse ou enviasse um e-mail ou mensagem para ela sem que Ayana tivesse feito contato primeiro. Foi nesse nível.

Havia cometido muitos erros na vida, mas beijar Ayana... foi a porra do maior erro que já cometi.

Se não a tivesse beijado, não saberia. Teria suspeitado, mas não *saberia* que ela me desejava como eu a desejava. Não teria provado seu desejo nem ouvido seus gemidos.

Ter noção de tudo isso foi o início do meu fim, porque havia apenas um obstáculo entre nós, e minha lealdade a ele se tornava mais tênue a cada dia.

Olhei de relance para Jordan, que percorria as opções de filmes na sala de sua casa com as sobrancelhas franzidas, concentrado. Havia me ligado e dito que precisava de um descanso dos preparativos do casamento. Normalmente, ficávamos na minha casa, porque eu evitava sair em público sempre que possível, mas tinha optado por ir para a casa dele naquele dia.

Desde a invasão de Roman, havia reforçado a segurança em casa e restringido o acesso apenas à equipe essencial. Ayana era a única pessoa na lista de "sempre pode entrar".

Não estava preocupado com Jordan ser uma ameaça à segurança, mas suspeitava que a Irmandade estivesse de olho na minha casa. Não queria colocar nenhum alvo em potencial no caminho deles.

Roman ainda estava furioso por eu ter atirado nele e se recusara a confirmar ou negar que os Irmãos estavam mesmo me vigiando. Disse que tinha sido

convocado a negócios, mas prometera me avisar quando a facção de Shepherd planejasse atacar outra vez. Ele não conseguiu fornecer nenhuma informação sólida a respeito da outra facção.

Eu confiava no desgraçado até onde era possível. Até então, tudo que ele dissera se provara verdade, mas confiar em alguém como Roman Davenport era o equivalente a assinar a própria sentença de morte.

Eu tinha encurralado Dominic no baile do Valhalla para saber se ele estava ciente dos passos de seu irmão adotivo. Ao que parecia, não, mas andava de olho nele mesmo assim.

A Irmandade, a Beaumont, os Davenports... Àquela altura, eu já estava quase comandando minha própria rede de espionagem. Minha equipe de segurança já estava sobrecarregada, e eu torcia para que nada explodisse na nossa cara antes de resolvermos um dos outros problemas primeiro. Não tínhamos mão de obra nem tempo para treinar pessoas novas.

– Desisto. Você escolhe. – Jordan jogou o controle remoto de lado e tomou um gole de cerveja. – Estou cansado de tomar decisões.

Eu não dava a mínima para o filme a que assistiríamos. Não estava a fim de ver nada, mas preferia ficar numa casa a sair. Apesar das garantias de Roman, estava preocupado.

Eventos como o baile do Valhalla ainda eram aceitáveis, porque tinham segurança pesada e convidados selecionados. Cinemas e outros locais públicos, não.

Mesmo assim, percorri as opções e escolhi um filme de assalto aleatório. Esperava que a distração aliviasse os nós em minhas entranhas.

Não quero que você se sinta culpado.

Ele também não me ama. Nunca me amou.

A confissão de Ayana tinha ficado gravada no meu cérebro. Era verdade ou só queríamos muito acreditar naquilo?

– Você passou o dia todo quieto – comentou Jordan. – Está tudo bem?

Dei um aceno curto.

"Muita coisa na cabeça."

– Trabalho? Vocês vão lançar um produto novo em breve, né?

Respondi com um grunhido sem muito significado. As equipes de marketing e vendas estavam no controle do lançamento, portanto, não estava preocupado com isso. Precisava dar a todos os funcionários da empresa bônus generosos no final do ano. Havia me afastado do escritório e eles tinham assumido a responsabilidade sem hesitação.

Mas, se Jordan achava que meu mau humor tinha a ver com o trabalho, eu não ia corrigi-lo.

– Em algum momento você imaginou que um dia estaríamos aqui? – refletiu ele. – Você, CEO de uma corporação multibilionária. Eu, prestes a me casar. – Ele bebeu o resto da cerveja. – O Jordan e o Vuk de 21 anos jamais teriam acreditado.

"As pessoas mudam." Encarei os créditos iniciais na tela. Depois de pensar um pouco, acrescentei: "Você nunca me disse por quê."

– Por que o quê?

"Por que vai se casar com Ayana."

Quando ele soltou a bomba do noivado, fiquei tão atordoado que nem perguntei nada. Apenas fui direto para o campo de tiro e deixei os sentimentos dispararem em uma saraivada de balas.

De todas as pessoas do mundo, Jordan tinha que escolher *ela*. A única que eu queria.

Sabia que Jordan e Ayana já eram amigos havia anos, mas nunca suspeitei que tivessem sentimentos românticos um pelo outro. O noivado me pegara de surpresa, e Jordan havia sido evasivo sobre quando exatamente o relacionamento dos dois mudara.

De acordo com Ayana, porém, o relacionamento não havia mudado em nada. Se eu não tivesse ficado tão aturdido por ela naquela noite, teria perguntado por que eles estavam se casando, já que não se amavam.

Aquela era a minha chance de obter as respostas de que precisava.

Jordan hesitou, abriu outra garrafa de cerveja e deu um gole antes de responder.

– Por que mais alguém se casa? Por amor.

"Nós dois sabemos que há outros motivos para as pessoas se casarem."

– Não no meu caso.

"Então você ama a Ayana."

Ele me olhou de lado.

– De onde estão saindo tantas perguntas? Aconteceu alguma coisa?

"Curiosidade." Não o havia questionado antes porque não queria ficar ouvindo a historinha romântica dos dois. Esse foi o meu erro. "Lembra da Hungria?"

– Ah, cara, você acabou de desbloquear uma tonelada de lembranças. – Jordan deu risada.

Visitamos Budapeste nas férias de primavera do último ano de faculdade. Em

nossa noite derradeira lá, nos deparamos com um casamento no hotel. Entramos de penetras na festa e passamos a noite celebrando com os convidados. Convencemos todos de que éramos primos distantes do noivo, vindos dos Estados Unidos.

Aquela foi uma das últimas vezes que me senti tão leve.

– Que viagem. – Jordan esticou as pernas. – Não acredito que isso tem mais de doze anos. O tempo voa mesmo. – Ele me encarou outra vez. – Por que você tocou nesse assunto?

"Quando fomos embora do casamento, você me disse que jamais se casaria." Era verdade que ele estava muito bêbado, mas falou com tanta convicção que acreditei.

– Eu era jovem e burro – disse ele. – Não estava falando sério.

Estreitei os olhos, tentando avaliar se meu amigo estava mentindo.

Jordan tivera uma namorada aqui, outra ali ao longo dos anos, mas, antes de Ayana, nenhum dos relacionamentos durara mais do que algumas semanas. Ele também nunca havia expressado o desejo de se casar e ter filhos.

No entanto, era tudo circunstancial.

– E você? – perguntou ele, em uma tentativa óbvia de mudar de assunto. – Será que o grande Vuk Markovic vai sossegar algum dia?

Meu rosto se fechou.

Isso dependia do que aconteceria dali a duas semanas. Se Ayana e Jordan se casassem, não haveria o que fazer. Se não se casassem...

"Veremos."

Os preparativos do casamento estavam a todo vapor. Não havia nada que sugerisse que a cerimônia não aconteceria... a menos que eu a impedisse de acontecer.

Virei a cabeça para trás e tomei a garrafa inteira em um longo gole. Não me fez nem cócegas.

Porra, eu precisava de alguma coisa mais forte do que cerveja.

– Eu invejo você – disse Jordan, baixinho. – Pode fazer o que quiser e não dá a mínima para o que as pessoas pensam. Esse tipo de liberdade deve ser... maravilhoso.

Quase gargalhei diante da ironia. Fazer o que eu quisesse? Ele não tinha a menor ideia. Invejava minha "liberdade" quando eu trocaria tudo por *uma* pessoa da vida dele.

"Liberdade é uma coisa relativa. Todos nós temos nossas cruzes." Parei por aí.

– Talvez. – Jordan esfregou a boca. Nenhum de nós estava prestando atenção

ao filme. – Você sabe por que eu convidei você para ser meu padrinho?

"Sou o único dos seus amigos com mais de meio neurônio."

Os amigos de colégio de Jordan eram o equivalente humano de uma ameba. Nem esfregando dois deles era possível obter uma faísca de inteligência.

– Não, e se comporte – advertiu ele, mas seus olhos brilhavam de diversão. – Nós dois somos amigos há muito tempo, mas conheço alguns dos outros padrinhos há mais tempo do que você. E Deus sabe que você não leva o menor jeito para organizar festas.

Arqueei as sobrancelhas. Era uma justificativa curiosa para a escolha de um padrinho de casamento, mas quem era eu para opinar? Nunca havia me casado.

– *Mas* – disse Jordan –, de todos os meus amigos, é em você que eu mais confio. Você sempre foi leal e honesto, mesmo quando eu não queria que fosse. – Ele riu. – Ninguém mais teve a coragem de me dizer que aquele plano de marketing de outono que elaborei uns anos atrás era uma bosta.

"Porque seus outros amigos têm menos de um neurônio", respondi.

Jordan bufou.

– Não, de verdade. Estou falando sério. Sei que toda essa coisa de padrinho está totalmente fora da sua zona de conforto, por isso agradeço por levar a sério. Não quero ficar todo sentimental, porque sei que você ia odiar, mas fico quase feliz de *aquilo* ter acontecido na faculdade. Do contrário, talvez não tivéssemos ficado amigos. É escroto dizer isso?

Minhas entranhas se contorceram.

"Não. Entendo o que você quer dizer."

– Que bom. – Ele pigarreou, as pontas de suas orelhas ficando rosadas. – Agora que paramos com o sentimentalismo, vamos assistir à porcaria do filme. Quero saber como eles vão fazer para entrar naquele cofre.

Ficamos em silêncio outra vez.

Eu olhava para a frente, mas meu cérebro girava a toda velocidade.

Não me passou despercebido o fato de Jordan não ter respondido à minha pergunta sobre amar Ayana. Meus instintos me diziam que não amava, mas, por algum motivo – pressão da família ou medo de encarar o escândalo que seria cancelar um casamento daquele nível tão perto da data –, ele estava decidido a se casar com ela.

Isso não explicava por que Ayana havia aceitado o pedido, mas não era hora de pressioná-lo. Jordan havia deixado claro que não queria mais falar sobre o assunto. Insistir só faria com que ele se esquivasse ainda mais.

Eu olhava para as imagens na tela sem realmente vê-las.

Minha lealdade a Jordan tinha sido garantida desde o dia em que ele transferira 500 mil dólares para mim sem fazer nenhuma pergunta. O dinheiro manteve a Irmandade sob controle enquanto eu tentava arrumar uma solução de longo prazo.

No entanto, nada havia testado de fato essa lealdade até Ayana. A ideia de estar ao lado de Jordan no altar enquanto ela caminhava em direção a *ele* me fazia querer atear fogo na porra da igreja inteira.

Então, a pergunta era: minha lealdade a ele era maior do que meu desejo por ela?

Minha cabeça latejava. Ainda sentia resquícios de seu gosto doce. Ainda sentia seus lábios macios se abrindo, ávidos, sob os meus.

Peguei outra bebida e virei tudo de uma vez, mas o gosto permaneceu. Me assombrando.



Depois de três horas de cenas de ação sem sentido e tiroteios, me despedi e fui a pé da casa de Jordan até a minha. Era uma caminhada de apenas dez minutos, e a planta do bairro oferecia pouca cobertura para assassinos. Também estava usando minha roupa reforçada com Kevlar e carregava uma arma e facas escondidas.

Uma pequena parte de mim secretamente torcia para que a Irmandade tentasse me emboscar. Eu precisava descarregar minhas frustrações. Além disso, depois que eles agissem, eu poderia revidar, em vez de lidar com essa espera insuportável.

Odiava esperar, mas ainda não podia partir para a ofensiva, porque Roman estava ocupado com assuntos oficiais (ou assim ele dizia). Precisava de suas informações e de sua ajuda para atacar da melhor forma.

Enquanto isso, a escuta na sala de Emmanuelle tinha se mostrado inútil. A menos que ela estivesse falando em código, tudo que se ouvia eram bobagens sobre impostos e marcações de ensaios. Não esperava que ela discutisse muitos assuntos superconfidenciais no trabalho, mas, se tivesse que ouvir mais uma conversa sobre florais *versus* xadrez, estouraria meus tímpanos.

Tinha colocado alguém para segui-la, para o caso de isso se mostrar mais útil. Até então, nada.

Resumindo: estava sem saída em todas as frentes, e isso me deixava de péssimo humor.

Estava no meio do trajeto quando um ruído chamou minha atenção. Fiquei tenso e instintivamente estiquei a mão para pegar a arma, meus olhos varrendo os arredores até chegarem à origem do barulho.

Um gato cinza, minúsculo e sarnento me encarava do alto da tampa fechada de uma lixeira de reciclagem. Não vi coleira nem outros sinais de que o bicho tivesse dono, então tudo levava a crer que era um gato de rua.

Relaxei, mas o encarei de volta.

Nunca entendi por que as pessoas eram tão apaixonadas por seus animais de estimação. Em tese, eu não tinha nada contra eles, mas qual era a graça de abrir a casa para criaturas fedorentas, carentes e que quase certamente morreriam antes do tutor?

Dito isso, o gato me lembrou o da caneca de Ayana, só que menos fofo e mais selvagem. Isso quase me fez ter um pouco de pena dele.

Um trovão ecoou. O gato sibilou, claramente ofendido pela minha audácia de passar por seu playground improvisado sem a devida reverência.

Qualquer afeição que eu tivesse se evaporou. Estava quase soltando um rosnado quando percebi que estava discutindo com a droga de um *gato*.

Meu Deus. Qual era o meu problema? Se a Irmandade estivesse me vigiando, estaria morrendo de rir.

Eu me recompus e fui embora, com o olhar desconfiado do gato queimando minhas costas.

Quando cheguei em casa, fui direto para o escritório, onde tentei trabalhar um pouco. Era sábado, mas havia negligenciado uma montanha de documentos ao longo da semana.

Consegui ler meia dúzia deles antes de um raio iluminar a janela. Os estrondos dos trovões ficaram mais altos e mais frequentes.

Por alguma razão, minha mente se voltou para a imagem do gato cinza e idiota encolhido sob as folhas esparsas de uma árvore. Não havia muito abrigo na região para animais de rua. O pestinha ia ficar encharcado.

Não que eu me importasse. O problema não era meu.

Voltei a me concentrar no computador.

Um minuto depois, o céu desabou. A chuva golpeou as janelas em jatos pesados e implacáveis. Outro estrondo fez a casa tremer e uma pontada de inquietação percorreu minha pele.

O gato realmente tinha uma estranha semelhança com o bichano da caneca de Ayana, e era ao mesmo tempo triste e impressionante que uma coisinha tão pequena tivesse durado tanto tempo na rua sem proteção. Irritante ou não, era

um sobrevivente.

Olhei pela janela. Chovia tanto que não dava para ver o céu do lado de fora.

Cerrei os dentes. *Merda*.

Afastei a cadeira para trás e fui até o quarto, coloquei um casaco de capuz preto por cima da camiseta, peguei um guarda-chuva e saí. Fui imediatamente atingido por um jato de água gelada e fortes rajadas de vento.

Às vezes, eu me odiava.

Refiz meus passos até o local onde tinha visto o gato, que havia desaparecido do topo da lixeira. Não encontrei nada em uma rápida busca na área, apenas um panfleto de uma butique de roupas femininas.

Estava pronto para desistir quando um tufo cinza chamou minha atenção. O gato estava encolhido em um arbusto, tremendo de frio. Jamais o teria visto se não fosse pelo rabo despontando na folhagem.

Ele sibilou sem muita energia quando estiquei a mão, mas não fez nenhum outro som de protesto depois que o peguei.

Perdeu a coragem, foi?, pensei.

O gato se encolheu contra o meu peito e continuou tremendo.

Era uma caminhada curta até em casa, pelo menos. Eu esperava conseguir entrar escondido sem que ninguém percebesse, mas, é óbvio, esbarrei com Jeremiah no saguão. Ele arqueou as sobrancelhas, um pouco atordoado, ao me ver com um gato nos braços.

– Gostaria que eu cuidasse do seu convidado, senhor?

Ele sabiamente se absteve de fazer quaisquer outros comentários.

Balancei a cabeça. Já bastava ter levado aquela coisa sarnenta para casa, não passaria o problema para minha equipe.

Fui até a cozinha, enrolei o gato em um pano e o coloquei no chão. Pelo que pude ver, era macho.

Você não é um convidado. Eu não quero você aqui. Só te peguei porque você me lembra a Ayana.

Se ele ouviu meus pensamentos hostis, não demonstrou. Sua carinha despontava do cobertor improvisado, e seus olhos se estreitaram para analisar o novo ambiente.

Ele devia estar com fome, mas eu não tinha ração para gatos. O que mais gatos comiam, afinal?

Depois de uma rápida pesquisa no Google, servi a ele uma tigela de água e um pouco de atum enlatado. O ingrato nem sequer me deu um miado de agradecimento antes de cair dentro.

Um resmungo irritado subiu pela minha garganta.

Alguém deu uma risadinha atrás de mim. Ao me virar, encontrei uma das funcionárias sorrindo para mim e para o gato.

Fechei a cara. O sorriso dela desapareceu de imediato, e ela soltou um "Desculpe" antes de sair correndo.

Olhei para o intruso felino novamente, sem saber o que fazer depois que ele terminasse de comer. Jogá-lo de volta na rua quando a chuva parasse? Levá-lo a um abrigo para adoção?

Toda a situação era muito incomum.

Fui salvo da indecisão quando o celular vibrou. Um choque gelado de surpresa atingiu meus pulmões, seguido de uma onda de calor.

Era Ayana.

Oi

Três pontinhos apareceram, desapareceram e depois apareceram de novo.

AYANA

Tá ocupado?

Fiquei olhando para as mensagens. Eram as primeiras mensagens de texto que trocávamos. Tínhamos nos falado pessoalmente, mas essas conversas ficavam relegadas aos cofres da memória. Aquelas eram concretas. Palpáveis.

Desfrutei o momento antes de responder.

O bloqueio feito pela minha equipe não permitia que eu enviasse mensagens sem contato prévio, mas, a partir de um primeiro contato de Ayana, eu podia responder sem nenhuma consequência.

VUK

Não estou, não.

AYANA

Consegue me encontrar aqui em uma hora, mais ou menos?

Ela enviou o endereço de um hotel na Madison Avenue.

AYANA

Precisamos conversar.

O beijo. Não poderíamos evitá-lo para sempre.
Esfreguei o polegar na boca e tomei uma decisão em uma fração de segundo.

VUK

Chego em 30 minutos.

CAPÍTULO 26

Ayana



EM MINHA DEFESA, EU estava um pouco bêbada.

Tudo bem, não era bem uma defesa, mas explicava minha coragem de entrar em contato com Vuk depois de passar a semana inteira com o olho grudado no celular, esperando que ele ligasse ou mandasse mensagem.

Era um pouco patético, mas também empolgante. Vuk era o primeiro cara de quem eu gostava o suficiente para me *importar* com o fato de ligar ou não. Finalmente havia entrado para o clube das pessoas que se entusiasmavam e ficavam obcecadas com seus contatinhos. Fazia com que eu me sentisse normal.

A resolução de não tomar bebidas alcoólicas tinha ido por água abaixo naquela manhã, quando me juntei a Maya em um brunch com open bar de mimosas. Não havíamos conversado sobre Vuk, mas ver como ela era fodona e corajosa me fez jogar tudo para o alto e resolver tomar as rédeas da situação.

Saí do brunch, reservei uma suíte no hotel mais próximo e passei horas refletindo antes de enfim mandar uma mensagem para Vuk. Andava de um lado para outro, quase fazendo um buraco no tapete, enquanto aguardava a chegada dele.

O casamento seria em duas semanas. Minha família chegaria em alguns dias, o que significava que aquele era meu último fim de semana a sós até a cerimônia.

Era agora ou nunca.

Ouvi uma batida forte à porta.

Parei, o ar preso nos pulmões. Outra batida me tirou daquele torpor, e contei até três para acalmar os nervos antes de recebê-lo. Não funcionou.

A imagem de Vuk preenchendo o vão da porta fez meus nervos se agitarem

outra vez. Ele usava um moletom e calças pretas, e gotículas de chuva salpicavam sua pele. Nunca o vira usando uma roupa tão casual.

Gostei ainda mais do que do smoking. Era mais *ele*.

– Oi – falei, e odiei como soei sôfrega.

– Oi.

Um leve sorriso brotou em minha boca.

Era ridículo, mas eu colecionava as palavras ditas por ele como colecionava perfumes e sapatos. Elas brilhavam como pedras preciosas na areia, provas de que ele confiava em mim o suficiente para se comunicar verbalmente comigo, ainda que não fosse necessário. Ele escolhia fazer isso.

– Entra. – Abri a porta um pouco mais e dei um passo para o lado. – Desculpa pelo... hã... convite de última hora. – Não consegui pensar em uma palavra melhor. – Você já comeu? Parece que o hotel tem um ótimo serviço de quarto.

Vuk claramente estava achando graça da minha tagarelice.

"Você disse que queria conversar. Sobre o quê?"

– Qualquer coisa.

Na verdade, queria falar sobre o beijo, mas parecia grosseria partir logo para um assunto tão delicado quando ele tinha acabado de chegar.

Fui até a mesa perto da janela e me servi de um copo de água. Precisava de algo para ocupar as mãos.

– Então – falei, num tom tranquilo –, foi a alguma noite de bingo ultimamente?

Vuk me lançou um olhar sarcástico que dizia: *Jura? É sobre* isso *que você quer falar?*

Era uma reação justa, mas foi o primeiro assunto que me veio à mente. Ainda tinha dúvidas se ele falara sério sobre o bingo.

"Não. Achei melhor dar uma chance para os coroas ganharem."

– Uau. Vencer um bando de velhinhos de 80 anos deve ser emocionante.

"Vencer é vencer."

Era a cara dele dizer isso.

– Você me levaria um dia? Não jogo bingo há muito tempo.

"Você está perguntando porque quer mesmo jogar ou porque não acredita que eu jogue?"

– As duas coisas.

O traço de um sorriso surgiu nos lábios dele.

"Ótimo. Nunca acredite de cara em ninguém."

Balancei a cabeça.

– Que jeito mais triste de encarar a vida.

"Talvez. Mas pode salvar sua vida também."

Vuk se aproximou. Sem dizer nada, entreguei a água a ele, que pegou o copo, seus dedos roçando os meus de leve.

Senti o toque reverberar até os ossos.

Observei o perfil dele. Parecia esculpido em pedra, os planos cinzelados e a frieza distante eram uma máscara convincente. De vez em quando, aquela frieza se dissipava e oferecia um vislumbre do homem que havia por baixo.

Vinha acontecendo com mais frequência do que antes. Ele havia compartilhado mais sobre si mesmo do que jamais imaginei ser possível, mas ainda havia muita coisa que eu não sabia. Seu passado, seus medos, suas esperanças e seus sonhos.

Nossa atração física era indiscutível. Era o âmbito emocional que eu ansiava. Vuk havia me apoiado em alguns dos meus piores dias daquele ano, e eu queria proporcionar a mesma segurança a ele.

Confiança era uma via de mão dupla.

Corri os olhos pelas marcas de queimadura e encontrei os dele, que já estavam me encarando.

Vuk colocou a água de volta na mesa.

"Pergunta."

Meu olhar se fixou no dele.

– O quê?

"O que todo mundo quer saber. Eu respondo."

Meu coração disparou. As pessoas só queriam saber de uma coisa quando se tratava dele.

Examinei seu rosto, tentando avaliar se de fato estava à vontade para falar do assunto ou apenas tentando me agradar.

Mas Vuk era Vuk. Ele não daria abertura se não estivesse falando sério.

– O que aconteceu? – perguntei, baixinho.

A história por trás das cicatrizes era um mistério para todo mundo. Jordan se recusava a falar sobre elas, e ninguém ousava perguntar a Vuk. Os boatos iam de hipóteses realistas (um acidente) a fantásticas (Vuk era ex-membro da CIA e havia sido capturado e torturado por forças inimigas).

Suspeitava que a verdade fosse um meio termo.

Uma luz acinzentada entrava pelas janelas e pintava seu rosto com sombras. Ele ficou um bom tempo em silêncio. Quando respondeu, foi de forma hesitante,

com a voz rouca.

– Eu tive um... encontro com velhos conhecidos, depois da faculdade. Ganhei isto aqui. – Ele apontou para o rosto e o pescoço, e ficou em silêncio outra vez.

Esperei pacientemente.

– Na noite seguinte à cerimônia de formatura, eu estava comemorando com o meu irmão – prosseguiu ele. – Lazar não tinha ido para a faculdade, nunca tinha se interessado pelos estudos, mas estava muito orgulhoso da minha conquista. Estávamos em casa, bebendo, quando eles invadiram. Eu tinha uma coisa que eles queriam e me recusei a dizer onde estava... Se tivesse dito, eles teriam nos matado de qualquer maneira. Então, eles amarraram o meu irmão e o torturaram.

Fui sufocada pelo horror e respirei fundo, arfando.

Vuk relatava os eventos com distanciamento clínico, mas a chama de uma raiva profunda brilhava em seus olhos.

– Lutei contra eles o melhor que pude, mas eles tinham me pegado desprevenido. Atearam fogo na casa para encobrir seus rastros. Quando consegui dominá-los, já era tarde demais. O fogo se espalhou depressa e, de repente, eu perdi tudo. Perdi a casa. Perdi todos os meus pertences. Perdi meu... – ele engoliu em seco – meu irmão.

Seu rosto se manteve impassível, mas dava para notar a angústia em suas palavras.

Meu coração doeu por ele.

– Vuk – sussurrei, atordoada demais para formular uma resposta adequada.

Eu achava que o irmão dele tivesse morrido por causa de alguma doença ou acidente. Nunca, nem em minhas conjecturas mais absurdas, teria adivinhado o que acontecera. Era de uma brutalidade inimaginável.

– Eu só sobrevivi porque o deixei lá. – O tom de Vuk era sombrio. – Tentei salvá-lo, mas ele ficou preso por uma viga que tinha caído. Não consegui soltá-lo. Ele disse que não tinha mais chance, mas que eu ainda poderia sobreviver. Disse que jamais me perdoaria se eu ficasse. Então, abandonei meu irmão lá, no fogo.

Era óbvio que Vuk ainda se martirizava por conta daquela decisão. Não o julgava. A culpa sempre dava um jeito de superar todo o resto, até mesmo a razão. *Principalmente* a razão.

– Não foi culpa sua. Se você não tivesse ido embora, os dois teriam ficado presos.

Não consegui dizer "teriam morrido". A ideia de nunca conhecer Vuk – de ele nem sequer *existir* mais – me deixava em pânico.

Ele engoliu em seco novamente.

– Talvez.

– O que aconteceu com os seus... conhecidos? – perguntei.

Ele disse que os havia dominado. O que isso significava?

A expressão de Vuk não se alterou.

– A justiça foi feita.

Era uma espécie de repetição da conversa que tivéramos no Valhalla.

O Wentworth desapareceu. Por acaso você sabe de alguma coisa a respeito disso?

Não. Mas imagino que a justiça tenha sido feita.

Arrepios se espalharam pelos meus braços e ombros. Ele não estava falando da polícia.

Não perguntei a concepção dele de justiça. Não queria saber.

Sem pensar, segurei a mão dele. Vuk baixou os olhos, os ombros tensos, antes de soltar um leve suspiro e aos poucos relaxar outra vez.

– Obrigada por me contar – falei. – Sei que não é fácil.

Era clichê, mas eu estava falando sério. Nosso relacionamento havia passado por várias mudanças ao longo dos meses, mas aquela estava sendo a maior até então.

Ele se abrira por vontade própria e, se isso não era sinal de confiança, não sabia o que era.

Teve muito mais significado do que qualquer presente poderia ter.

"Nunca tinha contado a ninguém os detalhes do que aconteceu. Nem para o Jordan. Nem para a minha equipe."

Vuk voltou a se comunicar com sinais antes de acrescentar, em voz alta, mas baixinho:

– Só para você.

Um calor se espalhou pelo meu peito.

– Por que eu?

– Ayana. – Meu nome soou como uma prece e uma maldição nos lábios dele. – Você sabe por quê.

O ar mudou. Suas palavras afastaram a melancolia e a substituíram por uma lucidez angustiante.

A lembrança compartilhada do beijo pairou entre nós, doce e intensa. Já havia assistido a filmes suficientes para saber que relações extraconjugais eram passionais, incendiárias e impulsivas. Não faltou nada disso no Valhalla.

Mas aquilo ali... era um tipo totalmente diferente de intimidade.

Vuk estava tão perto que dava para ver cada detalhe de suas cicatrizes. Seus ombros tapavam o resto da sala, e fui tomada pela inebriante sensação de que não havia nada além daquele cantinho.

Éramos apenas eu e ele. Sua presença preenchia cada molécula de ar e me iluminava de dentro para fora. Era como se eu tivesse passado anos hibernando e a aproximação dele fosse a faísca de que precisava para voltar à vida.

Meus batimentos frenéticos latejavam na garganta.

Era daquele jeito que eu *deveria* me sentir com meu noivo, não com seu melhor amigo. Mas, no que dizia respeito a Vuk, eu já havia deixado de lado o "deveria" fazia tempo.

Estiquei a mão e toquei delicadamente as queimaduras que envolviam seu pescoço.

A pele grossa e saliente queimou a ponta dos meus dedos.

Vuk disse que seu irmão havia sido torturado, mas o padrão das queimaduras me dizia que ele omitira detalhes cruciais da história – como o fato de alguém ter enrolado uma corda no pescoço dele e ateado fogo nela.

Vuk devia ter escapado a tempo de não sofrer danos vocais permanentes, mas a prova do que havia acontecido era clara.

– Dói? – A pergunta foi um sussurro no silêncio.

O maxilar de Vuk se contraiu. Ele balançou a cabeça.

Passei os dedos pelo pescoço dele e pela linha de sua mandíbula.

Seus olhos pareciam indiferentes, mas sua garganta se moveu quando cheguei à cicatriz próxima à boca.

Rocei o polegar na pele enrugada.

– E aqui? – perguntei baixinho.

Outro movimento de cabeça, ainda mais lento.

Além da minha voz e das batidas do meu coração, o ar estava tão tenso que uma simples brisa poderia parti-lo ao meio.

O latejar se intensificou.

Mantive os olhos nos dele ao me inclinar e beijar lenta e delicadamente o canto de sua boca. Meus lábios se detiveram na cicatriz, e desejei poder apagar a dor e a mágoa que ela suscitava.

Não tinha esse poder. Tudo que podia oferecer era a possibilidade de criar novas lembranças para substituir as dolorosas.

Um estremecimento percorreu o corpo dele.

Eu me afastei um pouquinho. Mantive os olhos fixos nos dele enquanto tirava o anel de noivado do dedo, centímetro a centímetro.

O anel caiu no tapete com um baque suave.

Os olhos de Vuk foram engolidos pela escuridão.

Ele não se mexeu. Não me tocou. Mas seus dedos se fecharam, bem de leve, quando deixei o cardigã descer pelos meus ombros.

A peça caiu no chão e aterrissou em cima do anel, tirando-o de vista.

Fiquei só com um vestido curto de seda. Sem sapatos, sem casaco, sem anel.

Meu coração batia tão alto que abafava todo o resto.

Havia milhares de motivos para não fazer aquilo, mas todos eram insignificantes em comparação ao motivo para *fazer*. Estar com ele era a primeira coisa que me fazia de fato feliz em muito, muito tempo. Se não desse aquele salto, jamais me perdoaria.

Se isso significava que eu era egoísta, tudo bem.

– Não – disse Vuk, com a voz rouca.

Não. Ele já havia me dito isso antes, e mais uma vez não acreditei nele.

A prova estava na maneira como Vuk me encarava – como se fosse fisicamente doloroso olhar para mim, mas ao mesmo tempo ele não conseguisse desviar o olhar, pois isso doeria ainda mais.

Paguei para ver.

– Então vai embora.

Ele ficou.

Um relâmpago reluziu do lado de fora. O vidro estava gelado contra minhas costas, mas eu queimava por dentro.

– Você não sabe onde está se metendo, *srce moje*.

A voz dele era letalmente suave.

Srce moje. Não sabia o que significava, mas a maneira como soava me enchia de um calor lânguido.

– Você me disse uma vez para parar de pedir desculpas. Eu paro quando você parar de me dizer o que eu devo querer ou não.

– E o que você quer? – Um tom sombrio se infiltrou nas palavras dele.

Mais arrepios surgiram. Uma chama pulsou no fundo do meu ventre, quente e pesada de desejo.

Havia ficado sem palavras quando ele me fez uma pergunta semelhante, no Valhalla. Mas, ali, a frase fluiu com facilidade.

– Você – respondi. Sem remorso, sem freio. – Eu quero você.

O último resquício de controle que ele mantinha se esfacelou.

Vuk se moveu tão depressa que não tive tempo nem de respirar antes de estar pressionada entre a janela e os músculos rígidos e resistentes do corpo dele. Sua

boca tomou a minha, e eu me abri avidamente para ele, embriagada por seu sabor e seu cheiro fresco e estonteante.

Meus quadris se arquearam para roçar sem pudor em sua ereção. Os dedos dele mergulharam em meus cabelos. Minhas mãos agarraram seus ombros. Arquejos ecoavam entre nós, atiçando o fogo líquido que me corria pelas veias.

Não me importava onde estávamos, quem poderia nos ver ou o que aconteceria depois. Aquele beijo era uma revelação, selvagem e sagrada ao mesmo tempo, e eu só queria mais e mais.

Vuk mordiscou meu lábio inferior. A pontada de dor latejou no meio das minhas pernas.

– O que mais você quer? Você quer que eu te coma, Ayana?

Ai, meu Deus. A rouquidão promíscua das palavras dele acrescentou pura luxúria em uma chama já furiosa. A umidade se acumulou entre minhas coxas, e assenti, a boca seca demais para falar o que quer que fosse.

Ele gemeu e grunhiu algo em sérvio antes de agarrar a barra do meu vestido e erguê-lo até a cintura. Inclinei a cabeça para trás e soltei um leve gemido quando seus dedos descobriram o quanto eu estava molhada, deixando claro meu tesão.

– Então fala – ordenou ele.

– Eu quero que você me coma.

Ofeguei quando ele pressionou os dedos contra mim. Senti o prazer tomar meu sangue, me afogando em calor.

Não havia espaço para acanhamento. Estava faminta demais por algo que saciasse o espaço vazio e latejante entre minhas pernas.

– Você está molhada pra cacete. – Ele empurrou a calcinha para o lado e esfregou meu clitóris inchado e melado com o polegar. – Está louca para sentar no meu pau, *srce moje*.

Um som de desespero escapou da minha garganta. Tentei me esfregar nele, mas Vuk segurou meus quadris com uma mão enquanto me provocava com a outra. Esfregando, acariciando, me *torturando* com toques muito leves e outros impiedosos.

A pressão aumentava, depois diminuía, então aumentava de novo, em um ciclo interminável de provocação. Eu não estava mais molhada. Estava encharcada. Minha lubrificação escorria pelas coxas, marcando a pele, e eu provavelmente estava um caos. Pernas abertas, cabelo desgrenhado, entregue por completo.

– Por favor. – Arqueei os quadris outra vez, mas não consegui a fricção necessária para acabar com aquele tormento. – Vuk, *por favor*.

Ele soltou um grunhido.

– Abre a boca.

Um traço de tensão marcava sua voz controlada.

Minha mente estava tão enevoada que obedeci sem protestar. Logo depois, ele enfiou dois dedos encharcados na minha boca. O sabor doce e pungente inundou minhas papilas gustativas.

Soltei um gemido abafado de surpresa. Minha pele ficou quente de vergonha, mas por trás daquilo havia algo mais... uma espécie de desejo mais sombrio. Uma ânsia por mais.

– Sabe que gosto é esse, *srce moje*? – Os olhos de Vuk queimaram os meus. – É o gosto do seu tesão por *mim*. Por mais ninguém. Por *mim*. – Ele enfiou os dedos mais fundo. Engasguei, e meus olhos se encheram de lágrimas. – Você é minha, Ayana. *I teško onom ko pokuša da mi te uzme*.

Ele tirou os dedos da minha boca e abaixou a mão em seguida. Soltei um gemido quando ele finalmente, *finalmente* deslizou dois dedos para dentro de mim. Ainda estavam molhados da minha saliva.

Fazia tanto tempo que eu não transava que dois dedos já ficaram apertados, mas o desconforto inicial logo se transformou em um prazer alucinante.

Meu corpo contraiu ao redor dele, desesperada por *mais*. Vuk fechou a outra mão no meu pescoço, me mantendo presa assim enquanto me fodia com os dedos até eu estar tremendo e soluçando. Cada vez que ele metia, eu via estrelas; cada vez que tirava os dedos, minha cabeça rodava. Estava tão molhada que ruídos obscenos ecoavam pelo cômodo a cada estocada violenta.

Eu estava escorrendo loucamente, mas era tanto tesão que mal percebia. Nunca havia experimentado tamanha desinibição. Nunca confiara em ninguém o bastante para permitir que me visse daquele jeito, ou para *me soltar* de forma tão completa.

Era inebriante.

Vuk apertou meu pescoço, com cuidado suficiente para não machucar, mas com força suficiente para me fazer gemer. Ele era a única coisa que me mantinha de pé naquele momento. Minhas pernas estavam bambas e meu cérebro, derretido.

Mesmo assim, ainda arquejei quando ele deslizou devagar um terceiro dedo para dentro de mim.

– Ai, meu Deus. – Ofeguei quando a pressão aumentou de novo. – É demais... eu não aguento... Ai, *caralho*.

O gritinho que soltei quando ele meteu os três dedos até o fundo foi quase

irreconhecível. Carente demais para alguém que já estava tão preenchida que mal conseguia respirar. Eu me contorci, e a fricção que isso causou acabou com qualquer resistência ainda existente. Soltei outro gemido ainda mais desesperado.

– Aguenta, sim – disse Vuk com calma.

Se não o conhecesse, eu teria achado que ele estava indiferente, mas seu desejo estava claro pelo rubor rosado que tomava as maçãs do seu rosto e pelo tom grave de sua voz.

– Você está melando a minha mão toda. – Ele levou a boca ao meu ouvido. – Queria que fosse o meu pau metendo bem fundo, né?

Ele tirou e enfiou os dedos outra vez. Com força. Gemi alto e agarrei seus ombros, implorando em silêncio por mais.

– Quer que eu te aperte contra essa janela e te foda por trás para a cidade inteira ver?

– Quero, quero, *quero*! – Eu solucei e pedi, em uma prece pecaminosa: – *Por favor*.

– Olha só para você.

A boca de Vuk desceu pela minha garganta. Ele parou na curva do pescoço e cravou os dentes na carne macia, deixando um chupão. Reivindicando-me como dele. Aquilo não deveria ter me excitado tanto.

– Você fica linda me implorando para te fazer gozar.

Foi demais.

O toque, a mordida, as palavras obscenas... formaram uma bola de fogo no fundo do meu ventre, e meu orgasmo explodiu. Eu me contraí em torno dele, meu grito de êxtase agudo e lancinante. O prazer foi tão intenso que o mundo pareceu ruir. Desmoronei junto, minha mente e meu corpo se fragmentando em um caleidoscópio de sensações.

Fui atropelada por ondas sem fim. Eu era mil confetes flutuando ao vento, até que a maré enfim baixou e aos poucos voltei à terra firme.

Encostei-me na janela, a respiração ofegante.

Vuk beijou meu cabelo, soltou meu pescoço e tirou os dedos de dentro de mim com um estalo molhado. Encostou a testa na minha, também com a respiração irregular. Seu pau duro como aço pressionava minha barriga.

– Você não...

– Gozei? – Ouvi a sombra de um sorriso em sua voz. – Não.

– Acho que podemos dar um jeito nisso.

Ainda estava nadando nas lânguidas reverberações do meu orgasmo. Cheia de coragem, tentei alcançar a fivela do cinto dele, mas Vuk me impediu ao

segurar meu pulso.

Ergui os olhos, confusa. Uma pontada de nervosismo surgiu em meu peito diante de sua expressão séria.

– Cancela o casamento.

Havia um leve desespero por trás da ordem fria.

Senti um buraco no estômago.

A menção ao casamento dissipou o calor pós-sexo. Um vento gélido invadiu meus pulmões.

– Não posso – sussurrei.

As palavras tinham um gosto amargo na minha boca.

O rosto de Vuk se fechou, e o frio ficou mais intenso.

– Não pode ou não quer?

Balancei a cabeça, com um nó na garganta.

– Você não entende.

Como poderia explicar a situação a ele? Já estava envolvida demais. O casamento seria dali a *duas semanas*. Por mais que quisesse Vuk, não podia deixar Jordan na mão daquele jeito. Havia assinado um contrato, feito uma promessa, e devia isso a ele.

Mas... talvez houvesse um jeito de ficar com Jordan em público e com Vuk no privado.

Vuk largou meu pulso e deu um passo para trás, retrucando com sinais.

"Então me ajude a entender."

Ele havia ficado distante outra vez. Fechado. Como a situação havia mudado tão depressa? Aquela visita era uma montanha-russa de emoções, e eu não conseguia acompanhar.

Endireitei o corpo e me arrumei, tentando organizar meus pensamentos de forma minimamente coerente.

– Eu...

Não consegui terminar a frase.

Não podia contar sobre o acordo com Jordan. O segredo era mais de Jordan do que meu, e eu não ia compartilhá-lo sem sua permissão.

Mesmo que voltasse atrás em minha palavra e cancelasse o casamento, de que adiantaria? Precisaria da ajuda de Vuk para romper o contrato com a Beaumont, o que significava que estaria trocando uma dívida por outra.

Confiava em Vuk. Ele me ajudaria, e não achava que fosse me cobrar depois. Mas ainda assim haveria um desequilíbrio de poder, e eu me recusava a pedir que outra pessoa resolvesse os meus problemas. Foi isso que me fez parar na

Beaumont.

Ao menos, com Jordan, era um acordo mutuamente benéfico.

Ele precisava de mim tanto quanto eu precisava dele.

Eu tinha que resolver meu dilema sozinha. Devia isso a mim mesma.

– Eu e o Jordan temos um combinado – respondi, por fim. – Não somos apaixonados um pelo outro, mas concordamos que podemos... ficar com outras pessoas...

Parei de falar outra vez diante da tempestade que se formou nos olhos do Vuk.

– Se não são apaixonados, por que vão se casar então, porra?

Soltei um suspiro trêmulo.

– Não posso te contar, mas *tem* um motivo. Eu juro.

Odiava aquela situação. Sabia que teríamos essa conversa em algum momento, mas estava sendo ainda mais difícil do que eu imaginara.

A pior parte era que eu entendia o lado de Vuk. Se estivesse em seu lugar, também estaria confusa e irritada.

Fui eu que o procurei após o incidente com Wentworth. Praticamente pedi a ele que me beijasse, no Valhalla, e o convidei para um *hotel* antes do casamento. Claro que ele pensou que eu terminaria com Jordan.

A culpa latejou sob uma camada espessa de angústia.

Tinha me permitido ser egoísta pela primeira vez, mas o problema de fazer o que a gente quer é que voar alto não prepara ninguém para a queda.

– Então você está sugerindo que a gente tenha um caso. – A voz de Vuk voltou a se suavizar. Dessa vez, não havia gentileza, apenas escárnio. – Foi por isso que me chamou aqui? Para ver se eu fodia bem para te comer escondido enquanto você vive seu sonho de princesa com o Jordan?

– Não! – Lágrimas fizeram meus olhos arderem. – Não tem nada a ver com isso. Eu quero *você*.

– Mas não vai terminar com o Jordan.

– Eu não posso – repeti, infeliz.

Uma lágrima escapou e escorreu pelo meu rosto. Vuk a acompanhou com o olhar, sua mandíbula se endurecendo como aço.

Por trás de seu comportamento frio, havia algo pior do que escárnio: havia *mágoa*. E tinha sido eu a causá-la.

A dor fez meu peito se apertar. Não consegui inspirar ar suficiente para combater a maré avassaladora de ódio por mim mesma, então fiquei ali, parada, com o rosto molhado de arrependimento, enquanto Vuk se inclinava novamente

na minha direção.

– Você precisa saber uma coisa a meu respeito, Ayana – disse ele, sua respiração roçando minha orelha. – Eu não divido o que é meu.

Então, ele se foi.

A porta bateu e fiquei sozinha no frio outra vez.

CAPÍTULO 27

Vuk



O DIA DA CERIMÔNIA de casamento de Jordan e Ayana na igreja amanheceu fresco e luminoso. Tudo era perfeito: temperatura em vinte e poucos graus, céu claro, sol agradável.

Era uma reviravolta cruel do destino o fato de o pior dia da minha vida também ser um dos dias mais bonitos que Nova York teve durante todo aquele ano.

Fiquei olhando pela janela e rangendo os dentes. Atrás de mim, Jordan e o restante dos padrinhos relaxavam e se preparavam para a cerimônia iminente. Faltava apenas uma hora.

Uma corrente de ferro invisível envolvia minha garganta e apertava *com força.* Queria jogar todos eles da merda da varanda.

Cancela o casamento.

Não posso.

Duas semanas haviam se passado desde que me encontrei com Ayana no hotel, e aquelas duas palavras tinham ficado gravadas na minha mente.

Não posso.

Por que não? O que era tão importante a ponto de valer a pena desperdiçar a vida casando-se com um homem que ela não amava e que também não a amava?

O mistério me consumiu ao longo das semanas e deixou meu humor tão azedo que ninguém, exceto Jordan, ousava se aproximar de mim.

Eu teria pressionado Jordan sobre o assunto outra vez, mas não suportava falar com ele a menos que fosse extremamente necessário – tanto por ressentimento por seu papel naquela história quanto por ódio contra mim

mesmo pelo que fiz.

Mesmo naquele momento, os gemidos de Ayana ecoavam em meus ouvidos. Deixá-la sozinha naquele quarto, aos prantos, quase me matou, mas eu não podia ficar lá. Também não conseguiria obter uma resposta direta de Jordan, a menos que lhe contasse o que acontecera, e isso afetaria tanto o relacionamento dele com Ayana quanto comigo.

Então, ali estávamos nós. A uma hora do Armagedom.

A pressão em meu peito aumentou, quase me sufocando.

– Vuk. – A voz de Jordan chamou minha atenção de volta para ele.

– Pronto? Está quase na hora de ir.

Eu me virei. Ao vê-lo em seu traje de casamento, minha pálpebra tremeu.

Os outros padrinhos já tinham partido. Eu não tinha notado a saída deles e não poderia me importar menos com para onde tinham ido.

"É um grande dia."

Estávamos hospedados em um hotel de luxo perto da igreja onde seria realizada a cerimônia. Havia menos de cinquenta convidados para o casamento propriamente dito – a maioria membros das famílias de Jordan e Ayana e os amigos mais próximos.

A suíte nupcial ficava dois andares acima. Ayana estava lá naquele exato momento, preparando-se para se casar com outro homem.

Um gosto metálico invadiu minha boca. Desde o encontro no hotel, não tive coragem de falar com ela. Foram duas semanas tentando encontrar um jeito de sair daquela confusão, mas, a menos que a sequestrasse, eu estava de mãos atadas.

E eu havia considerado o sequestro. Várias vezes. Se não fosse pela Irmandade e as outras merdas atrapalhando minha vida, teria considerado pra valer.

– Pronto? – Jordan parecia alheio à minha agitação interna. – Precisamos descer logo para interagir com os convidados antes da cerimônia. Falta uma hora para...

– Você não tem que se casar com ela.

As palavras escaparam e caíram em um silêncio absoluto.

Jordan me encarou, boquiaberto. Não sabia dizer se ele estava mais chocado com minha afirmação ou com o fato de eu estar falando.

Eu havia me comunicado verbalmente com ele algumas vezes desde a morte do meu irmão, mas não dissera uma palavra sequer depois que ele anunciara o noivado com Ayana.

Ele enfim fechou a boca.

– Do que você está falando?

– Se você não ama a Ayana, não precisa se casar com ela.

Era minha última tentativa de resolver as coisas de forma cordial.

Devia isso a Jordan.

Mas, ao olhar para ele em seu smoking sob medida e a porra da flor de lapela, senti tanta inveja que quase engasguei.

Queria arrancar aquela flor da lapela dele.

Queria exigir que me explicasse por que insistia em prosseguir com aquela farsa.

Queria subir as escadas, agarrar Ayana e tomá-la para mim na frente de todas aquelas pessoas, para que não restasse nenhuma dúvida de que ela era minha. *Só* minha.

Uma pequena parte de mim ficara tentada a aceitar a proposta de termos um caso. Deus era testemunha de que eu a desejava tanto que aceitaria qualquer pedaço dela que pudesse obter.

No entanto, rechacei aquela possibilidade. Não por moralidade ou pela amizade com Jordan, mas porque eu era egoísta demais para compartilhar.

Quando disse que a queria, era *por inteiro*. Cada sorriso, cada lágrima, cada suspiro e gemido. Ela me consumia, corpo e alma, e eu me recusava a me contentar com menos do que isso em troca.

– Meu Deus, não vem com isso de novo. – A risada incrédula de Jordan foi marcada por uma pitada de nervosismo. – Quem disse que eu não amo a Ayana?

– Você ama mesmo?

Ele me encarou. Um instante se passou, e foi nesse momento que vi Jordan juntando as peças.

Eu o conhecia bem, mas ele também me conhecia. Às vezes, eu me esquecia disso.

Ele enfim entendeu. Por que eu estava tão interessado nos sentimentos dele por Ayana, por que tinha escolhido tocar no assunto logo naquele dia... Tudo isso ficou nítido pelo brilho de seus olhos.

– Vuk. – Meu nome soou como uma constatação horrorizada.

Virei o rosto e voltei a olhar pela janela. A inveja que fervilhava dentro de mim atingiu o ponto máximo de ebulição. Se continuasse olhando para ele, faria algo de que me arrependeria.

Jordan se aproximou e olhou para as ruas movimentadas lá embaixo. Uma fila de táxis tomava a frente do hotel como um exército de formigas amarelas.

– Isso tem quanto tempo?

Não me dei ao trabalho de negar o que ele já sabia. Havíamos chegado a um ponto em que as mentiras não serviam para nada.

– Tempo suficiente.

Desde que ouvi a risada dela naquele maldito programa de TV, anos antes, fiquei completamente rendido. Na época, ela era uma modelo iniciante, mas havia algo na maneira como falava e se comportava que fincou as garras em mim e nunca mais soltou.

Ela irradiava autenticidade e tinha o tipo de sorriso que me fazia querer sorrir também... e eu odiava sorrir.

Achei que minha reação tivesse sido um acaso. Eu ainda estava investindo no crescimento da Markovic Holdings e não tinha tempo nem disposição para ficar obcecado por uma mulher que não conhecia.

Só que eu não conseguia parar de pensar nela, então decidi ir a um mesmo evento que Ayana, certa noite, para provar a mim mesmo que ela não tinha como ser tão cativante em pessoa. Qualquer um era capaz de se passar por uma deusa na tela. Vender essa mentira na vida real era mais difícil.

Eu estava certo. Ela não era igual. Era melhor.

Mais radiante, mais bonita, mais *real*. Não me aproximei dela, mas a observei de longe e a escutei.

Depois daquela noite, passei a acompanhar todas as suas aparições e assisti a todas as suas entrevistas. Cada novo detalhe que descobria, desde suas fotos da época em que fez intercâmbio na Irlanda até seu curioso amor por tricô, me deixava ainda mais fascinado. Mesmo depois da sua ascensão à fama, ela manteve a mesma autenticidade.

Ayana era um toque de cor em meu mundo cinzento, e, antes que me desse conta, tinha sido capturado. Não havia saída.

Então, Jordan me contou sobre o noivado, e eu comecei a morrer aos poucos.

– Você nunca disse nada. – A voz dele soou baixa. – Estamos noivos há um ano e meio e você não disse nada. Agora está me pedindo para cancelar tudo uma hora antes do casamento?

Uma pontada de raiva se misturou à sua descrença.

Eu o encarei. Havia traído Jordan de diversas maneiras, mas ele também não havia sido sincero comigo.

– Eu não te contei porque achei que você a amasse de verdade. Você ama?

– Não importa.

– É claro que importa, *porra*! – Perdi a calma. A frustração fervilhava dentro

de mim, louca para se libertar. – Me fala a verdade. Chega de mentiras. *Por que* você vai se casar com ela?

Os olhos de Jordan me fulminaram. Ele abriu a boca como se fosse argumentar, mas então seus ombros relaxaram e ele pareceu murchar diante dos meus olhos. Um longo silêncio se estendeu antes que ele voltasse a falar.

– Você sabe que a minha avó está doente. O que não sabe é que ela colocou uma condição no testamento. Se eu não me casar até o final do ano que vem, perco a herança. Toda. – Ele esfregou o rosto. – Não é só o dinheiro, Vuk. É a empresa. O legado da minha família. Ela vai doar tudo, a menos que eu me case.

Meu Deus. Orla Ford não era brincadeira, mas aquilo era exagerado até para ela.

– Sou o único neto dela. O único herdeiro. E ela prefere acabar com o legado dos Fords a passá-lo adiante para alguém de fora da família, a menos que eu faça exatamente o que ela quer. Por isso, eu bolei um plano. – Jordan respirou fundo. – Perguntei a Ayana se ela estaria disposta a um casamento de conveniência. Ela faria o papel de esposa por cinco anos em troca de 10 milhões de dólares. Ela aceitou e, bem... – ele apontou para si mesmo – aqui estamos nós.

Minha cabeça girava.

Durante todo aquele tempo, o relacionamento fora falso. Eu pensei que eles tinham começado a namorar porque se gostavam e então percebido, ao longo do caminho, que não se amavam romanticamente. Aquilo, no entanto, ia muito além da minha imaginação.

– Por que não encontrou alguém com quem de fato quisesse se casar? Você teve anos para isso.

– Porque eu nunca vou encontrar ninguém. – Jordan abriu um sorriso amarelo. – Não tenho interesse em relacionamentos românticos. Nunca tive, nunca terei.

Demorei um pouco para entender o que ele estava dizendo. Quando entendi, soltei um suspiro profundo.

Eu deveria ter percebido. Aquilo explicava sua postura blasé em relação a namoro e sexo, e sua falta de interesse em manter relacionamentos de longo prazo. Muitas vezes, ele parecia mais interessado no que ia comer no jantar do que em flertar com alguém.

Agora, eu sabia o motivo.

– Pois é – disse ele, ao ver que eu tinha compreendido. – Agora você entende por que um casamento platônico era a minha melhor opção. Ayana e eu somos amigos há anos. Ela é... a opção menos pior.

A opção menos pior.

Meu sangue borbulhou. Ela merecia ser a *melhor* opção. Na verdade, não havia nenhuma outra opção. Só havia ela.

Saber o motivo do casamento não diminuiu minha determinação, apenas a fortaleceu.

Tratava-se de dinheiro, e eu tinha dinheiro de sobra.

– Eu transfiro para você os 120 milhões.

Jordan me encarou, chocado.

– O quê?

– É o valor da sua herança.

Minha mente já estava processando os próximos passos. Precisávamos resolver aquilo depressa para podermos cancelar o casamento. Os convidados ficariam perplexos, mas eu tinha certeza de que conseguiríamos inventar uma história plausível para explicar por que Jordan e Ayana não iam mais se casar. Desistências de última hora não eram tão incomuns.

– Cento e vinte milhões de dólares – continuei. – Se você cancelar o casamento, terá o valor total na sua conta amanhã de manhã.

Meu contador surtaria e eu teria que mexer alguns pauzinhos para transferir uma quantia tão grande de uma hora para outra.

Não me importava. Pagaria o triplo se necessário.

Ayana valia a pena.

Em vez de expressar alívio, o rosto de Jordan se tornou sombrio.

– Não vou aceitar dinheiro de você. Ouviu o que eu falei sobre a empresa? A questão não é só o dinheiro. Eu não vou ser o Ford que perdeu o patrimônio da família.

– Tenho certeza de que conseguimos dar um jeito de você manter a empresa.

Eu compraria a maldita empresa e a daria de presente a ele. Os acionistas fariam um escarcéu, mas eu ofereceria um valor irrecusável.

– *Nós* não vamos fazer nada – retrucou Jordan. – *Eu* vou me casar, e assunto encerrado.

A raiva superou minha descrença. Por que ele estava dificultando tanto as coisas, quando minha solução era claramente a melhor opção para todas as partes envolvidas?

– Você nem quer se casar!

– Talvez não, mas estou fazendo o que tenho que fazer. – Os nós de seus dedos ficaram brancos. – Não preciso de caridade, Vuk. Você pode ter centenas de milhões para esbanjar, mas não preciso que você salve o dia como se fosse a

merda do Super-Homem.

Então, outra ficha caiu.

Não tinha a ver com a empresa. Não apenas. Era uma questão de orgulho e ego. Ele não suportaria receber dinheiro de outra pessoa, quando deveria ser o menino de ouro.

Eu não o julgava por isso. Se estivesse na situação dele, também ficaria incomodado com a proposta. Eu odiava piedade.

Só que o orgulho dele também era a única coisa atrapalhando minha vida com Ayana, e isso era inaceitável.

– Não é caridade. – Mantive a voz o mais controlada possível para não falar grosso com ele.

– É o quê, então? Uma retribuição pelo dinheiro que emprestei pra você na faculdade? – Jordan balançou a cabeça. – Você nem estaria aqui comigo se eu não tivesse salvado a sua vida, né?

Fiquei em silêncio.

Com o passar dos anos, eu havia passado a gostar da companhia dele e o considerava um amigo, mas era verdade: se Jordan não tivesse salvado minha vida, nunca teríamos desenvolvido uma relação de amizade. E, mesmo que tivéssemos, eu não teria me esforçado para mantê-la depois da faculdade.

– Não me importo com isso. As coisas são como são – disse ele. – Mas quanto vale a nossa amizade se você nem me contou que estava todo esse tempo apaixonado pela Ayana?

Instintivamente, me retraí. Apaixonado?

O que eu sentia por ela era fascínio. Preocupação. Uma obsessão tão profunda que às vezes me sufocava.

Mas apaixonado? Eu nem sabia o que isso significava.

– Nós dois guardamos segredos – rosnei. – Você me deixou acreditar que tinham um relacionamento de verdade e não disse uma palavra sobre não querer relações amorosas. Então, quem está fazendo pouco da nossa amizade, no fim das contas?

– Eu tinha os meus motivos. – O rosto de Jordan ficou corado. – Não sabia por que eu não... me interessava por sexo ou romance, até dois anos atrás. Só achava que ainda não tinha encontrado a pessoa certa. E, se minha avó descobrisse o meu acordo com Ayana, seria o fim. Você sabe que ela tem olhos e ouvidos em toda parte.

– Até eu?

Ele desviou o olhar.

– Eu não podia arriscar. Ayana e eu concordamos em não contar a *ninguém*. Nem para as nossas famílias. Nem para os nossos melhores amigos. Havia muita coisa em jogo.

Cerrei os dentes, dividido entre a vontade de sacudi-lo e o instinto de me solidarizar com ele.

Não tinha tempo para nenhuma das duas coisas. O ponteiro dos minutos se aproximava da meia hora, e precisávamos resolver aquilo de uma vez por todas.

– Aceite o dinheiro, Jordan.

A expressão dele ficou mais dura.

– Não. Entendo que você goste da Ayana, mas não dá para a gente ter tudo que quer. Se você realmente a desejasse, teria dito alguma coisa antes. Não teria esperado até o último minuto.

Fiquei surpreso pela amargura no tom dele, até que me dei conta.

Quando nos conhecemos, Jordan estava em vantagem em quase todos os aspectos. Ele era o garoto rico, popular e bonito, cuja família frequentava a Thayer havia gerações. Passou a faculdade inteira sabendo que teria o mundo aos seus pés depois de se formar.

Eu era o estrangeiro, o bolsista que vivia sozinho e fazia bicos para pagar as despesas.

Treze anos depois, eu tinha *muito* mais do que Jordan. Tinha mais poder, mais status e mais influência. Devia ser uma baita reviravolta para ele.

Jordan nunca havia demonstrado ressentimento em relação ao meu sucesso, mas isso não significava que o sentimento não existisse.

Mais uma vez, a questão era orgulho e ego. Mesmo as melhores pessoas do mundo estavam suscetíveis a isso.

– Você tem razão. – Engoli o nó em minha garganta. – Mas estou dizendo agora. Não faça isso.

Foi o mais próximo que eu já tinha chegado de implorar.

Eu tinha outras opções. Poderia contar à avó dele sobre o acordo ou trancá-lo naquele quarto e levar Ayana embora. Poderia *obrigá-lo* a fazer o que eu queria sob a mira de uma arma.

Mas jamais iria adiante com qualquer dessas opções. Não com ele. Havia alguns limites que nem mesmo eu ultrapassava.

Jordan engoliu em seco.

– É tarde demais – disse ele, baixinho. – Sinto muito.

Ele não perguntou se aquilo mudava alguma coisa no meu papel de padrinho ou na nossa amizade. Apenas foi embora.

A porta se fechou atrás dele. O ponteiro dos minutos ultrapassou a meia hora e o suave tique-taque me levou ao limite.

Arrastei o braço, derrubando todos os copos da mesa, e fiquei olhando conforme eles caíam. A explosão de estilhaços não aliviou em nada o ardor em meu peito.

Tinha tentado argumentar com Jordan, mas não podia ver Ayana se casar com outra pessoa.

Precisava falar com ela. Eu precisava... Merda. Eu precisava *dela*. Não deveria ter ido embora naquele dia no hotel. Deveria ter ficado e dado um jeito de resolver a situação. Poderia tê-la convencido de que o acordo com Jordan não valia a pena.

O arrependimento me corroía.

Verifiquei o relógio outra vez. Ainda tinha algum tempo antes do início da cerimônia.

Desci o corredor às pressas em direção aos elevadores, com o coração acelerado por conta da adrenalina. Estava na metade do caminho quando meu celular tocou. Era o celular que eu usava apenas para me comunicar com Roman.

Merda. Era a única ligação que eu não podia ignorar.

– O que foi? – Retomei a caminhada em direção aos elevadores.

– Temos um problema.

Meus alarmes mentais soaram diante de seu tom sombrio.

– Que tipo de problema?

– Nosso amigo redefiniu as prioridades.

Tradução: as distrações que vinham mantendo as facções da Irmandade ocupadas tinham acabado.

– Ele está voltando para casa?

Em outras palavras: eles estavam vindo atrás de mim outra vez?

– Sim. – Roman parecia tenso. – Suspeito que ele esteja... chateado comigo. Não me deram mais nenhum detalhe.

Engoli um palavrão. Esse desdobramento não poderia ter vindo em um momento pior.

– Quando?

– Não tenho certeza, mas será em breve. Conhecendo o sujeito, acho que vai escolher um momento mais vulnerável, em que você tenha menos condições de se defender.

Eu nunca ficava vulnerável. Naquele momento, inclusive, estava examinando o corredor, com os ouvidos atentos ao menor sinal de perigo. Quanto a poder me

defender, os únicos momentos em que eu ficava indefeso eram quando estava dormindo ou...

Meu sangue se transformou em gelo. As engrenagens em minha cabeça giraram e chegaram a uma conclusão inevitável.

Merda.

Desliguei sem dizer uma palavra e liguei para Sean do outro celular. Ele atendeu no primeiro toque.

Pulei os cumprimentos.

– O casamento está sob risco.

– Entendido – respondeu ele, e desligou.

Verifiquei o relógio. A cerimônia começaria em dez minutos, o que significava que Jordan e os convidados já deviam estar na igreja. Ayana estaria por perto.

Esperava estar errado, mas meu instinto gritava o contrário.

A Irmandade não operava mais de acordo com as antigas regras. O incêndio na Vault fora prova disso. Não importava que aquele fosse um casamento muito público, que chamaria a atenção da mídia, e que eles geralmente agissem nas sombras. Nem minha ausência na igreja os deteria. Pelo contrário: eles só ficariam ainda mais encorajados a usar pessoas importantes para mim com o objetivo de me atingir.

Já haviam feito isso antes.

Meu coração subiu para a garganta. Eu sentia que ia vomitar.

O elevador chegou. Apertei o botão para o saguão, meu corpo tão tenso que eu seria capaz de explodir antes de chegar.

Vinte andares.

Dezenove.

Dezoito.

Quando enfim cheguei ao térreo, não me preocupei em disfarçar e saí correndo. Ignorei os gritos e xingamentos das pessoas por quem passava.

A adrenalina me impulsionava, mas não impediu que um pressentimento funesto se espalhasse em meu peito.

Por favor, que eu não chegue tarde demais.

CAPÍTULO 28

Ayana



– VOCÊ ESTÁ BEM, *AYANIYE*? – perguntou minha mãe.

Combinar a primeira ou as duas primeiras sílabas do nome de uma pessoa com o sufixo *-iye* era uma manifestação de carinho comum nas famílias etíopes, mas ela não me chamava de Ayaniye desde que eu era adolescente. Aquilo desencadeou uma dolorosa onda de nostalgia.

– Você parece um pouco tensa.

– Estou bem. É só o nervosismo pré-casamento.

Sorri, esperando que minha mãe não percebesse a máscara alegre que eu havia colocado desde que ela chegara a Nova York.

Estávamos esperando nossa deixa para entrar na igreja. As madrinhas já estavam enfileiradas para andar até o altar, mas minha mãe ficou comigo, em vez de se acomodar com o restante da família. Meu pai estava a uma distância respeitosa, dando-nos espaço para nossa última conversa de mãe e filha antes de eu me tornar oficialmente uma mulher casada.

Casada.

Senti meu estômago se revirar ao pensar nisso.

Eu estava dentro do personagem. Usava um vestido deslumbrante, com delicadas rendas florais e tule esvoaçante. A maquiagem estava perfeita e o cabelo também, semipreso e enfeitado com pérolas, cortesia de Kim. Brincos de ouro e diamante herdados da minha mãe completavam o visual.

Era a gaiola mais bonita do mundo.

– Ótimo.

Minha mãe apertou minha mão, com um toque de receio no olhar. Ela havia

envelhecido ao longo dos anos desde que saí de casa. Os cabelos estavam grisalhos e rugas finas se espalhavam pelos cantos dos olhos. Porém, sua pele tinha o mesmo tom suave e imaculado, e seus olhos brilhavam ao me observar, perspicazes.

– É um grande dia. Eu e seu pai só queremos que você seja feliz.

Aquilo era um conselho padrão pré-casamento ou ela sabia que havia algo errado? Eu achava que vinha fingindo bem, mas nunca era bom subestimar a intuição de uma mãe.

– Eu sei.

Apertei a mão dela de volta, mesmo sentindo um nó na garganta e os olhos marejados.

Queria me jogar nos braços dela e deixar que acalmasse minhas aflições como se eu fosse criança outra vez. Naquela época, as coisas eram fáceis. Não havia contratos, agentes aproveitadores, nem sentimentos complicados em relação a padrinhos de casamento. Meus pais tinham me protegido de todos os males do mundo.

Afastei Vuk da mente assim que ele surgiu.

Não deixaria que ele *nem* meus sentimentos por ele arruinassem o momento. Eu havia escolhido aquele caminho; era hora de trilhá-lo. Quando estivesse livre da Beaumont, tudo aquilo teria valido a pena.

A música instrumental se intensificou. As madrinhas entraram na igreja, e meu pai me chamou. Estava quase na hora.

– Como você soube que o papai era o cara certo? – perguntei, do nada.

Não fazia ideia de onde tinha tirado aquilo. Ao longo de toda a vida, considerei o amor de meus pais algo natural. Eles se conheceram no restaurante onde ambos trabalharam décadas antes (meu pai, como ajudante de cozinha, e minha mãe, como garçonete). Os dois logo se apaixonaram, e foi ela quem o incentivou a abrir o próprio restaurante, depois que o antigo empregador se aposentou.

– Não sei explicar. Eu só sabia – admitiu minha mãe. – Não existe uma lista de qualidades, *mamaye*. É um sentimento. – Ela pousou gentilmente a mão na minha bochecha. – Sei que não ajuda muito, mas, na dúvida, confie em si mesma. Seu coração sempre sabe, mesmo que sua cabeça duvide.

Sorri e tentei respirar apesar da dor que começava a surgir em meu peito.

Cancela o casamento.

Não posso.

O lampejo de mágoa nos olhos de Vuk ressurgiu em minha mente. Forcei-me

a deixar a imagem de lado.

Ouvir o coração era uma boa ideia, na teoria, mas estávamos no mundo real. Não podia me dar ao luxo de ser idealista.

As portas se abriram de novo. Minha mãe entrou primeiro. Em seguida, peguei o braço do meu pai, que estava com os olhos cheios de lágrimas, e seguimos até o altar.

Eu me senti alheia a tudo enquanto colocava um pé na frente do outro. Os rostos de familiares e amigos foram ficando embaçados conforme passava por eles, e eu não conseguia sentir nada além das batidas dolorosas do meu coração.

Jordan estava no altar, com o rosto apreensivo. Sua boca estava congelada em um sorriso semiconvincente de um noivo apaixonado.

Os padrinhos estavam enfileirados ao lado dele – incluindo o principal.

Não olhe.

Mas eu precisava olhar.

Meus olhos deslizaram de Jordan para o homem ao lado dele. Tropecei, e uma onda de suspiros discretos se espalhou pela multidão antes que eu me recuperasse depressa.

– Está tudo bem, *mare*? – perguntou meu pai de canto de boca.

– Está sim – menti.

Mas não estava. Porque, no lugar do padrinho principal, estava o primo de Jordan, com uma expressão feliz, mas um pouco confusa. Vuk não estava por perto.

Parte de mim ficou aliviada por não ter que encará-lo enquanto fazia os votos; outra parte maior ainda se despedaçou com sua ausência.

Achei que o veria naquele dia, apesar da maneira como havíamos deixado as coisas. Ansiava por sua presença como um viciado ansiava pela próxima dose, e já fazia duas semanas desde a última vez que havia tomado a minha.

Talvez fosse irracional, mas sua ausência me passava a impressão de que eu nunca mais ia vê-lo. Como se nosso encontro no hotel tivesse sido minha última chance de ficar com ele, e Vuk tivesse escapado por entre meus dedos sem que eu percebesse.

Lágrimas fizeram meus olhos arderem.

Não deveria ter deixado Vuk ir embora. Eu deveria ter... sei lá, feito *alguma coisa*. Me explicado melhor. Pensado em maneiras de nosso relacionamento dar certo. Ligado para Jordan e perguntado se podia contar a Vuk sobre o acordo.

No mínimo, deveria ter entrado em contato com ele nas semanas seguintes e tido mais alguns momentos a sós.

Agora era tarde demais.

Consegui chegar inteira ao altar. Engoli as lágrimas e forcei um sorriso ainda maior quando meu pai me entregou a Jordan.

– Você está linda – disse Jordan.

De perto, seus olhos estavam injetados, como se ele tivesse chorado, bebido ou as duas coisas.

– Obrigada.

Hesitei por um segundo. Deveria perguntar sobre Vuk? Sua ausência era o motivo de Jordan parecer tão infeliz?

Antes que pudesse tomar uma decisão, o padre iniciou a cerimônia e a igreja ficou em silêncio.

Jordan e eu nos viramos para a frente. Tentei me concentrar nas palavras do padre em vez de no vazio que só aumentava em meu peito.

– Queridos amigos, estamos aqui reunidos para testemunhar a união de Jordan Ford e Ayana...

As pesadas portas da igreja se abriram com um estrondo, interrompendo o discurso do padre e chocando todo mundo.

Eu me virei. Por um momento breve e radiante, torci para ver Vuk entrando e se opondo à nossa união.

Em vez disso, três homens de terno escuro se aproximaram a passos largos, com expressões sombrias. Reconheci o que vinha na frente como Sean, o chefe de segurança de Vuk.

Cochichos confusos preencheram o ar. A avó de Jordan se levantou, sua saúde frágil incapaz de conter sua fúria quando "forasteiros" tinham arruinado o tão esperado casamento de seu neto. Meu pai se levantou e deu um passo à frente, mas minha mãe o puxou para trás.

– O que vocês estão fazendo? O que é isso? – questionou Jordan quando Sean se aproximou.

– Sinto muito pelo transtorno, senhor, mas precisamos evacuar a igreja. Agora – disse o chefe de segurança.

Seus homens já estavam conduzindo os convidados, perplexos, para fora.

– De jeito nenhum. Cadê o Vuk? Foi ele quem mandou você fazer isso? – O rosto de Jordan ficou vermelho. – De todas as...

– Senhor, por favor. – Sean parecia tenso. – O casamento está sob risco. Vocês precisam sair agora ou estarão em perigo.

Notei a arma na cintura dele. Minha boca ficou seca.

O que estava acontecendo? Quem estava nos ameaçando?

Por que Vuk havia enviado sua equipe, em vez de vir pessoalmente?

Jordan continuou a discutir com Sean, que parecia a um segundo de jogá-lo no ombro e carregá-lo à força para fora. Seus homens tinham conseguido conduzir a maioria dos convidados até a saída.

Eu estava prestes a intervir e dizer a Jordan para nos juntarmos aos demais quando três coisas aconteceram ao mesmo tempo, aparentemente em câmera lenta.

O pianista se levantou de seu banco e sacou uma arma. O padre agarrou Jordan. E uma figura familiar, alta e sombria, entrou correndo na igreja, vindo em nossa direção.

Vuk. Com uma expressão de pânico.

Meus ouvidos zumbiam. O tempo acelerou novamente e o minuto seguinte passou tão rápido que não consegui acompanhar tudo.

O pianista apontou a arma para Vuk, mas um dos homens de Vuk o derrubou por trás antes que ele pudesse atirar, e o padre girou Jordan, usando-o como escudo contra a arma sacada por Sean.

O pianista conseguiu se libertar do guarda-costas e mirou de novo, dessa vez para o altar – bem na minha direção.

Um tiro foi disparado.

Meu corpo ficou frio de pavor. Deveria me abaixar, correr, fazer qualquer coisa além de ficar ali congelada, mas fui muito lenta e a bala era muito...

Um corpo imenso me derrubou no chão enquanto mais tiros eram disparados. Um gosto metálico invadiu minha boca. Novos gritos irromperam, algo pesado caiu, e em seguida...

Silêncio.

Fiquei lá deitada, com a mente tão dissociada daquela carnificina que não conseguia entender o que havia acontecido.

Estava respirando, talvez. Não sabia dizer. Era tudo um torpor.

Vuk apoiou um braço de cada lado do meu corpo. Ele me cobria tão completamente que não dava para ver o teto acima de seu escudo protetor. Ele disse alguma coisa, mas sua voz parecia vir de debaixo d'água; abafada demais para que eu entendesse.

Em vez disso, virei a cabeça para o lado.

Meu estômago se revirou e outro grito quebrou o silêncio. Foram necessários vários segundos para que eu percebesse que o som aterrorizante vinha de mim.

Porque deitado inconsciente ao meu lado, em uma poça de sangue, com a pele mais pálida que a morte, estava Jordan.

CAPÍTULO 29

Vuk



MINHAS MÃOS ESTAVAM SUJAS de sangue.

O líquido espesso e vermelho pingava dos meus dedos, manchando o chão com pecados do passado e do presente.

Cheiro de carne carbonizada. Gritos. A determinação resignada nos olhos de Lazar enquanto ele me implorava para ir embora e o instante interminável em que a bala cruzou a igreja em direção ao altar.

Em ambos os casos, tive uma fração de segundo para fazer uma escolha. Agora, Lazar estava morto, e Jordan estava...

– Senhor.

A palavra flutuou em meio a meus batimentos acelerados. As paredes se fecharam. O cheiro acre de fumaça contaminou minhas narinas. O sangue pingava, pingava, pingava.

– Senhor!

Levantei a cabeça e me deparei com Sean olhando para mim com uma expressão preocupada.

Vê-lo fez com que o mundo aos poucos ganhasse foco outra vez.

Não estava na igreja. Não havia nenhum incêndio, e ninguém estava apontando uma arma para mim. Quando olhei para minhas mãos, estavam limpas – no sentido literal, ao menos. Nem uma gota de sangue manchava o piso de madeira polida.

Era o dia seguinte ao ataque à igreja, e estávamos na sala de estar da minha casa de veraneio em Westchester. Estávamos em segurança... por ora.

Nem todos nós, sussurrou uma voz em minha cabeça.

A imagem do corpo de Jordan, imóvel como um cadáver, passou diante de meus olhos. A culpa se instalou no fundo da minha garganta, mas a engoli e forcei meus batimentos a voltarem ao normal.

"O que foi?" Eu estava no limite. Todos nós estávamos.

– Acabei de confirmar que os Kidanes estão acomodados no segundo andar. Precisei convencê-los a voltar para Washington na segunda-feira – disse Sean. – Reforçamos a segurança no prédio de Ayana e ao redor da casa dos Fords e do hospital. Dissemos que era para manter a imprensa afastada e eles acreditaram. – Sean hesitou. – Também cuidamos dos criminosos do casamento. Todos, com exceção de um, foram neutralizados.

"Com exceção de um", repeti.

Então ainda havia um culpado à solta. Correndo, respirando, *vivendo*, quando deveria estar a sete palmos, com uma bala entre os olhos.

– Ele fugiu no meio da confusão, depois que Jordan foi baleado.

O rosto de Sean estava impassível, mas detectei uma amarga semente de culpa. Ele estivera ocupado lutando contra o falso padre, que se revelara um membro da Irmandade disfarçado, mas ainda se culpava por não ter salvado Jordan a tempo.

– Todos os nossos informantes e metade das câmeras de vigilância da cidade estão atrás dele. Vamos encontrá-lo.

A lembrança de Jordan inconsciente, caído no próprio sangue, ressurgiu, nítida e lancinante. A ela se sobrepôs a imagem do rosto aterrorizado de Ayana e o som de seu grito.

Algo frio e insidioso se agitou em minhas entranhas.

Repensei minha afirmação de antes: uma bala era pouco para o último Irmão.

"Quando o encontrarem, ele é meu."

Sean assentiu.

Eram quatro assassinos, no total: o falso padre, o pianista e dois motoristas que aguardavam do lado de fora, dando cobertura. Minha equipe supunha que o objetivo principal tinha sido me matar enquanto eu estivesse desempenhando minhas funções de padrinho e minha guarda estivesse baixa. Se isso não desse certo, usariam Jordan como isca ou, como último recurso, o matariam para me abalar. Para me fazer agir por impulso e não por estratégia, e cometer erros dos quais eles pudessem tirar proveito.

Era um bom plano. Uma pena que os outros Irmãos houvessem morrido antes que eu tivesse a chance de colocar as mãos neles. Mas, quando encontrássemos o último, eu o faria sofrer.

Até lá, tinha outras coisas para resolver.

Por fim, fiz a pergunta que passara a manhã inteira evitando.

"Como está o Jordan?"

Tinha ido com ele para o hospital, mas não pude ficar, pois precisava formular um plano de ataque com Sean. Um dia inteiro havia se passado desde então. Tudo poderia ter acontecido.

Meu peito ficou apertado até que Sean respondeu:

– O estado ainda é crítico. Ele está inconsciente, mas os sinais vitais estão estáveis.

Soltei um longo suspiro. Era uma boa notícia. Inconsciente era melhor do que morto.

Ainda assim, foi uma minúscula ilha de alívio em meio a um mar de culpa. Tudo aquilo havia acontecido por minha causa. Foi por minha causa que a Irmandade apareceu lá. Foi por minha causa que Jordan foi baleado e Ayana quase morreu no fogo cruzado.

Naquele momento crucial, tive a chance de salvar um dos dois. Escolhi Ayana. Agora, Jordan estava em coma, sem previsão de quando acordaria. A imprensa estava se refestelando no caso e os Fords estavam, é claro, inconsoláveis.

Minha equipe logo inventara uma história, alegando que o ataque fora por conta de uma guerra entre gangues, sendo o padre e o pianista membros de grupos rivais. Era ridículo, só que mais plausível do que a verdade. Todo mundo acreditou.

"Obrigado", disse, e dispensei Sean. Ele estava prestes a sair quando eu acrescentei: "A culpa não foi sua. Você teve um desempenho admirável ontem."

Ninguém do nosso lado havia morrido e Sean fez o melhor que pôde com o tempo e as informações que tinha.

Ele engoliu em seco.

– Obrigado, senhor.

"Descanse um pouco."

Sean não descansaria até que o último Irmão fosse capturado. Não havia complacência em seu DNA, mas vi um vislumbre de gratidão no rosto dele.

Sean se retirou e subi até o segundo andar. Parei diante do quarto de Ayana para ver se ouvia cochichos. Nada.

A família devia estar lhe dando espaço. Ayana entrara em estado de choque após o tiroteio. Fora isso, escapara fisicamente ilesa, mas seus parentes haviam passado o dia anterior inteiro ao lado dela.

Um buraco se abriu em meu estômago. O último dia tinha sido tão caótico que não tive a chance de conversar com ela de verdade. Também queria dar a ela um tempo com a família. Aquela seria nossa primeira conversa cara a cara desde que eu a levara ali para Westchester.

Depois de um instante de hesitação, bati à porta e esperei por seu "Pode entrar" baixinho antes de abri-la.

Entrei. As cortinas estavam fechadas, mas feixes do sol de fim da tarde vazavam pelas beiradas e lançavam um brilho pálido no chão.

Ayana estava sentada na cama, com uma camiseta larga e calça de moletom. Eu havia pedido à minha equipe que levasse algumas roupas e produtos de higiene pessoal para ela na noite anterior. Olheiras de exaustão marcavam seus olhos, e seus cabelos escuros e cacheados caíam pelos ombros.

Fechei a porta e me sentei ao lado dela.

"Você comeu?"

Queria muito tocá-la, mas o que eu sabia a respeito de consolar alguém? Como poderia ajudá-la, quando eu era o responsável por sua angústia? Minha pele estava limpa, mas não daria para tirar o sangue das minhas mãos.

– Um pouco. Não estou com muita fome. – Ayana não estava mais em choque, mas percebi que ainda estava processando o ocorrido. Ela encolheu os joelhos contra o peito, com uma expressão fragilizada. – O Jordan ainda está...

"Inconsciente. Mas estável. Ele vai sair dessa."

Tentei soar tranquilizador. Não estava tão confiante quanto à última parte, mas ele precisava sobreviver. Não havia outra opção.

Eu não desejara que o casamento acontecesse. Estava a caminho de impedi-lo antes de receber a ligação de Roman. Mas isso não significava que queria Jordan morto ou ferido.

Se ele não acordasse mais, nossa última conversa teria sido dominada pela raiva.

O remorso perfurou meu peito, me fazendo estremecer. Travei a mandíbula e pus a dor de lado à força. Não havia tempo para "e se" naquele momento. Minhas prioridades eram garantir que todos estivessem a salvo e caçar o último Irmão.

Ayana soltou um suspiro trêmulo de alívio.

Ela quis ficar no hospital com Jordan; eu tinha insistido que fôssemos embora depois de uma hora. Odiava negar qualquer coisa a ela, mas, mesmo com meus homens de guarda, era perigoso demais.

Os Kidanes acreditaram quando eu disse que os "membros da gangue"

haviam sido neutralizados, mas, para convencê-los a ir para Westchester, precisei dizer que talvez o resto da gangue tentasse eliminar as testemunhas.

A Irmandade provavelmente precisava de tempo para se reorganizar após o fracasso do dia anterior, mas eu não queria correr nenhum risco.

"Minha equipe vai acompanhar a sua família de volta a Washington na segunda-feira. Você deveria ir junto. Ter um pouco de espaço para respirar."

Havia falado com Roman na noite anterior. Ele ainda não sabia quais eram os próximos planos da Irmandade em relação a mim, mas dissera que as duas facções estavam se aliando. Estavam reunidas em Nova York, e não havia quase ninguém no resto da costa.

Eu me sentiria muito melhor se Ayana ficasse fora da cidade até que pegássemos o último Irmão e o interrogássemos.

– Não. – Ela me encarou com uma expressão determinada. – Prometi aos meus pais que passaria o próximo fim de semana com eles, mas não vou fugir antes disso. Não enquanto o Jordan estiver no hospital e tudo *isso* estiver acontecendo.

Ela apontou para o celular, que a cada poucos minutos se iluminava com uma nova notificação. Ayana devia estar sendo inundada de ligações e mensagens de todo mundo que tivesse a mínima conexão com ela.

– Eu só... preciso de um tempo sozinha. Você pode ficar – disse ela quando fiz menção de sair. – Quis dizer que preciso de um tempo longe de todos os olhares e perguntas. Sei que minha família tem boas intenções, mas não consigo pensar com eles me observando o tempo inteiro. – Ela abriu um sorriso vacilante. – Você é diferente.

"Porque eu raramente falo?"

– Porque você sempre sabe como me fazer me sentir melhor. – Seu sorriso desapareceu e seus olhos se encheram de lágrimas. – Você pode me abraçar? – pediu ela, baixinho. – Só um pouco.

Merda. Meu coração se partiu ao meio.

Eu não disse uma palavra, apenas a tomei nos braços enquanto ela se enroscava em meu peito. Ela não chorou, mas estava tão frágil e vulnerável que eu queria sair dali e aniquilar qualquer um que ousasse sequer *pensar* em machucá-la.

Ficamos em silêncio por minutos ou talvez horas. Aquela era a primeira vez que a abraçava de verdade desde que saí do hotel. O que ocorrera naquele dia parecia irrelevante comparado aos últimos acontecimentos, em especial depois que Jordan admitira a verdade, mas teríamos que falar sobre o assunto em algum

momento.

– Me desculpa pelo que aconteceu no hotel – disse Ayana, como se tivesse lido minha mente. – Eu sei que minhas atitudes foram contraditórias, mas não quis dar a entender que você... que eu queria ter um relacionamento com Jordan em público e um caso com você às escondidas.

Senti meu coração pulsando em um nó desconfortável na garganta.

– Eu sei.

Um pensamento cruzou minha mente. Ela era a Bela, e eu, a Fera. Quem olharia para nós dois e pensaria que eu era digno dela? Mas Ayana não era superficial. Ela julgava as pessoas com base no caráter, não na aparência. Eu não era exatamente um cidadão modelo, mas, por algum motivo, ela parecia achar minha presença interessante.

– Jordan me contou sobre o acordo de vocês – revelei, a voz baixa.

Ela ergueu a cabeça e se afastou, com os olhos arregalados de surpresa.

– Nós brigamos por causa disso – continuei. – Eu disse que transferiria para ele o valor total da herança se ele cancelasse o casamento. Ele se recusou. – Engoli em seco. – Por isso eu não estava na igreja, no começo da cerimônia. Não ia suportar ver você se casar com ele. Estava a caminho de tentar impedir a cerimônia de qualquer jeito quando fui alertado de que o casamento estava ameaçado.

Um brilho iluminou os olhos de Ayana, e ela disse:

– Eu queria te contar, mas o Jordan...

– Eu sei.

Uma gota do pesar que senti antes se infiltrou pelas fendas da caixa em que eu o havia trancado. Desejei poder voltar no tempo e mudar o dia anterior.

Ayana soltou um suspiro trêmulo. Mantive os braços ao redor dela enquanto o silêncio voltava a reinar.

Agora que eu sabia sobre o acordo, em que pé ficávamos? Tecnicamente, ela ainda estava noiva de Jordan. Se e quando ele acordasse, os dois seguiriam com o casamento como se nada tivesse acontecido? A saúde da avó dele piorava a cada dia, e o ataque do dia anterior com certeza não ajudara.

Além disso, quão escroto eu era por estar pensando nesse tipo de coisa com o Jordan em coma? Eu era mesmo um canalha.

– Você disse que foi informado. – A voz de Ayana soou baixinha. – Quem eram aquelas pessoas na igreja? E não vem me dizer que eram membros de gangues rivais. Me fala a verdade. Eu mereço.

Reprimi o instinto de me encolher.

Minha primeira reação seria dar uma versão parcial da verdade. Ela não sabia do meu passado de merda nem dos muitos limites que eu havia ultrapassado, e queria que continuasse assim. Queria ser o homem que ela enxergava quando olhava para mim – alguém com menos defeitos e mais digno de sua confiança.

Mas Ayana tinha razão. Ela merecia toda a verdade. Meu passado a afetava diretamente e, se quisesse protegê-la, eu precisava informá-la sobre o que estávamos enfrentando.

– Eles eram membros da Irmandade, uma organização de assassinos profissionais. Super de elite, supersecreta. Eles operam na Costa Leste e foram responsáveis por milhares de mortes ao longo dos anos.

Ayana hesitou, como se quisesse me dar tempo para admitir que estava brincando. Como não fiz isso, ela se afastou, o rosto tomado de incredulidade.

– Uma organização secreta de assassinos de aluguel? Isso é uma piada?

Balancei a cabeça.

– Sei que parece inacreditável, mas existem assassinos de aluguel na vida real, e não só nos filmes. Pessoas poderosas não gostam de sujar as mãos e precisam de organizações como a Irmandade para cuidar de questões mais... delicadas.

Ela ficou paralisada por um instante.

– Isso é... Certo. Está bem. Assassinos de aluguel. Entendi. – Ela fechou os olhos e respirou fundo. Quando os reabriu, estavam aguçados pela curiosidade. – Essa Irmandade... estava atrás de você.

– Sim – respondi simplesmente.

– Porque você já os contratou antes e as coisas deram errado?

– Porque eu já fui um deles.

A confissão pairou entre nós com uma clareza dolorosa. Havia anos que eu não falava sobre meu envolvimento com a Irmandade. Além de Jordan e Lazar, Sean era a única pessoa que sabia.

Essas conversas nunca eram fáceis, mas contar para Ayana foi o mais difícil. O lugar dela era em um mundo em que casamentos eram ocasiões felizes e assassinos não existiam. Ela não merecia ter sua inocência destruída pelo meu passado sórdido.

Ayana ficou boquiaberta e se recostou na cama, atordoada demais para falar alguma coisa.

– Eu te contei que meu irmão não foi para a faculdade, mas não contei que ele trabalhou em um cassino em Maryland. Gente importante de Washington ia até lá para jogar e fechar acordos clandestinos, até que um deles virou alvo da Irmandade. Meu irmão testemunhou o crime. Ele escapou antes de ser morto

também, mas sabia que era uma ponta solta e que poderiam ir atrás dele. Ele me contou o que aconteceu, então eu rastreei a Irmandade e propus um acordo.

Ayana parecia atordoada.

– Você os rastreou? Como?

– Eu e meu irmão éramos gêmeos. – Abri um sorriso sem graça diante do choque dela. – Eu me usei como isca e deu certo. Na época, eu não conhecia a Irmandade, mas, com base no que Lazar tinha me contado, presumi que o assassino era um profissional. Eu também tinha a vantagem de ter habilidades que organizações como a deles consideram úteis.

Poucas pessoas sabiam que eu tinha um irmão gêmeo. Lazar e eu viemos ao mundo juntos, crescemos juntos e quase morremos juntos. Ele era a única pessoa em quem sempre confiei. Perdê-lo foi a pior coisa que já tinha me acontecido.

Por isso eu não falava sobre ele nem tinha fotos suas à mostra. Já era doloroso demais olhar para mim mesmo no espelho. Toda vez que me via, lembrava as coisas que havia perdido... meu irmão e a pessoa que eu era antes.

– Eu tinha me formado em química – prossegui –, mas tinha mais interesse em seus usos práticos fora da sala de aula. Tinha uma bolsa de estudos na Thayer e, para ganhar dinheiro, eu criava... substâncias, que depois vendia por meio de intermediários. Os efeitos variavam. Algumas ajudavam os alunos a se concentrar quando tinham prova; outras ajudavam a relaxar ou davam uma onda boa. Não eram letais nem viciantes, mas eram muito lucrativas, e fiquei conhecido entre certos círculos em Washington. – Aquilo tudo parecia ter sido em outra vida. – A Irmandade já tinha ouvido falar de mim e, por sorte, na época estavam em busca de um químico.

– Para fazer drogas? – arriscou Ayana.

– Para fazer venenos.

Ela agarrou o edredom com força. Seus olhos estavam enormes, escuros e indecifráveis.

Sua opinião a meu respeito havia mudado de maneira irreversível. Senti farpas na garganta, mas era tarde demais para recuar. Precisava terminar a história.

– Propus de me juntar a eles se deixassem meu irmão em paz. Eles concordaram... *desde que* eu adiantasse 500 mil dólares como garantia. Senão, nada feito, e eles matariam nós dois.

Os olhos de Ayana brilharam quando ela juntou as peças.

– Foi o dinheiro que o Jordan emprestou para você.

A menção a Jordan fez minhas entranhas se contorcerem de novo. Se não

fosse por mim, ele nunca teria corrido perigo. Estaria consciente. Saudável. *Em segurança*.

– Foi. Trabalhei para a Irmandade por dois anos. A maioria dos alvos deles não era gente boa: políticos corruptos, chefes do tráfico de drogas, estupradores... pelo menos, foi o que me disseram. Eu não questionava muito. Era mais fácil fazer o que eu fazia se achasse que os alvos mereciam.

Olhando em retrospecto, eu tinha sido ingênuo ao acreditar que meus venenos eram usados apenas contra aqueles que "mereciam". A Irmandade gostava de dinheiro. Matava qualquer um se a oferta fosse boa o suficiente.

– Mas eu não podia passar o resto da vida preso a eles. Não era a vida que eu queria e, quanto mais aprendia sobre a organização, menos queria fazer parte daquele mundo. Precisava sair daquilo. Só que tinha um problema: a única maneira de alguém deixar a Irmandade era conseguir uma aposentadoria oficial, com a aprovação da liderança, ou em um saco preto. Eu era valioso demais para me deixarem ir embora assim, sem mais nem menos, então precisava de uma moeda de troca, algo que os *forçasse* a me libertar.

Dava para ver as engrenagens girando na cabeça de Ayana.

– Era isso que eles estavam procurando quando invadiram a sua casa.

Linda e inteligente. Meu tipo de mulher.

– Isso – confirmei. – Consegui o livro-caixa da liderança, que incluía uma lista completa de membros da Irmandade, seus alvos, seus codinomes, seus contratantes. Tudo criptografado, é claro. Levaria anos para decifrar o código, por isso nem me dei ao trabalho. Apenas ameacei enviar o livro para organizações rivais.

Para minha sorte, a liderança na época era paranoica demais quanto à lealdade dos membros (daí o livro-caixa) e confiante demais quanto ao seu esquema de segurança.

Eu ainda tinha o livro-caixa, mas, depois de tantos anos, estava desatualizado e era inútil como moeda de troca.

– Mesmo que os rivais da Irmandade não conseguissem decifrá-lo, a mera existência desse item e a possibilidade de ele ser descoberto já teriam sido devastadoras. Nesse campo de trabalho, discrição e boca a boca são fundamentais. Se os clientes descobrissem que havia um registro *escrito* de seu segredo mais obscuro, ninguém voltaria a contratá-los. A organização implodiria. Com a ameaça do livro-caixa pairando sobre a cabeça deles, a Irmandade concordou em me liberar. Mas aí...

– Eles mudaram de ideia e foram atrás de você – concluiu Ayana.

Assenti. Deixei de fora o que fiz com os Irmãos depois da morte de Lazar. Ela nunca precisaria ver esse meu lado.

Ayana soltou um suspiro. Parecia soterrada por aquela montanha de informações, o que era compreensível. Era muita coisa para assimilar, mas era melhor falar a verdade de uma vez do que postergar mais o momento.

Mesmo assim, eu sentia minha pele toda retesada. Cada batida que meu coração dava parecia a última.

Estava acostumado a ter o controle das situações. Dinheiro e poder sempre me conferiam autoridade, mas eu não podia controlar a maneira como Ayana reagiria àquelas confissões.

Ela tinha o poder de acabar comigo com uma única palavra e nem sabia disso.

– Isso tudo aconteceu há tanto tempo – disse ela. – Por que estão vindo atrás de você agora?

Meus ombros relaxaram um centímetro. Ela não estava fugindo do quarto aos gritos... ainda.

– Política interna. A antiga liderança caiu, e eles estão brigando pelo comando. – Meus lábios se contraíram. – Sempre fui um grande tormento para eles. Me matar consolidaria o poder da nova liderança.

Só que a nova cúpula não era tão inteligente quanto a antiga; eram mais desleixados e menos disciplinados. Toda a confusão do casamento era prova disso.

A antiga Irmandade *jamais* teria tentado matar ou sequestrar alguém durante um evento de alto nível com tanta visibilidade. Ou estavam desesperados, ou tão empenhados em derrotar o outro lado que negligenciaram o planejamento estratégico.

Duas coisas que poderiam ser úteis para mim.

Em breve, eu me encontraria com Roman para conversar. Ele havia ganhado um pouco da minha confiança depois das informações do dia anterior. Se ele não tivesse me avisado, o casamento teria sido um desastre ainda maior.

– Entendi – disse Ayana. Era impossível avaliar os sentimentos por trás de seu tom sério. – Obrigada por me contar.

Senti a necessidade de me explicar.

– Faz muito tempo que não estou envolvido com esse mundo. Se eles não tivessem vindo atrás de mim, eu estaria contente em deixar tudo no passado.

Eu não era um homem bom, mas não era mais *aquele* homem. Não a menos que precisasse ser.

– Quer dizer que você não quer voltar à vida de mestre dos venenos de uma organização assassina?

A boca de Ayana se curvou levemente nos cantos com um sorriso contido, e uma sensação de alívio afrouxou o aperto em meu peito.

Ela não estava apavorada comigo.

– As pessoas mudam, e você foi forçado a fazer o que fez. Eu não te julgo. Mas *isso* aqui... – Ela gesticulou para os arredores. – É muita coisa para processar. Preciso de tempo. Eu só... Só me dá um tempo para pensar, está bem?

Era um pedido razoável.

Dar um tempo seria bom para nós dois. Com o Irmão foragido à solta e a vida de Jordan em risco, havia incertezas demais para fazermos qualquer coisa além de aguardar e ver o que aconteceria.

Ainda assim, senti um buraco no estômago com a ideia de deixá-la.

– Está bem. – Fiquei de pé, escondendo a decepção. – Vou deixar você descansar um pouco. Foi um dia longo.

Eu estava saindo do quarto quando ela me parou.

– Vuk.

Eu me virei.

O rosto de Ayana relaxou.

– Obrigada por me abraçar.

Uma sensação pesada e estranha invadiu meu peito. Era tão quente que chegava a ser desconfortável. Não tinha palavras para descrevê-la, então respondi com a simples verdade.

– Disponha.

CAPÍTULO 30

Ayana



– O QUE ACONTECEU foi uma tragédia. Torço sinceramente para que o Jordan acorde logo. A morte dele seria uma grande perda para o mundo da moda. – A voz de Emmanuelle exalava uma falsa sinceridade ao telefone. – Dito isso, já se passou quase um mês desde seu último trabalho, querida. As pessoas estão impacientes.

Por pessoas, quer dizer você? Engoli a resposta sarcástica e olhei pela janela. Era uma típica tarde de outono. Eu deveria estar lá fora, aproveitando o sol, mas estava trancada em meu apartamento. Mal tinha saído desde que voltara para casa, na terça-feira, contra as objeções insistentes de Vuk. Não podia ficar no interior para sempre. Precisava de alguma sensação de normalidade.

– Não há distração melhor do que o trabalho – prosseguiu Emmanuelle. – A Sage Studios está animadíssima com a campanha dos jeans. Deveríamos investir em uma abordagem mais comercial. Você já fez muitos editoriais este ano, e comercial paga mais.

Eu mal a ouvia. Estava de novo me lembrando de Westchester, quando ouvi Vuk falar sobre seu passado.

Matadores profissionais. Assassinatos. Venenos.

Era como se alguém tivesse me tirado da minha vida e me largado no meio de um thriller do Nate Reynolds.

Dias já tinham se passado, e eu ainda tentava digerir tudo aquilo. Minha família havia relutantemente voltado para Washington depois de Vuk e a polícia garantirem que as "gangues" haviam sido controladas e que eu estava em segurança. Não procurei saber como Vuk fez a polícia de Nova York ratificar a

história que ele havia inventado.

Tinha prometido à minha família que os visitaria no fim de semana, depois de ver como Jordan estava e terminar um "trabalho". Até então, o único trabalho que tinha feito fora tricotar metade de uma manta e reorganizar minha coleção de perfumes.

– Ayana! – A voz sedosa de Emmanuelle se tornou mais afiada. – Está me ouvindo?

– Estou.

Ela costumava me intimidar, mas uma semana antes eu tinha sobrevivido a um tiroteio em uma igreja e a *assassinos profissionais*. A chefe da agência estar irritadinha era a menor das minhas preocupações. Minha paciência se esgotara.

– Estou ouvindo, mas, infelizmente, não posso aceitar nenhum trabalho no momento. Como você gentilmente mencionou, meu noivo está em *coma*. Ele levou um tiro no meio do nosso casamento há seis dias. Seis. Dias. Preciso de tempo para lidar com o luto e me recuperar, então, a menos que você queira que eu apareça e tenha uma crise de choro no meio do ensaio fotográfico, acho melhor adiar qualquer conversa sobre novas campanhas para depois das festas de fim de ano.

Emmanuelle respirou fundo. Eu duvidava que alguém tivesse falado com ela daquela maneira em anos.

– Você...

– Mas, já que estamos falando de trabalho – prossegui, interrompendo-a –, eu agradeceria se você me pagasse por todos os ensaios que *já* fiz ao longo dos últimos doze meses. Gostaria de receber o dinheiro antes do final do ano. Enviei vários e-mails para o Hank e para o pessoal do financeiro, e só recebi um quarto do que me é devido. Como empresária, tenho certeza de que você entende como isso é inaceitável. Agora, se me der licença, tenho alguns assuntos pessoais a tratar. Obrigada por ligar.

Desliguei na cara de Emmanuelle e joguei o celular no sofá, com o coração acelerado.

Meu. Deus.

Levei a mão à boca. *O que foi que eu fiz?*

Emmanuelle Beaumont era uma das mulheres mais poderosas da moda. Quando ela queimava alguém, a carreira da pessoa acabava. Quando demitia alguém, a carreira da pessoa acabava. Quando ela... bem, já deu para entender.

Um mês antes, eu não teria me atrevido a falar com ela daquela forma. No entanto, experiências de quase morte tinham uma capacidade singular de colocar

as coisas em perspectiva. Minha carreira era importante, mas não mais do que me defender. Se eu morresse amanhã, do que me orgulharia mais: de ter ganhado o prêmio de Modelo do Ano ou de saber que tinha lutado pelo que era certo?

Baixei a mão. Pequenas bolhas de alegria atravessaram o nervosismo que se acumulava em meu estômago.

Talvez me arrependesse mais tarde, mas, nossa, foi bom demais colocar Emmanuelle no devido lugar. Queria muito ter visto a cara dela.

Aquela foi a primeira vez que me senti no controle de alguma coisa desde o desastre do casamento, e queria aproveitar a sensação pelo máximo de tempo possível.

Reenergizada, peguei as agulhas de tricô e a manta pela metade. Liya sempre zombava de mim por conta desse "hobby de velha", mas nada elevava mais minha serotonina do que movimentos repetitivos.

Estava pegando no ritmo quando o interfone tocou.

Franzi a testa. Era da portaria. Raramente ligavam, a menos que eu tivesse visita, e não estava esperando ninguém.

Atendi.

– Alô?

– Boa tarde, Srta. Kidane – disse o concierge. – Maya Singh está aqui para vê-la. Posso deixá-la subir?

A surpresa levou embora minha confusão.

– Sim, por favor. Obrigada.

Maya nunca tinha ido à minha casa. O que estava fazendo ali em uma quinta-feira durante o horário de trabalho?

A pergunta foi respondida minutos depois. Abri a porta e a encontrei no corredor com uma sacola branca de padaria na mão.

– Desculpa. Não queria aparecer sem avisar – disse ela, enquanto eu a conduzia para dentro e a levava até a cozinha. Maya parecia um pouco constrangida. – Mas... tenho total noção de que isso vai me fazer parecer uma *stalker*... mas me lembrei de você comentar que morava neste prédio. Estava passando e achei que um agradinho não cairia mal. – Ela deixou a sacola na ilha da cozinha. – Biscoitos de chai da minha padaria favorita. São basicamente o paraíso em uma caixa.

– Não precisa se desculpar. Foi uma ótima surpresa, e você me ganhou com o biscoito de chai – respondi, sorrindo. – Obrigada. É muito gentil da sua parte.

– Imagina. – Maya mordeu o lábio e me observou com a testa franzida de preocupação. – Como você está?

Depois que o desastre do casamento chegou ao noticiário, ela havia me mandado mensagem, mas aquela era a primeira vez que conversávamos pessoalmente sobre o assunto.

– Mais ou menos como você já imagina. – Tirei dois biscoitos da sacola e lhe ofereci um. Ela aceitou, mas não o mordeu. – Estou um pouco melhor, agora que as coisas se acalmaram. A imprensa já superou o assunto, mas Jordan ainda está em coma. Eu deveria passar mais tempo ao lado dele. Em vez disso, estou aqui.

A culpa corroeu meu estômago.

Com ou sem noivado, Jordan era meu amigo. Ele era inocente em tudo aquilo, e eu só queria que ele acordasse.

O anel de diamante brilhava em minha mão esquerda. Uma noiva de verdade ficaria ao lado dele. Não estaria escondida em casa, tricotando e tentando não pensar em certo homem com voz rouca de veludo e braços que faziam eu me sentir em casa.

Quando Vuk me abraçou naquele dia no quarto, foi como se eu enfim tivesse encontrado abrigo depois de uma longa caminhada em meio a uma tempestade. Quente, reconfortada, *em segurança*.

Não fazia sentido, considerando tudo que ele havia me contado. Era para Vuk ser a pessoa mais perigosa que eu conhecia, e talvez fosse mesmo. Mas não para mim.

– Não se martirize tanto – disse Maya. – Cada um lida com traumas do próprio jeito. Você também passou por muita coisa, e ficar acampada ao lado da cama dele não vai mudar nada. Jordan tem os melhores médicos da cidade cuidando dele. Está em boas mãos.

Ela falava com tanta autoridade que quase acreditei. Não era de admirar que seu pai a tivesse colocado como responsável por todo o departamento de vendas e marketing da empresa. Maya era naturalmente persuasiva.

– Vamos ter fé – respondi, sorrindo sem muita convicção.

Era estranho conversar com alguém que eu havia conhecido apenas um mês antes, mas algo em Maya fazia com que fosse muito fácil confiar nela.

– Chega desse papo mórbido. – Limpei as migalhas das mãos antes de pegar um segundo biscoito. – Me fala de você. Estou precisando de uma fofoca divertida.

Não precisei pedir duas vezes. Maya começou a falar sobre os planos para a próxima festa de aniversário, intercalando-os com comentários sobre como faria com que "a festa de Sebastian em Monte Carlo parecesse brincadeira de criança". Presumi que estivesse se referindo a Sebastian Laurent. Ela falava muito dele,

considerando que dizia detestá-lo.

– Merda. Vou me atrasar – disse ela, depois de mencionar *mais uma vez* como estava ansiosa para ver a cara de Sebastian quando ele percebesse que a festa dela havia superado a dele. Maya encarou o relógio e franziu a testa. – Queria poder ficar mais, mas tenho uma reunião daqui a vinte minutos.

– Tudo bem. Tenho o resto dos biscoitos para me fazer companhia. – Cutuquei a sacola já pela metade. – São *maravilhosos*.

– Não são? São tão bons que fico chateada por não sermos nós os fabricantes. – Maya colocou o cachecol, então parou por um segundo. – Se precisar de alguma coisa, me manda mensagem. Estou falando sério. Sei que nos conhecemos há pouco tempo, mas não trago biscoitos de chai para qualquer um, sabe?

Um sorriso genuíno surgiu em meu rosto.

– Pode deixar. Obrigada. E lembre-se: a festa é para *você*. Não para o Sebastian.

– Não é para ele. É para humilhar a dele. – Maya bufou. – Enfim, tenho que correr, ou meu pai vai me matar. Depois a gente se fala!

Ela saiu às pressas e, depois que foi embora, terminei os biscoitos e voltei para o sofá. Meu celular não parava de receber notificações. Era incrível a quantidade de conhecidos que brotavam do nada quando ficavam sabendo que você estivera envolvida em uma tragédia.

Algumas das mensagens provavelmente eram importantes. Eu tinha passado a semana inteira evitando minha caixa de entrada como se ela fosse me transmitir uma doença. Sloane havia me ligado na segunda-feira, mais como amiga do que como assessora. Ela já tinha saído da igreja quando o tiroteio começou, mas pude perceber que estava abalada pelo ocorrido. Depois de ter tido tempo para se recompor, devia ter entrado no modo assessora de imprensa.

Sinceramente, eu não dava a mínima para a imprensa. O interesse público pelo ataque à igreja já estava diminuindo. Os jornais e a internet fariam o de sempre. Era inútil tentar controlá-los. Eu podia controlar apenas minha reação.

Desviei o olhar para a janela outra vez.

Estava mesmo um dia lindo. O que eu estava fazendo dentro de casa, quando deveria estar lá fora? Não tinha sobrevivido a um encontro com a morte para ficar sentada no sofá tricotando o dia inteiro.

Mas toda vez que me imaginava saindo do prédio, ouvia o eco dos tiros. O cheiro metálico e enjoativo de sangue entupia minhas narinas, e eu me tornava dolorosamente consciente do fato de que, se Vuk tivesse sido um segundo mais

lento, ou se eu tivesse me movido um centímetro a mais para a esquerda, estaria morta.

Cada esquina escondia um assassino esperando para terminar o serviço. Cada terraço estava repleto de franco-atiradores que me seguiam com suas miras.

Não era racional, mas o medo quase nunca era.

Mordi o lábio. Vuk estava me dando espaço, como eu havia pedido, e eu estava superando minha incredulidade sobre sua história. A maioria das pessoas fugiria, considerando que ele, bom, *fabricara venenos* para uma organização de assassinos profissionais.

Eu via as coisas de um jeito diferente. Como eu, ele havia sido colocado em um beco sem saída. Não sentia prazer no que fazia. Foi um ato de lealdade e de sobrevivência, não de malícia.

Eu achava que ele estava sempre do lado certo da lei? Não. Não sabia o que ele tinha feito com Wentworth, mas apostava que não agradaria os tribunais. No entanto, ele não o matara, e a lei também nem sempre estava certa. Quantos inocentes eram presos ou quantos criminosos violentos ficavam livres?

Os valores de Vuk eram uma zona cinza, mas sempre se inclinavam para a justiça.

Ou você está só dando um jeito de justificar as atitudes de Vuk porque gosta dele e porque ele salvou sua vida.

Tudo bem. E se estivesse? Isso não tornava minhas justificativas menos verdadeiras.

Fechei os olhos, lembrando-me da força firme de seu corpo cobrindo o meu. Ele havia se jogado na frente de uma bala por minha causa.

Sempre seria grata a ele por isso, mas senti um arrepio ao pensar em Vuk sendo ferido. Ele era inteligente, poderoso e capaz, mas não era invencível. Era de carne e osso, como todos nós, e podia ter morrido para me salvar.

O frio aumentou, congelando meus ossos e pulmões.

Durante o tiroteio, eu tinha agido como a típica donzela indefesa. Não queria me sentir desamparada daquele jeito nunca mais. Queria sair e *me* proteger, se necessário.

Um plano começou a se formar na minha cabeça. Antes que pudesse desistir, peguei o casaco, calcei meus sapatos de salto favoritos e saí de casa pela primeira vez em dois dias.

CAPÍTULO 31

Vuk



– LEVANDO TUDO EM consideração, poderia ter sido pior.

Roman estava sentado à minha frente, com uma expressão entediada. Já havia se curado do tiro que meti no ombro dele, mas seus movimentos eram comedidos enquanto falávamos sobre os acontecimentos da semana anterior.

– Jordan está em coma – falei, sério.

– Mas não está morto. – Roman abriu um sorriso frio. – Cumpri minha parte do acordo. Passei pra você todas as informações que tinha, na época... o que, por sinal, me deixa em uma situação difícil. Se o Shepherd suspeitar que fui eu quem vazou o ataque, vai oferecer uma recompensa pela minha cabeça. Outra vez.

Parecia até que era problema meu. Estava grato por Roman ter me alertado, mas cabia a ele tomar cuidado.

Era quinta-feira, quase uma semana após o desastre do casamento. Roman e eu estávamos no mesmo armazém onde tínhamos mantido Wentworth, que, desde então, havia sabiamente desaparecido em uma ilha no Caribe.

Minha equipe ainda estava à caça do Irmão foragido, mas estávamos chegando perto. Alguém que correspondia à sua descrição havia sido captado em uma câmera de monitoramento de trânsito perto da Filadélfia.

– Chegou a hora de você fazer a sua parte – disse Roman. – Vai para cima do Shepherd enquanto eu ainda tenho acesso às informações. Não posso garantir que ele não vai mudar de tática e de esconderijos se e quando descobrir que estou abrindo o bico.

Por conta dos "compromissos de trabalho" de Roman e do casamento, eu vinha agindo na defensiva desde que tínhamos fechado o acordo. Ele me

prometeu informações que eu pudesse usar para preparar uma emboscada que acabaria com Shepherd e seu círculo mais próximo, mas eu ainda não confiava totalmente nele.

A dica sobre o casamento podia ter sido apenas um cavalo de troia usado por Roman para ganhar minha confiança antes de preparar uma armadilha. Eu precisava de mais garantias.

– Primeiro, você vai encontrar o último Irmão do ataque à igreja. Depois, vai trazê-lo pra mim, vivo e inteiro. Aí a gente conversa.

Roman cerrou a mandíbula.

– Você sabe muito bem que isso é uma palhaçada. Não tenho tempo para brincar de caça ao tesouro por você com a minha cabeça também estando a prêmio.

– Não? – Levantei uma sobrancelha. – Talvez eu faça um acordo com o Shepherd, então. Minha imunidade e um membro foragido em troca de um traidor. O que será que ele vai escolher?

A Irmandade amava dinheiro na mesma medida em que *desprezava* traidores. Conflitos internos eram uma coisa, mas aliança com gente de fora era demais. Antes de Roman, apenas uma pessoa ao longo dos cem anos de história da organização havia sido burra o suficiente para fazer isso. Sua morte fora tão horrenda que décadas se passaram sem que ninguém saísse da linha.

Roman se inclinou para a frente, seus olhos brilhando no escuro.

– Não me ameace, Markovic – disse ele suavemente. – Podemos estar do mesmo lado quando se trata dos Irmãos, mas isso não significa que eu não vou te estripar feito um peixe se ousar me trair.

Era irônico ele me alertar contra uma traição. Minha boca se curvou.

– Pode tentar.

O ar ficou pesado. Em um canto, água pingava de um cano. Cada gota que batia no concreto ecoava pelo espaço amplo, e o silêncio vibrava com o tipo de quietude que só existia antes do ataque de um predador.

Nem Roman nem eu nos movemos.

Por fim, após vários segundos tensos, ele piscou, recostando-se na cadeira outra vez.

– Você se acha muito esperto, mas cometeu um erro de principiante. – Uma satisfação cruel tingia as palavras dele. – Ayana.

Eu não era impulsivo. Agia com racionalidade, traçava estratégias para cada passo que dava e levava em conta todas as opções antes de agir.

Ayana era a única exceção. Ouvir o nome dela sair da boca de Roman,

confirmando que ele sabia de sua existência e, talvez, de sua importância para mim, fez com que cada fibra do meu ser entrasse em modo de ataque.

Fazia sentido que Roman a conhecesse: ela era a noiva da porra do casamento. Mas havia uma boa diferença entre imaginar que ele soubesse de algo e ouvir a confirmação em voz alta.

Logo, ele só a mencionara porque a havia incluído como peça em seu tabuleiro, e se esse desgraçado tocasse em um mísero *fio de cabelo* dela...

Tudo na minha frente ficou vermelho. Minha adrenalina subiu, e um gosto metálico invadiu minha boca. Levantei-me da cadeira de um pulo, pronto para saltar em Roman, até que seu sorriso de satisfação me deteve.

– Foi o que imaginei – disse ele ao me ver atordoado. Apoiei as mãos na mesa, o coração acelerado. – Você se entregou quando a salvou. Vuk Markovic quase levar um tiro por outra pessoa? Fala sério. – Sua risada baixa irradiava sarcasmo. – Você demonstrou que gosta dela, o que significa que está vulnerável. Você tem uma fraqueza. E é muito ingênuo se acha que a Irmandade não vai explorar essa fraqueza de todas as formas que puder.

Uma onda gelada serpenteou pela minha espinha.

– Eles não envolvem civis nas operações.

Papo furado. O ataque no casamento provava que isso não era verdade. A Irmandade já havia quebrado as regras ao matar meu irmão, embora tivesse sido um caso ambíguo, pois o plano de matá-lo já existia antes de eu fechar o acordo com eles.

Dava para argumentar que Jordan era um alvo óbvio, por sermos amigos. Já com Ayana meu vínculo era menos claro.

Mas Roman tinha razão. Tinha me exposto ao salvá-la, e, com o Irmão foragido à solta, havia uma testemunha. Mesmo que não houvesse, minha reação naquele momento provou que as suspeitas de Roman estavam corretas.

Meu coração batia forte contra o peito. *Merda*.

– Antigamente, não – respondeu Roman. – Como você já deve ter percebido, estamos em uma nova era. Caos. As antigas regras não se aplicam mais, então você pode me ameaçar se quiser, mas sem mim você fica sem nenhum aliado. Mesmo à margem, posso fazer mais por você do que você é capaz de fazer sozinho. – Ele sorriu. – Pense nisso da próxima vez que me ameaçar.

Cerrei os punhos e voltei a me sentar. A vontade de tirar aquele sorrisinho da cara de Roman me consumia, mas não podia me dar ao luxo de perder a calma outra vez.

– Como eu disse, vou cuidar do seu problema depois que você cuidar do meu

– respondi. – Não vou dispersar minha equipe para ir atrás do Shepherd enquanto temos uma bomba-relógio à solta. É pedir para dar problema.

Roman comprimiu os lábios e, logo depois, inclinou a cabeça, concordando em silêncio.

– Mais uma coisa. – Fazia semanas que algo naquela situação me incomodava. – Como as facções estão financiando as operações? Os rumores sobre a guerra interna já estão circulando pelo submundo. Os negócios estão em baixa, mas as armas e a logística necessárias para as ações deles são caras. Eles já devem ter gastado a maior parte, se não tudo, do que havia nos cofres da organização. De onde está vindo esse dinheiro, então?

– Não sei os detalhes. Não sou a porra do diretor financeiro deles – respondeu Roman. – Não subestime a capacidade de assassinos profissionais de arrumar dinheiro e clientes quando precisam. Sempre tem alguém em algum lugar querendo uma pessoa morta.

– Você é sempre tão econômico nos detalhes.

– E você pede demais sem dar nada em troca.

Nós nos encaramos, mas um ruído dissipou a tensão.

Menos de um segundo depois, estávamos de pé, com as armas em punho apontadas na direção do barulho. A reação foi tão rápida que nem piscamos.

Uma criatura cinza e peluda saiu das sombras.

Que merda é essa?

Observei, atônito, enquanto Shadow se espreguiçava e bocejava. Ele parecia indiferente às armas, pois se aproximou, pulou em uma cadeira vazia e se enroscou cheio de preguiça no assento, como se fosse seu trono. Uma coleira prateada com o brasão serpentino dos Markovics brilhava em seu pescoço.

A maioria das famílias sérvias não tinha brasão, mas eu o havia criado anos antes, como um símbolo do nosso legado. Olhando em retrospecto, não deveria tê-lo colocado na coleira de um bicho de estimação.

– Você trouxe a porra do seu gato? – perguntou Roman, incrédulo.

– Ele não é meu gato, e eu não trouxe bicho nenhum – rosnei.

Olhei para a criatura insuportável. Minha intenção fora jogá-lo de volta na rua depois que a chuva passasse, mas minha equipe choramingara e protestara até eu ceder. Pelo visto, algumas pessoas achavam relaxante acariciar um monstrinho peludo. Só Deus sabia por quê.

Para meu desagrado, todos insistiram para que eu desse um nome ao monstrengo. Ele tinha uma habilidade extraordinária de se esgueirar e se misturar às sombras, daí sua nova alcunha. Se Shadow fosse uma pessoa, daria

um baita agente da CIA, como evidenciado pela maneira como tinha me seguido até ali sem que eu me desse conta. Devia ter se escondido no banco de trás do carro.

Ou seja, ele era uma grande dor de cabeça. Mal podia esperar pelo dia em que todos se cansariam dele para poder largá-lo no abrigo mais próximo.

Shadow balançou o rabo para a frente e para trás, como se quisesse me provocar. *Eles* nunca *se cansarão de mim*, eu o imaginei dizendo. *Foi por isso que compraram essa coleira.*

Desgraçado.

Eu havia comprado aquela coleira para ele. A contragosto, devia acrescentar. Os funcionários tinham reclamado e resmungado até que mandei fazer a coleira, só para que calassem a boca.

Roman baixou a arma e olhou para Shadow mais uma vez, como se esperasse que o gato tigrado se transformasse em um assassino humano. Como isso não aconteceu, ele baixou a arma e balançou a cabeça.

– Já perdemos tempo demais. Vou ver o que descubro sobre o último Irmão. Você começa a pensar numa estratégia para a emboscada. E Markovic... não esquece. Se o Shepherd descobrir o que andamos fazendo, estamos os dois fodidos.



Não fiquei no armazém depois que Roman foi embora.

Fiquei tentado a deixar Shadow lá, mas, no último segundo, peguei o folgado da cadeira e o levei para casa. Imaginei que Jeremiah e o restante dos funcionários não acreditariam se eu dissesse que Shadow "fugiu". Ele já estava acostumado ao conforto do novo ambiente e ao atum caro. O mordomo estava me esperando no saguão quando cheguei.

– Boa tarde, senhor. Temos uma visita – disse ele. – A Srta. Kidane o aguarda na sala de estar.

Parei de repente e joguei Shadow no chão – ele ficou um pouco indignado – antes de responder:

"Há quanto tempo ela chegou?"

– Cerca de dez minutos.

"Por que você não me ligou?"

– Bem, senhor – disse Jeremiah, o rosto tranquilo –, presumi que uma ligação não faria o trânsito evaporar num passe de mágica. – Ele se abaixou para pegar

Shadow. – No entanto, o senhor ficará satisfeito em saber que cuidamos muito bem da Srta. Kidane. Servimos a ela o chá personalizado de que o senhor tanto gosta. Ela é uma grande fã.

Ignorei o tom de ironia. Em qualquer outra ocasião, eu o teria repreendido pelo abuso, mas Ayana já havia me esperado tempo suficiente.

Atravessei a casa em direção à sala de estar. O nó na garganta aos poucos se transformou em um emaranhado de expectativa.

Havia respeitado os desejos dela e lhe dado um tempo após a conversa em Westchester. O guarda-costas que eu botara de prontidão no prédio dela me dissera que Ayana não havia saído do apartamento desde que voltara para casa, portanto, o fato de estar ali significava que tinha tomado alguma decisão.

Se não quisesse nada comigo, não teria vindo. Poderia ter enviado uma mensagem dizendo que não conseguia lidar com meu passado e que não queria me ver nunca mais, ou poderia ter simplesmente sumido.

A presença dela era um bom sinal. Certo?

Ayana se levantou quando entrei na sala. O moletom e a camiseta surrada tinham desaparecido; em seu lugar, havia uma camisa de seda laranja, calça jeans e saltos altos. Brincos dourados despontavam dos cachos exuberantes.

Um sorriso surgiu em meus lábios. Não me importava com o que ela vestia; poderia estar usando um saco de batatas e ainda assim superar todas as mulheres da cidade. Mas ela adorava moda, e era bom vê-la de volta ao normal.

– Oi. – Ela colocou um cacho atrás da orelha. – Espero que não se importe com a visita de última hora. Eu devia ter ligado antes, mas decidi vir num impulso.

"Você pode vir sempre que quiser." Hesitei, minha mente se desviando para o aviso de Roman. *Merda*. Se a Irmandade estivesse me vigiando, a visita de Ayana reforçaria a ideia de que ela era um ponto fraco meu. Era tarde demais para mudar isso, então deixei a preocupação para depois. "Não esperava ter notícias suas tão cedo."

– Por causa do que você me contou?

Franzi os lábios e assenti.

Ayana abriu a boca, mas então seus olhos desviaram de mim e se concentraram em outra coisa, arregalados.

– Eu não sabia que você tinha um gato.

Eu me virei a tempo de ver Shadow entrar na sala como se fosse o dono da casa. O gato me ignorou e foi direto para Ayana, esfregou a cabeça na perna dela e ronronou quando ela se curvou para acariciá-lo atrás das orelhas.

– Ele não é meu.

Estava ficando cansado de me repetir. Ayana o pegou e o abraçou junto ao peito.

– Qual é o nome dele?

– Shadow – respondi em um tom amargo.

Shadow olhou para mim enquanto se enroscava no peito dela e soltou um miadinho, que Ayana interpretou como um sinal de afeto, e eu, como um grande e substancial "se fodeu".

Rangi os dentes, mas as palavras seguintes de Ayana colocaram em segundo plano meus pensamentos sobre assassinato de animais.

– Tive tempo para pensar no que você disse. – A expressão dela ficou séria. – Vou ser sincera. Fiquei... surpresa, no começo. E com medo. Não de você, mas da situação e do mundo em que de repente eu tinha ido parar. Já presenciei muitas coisas questionáveis no mundo da moda, mas nada comparado a matadores, assassinatos e tortura. – Ela respirou fundo. – Não posso dizer que essas coisas não me deixam assustada, mas você teve um bom motivo para fazer o que fez. Se estivesse no seu lugar e a única maneira de salvar minha família fosse entrando para a Irmandade, eu teria feito o mesmo.

O nó em minha garganta se desfez por completo, mas ainda demorei um pouco para encontrar as palavras certas.

– E o que isso significa? – perguntei.

Não me importava com o que as outras pessoas pensavam de mim, mas Ayana não era "outras pessoas". Ela era a única cuja opinião importava.

– Significa que não vou sair correndo, se era isso que você achava. – Ayana me deu um sorriso ao mesmo tempo tímido e atrevido. – Vai ter que me aguentar, Markovic.

O calor desconhecido voltou a alfinetar meu peito. Um peso se desprendeu de meus ombros e a leveza que se seguiu me deixou tão desorientado que quase tropecei.

– Palavras fortes, *srce moje*– respondi suavemente.

Shadow deu um miado dramático, mas nem mesmo ele conseguiu estragar o momento.

Foi o mais próximo que eu já havia chegado da felicidade.

– É a verdade. – Ayana abraçou Shadow mais apertado e mordeu o lábio. – Mas tenho uma confissão: não foi por isso que eu vim aqui.

Ergui as sobrancelhas.

– Quero aprender a me proteger – disse ela. – Fiz aulas de autodefesa, mas

não são muito úteis contra armas. Se estiver em perigo de novo, não quero depender de outra pessoa para me salvar.

– Quando você diz "se proteger"... o que tem em mente?

Ayana devolveu meu olhar cauteloso com uma expressão obstinada.

– Quero que você me ensine a atirar.

CAPÍTULO 32

Ayana



PARA MINHA SURPRESA, Vuk não rejeitou a minha sugestão. Na verdade, pareceu abraçar a ideia, embora tivesse se recusado a me dar detalhes sobre quando e onde as aulas seriam. Disse apenas "depois de Washington".

Eu não era fã de armas nem de violência em geral, mas, com gente como a Irmandade tentando matar pessoas próximas a mim, precisava encarar a realidade.

No entanto, Vuk tinha razão sobre Washington. Estava tudo programado para que eu pegasse o trem no dia seguinte, então não tinha tempo para mais nada além de fazer as malas e ir ao salão, depois de sair da casa dele. Gostava de trançar meu cabelo quando viajava, mesmo que fosse uma viagem curta, e Kim fazia tranças mais rápido e melhor do que qualquer outra pessoa que eu conhecia.

Só que, quando Vuk soube que eu iria de trem, insistiu em me levar pessoalmente a Washington, "por motivos de segurança", e foi assim que me vi fazendo uma viagem de carro com Vuk Markovic.

– Adorei que você trouxe seu gato – comentei, acariciando Shadow e sorrindo quando ele bateu com o rabo na minha coxa.

– Ele é um hóspede temporário, e eu não trouxe ninguém – disse Vuk em um tom sofredor. – Isso aí é um passageiro clandestino. Não notei que tinha se escondido no banco de trás até pararmos para abastecer.

Ele olhou feio para o felino sonolento. Shadow estava enrolado em meu colo, alheio à irritação do tutor.

Sufoquei uma risada diante do mau humor cativante de Vuk.

– Eu teria notado a presença antes, se você não tivesse trazido o armário inteiro para uma viagem de fim de semana. Mal consigo olhar pelo retrovisor com essa montanha de malas.

– Não é o meu armário inteiro. É só um oitavo dele.

Três malas, uma mochila e uma nécessaire eram o mínimo. Será que ele *fazia ideia* do espaço que sapatos ocupavam?

– É... assustador.

Apesar de suas palavras, um pequeno sorriso surgiu em seu rosto.

Minha indignação se transformou em um sorriso também. Talvez fosse a companhia dele, o conforto de acariciar um gato fofo ou a perspectiva de rever minha família, mas aquele momento foi o mais leve que tive durante toda a semana.

O trauma provocado pelo ataque da última sexta-feira não estava nem perto de ser curado. Provavelmente precisaria de muita terapia para lidar com o que havia acontecido e com a incerteza do destino de Jordan. A Irmandade ainda era um espectro sinistro à espreita. Mas todo mundo precisava de esperança em momentos sombrios, e entrar em uma espiral de preocupação não ajudaria em nada.

Peguei o celular e mudei a música para algo mais animado. Eu era a DJ da viagem, e Vuk parecia satisfeito em me deixar usar o Spotify como achasse melhor.

– É sua primeira viagem este ano? – perguntei a Vuk. – Além de São Francisco. Tenho a impressão de que você nunca tira férias.

– Não, e eu não tenho tempo para tirar férias.

– Todo mundo tem tempo para tirar férias.

– Eu, não.

– Suas outras viagens foram para quê, então?

– Trabalho.

Meu Deus, às vezes ele era tão irritante.

– Que sem graça.

Vuk me olhou de esguelha.

– Disse a mulher que roda o mundo indo de um ensaio para outro. Quando foi a última vez que *você* tirou férias?

– Não é a mesma coisa. – Acariciei Shadow. – Quando posso, tiro uns dias de folga depois dos ensaios. Por exemplo, depois que fiz aquela campanha de perfume para a Chanel, fiquei na Provença e tirei quatro dias de folga.

– Mas ainda foi para lá a trabalho. Você não estaria na Provença se não

tivesse sido obrigada a ir.

Tentei rebater o comentário, mas desisti. *Merda*. Ele tinha razão.

Viajar era uma das minhas partes favoritas da carreira de modelo, mas seria bom ir para um lugar onde eu não tivesse que me preocupar com trabalho.

– Está bem – disse, depois de me recompor. – Se você *tivesse* tempo para tirar férias, para onde iria?

Vuk franziu a testa, reflexivo. Adorava isso nele. Quando não estava me irritando de propósito com respostas indiferentes, ele pensava a respeito de cada pergunta com a mesma seriedade de um CEO avaliando uma grande decisão de negócios. Não importava quão boba a pergunta fosse.

Ele fazia com que eu me sentisse vista, mas também ouvida.

– Algum lugar frio. Gosto de montanhas e de neve. Tem menos gente.

– Por que não estou surpresa? – provoquei. – Sou mais de clima quente. Prefiro sempre praia e drinques de frutas com guarda-chuvinhas.

– Praia é bom, se for deserta.

– O que você tem contra pessoas?

Vuk me lançou um olhar sarcástico. *Certo*. Pergunta idiota. Pessoas haviam atirado nele, matado seu irmão e tentado matá-lo também. Sem contar todos os desconhecidos que olhavam para suas cicatrizes como se ele fosse um animal de zoológico. Não era à toa que ele odiava sair de casa.

– Deixa pra lá. Praia deserta ou montanha deserta. Entendido.

Mordi o lábio. Havia outra pergunta que queria fazer, mas... *Dane-se*. Ainda tínhamos mais de uma hora de viagem e enfim me sentia confortável o suficiente para abordar um assunto que estava na minha cabeça havia algum tempo.

– Depois da despedida de solteira, você começou a falar comigo verbalmente. O que mudou naquela noite?

– Além do fato de você ter tentado me beijar?

O tom casual de Vuk provocou uma onda de calor em meu pescoço e peito.

– Além disso – respondi.

Para mim, não fazia diferença como Vuk se expressava, desde que estivesse confortável. Verbalmente ou por sinais, o mais importante era como ele se sentia. No entanto, ele havia usado apenas linguagem de sinais comigo até que tentei beijá-lo. Pensei que tivesse sido um caso isolado, em razão do choque, mas fazia semanas que vínhamos tendo conversas quase exclusivamente verbais.

Nem com Jordan ele falava tanto, e Jordan o conhecia desde antes da morte do irmão dele.

– Pareceu fazer sentido – disse Vuk, sem rodeios. – Você é a única pessoa

com quem falo tanto, além da Willow.

Um sentimento tóxico sibilou em minhas veias.

– Quem é Willow?

O nome me soou familiar. Imaginei uma beldade sem rosto, de pernas compridas, e franzi a testa.

– Minha antiga assistente.

– Quantos anos ela tem? – perguntei, com toda a tranquilidade.

Vuk me olhou de lado, com uma sobrancelha arqueada.

– Ela era a melhor amiga da minha mãe, então está na casa dos 50. Willow me acolheu depois que meus pais morreram. Se aposentou no início do ano e se mudou para o Oregon. Não nos falamos tanto quanto antes, por conta da distância, mas tenho planos de visitá-la daqui a alguns meses.

– Ah.

Pensando bem, eu me lembrava de uma mulher mais velha e assustadoramente competente que o havia acompanhado à festa de noivado.

O olhar dele foi tomado por um humor sombrio.

– Está com ciúme, *srce moje*?

– Até parece. – Um calor queimou minhas bochechas. – Bem, me sinto honrada de estar entre os escolhidos. De verdade.

A sinceridade suavizou a última palavra. Um breve sorriso apareceu no rosto de Vuk.

Ele voltou a atenção para a estrada e, após uma breve pausa, perguntou:

– O Jordan te contou por que eu parei de falar?

Balancei a cabeça.

– Ele disse que a decisão de contar tinha que ser sua.

– É a cara dele dizer isso.

Uma pontada de melancolia coloriu a voz de Vuk. Apesar da leveza da nossa conversa, em momento algum parávamos de pensar no estado de Jordan.

Houve outra pausa, mais longa, antes que Vuk voltasse a falar.

– A noite da morte do Lazar mudou tudo. Um dos Irmãos que invadiu minha casa tentou me sufocar com uma corda. Quando não funcionou, ele colocou fogo na ponta da corda. Consegui me libertar a tempo, mas o incidente me deixou com isto aqui. – Ele apontou para o pescoço. – Os médicos disseram que foi um milagre minhas cordas vocais não terem sido destruídas. Mesmo assim, foram necessárias muitas cirurgias e sessões de fonoterapia para que eu voltasse a falar normalmente. Durante meses, doía dizer uma palavra que fosse, então eu não falava nada. Deixei que as pessoas pensassem que tinha sido um assalto aleatório

que dera errado. Jordan sabia que eu estava envolvido com um pessoal complicado, mas nem mesmo ele sabia a extensão do que tinha acontecido.

Uma nova música começou. Desliguei o rádio, com o coração na boca. Imaginara que algo daquele tipo tivesse acontecido para deixá-lo com aquelas cicatrizes, mas a verdade era ainda pior do que eu pensara.

– Eu me acostumei a não falar – disse Vuk, sem tirar os olhos da estrada. O indício de emoção por trás de suas palavras traía sua expressão impassível. – Aprendi linguagem de sinais e passei a usá-la para me comunicar, mas, mesmo depois de curado, sentia uma dor fantasma quando falava. Me lembrava muito daquela noite. Não eram só os ferimentos... eu também estava revoltado com o mundo e comigo mesmo. Só saía de casa se fosse necessário, para trabalhar. Ficar em silêncio era... mais fácil. A preferência se tornou hábito, e o hábito se tornou o novo normal.

Uma dor profunda se formou no fundo do meu peito.

Ele era tão jovem, na época. A culpa e a solidão deviam ter sido insuportáveis. Seu irmão gêmeo havia morrido e ele não podia contar a ninguém o que havia acontecido. Teve que viver em um mundo de meias-verdades.

Eu não tinha nenhuma experiência com matadores ou assassinatos, mas entendia como era se sentir sozinho em uma multidão. Guardar segredos e estar cercado de pessoas, mas não ter ninguém em quem confiar.

– Às vezes, não tenho escolha a não ser falar – disse Vuk. – São situações raras. Não gosto de desperdiçar palavras, a menos que...

Meu coração acelerou.

– A menos que o quê?

– A menos que seja com pessoas especiais para mim.

Os olhos dele permaneceram na estrada, mas sua voz nunca tinha soado tão delicada.

Eu perdi o fôlego. Um calor doce me invadiu, seus fios sedosos acalmando a dor que florescera antes. Não consegui encontrar as palavras certas para descrever o sentimento, então segurei a mão dele, que estava apoiada no console entre nós, sentindo sua pele quente e áspera ao entrelaçar nossos dedos.

A mão de Vuk ficou tensa. Depois de um instante, ele relaxou e, hesitante, cedeu ao meu toque.

Ficamos assim até o fim da viagem.

Vuk

CHEGAMOS À CASA DOS Kidanes perto da hora do jantar. O trânsito da hora do rush nos atrasou, e eu teria ficado mais preocupado com a possibilidade de a Irmandade nos emboscar se não tivéssemos ido em meu Range Rover blindado.

Vidro à prova de balas, interior reforçado com Kevlar, pneus à prova de perfurações, piso protegido contra explosões – eu não deixava nada ao acaso.

Felizmente, chegamos à casa dos pais de Ayana sem incidentes. Ajudei a carregar a bagagem dela até a porta, onde eles já aguardavam ansiosos.

Minha mão formigava do toque de Ayana. Meu peito ainda estava apertado – não sabia se por ter contado os desdobramentos do incêndio ou pela resposta carinhosa dela. De todo modo, o fim de semana mal havia começado e eu já estava atordoado.

Abel e Saba Kidane acariciaram Shadow e encheram a filha de perguntas, exigindo saber se ela havia almoçado e se vinha dormindo o suficiente. O pai dela me cumprimentou com um aperto de mão e, em seguida, sua mãe se voltou para mim.

– Vuk. – Um sorriso caloroso aliviou as rugas de preocupação ao redor de seus olhos. – Muito obrigada por trazer a Ayana até aqui e por... tudo. Você não precisava fazer nada disso.

Dois dos meus homens os haviam levado para casa, na segunda-feira, e ainda estavam em Washington, de olho em tudo até que eu chegasse.

Lágrimas brilharam nos olhos de Saba. O marido colocou a mão no ombro dela, e a mulher enxugou o rosto com uma expressão constrangida.

– Por favor, me desculpe – disse ela. – Não costumo ser tão emotiva assim, mas se você não tivesse chegado à igreja... se tivesse chegado minutos depois... nós não... eu não...

Um calor se acumulou em minhas orelhas. Olhei para Ayana em um pedido silencioso de ajuda. Apreciava as palavras da mãe dela, mas detestava quando as pessoas me agradeciam, e não tinha a menor ideia do que fazer diante de lágrimas.

– Mãe, eu estou bem – disse Ayana gentilmente. – Não vamos ficar remoendo o passado.

– Ela tem razão. Não precisamos nos torturar com hipóteses – acrescentou o pai dela. – Vamos entrar. Está frio aqui fora.

– Vocês estão certos.

Saba pigarreou e deu um passo para o lado, de forma que eu e o pai de Ayana pudéssemos levar as malas superlotadas de Ayana até o hall de entrada. Se aquilo era apenas um oitavo do armário dela, não conseguia imaginar a coleção completa.

– Vuk, a Ayana disse que você também vai levá-la de volta. Onde vai passar o fim de semana?

Ayana disse que a família inteira havia aprendido linguagem de sinais depois que uma de suas tias perdera a audição, então respondi assim.

"Tenho reserva em um hotel aqui perto."

Saba fez cara de espanto.

– Hotel? De jeito nenhum. Você salvou a vida da minha filha e a trouxe até aqui. Você vai ficar com a gente. Temos um quarto de hóspedes no andar de cima, e você se juntará a nós para o jantar. Aaron e Liya também virão.

– *Mãe*. – Ayana pareceu envergonhada. – Vuk provavelmente já tem planos para o jantar. Não force a barra para ele ficar.

– Planos para jantar onde? Que prato de restaurante se compara à comida feita em casa? – rebateu Saba. – E digo isso como dona de restaurante.

Ela voltou a me encarar.

– Você vai ficar com a gente. O quarto de hóspedes já está pronto.

Eu era CEO de uma corporação multibilionária e ex-membro de uma organização de assassinos profissionais, mas até eu sabia que não deveria discutir com uma mãe determinada.

"Obrigado. Eu adoraria."

Meus planos para o jantar consistiam em pedir comida e trabalhar no notebook. Não lamentava vê-los irem por água abaixo.

– Desculpa – murmurou Ayana ao entrarmos na casa. – Quando minha mãe coloca uma coisa na cabeça, é impossível discutir.

"Parece uma pessoa que eu conheço."

Dei um sorrisinho sarcástico e ela me atacou com uma cotovelada nas costelas. Gostava de falar com Ayana quando estávamos sozinhos, mas preferia usar linguagem de sinais quando estávamos ao alcance dos ouvidos de outras pessoas.

Os Kidanes moravam em uma casa aconchegante de dois andares na divisa entre Washington e Maryland. Era decorada com as mesmas cores vivas do apartamento de Ayana, e havia fotos de seus filhos e netos por toda parte.

Três prateleiras inteiras da sala de estar eram dedicadas a vários prêmios, troféus acadêmicos e medalhas esportivas. Capas de revistas emolduradas

decoravam as paredes – Ayana posando para a *Vogue*, Ayana sorrindo na *Harper's Bazaar*, Ayana brilhando na *Cosmopolitan*. Fotos da irmã na formatura do curso de enfermagem estavam alinhadas na cornija da lareira, ao lado de fotos de bastidores do irmão dela na cozinha.

Era uma casa cheia de amor. Fazia anos que não vivenciava aquilo, mas fiquei feliz por Ayana ter uma rede de apoio tão forte. Independentemente do que acontecesse em Nova York, ao menos sua família a apoiava.

Saba me deu um tour completo pela casa enquanto Ayana desfazia as malas e Abel preparava o jantar. Terminamos no quarto de hóspedes.

– O jantar estará pronto daqui a mais ou menos uma hora – disse ela. – O banheiro fica do outro lado do corredor. Tem toalhas limpas no armário ao lado. – O som da campainha a interrompeu. – Deve ser a Liya ou o Aaron. Com licença.

Agradeci mais uma vez. Ela se afastou e eu joguei minha bolsa de viagem numa cadeira. O quarto era pequeno, mas bem equipado. Um edredom azul-marinho cobria a cama e um tapete feito à mão enfeitava o chão. Havia uma poltrona no canto, coberta por uma manta de algodão intrincada. O quarto não era tão luxuoso quanto a cobertura que eu havia reservado no Ritz, mas aquela era a casa onde Ayana havia crescido. Era melhor do que qualquer hotel cinco estrelas.

Desfiz a mala, tomei banho e me troquei. Mandei uma mensagem para a equipe, avisando que ficaria com os Kidanes. Shadow aproveitou meu momento de distração para se esgueirar para dentro do meu quarto e cheirar a minha mochila como se eu estivesse tentando esconder o atum dele lá dentro.

Sai daqui.

Ele ignorou o recado silencioso, atravessou o quarto e se acomodou bem no meio da cama.

Filho da mãe.

Engoli o resmungo e desci a escada. Risadas vinham da cozinha, e a casa inteira cheirava a temperos de dar água na boca e a carne cozinhando.

Fiz uma anotação mental de arrumar comida e uma cama para Shadow.

– Bem na hora – disse Saba quando entrei na sala de jantar. – A comida está quase pronta.

"Como posso ajudar?"

Não sabia cozinhar absolutamente nada, mas sabia pôr a mesa.

– De jeito nenhum – respondeu ela, firme. – Você é nosso convidado. Sente-se. Nós serviremos a comida.

Duas crianças (um menino e uma menina) passaram correndo por ela, gritando. Não tinham mais de 5 ou 6 anos. Liya veio logo atrás delas, a testa franzida.

– O que eu falei sobre correr dentro de casa? – gritou ela. – Vão já guardar os brinquedos e lavem as mãos para jantar!

A única resposta foi um "Sim, mamãe" obediente, seguido de mais risadas e um grito de "Um gatinho!".

Shadow devia ter descido as escadas. Aquele gato estava em toda parte o tempo todo.

Liya balançou a cabeça.

– Oi, Vuk – disse ela, voltando para a cozinha. – Bom te ver outra vez.

Assenti em saudação. Ela havia escapado ilesa do ataque à igreja. Não sabia como estava se sentindo, mas fora a que reagira com mais calma diante dos acontecimentos da semana anterior. De acordo com Ayana, Liya era enfermeira do pronto-socorro, portanto, estava acostumada a cenas violentas.

– Eu deveria ter te avisado. Este lugar é um caos sexta à noite – disse Ayana atrás de mim.

Eu me virei, relaxando ao vê-la. Ela também havia colocado uma roupa mais confortável. O suéter vermelho e a calça jeans realçavam sua pele negra.

"Não me importo."

– Você não odiava pessoas?

Ela arqueou a sobrancelha, implicando comigo. Dei de ombros.

"Algumas. Nem todas."

Seu sorriso foi estonteante, e eu me aqueci por inteiro.

O jantar começou em seguida. Éramos dez no total: eu, Ayana, os pais dela, seus irmãos e os respectivos cônjuges, além dos dois filhos de Liya. Shadow ignorou a tigela que Saba preparara para ele e se sentou aos pés das crianças, tirando proveito da atenção delas.

Como prometido, a comida estava deliciosa. Havia salada de tomate com cebola, jalapeños e um leve molho de limão; peixe frito; ensopado de carne apimentado e pão. A mãe de Ayana tinha razão: nada superava uma refeição caseira.

– Então, Vuk – disse Aaron, na metade do jantar. – O que é que você faz mesmo?

"Sou dono de uma empresa de bebidas alcoólicas."

Ele assobiou.

– Deve estar indo muito bem. Seu carro é demais.

Ou ele era o melhor ator do mundo, ou realmente não sabia quem eu era, o que não era tão improvável assim. Poucas pessoas fora de Nova York e do mundo dos negócios prestavam atenção a CEOs.

"Está indo bem, sim."

– Ele está sendo humilde – interveio Ayana, que estava sentada ao meu lado, tão perto que eu sentia seu perfume toda vez que ela se movia. – A empresa dele é a maior do setor. Ele a fundou aos 23 anos e construiu tudo do zero.

Uma nota de orgulho tomava a voz dela, e as pontas de minhas orelhas ficaram quentes de novo.

Não estava acostumado com pessoas me elogiando sem querer algo em troca. Era... incômodo, mas não desagradável.

Todos à mesa olharam para mim, até mesmo as crianças.

– Cacete – disse Aaron. Liya lançou um olhar sério para o irmão, que se encolheu. – Não usem essa palavra – disse ele às crianças, antes de me encarar outra vez. – Alguma chance de eu dar uma olhada no seu carro, depois do jantar?

"Fique à vontade."

– Mas não o deixe dirigir – disse Abel. – Eu me lembro bem de quando ele subiu com meu carro direto no meio-fio, dois dias depois de tirar a carteira.

– Pai. – Aaron cruzou os braços e o resto da mesa deu risada. – Quando você vai esquecer essa história?

– Quando eu ficar velho e minha memória começar a falhar.

Mais risadas e brincadeiras. Aaron revirou os olhos, mas abriu um sorriso.

– Meu irmão passou *meses* fazendo todas as tarefas domésticas como punição – sussurrou Ayana para mim. – Liya e eu ficamos torcendo em segredo para ele aprontar com o carro de novo, para que não tivéssemos que lavar mais a louça até a faculdade.

Sorri imaginando Ayana e Liya conspirando contra o irmão mais velho.

O jantar seguiu nessa linha, com os familiares de Ayana se provocando e fazendo perguntas genuínas sobre minha vida e meu trabalho. Ninguém falou sobre o casamento arruinado ou seus desdobramentos.

Havíamos passado a última semana remoendo o assunto, e eu suspeitava que todos precisassem de um descanso mental, evitando estragar o clima descontraído com um assunto pesado.

Nenhum deles ficou encarando minhas cicatrizes nem fez perguntas sobre elas, nem mesmo as crianças. Quando terminamos o prato principal, eu já tinha relaxado o suficiente para baixar um pouco a guarda.

– Então, a Ayana te contou sobre a nossa noite de jogos? – perguntou o pai

dela durante o café e o tiramisu.

Balancei a cabeça.

– Nem me passou pela cabeça – admitiu Ayana. – Temos uma noite de jogos de tabuleiro ou de cartas na última sexta-feira de cada mês. É uma tradição familiar desde que eu era criança. Não pude participar desde que me mudei, mas é muito divertido. Mas não se sinta obrigado a participar – acrescentou ela, às pressas. – Você pode, se quiser, mas foi um dia longo. Entendo perfeitamente se você preferir descansar um pouco.

Achei um pouco de graça em seu discurso atrapalhado.

"Adoraria participar."

Ela me deu um sorrisinho, que quase retribuí, até perceber que sua mãe nos observava com uma expressão intrigada.

Franzi os lábios e terminei de beber a água.

Seguiu-se um animado debate sobre qual seria o jogo escolhido.

– Eu voto em *Monopoly* – disse Ayana.

– Chato. Sempre jogamos *Monopoly* – retrucou Aaron. – Que tal *Exploding Kittens*?

Shadow ergueu as orelhas, levantou a cabeça e encarou o irmão de Ayana com um olhar letal, batendo o rabo no chão. Acho que não gostou muito do que o nome do jogo sugeria.

– Talvez não – disse Aaron, e tirou o pé de perto do gato, que conspirava contra ele.

– Se ao menos tivéssemos cartelas de bingo... – disse Ayana, para me provocar. – Vuk é o rei do bingo.

Bati o joelho no dela embaixo da mesa e ganhei uma risadinha em resposta. O som doce e vívido reverberou em mim.

No final, decidimos pelo *Pictionary*. Ayana e eu ficamos no mesmo time que a mãe, o irmão e o sobrinho dela. Depois de uma hora e meia de competição acirrada, a outra equipe conseguiu uma vitória apertada.

Normalmente, eu consideraria essa derrota como mais uma prova de que deveria evitar atividades em equipe. Para vencer, só podia confiar em mim mesmo.

Mas gostava dos Kidanes, e tinha sido tão bom ver Ayana comemorando cada ponto com uma dancinha que a derrota não parecia tão importante.

– Obrigada por se esforçar para agradá-los – disse ela, depois que os irmãos foram embora e os pais se recolheram para dormir. Ficamos na sala de estar, com as lâmpadas lançando um brilho âmbar no ambiente. – Eles amam as noites de

jogos.

– Foi mais divertido do que revisar relatórios de segurança.

– Mas não melhor do que bingo.

– Qual é sua obsessão com bingo?

– Humm, não sou eu a obcecada. – Ayana bufou. – É você quem joga em asilos de velhinhos.

– E você quem sempre menciona o assunto.

– Só porque você se recusa a dizer se é piada ou não.

– Se for, você vai se sentir uma boba por insistir nisso, não é?

– Você... – Ela contraiu os lábios, e o pequeno tremor neles diminuiu a severidade de sua expressão, mas seu tom ainda soou arrogante: – Sabe de uma coisa? Já está muito tarde pra discutir com você por causa disso. Boa noite.

Meus lábios se curvaram.

– Boa noite, Ayana.

A expressão dela relaxou. Estava tão tarde que nenhum som perturbava a noite, mas eu vi os batimentos dela pulsando na base do pescoço.

Ayana colocou uma trança atrás da orelha. Abriu a boca. Fechou.

O instante seguinte de silêncio durou o bastante para que eu me imaginasse puxando-a para perto e colando minha boca na dela. Estava satisfeito do jantar, mas poderia saborear a doçura de seu beijo para sempre e nunca ficaria saciado.

Era um pensamento de merda, considerando que ela ainda era noiva de Jordan e ele ainda estava no hospital, mas meus desejos eram obscuros e egoístas, isso eu nunca tinha negado.

Ela entreabriu a boca como se pudesse ouvir meus pensamentos obsessivos. Por uma fração de segundo, achei que me beijaria primeiro.

Então ela piscou e balançou a cabeça.

– Te vejo de manhã – disse ela, a voz um pouco rouca demais.

Então desapareceu escada acima. Esperei até que ela virasse no corredor para soltar um suspiro longo e lento.

Olhei ao redor da sala. Shadow estava enrolado no sofá, dormindo. A caixa do *Pictionary* continuava na mesa, com as peças espalhadas esperando para serem recolhidas pela manhã.

Aquela noite fora minha primeira experiência de normalidade desde a morte do meu irmão. Os Kidanes não eram minha família, mas me lembravam do que eu mais sentia falta: afeto. Pertencimento. O prazer simples da vida.

Observei o ambiente tranquilo por mais um tempo antes de apagar a luz e subir a escada.

CAPÍTULO 33

Ayana



MINHA MÃE TINHA RAZÃO. Um fim de semana em casa, cercada pela família, era exatamente do que eu precisava.

Na manhã seguinte, depois da minha primeira noite de sono tranquila em uma semana, juntei-me a Aaron e a meus pais no restaurante, enquanto Vuk foi para uma reunião com sua equipe de segurança.

Eu costumava ajudar na cozinha depois da escola, e logo me ajustei ao ritmo reconfortante dos pedidos e das encomendas para viagem. Aquelas tarefas mundanas eram tão distantes do mundo da moda e de ameaças de morte que chegavam a ser terapêuticas.

– Já te falei que você não precisa fazer isso – disse minha mãe. – Você deveria estar relaxando. Vá a um spa. Fazer compras. Se divertir.

Balancei a cabeça.

– Posso fazer isso em Nova York. Prefiro ficar aqui. – Coloquei dois kits de talheres em um saco de papel pardo. – Estava com saudades.

– Se ela quer trabalhar, deixa ela trabalhar – disse Aaron enquanto passava com uma cumbuca de ensopado. – Estamos precisando de ajuda, e ela já passou muito tempo de moleza na cidade grande. Está na hora de lembrar como é trabalhar *de verdade*.

Dei um tapa em seu braço e ele riu.

Mamãe balançou a cabeça. Estava sorrindo, mas um indício de preocupação nublava seus olhos quando ela se virou para mim.

Minha família vinha evitando falar sobre o casamento ou sobre Jordan até então. Presumi que estivessem com medo de que eu surtasse ou algo do tipo se

tocassem nesses assuntos. Eles não sabiam sobre o acordo com Jordan, então, aos olhos deles, eu era uma noiva arrasada tentando manter uma fachada de bravura.

Bom, eu *estava* arrasada e tentando manter uma fachada de bravura, mas não tanto quanto estaria se fosse apaixonada por ele. Na verdade, no dia anterior, houve momentos em que me esqueci da existência de Jordan, como quando estava implicando com Vuk sobre o bingo e nos despedimos para irmos dormir. Se tivesse ficado um segundo a mais, era provável que o tivesse beijado.

Só mais um tijolo na minha muralha de culpa.

Felizmente, o restaurante estava tão movimentado que eu não tinha tempo de me preocupar com isso. Não era um lugar chique, mas havia ganhado uma horda de frequentadores ao longo dos anos. Todas as celebridades que visitavam Washington costumavam passar por lá para uma refeição.

Fotos autografadas de clientes famosos cobriam a Parede da Fama do salão. Havia gente de todo tipo, desde o astro do cinema Nate Reynolds até o fenômeno do futebol britânico Asher Donovan e a rainha Bridget de Eldorra, frequentadora assídua do local em seus tempos de estudante na Universidade Thayer.

– Então – disse minha mãe durante o intervalo para o almoço, que comíamos a uma mesa encostada na Parede da Fama. – O que está rolando entre você e o Vuk?

Quase engasguei com a água. Deveria ter adivinhado que ela estava apenas esperando o momento certo para atacar.

– Não sei do que você está falando – respondi, mantendo uma expressão neutra.

– Ayana, você pode ser uma mulher adulta, mas ainda é minha filha. Eu te conheço melhor do que ninguém. – Seu tom se tornou mais suave. – Não precisamos falar sobre isso agora se você não quiser. Foi uma semana difícil. Mas eu vi o jeito como você olhou para ele ontem à noite. Você parecia... feliz. Fazia muito tempo que eu não via você rir daquele jeito.

Encarei a cumbuca de legumes. Os tijolos continuavam a se acumular em meu estômago.

– Eu não deveria estar feliz. Jordan está no hospital.

O anel de noivado brilhava em meu dedo. Não sabia como lidar com o mundo pós-casamento. Deveria agir mais como noiva ou como amiga preocupada? Se Jordan ficasse em coma por tempo indeterminado, deveria contar às pessoas sobre o acordo ou devolver o anel e deixar que me achassem uma desalmada por abandonar meu noivo em um momento difícil?

– A alegria não elimina a tristeza – respondeu minha mãe. – Temos a

capacidade de sentir as duas coisas ao mesmo tempo. Faz parte da experiência humana.

Ela fez uma pausa e esperou que um garçom passasse. O salão estava tão barulhento que ninguém prestava atenção em nós, exceto um grupo de adolescentes que pareciam me reconhecer e ficavam me encarando e tentando tirar fotos às escondidas com os celulares.

– Não quero que você leve a mal o que vou perguntar – disse minha mãe, depois que o garçom passou. – Sou sua mãe e jamais a julgarei. Então, me fale a verdade. Alguma parte sua, por menor que seja, está... aliviada pelo casamento não ter acontecido?

O chão se abriu sob meus pés. Despenquei, o estômago em queda livre a uma velocidade nauseante. Abri a boca, mas nenhuma palavra saiu.

Será que eu era tão transparente assim? Estava em casa havia menos de 24 horas e minha mãe já tinha percebido o verdadeiro motivo da minha culpa. Ela tinha razão: eu *estava* aliviada por não ter me casado com Jordan.

A razão e a lealdade não haviam permitido que eu cancelasse o casamento por decisão própria, mas, se o universo interviera, era um sinal, não? Jamais desejei que o casamento terminasse da maneira como terminou, mas agora que havia sido cancelado – ou ao menos adiado – eu me sentia mais tranquila.

A bola não estava mais comigo. Tudo que eu tinha que fazer era esperar.

– Eu seria uma pessoa horrível se dissesse que sim? – perguntei baixinho.

– Não. – Minha mãe apertou minha mão, sua voz inesperadamente incisiva. – Não controlamos nossos sentimentos. Seja inveja, raiva ou até alívio mesmo... todos nós já sentimos coisas das quais tivemos vergonha. Mas o que mais importa são nossas atitudes. Não foi você quem instigou o tiroteio ou colocou Jordan em coma. Você lamenta o que aconteceu. Então se dê um desconto, pois você é humana. Tem *o direito de sentir* o que sente.

Engoli a emoção que ardia em minha garganta.

– Como você sabia?

– Eu sou sua mãe. É minha obrigação saber. – Os olhos dela se enrugaram em um sorriso triste. – Geralmente, as noivas ficam muito empolgadas durante os preparativos do casamento, mas esse *nunca* me pareceu ser o seu caso. Quando me perguntou como eu soube que seu pai era o cara certo, minha ficha caiu. Eu vi seu rosto antes de subir ao altar, Ayaniye. Não era o rosto de uma mulher apaixonada.

– Não. – Minha voz ficou mais baixa. – Não era.

– Você já foi apaixonada pelo Jordan?

Balancei a cabeça devagar.

– Então, por que se casar com ele?

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de minha mãe.

– É complicado.

Pela enésima vez, pensei em contar a ela sobre o acordo com Jordan. Considerando o acontecido, ele provavelmente não ficaria chateado por eu ter quebrado a regra de "não contar a ninguém", se e quando acordasse.

Mesmo assim, não podia jogar aquele fardo em cima da minha mãe. Se argumentasse que o objetivo era ajudar um amigo, ela diria que nenhum amigo de verdade me colocaria em uma situação tão desconfortável. Se eu alegasse que era por dinheiro, ela perguntaria para que eu precisava do dinheiro. Eu já levava uma vida confortável como modelo e, apesar de gostar muito de comprar, não era apegada a bens materiais.

Mas se eu contasse a ela que queria sair da Beaumont, isso levaria a mais perguntas, até ela acabar descobrindo que eles eram horríveis comigo. Tinha conseguido fingir que vivia uma vida glamourosa em Nova York porque, na superfície, era verdade, e eu não via minha família pessoalmente com frequência para que eles percebessem que não era bem assim. Se minha mãe descobrisse como eu era infeliz, ficaria arrasada. Ela já se preocupava bastante com o fato de eu morar sozinha na cidade.

Acima de tudo, não queria que minha família soubesse que eu tinha assinado o contrato com a Beaumont sem pensar melhor por causa deles. Eles jamais se perdoariam.

– Mais complicado do que seu relacionamento com o Vuk? – perguntou minha mãe, perspicaz, levando minha atenção de volta ao presente.

Soltei uma risada pesarosa.

– Sei lá. São coisas bem próximas no ranking de problemas.

Parti minha *injera* em pedacinhos. Adorava a comida do meu pai, mas tinha perdido a fome.

– Se você suspeitava que eu não amava o Jordan, por que não disse nada?

Ela demorou para responder.

– Eu deveria ter falado – respondeu, por fim. – Mas acho que, no fundo, não queria que fosse verdade. Em tese, o Jordan é um *bom* partido para você. É gentil, bem-sucedido e rico. Vocês já eram amigos e ele poderia te dar uma boa vida. Ele é o genro dos sonhos de qualquer mãe, e eu quis muito acreditar que você estava feliz com ele. Disse a mim mesma que estava exagerando. Foi culpa minha.

– Não foi. Mesmo que você tivesse tocado no assunto, eu provavelmente teria

ido em frente com o casamento. Como disse, tenho motivos para me casar com ele, e é...

– Complicado?

Assenti.

– Você está passando por algum problema?

– Não... Não exatamente.

Se ficasse na Beaumont, não estaria em uma situação de risco. Não da maneira como ela poderia imaginar.

– Vai me contar que complicações são essas?

– Não posso, mas está tudo sob controle. – Mais ou menos. Não muito. Mas ela não precisava saber disso. – Podemos falar de outra coisa?

– Claro, claro. – Minha mãe soltou um muxoxo. – Sei quando estou forçando a barra, mas, se você *estiver* com algum problema, precisa me contar. Somos sua família. É para isso que estamos aqui.

– Eu sei, mãe. Pode deixar.

Se eu não estivesse me recuperando dos acontecimentos traumáticos da semana anterior, ela jamais teria deixado o assunto de lado com tanta facilidade. Quando minha mãe percebia que os filhos estavam com problemas, não largava o osso.

Para meu desespero, ela passou direto de Jordan para outro assunto incômodo.

– Voltando ao Vuk. Aquele homem pulou na frente de uma bala por você – disse ela, seu tom um pouco casual demais. – Foi muito heroico.

– Humm.

Mastiguei uma garfada de legumes para não ter que responder.

– Eu pesquisei sobre ele no Google – disse ela. – Ele tem um histórico bem impressionante. E é solteiro, pelo que vi.

Minhas bochechas arderam.

– Mãe, por favor. – Apontei para o anel de noivado que ainda estava em meu dedo. – Com amor ou não, ainda estou noiva. Lembra?

– Eu não falei nada. – Minha mãe era o retrato da inocência. – Só estou dizendo que, quando o Jordan acordar, e ele *vai* acordar, tenho certeza, você vai poder resolver essas... complicações. Depois, quem sabe? – Ela tomou um gole discreto de água. – Tudo pode acontecer.

– Por favor, nunca mais diga algo assim – respondi, me encolhendo. – É muito clichê e dá muita vergonha alheia.

Ela deu risada.

– Eu sou mãe, estou acostumada a provocar vergonha alheia. – Sua atenção se desviou para algo atrás de mim e seus olhos se iluminaram com um brilho de malícia. – Falando no diabo... Olha ele ali.

Eu me virei. Vuk entrou, sua presença imponente sugando todo o oxigênio do ambiente. Estava acompanhado de Sean, que usava uma camiseta e calça jeans semelhantes às do chefe. Vários clientes pararam de comer para fitá-los conforme os dois se aproximavam da minha mesa.

Havia convidado Vuk para conhecer o restaurante, mas não esperara que ele aparecesse. E o pulo que meu coração deu ao vê-lo... Totalmente normal.

Ele sorriu quando nossos olhares se encontraram.

Meus lábios se curvaram em resposta, até que lembrei que minha mãe estava observando. Olhei para ela e encontrei um sorriso convencido.

Eu a ignorei e dei mais uma garfada na salada, o coração ainda agitado.

Totalmente. Normal.



EU NÃO TINHA PLANEJADO visitar o restaurante dos Kidanes. Ayana precisava de um tempo a sós com a família, e eu tinha mil coisas para fazer.

Mas a reunião matinal com minha equipe havia sido rápida, e eu não conseguia me concentrar nos assuntos mundanos relacionados à Markovic Holdings. Não havia nada urgente... só uma papelada que precisava ser assinada. Também liguei para o hospital para o check-in diário em Jordan. Ele ainda estava inconsciente, mas os sinais vitais haviam melhorado e os ferimentos estavam cicatrizando bem. Já era alguma coisa, pelo menos.

Sean, que tinha chegado a Washington naquela manhã para me informar sobre a caça ao Irmão foragido, insistiu que eu deveria "relaxar um pouco". Suspeitei que ele só quisesse experimentar a comida dos Kidanes, mas deixei que me convencesse a fazer o desvio no trajeto mesmo assim.

Ao longo do último mês, ele tinha se matado de trabalhar na questão da Irmandade. Ainda não havíamos encontrado o Irmão foragido, mas estávamos progredindo. Ele também merecia um descanso.

Enquanto Sean se apresentava a Saba e ocupava uma mesa próxima, me sentei em frente a Ayana. O movimento do almoço parecia estar diminuindo, então me senti um pouco menos mal por me intrometer no horário de trabalho

deles.

– Cadê o Shadow? – perguntou ela.

"No hotel, importunando meus funcionários."

Ela sorriu. Usava uma camiseta preta lisa e calça jeans, que, por coincidência, combinava com a minha roupa do dia, e tinha um lenço de seda azul e dourado amarrado ao redor das tranças.

– Está com fome? Deixa eu pegar alguma coisa para você comer.

Ela já estava se levantando quando a mãe a empurrou de volta com uma pegada firme em seu ombro.

– Imagina – disse Saba. – Eu vou buscar. Você faz companhia ao Vuk. O Sean vai comer comigo.

Ela deu uma piscadela para Ayana antes de desaparecer na cozinha e voltou minutos depois com pratos de *injera* e carne ensopada. Saba levou o próprio prato para a mesa de Sean, me deixando sozinho com sua filha.

– Então... este é o restaurante da família – disse Ayana, esticando o braço e apontando para o salão. – O que você acha?

"É perfeito."

Estava sendo sincero. Não precisava de louças sofisticadas nem de garçons de luvas brancas para apreciar uma boa comida. A decoração despretensiosa do restaurante e o ambiente caseiro combinavam com os donos.

O sorriso de Ayana aumentou.

– Obrigada. Temos muito orgulho dele. É pequeno, mas meus pais preferem assim. Eles tiveram muitas oportunidades de expandir. Alguém do Laurent Restaurant Group até se ofereceu para franquear o restaurante, no ano passado, mas eles recusaram. Disseram que não adiantava ter mais restaurantes se o lugar não tivesse a alma deles.

"Decisão inteligente. Franquias podem ser um negócio arriscado." Os Laurents eram a realeza do cenário gastronômico, só que mais dinheiro não significava mais qualidade. Se os Kidanes vendessem o restaurante, o lugar seria apenas mais um na já extensa lista dos Laurents. "Você disse que o seu irmão assumirá o controle depois que seus pais se aposentarem, certo?"

Ayana assentiu.

– Esse sempre foi o plano. Eu e a Liya não temos interesse em gerir um restaurante, e o Aaron é mesmo o melhor cozinheiro de nós três. Dávamos uma força na cozinha quando éramos adolescentes, mas só.

"Você é feliz com a carreira de modelo?"

Ela tinha acabado no mercado da moda depois de ter sido descoberta e havia

alcançado um sucesso extraordinário desde então, mas isso não significava nada. Muitas pessoas bem-sucedidas eram infelizes em suas profissões.

O brilho em seus olhos diminuiu um pouco.

– Até certo ponto – respondeu ela com cautela, baixando a voz. – Como disse, adoro moda. Cresci idolatrando Iman, Beverly Johnson e Pat Cleveland. Se eu só precisasse aparecer na frente de uma câmera ou na passarela, então, sim, eu seria muito feliz. Mas não estava preparada para o lado comercial do trabalho, nem para a quantidade de pessoas que tentam tirar vantagem das modelos. É estarrecedor.

"Você se refere aos agentes?"

Ainda não tinha conseguido nada de concreto sobre Emmanuelle, o que me deixava muito frustrado. Àquela altura, estava quase torcendo para que meus instintos iniciais estivessem errados. Senão, significava que eu estava deixando algo passar – ou que ela era boa mesmo.

O rosto de Ayana se enevoou.

– Sim. – Ela inclinou a cabeça, estreitando os olhos. – Hank tem sido estranhamente complacente desde aquela visita surpresa à minha casa. Sei que passei a maior parte do mês de folga por conta do casamento, mas mesmo assim. O normal seria ele estar me enchendo o saco, dizendo que estou "fazendo corpo mole". Você por acaso sabe de alguma coisa?

Dei de ombros e bebi um gole d'água para ajudar a comida a descer.

"Talvez ele tenha percebido que agir feito um babaca não é um bom negócio. Você podia ter processado o babaca por te espionar."

Minha equipe havia limpado todos os dispositivos dela, o que significava que Hank sabia que Ayana o havia descoberto. Ela não queria confrontá-lo a respeito até estar pronta para deixar a agência de uma vez por todas, mas, quanto mais pensava sobre isso, mais eu desejava ter enfiado aquela faca nele até o fim.

– É. – Ayana fez uma careta. – Não acredito que ele...

Ela se interrompeu e olhou para trás. Sua mãe estava em uma conversa animada com Sean, e Ayana claramente não queria que ela soubesse de seus problemas com a Beaumont.

– De qualquer maneira, fico feliz que tudo tenha se resolvido.

Por enquanto. Quando eu não estivesse mais ocupado com a Irmandade, faria outra visita a Hank Carson. Suas atitudes não podiam ficar impunes.

No entanto, guardei esse plano para mim. Não havia necessidade de envolver Ayana nas partes menos elegantes dos meus afazeres.

– Quais são seus planos para o resto do dia? – perguntou ela.

– A equipe e eu planejamos levá-lo para tomar um drinque – disse Sean, antes que eu pudesse responder. Saba havia se levantado para atender um cliente e ele, é claro, estava nos entreouvindo. – Ele faz 35 anos hoje.

Tive vontade de estrangulá-lo.

Ayana arregalou os olhos.

– É seu aniversário?

"Tecnicamente."

Minha resposta relutante foi seguida de um olhar fulminante para Sean, que estava ocupado demais devorando uma segunda porção de carne para perceber.

Ele era um cara extremamente profissional, mas bastava colocar um prato de comida em sua frente que ele perdia todo o decoro.

– Ai, meu Deus! – Ayana bateu com as mãos na mesa. – Temos que comemorar.

Fiz uma careta.

"Não gosto muito de comemorações."

Eu detestava aniversários. Lembravam-me de que Lazar não estava mais por perto para comemorar comigo.

O sorriso de Ayana foi morrendo, então percebi que ela havia acabado de chegar a essa conclusão.

– Comemorar o quê? – A mãe dela voltou a tempo de ouvir o final da conversa.

– Hoje é aniversário do Vuk. – Ayana colocou uma trança atrás da orelha. – Mas ele não quer fazer nada, então nós...

– Deixem disso. – Saba colocou as mãos nos quadris. – Aniversário é um dia especial. Não é para ficar dentro de casa. Na verdade... – Ela franziu os lábios. – Ayana, por que você não mostra a cidade ao Vuk? Tenho certeza de que ele vai adorar conhecer Washington melhor.

"Não precisa..."

– Mãe, ele não quer...

– Está decidido, então – disse Saba, ignorando nossos protestos. – Mas, primeiro, tenho uma coisa para você.

"Obrigado, mas realmente não é..."

Ela desapareceu na cozinha.

"... necessário", concluí.

Ayana soltou um grunhido.

– Me desculpa, de verdade – disse ela. – Quando minha mãe resolve fazer uma coisa, não tem como impedir. Se você não quiser comemorar, não é preciso

mesmo. Podemos só dar uma volta e fingir que *não* é seu aniversário. Não quero que você se sinta... mal.

A última palavra saiu desajeitada.

Uma pontinha de divertimento diminuiu o aperto no meu peito. Tentava ignorar meu aniversário sempre que possível, mas ela estava preocupada de um jeito tão afetuoso que tornava a ocasião mais suportável.

"Não se preocupe. Vou ficar bem."

As portas da cozinha se abriram, e Saba apareceu carregando mais pratos e uma garrafa com um líquido laranja-dourado.

– Baklava e nosso vinho com mel exclusivo – anunciou ela. – Não vou submeter você a um "Parabéns", mas insisto que experimente nossa sobremesa antes de ir.

Não discuti.

Sean e eu devoramos os pratos em tempo recorde. Ele tentou se juntar a mim e a Ayana quando nos levantamos para sair, mas Saba o impediu arqueando a sobrancelha.

– Deixa pra lá. Vou ficar aqui e, hã... revisar os planos de segurança – disse ele. – Aviso se surgir algo urgente.

Sorri ao ver um ex-agente de operações especiais se dobrando a uma mulher com metade de seu tamanho e o dobro de sua idade.

"Fala para o pessoal que vou buscar o Shadow mais tarde." Fiz uma pausa e depois acrescentei: "Não deixe ninguém dar leite para ele. Gatos são intolerantes a lactose."

Dessa vez, foi Sean quem sorriu.

– Pode deixar. – Ele bateu continência. – Divirta-se, chefe.

CAPÍTULO 34

Ayana



VOLTAR PARA WASHINGTON ERA como vestir um pijama velho e confortável. Não importava quanto tempo tivesse passado fora, a cidade era tão simples e familiar que eu não precisava pensar para onde estava indo ou como.

A Irmandade, Jordan, a Beaumont... tudo derretia sob a luz do sol e a brisa com aroma de bordo.

Vuk deixou que eu definisse o itinerário. Como ele já havia visitado a cidade antes, pulei os pontos turísticos e o levei aos meus lugares secretos favoritos.

A primeira parada foi a Apollo Hill Books, uma livraria charmosa repleta de lançamentos e livros antigos. Não compramos nada, mas adoramos percorrer os corredores e respirar o aroma fresco dos exemplares. Depois, o levei à Crumble and Bake (não era um lugar tão secreto assim, mas tinha os melhores cupcakes da cidade) e a um museu de espionagem interativo.

– Você daria um bom espião – comentei depois que saímos do museu. – Tem todo esse jeito fechadão, mal-encarado.

Vuk deu um sorrisinho.

– Você acha que espiões são fechados e mal-encarados?

– Não são?

– Em geral, não. O objetivo é se misturar. Em geral, são pessoas comuns, tipo ele... – Vuk indicou com a cabeça um homem de rosto simples, usando um suéter azul e óculos. – Ou ela – completou, referindo-se a uma idosa de cabelos grisalhos encaracolados que vestia um cardigã de crochê cor-de-rosa.

– Talvez – respondi, em dúvida. – Mas gosto mais da versão fechadona e mal-encarada.

Caminhamos pelas ruas de paralelepípedos de Georgetown. O sol do fim de tarde batia nas fachadas das lojas pitorescas e meu passo apressado habitual de Manhattan diminuiu para um ritmo tranquilo. Vuk caminhava em silêncio ao meu lado, com uma expressão pensativa.

Tinha evitado mencionar o aniversário dele desde que saíramos do restaurante. Não havia me ocorrido que poderia ser um assunto delicado até que ele recuou quando sugeri que comemorássemos. Lazar era seu irmão gêmeo, o que significava que compartilhavam o aniversário. A lembrança da ausência do irmão devia ser incrivelmente dolorosa, por isso eu estava determinada a preencher o dia com lembranças felizes.

– Ah, eu *adoro* esse lugar – comentei quando passamos por uma vitrine familiar. Dezenas de belas garrafas de vidro brilhavam na vitrine. – É uma das minhas lojas favoritas.

– Vamos entrar.

– Mas é uma perfumaria.

Eu seria capaz de passar o dia inteiro comprando perfumes e sapatos, mas aquele dia era dele, não meu.

– Eu sei.

Ele apoiou a mão na base das minhas costas e me guiou com firmeza para dentro da loja.

Senti o calor de seu toque através do casaco de lã. Quando ele a retirou, a sensação permaneceu, e pequenas faíscas elétricas percorreram minhas veias.

Fiquei tão desnorteada que quase não ouvi a vendedora nos cumprimentar.

– Sejam bem-vindos. Posso ajudar em alguma coisa?

Seu tom era educado, mas eu a vi olhando de relance para as cicatrizes de Vuk e repuxando o lábio em uma leve careta.

O sangue correu para o meu rosto. Eu a encarei, e ela desviou o olhar.

– Não, obrigada – falei, seca. – Estamos só olhando.

Vuk ergueu as sobrancelhas quando agarrei seu braço e o arrastei para o fundo da loja, para longe da funcionária mal-educada.

Ela não sabia que era falta de educação ficar olhando? Se era para olhar, deveria pelo menos ter tido a decência de não fazer cara de nojo.

"Estou acostumado." Vuk examinava uma prateleira de óleos essenciais com o rosto impassível.

– O quê?

Tentei respirar em meio à irritação. A opinião de uma desconhecida não era nada nas nossas vidas, mas, por algum motivo, a reação dela a Vuk havia me

irritado.

"Os olhares. Estou acostumado."

Ele pegou um óleo de sândalo, leu o rótulo e o colocou de volta no lugar.

O fato de Vuk ter notado o comportamento da funcionária me deixou irada outra vez.

– Não significa que esteja certo. Isso é...

Eu me contive. Será que realmente queria passar aquele tempo reclamando de alguém insignificante? Isso só faria com que Vuk se sentisse mal.

Respirei fundo e mudei de assunto.

– Enfim, eu vinha sempre aqui. – E, na época, aquela funcionária *não* trabalhava ali. – Todos já me conheciam e eram tão simpáticos que me deixavam experimentar um monte de fragrâncias, embora eu não tivesse dinheiro para comprar a maioria. – Sorri com a lembrança. – Eu já contei que também me formei em química, né? Bem, eu era fascinada pela ciência dos aromas. Como seres humanos processam o cheiro, a interação de notas diferentes, a maneira como o mesmo perfume pode ter um cheiro diferente em pessoas diferentes, dependendo da química da pele de cada um. Se não tivesse me tornado modelo, talvez tivesse me dedicado à perfumaria, mas hoje em dia me contento em colecionar fragrâncias.

Vuk havia parado de vasculhar as prateleiras e me ouvia com atenção.

"Acho que vi a coleção, quando estive no seu apartamento. Estava na sala."

– Aqueles são frascos vazios. Deixo os bonitos expostos – admiti. – A verdadeira coleção fica no closet. Minha irmã zomba de mim por causa disso. Diz que eu nunca vou conseguir usar todos, e provavelmente é verdade. Mas não coleciono para usar. Coleciono para... lembrar, eu acho. Algumas pessoas compram cartões-postais ou camisetas como lembranças; eu compro perfumes. Limonete para a Costa Amalfitana, chá verde e rosas para o Japão, lavanda para a Provença. Um aroma específico para uma lembrança específica. Por isso só compro quando amo o lugar.

Passei os dedos pelas prateleiras de madeira lisa. Quanto mais velha ficava, mais suscetível me tornava à nostalgia. Bastava sentir o cheiro de um perfume familiar e era transportada de volta a determinado lugar e determinada época.

Havia tentado explicar isso para Liya uma vez, mas ela não entendeu.

Ela era uma pessoa visual, portanto, fotos e vídeos tinham muito mais apelo para ela do que o rico aroma do café de nossa mãe ou os temperos e ervas que apimentavam a cozinha de nosso pai.

– Você sabia que o olfato está mais intimamente ligado à memória do que

qualquer outro sentido, por conta da anatomia do cérebro?

Era raro eu ter a oportunidade de falar sobre esse hobby em particular, e as palavras saíram sem pensar.

– O tato, o paladar, a visão, a audição... todos passam primeiro pelo tálamo antes de serem transmitidos para as regiões relevantes do cérebro. Mas os aromas não passam pelo tálamo e vão direto para o bulbo olfativo, que está diretamente conectado à amígdala e ao hipocampo. É por isso que... – Parei de falar, meu rosto esquentando. Era aniversário dele e ali estava eu falando sem parar sobre meu hobby. – Desculpa. Entrei no modo nerd.

"Tudo bem. Eu gosto do seu modo nerd." Ele sorriu. "Qual foi a última fragrância que você comprou?"

Ele parecia interessado de verdade.

Vasculhei a mente em busca da última compra.

– Neve e pinho – respondi. – Finlândia. Fiz um ensaio para a coleção de inverno da Stella Alonso por lá, no ano passado. Não tive tempo livre suficiente para ficar e explorar o local depois, então não cheguei a ver a aurora boreal, mas as montanhas eram tão bonitas que tive que trazer uma lembrança.

Ficamos na loja por mais um tempo, até nossas barrigas começarem a roncar. Estávamos prestes a sair quando uma ideia me veio à mente.

– Pode me esperar lá fora? Está meio cheio aqui e preciso ir ao banheiro.

Fingi seguir para o banheiro até Vuk sair. Quando tive certeza de que ele não estava mais me vendo, voltei e peguei o que estava procurando. Fiz questão de evitar a vendedora mal-educada.

Saí alguns minutos depois, com a sacola na mão. Vuk tirou os olhos do celular e suas sobrancelhas se arquearam quando estendi a sacola para ele.

– É para você. Um presente de agradecimento. Por salvar minha vida.

Ele olhou para a sacola como se fosse uma víbora pronta para dar o bote.

"Não precisava se incomodar."

– Eu quis. Não é nada de mais, mas o cheiro me faz lembrar você.

Ele ainda não tinha pegado a sacola.

Senti uma pontada de dúvida. Será que eu havia cometido uma gafe? Será que deveria ter deixado a ideia de lado e não ter dado nada? Tinha classificado o perfume como um agradecimento e não como um presente de aniversário, mas talvez presentes em geral também fossem um gatilho para Vuk.

– Se não gostar do perfume, eu posso devolver – afirmei, hesitante. – Não se sinta na obrigação...

"Não. Eu quero."

Vuk puxou a sacola da minha mão. Reprimi um sorriso.

– Abre.

Ele abriu a sacola com uma expressão cautelosa. O elegante vidro preto com entalhes em prata combinava com seu guarda-roupa dominado por aquela cor. Havia chamado minha atenção quando estávamos olhando as prateleiras, e as notas olfativas tinham tudo a ver com ele.

Apontei para a embalagem.

– Amadeirado suave, porque você disse que gosta de montanhas. Uma pitada de rum, porque você é dono de uma empresa de bebidas alcoólicas. Baunilha, sinônimo de calor e paz.

Que é o que você representa para mim. Fui tímida demais para dizer a última parte em voz alta, então esperava que ele tivesse entendido o significado.

Vuk virou o vidro de um lado para outro. Não disse nada.

– Não sabia bem de que tipo de aromas você gostava, então arrisquei.

Eu me remexi, inquieta. O sol parecia quente demais na minha pele.

– Não precisa usar, sério. Só achei que seria legal para ocasiões especiais. Não acho que você seja fedorento nem nada do tipo.

Pelo amor de Deus, cale a boca. Quando ficava nervosa, eu costumava tagarelar, e estava tagarelando demais.

O pequeno sorriso de Vuk fez com que minhas inseguranças desaparecessem. Havia me esquecido de como ele ficava lindo quando baixava a guarda. Seu rosto inteiro relaxou, fazendo-o parecer bem mais jovem.

"Anotado."

Ele devolveu o vidro para a sacola.

– Obrigado, *srce moje* – disse ele. – Eu adorei.

Sorri, o nervosismo esquecido.

– De nada.

Retomamos a caminhada. Estávamos ambos com fome e Vuk não queria nada sofisticado, então paramos numa lanchonete para comer pizza (ele) e hambúrguer vegetariano (eu).

– O que significa *srce moje*? – perguntei, ao fim da refeição. – Você sempre me chama assim.

Vuk terminou sua fatia sem responder.

– Alô? – Acenei na frente de seu rosto. – Terra chamando Vuk.

Ele engoliu e limpou a boca.

"É melhor você não saber."

– É alguma coisa constrangedora? Você não está me chamando de "ratinha"

ou coisa do tipo, né?

Vuk sorriu, mas não confirmou nem negou.

– Eu posso pesquisar. Assim que descobrir como se escreve.

"Pesquisa, então."

Soltei um grunhido frustrado.

– Você às vezes é tão atencioso, mas também consegue ser um grande babaca.

Ele deu de ombros.

"Eu nunca disse que era uma boa pessoa."

– Eu não disse que você não era uma boa pessoa. Eu disse que você é um babaca. – Minhas palavras não tinham malícia alguma, mas pensei em dar a ele um pouco do próprio remédio. – *Ahya*.

Ele estreitou os olhos.

"O que isso significa?"

Tomei um gole discreto de água e sorri.

– Pesquisa.

Foi então que aconteceu. Ele deu risada. *De novo*.

Era apenas a segunda vez que eu o ouvia rir – rir de verdade, sem pudores, com os olhos franzidos nos cantos e os dentes aparecendo.

A imagem e o som eram tão cativantes que perdi a capacidade de respirar.

Infelizmente, sua risada também chamou a atenção de uma mesa próxima de universitários, que arruinaram o momento com seus olhares e cochichos.

– É quem eu estou pensando que é? Ai, meu Deus, é, *sim*. É a Ayana Kidane.

– A modelo? Gente, tem razão. O que ela está fazendo com *ele*?

– Talvez ele seja muito rico. Mulheres bonitas namoram caras feios o tempo todo por dinheiro.

– Humm, eu não diria que ele é feio. Só as cicatrizes que...

– Sim, são bem horríveis.

– Mas ela não é noiva daquele tal de Jordan Ford? Eu me lembro de ter lido uma matéria sobre isso na *Mode de Vie*.

– Oi? Por onde você andou? Rolou um tiroteio entre duas gangues no meio do casamento e...

Cheguei ao meu limite. Não havia confrontado a vendedora mais cedo, só que não deu para suportar a audácia daquele grupinho.

Eu me virei na direção deles e senti uma pontada de satisfação quando ficaram todos em silêncio, os rostos vermelhos.

Sim, eu ouvi, idiotas.

– Da próxima vez que forem falar mal de alguém – intervim –, tenham a

delicadeza de não fazer isso perto da pessoa.

Não me importava de ir parar em algum fórum de fofocas de celebridades por ter sido "grossa" ou "uma escrota". Eles mereciam.

– As cicatrizes dele são um sinal de caráter, mas a atitude de vocês é um sinal de que falta o mínimo de decência. Se eu fosse vocês, teria mais dificuldade para me olhar no espelho do que qualquer outra pessoa aqui. Não é ele quem é "feio". São vocês.

Afastei a cadeira e me levantei. Só depois me dei conta de que não havia terminado o hambúrguer, mas já era tarde demais.

– Vamos – disse a Vuk, que parecia entretido. – Vamos embora. Perdi o apetite.

Ele não discutiu.

Os estudantes nos encararam, boquiabertos.

Ao sairmos, "sem querer" derrubei um de seus refrigerantes neles. Foi algo insignificante, mas, caramba, como me senti bem.

CAPÍTULO 35

Ayana



VUK RIU DE NOVO, mas dessa vez não fiquei tão feliz quanto nas duas anteriores.

– Não tem graça. – Cruzei os braços, ainda irritada por causa do ocorrido durante o jantar. – Eles foram muito mal-educados. Quem faz isso? Nossas mesas estavam pertinho. Eles *sabiam* que a gente ia escutar.

– São universitários. Estão mergulhados no próprio mundinho. – Vuk estava surpreendentemente calmo. – Já disse que estou acostumado com os olhares e os cochichos. Os insultos deles não chegam nem perto do que já ouvi por aí.

– Tipo o quê?

Eu era curiosa demais para não perguntar.

Ele balançou a cabeça, com o resquício de um sorriso nos lábios.

Estávamos voltando para casa a pé, pois Vuk havia deixado o carro na casa dos meus pais naquela manhã. Tínhamos andado de Uber o dia inteiro. Era uma caminhada de 35 minutos, mas o tempo estava bom e eu precisava esfriar a cabeça.

– Nunca imaginei que você fosse capaz de insultar alguém – disse ele. – Você é cheia de surpresas, Ayana Kidane.

– Só quando fico muito irritada. O que não acontece com frequência. Odeio conflitos – admiti. Mas eu tenho meus limites.

Viramos à direita na rua dos meus pais. Uma estranha sensação de tristeza tomou meu corpo. Ainda não estava pronta para que a noite acabasse. Era a primeira vez que me sentia tranquila em muito tempo. Embora estivéssemos hospedados na mesma casa e Vuk fosse estar lá pela manhã, não seria a mesma coisa. Aquela noite tinha uma magia especial.

– Que estranho – disse quando chegamos. Não havia luz nas janelas e a casa estava estranhamente silenciosa. – Eles já deviam ter chegado.

Uma onda irracional de medo me atingiu. Será que a Irmandade havia nos seguido até Washington? Será que meus pais estavam trancados em um porão imundo enquanto Vuk e eu estávamos comendo e fazendo compras pela cidade? Ou teria sido algo mais mundano, mas também aterrorizante, como um acidente de carro ou um assalto violento?

Ao meu lado, Vuk ficou tenso. Eu não era a única com a cabeça a mil.

Estava prestes a ligar para minha mãe quando ela me enviou duas mensagens em um timing assustador de tão perfeito. Ela de fato tinha um sexto sentido.

> Esqueci de avisar mais cedo. Seu tio arrumou uns ingressos de última hora para o Kennedy Center. Não precisa esperar a gente acordada.

> Espero que tenha se divertido com o Vuk. Não esquece de trancar tudo antes de ir para a cama.

Soltei um suspiro de alívio. *Graças a Deus*.

– Tudo bem? – perguntou Vuk.

– Tudo. – Peguei as chaves na bolsa e abri a porta. – Meus pais estão no Kennedy Center. Vão chegar tarde em casa.

Vuk relaxou e não disse mais nada ao cruzarmos a porta e tirarmos os sapatos.

Não estava acostumada a ver a casa tão quieta. Meus pais não saíam com frequência, e os cômodos geralmente eram preenchidos com a voz do meu pai ou com o barulho da televisão ao fundo. O silêncio era desconcertante.

Vuk tirou o casaco e o pendurou no cabideiro de bronze ao lado da porta. Fiz o mesmo. Nossos braços se tocaram e uma pequena faísca se acendeu no meu corpo.

Se ele sentiu isso também, não demonstrou. O silêncio parecia engolir a leveza de antes, a transformando em algo mais denso. Mais relevante.

– Bem, é isso... Espero que você tenha se divertido hoje e que o dia não tenha sido tão, hã... horrível. Sei que minha mãe meio que obrigou você a passar o dia comigo.

Eu me encolhi de constrangimento. *Bom trabalho, Ayana. Você é mesmo ótima com as palavras.*

– Não foi... horrível. – Vuk colocou uma ênfase engraçadinha na última palavra. Meu rosto parecia estar pegando fogo. – Foi bom ter uma distração. A sua companhia é muito melhor do que a do Sean e do resto da equipe.

– Me sinto lisonjeada. – Seguimos em direção à escada, nossos passos entrando em sincronia. – É isso que eu sou para você, é? Uma distração? – perguntei, em tom de brincadeira.

– Entre outras coisas.

Tropecei na ponta de um tapete e consegui me segurar antes que Vuk percebesse (ainda bem), mas o calor se espalhou das minhas bochechas até o pescoço e o peito. Uma onda de expectativa deixou meu coração descompassado.

Entre outras coisas.

Nosso dia juntos tinha sido platônico. Não tínhamos nos beijado, dado as mãos, nem trocado nenhuma indireta. Fôramos apenas dois amigos desfrutando da companhia um do outro.

Mas, agora que estávamos sozinhos, longe da agitação da cidade e da companhia de multidões, tinha ficado difícil ignorar a faísca entre nós.

Os degraus de madeira rangeram sob nosso peso. A escada era tão estreita que não conseguíamos nos mover sem esbarrar um no outro.

Aquela proximidade toda quase fez meu coração parar de bater. Ele assomava à minha esquerda; a parede me cercava à direita. No entanto, o corpo dele parecia ainda mais sólido e intransponível do que pedra.

A mão de Vuk roçou a minha quando chegamos ao segundo andar. Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Foi um toque inocente, mas a promessa de algo mais dançava no ar.

Paramos em frente ao meu quarto. Estava tão silencioso que dava para contar as batidas do meu coração.

– Obrigada por me deixar te arrastar pela cidade hoje. Feliz aniversário e, hã... boa noite.

O *feliz aniversário* escapou antes que eu pudesse me conter. *Merda*. Fiquei constrangida outra vez e torci para não ter estragado a noite com o deslize.

Para a minha sorte, Vuk não pareceu incomodado. Abaixou a cabeça, seu rosto inescrutável na escuridão.

– Boa noite.

Um segundo se passou. Ele não se moveu, e meu coração disparou.

Pronto. Ele ia...

Embora para o quarto de hóspedes.

Meu peito murchou quando a porta se fechou atrás dele. Segui o exemplo,

fechando a minha com um chute e caindo na cama com um suspiro.

– Eu sou uma idiota – murmurei.

Virei a cabeça para ver as horas. Eram 20h45. Pensando bem, eu poderia ter sugerido que ficássemos lá embaixo e jogássemos um jogo ou algo assim, mas era tarde demais. Se fosse atrás dele naquele momento, daria muito na cara.

Como se comprar um perfume para ele não tivesse dado. Era o tipo de presente que se ganhava da namorada, não de uma amiga – uma amiga que, por acaso, sabia muito bem como era ser beijada e acariciada por ele.

Um calor consumiu meu corpo inteiro. Havia escondido muito bem nosso encontro no hotel lá no fundo de minha mente, considerando tudo que havia acontecido desde então, mas a lembrança ressurgiu com uma intensidade repentina e impressionante.

A mão dele em meu pescoço. O peso do seu corpo prendendo o meu contra o vidro. O...

Uma batida à porta me tirou daquela lembrança indecente.

Eu me levantei de um pulo, meu coração acelerado de novo. Uma pressão se acumulou entre minhas coxas.

Fiquei olhando para a porta, congelada, até que outra batida me fez pôr os pés no chão e cruzar o quarto.

É claro que era Vuk. Não tinha como ser mais ninguém, mas isso não impediu que uma pontada agradável de surpresa tomasse meu peito quando abri a porta e o encontrei a meio metro de distância.

Como eu, ele não havia trocado a roupa que usara o dia todo.

A camiseta preta estava retesada sobre seus ombros largos; calças pretas delineavam os músculos firmes por baixo. Olhos azuis penetrantes deslizaram pelo meu rosto, gerando um formigamento de calor no meu corpo.

– Faltam três horas para o meu aniversário acabar.

Ele falou baixo, tão baixo que as palavras eram a sombra de um sussurro.

Apenas assenti.

Não conseguia falar. Mal conseguia respirar. O ar estava tão denso que temia que qualquer ruído meu fizesse com que se despedaçasse ao nosso redor.

– Eu estava indo dormir quando percebi que tinha me esquecido de uma coisa.

O tom dele era impassível, mas seus olhos... seus olhos ardiam com um calor e uma profundidade que atingiam até meus ossos.

Fiquei toda tensa. O ponto entre as minhas coxas latejava, mas consegui forçar uma resposta pela garganta.

– O quê?

A resposta ofegante me rendeu um sorriso sombrio. Eu tinha plena consciência de como a barreira física entre nós era frágil – uns poucos centímetros e menos segundos ainda, que podiam ser eliminados com um passo decisivo.

– Isso.

Essa única palavra rouca foi meu único aviso antes de ele me agarrar pela nuca e partir essa barreira em pedacinhos.

Os lábios dele se apossaram dos meus e minha mente se apagou, a pressão dominadora de seu beijo me arrastando para um lugar onde não havia oxigênio. Meu sangue se transformou em lava, mas meus mamilos se endureceram como se eu tivesse mergulhado de cabeça em um lago de gelo. O contraste entre quente e frio provocou uma série de minifogos de artifício em minha pele.

A língua de Vuk invadiu minha boca, separando meus lábios e arrancando um gemido do fundo da minha garganta. Arfei e o mundo ganhou foco outra vez.

Não estava mais debaixo d'água; estava em meu quarto de infância, agarrando-me desesperadamente a Vuk enquanto ele sistemática e habilmente derrubava todas as minhas defesas. Ele me beijava feito um homem faminto, como se pudesse passar a eternidade me devorando e nunca ficar satisfeito. A mão possessiva ao redor do meu pescoço me levava à loucura e, se ele não estivesse me segurando, teria derretido no chão em uma poça de desejo.

– Mais – pedi, ofegante.

Dei um puxão na parte de baixo da camisa dele, e Vuk obedeceu, se afastando para puxar a camiseta pela cabeça antes de voltar para mim.

Ele tinha gosto de gelo e pecado – uma combinação tão inebriante que mal notei quando ou como o resto de nossas roupas foi parar no chão.

Sua pele era quente contra a minha. Apertei-me com força contra ele, adorando a forma como minha pele macia se moldava aos músculos rígidos de seu corpo. Em algum lugar nos recônditos da minha mente, tinha uma vaga lembrança dos motivos pelos quais não deveríamos estar fazendo aquilo. Tinha certeza de que eram bons motivos. Excelentes, até. Mas não se comparavam à *necessidade* desesperada que crescia dentro de mim.

O que aconteceu no quarto de hotel tinha sido um ensaio, um gostinho do que poderia acontecer se nos permitíssemos ultrapassar o limite que havíamos trilhado com tanto cuidado.

Bem, esse limite tinha ido para o espaço. Demolido por cada segredo

compartilhado, cada olhar trocado e cada toque roubado, não apenas naquele dia, mas em todos os dias dos últimos dois meses.

Não me importava que fosse errado. Como algo que parecia tão certo poderia ser errado? E quando eu estava com Vuk, *sempre* parecia certo, como um suéter que servia como uma luva logo de cara ou uma peça de quebra-cabeça que se encaixava.

Era ali que eu queria estar. Era com ele que eu queria estar.

O ar estava pesado com nossos gemidos e suspiros. Minha cabeça girava, mas, quando ele esticou a mão para apagar a luz, tive presença de espírito o suficiente para impedir. Não tínhamos chegado tão longe para nos escondermos no escuro.

– Não. – Minha voz estava tão rouca que mal a reconheci. – Eu quero ver você.

Vuk ficou imóvel. Depois de um tempo, baixou a mão, e a urgência do nosso beijo se dissolveu em algo mais lânguido.

Ele engoliu em seco quando baixei os olhos de seu rosto para seu tronco, absorvendo-o.

Uma onda de admiração tomou as minhas veias. Não me importava com a opinião de desconhecidos ou da sociedade. Vuk Markovic era *lindo*.

Não me referia ao tipo de beleza que se via nas redes sociais ou nas telas de cinema – homens com abdomens definidos na academia e pele bronzeada artificialmente, traços esculpidos de maneira tão perfeita e uniforme que todos pareciam iguais.

A beleza dele era rústica e primitiva, livre de pretensão e vaidade. Com quase dois metros de altura, Vuk era uns vinte centímetros mais alto do que eu. Seus braços e pernas eram grossos e musculosos; uma leve penugem se espalhava pelo peito e sob o umbigo. Uma antiga cicatriz de bala e outra de faca marcavam a pele do lado esquerdo da barriga. Não eram tão evidentes quanto as do pescoço e do rosto, mas eram cruéis mesmo assim.

O corpo dele era um retrato da vida que levara – dura, às vezes brutal, mas tão forte e imponente que não havia como questionar seu poder. Cada cicatriz e cada queimadura eram um testemunho das provações às quais Vuk havia sobrevivido para poder estar *ali*, em carne e osso, como um deus da guerra antes de ir para a batalha.

Pura magnificência.

Encontrei de novo seu olhar, que estava carregado com uma leve apreensão, como se estivesse esperando que eu saísse correndo ou gritasse e recuasse de

nojo.

A apreensão se transformou em uma explosão de surpresa quando eu me ajoelhei devagar na frente dele.

Vuk entreabriu a boca, mas eu balancei a cabeça antes que ele pudesse dizer qualquer palavra.

– É seu aniversário – disse, baixinho. Ele havia mencionado a ocasião quando apareceu na minha porta, então presumi que não havia problema em tocar no assunto outra vez. – Só relaxa... – Minhas mãos deslizaram por suas coxas. – E deixa eu cuidar de você.

No chão, com os joelhos afundando no carpete e os olhos dele queimando minha pele, fiquei cara a cara com a prova de sua excitação.

Era lindo e intimidador, como todo o resto de Vuk. Grande, grosso e tão duro que dava para ver as veias pulsando ao longo de todo o comprimento. Gotinhas escorriam da cabeça inchada.

Fiquei com água na boca. Quando olhei para ele outra vez, seu rosto estava tomado por pura luxúria.

Sem tirar os olhos dos dele, inclinei-me para a frente e passei a língua na ponta do pau. As narinas de Vuk se dilataram, mas ele não emitiu nenhum som enquanto eu lambia cada gota antes de engolir a cabeça inteira. Segurei a base de seu pau com as duas mãos e passei a língua ao redor da cabeça, gemendo com seu gosto salgado e másculo.

Chupei e lambi seu pau inteiro, deixando-o bem molhado antes de enfiá-lo o mais fundo possível, até a garganta. Engasguei, meus olhos se enchendo de lágrimas, mas não deixei que isso me detivesse e logo peguei o ritmo. Apertava os dedos e girava as mãos em direções opostas, apreciando a forma como seu pau pulsava conforme minha boca se movia para cima e para baixo com chupadas ávidas.

Meus gorgolejos e gemidos se misturaram aos sons sufocados de seu pau batendo no fundo da minha garganta. Eu estava pegando fogo, me afogando no sabor e no calor dele. Meu clitóris latejava com tanta urgência que pensei em esticar a mão para me acariciar, mas não queria soltá-lo. Não quando um punho forte se fechara em minha nuca e Vuk enfim soltou um gemido profundo e gutural.

– *Caralho* – sibilou ele, e todas as minhas terminações nervosas faiscaram como fios desencapados na chuva.

Eu adorei o gosto dele, adorei a forma como seu pau grosso preenchia minha garganta tão completamente que eu mal conseguia respirar, mas ouvir alguém

tão controlado perder o controle por *minha* causa fez com que meu desejo fosse às alturas.

Triunfo e tesão se acumularam entre minhas pernas.

Chupei com mais força, sugando as bochechas. Em vez de me acariciar com os dedos, abri as pernas e me inclinei para a frente, tentando me esfregar no chão. A necessidade de fricção me queimava como um maçarico.

– Olha só você tentando gozar. – Vuk agarrou minha cabeça e meteu mais fundo na minha garganta. – Gosta tanto assim de se engasgar com meu pau? Hein?

Minha resposta chorosa se transformou em um grunhido abafado quando ele tirou tudo e meteu outra vez. Vuk começou devagar, mas logo estava fodendo minha boca com força suficiente para fazer lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Eu não aguentava mais. Baixei uma das mãos e esfreguei freneticamente meu clitóris, enquanto a outra beliscava e esfregava um mamilo. Estava tão excitada que me sentia escorrendo pelas coxas, e cada estocada provocava uma nova onda de prazer em meu corpo.

– Cacete, olha só para você. – Vuk gemeu. – Você chupa meu pau tão gostoso, sabia? Dá para ver entrando todinho na sua garganta. Safada pra caralho.

Sim, sim, *sim*.

As palavras obscenas me deixaram inebriada. Gemi outra vez, os dedos se movendo mais rápido. Meu clitóris estava tão inchado e sensível que eu morreria se não gozasse logo, mas não queria terminar antes dele.

Vuk estava quase lá. As estocadas estavam se tornando irregulares, e redobrei os esforços até que ele xingou alto e jatos densos e quentes de porra inundaram minha boca.

Gozei na mesma hora. Soltei um gritinho, meu corpo estremecendo. O gozo escorreu pelos cantos da minha boca e me engasguei um pouco antes de engolir o resto com vontade. A mistura do gosto dele com as ondas de calor escaldante quase me levaram a um segundo orgasmo.

Eu me afastei para recuperar o fôlego. Devia estar toda desgrenhada, coberta de suor, baba e porra, mas não me importava. Voltei a me inclinar para ele, para limpá-lo. Só consegui chegar à metade do caminho antes que Vuk me levantasse e me jogasse na cama com a mesma facilidade com que alguém jogaria uma boneca de pano.

– Você já se divertiu. – O brilho sombrio em seus olhos fez minhas coxas se contraírem. – Agora é minha vez.

Abri a boca, mas o que quer que planejasse dizer morreu no instante em que

os lábios dele tocaram meu clitóris ainda sensível.

– Porra!

Dessa vez, quem estava xingando era eu. Praguejando, gritando e soluçando enquanto ele me devorava com a mesma determinação obstinada que lhe rendera o título de um dos homens mais poderosos do mundo.

Vuk era implacável, sua boca, seus dedos e sua língua trabalhando em conjunto para me levar à beira do delírio. Uma vez atrás da outra, cada vez com mais intensidade, até que ele me partiu em duas e me rejuntou tantas vezes que perdi a conta.

Em algum ponto entre uma enxurrada de prazer e outra, ouvi o ruído de plástico se rasgando. Um segundo depois, a cabeça de seu pau roçou minha entrada.

Eu estava constrangedoramente encharcada, mas ele era tão grande, e fazia tanto tempo, que a primeira metida me deixou tensa e incomodada.

– Respire, *srce moje* – murmurou Vuk, sua voz surpreendentemente gentil, considerando os orgasmos brutais que havia me arrancado. – Você aguenta.

Ele só tinha enfiado metade. Senti que já tinha chegado ao meu limite, mas cerrei os dentes e tentei relaxar enquanto ele se afundava mais em mim.

– Isso mesmo. – Ele gemeu. – Sua boceta está tão molhada. Está me *implorando* para meter.

E foi o que ele fez. Centímetro a centímetro, seu pau grosso ameaçava me dividir ao meio enquanto abria caminho e me penetrava cada vez mais profundo. Não achei que fosse possível, mas, por fim, minha boceta engoliu todo o comprimento do pau dele.

Tremi da cabeça aos pés. Estava tão preenchida que não conseguia pensar direito, e os ruídos que saíam da minha boca mal pareciam humanos quando Vuk começou a se mover.

As estocadas longas e suaves se transformaram em metidas mais rápidas e mais fortes, e por fim o prazer eclipsou a dor à medida que ele estabeleceu um ritmo intenso. Vuk me fodia até o talo, as bolas batendo contra minha pele. Suor e sexo dominavam o ar. Eu gritava e me arqueava, enlouquecida demais para fazer qualquer coisa além de ceder às necessidades mais básicas do meu corpo.

Cravei as unhas nele com força suficiente para tirar sangue. Em vez de desencorajá-lo, isso só o deixou mais feroz. Vuk cravou os dentes no meu mamilo e o puxou. Com força.

A pontada de dor me arrancou outro gritinho. O som desamparado ainda pairava no ar quando ele me virou de costas e meteu com mais força. A cabeceira

da cama batia contra a parede, e meu corpo tremia e se sacudia a cada estocada.

Meus braços estavam fracos e meus cotovelos finalmente cederam quando ele atingiu um ponto que me fez ver estrelas. Caí de cara na cama. Vuk aproveitou o novo ângulo e levantou ainda mais meus quadris. O travesseiro abafou meus gritos quando ele meteu tão fundo que tive a sensação de que sairia pela minha garganta.

O sexo era bruto e animalesco, e maravilhosamente delicioso e alucinante.

Nos últimos anos, eu tinha passado mais noites com meu vibrador do que com um homem. Não me importara com isso. Meus casinhos anteriores tinham sido satisfatórios, mas nada digno de nota, e pelo menos eu não precisava ficar de papinho com meu vibrador antes de ele me fazer gozar.

Mas aquilo ali... estava desvendando partes de mim que eu nem sabia que existiam.

– Ai, nossa. *Isso!* – gemi quando Vuk estendeu a mão para tocar meu clitóris.

– Você achou que não fosse aguentar, mas olha só para você agora – zombou ele. – Que boceta gulosa. Engoliu meu pau inteiro e ainda quer mais.

As palavras safadas me inundaram, derrubando qualquer pretensão de decência para despertar minhas partes mais obscuras. Ele estava errado; eu não era gulosa. Eu era *insaciável*.

– Quero, por favor – choraminguei. – Eu quero mais. Eu preciso... *ai, caralho*... Eu preciso que você me coma...

Minhas súplicas se transformaram em um grito estrangulado quando ele me deu o que eu pedi e muito mais. Se Vuk havia sido bruto antes, naquele momento se tornou impiedoso, e levou apenas um minuto para que meu orgasmo chegasse com uma intensidade ofuscante.

Em um segundo, eu estava de quatro, com ele metendo fundo. No outro, estava me estilhaçando em mil pedaços que flutuavam e rodopiavam pelo ar como flocos de neve em uma tempestade de inverno. Minha boceta se contraía e espasmava. Gritei sem parar cada vez que uma onda de prazer me atingia, mas ele continuou.

Vuk me virou de frente e colou a boca na minha. A urgência possessiva de seu beijo me excitou mais uma vez, e gozei em seu pau pela enésima vez naquela noite. Terceira? Quarta? Quinta? Já tinha perdido a conta. Uma havia se embolado na outra, ondulando como um mar gigante de sensações.

Por fim, bem quando estava prestes a implorar para que ele parasse, que tivesse misericórdia e me deixasse respirar, porque se eu gozasse mais uma vez era capaz de morrer, ele gozou com um grito gutural.

Vuk caiu ao meu lado, ofegante. Minha mente ainda estava em curto-circuito em razão da descarga de endorfina, e eu estava atordoada demais para fazer qualquer coisa além de ficar deitada quando ele se levantou, um minuto depois.

Ouvi a porta se abrir e fechar. Vuk voltou em seguida com um copo d'água. *Ué.* Então, ele vestira as calças antes de descer. Como não tinha percebido nada disso?

– Como você ainda tem energia para andar? – murmurei. – Isso não é normal.

Eu estava exausta, e nem sequer fora a que mais trabalhou.

Sua risada baixa me fez sorrir. Vuk se sentou ao meu lado e levou o copo aos meus lábios.

– Abre a boca.

Obedeci. Ele inclinou o copo de modo que a água fresca escorresse pela minha garganta. Quando se certificou de que eu estava hidratada, ele me pegou no colo sem pedir licença e me levou até o banheiro.

Torci para que riscássemos sexo no chuveiro da minha lista de desejos. Para minha profunda decepção, Vuk balançou a cabeça e prendeu meu cabelo em uma touca de banho antes de nos lavar de forma rápida, mas minuciosa.

– Fica para a próxima, *srce moje*, ou você não vai conseguir andar amanhã de manhã.

– Já é tarde demais para isso – respondi.

Ele riu de novo, o som cheio de diversão e satisfação pura.

Vuk nos secou e me levou de volta para a cama. Reuni energia suficiente para prender o cabelo com um lenço de seda antes de deslizar para debaixo das cobertas e suspirar, preguiçosa de satisfação. Havia uma centena de assuntos sobre os quais precisávamos conversar depois daquela noite, mas elas poderiam esperar até o dia seguinte. Eu estava feliz e contente demais para permitir que qualquer coisa estourasse minha bolha.

Vuk se deitou na cama ao meu lado e me puxou para perto, e eu me espreguicei antes de me enroscar em seu abraço.

Talvez tenha sido bom o fato de ele ter negado mais sexo. A ducha havia esgotado minha energia restante, e eu não conseguia... não conseguia...

Meus olhos se fecharam. A última coisa que senti foi um beijo suave no topo da cabeça antes que o sono me dominasse, e tudo ficou escuro.

CAPÍTULO 36

Vuk



PASSEI UM BOM TEMPO acordado depois que Ayana pegou no sono.

Eu a mantive nos meus braços, saboreando seu calor e seu cheiro. Não era perfume nem xampu; era algo só *dela*, e era inebriante. Se pudesse voltar à perfumaria e engarrafar aquele cheiro, faria isso.

Fechei os olhos, aproveitando o momento. Nossos problemas estavam do outro lado daquela porta, esperando a menor brecha para atacar, mas fazia muito tempo que eu sonhava com aquilo para deixar que arruinassem meu lampejo de felicidade.

Não era só o sexo. Era tudo. O passeio pela cidade, as conversas, vê-la relaxada e em seu habitat natural enquanto divagava adoravelmente sobre fragrâncias. O perfume que ela me deu não foi o presente mais caro ou mais extravagante que já tinha ganhado, mas foi o mais atencioso.

Baunilha, sinônimo de calor e paz.

Havia captado o significado. A ideia de alguém me considerar uma referência de calor e paz era risível, mas ela fez com que eu me sentisse capaz de ser esse tipo de pessoa. Com Ayana, eu chegava mais perto de me sentir uma pessoa normal.

As cicatrizes dele são um sinal de caráter, mas a atitude de vocês é um sinal de que falta o mínimo de decência.

A pressão em meu peito aumentou. Uma imagem da expressão feroz de Ayana surgiu em minha mente. Estava acostumado com os olhares e os cochichos. Não precisava que ela me defendesse, mas o fato de ela ter feito isso me deixava mexido.

De alguma maneira, ela transformara o dia mais temido do ano em uma lembrança que eu guardaria com carinho.

Virei a cabeça e a observei dormindo. Suas sobrancelhas estavam relaxadas e um leve indício de sorriso curvava sua boca. Uma nesga de luar suavizava suas feições, iluminando as maçãs do rosto e fazendo sua pele brilhar. Ela era tão linda, e parecia tão tranquila, que eu queria gravar essa versão dela em meu cérebro para sempre.

Passei a ponta dos dedos na curva de seu ombro. Os números no relógio digital marcavam uma da manhã em ponto. Era melhor eu sair dali.

Só que estava relutante em fazer isso.

Queria poder ficar a noite toda no quarto dela, mas não queria que seus pais me pegassem saindo escondido pela manhã. Isso geraria muitas perguntas, sobretudo para Ayana. Além disso, precisava dormir um pouco. Tinha sido um dia longo.

Eu me permiti ficar mais um minuto ao lado dela antes de dar um beijo suave em sua testa e me desprender gentilmente de seus braços. Saí da cama e voltei para o quarto de hóspedes, onde enfim dormi.

Consegui umas três horas de sono até que um toque insistente me acordou.

Resmunguei, mas me sentei e peguei o celular na mesa de cabeceira.

Ver o nome de Sean na tela fez o torpor passar. Ele não ligaria àquela hora, a menos que fosse uma emergência. Ele não ligaria, ponto-final. Geralmente, nos comunicávamos por mensagens.

Atendi. Ele não esperou que eu o cumprimentasse para dizer:

– Pegamos ele.

Meu coração acelerou. Eu me endireitei na cama, minha boca de repente tomada pelo gosto de adrenalina.

– Seguimos a dica do seu amigo – disse Sean, antecipando minha pergunta.

Roman havia me enviado uma mensagem na manhã anterior, dizendo que eu deveria reforçar a busca na Filadélfia. Não prometera nada, mas indicara alguns bairros que a facção de Shepherd costumava ocupar.

– Bruce e Mav pegaram o desgraçado no hotel. Nenhuma testemunha. Estão levando o cara para o armazém, mas é só uma questão de tempo até a Irmandade perceber que ele foi capturado. Quando isso acontecer, vão neutralizar tudo que o cara souber. Qualquer informação que a gente conseguir extrair dele será inútil.

Minha mente estava um turbilhão. Sean tinha razão. Nosso prisioneiro só era útil se Shepherd não soubesse que o tínhamos nas mãos.

– Quanto tempo nós temos? – perguntei.

Já havia falado verbalmente com Sean antes, embora em raras ocasiões.

Um lado primitivo e feroz de mim não se importava se as informações seriam inúteis. Só queria fazer o maldito pagar pelo que fizera.

Sangue por sangue. Era meu código moral. Havia funcionado muito bem no passado, quando minha campanha de vingança contra a Irmandade foi tão marcante que eles me deixaram em paz por mais de uma década.

Só que eu não era mais um agente solitário e determinado a se vingar. Eu tinha um negócio. Tinha funcionários. E o mais importante: tinha Ayana. Não podia me dar ao luxo de tomar decisões precipitadas que colocassem em risco sua segurança.

– No máximo, 48 horas – respondeu Sean. – Para garantir, 24. Imagino que ele tenha um protocolo de contato. Na maioria das organizações, é a cada 12 ou 24 horas. Quando alguém não responde mais de duas vezes, eles entram em alerta máximo.

Praguejei. Aquilo significava que eu teria que voltar para Nova York o mais rápido possível. Ayana ficaria em Washington até segunda-feira, e eu não podia contar a ela o verdadeiro motivo do meu retorno antecipado. Ela sabia sobre a Irmandade, mas meu plano era manter o lado sujo dos negócios bem longe dela.

– Vamos partir agora – decidi. – A equipe fica aqui para vigiar Ayana e levar ela e Shadow de volta, na segunda-feira. Pego você em meia hora.

– Entendido.

Desliguei, troquei de roupa e fiz a mala. Não demorei muito. Não havia levado muita coisa.

Escrevi dois bilhetes, um para Ayana e outro para os pais dela. A casa estava em silêncio absoluto, e mal deu para ouvir meus passos cuidadosos no tapete pesado do corredor.

Parei na frente da porta de Ayana. Nosso momento cheio de luxúria de mais cedo já parecia ter acontecido séculos antes.

Merda. Estava feliz por minha equipe ter capturado o Irmão, mas queria muito poder ter uma *única* noite inteira só para mim antes que a realidade atrapalhasse. A satisfação do tempo com Ayana mal havia se dissipado quando Sean ligou de novo.

Meus dedos apertaram a borda do bilhete dela. Depois de um segundo de hesitação, deslizei o papel dobrado por baixo da porta, em vez de acordá-la.

Se a visse, ficaria muito tentado a permanecer ali. Eu me convenceria de que uma ou duas horas a mais com ela em meus braços não fariam diferença, quando

poderiam muito bem ser a diferença entre derrubar ou não a facção de Shepherd.

Dei uma última olhada em direção à porta do quarto dela antes de descer as escadas. Coloquei o bilhete para seus pais na mesa de centro. Agradeci a hospitalidade deles e pedi desculpas por ter ido embora sem me despedir pessoalmente. Torci para que eles não ficassem muito chateados por eu ter saído no meio da noite.

Quando fechei a porta e a tranquei com a chave reserva que eles guardavam embaixo do vaso de flores – *anotação mental: lembrar Ayana de pedir aos pais que guardem a chave em um lugar mais seguro e menos óbvio* –, nenhum morador da casa despertou.



Peguei Sean no hotel e partimos para o Brooklyn, aonde chegamos em tempo recorde. A ausência de trânsito no final da madrugada/começo da manhã reduzira a viagem em quase uma hora.

Quando entramos no armazém, um leve tom alaranjado se insinuava no céu, e eu já havia deixado de lado todos os pensamentos envolvendo os Kidanes para focar no trabalho. Mais tarde me preocuparia com Ayana; naquele momento, precisava me concentrar.

Sean e eu passamos pelo depósito e fomos até o porão, onde os dois homens que havíamos enviado para a Filadélfia aguardavam junto a uma porta de aço reforçada. O depósito servia para pessoas como Wentworth, mas os membros da Irmandade eram outra história.

Mav e Bruce nos cumprimentaram com acenos de cabeça reverentes.

– Apagamos o sujeito com um tranquilizante – disse Mav. – Ele está acordando agora.

– Ótimo – disse Sean, que então olhou para mim.

"Deixa comigo."

Aquela briga era minha, não deles. Ninguém discutiu.

Abri a porta e entrei. O porão era ainda mais vazio do que o resto do armazém. Paredes de pedra, piso de pedra, mobília mínima, exceto por uma mesa junto da parede, uma lona no chão e uma cadeira no meio.

O homem amarrado à cadeira naquele momento tinha um saco na cabeça. Seu peito subia e descia em respirações constantes. Vivo e inteiro, bem como eu queria.

Meus passos eram silenciosos na sala com isolamento acústico. O ritmo da

respiração dele não se alterou, embora uma pontada de tensão tivesse tomado seu pescoço e ombros. Seu codinome era Dexter – uma referência engraçadinha ao serial killer da série de TV.

Removi o saco da cabeça dele.

Olhos castanhos me encararam por trás de óculos com armação de metal. O cabelo grisalho e os remendos de couro nos cotovelos do paletó de tweed compunham a imagem de um professor pacato.

Como eu disse, se você odiava uma pessoa o bastante para matá-la, era preciso ter a coragem de fazer isso pessoalmente.

– Dex. – Meu sorriso não tinha nenhum traço de cordialidade. – Que bom ver você de novo.

CAPÍTULO 37

Ayana



ACORDEI SOZINHA NA CAMA.

Os lençóis estavam amarrotados devido às atividades da noite anterior, mas o colchão estava frio do lado de Vuk. Ele devia ter saído depois que peguei no sono.

Foi uma decisão inteligente. Meus pais acordavam cedo e o quarto deles ficava bem no final do corredor. Não queria que o vissem saindo do meu quarto de infância, cheirando a sexo.

Eu me sentei e me espreguicei. A deliciosa dor entre minhas pernas aliviou a irracional decepção de descobrir a ausência de Vuk.

A noite tinha sido incrível. Não havia outra palavra para descrevê-la. O dia *inteiro* tinha sido incrível (exceto o encontro com aqueles babacas durante o jantar), mas ver Vuk baixar totalmente a guarda e perder o controle era algo que eu jamais esqueceria.

Estremeci com a lembrança de seu pau preenchendo minha garganta e seu grito gutural ao gozar. Nossos corpos se encaixavam de forma tão natural e perfeita que não conseguia me imaginar fazendo as coisas que fizemos com mais ninguém.

Depois dele, nenhum outro homem seria igual.

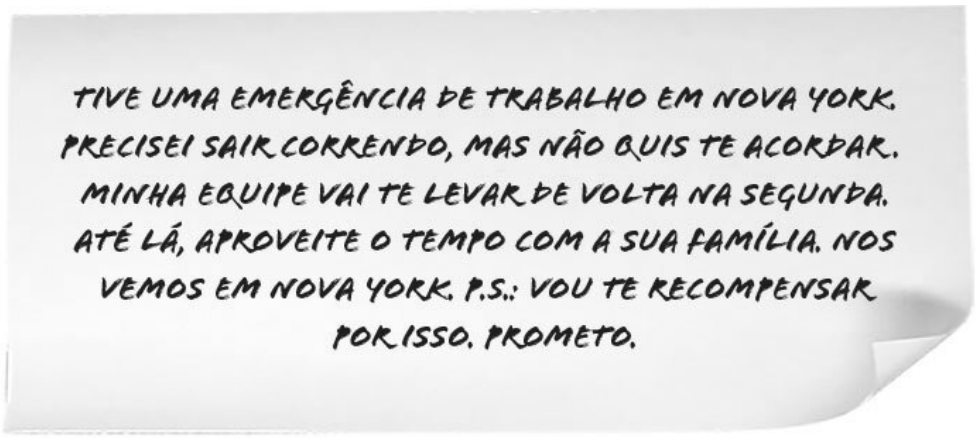
Estou muito fodida. Literal e figurativamente. Mesmo assim, meu sorriso era enorme.

Era domingo, então meus pais estavam em casa. O restaurante só abria ao meio-dia, e eu já ouvia o chiado do bacon de peru e sentia o cheiro do café vindo do andar de baixo.

Coloquei um suéter de caxemira e estava prestes a me juntar a eles na cozinha

quando um quadrado branco dobrado na frente da porta chamou minha atenção. Meu nome estava escrito na parte superior com a letra de Vuk.

Peguei o bilhete e o abri.



Fiquei olhando para as letras pretas e grandes, meus sentimentos oscilando entre prazer e consternação.

Era fim de semana. Que tipo de emergência exigia que o CEO voltasse correndo? Por outro lado, a Markovic Holdings era uma empresa multibilionária, com milhares de funcionários. Várias coisas podiam dar errado a qualquer momento. Não achava que Vuk estivesse mentindo; racionalmente, fazia sentido.

Mas, no fundo, senti outra pontada de decepção. Fui tomada pela insegurança. Tínhamos dormido juntos pela primeira vez e ele fora embora no meio da noite. Nem sequer tive a chance de me despedir.

É, não foi legal. Não mesmo.

Mas... ele havia deixado um bilhete. Um bilhete longo, para os padrões dele. O texto podia parecer seco para alguém que não o conhecesse, mas, se não fosse genuíno, ele teria desaparecido com no máximo três palavras – ou, mais provavelmente, nenhuma.

Vou te recompensar por isso. Prometo.

Uma nova onda de calor dissipou minhas inseguranças. Confiava em Vuk. Ele não era do tipo que fazia joguinhos. Se disse que teve uma emergência, era porque teve uma emergência.

Guardei o bilhete na bolsa. Depois de lavar o rosto e ficar mais apresentável, desci a escada. Meu pai lia o jornal de domingo, enquanto minha mãe estava na cozinha.

– Bom dia. Como foi no Kennedy Center?

– Ah, maravilhoso. Devíamos ir lá mais vezes.

– Como foi seu dia com Vuk? – perguntou minha mãe, com um sorriso radiante.

– Foi bom.

Lutei contra o rubor e evitei o olhar dela. Às vezes, ela conseguia ler minha mente, juro por Deus.

– Aqui. Senta. – Ela apontou para a mesa. – Guardamos um pouco para você. Não deixe esfriar.

Ela não precisou falar duas vezes. Eu estava faminta.

Sentei-me em frente ao meu pai e comi um prato de ovos mexidos sem bacon. Apesar dos padrões de peso exigentes e muitas vezes tóxicos da indústria da moda, eu me recusava a passar fome. Fazia exercícios cinco vezes por semana e seguia uma dieta saudável e equilibrada, mas, depois da farra do dia anterior, tinha que tomar cuidado para não exagerar nas indulgências.

Fiz mais perguntas sobre o Kennedy Center antes de meu pai deixar o jornal de lado e me encarar com um olhar clínico.

– O Vuk foi embora – disse ele.

– Ele teve que voltar para Nova York. Teve uma emergência no trabalho.

Tomei um gole da mistura de shai (que não deve ser confundido com chai) que era a marca registrada da minha mãe. Era puro conforto dentro de uma caneca.

– Estava com saudades disto. – Suspirei. – Obrigada, mãe.

Ela sorriu.

– Vou fazer umas porções extras para você levar.

– Sim, eu sei – disse meu pai, voltando a Vuk. – Ele deixou um bilhete para a gente.

Meu coração deu um pulo de agradável surpresa. Claro que ele tinha deixado. Vuk era extremamente atencioso quando queria.

– Muito simpático, na verdade – disse minha mãe.

– Sim, sim. – Meu pai fez um gesto no ar. – É um sujeito curioso. Ele parece muito... dedicado a você, Ayana.

Eu me ajeitei na cadeira sob seu olhar perspicaz.

– Pois é, ele é uma boa pessoa.

– Com certeza. Se não fosse por ele, quem sabe o que teria acontecido na igreja?

– Abel, por favor. A menina acabou de acordar. – Minha mãe o interrompeu

com um olhar de advertência. – O interrogatório pode ficar para depois.

– Ou para nunca – acrescentei. – Não precisamos disso.

– Não estou interrogando ninguém. Foi uma pergunta retórica – resmungou meu pai, mas seu rosto relaxou. – Só quero o melhor para você, Ayaniye. Não estou dizendo que o Vuk é má pessoa ou tem más intenções. Gosto do sujeito, mas ele não é o único cara na jogada.

Ele lançou um olhar incisivo para minha mão esquerda – minha mão esquerda *sem* o anel de noivado. Perdi o fôlego. *Merda*. Havia me esquecido de colocar o anel antes de descer.

– Ele salvou a sua vida. É normal ter... ficar balançada. Mas sentimentos são volúveis. Integridade, não. Não nos envolvemos com alguém novo antes de encerrar relações anteriores.

Senti os ovos se revirarem no estômago. Coloquei o prato de lado, minha garganta apertada demais para engolir mais comida.

A noite com Vuk tinha parecido natural. Inevitável. Não tinha sido um episódio isolado, em que mergulhamos porque não conseguimos nos controlar. Fora o ponto culminante de meses de uma intimidade crescente, tanto física quanto emocional.

Mas, à luz do dia, com as palavras de meu pai ecoando nos ouvidos e o anel de noivado largado no andar de cima, tudo que eu sentia era vergonha.

– Já chega. – Minha mãe o calou e começou a falar em amárico. – Está maluco? Nossa filha finalmente está em casa depois de uma tragédia terrível e você transforma o café da manhã numa emboscada. Que tipo de exemplo *você* está dando?

– Não tem emboscada nenhuma, Saba. É só um alerta carinhoso.

– Seu conceito de "carinhoso" é bem diferente do meu.

Enquanto meus pais discutiam, tomei o resto do chá, torcendo para que aliviasse a náusea.

Não aliviou.

Meu pai não tinha falado por mal. Ele não estava ciente da minha situação com Jordan e (assim eu esperava) não fazia ideia da recente mudança nos termos, hã, carnais do meu relacionamento com Vuk. Minha mãe era meu porto seguro; meu pai, minha estrela-guia. Era com ele que eu contava para me conduzir na direção certa quando estava perdida, e ele tinha razão.

Se quisesse continuar com Vuk, primeiro precisava terminar oficialmente com Jordan. Mas como eu faria isso se...

Meu celular tocou.

Parando para pensar, o momento foi tão fortuito que não poderia ter sido outra coisa senão um sinal do universo – um sinal de neon imenso, piscando e apitando.

Mas, naquele momento, o choque da ligação foi tão grande que não consegui fazer nada além de ficar sentada, ouvindo a pessoa falar.

Depois de receber a breve atualização, desliguei.

Meus pais pararam de brigar e me encaravam com um misto de curiosidade e preocupação.

– Quem era? O que aconteceu? – perguntou minha mãe.

– O Jordan. – Meu coração estava acelerado. – Ele acordou.



Depois disso, foi tudo muito rápido.

Insisti em voltar para Nova York para visitar Jordan e recusei quando meus pais insistiram para me acompanhar. Ficava agradecida, mas não sabia em que condições ele estava.

Gente demais por perto poderia não ser bom para ele. Além disso, meus pais não eram mais jovens. Viagens longas eram difíceis para eles.

Depois de fazer as malas às pressas e prometer dar notícias assim que pudesse, encontrei a equipe de segurança de Vuk do lado de fora. Jake e Peter tinham escoltado meus pais até em casa, após o ataque na igreja.

Vuk havia deixado o contato deles no verso do bilhete. Quando liguei e expliquei a situação, os dois concordaram em me levar ao hospital, desde que Sean autorizasse.

O chefe de segurança devia ter liberado, porque menos de uma hora depois de eu ter recebido a ligação da mãe de Jordan, estávamos voltando para Manhattan em um Suburban preto blindado. Shadow estava enroscado ao meu lado no banco de trás, dormindo.

Minha mente era um caos absoluto. O alívio montou acampamento ao lado da ansiedade, transformando minhas emoções em um campo de batalha.

Estava feliz por Jordan ter acordado, mas a noite anterior continuava fresca na memória. Será que as pessoas iam reparar? Quando eu entrasse no hospital, a família dele perceberia a mácula da infidelidade gravada na minha pele? Como poderia dizer a ele que queria romper o acordo, quando Jordan tinha acabado de escapar das garras da morte? Se fosse para contar a ele, deveria fazer isso logo de cara ou esperar?

E Vuk? Será que ele sabia que o amigo estava consciente? Será que já estava com Jordan, esperando que eu chegasse, ou a emergência tinha sido tão grave que ele estava completamente por fora?

Um gêiser de perguntas hipotéticas jorrou e entupiu minha mente. Queria mandar uma mensagem para Vuk, mas meu cérebro sobrecarregado não conseguia lidar com mais informações.

Uma dor intensa se formou na base do meu crânio. Fechei os olhos e me forcei a respirar fundo várias vezes.

Um. Dois. Três.

Quando entramos em Nova York, já tinha conseguido acalmar o coração acelerado. Não havia por que surtar com base em hipóteses. O que mais importava naquele momento era Jordan. Todo o resto podia esperar.

Chegamos ao hospital. Peter me acompanhou até o quarto de Jordan enquanto Jake estacionava o carro. Ele parou a uma distância respeitosa quando fui cumprimentar o pai de Jordan, que estava no corredor, com a camisa amassada e o cabelo desgrenhado. Seu rosto era pura exaustão.

– Como ele está? – perguntei, baixinho.

Havia me encontrado com Richard Ford apenas algumas vezes, sempre acompanhada de outras pessoas. Ele tinha se divorciado da mãe de Jordan anos antes e passava a maior parte do tempo jogando golfe na Escócia ou velejando pelo Caribe.

– Bem, dentro do esperado – respondeu Richard. – Margot está com ele agora.

Margot era a mãe de Jordan.

– E a Orla?

Fiquei surpresa ao ver que a avó dele também não estava lá. Tinha sido ela a responsável por criar Jordan, enquanto a mãe vivia ocupada com os inúmeros amantes e o pai, viajando pelo mundo.

– Ela estava aqui quando ele acordou, mas não pode fazer muito esforço – disse Richard, enfiando as mãos nos bolsos. – Ela caiu na sexta-feira. Está internada no quarto no final do corredor.

Eu me senti ainda mais culpada. Não era próxima da família de Jordan, mas ele amava seus parentes e eu *o* amava. Racionalmente, não tinha como saber a respeito da queda da avó dele a menos que os Fords tivessem me contado, o que não aconteceu. Ainda assim, não pude deixar de me angustiar com o fato de ter passado a sexta-feira jogando *Pictionary* enquanto Orla estava no hospital.

A porta se abriu, e Margot apareceu.

Trocamos um cumprimento frio antes de eu passar por ela e entrar no quarto.

Dos Fords, a mãe dele era a que menos gostava de mim. Não sabia ao certo o motivo, mas o sentimento era recíproco. A mulher era tão afetuosa quanto um bloco de gelo.

Por mais problemáticos que fossem, os Fords haviam arranjado o melhor quarto para a recuperação do filho. Com uma TV de última geração e decoração sofisticada, parecia mais um hotel do que um quarto de hospital, mas ignorei os ornamentos pomposos e me concentrei no homem que sorria para mim. Era um sorriso fraco, mas era um sorriso.

– Oi, MOTY – disse Jordan.

– Eu já te falei que esse apelido não é legal. – Aproximei-me da cama, com o coração apertado ao ver como ele estava pálido e magro. Mas estava vivo, consciente e lúcido. Era o que importava. – Se você disser que é, vou chamar o médico pra dar uma olhada no seu cérebro.

A risada dele foi ofegante e Jordan tossiu antes de dizer:

– Minha mãe falou que você estava em Washington. Não precisava vir correndo no mesmo dia. Estou vivo, não morrendo.

– Claro que precisava. – Apertei a mão dele. – O que achou que eu ia fazer? Ficar na casa dos meus pais enquanto você passa o dia inteiro sozinho vendo TV no hospital?

– Eu odeio a programação diurna.

– Pois é.

Jordan riu outra vez, mas o som logo desapareceu sob uma expressão séria.

– Como você está?

– Bem.

Melhor do que deveria, considerando que você estava aqui. Engoli um nó na garganta.

– Eu é que devia te perguntar isso. Quando vi você na igreja, depois... depois do que aconteceu, pensei que...

– Eu sei. Eu também – disse ele, baixinho. Jordan soltou minha mão e esfregou o rosto. – Que dia mais louco. Ouvi dizer que teve a ver com uma guerra entre gangues, é isso?

– É, mais ou menos isso.

Era impossível que Jordan não soubesse da Irmandade se havia emprestado o dinheiro a Vuk, mas eu não tinha certeza *do quanto* ele sabia. O segredo não era meu, então não me senti à vontade para corrigi-lo. Cabia a Vuk revelar a verdade

caso quisesse.

– De todos os casamentos do mundo, tinha que ser o nosso – disse ele, sem qualquer humor. – Se não é um sinal do universo, não sei o que é.

De fato. Eu não era uma pessoa muito supersticiosa, mas era difícil não levar para o lado pessoal o fato de seu noivo em um casamento de conveniência quase morrer no altar.

O anel de noivado cintilou sob as luzes fluorescentes. Havia me lembrado de colocá-lo de volta antes de sair, e a joia parecia pesar dez vezes mais em meu dedo.

Não deveria forçar Jordan a uma conversa difícil depois de ele ter acabado de acordar, mas não era justo arrastar a situação ainda mais quando eu já tinha tomado uma decisão. Antes, eu havia deixado os sentimentos de lado em nome da praticidade, e olha no que isso dera.

Se tivesse dado ouvidos ao meu coração e cancelado a cerimônia, em vez de forçar a barra, não teríamos estado na igreja e Jordan não teria sido baleado.

Parecia que eu tinha engolido um bloco de concreto. Eu me forcei a afastar o nervosismo, que só aumentava, e me concentrar na tarefa que tinha em mãos.

– Na verdade, já que tocamos no assunto, eu tenho uma coisa para te contar.

– Espera. Deixa eu falar primeiro. Por favor. – Jordan respirou fundo. – Eu tinha pensado em deixar essa conversa para mais tarde, quando já tivesse saído do hospital e tivéssemos tido mais tempo para... processar o ataque à igreja, mas nós sempre fomos sinceros um com o outro, certo?

O concreto se solidificou ainda mais.

– Certo.

Consegui abrir um sorriso amarelo. *Eu vou para o inferno.*

– Então. – Ele tossiu outra vez. – Faz quase dois anos que fechamos o acordo. Na época, parecia a coisa certa a fazer. Nós dois sairíamos ganhando. Casar não parecia tão ruim, porque já éramos amigos, e as pessoas finalmente parariam de me perguntar quando eu ia sossegar. Eu achei que seria como dividir a casa com um colega, sabe? Tranquilo de fazer. Mas, quanto mais fomos nos aproximando do casamento, mais comecei a... sei lá. Não foi que perdi a coragem. Mas comecei a ter *dúvidas*. Bobagens. Coisas fáceis de relevar. E daí se eu tivesse que passar cinco anos fingindo estar apaixonado? As pessoas do nosso círculo fazem isso o tempo todo. E daí se minha família não me conhecia *de verdade*? Eles não são muito presentes mesmo. Então, aconteceu uma coisa antes da cerimônia que quase me fez mudar de ideia, mas não mudei. Por orgulho, ego, para livrar minha cara. Não importa. – Dessa vez, sua risada soou cheia de amargura. –

Levei um tiro uma hora depois. Como disse, o universo não é nada sutil. Eu deveria ter ouvido minha intuição.

As palavras dele giravam na minha cabeça. Parecia que... mas não, ele não faria isso... Mas e se...

– O que você está querendo dizer?

Prendi o ar à espera da resposta.

Jordan engoliu em seco.

– Estou dizendo que quero cancelar o acordo.

Soltei o ar com força e fiquei tonta.

– Me desculpa por te deixar na mão desse jeito. – O olhar dele era um pedido por perdão. – Ainda vou pagar pelo seu tempo. Não chegamos a nos casar, mas você passou os últimos dezoito meses fingindo ser minha noiva. Isso tem algum valor. Não serão 5 milhões... nem tenho isso tudo para gastar... mas pelo menos 1 milhão. Espero que seja...

– Jordan.

Pousei a mão no ombro dele, o interrompendo. Meu coração batia tão forte que parecia que ia sair do peito e começar a dançar ali mesmo, no meio do hospital.

– Pare com isso. Não estou chateada, e você não me deve nada. Na verdade, eu... bem, eu também ia dizer que queria romper o acordo.

Ele ficou boquiaberto.

– Sério?

Eu assenti.

– Porra. – Jordan recostou-se no travesseiro. – Eu devia ter deixado você falar primeiro e me poupado desse discurso. Eu... – Outra tosse interrompeu sua frase. – Preciso de um pouco de água depois de tudo isso.

Uma risada subiu pela minha garganta. Tentei contê-la, mas, depois que veio, não houve como pará-la. Virou uma explosão de gargalhadas e, logo depois, Jordan começou a rir também.

Eu me curvei para a frente, com lágrimas de alegria embaçando minha visão. Os ombros de Jordan tremiam tanto que a cama rangeu. O quarto vibrava com o som do nosso alívio conforme a nuvem escura sobre minha cabeça enfim se dissipava.

Outros problemas, como a Beaumont e a Irmandade, estavam à espreita, mas me dei o direito de aproveitar o momento.

Quando as risadas cessaram, peguei uma garrafa de água para Jordan no frigobar e tentei pensar nos próximos passos. Não estava muito preocupada em

anunciar nossa "separação". O ataque ao casamento nos dera uma ótima desculpa para o término, e Sloane e a assessoria de imprensa dos Fords cuidariam dos detalhes.

Estava mais preocupada com as consequências concretas para Jordan.

– O que vai ser da sua herança? – perguntei.

A incerteza engoliu o que restava de seu humor.

– Não sei, mas eu quase morri, Ayana. Isso te faz reavaliar suas prioridades. Quando a bala me acertou... antes de eu desmaiar, não pensei em dinheiro. Pensei na vida que tinha vivido e nos meus arrependimentos. Teria morrido sem contar a verdade para a minha família. Esse era o meu maior arrependimento. – Jordan franziu os lábios. – Minha avó não está bem já faz algum tempo, mas espero que a nossa separação não a leve pro túmulo ainda mais cedo.

Apertei a mão dele outra vez. Queria poder ajudar mais, mas aquela briga era dele. Jordan tinha que enfrentá-la sozinho.

– Ela valoriza muito a sinceridade, disso eu sei. Mas não faço ideia de como vai reagir ao... ficar sabendo sobre mim ou sobre o acordo. – Ele soltou um suspiro. – Acho que o pior que pode acontecer é ela me deserdar, o que não é tão ruim quanto morrer. Perder a empresa seria mais doloroso do que perder o dinheiro, mas pelo menos não teria mais que esconder quem eu sou de verdade.

– Não subestime a sua avó. Ela é uma mulher sensata e pode acabar te surpreendendo.

Orla Ford tinha uma série de defeitos, mas não tinha uma mente fechada.

– Talvez. – Jordan me lançou um olhar astuto. – E você? Qual é o seu motivo para querer cancelar o acordo?

– Hã, bem...

Ele não se importaria com minha relação com Vuk, mas era constrangedor dizer a Jordan que andáramos nos pegando enquanto ele estivera ali, inconsciente.

– É o Vuk, né?

Para alguém que havia acabado de acordar de um coma de uma semana, ele estava surpreendentemente atento.

Imaginei que já soubesse que Vuk estava interessado em mim, pois o amigo havia lhe pedido para cancelar o casamento, mas ele não sabia se os sentimentos eram recíprocos – até aquele momento.

– Sim – admiti. – Ele me contou sobre a discussão que vocês tiveram antes do casamento e também foi para Washington comigo. Foi embora hoje de manhã por conta de uma emergência de trabalho, mas nós... Quero dizer...

– Tudo bem – disse Jordan. – Não precisa falar nada. Eu sei. Dá para ver na sua cara.

– Desculpa – falei, de coração partido. – Mesmo que não estivéssemos juntos de verdade, foi errado da nossa parte nos encontrarmos pelas suas costas. Aconteceu uma vez antes da cerimônia. No início de outubro. E também... neste fim de semana. Antes de cancelarmos o acordo.

A vergonha fez meu rosto arder.

– Não preciso saber dos detalhes, mas já tínhamos conversado que não havia problema em sairmos com outras pessoas, desde que fôssemos discretos – lembrou Jordan, com um tom seco. – O que aconteceu entre vocês foi isso. Admito que seria um pouco estranho você se envolver com um amigo tão próximo, já que complicaria as coisas um pouco mais. Mas não estou com raiva de nenhum dos dois pelo que aconteceu. Estou mais chateado por você não ter me contado antes. – Ele balançou a cabeça. – Por outro lado, também guardei minhas dúvidas, então acho que nós dois estamos quites.

– Acho que sim.

Sorri com tristeza. Tínhamos perdido tanto tempo, quando deveríamos ter sido sinceros desde o início, mas algumas coisas só ficavam claras em retrospecto.

– Espero que tudo isso tenha ficado para trás.

– Espero que sim.

Jordan estava ficando cansado. Seus olhos pareciam mais pesados e a respiração, superficial. Era muita coisa com que lidar logo depois de recuperar a consciência, mas ele me dispensou quando tentei fazê-lo se deitar de novo.

– Sobre o Vuk... Ele não é perfeito, mas quando gosta de alguém, tipo, gosta *de verdade*, vai até o inferno pela pessoa. Lembre-se disso da próxima vez que ele irritar você, o que com certeza vai acontecer.

Uma nova risada brotou em minha garganta.

– Ah, eu sei. Acredite. – Dei uma olhada no celular. Nenhuma nova mensagem ou ligação. – Ele sabe que você acordou?

– Não faço ideia. Minha mãe disse que ligou para ele, mas a chamada foi direto para a caixa postal. Desgraçado. – Jordan suspirou. – Eu volto do mundo dos mortos e ele nem sequer tem a decência de me receber com um balão de "bem-vindo".

– Se ajuda em alguma coisa, ele é mais do tipo que traz uma garrafa de vodca.

– É verdade.

Jordan piscou como se estivesse lutando para manter os olhos abertos.

Estava na hora de eu ir embora.

– Descansa um pouco. Conversamos mais tarde.

Tirei o diamante do dedo e o coloquei gentilmente na palma da mão dele. Seus dedos se fecharam ao redor do anel quando me inclinei e beijei sua bochecha.

– Foi um prazer ser sua noiva, Jordan Ford.

O sorriso dele continha toda a nostalgia de nossa longa amizade.

– O prazer foi todo meu, Ayana Kidane.

Os pais dele já tinham ido embora quando saí do quarto.

Peguei o elevador até o saguão e parti em direção ao sol. Fazia anos que não me sentia tão leve.

CAPÍTULO 38

Vuk



DEXTER, TAMBÉM CONHECIDO COMO "Esqueleto". Idade: 41. Número de assassinatos: mais de cinquenta, o que fazia dele um dos assassinos mais prolíficos da Irmandade.

Não havia mudado muito ao longo dos anos. Os mesmos olhos, os mesmos óculos, o mesmo sorrisinho de merda.

– Markovic. – Sua voz suave, quase aguda, era enganosamente gentil. – Ainda vivo, pelo visto. Que pena.

Não mordi a isca e fui até a mesa. Uma série de instrumentos brilhava na superfície de madeira. Escolhi o alicate – algo simples, para começar.

Quando me virei, o rosto de Dexter estava plácido, mas percebi a olhada rápida que ele deu na mesa.

Ele sabia muito bem para que servia cada um dos instrumentos. Não fora à toa que ganhara o apelido de Esqueleto.

A maioria dos matadores preferia serviços limpos. Ele era quem os clientes chamavam para... trabalhos mais elaborados.

– Atacar durante o casamento foi um erro – falei baixinho.

Desamarrei uma das mãos dele da cadeira e, sem cerimônia, arranquei a unha do polegar com o alicate.

Um homem mais fraco teria gritado. Dexter apenas cerrou os dentes, seus músculos se contraindo. O sangue espirrou na lona.

– Achei que tivesse sido claro anos atrás. – Pincei a segunda unha e puxei. Era um começo entediante para a sessão, mas o aquecimento tinha seu valor. – Se é para vir atrás de mim... – Eu me inclinei para encará-lo enquanto removia a

terceira unha com uma lentidão cruel e agoniante. – É melhor não errar.

O primeiro grito veio na quinta unha.

Assassinos tinham um problema: não estavam acostumados a serem presas. Era verdade que alguns deles eram ex-agentes de operações especiais e uns eram mais durões do que outros, mas, no final, todos cediam. Era apenas uma questão de tempo.

Infelizmente, nosso tempo era limitado. Eu tinha poucas horas para obter as informações de que precisava, o que significava que teria que acelerar as coisas. Não poderia ficar ali me divertindo sem hora para acabar.

Por sorte, sempre tinha odiado Dexter. Eu recorria à violência extrema quando necessário, mas, para ele, a brutalidade era um prazer. Um psicopata disfarçado de professor. Se não tivesse a Irmandade para controlar seus impulsos, seria um serial killer irrefreável.

Ele não fazia parte da antiga liderança nem do grupo que invadira minha casa, e só por isso tinha sobrevivido à limpa que fiz no passado. Mas ele atirou em Jordan e quase acertou Ayana. Tinha assinado sua sentença de morte uma semana antes.

Depois de arrancar todas as unhas das mãos, joguei o alicate de lado e dei início aos trabalhos. Tinha muitas ferramentas à disposição e, quando os gritos dele ou a quantidade de sangue que encharcava a lona me deixavam atordoado, bastava imaginar Jordan caído no chão, com os olhos esbugalhados. Ouvia o grito de Ayana e sentia seu corpo tremendo por conta do choque. Era inundado por um medo frio e metálico sempre que me dava conta do quão perto ela havia chegado de levar um tiro no coração.

Bastava lembrar e sentir aquilo tudo que eu ficava *furioso*.

Cada gota de culpa, fúria, vergonha e impotência que havia sentido na última semana – ou melhor, no último *ano* – corria em minhas veias e se transformava em sede de sangue.

O mundo não existia fora dali. Washington era uma lembrança distante; Ayana era um pontinho de luz acima da superfície, longe demais para ser alcançado das profundezas da minha perversão.

Minhas veias latejavam. O monstro adormecido dentro de mim abriu caminho, destruindo lembranças de sorrisos, perfumes e passeios ao sol no final da tarde.

Era isso. Por trás dos ternos e da aparência respeitável, eu era aquilo ali. Cobrava de meus inimigos em sangue e não sentia um pingo de remorso por isso.

– Quando vai ser o próximo ataque, Dex?

A sessão já estava durando algumas horas. Ele estava irreconhecível, seu rosto uma massa vermelha de cortes e hematomas. Vários dentes estavam espalhados pelo chão ao lado de suas unhas.

– Vai se foder – sussurrou Dexter.

Ele ainda tinha força para resistir.

Já havia entregado tudo que sabia sobre como andavam as finanças, onde eram os esconderijos e qual era o novo funcionamento interno da Irmandade, mas não havia aberto o bico em relação aos planos para o futuro imediato – o que era só uma questão de tempo.

– Você pode contar ou não contar, mas vai morrer de qualquer maneira. Podemos resolver isso rápido... – Joguei a furadeira de lado e peguei um serrote. – Ou seguir o caminho mais difícil.

A respiração de Dexter gorgolejou de pânico. O serrote era seu brinquedo favorito. Ele sabia exatamente como os usuários da ferramenta podiam ser criativos.

Ele observou conforme eu me aproximava, seus olhos perdendo o brilho desafiador. Dexter não havia jurado lealdade eterna à Irmandade. Tratava-se apenas de um empregador, e a recusa dele em me dar o que eu queria tinha a ver com orgulho e despeito, nada mais.

Felizmente, orgulho e despeito não eram páreos para as garras impiedosas da dor.

Levei menos de quinze minutos com o serrote para atingir meu objetivo.

Dexter entregou Shepherd, e eu lhe dei a morte (relativamente) rápida que havia prometido.

Encostei a arma na cabeça dele e apertei o gatilho. Um esguicho carmesim salpicou minha pele. O corpo dele tombou de lado, e acabou.

Fiquei parado no silêncio, a pele pegajosa de sangue. A carnificina ao meu redor faria até os estômagos mais fortes se revoltarem, mas eu me sentia alheio a tudo aquilo.

Foi por isso. Foi por isso que a Irmandade me deixou em paz por todos aqueles anos. Eles eram assassinos profissionais, mas, quando tinha um alvo, eu era cruel. Implacável.

A adrenalina continuava pulsando e o fedor de morte sufocava meus pulmões. Deveria ir embora e deixar meus homens limparem a bagunça, mas não fiz isso.

Meu corpo estava ali, mas minha mente estava a centenas de quilômetros e a

anos de distância. Treze anos antes, para ser exato, quando havia caçado e eliminado os responsáveis pela morte do meu irmão, um por um.

A arrogância da antiga liderança da Irmandade se provara sua ruína. Eles não acreditavam que um único homem pudesse representar uma ameaça, mas o desejo de vingança era capaz de transformar pessoas comuns em monstros. Eu havia estudado seus métodos durante os anos que passara em seu meio e, quando chegou a hora, eu os adaptei para meu próprio uso.

Passei um tempo escondido depois do incêndio. Usei os truques e habilidades da Irmandade para despistá-los enquanto formulava um plano. Depois de me curar por completo, passei um ano localizando os líderes da organização. Aqueles que tinham invadido a minha casa eram meros soldados rasos. Os homens que de fato precisavam pagar estavam no topo.

Fui atrás deles em suas casas, em seus carros e em seus empregos de fachada. Quando mandavam que seus melhores homens me caçassem, eu os matava também, e me certificava de que suas mortes fossem tão terríveis que dissuadissem outros de tentarem me procurar.

Por fim, a liderança ficou tão reduzida que me ofereceu uma trégua. Esqueceria a história do livro-caixa e eu colocaria um fim na minha campanha de vingança. Eu já tinha conseguido minha revanche. Desde que ficássemos fora do caminho um do outro, poderíamos coexistir em uma paz frágil.

Aceitei. Já havia provado meu argumento, e dizimar a Irmandade não traria Lazar de volta. Ou eu deixava para lá, ou passaria o resto da vida olhando por cima do ombro, sempre alerta.

Mas ali estávamos nós, de volta à estaca zero. Eles me caçando, eu me vingando. O círculo de vida e morte continuava.

Pontos cintilaram diante de meus olhos. Pisquei, e o mundo real foi voltando aos poucos.

Dexter. O armazém. Nova York.

A clareza se assentou à medida que a névoa assassina se dissipava.

Doze horas antes, eu tivera Ayana em meus braços. Eu a tocara com as mesmas mãos que torturaram e acabaram com a vida de um homem. Eu a beijara com a mesma boca que exigira *mais* – mais informações, mais gritos –, enquanto transformava outro ser humano em uma carcaça vazia.

O que ela diria se soubesse do que eu era capaz?

O cheiro metálico de sangue se intensificou. A bile me subiu à garganta e me virei, ansioso para deixar Dexter para trás.

Quando saí do porão, Sean estava à espera. Provavelmente havia pedido que

Bruce e Mav vigiassem as saídas.

– Presumo que tenha corrido tudo bem – disse ele, sem se alarmar com minhas roupas manchadas de sangue.

Sean tinha seu quinhão de esqueletos no armário e jamais se incomodaria com meus atos.

Assenti de leve, compartilhei as informações que havia obtido e o encarreguei de confirmar a veracidade delas. Havia uma pequena chance de Dexter ter mentido, embora a maior parte do que ele dissera batesse com as dicas de Roman. Os detalhes que não coincidiam eram pontos que Roman desconhecia.

Tínhamos que agir rápido. De acordo com Dexter, a facção de Shepherd planejava outro ataque para antes do fim do mês. Daquela vez, não haveria testemunhas nem eventos públicos – o alvo seria eu, sem rodeios. Era tudo que ele sabia.

Acreditei nele. Shepherd não compartilharia mesmo o plano todo com subordinados. Felizmente, Dexter me dera a localização do seu principal quartel-general e do estoque de armas. Se os destruíssemos ou, melhor ainda, matássemos Shepherd antes do ataque, poderíamos acabar com a guerra interna da Irmandade e tirá-los da minha cola.

– Vou checar as informações e pedir para alguém localizar esse tal quartel-general – disse Sean. – Mas já estamos sobrecarregados, e isso vai consumir todos os nossos recursos. Você quer dar um tempo com a Emmanuelle até pegarmos o Shepherd?

Tinha ficado de olho na diretora da Beaumont, mas meses de investigação não haviam revelado nada. Minha intuição me dizia para não deixar para lá – tinha alguma coisa ali –, mas ainda não havia conseguido encaixar as peças. Dadas as circunstâncias, precisava definir prioridades.

Assenti outra vez, dando a Sean autorização para unificar nossos recursos.

Deixei que ele, Mav e Bruce se livrassem de Dexter enquanto eu me limpava, trocava de roupa no banheiro e jogava as roupas usadas em um incinerador. Não era muito, mas pelo menos eu não parecia mais ter saído de um filme de terror.

Esperei até estar a meia hora de distância do armazém para ligar o celular. Chamadas perdidas e mensagens inundaram a tela.

Meu coração parou por um segundo. Em um primeiro momento, pensei que tivesse acontecido alguma coisa com Ayana ou que Jordan houvesse morrido, mas uma rápida olhada nas mensagens me mostrou o contrário.

Um choque de ar frio fez meus pulmões arderem.

Ele estava acordado.

Não havia morrido por minha causa.
Ele estava acordado.

CAPÍTULO 39

Vuk



JORDAN ESTAVA DORMINDO QUANDO cheguei, então fiquei sentado ao lado dele até que seus olhos enfim se abriram. As enfermeiras reclamaram no começo, mas me deixaram em paz depois que descobriram quem eu era e quanto dinheiro doava para o hospital todo ano.

Felizmente, Jordan acordou pouco tempo depois, então não perdi o dia inteiro sentado em uma cadeira de plástico desconfortável olhando para ele.

Jordan piscou algumas vezes, os olhos turvos.

– Meu Deus. Que assustador. Eu sei que você sentiu minha falta, mas não precisava ficar aí me olhando dormir como se fosse a porra do Edward Cullen.

Ignorei a pontada de alívio no peito e bufei.

"Já acordou falando merda. Clássico."

– Como você sabe? Você não estava aqui quando eu acordei – retrucou ele. – Já faz horas. Estava começando a achar que você tinha metido o pé e se esquecido de mim.

"Alguém já te falou que você é muito carente?"

– Aham. Você.

Ficamos nos encarando por um momento tenso antes de abrirmos sorrisos enormes. Quer dizer, o sorriso dele foi enorme, o meu foi discreto.

Eu me inclinei para a frente e o abracei – nosso primeiro abraço em anos.

Não era muito de fazer isso, mas, porra, era bom tê-lo de volta.

O monitor cardíaco emitira bipes constantes durante todo o tempo que passei ali, mas só fiquei convencido de que Jordan não estava de fato morto quando ele abriu a boca.

Dei um último tapinha nas costas dele antes de me afastar. Meu sorriso morreu. Apesar de bem-humorado, Jordan estava pálido e bem mais magro depois de uma semana no hospital – uma semana que passara lá por minha causa.

Eu tinha sido o responsável por meu amigo levar um tiro *e* havia dormido com a noiva dele enquanto o cara estava inconsciente. Ainda que fosse um noivado de conveniência, minha atitude fora péssima.

Apodreceria no inferno, isso já era um fato. Mas minhas últimas atitudes me levariam para um lugar ainda pior.

O peso da nossa última conversa brotou entre nós. Ambos tínhamos falado besteira, mas o tempo e uma experiência de quase morte haviam amenizado a raiva.

"Fico feliz que você esteja bem." Comecei com o óbvio antes de entrarmos no inevitável.

– Eu também. – Jordan deu um sorriso triste. – Os médicos disseram que no começo a situação estava incerta, mas não vai ser tão fácil se livrar de mim. – Ele hesitou. – O que aconteceu com os atiradores?

"Eu cuidei deles."

Jordan sabia sobre a Irmandade, mas muito por alto. Havia lhe contado o suficiente para explicar por que precisava do dinheiro, na época da faculdade, mas ele nunca teve a real dimensão do que tinham feito ou do meu envolvimento com a organização.

Eu planejava manter as coisas assim. Recusava-me a arrastá-lo para o lado obscuro da minha vida.

– Você cuidou deles – repetiu Jordan. – E eu quero saber como?

Dei de ombros.

– Está bem. – Pela cara que ele fez, vi que tinha suspeitas, mas preferia não confirmá-las. – A Ayana veio aqui hoje de manhã. Ela me contou sobre vocês.

Meus olhos voaram para os dele.

– Fica tranquilo. Não estou puto nem nada – disse ele, com um sorriso debochado. – Tivemos uma longa conversa. Foi bem... útil, então vou falar para você a mesma coisa que falei para ela. Levar um tiro me fez reavaliar as minhas prioridades. Tipo, se não fosse pelo risco de morte, recomendaria a experiência para todo mundo, pois a clareza que se obtém é inigualável. – O tom de brincadeira desapareceu e ele continuou: – Não quero mais fingir ser alguém que não sou, Vuk, e definitivamente não quero que aquela conversa antes da cerimônia atrapalhe a nossa amizade.

Dessa vez, fui eu quem fez uma careta. Teríamos que tocar no assunto em algum momento, mas eu estava tão ansioso por isso quanto por um tratamento de canal sem anestesia.

– Fui pego de surpresa, sabe, por essa história toda da Ayana. – Jordan suspirou, e uma pontada de culpa me atingiu. – Você deveria ter me contado antes, Vuk. Não me disse nada durante todos os meses em que estivemos noivos. Eu fiz você ir com ela para a Califórnia para a prova do bolo, pelo amor de Deus.

"Não era relevante na época." Porque eu achava que eles estavam apaixonados e que eu seria capaz de enterrar minha obsessão por ela se a evitasse. Como fui idiota.

– Era relevante o suficiente para você tentar me comprar uma hora antes do casamento. Por 120 milhões de dólares. É um compromisso e tanto – rebateu Jordan. – Fiquei com raiva por você ter guardado um segredo tão grande de mim. Me senti um idiota, fazendo vocês passarem tempo juntos, quando você... – Ele suspirou de novo e esfregou a nuca. – Enfim, não importa. Já sabemos a verdade. A questão é: e agora?

Senti uma pedra esmagando meu peito.

Ele disse que não queria mais fingir. Isso significava que... Eu não ousava acreditar que...

– Fiquei muito tentado a arrastar o suspense, mas foda-se. – Jordan pegou algo na gaveta da mesinha de cabeceira e, quando abriu os dedos, um diamante conhecido brilhou na palma de sua mão. – Eu terminei com a Ayana. Oficialmente.

O ar escapou dos meus pulmões. A pedra desmoronou, levando embora uma pesada bola de temor e ansiedade.

Ele tinha terminado com Ayana. Nada de noivado. De casamento. Nada de ficarmos nos encontrando escondido. Ambos estavam solteiros e *livres*.

Se eu não estivesse sentado, teria flutuado até o teto como a pateta da Mary Poppins.

– Era inevitável. Fizemos o acordo muito tempo atrás e, quando chegou a hora, nenhum de nós queria se casar de fato. Só pensamos que tínhamos investido demais naquela farsa para cancelar tudo no último segundo – disse Jordan. – Admito que meu ego também atrapalhou. Ninguém gosta de se sentir um coitado, e ficou parecendo que você só queria usar seu dinheiro para se livrar de mim. Como se uma quantia que era tão importante para mim não fosse nada para você.

Um fio de culpa me trouxe de volta à Terra.

"Essa não foi minha intenção, mas admito que não tive muito tato durante a conversa." Hesitei. "Eu pedi a Ayana para cancelar o casamento algumas semanas antes da cerimônia. Ela se recusou. Até o último minuto, achei que seria capaz de respeitar o desejo de vocês e encarar a situação. De fingir que não morreria por dentro ao vê-la se casar com outra pessoa. Mas não consegui. Naquela última hora antes da cerimônia, entrei em pânico e, quando você me contou do acordo, pensei que houvesse uma saída. Não estava pensando em nada além de impedir o casamento. Foi minha culpa. Me... desculpa."

Não gostava muito de compartilhar meus sentimentos nem de pedir desculpas. Fazia o que fazia porque tinha vontade, e ninguém ousava dizer nada.

Mas a situação envolvendo Jordan e Ayana era diferente. Ambos mereciam mais de mim.

– Meu Deus. – Jordan me encarou, boquiaberto. – Acho que nunca vi você dizer tanta coisa de uma vez, nunca. Nem na faculdade.

Dei risada.

"Não se acostume. Estou quase atingindo minha cota de palavras do ano."

– Ainda bem que o ano está quase acabando, né? – Ele me lançou um sorriso. – Agradeço o pedido de desculpas e aceito. Me desculpa também por ter deixado meu ego ditar minhas atitudes. Não deveria ter ido em frente com o casamento. Não era justo para ninguém. Bem... – Jordan pigarreou. – Agora que já nos desculpamos, acho que não precisamos alongar essa história, né? Tudo certo entre a gente?

Minha boca se curvou para cima.

"Sim, desde que você guarde esse anel. Não quero olhar para essa merda nunca mais."

– Ei, "essa merda" custou dinheiro pra cacete.

Mas Jordan fez o que eu pedi.

"Quando você vai para casa?"

– Os médicos querem me monitorar por mais alguns dias. Depois, vou cair fora daqui. – Ele olhou para a porta, o rosto nublado. – Quando estiver em casa, vou contar tudo para a minha família. Estou com medo, mas talvez eles peguem leve, já que eu quase morri. Minha avó é quem mais me preocupa. Ela caiu na sexta-feira e isso só agravou sua condição. Espero que a conversa não piore as coisas.

Não soube o que dizer. Não tinha experiência com situações como aquela. Quando estava preocupado, gostava de ficar em casa e me isolar do resto do mundo. Presumi que não era isso que Jordan queria.

"Vai dar tudo certo no final." Era um clichê idiota, mas era o tipo de coisa que as pessoas gostavam de ouvir.

Jordan me encarou.

– Vuk Markovic está me consolando? – brincou ele. – Presumo que isso seja influência da Ayana.

"É o máximo que você vai conseguir de mim. Quer conversar mais? Procura um terapeuta."

– Você é muito babaca – disse ele, dando risada.

Ficamos conversando por mais um tempo até que uma enfermeira veio avisar que o horário de visita havia acabado.

Fui embora com o corpo zumbindo de alívio. Ele estava bem, e estava tudo bem entre nós.

Tinha passado anos achando que Jordan e eu não tínhamos nada em comum além da nossa história. Até então, não havia me dado conta de que compartilhávamos uma característica importante: a lealdade. Ele era mais leal do que eu, levando em consideração toda a história com a Ayana, e eu não dera valor a isso. Jamais repetiria esse erro.

Tinha me limpado antes de visitar Jordan, mas tomei um banho de verdade quando cheguei em casa. Eu me esfreguei a ponto de ficar vermelho, determinado a apagar as memórias daquela manhã. Dexter mereceu, mas não senti prazer nenhum naquilo.

Só depois que estava de fato limpo me vesti e liguei para Ayana.

Ela atendeu no segundo toque.

– Oi. – Sua voz calorosa invadiu meu peito. – Resolveu a emergência no trabalho?

– A maior parte, sim. – Eu me sentei à mesa e encarei a tela escura do computador. – Fui visitar o Jordan no hospital, acabei de chegar. Ele me disse que vocês terminaram.

Houve um suspiro audível, seguido de um cauteloso "Sim".

– Ótimo.

Uma única palavra englobava um mundo de sentimentos.

Ayana estava de volta à cidade. Essa ideia não era animadora – ela estava perto demais para o meu gosto, considerando a situação com a Irmandade –, mas tinha terminado com Jordan, o que significava que enfim poderíamos ficar juntos.

Minhas preocupações em relação à Irmandade eram a única coisa que me impedia de ir ao apartamento dela naquele momento. Fazia menos de 24 horas

que estávamos separados e já sentia sua falta. Era patético.

Infelizmente, precisava lidar com Shepherd primeiro. Quando ele estivesse fora do caminho, eu teria todo o tempo do mundo para ficar com ela.

– Tenho que resolver algumas pendências desse projeto nos próximos dias, mas, se você ainda quiser ter aulas de tiro, me encontra no Valhalla na sexta-feira às seis da tarde. Use uma roupa confortável.

– Encontro marcado. – Ayana hesitou por um segundo. – Encontro, tipo...

– Encontro marcado.

Praticamente ouvi seu sorriso pelo telefone.

– Não vou te prender por mais tempo, já que você tem trabalho a fazer. Nos vemos na sexta. Boa noite.

Um estranho calor percorreu minhas veias.

– Boa noite, *srce moje.*



A conversa com Ayana foi meu último momento de paz antes de mergulhar fundo no trabalho.

Sean levou menos de oito horas para confirmar as informações de Dexter. Levamos mais doze para formular e preparar um plano que era o mais rápido, ágil e eficaz possível, considerando nosso tempo e recursos limitados.

Em um cenário ideal, teríamos mais do que dois dias para realizar um ataque contra assassinos de elite. Infelizmente, a captura de Dexter havia acelerado as coisas. Shepherd estava alarmado e, se nós não agíssemos logo, ele desapareceria antes que tivéssemos a chance de pegá-lo.

Eu não protelaria a situação por mais tempo do que o necessário. Queria que a questão da Irmandade ficasse para trás de uma vez por todas. Depois que Shepherd morresse, Roman reuniria as tropas e eliminaria a outra facção. Ele já tinha um plano, só precisava dos meus recursos para executá-lo. Quando isso acontecesse, ele assumiria o controle da Irmandade, e prometeu que faria todos jurarem nunca mais irem atrás de mim.

O plano exigia muita confiança em alguém que não era nem um pouco digno de confiança. Para o meu azar, eu não tinha opções melhores. Ou fechava com Roman, ou passaria sei lá quanto tempo em risco, travando uma guerra contra a organização. Não podia permitir que isso acontecesse logo quando eles tinham abandonado as regras e começado a perseguir civis.

Usuário 02 – tempo de chegada: 5 minutos.

Meu coração disparou com a mensagem criptografada de Roman. Acenei com a cabeça para Sean, que ordenou que o restante da equipe se preparasse.

Era quarta-feira à noite. O Dia D. Havia doze pessoas na minha equipe, além de mim. Metade delas estava ali comigo. Era a Equipe A. A Equipe B aguardava a menos de cinco minutos de distância, caso precisássemos de apoio.

O esconderijo principal de Shepherd ficava no final de um beco sem saída, em Jersey, a cerca de quarenta minutos de carro do centro. Desde segunda-feira, o local estava sendo vigiado pela equipe de reconhecimento, que relatara um grande aumento de atividade no local nos últimos dias. Ele estava carregando equipamentos, o que confirmou minha decisão de atacar antes que ele abandonasse o posto.

Eu havia contratado anonimamente um ator da área para convidar os outros moradores da rua para uma "experiência gastronômica exclusiva" gratuita em um dos restaurantes mais famosos de Nova York. A refeição custava mais de mil dólares por pessoa e costumava ser impossível fazer uma reserva. O ator explicou que se tratava de uma oferta do restaurante em comemoração a seu aniversário de um ano. Era uma proposta boa demais para recusar, então não havia ninguém na rua aquela noite além de nós.

A Equipe A estava instalada na casa mais próxima do esconderijo de Shepherd. Conseguimos entrar e nos acomodar depois que Roman tirou o líder da facção de seu esconderijo com uma desculpa esfarrapada. Para a nossa sorte, não havia nenhum outro membro presente.

Shepherd e Roman estavam a poucos minutos de voltar, e a tensão era tão densa que daria para cortá-la com uma faca. Eu estava no andar térreo com Sean, Mav e Bruce. Os demais estavam no andar de cima.

Fiquei me perguntando o que os verdadeiros donos da casa pensariam se vissem sete homens plantados na sala e nos quartos, carregados de armas e computadores. Com certeza nada de bom.

Se tudo corresse conforme o planejado, não precisaríamos usar as armas, mas era sempre bom estar preparado.

Um utilitário esportivo preto entrou na rua e estacionou em frente à casa. Fiquei alerta. Ao meu lado, Sean também ficou.

Um homem de cabelos grisalhos desceu. Tinha o corpo esguio e uma expressão severa, o que não combinava com as roupas casuais. Roman saiu logo depois, sem nem olhar para a casa onde estávamos.

Eu e minha equipe estávamos muito bem escondidos nas sombras. Mesmo assim, eu aguardava ansioso o momento em que Shepherd se viraria e nos

flagraria tentando emboscá-lo.

Esse momento nunca chegou.

Ele e Roman entraram na casa. As telas dos computadores ganharam vida, exibindo imagens em preto e branco dos dois homens do lado de dentro. O cronômetro que tínhamos conectado à porta da frente começou a contar o tempo.

Cinco minutos.

Shepherd e Roman pararam na sala de jantar. Trocaram algumas palavras, parecendo tranquilos. Uma pena que não houvera tempo de instalar um sistema de áudio, então não dava para ouvir o que estavam dizendo.

Quatro minutos.

Roman apontou para a saída, imperturbável. Dirigiu-se à porta, mas Shepherd o agarrou antes que ele desse o segundo passo.

– Merda – sussurrou Sean.

Meu coração acelerou. O plano era Roman garantir que Shepherd entrasse na casa e *ficasse lá* até que os explosivos detonassem. Ele tinha cinco minutos para sair, ou explodiria junto com o líder da facção.

Três minutos.

Roman devia ter sido muito persuasivo para convencer Shepherd a sair de casa quando o homem já estava desconfiado por conta do desaparecimento de Dexter. No entanto, a tentativa repentina de Roman de ir embora acendera alguns alertas, porque o rosto de Shepherd se fechou por completo.

Dois minutos.

Shepherd soltou o braço de Roman. Com um gesto tão rápido que mal consegui acompanhar, ele sacou a arma e a apontou para a têmpora de Roman.

– Merda – comentou Mav. – Ele está fodido.

– Pelo menos está garantindo que Shepherd fique lá dentro enquanto a casa explode – disse Bruce. – Já é alguma coisa.

Ninguém respondeu.

Um minuto.

Meu coração batia no ritmo da contagem regressiva. Um emaranhado confuso de emoções se formava em minhas entranhas.

Não gostava de Roman. Só confiava nele quando necessário. Eu o teria matado com prazer naquele dia no escritório, mas ele se salvou por um triz.

Traidores eram traidores e, mesmo que ele estivesse do meu lado, suas atitudes não me agradavam nem um pouco.

No entanto, ele também havia fornecido ajuda e informações valiosas para

minha luta contra a Irmandade. Suas motivações eram egoístas? Sim. Mas ele ainda não havia me induzido ao erro, o que, para ser sincero, era mais do que eu esperara.

Dei uma olhada no cronômetro. Faltavam trinta segundos.

Havíamos corrido contra o tempo para espalhar os explosivos nos dois andares da casa de Shepherd. O alcance era limitado à casa e a parte do quintal, mas eram potentes o bastante para dizimar qualquer pessoa dentro daquele raio.

Tínhamos considerado opções mais sutis, incluindo um franco-atirador ou veneno, mas isso seria dar margem ao acaso. Às vezes, a força bruta era a única estratégia confiável.

Na tela, Roman estava falando. Seu argumento foi suficiente para impedir que Shepherd puxasse o gatilho. O que foi um erro.

Em um movimento ainda mais rápido do que o de seu rival, Roman torceu o braço de Shepherd e chutou a arma para o outro lado do cômodo.

Vinte segundos.

Roman não se deu ao trabalho de olhar para o líder da facção. Saiu correndo em direção à saída. Shepherd correu atrás dele com uma expressão quase selvagem.

Dez segundos.

Bruce e Mav se endireitaram. Meu coração trovejava.

Cinco.

Roman estava quase chegando à porta quando Shepherd o agarrou pela camisa. O pânico se espalhou pelo rosto de Roman.

Quatro.

Ele se virou e conseguiu dar uma joelhada na virilha de Shepherd, que curvou o corpo para a frente.

Três.

Roman conseguiu se libertar e abrir a porta.

Dois.

Ele correu na direção do quintal e...

BUM.

A explosão o atirou no meio da rua. Chamas irromperam das janelas e iluminaram o céu noturno.

Minha equipe e eu estávamos preparados com protetores auditivos, mas a explosão foi tão alta que fez a casa e meus ossos tremerem.

A Equipe A então se espalhou para lidar com os desdobramentos e se certificar de que Shepherd estava morto. Um deles tirou Roman da calçada; ele

estava coberto de fuligem e tinha uma expressão irritada.

Fiquei dentro da casa. Olhei para as chamas dançando a menos de dez metros de distância. Eram lindas, o que as tornava mais traiçoeiras. O cheiro acre da fumaça se infiltrava pelas janelas trancadas e em meus pulmões.

Carne queimada. Um corpo inteiro. O cadáver de Shepherd estaria parecido com o de meu irmão? Será que a dor que ele sentiu foi igual a de Lazar ou sua morte foi rápida e misericordiosa? Shepherd merecia sofrer.

– Vuk.

A voz calma de Sean me tirou daquele turbilhão de pensamentos.

Ele havia previsto a reação que eu poderia ter ao fogo, mas insisti em ir mesmo assim. Não permitiria que meus homens arriscassem suas vidas se não estivesse disposto a fazer o mesmo.

Relaxei o rosto e me virei para meu chefe de segurança. Ele estivera se comunicando com a equipe pelo fone de ouvido.

– Tudo certo – disse ele. – Shepherd era a única pessoa na casa. Os rapazes já estão com o corpo. Ele está morto.

Morto.

Shepherd estava morto. Nosso plano de última hora havia, de alguma forma, dado certo.

Olhei pela janela outra vez.

Minha equipe havia controlado as chamas. Roman tinha desaparecido, como esperado. Havíamos interceptado as linhas telefônicas de emergência para que nenhum socorrista nos interrompesse, mas ainda assim era prudente deixar o local o mais rápido possível e sem deixar rastros.

Quando os investigadores enfim analisassem a explosão, encontrariam evidências plantadas de uma meia-verdade: um líder criminoso exterminado pelos adversários. As autoridades policiais nunca se esforçavam muito para levar um assassino de assassinos à justiça. Logo, o caso seria relegado ao fundo de uma gaveta e nunca mais tocariam nele.

Shepherd estava morto.

Essa informação cruzou meus pensamentos outra vez. Esperava sentir alívio, mas o peso em meus ombros não se moveu.

Tirando o fato de Roman quase ter morrido, a facilidade com que um dos líderes da Irmandade fora eliminado pareceu decepcionante. Decepcionante *demais*. Nem sequer recorremos à Equipe B.

Era mesmo tão fácil assim? A nova geração era tão desleixada a ponto de ser vítima de um plano elaborado às pressas?

Tínhamos um infiltrado e o elemento-surpresa do nosso lado (mais ou menos), o que podia explicar nosso sucesso.

Ainda assim, depois que eu e meus homens resolvemos tudo e partimos, não conseguia me livrar da sensação de que meus problemas ainda não haviam terminado.

CAPÍTULO 40

Ayana



PASSEI A SEMANA INTEIRA ansiosa para me encontrar com Vuk.

Durante esse tempo, fiz compras, tricotei, vi TV e recusei um trabalho para o mês seguinte. Pensei que Emmanuelle fosse me retaliar de alguma forma depois que eu dissera poucas e boas para ela ao telefone, mas, desde a ligação, ela não tinha dado sinal de vida. Foi Hank quem me enviou a proposta de participar de uma campanha, só que eu ainda não estava preparada para voltar ao trabalho.

Ele tinha ficado irritado, mas essa era a última das minhas preocupações quando cheguei ao campo de tiro do Valhalla, na sexta-feira.

O local parecia saído de um thriller de espionagem. Pisos de pedra cinza-claro, paredes revestidas de Kevlar, catorze cabines de tiro de última geração separadas por divisórias personalizadas que abafavam o ruído das armas, reduzindo assim o nível de decibéis dentro de cada baia. De acordo com as informações em destaque na entrada, o campo de tiro também contava com um sistema de filtragem de ar para remoção da fumaça e um estande de realidade virtual, que eu nem sabia o que era.

Apesar dos recursos de alta tecnologia, estava vazio, exceto por Vuk e por mim. Cheguei dez minutos mais cedo, mas ele já estava me esperando.

Camisa preta, calça preta, cabelo preto. Estava como sempre, mas senti um frio na barriga como se fosse a primeira vez que nos víamos.

Não nos encontrávamos desde Washington.

Seis dias. Parecia uma vida inteira.

Um sorriso surgiu nos lábios dele quando me viu.

– Isso é o que você chama de roupa confortável?

Havia optado por um vestido de caxemira ultramacio e botas de salto alto Louboutin na altura do joelho. Meu cabelo estava preso em um coque e eu usava brincos de rebite dourados. Não queria que minhas joias agarrassem em nada.

Dei de ombros, sem entender qual era o problema.

– Eu me sinto confortável de vestido e salto alto.

Usava sapatos de salto desde a adolescência. Àquela altura, era capaz de correr uma maratona com eles.

Vuk balançou a cabeça, mas seu sorriso aumentou um pouquinho.

– Resolveu suas pendências? – perguntei.

– Resolvi.

Seus olhos me acompanharam conforme me aproximei, movendo os quadris em uma versão mais casual de como desfilava na passarela. Uma onda de calor engoliu o humor em seu olhar.

– Saiu tudo do jeito que você queria?

– Sim.

– Que bom.

Parei a centímetros dele. O aroma de baunilha, madeira e uma pitada de rum invadiu minhas narinas. Ele estava usando o perfume que eu lhe dera de aniversário, e reprimi um sorriso todo bobo.

– Não esperava menos que isso.

– Bom saber. – Seus olhos brilharam com fascínio, temperado com certo pesar. – Me desculpa mais uma vez por ter ido embora no meio da madrugada. O assunto era... urgente.

– Tudo bem. – Cheguei mais perto. Meu peito roçou o dele, e sua respiração falhou. – Sei como você pode me recompensar.

– Ah, é? – Ele semicerrou os olhos. – Como?

Eu me inclinei para a frente, roçando os lábios em sua orelha.

– Me ensinando a atirar.

A risada dele me acompanhou até a cabine de tiro.

Abri um sorriso. Gostava de implicar com ele e gostava ainda mais de ouvi-lo rir.

Como era minha primeira vez em um campo de tiro, Vuk começou explicando os procedimentos de segurança e me dando um resumo de como as coisas funcionavam – como pendurar alvos, quando fazer pausas, o que fazer quando algo desse errado, e assim por diante. Depois que ele me orientou sobre todo o processo, colocamos o equipamento de segurança e começamos.

Vuk se posicionou atrás de mim e ajustou minha postura.

– Segura meio centímetro mais alto. Dobra o cotovelo esquerdo e vira seu lado esquerdo em direção ao alvo. – A mão dele era áspera e quente, e suas instruções, frias e precisas. – Isso mesmo. Muito bom.

O ar suave de seu elogio roçou meu pescoço.

Senti um aperto na barriga. Aquilo não deveria ser tão sexy, mas estar tão perto dele e o jeito confiante e hábil com que Vuk colocava meu corpo na posição que queria fizeram o desejo pulsar entre minhas coxas.

Eu me obriguei a deixar de lado o pensamento libidinoso. A última coisa que queria era me distrair enquanto segurava uma arma.

Quando ficou satisfeito, Vuk se afastou. Apertei o gatilho e... errei o alvo. Também errei o tiro seguinte, e o seguinte. O tranco da arma e meu nervosismo faziam com que atirar fosse muito mais difícil do que Nate Reynolds fazia parecer em seus filmes de ação.

Para ser justa, acertei algumas partes do alvo, mas não as que eu *queria* acertar. O joelho e o antebraço ficaram esburacados, embora eu estivesse mirando no coração.

Fiquei tão constrangida que quase desisti no meio do caminho, mas desistir era pior do que fracassar. Por isso, insisti, até que o último tiro chegou a vários centímetros do coração. Não era ótimo, mas muito melhor do que acertar o joelho outra vez.

– Melhorou. – Vuk foi surpreendentemente paciente com tantos erros e sorriu ao ver minha cara de decepção. – Você vai pegar o jeito.

– Espero que sim. Caso contrário, posso acabar virando alvo de mim mesma – resmunguei.

Apesar do meu péssimo desempenho, senti uma pontada de orgulho. Não planejava atirar em ninguém (armas ainda me deixavam nervosa, e havia uma diferença entre atirar em um objeto inanimado e em uma pessoa de carne e osso), mas o simples fato de aprender fazia com que me sentisse mais segura. Mais no controle.

Em um mundo onde existiam organizações como a Irmandade, qualquer vantagem fazia diferença.

Depois que a aula terminou, fui ao banheiro me ajeitar e me reuni com Vuk na sala de espera. Saímos juntos do campo de tiro, nossos passos sincronizados de forma natural.

– Falei pra você que eu conseguia atirar de salto alto – brinquei.

– Talvez você tivesse acertado o alvo se estivesse usando outra coisa – disse Vuk.

Arfei e bati no braço dele quando paramos em frente a um elevador dourado. Ele sorriu, os olhos cheios de malícia.

Apesar da sua absoluta falta de respeito por meus amados sapatos, eu adorava aquele lado provocador e alegre dele. Não sabia qual fora a questão no trabalho, mas havia eliminado algumas das rugas de estresse ao redor de sua boca. Não tinham desaparecido por completo, mas estavam mais suaves.

Fiquei me perguntando se o tal "trabalho" tinha algo a ver com a Irmandade. Não queria estragar o clima perguntando, então guardei a curiosidade por ora. Se ele não estava preocupado, eu também não ficaria.

O elevador tinha um teclado biométrico no lugar de um botão. Vuk encostou o polegar no teclado, e houve um sinal sonoro acompanhado de um piscar de luzes amarelas. Dois segundos depois, as luzes ficaram verdes e as portas se abriram.

Não falei? Coisa de thriller de espionagem.

– Que chique – comentei, observando os espelhos brilhantes e o carpete vermelho do elevador.

Não tinha certeza de para onde ele estava me levando, mas estava feliz em acompanhá-lo.

– Ser presidente do comitê de gestão tem suas vantagens – disse Vuk. – Este é o elevador privativo que dá direto na minha sala. Ninguém pode acessá-lo sem minha impressão digital.

As portas se fecharam, e ele apertou o botão para o quarto andar.

– Então o elevador é inteiramente privativo? Não tem como ninguém entrar por acaso?

Ele balançou a cabeça.

Eu ainda estava sob o efeito da adrenalina do campo de tiro e me lembrei do calor do corpo dele atrás de mim. Seu controle, sua precisão, seu tom de comando quando me disse o que fazer e como.

Minha pele vibrava. Estendi a mão e apertei o botão de parada de emergência antes que a vergonha me dissuadisse. O elevador tremeu e parou.

Vuk arqueou as sobrancelhas.

– Me dei conta de que não nos cumprimentamos direito. – Umedeci os lábios. Minha garganta estava completamente seca. – Hoje é a primeira vez que nos vemos desde que eu e o Jordan terminamos. Não estou mais noiva.

Foi como se eu tivesse jogado um fósforo aceso em uma poça de gasolina. As faíscas ganharam vida no elevador minúsculo, e o olhar de Vuk se tornou sombrio.

– Não. Não está mais.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, o tom de voz baixo de suas palavras teria me feito sair correndo. Sendo ele, apenas atiçou a chama que tremeluzia entre minhas coxas.

Mesmo assim, dei um passo para trás quando ele diminuiu a distância entre nós. Esbarrei no corrimão de madeira, e Vuk colocou uma mão de cada lado do meu corpo, me encurralando.

– Não tem câmeras aqui – murmurou ele, seus lábios deslizando ao longo da minha mandíbula. – Posso fazer o que quiser com você... – Ele mordiscou o lóbulo da minha orelha com força suficiente para me fazer gemer. – E ninguém vai saber de nada.

Meus mamilos endureceram e não me preocupei em conter um gemido quando a mão dele deslizou por baixo do meu vestido.

– Ótimo – sussurrei.

Vuk gemeu e me puxou para um beijo voraz, que retribuí com avidez, meus dedos se cravando em seus ombros enquanto ele me levantava e me apoiava no corrimão.

Não era largo o suficiente para me sustentar, então passei as pernas ao redor da cintura dele e me arqueei contra seu corpo. A pressão de seu pau grosso e duro contra meu clitóris me fez gemer outra vez, com ainda mais tesão.

Não havia mais um noivado pairando sobre nossas cabeças. Não havia nada que nos impedisse de fazer o que quiséssemos, e, meu Deus, como eu o *queria*. Tanto que mal conseguia respirar.

O beijo de Vuk foi se tornando mais intenso conforme ele subia meu vestido até a cintura. O ar gelado roçou a parte interna das minhas coxas. O contraste com o calor do corpo dele fez minha mente girar.

Ele passou os dedos pela costura da minha calcinha e os deslizou para debaixo da seda delicada.

– Já está encharcada. – Ele soltou um muxoxo, como se estivesse desapontado com minha falta de vergonha. – Passou a semana toda querendo que eu te comesse, né?

Eu estava cada vez mais molhada, mas não resisti a uma piadinha.

– A semana toda, não. Você me comeu no sábado.

Ainda era sexta-feira, seis dias depois.

Vuk riu, o som cheio de um humor sombrio.

– Não, *srce moje*. Aquilo nem contou como te comer.

Ele afastou os dedos e, antes que eu pudesse assimilar o que estava

acontecendo, me deu um tapa na boceta. A ardência de sua mão contra meu clitóris me fez soltar um gritinho. Minha visão ficou turva. A excitação jorrou e estragou de vez minha calcinha já encharcada.

– Isso aqui vai contar.

CAPÍTULO 41

Vuk



O GEMIDO DE TESÃO de Ayana foi a minha ruína. Ela estava *pingando* depois do tapa que dei em sua boceta, e não me preocupei em me conter ao enganchar os dedos na calcinha dela outra vez. Eu a rasguei com um puxão e a joguei no chão.

Havia passado o dia inteiro no limite. A semana inteira, para ser sincero. A emboscada contra Shepherd havia monopolizado meu tempo e minha energia, o que significava que fazia dias que eu não a via.

Havia sobrevivido décadas sem ela, mas agora que a tinha em minha vida, não conseguia imaginar viver com sua ausência.

Precisava vê-la.

Tocá-la.

Saboreá-la.

Me preencher tão completamente dela a ponto de gravá-la para sempre na minha alma.

– Me conta. – Enfiei um dedo em Ayana, que estava tão molhada que ele entrou sem resistência. – Você chegou a beijar o Jordan durante o noivado?

A respiração de Ayana ficou trêmula. Ela rebolou os quadris, tentando se esfregar contra minha mão sem cair do corrimão estreito.

– Você está mesmo me perguntando sobre outro cara agora?

Meti mais fundo, atingindo um ponto que a fez arfar.

– Responde. – Meu tom era duro e inflexível.

Ela estava encharcando minha mão. Estava ansioso para dar a Ayana tudo que ela me pedia em silêncio, até que me encharcasse todo, mas me contive.

Ainda não.

Depois de anos de desejo e espera, ela enfim era minha. *Só* minha. E eu ia aproveitar cada maldito segundo.

– Sim. – Ayana engoliu em seco. – Algumas vezes.

Meu polegar pressionou seu clitóris com força suficiente para provocar um tremor involuntário. Ela arqueou os quadris outra vez.

– "Algumas" quantas? – perguntei, com um tom sombrio.

– Eu não... não sei direito.

Um lamento desesperado escapou quando retirei o dedo.

– Chuta.

Dei outro tapa na boceta dela. Seu clitóris latejava contra a palma da minha mão, e o cheiro doce e almiscarado de sua excitação se espalhava no ar.

Caralho, ela estava muito molhada. Meu pau latejava de vontade.

– Quatro – respondeu ela, ofegante. – Nós nos beijamos quatro vezes.

– Ótimo. – Afastei um cacho de seu rosto e aproximei a boca da orelha dela. – Porque essa é a quantidade de vezes que eu vou te foder até cansar neste elevador, *srce moje*. Vou te fazer gozar tão forte que você não vai se lembrar do seu nome depois, muito menos de quantas vezes beijou outro homem.

Ayana estremeceu. Seus mamilos intumescidos marcavam o vestido.

Ela estava sem sutiã.

Ao me dar conta disso, uma onda de desejo ardente correu para minha virilha. Meu pau estava tão duro que chegava a doer, e eu não consegui mais me segurar.

Abri as pernas de Ayana com o joelho e tirei uma camisinha do bolso. Só tinha uma, então teria que ser criativo para fazer com que ela gozasse quatro vezes, mas tinha certeza de que daria um jeito.

Após colocar o preservativo, não perdi tempo e mergulhei nela. Puxei o zíper do vestido até que o tecido caísse ao redor de sua cintura, deixando seus seios à mostra. Abaixei a cabeça e me banqueteei com seus mamilos enquanto metia e me deliciava com o doce som de seus gritos e gemidos.

Os ruídos úmidos e obscenos de nossos corpos se chocando tomaram conta do elevador. Não havia mais nada ao redor. Estar com ela me deixava fascinado, e eu queria desesperadamente tirar todos os outros pensamentos da mente dela. Consumi-la tanto quanto ela me consumia.

Fechei os dentes ao redor do mamilo dela e puxei. Ayana se contraiu em volta do meu pau com um arquejo. Estava tão fundo dentro dela que não sabia onde eu terminava e ela começava, e ainda assim não era o suficiente.

Levantei a cabeça e a beijei de novo, deleitando-me com seu sabor.

Seu desejo. Sua paixão.

Não estava acostumado a perder as estribeiras. Fosse nos negócios ou no sexo, sempre mantinha um controle rígido das emoções. Sempre chegava às mesas de negociação em vantagem, porque nunca queria tanto fechar o acordo quanto o outro lado. Podia abrir mão com facilidade e não pensar mais no assunto.

Mas, com Ayana, era impossível abrir mão de qualquer coisa. Era impossível negociar.

Ela era *minha*, e preferia morrer a perdê-la.

– *Vuk*.

Ayana soltou um gritinho, os saltos pressionando minhas costas. O desejo dela era tão feroz quanto o meu, e eu estava adorando. Vê-la no campo de tiro tinha sido a coisa mais sexy do mundo. Não por conta das armas ou dos saltos sensuais (embora pouco práticos), mas por sua força e determinação. Quando ela queria alguma coisa, corria atrás. Quando fracassava, se levantava e tentava outra vez.

Não havia nada no mundo mais sexy do que isso.

– Repete o meu nome – rosnei.

– Vuk. – A cabeça de Ayana se recostou na parede. Seu peito subia e descia em respirações descompassadas. – Por favor.

– Por favor, o quê?

– Por favor, me fode com força. Eu quero... eu preciso... *Ai, meu Deus!*

O gemido dela me dilacerou quando a penetrei com ímpeto. Ayana estava tremendo, seus gritos se transformando em um soluço enquanto ela enterrava o rosto em meu pescoço e surfava as ondas de seu orgasmo.

– Começa a contar. – Diminuí o ritmo das estocadas, para evitar gozar cedo demais. Ainda tínhamos muitos orgasmos pela frente. – Começa a contar quantas vezes você goza para mim, *srce moje*.

– Uma.

Ela gemeu em protesto quando saí de dentro dela e a coloquei no chão.

– Se inclina para a frente e segura no corrimão – ordenei.

Ela obedeceu sem hesitar. Meu pau latejou mais uma vez com a imagem lasciva dela toda aberta e encharcada por minha causa. As evidências do primeiro orgasmo escorriam por suas coxas. A calcinha estava rasgada no chão e o vestido, enrolado na cintura, mas aquelas botas... Puta merda. O couro preto se moldava a cada curva de suas pernas, e os saltos eram afiados o suficiente para matar.

A mulher mais linda do mundo, seminua, com a bunda empinada e usando

os sapatos mais sexy que eu já tinha visto. Quase ejaculei naquele momento.

Cerrei os dentes e contei até três. Assim que recuperei o controle, alinhei a cabeça do meu pau à boceta dela outra vez.

– Você gosta quando eu te fodo com força, não gosta?

Apertei a bunda dela com as duas mãos.

Ayana assentiu freneticamente, o corpo tremendo de expectativa.

Dei a ela o que pediu. Fechei uma das mãos ao redor do seu pescoço, usando-o de apoio para poder comê-la mais rápido, mais forte e mais *fundo*. O suor cobria nossa pele. O cheiro de sexo cobria as paredes revestidas de veludo, transformando o elegante elevador em um antro de pecado e depravação.

Não demorou muito para que Ayana explodisse de novo. Suas costas se curvaram e sua boceta se contraiu, apertando meu pau em uma busca desesperada por mais.

Merda. Fechei os olhos, o prazer quase insuportável.

– Conta – mandei.

O som da minha voz tensa trouxe de volta algum parco controle.

– Dois – soluçou ela.

Saí de dentro dela outra vez, virei-a de frente e me ajoelhei. Meu corpo inteiro pulsava de tesão. Precisava de mais tempo para me acalmar, por isso fiz com que ela chegasse ao terceiro orgasmo de outro jeito.

Comecei devagar, percorrendo seu clitóris sensível com longas e lentas lambidas, até que os tremores do orgasmo diminuíssem. Quando a respiração dela se estabilizou, intensifiquei meus esforços, lambendo e chupando com uma intensidade obstinada até que ela estivesse se contorcendo contra o meu rosto.

Ayana agarrou a minha nuca e apertou meu rosto contra seu corpo.

– Isso, aí! *Bem aí.* Ai, *caralho*!

Passei uma de suas pernas pelo meu ombro para poder mergulhar mais fundo. Enfiei a língua dentro dela, e Ayana levou menos de dois segundos para inundar minha boca com seu mel.

O gosto dela era tão bom que eu não podia desperdiçar nada. Segurei-a com firmeza até que tivesse bebido cada gota. Quando enfim me levantei, meu rosto brilhando com a recompensa de meus esforços, ela mal conseguia falar.

– Três. – Sua voz rouca me causou uma pontada na virilha. – Não aguento mais – implorou ela quando a levantei e envolvi minha cintura com as suas pernas. – Vu... *aaaah*.

Ayana gemeu quando meti devagar meu pau na boceta dela.

– Aguenta, sim – respondi, calmamente. – Você aguenta tudinho, querida.

Meti mais fundo, até estar enterrado dentro dela.

– Só mais um. – Dei um beijo carinhoso em seus lábios. – Vamos fazer valer a pena.

E foi o que fizemos.

Na segunda estocada, Ayana já havia esquecido os protestos e começado a cavalgar loucamente. Eu a segurei enquanto ela quicava no meu pau, arrancando cada grama de prazer de nós dois até eu não aguentar mais.

Minhas bolas se contraíram e xinguei baixinho. Eu me ajeitei para poder esticar a mão e brincar com seu clitóris. Encostei o polegar no nervo inchado, estimulando-a.

Ayana gritou pela enésima vez naquele dia. Luzes explodiram atrás dos meus olhos. Meu grunhido alto se misturou aos sons do êxtase dela conforme desabávamos juntos, nossos corpos pressionados em um abraço trêmulo e encharcado de suor.

Embora o clímax tivesse sido uma agonia deliciosa, o pós-orgasmo foi suave, quase pacífico. Ficamos abraçados por muito tempo depois que nossas respirações voltaram ao normal, perdidos demais em nosso mundinho para correrm os risco de nos afastarmos um do outro.

– Quatro – sussurrou Ayana.

– Quatro o quê? – perguntei contra seu pescoço.

– O quê?

– O que você está contando, Ayana?

– Sei lá. – Ela soou atordoada. – Não consigo nem pensar direito agora.

A pele dela abafou o som da minha risada. Levantei a cabeça e a coloquei de pé com delicadeza.

– Vem, querida. Deixa eu limpar você.

Ela estava um caos, mas ainda tão linda que me deixava sem fôlego.

Destravei o elevador e peguei a calcinha rasgada do chão. Quando chegamos à minha sala, cuidei de nós dois com uma ducha longa e quente.

– Obrigada, Deus, pelos elevadores privativos – disse Ayana. – E pelos banheiros privativos também.

Ela afundou na cama com um suspiro sonolento. Meu roupão praticamente a engolia.

Eu sorri.

– Como eu disse, ser o presidente tem suas vantagens.

Meu escritório no Valhalla era, na verdade, um conjunto de salas que incluía o escritório propriamente dito, uma sala de estar, um banheiro privativo e até

mesmo um quarto com vista para os jardins. Era raro eu usá-lo, mas acabou sendo útil naquele dia.

– Espero que não se importe, mas mandei seu vestido para a lavanderia enquanto você estava, hã... ocupada.

Ayana tinha ficado no banheiro depois do banho e passara um bom tempo em sua rotina de beleza.

– Vai estar pronto daqui a algumas horas. Enquanto isso, você pode pegar uma roupa limpa no armário.

A última palavra mal havia saído da minha boca quando ela se levantou e saiu correndo na direção do guarda-roupa.

– Você sempre tem roupas de mulher no seu escritório? – brincou ela.

Ayana abriu as portas, e seu rosto se iluminou com a riqueza de opções que a aguardava.

Soltei um grunhido.

– São para você. Liguei para a estilista do clube e pedi que trouxesse algumas opções enquanto você estava no banheiro.

– Não precisava ter feito isso.

Mas Ayana já estava mergulhada no armário, a voz abafada por camadas de seda e caxemira. Um minuto depois, ela reapareceu com os olhos arregalados e um vestido de seda dourado na mão.

– Vuk. Este vestido custa uns 10 mil dólares.

– Sim. – Ela continuou me encarando, e eu franzi a testa. – Muito barato?

– Muito *caro*. – Ela roçou o tecido entre os dedos. – Essa estilista só faz dez de cada modelo. Não é algo para se vestir enquanto espera a roupa voltar da lavanderia.

Fazer dez peças de cada modelo parecia uma decisão comercial idiota, mas guardei essa opinião para mim.

– É só um vestido, *srce moje* – respondi, achando graça. – A menos que você não tenha gostado. Nesse caso, posso pedir para alguém trazer mais opções.

– Não. – Ayana pressionou o vestido contra o peito. – É perfeito. Não se atreva a tirá-lo de mim.

– Você é a supermodelo. Achei que estivesse acostumada com vestidos de 10 mil dólares – provoquei.

– Olha só, essas coisas são para a passarela. Adoro uma peça exclusiva, mas não uso alta-costura todo dia. É pedir para ser roubada.

Ela tirou o roupão de banho e colocou o vestido, que lhe serviu como uma luva.

– Se alguém tentar roubar seu vestido, atire na pessoa. Mas tente acertar *o ladrão*, e não um espectador inocente.

Dei risada quando ela me lançou um falso olhar fulminante e jogou uma bolinha de papel de seda em mim, que peguei facilmente.

– O que você vai fazer na sexta que vem? – perguntei.

– É aniversário da Maya. Ela vai dar uma megafesta para comemorar. – Ayana se sentou ao meu lado na cama. – Você também foi convidado. Deveria ir.

A única Maya que conhecia era Maya Singh. Gostava dela, mas odiava festas de aniversário.

– Talvez – respondi, sem me comprometer.

– Por quê? O que vai acontecer sexta que vem? – perguntou Ayana.

– Estava planejando recompensar você pelo que rolou em Washington, mas podemos deixar para a próxima.

– Humm. – Senti o calor emanando do rosto dela. – Achei que o elevador tinha servido para isso.

– Gosto de ser minucioso em meus pedidos de desculpas.

Abri outro sorriso diante de sua expressão confusa. Não havia planejado mais sexo para o pedido de desculpas "oficial", embora não me opusesse à ideia, mas uma batida na porta do escritório interrompeu nossa conversa antes que eu pudesse me explicar.

Uma notificação apareceu no meu celular, lembrando-me de um compromisso. Merda. Havia me esquecido dele.

– Desculpa. Tenho uma reunião rápida para fazer, mas fique à vontade. Volto já.

– Não se preocupe – disse Ayana, me tranquilizando. – Vou me distrair por aqui.

Saí do quarto e fechei a porta. Dominic Davenport entrou no momento em que me sentei atrás da mesa.

– Você queria falar comigo.

Ele ocupou a cadeira diante da minha e se recostou, com uma expressão tranquila. Em seu terno sob medida e gravata perfeitamente ajustada, ele era a imagem perfeita de um magnata de Wall Street.

Ele também não gostava de conversa fiada. Eu apreciava isso nele.

Escrevi a resposta em uma folha de papel.

"Preciso que você rastreie um dinheiro para mim."

Shepherd estava morto e Roman havia atribuído a explosão do esconderijo à outra facção. Naquele momento, estava reunindo os seguidores de Shepherd sob

sua liderança. Tudo estava seguindo conforme o planejado, mas algo estava me incomodando.

Dexter havia fornecido alguns detalhes escassos sobre a origem do financiamento da Irmandade, mas eu queria saber quem vinha injetando dinheiro na organização, já que eles não aceitavam mais novas parcerias.

Roman ficaria furioso se descobrisse que eu envolvera o irmão dele em nosso esquema, mas, quando se tratava do mundo financeiro, ninguém era mais poderoso ou engenhoso do que Dominic.

Os olhos de Dominic brilharam.

– Você quer um favor.

Eu raramente pedia favores. Odiava ficar em dívida com as pessoas, mas, às vezes, era necessário.

Assenti.

Ele sorriu.

– Deixa comigo.

CAPÍTULO 42

Ayana



COMO ESPERADO, MAYA ARRASOU na festa de aniversário. O baile de gala foi realizado em um espaço privado no centro e o tema foi "Os sete pecados capitais". Havia uma área dedicada a cada um, incluindo um bufê luxuoso para a gula, apresentações chocantes de burlesco para a luxúria e massagens e tratamentos faciais para a preguiça.

Havia convencido Vuk a dar uma passada no evento, mas iríamos separados, pois eu me arrumaria com Maya.

VUK

Estou a caminho. Chego já.

VUK

Estou louco para te ver.

Ele complementou a mensagem com uma figurinha de um gato entusiasmado. Dei risada e respondi com outra de um minion também animado.

Nunca imaginei que um dia trocaria aquele tipo de bobagem com Vuk Markovic, mas ali estava eu. Isso começou depois que saí do Valhalla, na sexta-feira anterior. Havia enviado uma figurinha fofa e idiota de agradecimento (pelas aulas de tiro, *não* pelo sexo alucinante), e ele me surpreendera ao responder da mesma maneira. Desde então, vínhamos compartilhando uma sequência ininterrupta de imagens, GIFs e, vez ou outra, vídeos de redes sociais.

Tinha certeza de que ele estava fazendo aquilo para me agradar, pois apostaria minha coleção inteira de sapatos e perfumes que Vuk não era muito fã de memes, o que só tornava tudo mais encantador.

Ainda estava sorrindo quando tirei os olhos do celular e vi Maya se aproximar com sua taça de champanhe. Tínhamos nos separado ao chegarmos, pois ela tinha muitas pessoas para cumprimentar, mas parecia exausta quando parou ao meu lado.

– Pelo amor de Deus, me salva – implorou ela. – Minha mãe convidou um cara para me apresentar, tipo um *encontro às cegas*. Você acredita nisso? Faz vinte minutos que ele está tentando dançar comigo, não aguento mais. Socorro!

Segui a careta nada sutil dela até um homem bonito, de barba bem aparada, que olhava para Maya cheio de interesse.

Dei risada.

– Ei, ele é bonito e parece estar a fim de você. Tem coisa bem pior no mundo.

– Ele também tem a personalidade de um papelão molhado. Não, obrigada. Além disso, é meu aniversário. Quero rodar por aí, não ficar num canto. Olha para mim.

Maya apontou para sua roupa, um deslumbrante vestido laranja longo que combinava com sua pele negra. Os cabelos pretos e grossos estavam presos em uma espécie de coque complexo e um par de brincos de diamantes belíssimos roçavam seus ombros delicados.

– Vê se isto aqui está no nível de um encontro às cegas.

– Não mesmo – reconheci.

– Enfim, esquece esse cara. Está se divertindo? Cadê o Vuk?

A notícia da minha "separação" de Jordan tinha sido divulgada no fim de semana anterior, mais ou menos quando contei a ela sobre os desdobramentos do meu relacionamento com Vuk. Jordan e eu havíamos divulgado uma nota conjunta, liberada por nossas assessorias de imprensa.

Terminar o relacionamento tinha sido fácil. Lidar com as consequências era mais difícil, sobretudo porque eu tinha sido vista com o padrinho de casamento do meu ex-noivo antes de oficializarmos a separação. Somando isso ao ataque durante a cerimônia e ao fato de Jordan ter ficado em coma, o escândalo era ainda maior. Maya recebeu a notícia com naturalidade, mas a fofoca corria solta pela cidade.

Eu não dava a mínima. Estava finalmente feliz, e não deixaria que meia dúzia de boatos estragasse isso.

– Está a caminho – respondi. – A festa está uma loucura. Vi a Indira e o Riley

K. virando shots com Asher Donovan e a namorada dele no bar.

Sério, metade da alta sociedade de Manhattan, Hollywood e Londres estava presente.

– Ah, é a cara deles. – Maya sorriu. – Aliás, esses brincos ficaram *maravilhosos* em você, hein? Onde foi mesmo que você arrumou?

– Obrigada. Acho que foi no seu armário.

– Ah, é verdade. – Ela tomou um gole da bebida. – Caramba, eu tenho mesmo muito bom gosto.

Caímos na gargalhada. Em seis semanas, eu havia criado uma conexão mais forte com ela do que com pessoas que conhecia havia seis anos. Amizade nem sempre era questão de tempo; quando duas pessoas tinham afinidade, era isso. Fim de papo.

Os brincos de esmeralda e diamante que ela havia me emprestado eram *mesmo* incríveis. Minha inspiração para aquela noite fora a inveja, e tinha escolhido um vestido de cetim esmeralda com uma fenda na coxa e belíssimos saltos dourados. Os brincos combinavam muito com o look.

Maya estava prestes a dizer algo, mas sua risada morreu. Ela estreitou os olhos, mirando algo atrás de mim. Não precisei me virar para saber quem era o convidado a provocar um desprezo tão imediato.

– Sebastian. – A voz dela soou gélida.

O bilionário francês se juntou a nós, lindo e perfeitamente desgrenhado como sempre.

– Maya. – Um sorrisinho debochado acompanhou sua voz suave. – Que surpresa você ter tido tempo para planejar uma festa de aniversário este ano. Não tem um departamento de marketing para gerir?

– Nossa margem de lucro cresceu trinta por cento no último trimestre. E você? Fez o quê? – Maya arqueou uma de suas sobrancelhas perfeitas. – Abriu mais um restaurante sem graça e sem alma e com isso irritou todos os seus colegas de trabalho?

– Esses restaurantes "sem graça e sem alma" ganharam mais estrelas Michelin do que a sua última linha de produtos vendeu em unidades, então eu entendo seu ressentimento. – Sebastian olhou ao redor. – Sete Pecados Capitais. Que fofo.

– Você...

– Ayana, que bom te ver. – Ele ficou me encarando depois de interromper a fala dela. – Você está linda.

Sebastian soou sincero.

– Obrigada – respondi, dividida entre as boas maneiras e a lealdade à minha

amiga. Fiquei em cima do muro. – Qual pecado você é?

A maioria dos convidados havia escolhido se vestir como um dos sete pecados.

Sebastian usava uma camisa branca, calça preta e suspensórios. O primeiro botão da camisa estava aberto, o que aumentava ainda mais o seu charme. Ele e Kai Young eram as únicas pessoas que ficavam bem de suspensórios na vida real.

– Nenhum. Não cometo pecados. – Ele encarou Maya outra vez, seu sorriso malicioso cada vez maior. – Não sou muito fã de festas temáticas, para ser sincero. Acho um pouco cafona. Mas, se tem uma pessoa corajosa o suficiente para tentar dar um toque de classe a elas, é você, Vice. – Ele ergueu o copo, simulando um brinde, seus olhos se desviando de Maya em direção a alguém no bar. – Ah, olha o Kai ali. Ótimo. Precisamos discutir minha próxima matéria de capa para a *Gourmand*. Divirtam-se. Ah, e feliz aniversário.

Ele foi embora, deixando para trás uma Maya furiosa. Poderia jurar que vi fumaça saindo de suas orelhas.

– Respira. – Apoiei as mãos nos ombros dela. – Você não pode matar um convidado na sua própria festa de aniversário.

– Isso é o que você pensa – respondeu ela, irritada. – Devia ter escolhido Crime e Mistério como tema e usado *ele* como cadáver. Com direito a pontos extras pelo realismo quando eu enfiasse uma faca de açougueiro nele. Queria ver se ia achar cafona.

– Muito bem. Chega de champanhe. Não precisamos regar suas fantasias violentas com álcool. – Tirei a delicada taça de sua mão e a apoiei em uma mesa. – E que história é essa, afinal? Por que ele chamou você de Vice?

Havia interagido com Sebastian brevemente em diversas ocasiões. Ele sempre fora um cara charmoso e gentil, por isso foi um choque ver os dois se alfinetando daquela maneira. Era como se ele e Maya se transformassem em pessoas diferentes quando estavam perto um do outro.

– Nada. Ele só é um babaca competitivo. – Suas belas feições se fecharam em uma carranca. – Sempre foi, desde adolescente.

– Vocês estudaram juntos?

– Sim. Frequentamos o mesmo colégio interno na Suíça.

Mas é claro.

– Vice é de vice-campeã. – O rosto de Maya se fechou ainda mais. – Tive uma intoxicação alimentar bem antes da prova final de química e estava destruída na hora. Não conseguia me concentrar. Acabei tirando 89, o que diminuiu minha média. Aquele merdinha pegou o primeiro lugar da turma por 0,25 e esfrega isso

na minha cara até hoje.

– Ah.

Treze anos parecia muito tempo para guardar rancor, mas acho que também ficaria chateada se alguém ficasse constantemente esfregando meu fracasso na minha cara. Ser a segunda melhor aluna não era um fracasso, mas, aos olhos de Maya, era.

– Eu só o convidei porque queria que ele visse tudo isto pessoalmente. Não se deixe enganar. Ele só está recalcado por não ter pensado nesse tema antes – disse Maya. – O último evento dele foi uma megafesta em Mônaco. Como se *isso* fosse original.

– Nem um pouco – respondi, leal à minha amiga.

– Pois é. – Ela suspirou. – Me desculpe por despejar isso tudo em cima de você. Era para você estar se divertindo, não me ouvindo reclamar.

– Tudo bem.

Estava achando graça, embora eu nunca fosse dizer isso a ela. Pela minha experiência, pessoas que se irritavam tanto acabavam se matando ou se apaixonando. Tinha minhas suspeitas sobre a categoria em que estavam Maya e Sebastian, mas valorizava demais minha vida para expressá-las em voz alta.

– Obrigada. – O rosto de Maya relaxou em um sorriso. – Tenho que dar outra circulada ou meus pais vão reclamar que estou sendo uma "péssima anfitriã". Nos vemos mais tarde?

– Claro.

Ela se afastou. Vuk ainda não havia chegado e eu estava pensando em dar uma passadinha na sala de massagem quando ouvi meu nome.

– Ayana.

Senti um calafrio.

– Emmanuelle.

Tentei manter a calma enquanto a diretora da agência se aproximava. Ela era puro vermelho. Vestido vermelho, batom vermelho, sapatos vermelhos.

– Não sabia que você era amiga da Maya Singh.

Respondi com um sorriso tenso. Era nossa primeira conversa desde a ligação, e eu tinha quase certeza de que ela planejava furar meu olho com o salto do sapato.

– Detesto falar de trabalho durante uma festa tão agradável, mas tem algumas coisinhas que queria discutir com você. – Seu sorriso era tão desprovido de humor quanto o meu. – Vi você aqui e achei que seria melhor do que falar por telefone.

– Não vou fazer nenhum ensaio até o ano que vem – disparei.

A agência ainda não havia me pagado por trabalhos já feitos e, embora sentisse falta de estar diante da câmera, precisava de uma pausa física e mental. Com as festas de fim de ano se aproximando, parecia que a decisão mais inteligente era esperar e começar do zero no ano seguinte.

Apesar de meus protestos, Jordan me recompensara pelo tempo que dediquei a ser sua noiva de mentira. Não eram 5 milhões de dólares, mas era dinheiro suficiente para segurar a barra se eu saísse da Beaumont e eles fizessem um escândalo por causa disso.

Também era o suficiente para cobrir os honorários advocatícios. Já tinha uma reunião marcada com o advogado para debater os possíveis passos após a rescisão do contrato.

Eu ainda não havia contado nada disso a Vuk. Queria resolver as coisas por conta própria primeiro. Não podia sempre contar com outras pessoas para resolver meus problemas.

– Não era sobre isso que eu queria falar – disse Emmanuelle. – Você tinha razão. Foi errado da nossa parte atrasarmos os pagamentos. Se você der uma olhada na sua conta, vai ver que acertamos tudo e transferimos os valores que faltavam.

Minhas pernas ficaram bambas. De todas as coisas que esperava ouvir dela, "você tinha razão" estava em último lugar. Ela nunca admitia um erro, por isso digeri suas quase desculpas com uma boa dose de cautela. O que ela estava tramando?

– Estou falando sério. – Emmanuelle apontou para o meu celular. – Verifique sua conta, Ayana.

Verifiquei, e lá estavam. Todos os pagamentos devidos dos últimos doze meses – menos as taxas da agência, é claro.

– Obrigada.

Mesmo assim, não baixei a guarda. Havia alguma pegadinha. Não era possível.

– Imagina. – Emmanuelle terminou sua bebida. – Agora que isso está resolvido, não temos mais nada para conversar. Você está oficialmente demitida da agência.

Ela soltou a bomba com a tranquilidade de alguém anunciando que ia sair para almoçar.

A música girava ao nosso redor. Olhei para ela, certa de que havia escutado errado, com um embrulho no estômago.

– Como é que é? Com base em quê?

Eu queria sair da Beaumont, então deveria considerar aquilo uma bênção, mas o choque de ser dispensada por Emmanuelle no meio de uma festa de aniversário sem nenhum aviso prévio me deixou desconcertada.

Hank tinha me enviado uma proposta de trabalho alguns dias antes. Claro, eu havia recusado, mas por que ele faria isso se a agência planejava me dispensar?

– Conduta antiprofissional e ameaça por intermédio de terceiros – disse ela, sem pestanejar.

Fiquei boquiaberta.

– Eu não fiz nada disso!

– Não? Eu me lembro muito bem da última vez que nos falamos por telefone. Embora você estivesse certa sobre os pagamentos, a maneira como se dirigiu a mim, a *presidente* e fundadora da agência, foi profundamente antiprofissional. Quanto à ameaça por intermédio de terceiros, o Hank me contou o que seu namorado fez. – Os olhos de Emmanuelle brilharam. – Vuk Markovic invadiu o apartamento dele e o agrediu em seu nome. Ameaçou agredi-lo de novo se Hank não desse prioridade a você nos melhores ensaios. As imagens das câmeras de segurança do prédio dele confirmam a história.

Meus ouvidos zumbiram.

– Vuk nunca faria isso.

Tudo bem, a parte da ameaça, talvez. Mas exigir que me dessem prioridade nos ensaios? Duvido. Até porque ele sabia que eu não gostava de Hank e que queria sair da Beaumont.

– Humm. Talvez não. Quem sabe? É a nossa palavra contra a sua. – - Emmanuelle deu de ombros. – Aguarde um processo na segunda-feira. Faça bom proveito dos seus honorários enquanto ainda os tem, Ayana. Assim que isso vazar e o setor inteiro ficar sabendo do seu comportamento, duvido que seja convidada para qualquer coisa além de campanhas locais de conscientização sobre ISTs. – Ela ergueu o copo. – Saúde.

Meus pés ficaram grudados no chão enquanto ela se afastava. Um processo? Ela estava de brincadeira, né?

Cuidado com o que deseja. Era o que minha mãe sempre dizia, e estava certa.

Eu odiava a Beaumont, mas adorava ser modelo. A beleza do movimento, a expressão como arte. Sentia-me em casa na frente das câmeras e na passarela, e era *boa* nisso.

Tinha alcançado um grande sucesso, mas nem as modelos mais bem-sucedidas estavam imunes a serem difamadas e banidas do mercado por

poderosos do mundo da moda. Era uma questão de politicagem, e eu era péssima nessas coisas. O que faria se não conseguisse mais trabalhar como modelo?

Meu estômago queimou.

Alguém tocou meu ombro. Eu me virei e o instinto de fugir se dissipou quando vi a expressão preocupada de Vuk.

"O que houve?"

– Emmanuelle está aqui. Nós conversamos e ela... ela me demitiu.

Resumi o restante da conversa, observando o rosto de Vuk ficar cada vez mais sombrio até parecer uma nuvem de tempestade pronta para desabar.

– É verdade? O que ela disse sobre o Hank?

Não acreditava em uma palavra saída da boca de Emmanuelle, mas precisava ter certeza.

"Não pedi para ele priorizar você em nada. Só o adverti sobre como ele tratou você no dia em que apareceu na sua casa sem avisar." A mandíbula de Vuk estava rígida feito granito. "Não existe fundamento para uma ação judicial. Meus advogados vão acabar com eles em segundos, ainda mais com as provas que temos de que Hank estava espionando você."

– Não importa se o caso tem fundamento ou não. A questão é o constrangimento público. Emmanuelle não se importa se vai ganhar ou perder o processo. Ela só quer arrastar meu nome para a lama e acabar com a minha carreira.

A história estava repleta de exemplos de mulheres famosas derrubadas por campanhas de difamação. Mesmo sem terem feito nada de errado, a *ilusão* de que haviam feito era suficiente para que as pessoas se voltassem contra elas.

Emmanuelle estava fazendo tudo aquilo só porque eu havia me defendido? Pedido a ela que me desse algo que me pertencia por direito?

Uma chama encobriu minha náusea. Apesar de como me sentia a respeito da Beaumont, minha postura sempre fora extremamente profissional. Eu era a modelo que rendia mais dinheiro para a agência e nunca tinha falado mal deles para outras modelos. Agora, Emmanuelle estava tentando me arruinar porque eu havia ferido seu ego. O que dava a ela esse direito?

– Preciso contar para a Sloane. Ela está aqui em algum lugar – falei, bolando um plano na hora. – Emmanuelle disse que vão dar entrada no processo na segunda-feira. Precisamos agir antes. Preciso falar também com o meu contador e contratar...

"Ayana." Vuk colocou a mão em meu ombro outra vez. "Respira. Nós vamos superar tudo isso. Essa Emmanuelle Beaumont NÃO vai acabar com você. Só

passando por cima do meu cadáver."

Pontadas de emoção levaram meu pânico embora.

Nós vamos superar isso. Não eu. *Nós*.

Mais uma vez, fiquei impressionada com a estranha sensação de ter alguém ao meu lado, lutando junto comigo. Um escudo para complementar minha espada, ou uma espada para complementar meu escudo – dependendo do que se encaixasse na situação. Não ia encarar a batalha sozinha, e esse simples fato foi suficiente para acalmar minha respiração.

Podia não querer que outras pessoas resolvessem meus problemas, mas não era ingênua a ponto de acreditar que poderia enfrentar a Beaumont sem a ajuda de Vuk.

– Obrigada. – Engoli em seco. – Me desculpa por jogar más notícias em cima de você desse jeito. Festas costumam ser mais divertidas. Eu juro.

"Duvido." Vuk se virou para a apresentação de burlesco e fez uma careta de desgosto. "Conversar com você sobre qualquer coisa, até mesmo más notícias, é definitivamente o ponto alto desta festa."

Dei risada. Ignorei os olhares dos outros convidados e entrelacei nossos dedos, determinada a fazer com que ele se divertisse, apesar da nuvem que a Beaumont representava sobre nossas cabeças.

Eu o puxei na direção do bar, a pressão em meu peito diminuindo a cada passo. Vuk estava certo. Superaríamos aquela situação.

Desde que estivéssemos juntos, poderíamos superar qualquer coisa.

CAPÍTULO 43

Vuk



A TAL EMMANUELLE TINHA muita coragem mesmo.

Era sábado à tarde, um dia depois da festa de Maya, e eu ainda estava furioso com a audácia da dona da agência não apenas por dispensar Ayana sem aviso prévio, mas também por fazer isso no meio de um dos maiores eventos sociais da temporada.

O fato de que Ayana já queria sair da Beaumont não fazia a menor diferença. Era uma questão de princípios.

Quando eu acabasse com Emmanuelle, ela teria sorte de ainda ter um cartão de visitas, que dirá uma agência em funcionamento.

Não achei que ela fosse ser ousada ou burra o suficiente para me enfrentar – e ela deveria saber que, ao atacar Ayana, estaria me atacando também –, mas Emmanuelle tinha sido muito inteligente na forma como formulou as acusações. Isso eu precisava reconhecer. Ao me acusar de "intimidar" Hank em nome de Ayana, ela havia me deixado de mãos atadas. Eu não poderia fazer nada fora do escopo jurídico sem reforçar suas alegações.

Precisei me controlar muito para não ir atrás de Hank e lidar com ele pessoalmente, mas isso seria entrar no jogo deles, então deixei que Sloane e meus advogados lidassem com a situação. Por ora.

Enquanto isso, tinha outro problema para resolver.

– Você me disse que lidaria com a outra facção quando o Shepherd saísse de cena. – Olhei com frieza para o homem do outro lado da mesa. – Agora está pedindo a minha ajuda de novo?

– Eu disse que *talvez* conseguisse lidar com eles – corrigiu Roman. – Os

homens se mostraram mais resistentes do que imaginei. Além disso, a morte do Shepherd gerou um... efeito cascata. É complexo.

Estávamos de novo no armazém do Brooklyn. Eu não estava preocupado com o fato de Roman conhecer o local, já que não tinha nada de valor ali. Era apenas um espaço privado para tratar de negócios clandestinos.

Mas Roman se recusava a me dizer quem era o líder da outra facção, alegando que não queria revelar todas as suas cartas até conseguir o que queria, e eu estava cansado de explicações vagas.

Havia matado Shepherd e cumprido minha parte do acordo. Agora ele queria que eu fornecesse mão de obra e recursos para derrotar o líder da outra facção também?

– Sabe – falei, num tom baixo e letal. – Se não conhecesse você, diria que está tentando me enrolar.

– Pense o que quiser, mas você não vai ter paz até eu estar no comando da Irmandade, e eu não vou conseguir chegar lá até que o líder da outra facção esteja morto. Além disso, tenho que lidar com... outros problemas fora da organização.

Roman contraiu a mandíbula, tenso. A julgar por sua expressão atordoada, presumi que estivesse se referindo ao "eles" que mencionara no bilhete que me deixara tempos antes. Ele disse que era alguém que havia cruzado seu caminho enquanto estava se escondendo dos Irmãos.

Não me importava. O passado dele não era problema meu. Sua capacidade de conter a Irmandade, sim.

– A outra facção está escondida desde a morte do Shepherd, mas ainda está atrás de você – disse Roman. – Ainda não fizeram nada porque estão esperando que a poeira do casamento baixe. Mas, a menos que você queira arrastar essa luta por semanas ou até meses, sugiro que a gente monte uma armadilha para lidarmos com eles do nosso jeito.

– E o que você sugere?

– Que a gente plante uma isca.

Ficamos em silêncio. O que nós tínhamos que poderia...

Não. Senti meu corpo se retesar. Roman não podia ser burro a ponto de sugerir o que eu estava imaginando.

O que ele disse a seguir provou que, na verdade, era um cara burro além da conta.

– Não podemos usar você, porque eles não são burros. Jamais te procurariam diretamente sem planejar muito bem, e não queremos que sejam cuidadosos

nesse nível. Queremos que sejam imprudentes. Agora, as pessoas próximas a você... são outra história. – Ele bateu os nós dos dedos na mesa. – Seu relacionamento com Ayana é de conhecimento público agora. Já sabem que você gosta dela e que ela é modelo. Nunca vão imaginar que Ayana...

O clique de uma arma o deteve.

No tempo que Roman levara para pronunciar o nome dela, eu já havia me levantado e me debruçado sobre a mesa.

Levantei o queixo dele com a arma, forçando seus olhos a encontrarem os meus.

– Se você chegar perto da Ayana ou der um jeito de envolvê-la nisso – falei, com a voz fria e calma formando vapor no ar –, vou fazer você *torcer* para que eu exploda a sua cabeça.

O que eu tinha feito com Dexter não se comparava ao que faria com qualquer um que colocasse Ayana em perigo de propósito.

Os olhos de Roman brilharam, desafiadores.

– É disso que estou falando – respondeu ele com desprezo. – Esse drama. Essas reações passionais. Isso vai fazer com que você e, pior ainda, com que *eu* acabe morto. Ela está acabando com o seu senso crítico, Markovic. Pode me ameaçar o quanto quiser, mas meu plano faz sentido, e você sabe.

Rangi os dentes.

Meus sentimentos por Ayana de fato atrapalhavam meu senso crítico. Mesmo durante o planejamento do ataque contra Shepherd, eu só pensava em como queria acabar logo com aquilo para poder passar mais tempo com ela.

Eu não me importava com o fato de Ayana ser uma distração. Ela era *minha* distração, a única que eu queria ter. Roman podia falar o que quisesse; ela não seria usada como isca. Em hipótese alguma pediria que Ayana se arriscasse por mim.

– Se não quer envolvê-la nisso, tudo bem, mas pensa direito – disse Roman, sem se incomodar com a arma apontada para ele. – Está disposto a abrir mão da sua vida por um relacionamento que não vai durar? E não se iluda, porque *não vai* durar. Não quando a Ayana descobrir quem você é de verdade.

Segurei a arma com mais força.

– Ela sabe.

– Sabe mesmo? – A voz dele ganhou um tom debochado. – Ela sabe o que você fez com o Dexter? O que você fez com os líderes da Irmandade, anos atrás? Estou falando de detalhes mórbidos, Markovic. Talvez ela saiba que você fazia parte da organização e que fez coisas ilegais no passado, ou até mesmo no

presente, mas será que tem plena consciência do que você é capaz? Porque existe uma grande diferença entre "ilegal" e deixar um cara em pedaços, ainda que ele tenha merecido. A maioria das pessoas consideraria essa última parte... inconcebível.

Meu estômago se revirou. Todo o sangue do meu corpo parecia latejar em meus ouvidos, me deixando enjoado ao encarar a verdade brutal nas palavras de Roman. Ele havia arrancado meus piores medos dos recônditos da minha mente e transformado pesadelos intangíveis em palavras concretas.

Será que Ayana ficaria comigo se descobrisse do que eu *realmente* era capaz? O calafrio em minha nuca deu a resposta.

Não queria descobrir jamais.

– Como eu disse. – Roman empurrou a cadeira para trás e se levantou, sem dar bola para as minhas ameaças. – Pensa bem.

Ele saiu, me deixando sozinho no silêncio.

CAPÍTULO 44

Ayana



QUANDO FICAVA ESTRESSADA, EU TRICOTAVA.

Desde a última sexta-feira, havia tricotado um par de luvas, um gorro e metade de uma manta, o que era um número extraordinário de peças, considerando que eu ainda era iniciante e que só havia se passado uma semana.

O processo fora aberto na segunda-feira, e os últimos dias tinham sido um turbilhão de telefonemas, reuniões e ponderações com Sloane e os advogados de Vuk (agora meus advogados). O mundo da moda estava pegando fogo, e, embora a notícia não fosse importante o suficiente para atingir o grande público, os blogs de fofocas de moda estavam sedentos por detalhes. A pedido de Sloane, eu havia excluído os aplicativos das redes sociais do celular e ficado longe da internet.

Todo mundo aguardava ansiosamente para ver o que aconteceria. O consenso entre os advogados era de que as acusações eram furadas, mas todos sabíamos disso. Emmanuelle queria semear a dúvida na mente das pessoas e associar meu nome a escândalo e falta de profissionalismo, mesmo que não fosse verdade. Sloane concordava e estava cuidando disso.

Eu confiava nela. No entanto, precisava de uma distração, então tricotei e convenci Vuk a me dar uma segunda aula de tiro. Pelo visto, pensar em Emmanuelle ajudava muito a minha pontaria, porque fingi que o alvo era ela e acertei em cheio. Foi bem satisfatório.

A distração mais esperada, no entanto, viria naquela noite. A noite em que Vuk oficialmente me recompensaria por ter me deixado em Washington. Eu mal podia conter a curiosidade.

"Você só usa salto alto?", perguntou Vuk enquanto Sean nos levava até o centro da cidade em um SUV blindado. Achei o carro blindado um exagero, mas não era especialista em segurança.

Vuk não havia mencionado a Irmandade desde a nossa conversa depois do casamento, e eu estava cada vez mais convencida de que ele havia deixado

Washington para lidar com eles e não queria me contar. Mas ele estava ali, e estava vivo, então era um bom sinal, certo?

– Praticamente sim. Está reclamando?

Cruzei as pernas, exibindo minhas curvas. Reprimi um sorriso quando o olhar de Vuk ficou mais quente.

Ele havia me orientado a usar uma roupa casual, e eu obedeci. Suéter de caxemira e calça de alfaiataria era um traje casual. Inclusive, tinha escolhido escarpins mais antigos, em vez de um modelo novo.

"Não estou reclamando. Só tenho dúvidas sobre seu conceito de 'casual'."

– Meu conceito é perfeitamente válido, e, se você vai questionar as minhas roupas, tenha coragem de fazer isso em voz alta.

Os olhos de Vuk se enrugaram nos cantos. Sua risada grave aqueceu meu peito, e vi Sean nos observar pelo retrovisor, surpreso. Ele na mesma hora desviou o olhar, mas pensei ter visto um sorrisinho em seu rosto.

Vuk havia tentado me explicar a função dele certa vez, mas não consegui entender. Sean era chefe de segurança, mas também era guarda-costas e motorista? Achava que um ex-agente de operações especiais teria coisa melhor a fazer do que nos levar para um encontro, mas pelo visto estava errada.

Dez minutos depois, paramos em um prédio simples, de tijolos vermelhos, em uma rua tranquila. As letras prateadas na entrada reluziam.

– Centro Greenberg de Convivência da Terceira Idade?

Franzi a testa. Por que Vuk me levaria a... *Ai, meu Deus*. As peças se encaixaram, e me virei para ele, explodindo de alegria.

– Mentira! É sério isso?

Ele deu de ombros. O brilho de menino travesso nos olhos dele me fez sorrir quase tanto quanto sua risada.

Sean disse que nos esperaria ali fora, e, ao entrarmos, tivemos uma recepção calorosa.

– Vuk! – A mulher rechonchuda e de rosto simpático atrás do balcão da recepção sorriu ao nos ver. – Que bom te ver outra vez. Faz tempo, hein? E veio acompanhado! Já era hora. Mas que linda que ela é! Bom, não vou ficar alugando vocês. Vai, vai. Está quase começando.

Os outros funcionários pelos quais passamos o cumprimentaram de maneira igualmente calorosa.

Por fim, paramos diante de portas azuis. Ele as abriu, e entramos no que parecia um salão comunitário. Mesas redondas pontilhavam o espaço. Os residentes ocupavam a maioria das cadeiras, com fichas de plástico coloridas nas

mãos. Vários deles encaravam as folhas de papel forçando a vista. Na frente do salão, havia uma mulher de cabelos escuros com um microfone na mão, bem ao lado de um globo de bingo profissional.

Era noite de bingo no centro de idosos, e Vuk enfim respondera à minha pergunta sobre estar ou não brincando em relação ao amor pelo jogo.

Meu peito estava prestes a explodir.

Nós nos sentamos a uma mesa vazia no fundo. Vários residentes acenaram para Vuk, e um enfermeiro de uniforme nos entregou as fichas e os cartões.

– Não estou acreditando nisso.

Meu cérebro tentava assimilar a confirmação daquele lado de Vuk, apaixonado por bingo. Era como descobrir que o governador de Nova York passava o tempo livre brincando com Barbies, ou que um chefe da máfia tinha um trabalho paralelo como palhaço em festas infantis.

– Você precisa me contar a história por trás disso. Quando começou a vir aqui? Como...

"Shh. Depois." Ele estudou a cartela, com a testa franzida de concentração. "Vai começar."

Calei a boca.

No decorrer da hora seguinte, duas coisas ficaram claras: (1) Vuk Markovic gostava *mesmo* de bingo. Ele se recusou a falar enquanto o jogo estava rolando; e (2) ele era muito competitivo. Era um jogo de azar, mas eu tinha certeza de que ele lutaria até o fim pela vitória, se pudesse.

Eu não jogava desde que minha professora de espanhol do quinto ano usara o bingo para nos ensinar palavras novas, mas, para a minha surpresa, me diverti muito. Ir marcando os quadrados da cartela era bastante terapêutico.

– B14! – anunciou a mulher.

Ela mal tinha terminado de falar quando Vuk ergueu uma folha de papel em que se lia "BINGO!" em grandes letras pretas.

– E temos um vencedor! – disse ela, em meio a resmungos decepcionados. – Vamos fazer um intervalo. A próxima rodada vai começar em dez minutos.

– Droga. – Uma mulher de cabelos brancos a uma mesa vizinha socou o braço da cadeira. – É a terceira vez seguida que eu perco!

– Cala a boca, Fran – disse o homem ao lado dela. Ele tinha as costas curvadas e uma voz rouca, e parecia ter pelo menos 90 anos. – Você passava a perna nos turistas lá no parque com aqueles baralhos marcados. Isso aí é carma.

Fran gargalhou, mas não negou a acusação.

– Só passei a perna em quem foi burro o suficiente para cair.

"Fran e Tom", disse Vuk, em resposta ao meu olhar curioso.

Aparentemente, ele não se incomodava em conversar depois que o jogo terminava.

"Eles estão namorando."

Ah! Que bom para eles.

– Entendi. Parabéns. Você venceu uma sala cheia de velhinhos – impliquei. – Deve estar orgulhoso.

"Já te falei." Vuk parecia bastante satisfeito consigo mesmo. "Eu sempre ganho."

– A-haaam. – Revirei os olhos, mas estava sorrindo. – Me conta. Quando foi que o grande e malvado Vuk Markovic entrou pela primeira vez no emocionante e competitivo mundo do bingo?

"Grande e malvado, é?" Ele pareceu ainda mais convencido.

Dei um chute nele por baixo da mesa. Vuk riu, mas logo me deu uma resposta séria.

"Uns anos atrás, eu estava tentando fechar um negócio importante com uma subsidiária. O pai do CEO na época era residente aqui. Ele adorava as sessões de bingo de sexta à noite e, por isso, o CEO tentava jogar com ele pelo menos uma vez por mês. Estávamos no fim das negociações, e ele só tinha uma sexta à noite sobrando antes de partir em uma viagem longa pela Ásia. Sugeri que fechássemos o negócio aqui."

Inclinei a cabeça.

– Você fechou um negócio multimilionário com outro CEO poderosão durante uma noite de bingo em um centro de idosos? – perguntei, sem acreditar.

Vuk sorriu.

"Não é melhor nem pior do que fechar um negócio em um campo de golfe ou em um restaurante."

Fazia sentido.

"O pai dele faleceu logo depois, mas gostei tanto da noite de bingo que voltei na semana seguinte, e na outra. Como disse, é bom relaxar fazendo algo que não exija muita reflexão ou estratégia."

– O centro permite que você jogue mesmo não tendo família aqui?

Vuk apenas me encarou.

– Claro.

Balancei a cabeça. Será que alguém negava alguma coisa a ele?

"Alguns funcionários ficaram desconfiados no início, mas se acostumaram a me ver aqui. Também doo muito dinheiro para eles todo ano e comprei um

equipamento profissional para as sessões de bingo. Acho que..." Ele ficou quieto por um momento. "Meu pai teria gostado daqui. Não por ser uma casa de repouso, mas por conta de toda a diversão e camaradagem. Ele adorava jogar, ainda mais com desconhecidos. Costumava se sentar no parque e desafiar os transeuntes a jogar dama ou xadrez. Quase sempre ganhava."

Meu coração ficou apertado.

– Você deve sentir muita falta dele – comentei, baixinho.

Era a primeira vez que Vuk falava sobre os pais. Li em algum lugar que ambos haviam morrido de doenças diferentes, um bom tempo antes.

"Já faz muitos anos. Já me acostumei com a ausência dele."

Apesar dos esforços para esconder a tristeza, pude percebê-la nos olhos de Vuk.

Ele obviamente não queria mais falar sobre a família, mas me senti compelida a compartilhar algo semelhante em troca.

Brinquei com a borda da cartela, reflexiva, antes de dizer:

– Eu assinei o contrato com a Beaumont por causa do meu pai. Quando o Hank me conheceu, minha família estava passando por um momento difícil. O restaurante ainda não tinha decolado, e meu pai estava com a mão machucada por conta de um acidente na cozinha. Foi... horrível. Ele precisou de cirurgia e fisioterapia depois. O plano de saúde cobria só uma parte dos custos. Precisávamos pagar o restante do próprio bolso ou simplesmente abrir mão do tratamento. Mas os médicos nos alertaram que, se ele não fizesse a reabilitação, talvez nunca mais recuperasse a funcionalidade da mão. Não seria mais capaz de cozinhar como antes.

As lembranças trouxeram de volta a impotência que eu e minha família sentimos naquele momento horrível. Vuk ouviu sem desviar os olhos do meu rosto.

– Ele já tinha desistido de um sonho. Estudou engenharia na Etiópia, mas, quando imigrou para os Estados Unidos, seu diploma não valeu de nada. Então, ele se voltou para o seu segundo amor: a culinária. Se perdesse isso também... ficaria arrasado. Nós *tínhamos* que dar um jeito. – Rasguei um cantinho da cartela. – Eu e a Liya estávamos na faculdade, na época. Minha mãe e o Aaron trabalhavam no restaurante, e mal davam conta de mantê-lo funcionando, na ausência do meu pai. Fizemos o possível, mas não tínhamos dinheiro suficiente para cobrir as despesas médicas. Nem perto. Quando Hank apareceu e me ofereceu uma carreira glamourosa de modelo, pareceu bom demais para ser verdade.

E eu tinha razão. *Era* bom demais para ser verdade. Minha carreira havia deslanchado, mas a que preço?

Deveria ter parado por aí – duvidava que Vuk quisesse ouvir toda aquela história horrível –, mas, depois que as comportas se abriram, não consegui evitar que o restante escapasse.

– Ele disse que me ofereceriam um bônus se eu assinasse o contrato com a Beaumont. Só o bônus era suficiente para pagar os meses de reabilitação. Eles também pagaram pelo meu book, o transporte para os castings, tudo de que eu precisava para começar. Já tinha ouvido falar da Beaumont, e todas as pesquisas que fiz davam a entender que era uma agência séria. Uma das melhores, na verdade. Além disso, estava tão desesperada para ajudar a pagar as contas que não analisei o contrato tão detalhadamente quanto deveria. Vi alguns sinais de alerta, mas Hank me garantiu que era um contrato padrão no setor, e eu não tinha dinheiro para consultar um advogado. Então, assinei. Só anos depois percebi o quanto o contrato era abusivo. Além disso, todas as fotos e todos os custos que eles cobriam para mim com tanta "generosidade"... eram descontados do meu salário. Passei dois anos em dívida com eles, mesmo depois que comecei a ser convidada para ensaios.

Tinha sido muito ingênua de pensar que eles arcariam com os custos como um investimento na minha carreira. A Beaumont não fazia nada por bondade.

– As coisas mudaram quando Jordan me escolheu para ser o rosto da Jacob Ford. Foi minha primeira campanha a estourar e, depois disso, fiquei com a agenda cheia – expliquei. – Mas, mesmo livre da dívida com a Beaumont, tive problemas com pagamentos atrasados e cobranças de taxas aleatórias. Teria saído há muito tempo, mas o contrato tem uma cláusula que me obriga a pagar uma quantia significativa se tentar rescindi-lo sem "justa causa", conforme determinado por *eles*. A multa teria acabado com todas as minhas economias. E eu também tinha medo de que Emmanuelle me queimasse para sempre se eu não saísse de lá numa boa. – Soltei uma risada seca. – No fim das contas, acabei justo na situação que estava tentando evitar, então acho que deveria ter saído antes.

"Ela não vai queimar você", falou Vuk, por fim. O intervalo estava chegando ao fim, mas ele não parecia mais tão preocupado com o jogo. "Você tem mais poder do que imagina. Não deixa ela te intimidar."

– Vou tentar – respondi, com um sorriso amarelo. – Contei aos meus pais que não estou mais na Beaumont, mas meio que... encobri os detalhes. – Torcia para que eles nunca descobrissem a verdade. – Se a notícia do processo chegar aos jornais...

"Não vai. Eu vou cuidar disso."

Se fosse outra pessoa, eu teria dito que não era possível, mas Vuk exalava uma autoridade tão confiante que, se prometesse me trazer a lua, eu acreditaria.

– Obrigada. Por compartilhar isso comigo... – Apontei para o salão. – E por me ouvir.

A expressão dele se suavizou.

"Disponha."

Nossos olhares se desviaram quando a mulher de cabelos escuros abriu a rodada seguinte, mas o calor da conversa permaneceu no ar.

Era engraçado como sempre me sentia melhor, não pior, depois de falar sobre assuntos difíceis com Vuk.

Passamos mais uma hora no centro. Depois que a noite de bingo terminou, não estávamos a fim de ir para lugar nenhum, então Vuk pediu a Sean que nos levasse para o meu apartamento. Ele me acompanhou até a porta enquanto o chefe de segurança esperava no carro.

– Você deveria entrar. Para beber alguma coisa.

– Se eu entrar, não vou sair, *srce moje*.

– Tudo bem por mim – respondi, timidamente.

Ainda não havíamos tido a conversa "E então... o que somos?", e Vuk ainda tinha passado a noite na minha casa. Mas não era tarde para começar, certo?

Para minha decepção, Vuk balançou a cabeça.

– Por mais que eu queira muito passar a noite com você, tenho uma reunião com Cingapura em meia hora. É sobre nossa expansão lá. Já cancelei uma vez. Meus diretores vão me matar se eu adiar de novo. – Ele abriu um sorriso pesaroso. – Tenho negligenciado a empresa. Muitas distrações nos últimos tempos.

Ergui as sobrancelhas.

– De novo dizendo que sou uma distração?

Uma sombra cruzou o rosto dele, mas desapareceu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

– Do melhor tipo. – Ele se inclinou e me deu um beijo demorado. – Vejo você na terça?

Era a data da próxima aula de tiro.

Fiz que sim com a cabeça. Nós nos despedimos e ele esperou até que eu entrasse no apartamento em segurança para ir embora. Ouvi seus passos sumindo quando me encostei na porta, com os lábios ainda formigando do beijo. Não consegui conter um sorriso enorme.

Embora ele não pudesse ficar, a noite tinha sido incrível. Ver um novo lado de Vuk e ouvi-lo se abrir sobre a família, mesmo que um pouco, era melhor do que qualquer encontro chique ou presente caro.

Fiquei mais um minuto curtindo aquela sensação. Depois, acendi as luzes, joguei a bolsa no sofá e estava prestes a ir para o chuveiro quando os pelos da minha nuca se arrepiaram.

Havia algo errado. Dava para sentir.

O calor evaporou da minha pele. Meu coração disparou e quase destranquei a porta para poder fugir para o corredor, se necessário. Mas e se houvesse intrusos do lado de fora, esperando que eu fizesse isso?

Em vez disso, abri o contato de Vuk no celular. Deixei o polegar pronto para ligar enquanto apurava os ouvidos.

Silêncio absoluto.

Mesmo assim, fui até a cozinha e peguei uma faca. Avancei pelo apartamento, o coração acelerado. Verifiquei armários, quarto, banheiro e até mesmo debaixo da pia, mas não encontrei nada fora do comum. As janelas estavam fechadas e tudo estava onde eu havia deixado.

Soltei um suspiro lento e trêmulo, que aos poucos se transformou em uma risada. Estava tudo bem. Era só paranoia.

Coloquei a faca de volta na cozinha e retornei à sala para pegar minha garrafa d'água. Eu a estava tirando da bolsa quando um envelope em papel manilha chamou minha atenção. Estava na mesa de centro, em meio a uma pilha de revistas, agulhas de tricô e um bloco com anotações da última conversa por telefone com Sloane. Estava misturado à bagunça, e por isso não reparara nele antes.

Meu coração disparou outra vez. Fiquei olhando para o envelope, paralisada.

Não havia endereço nem qualquer outra informação. Era absolutamente inócuo.

Também era a prova de que alguém havia entrado no meu apartamento, pois o envelope *não* estava lá quando saí.

Fui em direção à mesa e peguei o envelope com a mão trêmula. A pessoa que tinha deixado aquilo ali já tinha ido embora, mas isso não impediu que minha pele inteira formigasse.

Quis descer correndo as escadas e abrir aquele envelope na companhia de alguém, para me sentir mais segura, ou jogá-lo no lixo e fingir que nunca o vira.

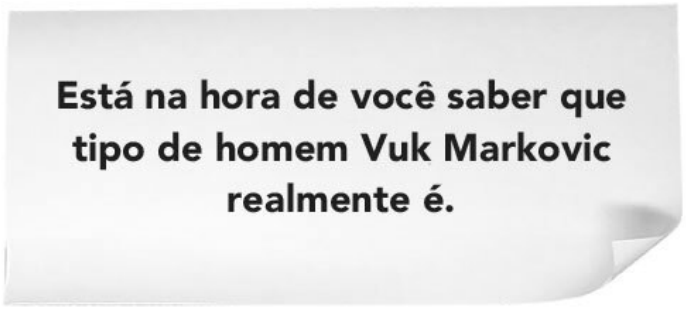
Mas não fiz isso.

Abri o envelope e...

Meu estômago se revirou. Fiquei enjoada, com os restos do jantar subindo à garganta enquanto olhava para as imagens, horrorizada.

Eram fotos. Fotos sangrentas e horrendas do cadáver mutilado de um homem. Estava tão mutilado que parecia saído de um filme de terror.

Havia um bilhete colado em uma das fotos. Continha uma frase digitada em uma fonte preta e nítida.



CAPÍTULO 45

Vuk



PASSEI O FIM DE semana soterrado em ligações e papelada. Apesar de todo o drama envolvendo a Irmandade e Emmanuelle, eu ainda tinha uma empresa para gerir. Meus funcionários tinham tocado as coisas enquanto eu estava ocupado com outras prioridades, mas, se eu não tomasse jeito antes das festas de fim de ano, eles fariam um motim.

No entanto, todos os pensamentos relacionados a lançamentos de produtos e relatórios fiscais se evaporaram quando Dominic me enviou um e-mail na tarde de segunda-feira.

Assunto: Feito

Não havia nada no corpo do e-mail, apenas um anexo. Depois de fazer as verificações prévias de segurança cibernética, baixei a pasta e abri os arquivos.

Meu coração disparou enquanto lia os documentos. Minha equipe era boa, mas rastrear dinheiro não era o forte deles. Era o de Dominic.

Havia passado a ele o endereço do antigo esconderijo de Shepherd. Ele conseguiu pegar essa migalha de informação e seguir a trilha até o fim.

Contadores forenses comuns teriam levado anos para desvendar a intrincada rede de laranjas e empresas de fachada, mas a equipe de Dominic não era comum; eram os melhores dos melhores. Além disso, havia lhe prometido um forte incentivo para que ele encontrasse o que eu estava procurando dentro do prazo determinado.

Podiam falar o que quisessem do sujeito, mas ele dava conta do trabalho.

Ignorei os detalhes desnecessários e me concentrei no nome no fim daquela trilha.

Fiquei sem ar e dei um sorriso.

Bingo.



Depois de descobrir o que precisava, salvei os arquivos de Dominic em um local seguro e excluí o e-mail original. Manteria a descoberta em segredo, por ora. Precisava ser estratégico sobre como usar as informações, o que significava que não podia entrar em ação ainda... por mais que quisesse.

Na tarde seguinte, fui ao Valhalla para a aula de tiro com Ayana. Ela estava estranhamente distante desde a noite de sexta-feira. Não me mandara mensagens com a frequência habitual e, quando eu entrava em contato, dava respostas concisas. Disse que estava só estressada com a situação com a Emmanuelle, mas algo me dizia que era mais do que isso.

– Chegou cedo – comentei.

Eu havia chegado quinze minutos antes do horário agendado, mas Ayana já me aguardava na cabine de sempre. Ela não costumava levar nenhum acessório, mas naquele dia carregava uma bolsa gigante pendurada no ombro.

Eu a cumprimentei com um beijo, que ela retribuiu com uma hesitação perceptível.

– Está tudo bem? – perguntei, a testa franzida.

– Sim. Não.

Os dedos de Ayana estrangularam a alça da bolsa.

Esperei, com uma sensação gelada invadindo minhas entranhas. Ela não era assim. Mesmo quando estava chateada, nunca era tão distante.

– Depois que a gente se despediu na sexta, eu entrei em casa e... – Ela respirou fundo. – Alguém tinha entrado no meu apartamento enquanto eu estava fora. Deixou uma coisa para mim.

Minha reação foi tão visceral que ergui a cabeça de repente, antes mesmo de assimilar por completo suas palavras. O sangue latejou em meus ouvidos e um rosnado repentino de absoluto pânico explodiu em meu peito.

– Você está ferida? O que deixaram para você? Por que você não me ligou? – Disparei as perguntas uma após a outra, como tiros.

Maldita reunião com Cingapura. Eu deveria ter entrado com ela e me certificado de que estava tudo bem antes de ir embora. Shepherd podia estar morto, mas a outra facção ainda estava à solta.

Foi um descuido raro da minha parte. Eu deveria ser mais esperto. Merda,

deveria ter seguido meu instinto e mantido um segurança 24 horas por dia no prédio dela, mesmo depois que Shepherd morreu. Ayana teria odiado, e minha equipe já estava sobrecarregada, mas teria valido a pena.

Alguém havia entrado no apartamento dela, e eu não estava lá.

O arrependimento dilacerou meu peito.

– Eu estou bem – garantiu Ayana. – Não precisa surtar. Não tinha mais ninguém lá quando cheguei, e não levaram nada. Registrei um boletim de ocorrência e troquei as fechaduras. Uma pessoa vai lá essa semana para atualizar o sistema de segurança.

– Minha equipe pode fazer isso hoje. Não podemos esperar, e temos tecnologias melhores do que qualquer outra coisa no mercado.

– Não. Eu já resolvi tudo – disse Ayana, com uma expressão estranha. Eu estava prestes a argumentar quando ela acrescentou: – A pessoa que invadiu o apartamento deixou isto aqui.

O arrependimento se transformou em medo. Fiquei olhando, com o estômago embrulhado, enquanto ela tirava um envelope da bolsa e o passava para mim. Sua mão tremia levemente.

Hesitei por um segundo antes de pegar o envelope.

Abri.

Tirei o que havia dentro.

E senti cada gota de sangue ser drenada do meu rosto.

O ar ficou preso na minha garganta. O choque de ver aquelas imagens específicas se cristalizou em pequenas lascas de gelo que me perfuravam cada vez mais fundo quanto mais eu olhava.

Havia três fotos no total, evidenciando o que eu havia feito com Dexter em detalhes explícitos e macabros. Minha equipe havia descartado os restos mortais dele perto de um centro conhecido da Irmandade, como aviso. Como a captura de Dexter já havia revelado a Shepherd meu envolvimento na história, fazia mais sentido ir com tudo, em vez de tentar esconder da Irmandade o que eu tinha feito.

As fotos foram tiradas no local onde o deixamos, o que significava que alguém da organização entrara na casa de Ayana. Não havia mais ninguém que tivesse meios ou motivo para fazer isso.

O sangue latejava em meus ouvidos. Eu me obriguei a tirar os olhos da foto em close do rosto mutilado de Dexter para ler o bilhete preso na parte superior.

Está na hora de você saber que tipo de homem Vuk Markovic realmente é.

Um gosto amargo invadiu minha boca. O tempo desacelerou, ganhando um

ritmo excruciante. Cada segundo trazia uma lembrança diferente.

Jordan levando um tiro. Minha primeira noite com Ayana. A ligação de Sean me dizendo que havia encontrado Dexter. O armazém. Roman insinuando que Ayana me deixaria se descobrisse do que eu realmente era capaz.

Tudo isso fazia pouco mais de uma semana. Não conseguia pensar em outro motivo para alguém deixar aquelas fotos para Ayana além de querer nos separar, e o momento era um pouco conveniente demais.

Amassei as fotos com ódio. Se aquele desgraçado do Roman tivesse alguma coisa a ver com aquilo, eu iria estripá-lo feito um peixe.

Mas, primeiro, precisava lidar com o presente.

Quando enfim ergui os olhos, Ayana estava me encarando com a mesma expressão estranha, como se estivesse dividida entre uma esperança dolorosa e a vontade de vomitar.

O tempo voltou ao normal, mas meu sangue permaneceu gelado.

– Me fala a verdade. – Ela apontou para as fotos, a voz trêmula. – Foi você quem fez isso?

Ayana

O SILÊNCIO ERA TAMANHO que daria para ouvir um alfinete caindo no chão.

Vuk me olhava, os nós dos dedos brancos em volta das fotos – as fotos horrorosas, sangrentas, que assombraram minhas noites nos últimos quatro dias e destruíram o meu apetite.

Estavam nas mesmas mãos que haviam me segurado. Me tocado. Me confortado.

Não conseguia imaginar que aquelas mãos fossem responsáveis por algo tão brutal como o que havia sido feito ao homem das fotos. Não queria acreditar. Tinha que haver outra explicação.

Alguém havia deixado aquelas fotografias na minha casa como uma piada de mau gosto ou estava tentando incriminar Vuk. Embora já suspeitasse que o conceito de justiça dele ultrapassava a linha do que era tecnicamente legal, nunca imaginei que ele fosse capaz *daquilo*. Havia também uma diferença entre suspeitar de algo e testemunhar seus detalhes macabros.

Me diz que não é verdade. Por favor. Diz que não é verdade.

A resposta dele destruiu minha frágil esperança.

– Fui eu.

Meu estômago pareceu despencar de um penhasco para as águas geladas abaixo. O frio me consumiu enquanto eu piscava os olhos, tentando entender a implicação por trás da resposta dele e de sua expressão impassível. Era como se alguém tivesse fechado um portão na cara dele e transformado o homem que eu conhecia em um desconhecido.

Fui eu.

– Entendi.

Uma resposta idiota e inócua, mas não sabia qual era a palavra certa entre as inúmeras que passavam pela minha cabeça. Não conseguia respirar, não conseguia pensar, não conseguia fazer nada além de ficar ali parada, vendo o mundo desmoronar ao meu redor.

– Você...

Mais uma vez, as palavras me escaparam.

– Se eu me arrependo?

Claro que Vuk entendeu o que eu estava tentando dizer. Ele sempre entendia.

– A única coisa de que me arrependo, *srce moje*, é de não ter tido mais tempo para acabar com ele.

Não havia um pingo de remorso em sua voz.

A saliva se evaporou, e minha boca ficou parecendo uma lixa. Tudo girava ao meu redor, fora de controle, e eu não tinha nada a que me agarrar, exceto aos farrapos de quem eu costumava ser.

Vuk acabou com a distância entre nós com dois passos. Levantou as fotos.

– Foi esse cara que atirou no Jordan. Que quase matou *você*. Só por isso, ele já merecia coisa bem pior.

A voz dele era ártica, mas seu corpo era fogo, emanando calor como um lembrete palpável de sua dualidade.

Empresário e criminoso.

Protetor e assassino.

O homem que era capaz de me beijar com tanta ternura num dia e matar com tanta crueldade no seguinte.

– No meu mundo, só existe um tipo de justiça: a vingança. – Vuk levou a mão ao meu rosto, seu toque insuportavelmente gentil. – Eu falei que não era uma boa pessoa, *srce moje*. Você deveria ter acreditado.

Fechei os olhos, tentando ignorar o que ele dizia, mesmo enquanto saboreava o calor de sua mão na minha pele. O ar escapava de meus pulmões em suspiros ofegantes.

Tinha plena consciência de como estávamos isolados. O campo de tiro estava sempre vazio e ficava nos fundos do Valhalla.

Se eu gritasse, alguém me ouviria? Se ouvissem, viriam me socorrer?

Minha mente afastou as hipóteses que brotavam sem parar. Apesar da admissão de Vuk e das provas de sua crueldade, eu não estava com medo. Aflita, sim. Atordoada, sem dúvida. Mas não senti um pingo do medo que me dominara quando fiquei sozinha com Wentworth ou quando vi uma bala vindo na minha direção no dia do casamento.

Apesar de seus crimes, não acreditava nem por um segundo que Vuk me machucaria.

– Olha para mim. – A ordem de Vuk me fez abrir os olhos. Seu olhar ardia contra o meu, ao mesmo tempo inabalável e desesperado. – Esse sou eu, Ayana. O que fiz com o cara dessas fotos não se compara ao que fiz com os responsáveis pela morte do meu irmão. Se eu tivesse a chance de voltar no tempo, faria tudo de novo, cem vezes pior. *Ninguém* faz mal às pessoas que eu amo e sai ileso.

Minha visão ficou embaçada. Parte de mim queria gritar. Por que ele não podia mentir e me deixar viver feliz na ignorância? Por que não podia me dar a oportunidade de fingir que nada havia mudado? Por que ele tinha que ser tão sincero quando isso significava que nunca mais seríamos os mesmos?

– Eu não vou machucar você. Nunca – disse Vuk. – Se você for embora agora e disser que nunca mais quer me ver, eu vou respeitar a sua vontade. Mas não posso fingir ser alguém que não sou. O que está feito está feito, e, se alguém fosse atrás de você amanhã, eu lidaria com a pessoa da mesma forma que lidei com o atirador. – Seu tom era duro. Implacável. – Está no meu sangue, *srce moje*. Posso ceder um pouco, mas não posso mudar minha essência. Não importa o quanto queira.

Meu coração se despedaçou quando ouvi a voz dele falhar um pouquinho no final.

Entendi a pergunta implícita.

Eu continuaria com ele, mesmo sabendo das coisas que havia feito e de que era capaz? Ou o deixaria, como ele disse que eu podia fazer, e abandonaria a escuridão de seu mundo?

A perspectiva de ficar longe dele me atravessou como uma labareda de dor, seguida pelos gritos fantasmagóricos de um homem que eu não conhecia e que jamais viria a conhecer.

Imagens carmesim cintilavam em minha mente, e meu estômago se revirou pela décima vez desde sexta-feira.

Fico ou vou embora?

– Eu...

As palavras ficaram presas na minha garganta. Uma escolha brilhava sob as águas turvas da indecisão, mas não conseguia alcançá-la. Se tentasse, me afogaria.

– Eu preciso de um tempo. – Uma lágrima escorreu, quente, pela minha bochecha. – Eu só... não estou conseguindo pensar direito agora. Preciso de um tempo sozinha para poder... – As lágrimas não derramadas engoliram o resto da frase. – Eu só preciso ficar sozinha – repeti.

Vuk engoliu em seco. Emoções cruzaram sua fachada pétrea. Medo, pânico, desespero: tudo veio à tona por um segundo, antes que seu rosto se fechasse novamente.

Ele baixou a mão e deu um passo para trás.

Senti um calafrio. Estremeci, ansiando por sentir o calor de seu toque mais uma vez, mesmo quando o buraco em meu peito ameaçava me engolir.

– O tempo de que você precisar – disse ele. – Vou estar aqui.

Aquela promessa silenciosa deveria fazer com que eu me sentisse melhor, mas fez o contrário. E, ao ir embora, com a garganta tão apertada que mais nenhuma palavra passou, foi impossível não olhar para trás.

Vuk estava exatamente onde eu o havia deixado, com a cabeça e os ombros curvados.

Não tínhamos terminado, ainda não, mas mesmo assim senti como se um abismo tivesse se aberto entre nós.

Tentei respirar, mas o ar me faltou, e me virei para a frente outra vez. *Um pé na frente do outro. Isso aí. Você consegue.*

Cruzei os corredores do Valhalla feito um fantasma, de corpo presente, mas perdida. De alguma forma, encontrei a saída, mas não sabia para onde ir.

A ideia de voltar para o meu apartamento vazio me fez estremecer. Apesar do que havia dito sobre melhorar a segurança, estava apreensiva por saber que alguém (muito provavelmente um membro da Irmandade) tinha entrado lá com tanta facilidade. Talvez devesse me hospedar em um hotel ou perguntar a Maya se podia passar alguns dias na casa dela.

Em outra realidade, eu ficaria na casa de Vuk, mas isso não era mais uma opção.

Enxuguei as lágrimas e respirei fundo outra vez. Poderia desmoronar mais tarde, sozinha. Naquele momento, precisava de alguma coisa, qualquer coisa, para me distrair.

Desci a rua do Valhalla e peguei um táxi. Disse ao motorista para me deixar

em qualquer lugar do SoHo. Uma caminhada me acalmaria, e o bairro estaria lotado o suficiente em uma tarde de semana para me dar a ilusão de segurança.

Trinta minutos depois, desci do táxi e entrei em uma cafeteria próxima para tomar um chá. Não era o shai da minha mãe, mas serviria.

Deixei que o calor reconfortante da bebida lavasse o resto das lágrimas enquanto eu vagava pelas ruas. Meu nariz estava entupido e minha cabeça latejava, como sempre acontecia depois que eu chorava, mas estava tão esgotada emocionalmente que não me importava que alguém me reconhecesse enquanto eu estava com a cara péssima.

Quem se importava com uma foto ruim quando o coração tinha sido estraçalhado?

Não precisa ser assim. Eu poderia correr de volta ao Valhalla naquele segundo e me atirar nos braços de Vuk. Poderia fazer vista grossa se e quando ele fizesse algo daquele tipo, e poderíamos viver felizes para sempre.

Mas uma parte minha sempre saberia. Sempre estaria apreensiva, e ele sempre perceberia meu distanciamento, a menos que eu encontrasse uma maneira de conciliar minha moral com os sentimentos que tinha por ele.

Se seria possível ou não, ainda não dava para saber.

– Ayana.

Parei ao ouvir a voz familiar. Era uma voz que eu não ouvia pessoalmente havia meses.

Hank estava diante da sede da Beaumont, com um cigarro na mão. Eu estava tão mergulhada em meus pensamentos que não tinha percebido que me aproximara da sede da minha ex-agência.

Fiquei tensa. Meu ex-agente tinha a mesma cara de sempre, cabelos penteados para trás e pele bronzeada artificialmente. No entanto, sombras escuras marcavam seus olhos, e sua mão tremia ao levar o cigarro à boca.

Lembrei-me do que Emmanuelle havia dito sobre as ameaças de Vuk. Talvez eu não fosse uma pessoa tão boa assim, no fim das contas, porque, embora não suportasse tortura, a imagem de Hank se encolhendo de medo diante de Vuk me trazia uma satisfação imensa.

– O que você quer? – perguntei.

Ele tragou o cigarro antes de responder:

– Não tivemos a chance de nos despedir. Seis anos de parceria pelo ralo. – Hank balançou a cabeça. – Você irritou mesmo a Emmanuelle.

– Exigindo o que era meu *por direito*? – Apertei o copo de chá. – E por seis anos de parceria, você quer dizer seis anos de exploração, né?

– Exploração? – Ele bufou. – Você ainda seria uma qualquer em Washington, se não fosse por mim. Eu te dei uma carreira. Fama. Dinheiro. Mesmo descontando as taxas da agência, você ganhou mais comigo do que jamais teria ganhado fazendo... o quê? Trabalhando num laboratório de química sei lá onde? – Os olhos de Hank brilharam. – Você acha que teria conhecido homens como Jordan Ford ou Vuk Markovic se não fosse por mim?

– Eu nunca pedi nada disso – rebati. Era bom sentir raiva. Ela me impedia de ficar pensando na dor aguda de ouvir o nome de Vuk. – Só queria dinheiro suficiente para pagar as despesas médicas do meu pai. Não queria ser famosa e definitivamente não queria ficar presa a um contrato abusivo.

– Talvez não, mas cá estamos nós. – Hank me deu um sorriso amarelo. – Pelo menos você não vai ter mais que se preocupar com o contrato. Só com o processo.

– Esse processo não vai dar em nada, e todo mundo sabe disso.

– Claro que não vai, mas, quando tudo acabar, você não será mais a imaculada queridinha da moda, não é mesmo? – Hank apagou o cigarro. – Emmanuelle sabe o que está fazendo. Você pode ter o Markovic do seu lado, mas não é bom arrumar confusão com gente como ela. Nunca.

Reprimi um calafrio quando ele mencionou Vuk pela segunda vez.

– Eu não tenho medo dela – respondi. – Não mais.

O que mais ela poderia fazer comigo que ainda não tivesse feito?

– É uma pena. – Algo cintilou nos olhos de Hank. – Achava que você fosse mais esperta.

Hank que fosse à merda. Já tinha perdido tempo demais com ele. Hank não era mais meu agente, e eu não tinha motivos para ceder às suas tentativas de me manipular.

Fui embora sem olhar para trás, mas suas palavras me seguiram como um odor pútrido.

Será que Emmanuelle tinha mais alguma carta na manga ou outro motivo para me atingir além de uma ligação acalorada? Eu era a modelo mais bem paga da Beaumont, e ela era uma mulher de negócios astuta. A decisão de me dispensar não fazia sentido em termos práticos.

Por outro lado, com frequência o ego fazia com que as pessoas fossem de encontro a seus próprios interesses. Dois anos antes, um estilista em ascensão ignorou o conselho dos amigos e investiu 1 milhão de dólares em um evento de última hora para irritar um rival, que estava organizando o próprio evento naquela noite. Foi um grande desastre e o estilista nunca se recuperou social ou

financeiramente.

Então, sim, eu acreditava que Emmanuelle fosse mesquinha àquele ponto.

Virei a esquina em uma rua lateral. Era uma rua vazia, que não servia para nada além de passagem de uma via principal para outra.

Avistei o letreiro de uma cafeteria conhecida do outro lado. Já estava quase terminando meu chá, então foi bem na hora certa. Em vez de ficar perambulando, pediria outra bebida, me acomodaria a uma mesa de canto e leria as últimas publicações do meu blog de perfumes favorito. Nada de e-mails, mensagens, nada de verificar as redes sociais nem de pensar em Vuk. Assim que clareasse a mente, poderia decidir o que fazer em seguida.

A determinação acelerou meus passos, mas só tinha chegado à metade do caminho quando uma dor intensa perfurou meu pescoço.

Em um primeiro momento, achei que tivesse sido picada por uma abelha. Dei um tapa para tentar afastá-la, e foi então que tudo girou. O copo caiu e rolou pelo chão. A tampa se soltou e os restos do chá escorreram pelo concreto como uma mancha escura.

Meus pulmões se contraíram em busca de ar. Cambaleei, o ar saindo em rajadas curtas e superficiais. A última coisa que ouvi foi a porta de um carro bater antes de mãos de ferro me agarrarem e tudo escurecer.

CAPÍTULO 46

Vuk



NÃO CONSEGUIA DORMIR, NÃO conseguia trabalhar. O campo de tiro me lembrava de Ayana, então atirar não me trazia nenhuma satisfação. Por isso, no dia seguinte ao que ela me mostrara as fotos e meu mundo desabara, fiz algo que nunca fazia: fui à academia de boxe.

Poderia contar em uma mão as vezes que tinha entrado na academia desde que me associei ao Valhalla. Boxe não era meu esporte preferido, mas, quando se tratava de descarregar frustrações, nada melhor do que uma bela luta.

– Então, me conta – disse Dante. – Quem foi que tirou você do sério?

Eu me esquivei de seu punho e contra-ataquei com um gancho. Não respondi à pergunta.

Não era a primeira vez que ele tentava me arrancar informações. Tive sorte de Dante estar na academia quando cheguei, então não precisei procurar um parceiro, mas não estava ali para conversar. Se contasse a alguém o que acontecera com Ayana, as coisas se tornariam reais e, se aquilo fosse real... se ela de fato tivesse ido embora para sempre... eu acabaria destruindo o lugar inteiro com minhas próprias mãos.

Preciso ficar sozinha.

As palavras dela cravaram as garras em meu estômago, mais profundamente do que o medo e o arrependimento. Retalharam-me de dentro para fora, e não havia nada que eu pudesse fazer para estancar o sangramento.

Preciso ficar sozinha.

Os ecos me assombravam tanto quanto a visão de suas lágrimas. Deveria ter imaginado que aquele dia chegaria. Era impossível que alguns segredos ficassem

enterrados para sempre, e os meus eram mais graves do que os da maioria das pessoas.

Eu poderia ter mentido, mas isso teria sido um paliativo, não uma solução. Ayana e eu ainda não havíamos definido o status do nosso relacionamento. Se e quando fizéssemos isso, queria que ela soubesse no que estava se metendo.

Não importava o quanto eu desejasse ser o homem bom e gentil que ela merecia, jamais conseguiria. Eu era quem eu era: um monstro forjado pela natureza e pelas circunstâncias. Assim como um leopardo não era capaz de mudar sua pelagem, eu era incapaz de destruir meu lado sombrio, e jamais me desculparia por me vingar daqueles que mereciam.

Mas se ela decidisse me deixar, então...

Um punho acertou meu queixo. Minha cabeça girou para a esquerda, e um sabor acobreado inundou minha boca. Cuspi, os ouvidos zumbindo.

– Você está distraído – disse Dante, seus olhos com um toque de diversão. – Imagino que não tenha nada a ver com certa modelo que vi saindo às pressas do clube ontem.

Um rosnado ressoou em meu peito. Desferi um soco direto, e ele recebeu o golpe com um grunhido de dor.

– Vou considerar isso um sim – disse ele.

Ataquei outra vez. Àquela altura, já não me importava se ganharia ou perderia. Só precisava socar alguma coisa, e Dante era um alvo como qualquer outro.

O suor escorria pelo meu rosto e entrava em meus olhos. Meus músculos estavam tão tensos que pareciam prestes a arrebentar.

Preciso ficar sozinha.

Podia levar dias, semanas ou meses. Podia ser para sempre. Aquela incerteza me atormentava como presas cheias de veneno, assim como o motivo por trás das ações da Irmandade.

Qual seria o objetivo das fotos, além de afastá-la de mim? Por que faria diferença para eles se estávamos juntos ou não? Na verdade, deveriam nos querer mais próximos... Isso lhes daria mais poder sobre mim. Ou talvez o objetivo fosse me tirar do prumo. Me distrair com problemas de relacionamento para que eu ficasse mais vulnerável a um novo ataque.

O toque do meu celular interrompeu meus pensamentos. Pedi um intervalo para poder atender.

Em circunstâncias normais, eu teria ignorado a ligação, mas podia ser Ayana. Era improvável, já que menos de 24 horas haviam se passado desde nossa última

conversa, mas ainda tinha esperanças.

Infelizmente, não era Ayana; era Sean. E ele estava ligando, o que nunca era um bom sinal.

Atendi, escutei o recado e, pela segunda vez naquela semana, meu mundo explodiu em mil pedaços.



– Como foi que uma *merda* dessas aconteceu? – O rosnado que saiu da minha garganta foi feroz.

Sean não se encolheu, mas sua expressão sombria revelava preocupação.

– Enviamos uma pessoa para o prédio dela depois que você me ligou ontem, mas ela não voltou para casa, não sabemos onde está. Como você instruiu, tínhamos organizado tudo para que alguém ficasse de olho nela em tempo integral a partir de hoje, mas foi tarde demais. – A mandíbula dele se contraiu. – Foi um descuido meu, e assumo toda a responsabilidade.

Estávamos no meu escritório no Valhalla. Eu tinha saído da academia de boxe e pedido a Sean que me encontrasse lá imediatamente depois que ele me ligou para dizer que Ayana estava desaparecida.

Desaparecida.

Meu estômago borbulhava de pavor.

O segurança alocado no prédio de Ayana alertara Sean aquela manhã que ela não tinha ido para casa na noite anterior, um acontecimento inédito. Uma rápida conferência com as amigas dela revelara que ninguém tinha notícias de Ayana desde a tarde anterior. Ela não podia estar viajando, pois teria precisado voltar para casa depois do Valhalla para fazer as malas.

Foi quando Sean suspeitou que havia algo errado e me ligou.

A raiva brilhava sob uma camada de pânico. Fazia 22 horas desde que ela tinha sido vista pela última vez, e eu vasculharia a cidade inteira até encontrá-la.

– Acessamos as imagens de segurança do Valhalla e identificamos a placa do táxi que ela pegou depois de sair de lá – disse Sean. – Rastreamos o motorista, que se lembrava dela e disse que a deixou no SoHo. Obtivemos as imagens de vigilância do local onde ela foi deixada e a vimos entrar e sair de uma cafeteria próxima.

Apesar de Sean ter se desculpado, eu tinha o bom senso de reconhecer que aquilo não tinha sido culpa dele. Fora minha. Eu deveria ter tomado as rédeas da situação. Eu deveria ter me certificado de que ela estava em segurança antes de

deixar que fosse embora, deveria tê-la avisado sobre a Irmandade, *deveria*, *deveria*, *deveria*. E agora talvez fosse tarde demais.

Uma sensação azeda se espalhou pela minha boca.

– Você conseguiu rastrear os passos dela e descobrir onde ela foi vista pela última vez?

Ele hesitou.

– Até certo ponto, sim. A equipe inteira está em cima disso, mas são muitas imagens. Isso supondo que ela tenha desaparecido em algum lugar onde *há* câmeras de vigilância. Muitas empresas da região não têm. – Sean abriu o notebook que havia colocado na minha mesa. – No entanto, percebemos que a sede da Beaumont fica a dez minutos a pé da cafeteria. Dados os atuais desentendimentos dela com a agência, verificamos as câmeras do prédio por precaução e...

Ele abriu um vídeo.

O homem na tela estava de costas para a câmera, mas eu reconheceria aquele cabelo cheio de gel e o Rolex chamativo em qualquer lugar. Ele estava fumando um cigarro. Alguns segundos depois, Ayana entrou no quadro. Seus olhos pareciam inchados e ela segurava um copo de papel da cafeteria.

Uma onda de dor me atravessou. *Ela está bem. Ela está bem.* Tinha que estar.

Os dois pareciam ter tido uma discussão acalorada e Ayana se afastou logo depois com uma expressão irritada.

– Infelizmente, não há outras câmeras de vigilância nos arredores, então não conseguimos rastrear para onde ela foi depois – disse Sean. – Mas já estamos verificando o local para o caso de ela ter deixado alguma pista para trás.

– Me informe se descobrirem *qualquer* coisa. Até lá, me traz o Hank – ordenei. – Agora.

– Pode deixar.

Depois que Sean saiu, andei de um lado para outro da sala e tentei controlar a náusea. Conseguia me controlar quando estava dando ordens e bolando planos, mas, sem nada a fazer além de esperar, um buraco se abriu em meu estômago.

A conversa de Ayana com Hank era a última imagem que tínhamos dela. De acordo com o registro de data e hora do vídeo, isso tinha sido 22 horas antes. Uma eternidade em meu mundo.

Havia uma pequena chance de que ela tivesse sumido por vontade própria sem passar em casa para pegar nada, mas minha intuição me dizia que não era o caso.

Ela estava em apuros, e se a pessoa que a sequestrara tocasse em um único fio

de cabelo dela...

Meu coração se transformou em uma pedra de gelo, sombrio e impiedoso, enquanto eu olhava para a imagem granulada de Hank na tela.

Nem Deus seria capaz de impedir que eu me vingasse.

CAPÍTULO 47

Ayana



SENTI O ODOR DE sangue antes mesmo de abrir os olhos.

Fedia a metal e morte, e o cheiro era tão denso e pungente que não conseguia respirar sem ficar sufocada. A cada inspiração eu tinha a impressão de estar inalando cobre puro. O espectro daquele gosto se instalou no fundo da minha língua, e tive que lutar contra a ânsia de vômito.

Meu estômago se revirou. Fechei os olhos com força, apavorada com a cena sangrenta que me aguardava, já que o cheiro de sangue era tão forte, mas não podia ficar no escuro para sempre. Não quando alguém tinha me pegado no meio da rua e me levado para... onde quer que eu estivesse.

Provavelmente tinham me injetado um sedativo, pois minhas têmporas latejavam, e só agora eu estava voltando a sentir os braços e as pernas.

Eu me preparei e abri os olhos bem devagar. Pisquei para afastar a sonolência, até que o cômodo aos poucos entrou em foco.

Estava amarrada a uma cadeira no meio de um espaço amplo. Uma corda áspera prendia meus pulsos para trás e meus pés estavam atados às pernas da cadeira.

Partículas de poeira se agitavam nos fracos raios de sol que entravam na sala. Parecia uma espécie de armazém. Pé-direito alto, piso de concreto, janelas sujas empoleiradas no alto de paredes nuas. Havia contêineres empilhados ao redor, obscurecendo minha visão de qualquer coisa que não estivesse próxima.

E bem na minha frente, a menos de três metros, havia um cadáver.

Correção: *pedaços* de um cadáver. Um tronco, um braço e...

Meu estômago se revoltou. A bile me subiu pela garganta e vomitei

ruidosamente.

Queria fechar os olhos outra vez e fingir que não estava ali – fingir que estava segura e aquecida em meu quarto, com o edredom até o queixo e minha vela de lavanda favorita acesa na mesa de cabeceira –, mas não conseguia desviar o olhar.

As fotos do envelope pareciam ter ganhado vida, só que aquele era outro homem. Não sabia dizer quem. Seu rosto estava virado para o outro lado, o que era uma pequena bênção. Pensei que não seria capaz de lidar com olhos sem vida me encarando enquanto eu aguardava o terrível destino que os sequestradores haviam planejado para mim.

Fiquei congelada de pavor, convencida de que o responsável pela morte violenta daquele homem apareceria de repente e me cortaria em pedaços semelhantes. Mas vários minutos se passaram, e, além da minha respiração ofegante, não conseguia ouvir um único som.

Se controla, porra. Perder a cabeça não vai ajudar em nada. Você precisa pensar.

Contei até dez em silêncio e, por fim, acalmei minha respiração o suficiente para avaliar o ambiente ao redor.

Não havia muitos lugares em Nova York que pudessem acomodar um armazém daquele tamanho. Em Manhattan, nem pensar. Claro que poderíamos estar em outra cidade.

Por quanto tempo tinha ficado apagada? Horas? Dias? Tempo suficiente para me levarem até um estado vizinho, como a Pensilvânia, ou ao menos para me tirar da cidade.

A julgar pela inclinação e pela cor da luz, já era final da tarde, início da noite.

Minha cabeça rodava. Eu precisava sair dali enquanto podia, mas como?

Eu me contorci na cadeira, testando a força das amarras. A corda não era muito grossa, mas os nós eram terríveis. Não via minha bolsa em lugar algum, nem qualquer objeto pontiagudo que pudesse usar para cortar a corda.

Senti a frustração me dominando.

Respire. Pense.

Estava viva, o que significava que os sequestradores pretendiam me usar para alguma coisa. Se quisessem me matar, já teriam feito isso.

Se eu preferiria morrer a encarar os planos deles era outra questão.

Imagens repugnantes do que alguém poderia fazer a uma pessoa, além de matá-la, passaram pela minha cabeça. Meu estômago se revirou outra vez, e me obriguei a respirar, trêmula, pelo nariz.

Entrar em pânico não me levaria a lugar algum. Precisava manter a cabeça

tranquila se quisesse sair dali. O que Vuk faria?

Vuk. Só de pensar nele, meu coração se contorcia com uma dor angustiante. Nossa discussão, se é que poderia chamar assim, parecia ter acontecido em outra vida, embora fosse impossível ter se passado mais de um ou dois dias. Não sabia o que decidiríamos sobre nosso relacionamento, mas daria tudo para ver seu rosto e ouvir sua voz de novo. Caso contrário, nossa última conversa teria sido de choque e raiva... pelo menos da minha parte.

O arrependimento abriu um buraco no meu estômago. Até então, o mundo de Vuk e seus matadores profissionais e assassinatos parecera muito distante da vida real. Eu sabia que existia, mas, mesmo com o ataque ao casamento e todos os desdobramentos dele, eu andara tão confusa que não havia assimilado tudo. Os homens de Vuk detiveram os agressores e Jordan sobrevivera, apesar de ter sido baleado. A ameaça existira, mas não parecera *real*.

Não como aquilo ali.

Olhei para o corpo outra vez. Lutei contra outra ânsia de vômito. Mesmo que conseguisse sair dali viva, jamais esqueceria aquela imagem.

Senti um pouco mais de empatia pelas atitudes de Vuk. Olho por olho nem sempre era a melhor maneira de fazer justiça, mas ao menos era *uma* maneira.

As lágrimas embargaram minha garganta. Se ao menos ele estivesse ali. Se ao menos pudesse contar a ele tudo que estava passando pela minha cabeça.

Mas ele não estava, o que significava que cabia a mim sair daquela confusão. Eu me recusava a morrer sem vê-lo e dizer a ele que eu...

Inspirei fundo mais uma vez e balancei a cabeça. *Se concentre, Ayana. Uma coisa de cada vez.*

Primeira missão do dia: descobrir com quem estava lidando. Quem tinha meios e motivos para me sequestrar? Emmanuelle me odiava, mas não fazia o tipo sequestradora. Era mais provável que me atacasse com palavras e chantagens. A única outra opção em que consegui pensar foi a Irmandade. Eles já haviam arruinado o casamento, e eu não ficaria surpresa se estivessem tentando me usar para atingir Vuk.

Se fosse esse o caso, estava perdida. Jamais conseguiria encarar assassinos profissionais.

Mas precisava tentar.

Eu me sacudi na cadeira, tentando soltar as cordas. Nada.

O suor se acumulou sob minhas axilas e formou uma fina camada em minha testa e em meu lábio superior. Meu estômago roncou. Não tinha comido nada desde os ovos e o smoothie que havia lanchado antes de encontrar Vuk no

Valhalla. Se tivesse comido, talvez tivesse mais energia para...

Passos quebraram o silêncio absoluto.

Fiquei paralisada. Um gosto ácido na garganta.

Os passos ficaram mais altos...

Meu coração batia em sincronia com o ritmo constante e ameaçador.

Mais altos...

Me sacudi com mais força. Não sobrou um pingo de estratégia depois que o pânico tornou meus movimentos frenéticos. Mesmo que eu me soltasse, duvidava que pudesse fugir do sequestrador, mas não ficaria ali sentada esperando que me matassem sem lutar.

Mais altos...

Estava imaginando coisas, ou a corda em volta do meu tornozelo direito estava cedendo um pouco? Coloquei mais peso naquele lado, tentando...

Os passos pararam.

O sequestrador tinha chegado.

Fiquei imóvel. Meu coração parecia querer sair pela boca, e me preparei mais uma vez para enfrentar o sequestrador.

Ergui os olhos, passando pelo cadáver e parando em pernas vestidas de preto.

Fui subindo, subindo, subindo, até chegar a um rosto conhecido.

Meu coração parou.

Não.

CAPÍTULO 48

Vuk



- NÃO SEI ONDE ela está! – berrou Hank. – Eu juro! Ela passou por mim por acaso enquanto eu fumava um cigarro. Só isso. Não tive nada a ver com o desaparecimento dela, nem com o fato de Emmanuelle tê-la mandado embora. Eu...

As palavras dele se transformaram em gorgolejos quando apertei sua garganta com mais força.

A cara dele ficou roxa, e seus pés chutaram o ar.

Havia começado a interrogá-lo no momento em que Sean o deixara na minha casa, uma hora antes, e estava cansado de ouvir desculpas. Mais de 24 horas haviam se passado desde a última vez que Ayana tinha sido vista; minha paciência, assim como minha misericórdia, havia se esgotado.

– Por favor. – Hank ofegou. – Eu posso te ajudar. Se você deixar, eu...

Ele se engasgou outra vez, os olhos arregalados.

Fiquei tentado a apertar com mais força até que aquela falha patética da humanidade deixasse de existir, mas ele tinha sido a última pessoa a falar com Ayana. Além disso, tinha contato direto com a Beaumont, que poderia ser útil, dependendo de como as coisas se desenrolassem. Era tudo muito incerto naquele momento.

Com relutância, eu o soltei. Ele se curvou para a frente, arfando.

Eu tinha ido do escritório no Valhalla para o porão da minha casa assim que Sean saiu para buscá-lo. Era um terceiro escritório que havia montado em frente à *rage room* improvisada. Precisava de um lugar privativo para lidar com Hank, e nem o Valhalla nem a sede oficial da empresa eram o lugar certo.

– Olha, eu... eu não sei o que aconteceu, mas vi em qual rua ela virou quando saiu de lá – disse Hank, depois de ter oxigênio suficiente para falar direito outra vez. – Foi naquela... naquela ruazinha que não tem comércio nenhum, mas dá num bando de cafés. Eu conheço a Ayana... fui agente dela por anos. Quando ela está estressada, vai para uma cafeteria qualquer e passa *horas* lá sentada. Se você conferir o...

– Já fizemos isso – disse Sean, com frieza. Ele nos observava discretamente de um canto. – Ela não aparece nas imagens das câmeras de nenhum dos prédios.

Gotas de suor brilhavam no lábio superior de Hank.

– Bom, mas tem vários outros...

Ele hesitou diante da minha expressão de fúria. Seus olhos se moveram de um lado para outro várias vezes, antes de encontrarem os meus de novo.

– Certo. Você disse que ela está desaparecida desde ontem à tarde, né? Bem, não sei se tem alguma relação ou se ajuda, mas...

– Fala logo – cuspiu Sean.

– Desde ontem à tarde que não sei da Emmanuelle também – disse Hank. – Tínhamos uma reunião marcada para hoje de manhã e ela não apareceu. Ela não costuma fazer isso. Não estou dizendo que ela sequestrou Ayana nem nada do tipo, mas é uma coincidência suspeita, né? E com esse rolo todo envolvendo a Ayana, será que ela não sabe de alguma coisa? – A voz dele se transformou em um guincho no final.

Sean e eu nos entreolhamos.

Hank talvez fosse mais esperto do que imaginávamos, porque o mesmo pensamento havia passado pela minha cabeça de início, só que eu tinha informações que ele não tinha.

Graças a Dominic, eu sabia que Emmanuelle Beaumont, nascida Élodie Beaumont, estava envolvida com a Irmandade. Ela era irmã de Stéphane Bouvier, também conhecido como Shepherd, sem sobrenome. Fora o nome da pequena cidade natal deles, na França, que disparou meus alarmes quando li a biografia dela.

Shepherd e eu havíamos nos cruzado brevemente antes da morte do meu irmão. Ele entrara para a Irmandade um mês antes de eu sair e queria conhecer o processo de fabricação dos meus venenos. Naquela noite, no laboratório, ele por acaso comentara o nome da cidade onde nascera.

Foi um erro da parte dele. Os Irmãos eram treinados para nunca compartilharem informações pessoais, nem mesmo uns com os outros, mas ele era novo e inexperiente demais para se dar conta do deslize. Eu não tinha dado

muita atenção a isso na época, mas me lembrava de ter pesquisado por curiosidade e descoberto que apenas cerca de mil pessoas moravam lá.

Quais eram as chances de Emmanuelle e Shepherd terem vindo daquele mesmo lugar e não terem nenhum vínculo?

Minha equipe não conseguiu fazer a conexão porque a única evidência disso estava escondida bem fundo nas finanças deles, mas a contabilidade forense de Dominic enfim confirmara meu palpite. Emmanuelle era a pessoa que mantinha a facção de Shepherd funcionando com o dinheiro desviado da agência e de atividades secundárias mais lucrativas, porém abomináveis.

Dominic havia identificado uma série de depósitos vultosos incompatíveis com o rendimento dela na Beaumont ou outras fontes legítimas. Uma investigação mais aprofundada revelara um lado podre de suas atividades: especificamente, uma rede de "entretenimento sexual" que usava as próprias modelos da agência.

Aquelas que ganhavam bem estavam protegidas desse lado do negócio, mas as que trabalhavam havia anos na agência e não geravam lucro suficiente para o gosto da diretoria eram coagidas a saldar suas dívidas de outras maneiras.

Dominic não havia se aprofundado na lista de clientes, mas eu poderia apostar que pertenciam à nata da indústria da moda e a outros círculos influentes. Isso explicava por que Emmanuelle era tão poderosa.

Então, sim, ela tinha um vínculo direto com a Irmandade e motivos para machucar Ayana. Ela também tinha um motivo extra para me atingir, considerando que eu havia matado seu irmão, mas não fora ela quem sequestrara Ayana. Se tivesse sido ela, Enzo – o agente que eu havia colocado em seu encalço – teria me contado, mas ele não havia reportado nada de diferente ao longo do dia.

Não sabia por que Emmanuelle havia faltado à reunião com Hank. Talvez estivesse tão cansada dele quanto eu.

Hank estava mais uma vez tagarelando sobre cafeterias quando Sean me chamou.

– Vuk.

Ele acenou para a porta com a cabeça, indicando que precisávamos conversar em particular.

Deixamos Hank na sala. Não havia nada de importante lá dentro, então não me preocupei.

– Acabei de receber uma ligação dos homens que estão no local – disse Sean, quando ficamos sozinhos. – Eles encontraram um copo descartável na rua que o

Hank mencionou. É igual ao que Ayana estava segurando na filmagem. Eles levaram até o laboratório para procurar alguma impressão digital. O problema é que a rua não tem nenhuma câmera e fica escondida da maioria dos pedestres. Se alguém estacionasse uma van em uma esquina, ninguém veria o que estava acontecendo.

Senti a frustração me invadir.

"Então, não importa se o copo é dela. Saberíamos só onde a pegaram, nada mais."

– Talvez sim, talvez não. – Sean abriu uma foto no celular. Nela, um botão prateado brilhava contra o concreto sujo. – Também encontraram isto aqui no chão perto do copo. Talvez tenha caído de outra pessoa que passou pela rua naquele dia ou tenha ido parar lá de algum outro jeito. Não há nada que sugira qualquer vínculo com o sequestro da Ayana, mas os rapazes pegaram mesmo assim e o analisaram. Nenhuma impressão digital, mas encontraram vestígios de argila. Long Island, para ser mais exato, é tomada por esse tipo de material. É uma ligação bem tênue, mas...

"Se fossem levá-la para algum lugar, escolheriam um lugar isolado, onde há pouca chance de testemunhas ou de câmeras."

Isso excluía a maior parte de Manhattan. Long Island, por outro lado, seria perfeita.

Como Sean disse, era uma ligação tênue. O botão poderia ser de um morador aleatório de Long Island que estava só visitando a cidade. Mas era uma pista, e eu estava desesperado o suficiente para ir atrás de qualquer coisa, por menor que fosse.

– Exatamente – disse Sean. – Long Island é grande, mas vamos varrer as áreas mais isoladas primeiro, sobretudo onde tem armazéns abandonados.

"Eu vou com você." Precisava fazer alguma coisa. Se passasse mais um minuto em casa, perderia a cabeça.

Sean não discutiu.

– Eu aviso quando estivermos prontos para sair. O que você quer que a gente faça com o Hank?

"Ele fica trancado lá dentro. Quero ficar de olho nele."

Duvidava que Hank tivesse alguma coisa a ver com o desaparecimento de Ayana, mas ainda assim não confiava naquele maldito.

Enquanto Sean ia tomar as devidas providências, liguei para Roman. A chamada caiu direto no correio de voz... de novo.

Não conseguia fazer contato com ele desde o dia anterior. Roman havia

evaporado, e eu tinha cada vez mais certeza de que ele estava envolvido naquela avalanche de merda.

Havia noventa por cento de chance de ele ser a pessoa que enviara as fotos para Ayana. Assim que colocasse as mãos nele...

O telefone tocou. *Falando no diabo.*

Atendi logo.

– Onde você estava, caralho?

– Desculpa, mas eu não existo para te servir – retrucou Roman. – Também tenho problemas para resolver. O que é tão importante para você me ligar *vinte vezes* nas últimas duas horas?

Não perguntei sobre as fotos e foquei no que era mais urgente. Poderia matá-lo mais tarde. Por ora, precisava da ajuda dele.

Fiz um resumo rápido do desaparecimento de Ayana, o que havíamos descoberto e em que ponto estávamos na busca.

– Você tem alguma informação sobre os locais usados pela outra facção? Algum esconderijo ou quartel-general em Long Island?

Roman ficou em silêncio por um bom tempo.

– Talvez. Ficaria surpreso se eles *não tivessem* um lugar desses em Long Island. – Silêncio outra vez. Cheguei a pensar que ele tinha desligado, mas Roman voltou a falar: – Essa outra facção... Tem uma coisa que eu preciso te dizer. Pessoalmente.

– É importante ou você vai só me enrolar de novo?

Não tinha tempo a perder. Cada minuto contava em casos de desaparecimento, e eu já havia desperdiçado muitos.

– É importante. Confia em mim – disse ele. – Na verdade, pode ajudar você a encontrar a Ayana.

Era tudo o que eu precisava ouvir.

Marcamos um horário e um local, e desliguei.

Fiquei olhando para o celular, com a garganta embargada de desespero. Tentei não imaginar Ayana amarrada em algum lugar, apavorada e sozinha.

Aguenta firme, querida. Já estou indo.

CAPÍTULO 49

Ayana



– VOCÊ PARECE SURPRESA – disse Wentworth, a voz arrastada. – Quem você esperava que fosse?

Olhei para ele, boquiaberta, me perguntando se o sedativo tinha sido na verdade um alucinógeno. Foi a única explicação que encontrei para o fato de aquele homem desprezível estar apontando uma arma para mim no meio de um armazém vazio.

Não via nem tinha notícias de Wentworth desde que ele me atacara no ensaio da Sage Studios. Agora, ali estava ele, com uma aparência um pouco acabada, mas em carne e osso.

Seus olhos brilhavam. O nariz estava torto, como se tivesse cicatrizado mal depois de ter sido quebrado (senti uma pontada de satisfação) e o cabelo estava mais comprido. Um gesso azul envolvia sua mão direita, o que significava que ele estava segurando a arma com a mão esquerda, não dominante.

– Você é membro da Irmandade?

Não consegui esconder a descrença.

Duvidava muito. A ideia era mais absurda do que um chefe da máfia ser secretamente um palhaço de festa, mas precisava enrolar enquanto tentava descobrir como sair daquela situação.

Assassino ou não, Wentworth tinha motivos para me odiar. Um homem ressentido com uma arma na mão era dez vezes pior do que um profissional sem envolvimento emocional algum.

– Membro da Irmandade? Não. Mas digamos que temos conhecidos em comum. – O sorriso de Wentworth me deu calafrios. – Eles queriam o Vuk, e eu

queria você. Por sorte, vocês agora vêm no mesmo pacote. Queria muito ter visto a cara daquele babaca quando se deu conta de que você tinha sumido. Deve ter surtado. – Ele parecia contente. – Passamos o dia inteiro seguindo você. Ele não percebeu porque ficou no Valhalla. Sorte a nossa.

Reconhecia aquele tom hiperativo, maníaco. Ele estava drogado outra vez.

Ótimo. Como se não bastasse lidar com um babaca vingativo e armado, teria que lidar com um babaca vingativo, armado e louco de pó.

Mantive o olhar fixo no dele enquanto forçava as amarras com o tornozelo direito. A corda cedeu mais uns milímetros.

– Você sabe o que ele fez? – perguntou o fotógrafo.

Congelei quando Wentworth se aproximou de mim. Seu hálito tinha cheiro de uísque, frutado e doce. Me deu vontade de vomitar.

– Ele destruiu a minha mão. Esmagou com um martelo. Acabou com a minha carreira... de fotógrafo, pelo menos. – Ele agitou a arma no ar. – Só porque eu queria um beijinho *seu*.

Ele encostou o metal gelado da arma na minha têmpora. Senti o gosto de medo na língua e não consegui reprimir um lamento.

– Ele não acreditou quando eu disse que você ficou se oferecendo, mas sei muito bem o que você é capaz de fazer "em nome da moda" – zombou Wentworth. – Você está seminua em um outdoor na Times Square. Se isso não é um convite, é o quê?

Uma raiva quente e eviscerante me dominou. Minha pele ficou quente, e mordi a língua com tanta força que senti gosto de sangue. Queria gritar e dizer que o problema do mundo eram pessoas como ele, e que talvez Vuk devesse ter esmagado sua boca, e não apenas a sua mão. Dessa forma, ele não seria capaz de proferir todo aquele veneno asqueroso.

Infelizmente, não podia bater de frente com ele estando em desvantagem. Wentworth não era racional. Quem sabia o que ele faria se eu o irritasse?

Eu me forcei a engolir a resposta ácida e ergui o queixo. *Não morda a isca. Continue puxando assunto.*

– O corpo. Quem é ele? Por que você o matou?

Wentworth revirou os olhos.

– Ninguém importante. Cruzou o caminho da pessoa errada, só isso. Mas eu não o matei. Só queria você. – Ele sorriu outra vez, me fazendo estremecer. – Se dependesse de mim, nós dois acabaríamos com tudo agora mesmo, mas eles vão ficar muito chateados se eu estragar o plano. Além disso, quero que o Vuk esteja aqui para assistir. Não deve demorar muito para ele achar este lugar. – Minha

onda de esperança se desmanchou com o que ele disse a seguir: – Os Irmãos deixaram uma boa pista naquela rua. Ele vai achar que descobriu alguma coisa, mas estaremos esperando. Além disso... – Wentworth contornou de leve a lateral do meu rosto com a arma. – Não importa quantas pessoas ele traga como reforço, não vai ser o suficiente. – Ele parou e pressionou o metal frio sob meu queixo. – Porque nós temos você, e ele jamais colocará a sua vida em risco. Nem para salvar a dele.

– Você não vai se safar dessa – rebati, sem conseguir me segurar. Tinha que continuar falando, ou ia vomitar nos sapatos de Wentworth, o que provavelmente não daria muito certo. – Você nunca vai derrotar o Vuk. Ele é esperto demais.

– Veremos.

A postura blasé de Wentworth me assustava mais do que um ataque de fúria. Que tipo de armadilha ele e os Irmãos haviam planejado?

Não importa. Vuk vai escapar. Ele tem que escapar.

Ele era invencível. Mortal, sim, mas a ideia de algo ou alguém derrubá-lo era impensável.

Ele *não* morreria por minha causa. Eu me recusava a sequer considerar essa possibilidade.

– Preciso ir. Tenho muita coisa para fazer, mas quis passar por aqui para dar um oi – disse Wentworth. – Aproveite esse tempo sozinha enquanto pode.

Ele riu mais uma vez.

Prendi a respiração até ele desaparecer nas entranhas escuras do armazém. Quantos homens havia naquele lugar? O que Vuk enfrentaria se (e quando) me encontrasse?

Nós temos você, e ele jamais colocará a sua vida em risco. Nem para salvar a dele.

As lágrimas escaldaram minha garganta.

Wentworth e seus comparsas não me matariam, ao menos não até Vuk chegar. Precisavam de mim viva como garantia. Mas isso não significava que não fariam outras coisas comigo.

Eu precisava me soltar. Ainda que não escapasse, poderia ao menos me esconder até descobrir um jeito de pedir ajuda. Já era quase noite, e era sempre mais fácil se esconder no escuro.

Examinei os arredores outra vez. Não vi nenhuma câmera e fiquei grata por não terem colocado alguém ali para me vigiar. Se eu fosse Vuk, haveria uma dezena de guardas armados de olho em mim o tempo inteiro. Eles deviam achar

que eu não representava ameaça suficiente para merecer mais recursos do que uma corda e um sedativo cujo efeito já estava passando.

Esse era o lado positivo do estereótipo da "modelo burra". As pessoas sempre me subestimavam.

Reavaliei a situação. Tentar me soltar dos nós era impossível. Mesmo que conseguisse soltar o tornozelo direito, não ajudaria muito. Precisava soltar as mãos.

Olhei em volta pela enésima vez, procurando desesperadamente um grampo de cabelo ou qualquer coisa que pudesse usar como uma lâmina improvisada.

Nada.

Estava prestes a desistir e a começar a me contorcer para soltar as amarras outra vez quando meu olhar recaiu sobre meus sapatos. Como sempre, estava usando saltos – lindos, pontiagudos, de dez centímetros. Não eram uma faca ou tesoura, mas eram afiados e poderiam ser letais se usados da maneira correta. Melhor ainda, não tinham fivela, o que significava que dava para tirá-los com facilidade.

Um plano tomou forma na minha mente. Era um tiro no escuro, mas era melhor do que nada.

Só esperava ter tempo de executá-lo antes que Wentworth voltasse.

CAPÍTULO 50

Vuk



ENCONTRAMOS O LOCAL.

Depois de três horas de busca, planejamento e angústia, nós o encontramos: o armazém para onde haviam levado Ayana.

No ar frio da noite, minha respiração virava vapor. Sean, Bruce, Mav e eu observávamos a imensa construção escondidos atrás de um muro baixo de concreto. Era assustadoramente parecida com a que eu havia comprado no Brooklyn. Ficava em um terreno ermo, cercada de concreto rachado e ervas daninhas, e não havia sinal de vida além de um rato que passara por nosso esconderijo um minuto antes.

Uma van preta estava estacionada na frente, e uma fraca luz dourada atravessava as janelas sujas do armazém.

Havia cinco por cento de chance de ser o lugar errado, mas eu podia *sentir* que Ayana estava lá dentro. A proximidade dela era um ímã que me puxava em direção à luz, e a adrenalina tomava meu sangue, aguçando meus sentidos, enquanto aguardávamos o momento certo para atacar.

– Eu disse. – A voz fria de Roman atraiu quatro olhares na direção dele. – Vocês estão me devendo uma.

– Não estamos devendo nada a você – disse Sean entre os dentes. – Não temos certeza de que ela está lá dentro.

A patrulha feita por Sean havia confirmado a presença da Irmandade, mas não pudera garantir se estavam com Ayana.

– Está, sim. Depois que vocês resgatarem a garota, eu cuido do resto. – O olhar de Roman encontrou o meu. – Então, não façam nenhuma merda.

Estreitei os olhos. Meu dedo roçou o gatilho e a temperatura caiu mais dez graus enquanto eu tentava controlar a fúria que me invadia toda vez que olhava para a cara dele.

Havíamos nos encontrado mais cedo, como ele havia pedido. Roman tinha muito a dizer: sobre o sequestro de Ayana, a outra facção e a verdade por trás de algumas das mentiras que havia me contado nos últimos meses.

Ele deu sorte de eu não tê-lo matado. Cheguei perto várias vezes, mas ele tinha, *sim*, fornecido informações cruciais, ainda que fossem informações que deveria ter me passado muito tempo antes.

Também precisava de Roman para me dar cobertura aquela noite. Havia levado apenas três dos meus homens porque abrir fogo contra a Irmandade era diferente de fazer uma emboscada. Não tinha a menor ilusão de que conseguiríamos vencê-los, como fizemos com o Shepherd. Seria uma briga feia, e eu não submeteria a equipe inteira a um massacre.

Naquele cenário específico, furtividade também era mais importante do que quantidade. Se levasse todos os doze homens, não haveria como nos esgueirarmos sem chamar a atenção dos Irmãos. Quanto mais de surpresa os pegássemos, melhor.

Apesar de seus defeitos, Roman era um recurso valioso. Era um atirador habilidoso e se virava muito bem nas sombras.

– Chegou a hora.

A voz calma de Sean fez com que eu e Roman parássemos de nos encarar.

As palavras dele provocaram uma mudança perceptível no ar. Bruce e Mav ficaram tensos, seus rostos endurecendo sob a luz pálida da lua. O humor presunçoso de Roman desapareceu, e um relâmpago crepitou sob a minha pele. Minha onda de raiva anterior recuou diante da razão, fria e calma.

Estava na hora.

Sem dizer mais nada, Sean, Roman e eu nos separamos e fomos lentamente em direção ao armazém. Bruce e Mav ficariam para trás para dar cobertura enquanto nós seguíamos na frente para entrar e resgatar Ayana.

Seguimos o tempo todo nas sombras, com passos silenciosos. Medo, pânico, preocupação: tudo isso se dissipou quando me fixei na entrada lateral. Estava bem adiante, com sua porta de metal enferrujada me atraindo como o canto de uma sereia.

Meu coração desacelerou para um ritmo doloroso.

Sabia muito bem que podia ser uma armadilha. Não acreditava nem por um segundo que o sequestrador de Ayana tivesse deixado para trás algo tão óbvio

como uma porra de um botão por mero acidente, em especial um botão sem impressões digitais.

A nova geração de Irmãos era mais desleixada, mas não tão desleixada assim. O botão tinha sido plantado para nos conduzir até ali.

Mesmo assim, não tinha escolha a não ser morder a isca. Se não fizesse isso, eles recorreriam a medidas mais extremas para chamar minha atenção – um dedo decepado, um vídeo de Ayana sendo torturada. Talvez não a matassem, mas havia coisas piores do que a morte.

O horror daquelas ideias se cravou em minhas entranhas e as contorceu. Uma sensação gelada se espalhou por elas.

Eles ainda não tocaram nela. É muito cedo. O frio se espalhou pelo meu peito. *É muito cedo*, repeti para mim mesmo.

Ainda assim, eu não conseguia não repassar as imagens na cabeça. Surgiam intercaladas com lembranças dos últimos meses: Ayana rindo, Ayana implicando comigo sobre o bingo, Ayana empolgada enquanto explicava a ciência do olfato.

Ela era a parte mais brilhante do meu mundo. A ideia de que alguém ou alguma coisa pudesse apagar sua alegria fez com que eu enxergasse tudo vermelho. Senti um aperto no peito.

Não podia perdê-la. Não agora. Nunca.

Nós vamos encontrá-la. Mesmo que tivesse que destruir a cidade inteira, eu a encontraria e ela ficaria bem. Não havia escolha.

Sean, Roman e eu chegamos à porta sem incidentes. Como esperado, estava trancada, mas um minimaçarico resolveu logo o problema.

Minha mão hesitou na maçaneta. Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Imaginei um pelotão de fuzilamento esperando do outro lado, pronto para nos encher de balas.

Não, isso não ia acontecer. Eles não me matariam tão depressa. O mesmo valia para Roman, quando descobrissem que ele os havia traído. Sean era o único que talvez tivesse uma morte rápida.

Talvez, mas não seria assim, porque nenhum de nós ia morrer.

Roman e Sean se encostaram na parede, um de cada lado da entrada. Abri a porta, me escondendo habilmente atrás dela para o caso de alguém brotar da escuridão.

Silêncio.

Mesmo assim, mantive a guarda levantada enquanto entrava e...

Uma saraivada de tiros explodiu na noite. Uma bala atingiu a porta perto da minha orelha. O metal tilintou e xingamentos ecoaram enquanto tentávamos

responder ao fogo.

Merda! Tínhamos nos preparado mentalmente para aquilo, mas, ainda assim, meus batimentos cardíacos atingiram níveis perigosos. Nossos coletes de Kevlar não nos impediriam de levar um tiro na cabeça e, agora que havia aberto a porta, eu precisava monitorar duas frentes para o caso de alguém atacar lá de dentro.

Até então, nada. Todos os atiradores estavam do lado de fora, mas isso mudaria em breve, com certeza.

– Deixa que a gente cuida disso! – gritou Sean. – *Vai*.

Outra bala cravou-se na parede acima da cabeça dele.

Roman se virou e atirou em alguém dentro da van.

Vidro se estilhaçou. Gritos de dor e o ruído de corpos caindo ecoavam ao redor. Era impossível identificar onde estavam todos os atiradores e ouvi Mav gritar ao longe. Ele estava ferido.

A culpa revirou meu estômago. Havia levado meus homens até lá sabendo que havia uma grande chance de sofrermos uma emboscada. Eles entendiam os riscos, mas, no fim das contas, aquela briga era minha.

– Vai! – gritou Sean outra vez.

Roman ainda estava ocupado trocando tiros com os homens da van.

Uma bala passou zunindo por nós e atingiu de raspão a orelha de Sean. Ele sibilou e atirou de volta. Outro baque soou ao longe, mas as balas estavam vindo de mais perto. Os atiradores estavam avançando.

A ordem férrea dele me tirou do transe, que durara menos de dois segundos, mas cada segundo contava.

Sean e Roman podiam se cuidar. Minha prioridade era encontrar Ayana.

Sean me deu cobertura e entrei no armazém. Ele estava tentando ao máximo evitar que os atiradores me cercassem.

O fato de estarem atacando do lado de fora não era bom. Significava que havia uma armadilha à espera lá dentro.

Um silêncio assustador dominou o ambiente conforme eu me arrastava pelos corredores. Quanto mais avançava, mais fracos ficavam os ruídos do conflito lá fora. O armazém era enorme e contêineres se erguiam ao meu redor, com vários pontos de onde os Irmãos poderiam atacar de surpresa.

A cautela fez com que eu progredisse de forma dolorosamente lenta. Não sabia onde Ayana estava, e havia dezenas de corredores. Em determinado momento, porém, avistei um lampejo de luz mais à frente. Era branca e brilhante, como o brilho de um celular ou de uma lanterna.

Duvidava muito que os sequestradores tivessem dado a ela qualquer uma

dessas coisas, logo havia um Irmão por perto. Se eu o capturasse discretamente, poderia forçá-lo a me dizer onde ela estava ou, pelo menos, o que me aguardava... A menos que *aquilo* fosse a armadilha.

Praticidade e desespero disputaram o controle dos meus nervos. Se meu antigo eu pudesse me ver naquele momento, ele me repreenderia pela impulsividade e pela burrice. Estava descumprindo todas as regras básicas e não estava pensando de forma tão estratégica quanto deveria. Qualquer decisão racional era ofuscada pela necessidade de chegar a Ayana o mais rápido possível.

Era nisso que a Irmandade estava apostando, mas eu não tinha escolha. Felizmente, tinha uma carta na manga. Se não desse certo... bem, eu estava fodido.

Fui me aproximando da luz. Havia colocado o silenciador na arma antes de sairmos de casa, mas, com sorte, não precisaria utilizá-la. Uma faca era mais rápida e silenciosa, mas uma pistola era mais intimidadora.

Estava quase no final do corredor quando o clique da trava de uma arma soou atrás de mim. Antes que pudesse reagir, senti o metal frio sendo pressionado contra minha têmpora.

Fiquei imóvel.

– Larga a arma.

Chamas ardentes e furiosas me atravessaram. Cerrei os dentes, mas fiz o que mandaram. A arma caiu no chão.

– Chuta para longe.

As chamas se transformaram em um verdadeiro inferno. Chutei a arma para o lado, e ela deslizou pelo chão e parou a centímetros de um contêiner próximo.

Um segundo depois, um rosto familiar apareceu. Sangue escorria da testa dele, mas seus olhos eram frios e firmes.

– Sinto muito – disse Roman, calmamente –, mas você vai ter que vir comigo.

CAPÍTULO 51

Ayana



DEPOIS DO QUE PARECERAM horas, consegui afrouxar um pouco a corda do tornozelo direito e tirar o sapato. Foi uma pequena conquista, mas senti como se tivesse escalado o monte Everest.

Minha camisa e minha calça estavam grudadas à pele por conta do suor. Meus pulmões ardiam e meus braços e ombros doíam depois de tantas horas amarrada.

Eu ainda não havia terminado, porém tinha um novo problema para resolver. Como alcançaria o sapato com as mãos amarradas?

Mordi o lábio. O fedor do cadáver havia piorado com o passar das horas, mas eu já estava insensível a ele. Era apenas mais um aspecto ruim de uma situação péssima.

Felizmente, Wentworth ainda não havia voltado e nenhum dos outros sequestradores tinha dado as caras. Refleti por um minuto, respirei fundo e me aproximei o máximo possível do sapato. O ruído das pernas da cadeira contra o chão era ensurdecedor no silêncio, mas ninguém apareceu para investigar o barulho.

Depois de me posicionar onde queria, olhei para o sapato e calculei o ângulo. Não era perfeito, mas teria que servir.

Eu me preparei e balancei o corpo de um lado para o outro. Joguei o máximo possível do peso para o lado direito da cadeira, parei para respirar e fiz tudo outra vez. Foram necessárias seis tentativas até que a gravidade enfim fizesse seu trabalho e tombasse a cadeira.

Abafei um grito quando meu ombro se chocou contra o concreto duro. Uma

onda de dor se irradiou, e torci para ter apenas imaginado o leve ruído de osso estalando.

Cerrei os dentes, tentando me recompor, e tateei em busca do sapato. Rocei nele algumas vezes, mas não conseguia agarrá-lo. As cordas em meus pulsos estavam muito apertadas e eu não conseguia girar a cabeça o suficiente para enxergar atrás de mim.

Vamos lá. Vamos lá. Vamos... Isso.

Meus dedos se fecharam em torno do salto bem no momento em que um barulho do lado de fora rompeu o silêncio, e eu o larguei.

– *Caralho!*

Não consegui reprimir o xingamento acalorado. Estava *tão* perto, mas a frustração morreu quando entendi o que era o barulho.

Tiros. Dezenas de tiros.

Um buraco se abriu no meu estômago. Já tinha ouvido tiros antes, durante as aulas com Vuk. Entretanto, havia uma diferença entre ouvi-los estando no controle da arma e ouvi-los amarrada e faminta, com um ombro potencialmente fraturado.

Mas... os Irmãos não atirariam uns nos outros. O tiroteio significava que havia mais alguém ali. Significava que *Vuk* poderia ter chegado.

Ele vai achar que descobriu alguma coisa, mas estaremos esperando. A lembrança das provocações de Wentworth estilhaçou minha alegria momentânea.

Ainda que Vuk estivesse ali, não significava que estávamos fora de perigo. Estavam esperando por ele. Todos aqueles tiros... E se ele...

Não. Eu me recusava a pensar daquela maneira. Preferia me iludir, preferia imaginá-lo abrindo fogo contra a emboscada e metendo uma bala na boca presunçosa de Wentworth no caminho.

A perspectiva de ser resgatada me deu uma nova onda de energia. Procurei o sapato com determinação renovada e fiz o possível para ignorar a ardência crescente no ombro. Dessa vez, levei menos de um minuto para pegá-lo.

Ajeitei o corpo para poder enfiar o salto por dentro da corda que amarrava meus pulsos. Não era afiado o suficiente para serrar a corda, mas era fino o bastante para entrar no nó e, com sorte, soltá-lo, se eu o puxasse da maneira correta.

Era uma chance remota, mas a única que eu tinha.

Os sons de tiros cessaram de repente. *Merda*. Torci para que o tiroteio distraísse os Irmãos por tempo suficiente para eu poder fugir antes que eles

viessem conferir como eu estava.

O que significava o silêncio repentino? Quem havia ganhado? Se Vuk estava por perto, será que estava ferido ou morto?

Manchas dançavam diante de meus olhos. A sala girava e meus esforços para soltar o nó enfraqueceram quando imagens do corpo ensanguentado e destroçado de Vuk passaram pela minha mente.

– Para com isso – sussurrei, ferozmente. – Se controla, Ayana.

Não podia me dar ao luxo de ficar imaginando cenários hipotéticos. Precisava me soltar *imediatamente*.

Eles estavam chegando. Era só uma questão de tempo.

Retomei os esforços, mas a onda de energia havia diminuído. Fiz uma pausa após alguns segundos e tentei recuperar o fôlego. A dor no ombro havia diminuído, mas não sabia ao certo se era porque de fato estava passando ou se a adrenalina estava bloqueando importantes receptores de dor.

Empurrei o salto um pouco mais para dentro do nó. Se eu...

Passos. Duas pessoas dessa vez.

E estavam perto.

Não havia como me libertar a tempo. Se os passos pertencessem aos sequestradores, eu estava ferrada. Eles saberiam que eu estava tentando fugir e me manteriam trancada a sete chaves para que não chegasse perto de conseguir outra vez.

Os passos pararam na minha frente.

Lágrimas de raiva brotaram em meus olhos. Tão perto. Estava *tão perto* de soltar o nó.

Não havia nada que pudesse fazer naquele momento. Não havia mais tempo, e "perto" não valia de nada em situações como aquela.

Meu estômago se contraiu. Pisquei para afastar as lágrimas e me forcei a erguer os olhos, encontrando pernas e torsos vestidos de preto, até que...

– Vuk.

O nome dele saiu em um sopro de surpresa. Meu corpo vibrava. Pisquei outra vez, certa de que estava vendo coisas, mas não. Lá estava ele, alto, forte e *vivo*.

Uma onda instintiva de alívio me invadiu. Quase pedi a ele que me desamarrasse, mas logo me dei conta de que aquele era o tipo de coisa que jamais precisaria pedir a Vuk. Em circunstâncias normais, eu já estaria em seus braços e ele já teria bolado um plano para nos tirar dali.

Meu sorriso desapareceu quando parei de me concentrar apenas nele, e o

resto da cena se tornou mais nítida e dolorosa.

Vuk me encarava, o rosto tomado de culpa e horror. Suas mãos estavam amarradas às costas e o homem ao seu lado tinha uma arma apontada para sua cabeça. Nunca tinha visto aquele homem antes. Olhos verdes, cabelos escuros, de uma beleza traiçoeira, cruel e brutal.

Ele olhou para mim, caída no chão, sem nenhuma emoção perceptível.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, passos soaram atrás de mim.

As narinas de Vuk se dilataram. Ele me encarou, os olhos ardendo, tão frios que eu podia sentir seu gelo a metros de distância.

Wentworth voltou. Ao lado dele estava...

Minhas entranhas se contorceram. De novo.

Soltei o ar com força, em absoluto choque ao ver a mulher loura elegante observar a cena, entretida.

– Vejo que estamos todos aqui – disse Emmanuelle. – Vamos começar?

CAPÍTULO 52

Vuk



DESTRUIRIA TODOS ELES COM minhas próprias mãos.

Absolutamente *todos*.

Wentworth, o covarde nojento que havia brotado do nada agora que podia se esconder atrás de alguém.

Emmanuelle, a escrota cruel que planejara aquilo tudo.

E Roman, aquele filho da puta *de merda*.

Tentei respirar em meio a uma névoa de raiva e impotência. Sentia a lâmina da vingança me pressionando por dentro, me ferindo. Estava fervendo, faiscando, incandescente de ódio, apenas à espera do momento em que poderia explodir e reduzir os inimigos a poeira.

O momento chegaria. Até lá...

Voltei a atenção para Ayana, caída no chão, com os braços e as pernas amarrados a uma cadeira. Por alguma razão, ela segurava um dos sapatos às costas. Olhos enormes e arregalados me encaravam, brilhando de medo e dor.

Não parecia gravemente ferida, mas estava assustada, e isso me fez querer matar cada um dos responsáveis.

Lá fora, o som dos tiros havia cessado. Não fazia a menor ideia se alguém da minha equipe ainda estava vivo. Tinha que confiar que sim. Se não estivessem...

Deixei o pensamento de lado. *Uma coisa de cada vez*. Primeiro, precisava descobrir como me desamarrar e lidar com o trio à minha frente.

– Ué, nenhuma resposta sarcástica? – Emmanuelle balançou a cabeça com uma expressão decepcionada ao ver que Ayana ficou em silêncio. Se estava surpresa com a aparição da antiga chefe, não demonstrou. – Ah, poxa, que

pena...

– Podemos começar agora? – Wentworth estava quase quicando. O desgraçado estava muito drogado. – Vuk já chegou.

Emmanuelle franziu os lábios por um breve momento antes que sua expressão se suavizasse outra vez. Usava uma blusa e calça feitas sob medida, e sapatos de salto. Se não fosse pela arma em sua mão, poderia se passar por uma executiva voltando do trabalho. Bom, até onde eu sabia, ela de fato era.

– Paciência, Wentworth – disse ela, com um tom ameaçador.

Ele calou a boca, de cara feia. Também segurava uma arma, mas a mão que eu havia esmagado ainda estava engessada. Senti uma satisfação perversa.

Emmanuelle passou por cima dos pedaços do cadáver apodrecendo entre mim e Ayana. A maior parte do mau cheiro havia se dissipado por conta do tamanho do armazém, mas de perto o odor era pútrido.

Ela cutucou a cabeça com o pé para que rolasse.

Não permiti que qualquer reação se manifestasse em meu rosto (não lhe daria esse prazer), mas senti um embrulho no estômago ao ver o rosto familiar.

Enzo, o mais novo membro da minha equipe. Eu o havia contratado para seguir Emmanuelle. Ele tinha me enviado atualizações ao longo de todo o dia, mas o estado de seu corpo sugeria que estava morto havia pelo menos 24 horas. Ela devia ter invadido o celular dele e me passado informações falsas.

Fazia um ano que ele entrara para a equipe. Agora, estava morto por minha causa. *Sempre por minha causa*.

– Você achou que eu não fosse notar? – perguntou Emmanuelle. – Fazia semanas que eu sabia que ele estava me seguindo, assim como sabia que você tinha colocado escutas na minha sala. Admito que demorei mais do que gostaria para encontrar o grampo, mas você é melhor nisso do que ele. Estou quase ofendida por você não ter enviado alguém mais experiente para me vigiar. – Ela soltou um muxoxo. Seus olhos passaram por mim e pousaram em Roman, que até então estava em silêncio. – Bom trabalho. Ele caiu direitinho, como você disse que aconteceria.

– Ele é muito previsível quando se trata dela. – Roman apontou para Ayana com o queixo. Parecia entediado. – Seria romântico se não fosse tão ridículo.

Os olhos de Ayana brilharam. Ela o encarou como se estivesse pensando em arrancar suas tripas fora, centímetro a centímetro.

– Chega de papo. Vamos ao que interessa. – Emmanuelle sacudiu a arma na direção de Wentworth. – Pode fazer a sua parte.

O rosto dele se iluminou. O fotógrafo se aproximou de Ayana e a colocou de

pé.

– Tentando escapar usando um sapato? – Ele riu. – Que fofo. Mas nunca ia funcionar.

Wentworth levou a mão à blusa dela.

– Você vai se arrepender se encostar num fio de cabelo dela. Eu juro.

Meu aviso ecoou no espaço amplo.

A sede de vingança aumentou dentro de mim, me fazendo sangrar, sangrar, sangrar, até que uma película vermelha cobrisse minha visão.

Wentworth hesitou. Ele estava surpreso, mas então seu rosto exibiu um prazer cruel.

– Ele fala, então! Pensei que você fosse só um brutamontes burro.

Ayana abriu a boca, mas logo a calei com um olhar.

Não queria que a atenção daquele babaca se voltasse para ela.

– Qual é motivo disso tudo? Assumir o controle da Irmandade? Ou se vingar pela morte do seu irmão? – perguntei a Emmanuelle. Era com ela que tinha que me preocupar, e não com aquele merdinha pagando de durão. – Se era eu quem você queria, podia ter me atacado logo de cara, em vez de armar esse circo todo.

Acenei com a cabeça para os arredores.

– Meu irmão?

Emmanuelle hesitou, claramente surpresa por eu ter ligado os pontos entre ela e Shepherd. Ela se recuperou um segundo depois e riu como se eu tivesse contado uma piada engraçada durante um chá da tarde.

– Quer dizer que você descobriu sobre o Stéphane... ou Shepherd, como ele gostava de ser chamado. Mas não, não tem nada a ver com ele. Na verdade, você me fez um favor ao matá-lo. Ele se achava esperto demais e acreditou que poderia assumir o controle depois que o antigo líder morreu. – Ela bufou. – Mas ele nunca teve visão. Estratégia. Por isso você o pegou com tanta facilidade. Mas ele tinha o nome, e também a mão de obra, e foi por isso que permaneceu no jogo por tanto tempo. Caso contrário, eu já o teria esmagado há muito tempo.

Assimilei o que ela disse, sem desviar os olhos.

– Você é a líder da outra facção.

Não foi uma pergunta.

O sorriso de Emmanuelle se alargou.

– Olha só, de brutamontes burro você não tem nada – disse ela.

Wentworth revirou os olhos, mas parecia estar tão entretido com a conversa que havia se esquecido de Ayana. Por ora.

– Mantive minha identidade escondida de todos, exceto dos meus aliados

mais leais. Ninguém suspeita que eu seja uma mulher. A misoginia pode ser uma ferramenta bastante útil se você souber usá-la. – Ela diminuiu a distância entre nós. – Roman era só um testa de ferro. Um fantoche. As pessoas achavam que ele era o líder. – Ela riu outra vez. – Ele se infiltrou na facção do meu irmão, e o desempenho dele foi admirável. Até convenceu você a acabar com o Shepherd para a gente.

Ela fez uma pausa, à espera de uma reação. Eu não disse nada, e a víbora prosseguiu, parecendo um pouco decepcionada.

– No começo, não me importava se conseguiríamos matar você ou não. Havíamos concordado que a pessoa que o matasse se tornaria o próximo líder, mas eu fiquei sossegada e deixei o Shepherd ir atrás de você. Sabia que ele nunca o venceria. Era só uma questão de tempo até você se livrar dele por mim, e foi o que você fez. – Emmanuelle deu de ombros. – O controle da Irmandade é algo inevitável. Como disse, meu irmão não tinha visão. Ele queria manter as coisas do mesmo jeito, sendo que a organização tem potencial para ser muito mais do que um grupo de assassinos profissionais. Com sua força de trabalho, pode ser um *império*. Tráfico de armas. Lavagem de dinheiro. Nada é impossível. Mas ele nunca entendeu isso.

– E mesmo assim foi você quem financiou Shepherd ao longo dessa "guerra" entre as facções – respondi com frieza.

– Só um pouco. – Ela franziu o nariz. – Precisava fazer o papel da irmã boazinha. Ele não sabia que eu era a líder da outra facção. Era perdido nesse nível. Acabou me contando um pouco demais sobre os Irmãos, mesmo antes da morte do antigo líder. O Shepherd sempre falou demais. Consegui me infiltrar por meio dele e ver como as coisas funcionavam. Discretamente, formei um grupo de membros que tinham a mesma visão que eu. Apenas os poucos em quem eu tinha mais confiança conheciam minha verdadeira identidade; os demais foram atraídos pelas minhas promessas, não por quem eu era. Se o Shepherd tivesse assumido o controle, teria levado a Irmandade à falência. Mas sabe de uma coisa... – Ela encostou a arma no meu braço. – Eu teria te deixado em paz se você não tivesse metido o nariz onde não era chamado. Não gosto de deixar pontas soltas. Felizmente, Ayana acabou sendo uma distração bastante útil. – Ela voltou a sorrir. – Vocês passaram bastante tempo ocupados com o processo enquanto eu preparava tudo isso, não é mesmo?

– Foi ela quem me mandou plantar as fotos do que você fez com aquele pobre coitado – revelou Wentworth. – Disse que abalaria sua relação, e foi o que aconteceu. Se ela...

– Cala a boca, Wentworth – mandou Emmanuelle, sem tirar os olhos de mim.

Ele se calou outra vez, com uma expressão de puro desagrado.

– Wentworth ficou muito chateado com o que você fez, Vuk – murmurou ela. – Eu prometi que ele poderia te fazer sofrer se me desse uma mãozinha em algumas tarefas. Espero que você não se importe. Preciso pagar minhas dívidas se quiser começar meu império com o pé direito.

Estava cansado da voz daquela mulher. Ela era mais inteligente do que o irmão, com certeza, mas, como todo megalomaníaco narcisista, era movida pelo desejo de ostentar suas "conquistas" e ficava cega pela necessidade de validação de quem considerava à altura de concedê-la.

Era por isso que havia passado tanto tempo divagando, quando poderia tranquilamente ter atirado em nós dois e acabado com tudo.

Para o azar dela, eu jamais lhe concederia meu respeito. Nem um pingo.

Eu me inclinei para a frente, olhei bem em seus olhos e cuspi na cara dela.

Wentworth ficou boquiaberto.

A saliva escorreu pelo rosto perfeitamente maquiado de Emmanuelle. Um rosnado quebrou sua calma presunçosa, e ela me acertou com a arma com tanta força que meus ouvidos zumbiram. A dor explodiu em minha bochecha direita. Cuspi um pouco de sangue e sorri.

Isso só a enfureceu ainda mais. Seus olhos se arregalaram, e ela levantou o braço como se fosse me golpear outra vez, mas parou.

– Roman, se afaste. Wentworth, cuide da Ayana – ordenou ela.

Roman tirou a arma da minha têmpora e se afastou sem dizer uma palavra. O medo se infiltrou pelas rachaduras da minha fúria quando Wentworth segurou Ayana outra vez.

– Eu ia deixar você aqui quietinho assistindo, mas me dei conta de que estava sendo legal demais.

Emmanuelle engatilhou a arma e apontou para o meu rosto.

– Não! – gritou Ayana. Ela se debateu loucamente contra as cordas, impedindo que Wentworth a segurasse com firmeza. – Não...

A explosão de um tiro apagou o resto de suas palavras. Minha visão escureceu. A dor me atingiu quando a bala rasgou carne e osso, provocando mil incêndios que corroeram minha consciência... mas eu estava vivo.

Emmanuelle havia mudado de alvo no último segundo e me acertara na coxa.

Cerrei os dentes com tanta força que minha mandíbula latejou. Minha cabeça girava e minhas pernas quase se dobraram, mas me forcei a ficar de pé. Eu me recusava a cair de joelhos na frente dela.

– Uma amostra do que virá mais tarde. – Emmanuelle limpou o cuspe do rosto, os olhos brilhando. – Da próxima vez, vou mirar no seu pau.

Ela se voltou para Wentworth, que assistia aos desdobramentos com um fascínio arrebatado.

– Falei para você cuidar dela – disse a mulher, irritada, e voltou o olhar para mim. – Vamos ver se você suporta a dor dela tão bem quanto a sua.

Soltei um grunhido.

Wentworth levantou a blusa de Ayana, e minha visão escureceu por um motivo diferente.

Eu era muito racional. Era calmo, controlado e estratégico. Não deixava as emoções ofuscarem a razão.

Mas, naquele momento, eu *não me importava*. Queria o sangue dele em minhas mãos e sua cabeça na merda de uma bandeja.

Avancei, sem me importar com os pulsos amarrados ou com as armas que me cercavam. Emmanuelle ergueu a arma. Atrás dela, Ayana gritou, o som transbordando mais raiva do que medo. Tentou dar uma cabeçada em Wentworth, mas ele se esquivou facilmente.

Emmanuelle apontou para a minha virilha e...

Um borrão cinza pulou do topo de um contêiner, aterrissando no rosto de Wentworth, que deu um grito. A arma dele caiu no chão e o tiro de Emmanuelle se desviou, atingindo o local onde Roman estivera.

O desgraçado havia sumido, mas eu não tinha tempo para pensar sobre aonde ele tinha ido ou em que momento tinha fugido.

Emmanuelle girou a tempo de ver o recém-chegado enfiar as garras nos olhos de Wentworth com um sibilo furioso. Ele gritou outra vez, em evidente agonia.

Shadow. A *porra* do gato.

Poderia dar um beijo naquele desgraçado.

Emmanuelle tentou atirar nele, mas Wentworth se debatia demais para que ela pudesse ter uma mira direta. O sujeito tentava se livrar do gato, mas Shadow estava agarrado a ele. A ameaça peluda uivou, cravou as garras mais fundo nos olhos de Wentworth e arranhou com vontade.

Tirei proveito da distração de Emmanuelle e a derrubei por trás. Atingimos o concreto com grunhidos de dor. Ela tentou atirar outra vez, mas eu tinha caído em cima dela, deixando-a sem ângulo. A bala ricocheteou em um contêiner de metal, assim como as duas seguintes.

Mesmo com as mãos amarradas, eu poderia causar algum estrago, contanto que a impedisse de acertar um tiro. Rolei para o lado e travei o braço que

segurava a arma com o peso do meu corpo. Ela fez força para se soltar, mas não era páreo para mais de 90 quilos de músculos e pura raiva.

Joguei a cabeça para trás e acertei o rosto dela. Ossos estalaram e sangue jorrou.

Emmanuelle uivou de raiva, esticou o braço e cravou as unhas no ferimento em minha coxa.

Um grito rouco escapou da minha garganta. Manchas escuras brotaram diante de meus olhos. Não era só a perna; meu corpo inteiro estava em chamas, ossos e músculos se desfazendo em cinzas, enquanto uma tortura excruciante sequestrava todos os meus sentidos. Quase desmaiei, mas sabia, lá no fundo, que Ayana e Shadow ainda estavam ali, e que eu precisava ajudá-los.

Reuni força suficiente para dar outra cabeçada em Emmanuelle. Ela ofegou e gorgolejou, com sangue escorrendo pelo queixo. Dessa vez, não se recuperou tão depressa.

Os gritos de pânico de Wentworth cessaram. Levantei a cabeça a tempo de ver Shadow voando pelo armazém. Ele bateu em um dos contêineres e caiu no chão com um miado de dor.

Emmanuelle me deu um empurrão, e eu estava fraco e tonto demais por conta da perda de sangue para oferecer muita resistência. Ela se soltou e se levantou com dificuldade.

– Está na hora de acabar com isso – sibilou ela, e ergueu a arma outra vez.

Um tiro explodiu no ar.

Instintivamente, me encolhi e me preparei para o impacto, mas ele não veio.

A boca de Emmanuelle estava aberta em uma expressão de surpresa. Um pequeno e perfeito ponto vermelho floresceu entre seus olhos. Os lábios da mulher se moveram, como se ela quisesse dizer algo, mas então a empresária cambaleou e caiu para o lado. A luz em seus olhos morreu antes que seu corpo atingisse o chão.

Um ar frio aliviou parte da minha dor. Reuni o que me restava de energia e ergui os olhos.

De alguma maneira, Ayana havia se soltado da cadeira. Estava ali, com a arma de Wentworth nas mãos trêmulas, os olhos arregalados fixos no corpo de Emmanuelle.

Atrás dela, o fotógrafo tentava se afastar da forma mais discreta possível.

Eu lidaria com ele mais tarde. Emmanuelle estava morta e Ayana estava em choque, mas ainda não tinha acabado. Precisávamos sair dali antes que os reforços chegassem.

– Ayana, querida, olha para mim.

Ela não se moveu. Parecia hipnotizada pelo corpo de Emmanuelle.

– Ayana. – Minha voz ficou firme. Estava a minutos de perder a consciência e precisava falar com ela antes que desmaiasse. – Está tudo bem, *srce moje*. *Olha* para mim.

Um estremecimento percorreu seu corpo. Ela desviou os olhos da cabeça da antiga agente e se concentrou em mim.

Sua consciência voltou aos poucos. Ela respirou fundo e se aproximou correndo. Ainda estava sem um dos sapatos, jogado ao lado da cadeira, no meio de cordas emboladas.

– Não temos tempo – falei, enquanto ela me desamarrava. – Trouxe alguns homens comigo, mas não sei se estão vivos. Temos que ir embora, caso outros Irmãos apareçam.

– Está bem. – Ela soou trêmula. – Você consegue andar? Sabe onde fica a saída?

Ela enfim me desamarrou. Me permiti um pequeno suspiro de alívio antes de responder:

– Vou dar um jeito. Sei. Mas primeiro... – Com delicadeza, tirei a arma da mão dela. – Precisamos fazer uma coisa.

Emmanuelle estava certa em uma coisa: nada de pontas soltas.

Um sibilo feroz chamou nossa atenção para o outro lado do corredor. Shadow havia se recuperado da queda e estava furioso. Saiu correndo atrás de Wentworth e cravou os dentes na perna do desgraçado. Um arranhão vingativo em seus tornozelos provocou outro uivo.

Fiquei tentado a deixar que Shadow cuidasse dele, mas, como disse, não tínhamos tempo.

Ayana me ajudou a ficar de pé. Apesar da dor, diminuí a distância até o fotógrafo com vários passos pesados.

Eu o deixara ir embora na primeira vez. Ele não teria tanta sorte na segunda.

– Espera – implorou Wentworth. Seu rosto era um caos sanguinolento. Um olho estava inchado e meio fechado por conta dos ferimentos, e sua voz borbulhava de pânico. – Espera, se você me deixar ir embora, eu juro que...

– Eu disse o que aconteceria se você chegasse perto da Ayana outra vez. – Pressionei a arma contra a testa dele. O homem soluçou. O cheiro de urina impregnou o ar. – Mas me esqueci de mencionar outra coisa: não *encosta* na porra do meu gato.

Dessa vez, o tiro foi acompanhado por um jato de sangue. Atrás dele, o rabo

de Shadow balançava de satisfação.

Preferia facas, mas Wentworth não era digno delas. Merecia uma morte medíocre.

Ayana abriu e fechou a boca. Parecia estar entrando em choque outra vez.

– Markovic! – Roman apareceu no fim do corredor, com uma péssima aparência. Sua camisa estava rasgada no ombro e um hematoma feio brotara sobre seu olho esquerdo. Estava mais agitado do que o normal. – A gente precisa sair daqui. O armazém está cheio de explosivos!

Entramos em ação. Não conseguia me mover depressa com a perna machucada, mas fiz o possível. Mesmo assim, me certifiquei de pegar Shadow e levá-lo conosco enquanto corríamos em direção à saída.

Eu me apoiei em Ayana e Roman, e eles me ajudaram no caminho.

– Sean e os outros estão esperando lá fora, com o carro – disse Roman.

Graças a Deus. Eles estavam vivos.

– Cuidamos dos outros Irmãos que estavam aqui. Não eram muitos. A Emmanuelle só trouxe os soldados mais leais, e agora estão todos mortos.

Eu não tinha energia suficiente para responder. Minha respiração enfraquecia a cada segundo, e estávamos apenas na metade do caminho até a saída.

Um estrondo sacudiu o ar. O calor se espalhou sobre nós em ondas. Sombras de chamas crepitantes dançaram nas paredes, e o cheiro inconfundível de carne queimada saturou o ar.

– Merda! – praguejou Roman.

Não precisei olhar para trás para saber que as chamas estavam vindo na nossa direção. Essa era a armadilha. Emmanuelle devia ter programado a explosão para acontecer em determinado momento, perto de material inflamável. Ela teria ido embora antes e me deixado para morrer encarando meu pior medo.

Fogo. Fumaça, morte e calor. O chiado do fogo contra minha pele. O cheiro da minha própria carne derretendo. A imagem do corpo do meu irmão carbonizado e irreconhecível.

Tropecei. Meus joelhos atingiram o chão. As paredes se fecharam ao meu redor.

Em algum lugar bem acima, ou bem longe, não tinha certeza, ouvi Roman berrar. Ayana gritou. Em seguida, os ruídos se transformaram em um rugido baixo e constante, de modo que o único som que se sobressaía eram as batidas frenéticas do meu coração.

O calor estava aumentando. Não precisava nos alcançar... Éramos tão

inflamáveis que bastava que chegasse perto para garantir a morte instantânea.

Era por isso que eu deveria correr. Sair dali. Fugir. *Eu deveria, eu deveria, eu deveria*, mas não conseguia me mover, e as lembranças e o cheiro e...

Mãos fortes me agarraram. Roman.

O mundo era apenas um borrão conforme ele me arrastava e me carregava em direção à saída.

Roman.

Era tudo culpa dele. Aquele era o plano *dele*.

Roman havia me contado que Emmanuelle era a líder da outra facção e que estava trabalhando com Wentworth. Também revelara que Ayana tinha sido sequestrada pelo fotógrafo e por outro Irmão. Depois de meses mentindo sobre não ter informações a respeito da outra facção, ele enfim me contara a verdade.

Emmanuelle achava que Roman era leal a ela, e Roman a convencera de que a ideia de mandá-lo falar comigo como agente duplo tinha sido dela. A mulher não fazia ideia de que estávamos conspirando contra ela, e não o contrário.

Para garantir que eu chegasse a Ayana em segurança, Roman fingira me trair. Tínhamos que ser convincentes, por isso as mãos amarradas. Enquanto meus homens cuidavam do resto dos Irmãos, aguardamos o momento certo. Assim que Emmanuelle e Wentworth estivessem distraídos o bastante, Roman me soltaria com o corte rápido das cordas e me devolveria minha arma (que ele havia guardado na cintura), para que pudéssemos enfrentar a dupla e resgatar Ayana juntos.

Ele não podia atirar em ninguém antes de me libertar primeiro.

O risco de que uma pessoa o atacasse enquanto ele estivesse ocupado com a outra era muito grande. Ele precisava do meu apoio.

Era um plano de merda. Prova disso é que acabou dando muito errado. Não havíamos previsto que Emmanuelle atiraria na minha perna primeiro, embora eu entendesse que a culpa tinha sido minha, por ter cuspido na cara dela depois de ser provocado.

Deveria ter mantido a calma. *Eu deveria... deveria...*

O ar fresco me atingiu. Respirei fundo, e o cheiro de carne queimada havia desaparecido. O mundo voltou em manchas de cor e movimento.

De algum jeito, Roman conseguira nos tirar do perigo.

Nós. Ayana.

Procurei por ela no escuro. Roman estava ao meu lado, o corpo dobrado para a frente, arfando. Shadow estava sentado aos meus pés, com uma carinha preocupada, enquanto Sean e Bruce vinham correndo do carro em minha

direção. Não via Mav. Também não via Ayana.

– Cadê ela? – questionei. Agarrei os ombros de Roman e o sacudi. – *Cadê ela?*

– Eu não sei – respondeu ele, sem fôlego. – Ela me disse para ir na frente com você, porque você estava machucado. Achei que ela estivesse bem atrás da gente. – Ele levantou a cabeça e olhou ao redor. – *Merda*. Eu... Aonde você vai?

Já estava na metade do caminho de volta ao galpão.

Não sabia onde encontrava forças. Um segundo antes, teria jurado que não tinha mais nenhuma. Mas, se Ayana não estava ali fora, significava que estava lá dentro, e eu não tinha ido até ali para permitir que ela morresse. Eu me *recusava* a permitir que ela morresse.

– Senhor! Vuk! – A voz apavorada de Sean chegou mais perto. Ele me agarrou. Eu o empurrei. – Você não pode entrar lá! O fogo já está...

Ele continuou falando, mas seus protestos se misturaram em um longo e contínuo ruído.

Meus ouvidos zumbiam. Meu coração batia tão forte que eu quase vomitei.

O ferimento sangrava, mas eu mal sentia o calor pegajoso que escorria pela perna. A dor não era nada comparada ao terror absoluto e ofuscante do que poderia encontrar lá dentro.

Ayana presa. Ferida. Morta.

Roman disse que ela estava logo atrás de nós. A única razão pela qual não teria nos seguido era...

Não. Ela estava viva. Tinha que estar.

Se ela tivesse partido deste mundo, eu sentiria. Eu *saberia*, porque estaria morto também.

De algum jeito, consegui voltar ao armazém. Sean desistiu de tentar me dissuadir e me seguiu.

Calor fervente e odores fétidos nos envolveram. Devido ao tamanho do local, o fogo ainda não havia nos alcançado, mas estava perto. Perto demais.

Sean tossiu enquanto eu olhava para as chamas, os pés fincados no chão. O cheiro me lembrava *aquela* noite. Passado e presente se confundiram quando imagens do cadáver carbonizado de meu irmão surgiram em minha mente.

Se você não andar logo, a mesma coisa vai acontecer com a Ayana.

O pensamento me estimulou a agir; *nem fodendo* deixaria que algo acontecesse com ela. Não enquanto eu estivesse vivo.

O medo do fogo recuou para um canto distante da minha mente enquanto eu procurava desesperadamente por ela em meio à fumaça e às sombras. Não dava para enxergar direito. Onde...

– Ali! – gritou Sean, apontando para uma silhueta no chão a cerca de quinze metros de distância.

Eu já estava avançando. *Correndo* o mais rápido que minha perna machucada permitia. Era a mesma força que fazia com que mães levantassem carros para libertar seus filhos e outros feitos sobre-humanos. Mal sentia o ferimento ou ouvia Sean atrás de mim.

Cada célula do meu corpo, cada gota da minha atenção, estava no corpo imóvel de Ayana.

Quando cheguei mais perto, fiquei aliviado ao ver que ela estava respirando, embora superficialmente. Estava fraca e exausta depois de um dia inteiro de cativeiro. Devia ter desmaiado por causa da inalação da fumaça.

– Está tudo bem, querida. – Foi minha vez de levantá-la e lhe dar apoio. Ela não acordou. – Vou tirar você daqui.

Cambaleei com ela em direção à saída. As chamas estavam se aproximando. Seus dedos ávidos roçavam nossas costas, famintos por mais carne.

Sean me encontrou no meio do caminho, passou o outro braço de Ayana em volta de seu pescoço e, juntos, a arrastamos ao longo do trecho restante, passando pela porta rumo ao ar fresco da noite. Atravessamos parte do estacionamento antes que o fogo engolisse todo o metal e o concreto.

O armazém explodiu atrás de nós, completamente em chamas.

Alguém pegou Ayana. Outra pessoa me puxou em direção ao carro.

Sabia que havia gente falando e coisas se movendo, mas não conseguia dar sentido ou forma a nada.

As vozes foram diminuindo, e a última coisa que vi antes de a escuridão me engolir foi o brilho laranja do fogo pintando o céu noturno.

CAPÍTULO 53

Ayana



INTOXICAÇÃO POR FUMAÇA. LUXAÇÃO no ombro. Hematomas e cortes por toda parte. Ah, e a morte de uma pessoa nas costas, além do trauma para o resto da vida, a menos que (ou ainda que) arrumasse um terapeuta *muito* bom.

Mas eu estava viva.

Nós estávamos vivos. As pessoas que importavam, ao menos. Emmanuelle, Wentworth e os demais conspiradores podiam apodrecer no inferno, no que dependesse de mim.

No final, poderia ter sido bem pior.

Ainda assim, estava com os nervos à flor da pele quando me aproximei do quarto de Vuk. Sean e Jeremiah conversavam baixinho do lado de fora.

– Ayana. – Jeremiah me viu primeiro. Seus olhos estavam tomados de preocupação. – Você não deveria estar fora da cama.

– Se eu passar mais tempo naquela cama, vou me fundir com o colchão – respondi, com um sorriso fraco.

Fazia três dias que tinha sido resgatada, e tudo que havia feito entre as consultas médicas fora comer, dormir e assistir a reality shows ruins. Tinha falado com Vuk duas vezes, mas, depois do meu sequestro e da morte de Emmanuelle, o caos foi tão grande que não tivemos tempo para conversar direito.

– Ele está acordado?

– Está. Você vai ficar feliz em saber que ele já está tocando o terror em todo mundo – comentou Sean. – Quase arrancou a cabeça do médico quando o sujeito disse que ele não podia ir te ver hoje de manhã. O doutor só está vivo

ainda porque conseguiu explicar que você estava dormindo e que não era bom atrapalhar o seu descanso.

Dei risada.

– É bom ouvir isso. Pelo menos ele está de volta ao normal.

Deixei Sean e Jeremiah conversando e entrei no quarto. Vuk estava sentado na cama, a cara fechada, enquanto uma enfermeira verificava seus sinais vitais. Ela pediu licença ao me ver e saiu.

– Ouvi dizer que você está aterrorizando os médicos outra vez – brinquei, sentando-me ao lado da cama.

– Aterrorizando, não. Supervisionando... O que eu não precisaria fazer se eles realizassem seu trabalho direito. Já faz dias. Não existe motivo para me prenderem aqui como se eu estivesse morrendo – resmungou Vuk, mas a carranca diminuiu quando toquei a perna dele.

Uma bandagem protegia o ferimento na coxa; outras menores cobriam vários cortes e hematomas espalhados pelo corpo.

Os médicos haviam garantido que o ferimento causado pela bala cicatrizaria e que, com repouso e reabilitação, Vuk voltaria a andar normalmente no prazo de alguns meses a um ano. Ele teve sorte: a bala tinha saído do outro lado, sem atingir nenhuma artéria.

Ainda assim, a imagem dele todo machucado fez meus olhos se encherem de lágrimas.

Jamais esqueceria a contração involuntária do corpo dele quando a bala atravessou sua coxa, ou o terror que me sufocou quando Emmanuelle apontou a arma para ele pela segunda vez.

Não conseguia nem me lembrar do que passara pela minha cabeça naquela hora. Só me recordava de me soltar enquanto Shadow distraía Wentworth e Vuk tentava imobilizar Emmanuelle. Havia trabalhado escondido nos nós durante todo o tempo em que eles estavam conversando, e tinha valido a pena.

Eu me lembrava de ter pegado a arma de Wentworth antes que ele pudesse recuperá-la. E também de tê-la erguido e atirado em Emmanuelle bem entre os olhos.

Se não tivesse feito isso, ela teria matado Vuk. Tinha sido meu único pensamento, por isso não hesitei, nem mesmo mirei. Simplesmente... apertei o gatilho.

Matei uma pessoa.

Minha mão tremeu. Fiz menção de afastá-la, mas a mão de Vuk cobriu a minha, prendendo-a entre sua perna e seu toque firme e reconfortante.

– Não foi nada sério. Não se preocupe, *srce moje*. Já passei por coisas piores – disse ele. Somente Vuk diria que um tiro na perna "não foi nada sério". – Agora, tenho outra cicatriz para acrescentar à coleção.

Continuei séria.

– Não tem graça. Você podia ter *morrido*. Você podia... Eu... – Minha garganta fechou. A ardência nos olhos aumentou, e uma gota quente correu pela minha bochecha. – Não acredito que você concordou com aquele plano *ridículo* do tal de Roland...

– Roman.

Os lábios de Vuk se curvaram.

– Tanto faz – falei. – Era um plano péssimo, e você podia ter morrido. E aí, como eu ia ficar?

As lágrimas corriam rápida e livremente.

Ele havia explicado o plano quando fui visitá-lo, um dia depois do ocorrido. Aparentemente, Roland – quer dizer, Roman – era um membro da Irmandade que o vinha ajudando em segredo durante todo aquele tempo. Havia impedido que Sean fosse morto ao escapar durante o confronto entre Vuk e Emmanuelle. Sean estava prestes a ser derrotado pelos outros Irmãos até que Roman voltou para ver como as coisas estavam e pedir reforços. Roman também carregara Vuk para fora do incêndio depois que insisti que eles fossem na frente.

Nada disso significava que o plano não era péssimo.

– Não era a melhor opção, mas deu certo, no final. Estou bem – disse Vuk, com ternura, e entrelaçou os dedos nos meus. – Estou mais preocupado com você.

Enxuguei as lágrimas.

– Eu estou bem. O médico disse que meu ombro vai se curar em algumas semanas.

Depois que escapamos, a equipe de Vuk nos levou direto para a casa dele. Havia uma ala médica no local, montada para tratar membros de sua equipe, além de dois médicos particulares de plantão. Pelo que entendi, eles nunca iam ao hospital por conta de "acidentes de trabalho" – burocracia demais, dor de cabeça demais.

Os médicos de Vuk eram os melhores, e eu confiava neles.

– Não estou falando dos ferimentos, *srce moje* – disse Vuk, que me observava com a testa franzida. – Se quiser falar com alguém sobre o que aconteceu, eu conheço uma terapeuta. Mira. Depois que meu irmão morreu, ela me ajudou, embora eu não me consultasse regularmente. Ela é boa.

Abri um sorriso.

– Se você diz que é boa, a mulher deve ser fantástica. – Ele não elogiava qualquer um. – Depois que as coisas se acalmarem, talvez eu aceite. – Soltei uma gargalhada chorosa. – Ela vai ficar de saco cheio de mim em poucos meses.

Eu tinha *muito* o que trabalhar na terapia.

Não me arrependia de ter matado Emmanuelle. Era ela ou Vuk e, mesmo que ela não fosse uma víbora, eu o escolheria. Sempre.

Quando ele me contou do plano de Roman, também revelou a verdade sobre as atividades paralelas de Emmanuelle e o que ela havia coagido algumas das garotas da agência a fazer. Eu ainda estava me recuperando daquela revelação.

O envolvimento da mulher com a Irmandade já era bastante chocante, mas o fato de Emmanuelle Beaumont – a elegante ex-supermodelo e lenda do setor – gerir uma rede de prostituição de luxo me deixara perplexa.

A equipe de Vuk havia vazado em segredo essa informação na noite seguinte ao incêndio, juntamente com as notícias sobre as mortes dela e de Wentworth. A história que circulava era a de que Emmanuelle e Wentworth eram amantes e tinham sido mortos por um ex-cliente dela que se vingara de uma tentativa de chantagem.

Provas das transgressões dela tinham sido enviadas para todos os principais meios de comunicação, o que provocara um verdadeiro caos na mídia. O FBI já havia assumido o controle do escritório da Beaumont e congelado as contas bancárias da agência enquanto investigava. O antigo processo de Emmanuelle contra mim estava morto e enterrado. Ninguém sequer se lembrava dele.

Meus pais tinham surtado ao saber disso tudo, e ainda mais quando eu disse que havia machucado o ombro em um acidente na academia. Minha mãe queria vir cuidar de mim até que eu estivesse cem por cento recuperada, mas logo a dispensei. Seria proximidade demais para o meu gosto.

Não havia a menor possibilidade de eu contar a meus pais a verdade sobre o sequestro ou sobre o que eu tinha feito. Eles me trancariam em casa e nunca mais me deixariam sair de perto deles – se não entrassem em choque primeiro. Para eles, a morte de Emmanuelle tinha sido carma; não tinham ideia de que sua filha era a responsável.

Talvez tivesse sido carma, mas Emmanuelle ainda era um ser humano. Uma pessoa de carne e osso, cuja vida eu extinguira apertando um gatilho.

O baque de seu corpo batendo no chão ecoou em meus ouvidos. Quando fechava os olhos, via o buraco em sua testa e o espanto em seu rosto.

Seu sangue mancharia minhas mãos para sempre, mas valeu a pena – por

mim, por Vuk e por todas as garotas que ela aterrorizou.

– Vou passar o contato da Mira para você – disse Vuk. – Já fica com você para quando se sentir pronta.

– Obrigada – respondi, baixinho. – Você teve notícias do Roman?

– Desde ontem, não. Ele está ocupado reunindo o que restou da Irmandade, agora que o Shepherd e a Emmanuelle estão mortos. Mas ele é o novo líder, como queria. – O tom de Vuk era seco. – Ele me prometeu que os Irmãos não virão mais atrás de mim. Um juramento feito pelo líder se aplica a todos os membros. Novas regras.

Meu coração disparou.

– Isso significa que você está livre? Não precisa mais se preocupar com eles?

Vuk assentiu.

Um doce alívio tomou conta de mim. Nada de Irmandade. Nada de assassinos, sequestros e mortes... talvez.

A lembrança da nossa última conversa me trouxe de volta à realidade. Não conseguia acreditar que aquilo tinha sido menos de uma semana antes. Uma vida inteira havia se passado desde então, mas alguns pontos continuavam em aberto.

Ainda não havia respondido à pergunta implícita de Vuk: eu conseguiria ficar com alguém que havia se provado capaz de matar, torturar e cometer outros crimes? Por mais que desejasse ficar com ele, será que o abismo entre nossos conceitos de moral era grande demais para ser superado a longo prazo?

Mas a questão era essa. Eu não tinha certeza de que esse abismo era tão grande quanto imaginei a princípio. Vi quando ele atirou em Wentworth à queima-roupa, sem hesitar, mas eu havia feito o mesmo com Emmanuelle. Parte de mim até desejava ter matado Wentworth, mas estava feliz por não ter feito isso. Tirar uma vida era suficiente; tirar duas teria sido demais para mim, por mais motivos que houvesse.

Ver o canalha implorar como o covarde patético que era em seus últimos segundos na Terra foi satisfatório o suficiente. Uma morte medíocre para um homem medíocre. Era o que ele merecia.

Vuk tinha uma capacidade de matar maior do que a minha, mas éramos movidos pelo mesmo desejo: proteger as pessoas que amamos.

– Você se lembra da nossa conversa no campo de tiro? Antes de tudo que aconteceu? – perguntei.

A expressão de Vuk ficou sombria. Ele engoliu em seco e respondeu com um breve aceno de cabeça.

– Bem, eu tomei uma decisão. Quer dizer, eu, hã... tenho uma resposta.

Não foi meu momento mais eloquente, mas nunca tinha precisado dizer aquele tipo de coisa a alguém antes.

A mão de Vuk ficou tensa sobre a minha, mas ele não se afastou, e eu também não.

– Teve um momento, no armazém... *vários* momentos... em que pensei: acabou. Nós vamos morrer e eu nunca vou ter a chance de dizer o que eu queria dizer. De te dizer o quanto você é importante para mim. – Engoli com dificuldade. – Eu sempre soube que o seu conceito de justiça era diferente do conceito da maioria das pessoas, mas, quando vi aquelas fotos, não consegui conciliar esses dois lados seus. Tem esse lado que passeou comigo em Washington, me levou para jogar bingo e deu atenção à minha família mesmo quando eles estavam sendo intrometidos e irritantes – falei, com um misto de choro e riso. – Mas também tem o lado que eu vi no armazém. Capaz de matar e mutilar sem remorso.

O quarto estava silencioso, exceto pela minha voz e pela respiração de Vuk. Ele não disse nada. Apenas me observou, seus olhos tomados por uma emoção indecifrável.

– Meu primeiro instinto foi fugir, porque como eu poderia ficar com alguém que tinha tanto sangue nas mãos? Mas então percebi que estava tomando por base a minha vida de antes, a vida que eu levava antes de saber sobre a Irmandade e as atrocidades da Emmanuelle, e de tudo que veio à tona. Eu estava protegida de tudo isso, e tinha uma visão do que é certo ou errado construída na vida que havia levado até então. Mas o mundo é maior e mais sombrio, e nem sempre temos como seguir as regras, quando o outro lado não segue nenhuma. O ataque ao casamento abriu meus olhos, mas o armazém mudou tudo. Às vezes, temos que quebrar nossas próprias regras para sobreviver. Quer dizer, olha só para mim. Eu atirei na Emmanuelle.

Dessa vez, minha risada continha um toque de histeria. Mas continha empatia também. Eu havia passado a compreender por que Vuk era daquele jeito.

– O que estou tentando dizer é que entendo a lógica por trás das suas atitudes. Não acho que a violência seja a resposta para todos os problemas. Na maioria das vezes, não é. Mas entendo que às vezes é necessária. Você fez o que tinha que fazer pelas pessoas que ama, e eu teria feito o mesmo. Não me arrependo de ter atirado na Emmanuelle, porque isso salvou a sua vida. E se alguém tivesse machucado a minha família... se tivessem pegado minha sobrinha ou meu sobrinho e feito alguma coisa com eles... não posso dizer que não ia

querer que pagassem por seus atos.

Respirei fundo. Vuk ainda não havia dito nada, por isso continuei tagarelando, apressando-me a dizer as palavras seguintes antes que perdesse a coragem.

– Quando achei que você fosse morrer, todo o resto perdeu a importância. A Irmandade, as fotos, sua total falta de apreço pela minha coleção de sapatos. – Ele soltou um suspiro bem-humorado, e eu me permiti sorrir antes de continuar: – Tudo o que importava era *você*, porque eu queria estar com você.

Ele continuou a me olhar fixamente. Nenhuma palavra.

– Essa é, hã... a minha resposta – disse, caso não tivesse sido clara. – Para a sua pergunta no Valhalla, no dia em que eu fui sequestrada, lembra? Bem, na verdade você não perguntou nada, mas eu entendi o que quis dizer. E, desde que você não saia por aí esfaqueando ninguém por multá-lo por estacionar em local proibido, eu...

Vuk enfim se mexeu. Ele me agarrou e abafou o resto das minhas palavras com um beijo quente e urgente. Derreti por completo. Minhas mãos deslizaram por seus ombros enquanto eu retribuía o beijo com o mesmo fervor, deixando que o gosto e o toque dele me arrebatassem até perder o fôlego.

Ele estava vivo. Finalmente, a ficha caiu. Ele estava vivo, e poderíamos ficar juntos, sem restrições. Sem noivado, sem segredos, sem a Irmandade pairando sobre nossas cabeças.

Se Vuk não estivesse me segurando, eu teria saído flutuando.

– Então, nada de esfaquear guardas de trânsito – disse ele quando paramos para respirar, minutos ou talvez horas depois. Ouvi o sorriso em sua voz. – Alguma outra condição que eu precise saber, antes de oficializarmos a questão?

– Humm.

Só me beija outra vez. Agora mesmo. Mas ele tinha razão. Era importante estabelecer regras mínimas primeiro.

– Basicamente, tudo que se enquadra nessa categoria. Nada de violência gratuita, a menos que seja justificada. Ou seja, algo no nível Emmanuelle e Wentworth.

– Então violência não gratuita pode? – Vuk riu quando lhe lancei um olhar de reprovação. – Estou brincando, *scre moje*. Eu entendi o que você quis dizer. – Ele me deu outro beijo, mais suave. – Combinado, então. Nada de violência gratuita sem a devida justificativa.

– Obrigada.

– Posso ameaçar quem desrespeitar você?

Refleti por um instante.

– Pode.

– Ótimo. – A respiração dele roçou minha pele. – *Nisam sklon kompromisima, srce moje, ali za tebe bih pristao i na hiljadu njih*.

Esperei por uma tradução que nunca veio.

– Você vai me obrigar a pesquisar isso também, é?

Vuk abriu um sorriso arrogante.

– Se você me der um beijo, depois eu conto o que falei.

Ele não precisou pedir duas vezes.

Eu me inclinei para a frente e rocei os lábios nos dele. Fiquei assim por um tempo antes de me afastar.

– Muito bem, Markovic, cumpra sua parte. O que você falou?

– Não sou de fazer concessões, *srce moje*, mas por você abriria mão de tudo, mil vezes.

Era possível uma pessoa se dissolver por conta de uma única frase? Porque eu tinha certeza de que era isso que estava acontecendo. Não havia outra explicação para a fraqueza em minhas pernas nem para a doçura em minhas veias.

– E, mesmo assim, você não traduz *srce moje* – sussurrei, tentando recuperar algum controle de minhas emoções.

– Você sabe o que significa – disse Vuk, sua voz carinhosa outra vez.

Eu sabia. Já havia pesquisado, mas, mesmo que não tivesse, dava para entender o sentimento toda vez que ele dizia aquela palavra.

Srce moje. Meu coração.

Eu o beijei outra vez, com mais urgência. A mão dele deslizou pelo meu quadril e subiu pela curva da cintura. Minha pele aqueceu e senti um arrepio nas costas.

– Espera. Você ainda está machucado – protestei, sem muita convicção. – O médico disse...

– Foda-se o que o médico disse. – Vuk acariciou meu pescoço. – Eu pago o salário dele, então minhas ordens prevalecem.

– Não sei se é bem assim...

Ele beijou uma parte particularmente sensível do meu pescoço. Soltei um gemido, meus protestos se dissipando.

Desci as mãos pelos ombros dele, ansiando por...

Um miado alto interrompeu nossa sessão de amassos. Tomei um susto, e nos afastamos bem a tempo de Shadow pular na cama e se deitar bem no peito de Vuk.

Apesar do péssimo *timing* de Shadow, foi impossível não dar uma risadinha com a cara feia de Vuk.

– Saia daqui – ordenou ele. – Estamos ocupados.

Shadow o ignorou e se espreguiçou com um bocejo, depois cutucou o queixo de Vuk com o focinho antes de se acomodar outra vez no peito do tutor.

Depois de salvar a vida de Vuk no armazém, o gato havia sido recebido com uma enxurrada de carinhos e afagos pelos funcionários de Vuk. Felizmente, não tinha se machucado quando Wentworth o arremessou, e parecia ter aceitado muito bem o novo status de herói. Shadow agia como se fosse o rei do pedaço em qualquer lugar – igualzinho a uma pessoa que eu conhecia.

– Você é um grande pé no saco – resmungou Vuk.

Ele fez carinho atrás das orelhas de Shadow, que ronronou, com o rabo balançando, feito o limpador de para-brisa mais feliz do mundo.

– Mas eu tinha razão. Você é um sobrevivente.

– Você chegou a descobrir como ele te seguiu até o armazém? – perguntei.

Acariciei Shadow, sorrindo. Ele ronronou mais alto. Meu Deus, como era fofo.

Presumi que ele houvesse se escondido no carro de Vuk outra vez, mas não fazia ideia de como ele tinha ido do carro até onde estávamos, dentro do armazém, sem que ninguém percebesse.

– Não. Ele entra e sai de onde quer, quando quer. Não sei nem como ele entrou neste quarto, porque a porta está fechada. – Vuk balançou a cabeça. – Um gato empata-foda. Surreal.

– Ah, deixa o coitado aproveitar. Vamos ter muito tempo sozinhos mais tarde, agora que estamos oficialmente juntos e tudo mais – brinquei. Meu tom ficou mais suave: – Além disso, você salvou minha vida. De novo.

Havia passado a última parte daquela noite inconsciente, mas saber que Vuk havia ido atrás de mim, apesar do trauma com o fogo...

Senti um aperto no peito.

– Não, *srce moje* – disse Vuk. – Você salvou a minha.

– Foi o Roland... o Roman que levou você para fora.

– Não estou falando do armazém.

Fiquei sem fôlego. A voz dele era calorosa, sincera, e, se eu não tinha derretido por completo antes, naquele momento virei uma poça de gosma.

Não precisei perguntar o que ele queria dizer com aquilo. Como em grande parte de nosso relacionamento, algumas coisas eram sentidas, em vez de ouvidas.

Shadow miou outra vez quando Vuk e eu trocamos sorrisos cúmplices e

silenciosos. Não era preciso dizer mais nada e, apesar dos ferimentos e traumas, nunca me sentira tão feliz como naquele momento.

Como dizia minha mãe, a alegria não exigia a ausência de tristeza, e a felicidade nem sempre era encontrada em grandes momentos. Na maioria das vezes, existia em pequenos momentos como aquele: em um quarto, com um gato adorável, o homem que eu amava e a certeza de que ele também me amava.

CAPÍTULO 54

Vuk



QUANDO A VERDADE SOBRE Emmanuelle veio à tona, as peças se encaixaram. Quando chegaram as festas de fim de ano e a cidade ficou repleta de neve e vitrines festivas, a Beaumont já havia sido desmantelada. O FBI prendeu todos os agentes que haviam sido cúmplices nas negociações para prostituição e retomara os escritórios da empresa.

As modelos ficaram sem agenciamento, embora isso tivesse sido bom, na maioria dos casos. Paguei todas as dívidas delas, para que pudessem recomeçar do zero. Para as que quiseram deixar o setor e voltar para casa, comprei passagens de primeira classe e lhes dei o equivalente às despesas de um ano. No caso das que quiseram ficar, pedi a meus advogados que revisassem seus novos contratos para garantir que fossem justos. Também paguei terapia e serviços médicos para aquelas que tinham sido forçadas a participar das atividades ilícitas de Emmanuelle.

Não conhecia nenhuma das modelos, exceto Indira (cujo sucesso a havia protegido do lado podre da Beaumont), mas nenhuma delas merecera passar por tudo aquilo.

Infelizmente, Hank não estava entre os agentes envolvidos no esquema, o que foi surpreendente, até. Mesmo assim, foi condenado por invasão de privacidade e por espionar Ayana e várias outras modelos. E talvez eu tivesse pressionado os promotores e solicitado a pena máxima. E talvez tivesse pedido ao diretor do presídio para tornar a estadia dele um pouquinho mais desagradável.

Além disso, paguei à família de Enzo uma quantia alta o suficiente para - deixá-los confortáveis pelo resto da vida. Isso não o traria de volta, nem aliviaria

a culpa que eu sentia pela morte dele, mas era o mínimo que eu podia fazer.

Enquanto isso, Ayana havia decidido trabalhar como autônoma. Não queria outro agente; queria ter controle absoluto da própria carreira e de suas finanças. No começo do ano, planejava contratar uma assistente, para ajudá-la a gerenciar a agenda e os ensaios.

Ironicamente, os meses que ela havia tirado de folga do trabalho a transformaram na modelo mais desejada do setor. Todos queriam contratá-la, e ela tinha trabalhos agendados até o final do ano seguinte.

Naquele momento, estávamos em um evento da Stella Alonso, uma estilista com quem ela trabalhava desde o início da carreira. Era um pré-lançamento de fim de ano na Vault, e o local estava lotado com dezenas de convidados.

– É bom ver você de volta ao circuito.

Stella deu um sorriso caloroso para minha namorada. Ela era ainda mais alta que Ayana, com cabelos escuros encaracolados e olhos verdes que combinavam com as esmeraldas em seu pescoço. Por acaso, era casada com o ex-chefe de Sean, Christian Harper.

– Sentimos sua falta nos desfiles europeus deste ano.

– O outono foi uma loucura – admitiu Ayana. – Mas estou feliz de voltar. Mal posso esperar pelos desfiles de outono/inverno.

– Nem eu. Cá entre nós... – A voz de Stella passou a um sussurro conspiratório: – Sempre achei você boa demais para a Beaumont. A Emmanuelle me dava arrepios. Não me surpreenderia se descobríssemos que ela também matou gente.

Esperta. Não era de admirar que Harper tivesse se casado com ela.

– Enfim, chega desse papo pesado. Vamos sair para almoçar depois da virada do ano. Vai ser ótimo colocar o papo em dia – disse Stella. – Agora, se me dão licença, preciso ver se meu marido não está por aí aprontando na minha ausência. Quando o Christian fica entediado, as coisas tendem a... dar errado.

– Sei bem o que você quer dizer – disse Ayana, me repreendendo com o olhar.

Retribuí com uma cara de inocente. Tinha me comportado muitíssimo bem aquele mês – exceto, talvez, pela ocasião em que "sem querer" empurrei um cara para dentro de uma piscina por ter olhado demais para a bunda dela. O cara estava comendo Ayana com os olhos na frente de todo mundo, no meio de um evento de moda.

Como é que eu ia adivinhar que ele não sabia nadar? No final, ele tinha sobrevivido. Um bom samaritano o havia pescado feito um rato molhado.

– Foi um prazer conhecer você, Vuk – disse Stella.

Inclinei a cabeça em um gesto que dizia "Igualmente".

"Você estava sentindo saudade disso tudo, né?", perguntei, depois que Stella se afastou.

Faltava uma semana para o Natal. Depois do incêndio, havíamos passado a maior parte do tempo na minha casa ou no apartamento dela, perdidos em uma névoa de sexo, comida e sono. Tínhamos nos isolado do resto do mundo para priorizarmos um ao outro. Era o suficiente para mim, mas Ayana era uma criatura mais sociável, e eu queria que ela tivesse a oportunidade de brilhar, agora que a Beaumont estava fora de cena.

– Estava – admitiu ela. – Não me entenda mal. Eu amei passar todo esse tempo com você, mas é bom rever alguns rostos conhecidos. Tem muitas cobras no setor, mas também há gente boa. Por falar em gente boa...

Ela parou no meio da frase e olhou para algo atrás de mim com um sorrisinho.

Eu me virei e bufei.

"Você foi para o Caribe ou caiu em um tanque de óleo bronzeador?"

– Muito engraçado – disse Jordan, revirando os olhos. Ele tinha ido para São Bartolomeu no fim de semana e estava pelo menos cinco tons mais bronzeado do que antes. – Você deveria considerar fazer uma das duas coisas, qualquer dia, antes que as pessoas comecem a confundir você com um cadáver.

Por mim, tudo bem. Preferia rolar em um tapete de hera venenosa do que ficar por vontade própria assando em uma praia quente cercado de desconhecidos suados. Quem inventou o conceito de banho de sol devia ser masoquista.

– Conseguiu resolver tudo? – perguntou Ayana. – Como está sua avó?

Jordan ficou sério. Orla tinha sido internada no início do mês. Havia resistido mais do que os médicos esperavam, mas sua hora estava próxima. Todos já haviam se preparado para isso e estavam colocando os assuntos em ordem.

Por isso que Jordan havia ido a São Bartolomeu – para passar a *villa* que eles tinham lá aos novos proprietários. Com exceção da casa em Rhode Island, Orla queria se desfazer de todos os imóveis antes de morrer e doar tudo para a caridade.

– Na mesma. Vive cansada agora, mas ainda está lutando. Foi ela quem insistiu que eu fosse até lá, em vez de deixar os advogados cuidarem do assunto. – Ele nos deu um sorriso triste. – A velha não suporta que a gente tome conta

dela.

Ele falava com carinho. Jordan ficara ainda mais próximo da avó depois do Dia de Ação de Graças, quando contou à família que era arromântico e assexual. Também revelara que não planejava se casar e não queria ter filhos biológicos.

O pai dele não estava presente (embora, aparentemente, tivesse reagido com indiferença ao ficar sabendo da notícia), e a mãe se queixou do fato de que nunca teria netos, mas Orla recebera a notícia com naturalidade. Não o questionara nem tentara convencê-lo de que havia algo "errado" com ele. Apenas mudara o testamento para que Jordan pudesse receber a herança.

– As pessoas são como são – disse ela. – Não devem ser punidas por isso.

Durante todo aquele tempo, Jordan tinha morrido de medo de conversar com a avó – chegando ao ponto de se expor a um casamento de conveniência –, e ela acabou sendo a mais compreensiva de todos.

– Enfim, fiquei sabendo que vocês vinham, então passei para vê-los e dar um oi para Stella – disse ele. – Mas já, já estou indo. Vou para Rhode Island hoje à noite. Acho que vou ficar lá até... bem, vocês sabem.

– Sim. – Ayana o envolveu em um abraço. – Sei que esse é um momento só da família, mas fala para a Orla que ela está em nossos pensamentos, viu?

"Ligue se precisar de alguma coisa", acrescentei.

Jordan respondeu com outro sorriso triste.

– Pode deixar.

Conversamos por mais alguns minutos antes de ele pedir licença e se retirar.

Ninguém dera mais atenção do que de costume a nós três. As pessoas se acostumaram ao nosso novo normal, e os rumores escandalosos que circularam sobre Ayana e eu estarmos namorando logo depois de eles terminarem o noivado morreram quando todo mundo percebeu que estávamos todos tranquilos com a situação.

– Fico feliz que ele vá passar o Natal com a Orla – disse Ayana, com um ar de tristeza. – Espero que ela esteja em paz.

"É Orla Ford. Ela vai ficar bem, não importa o que aconteça."

Era uma mulher de fibra. A morte teria que arrastá-la porta afora à força. Quando isso acontecesse, ela provavelmente inverteria o jogo e dominaria o além também.

– É verdade. – Ayana soltou uma risadinha. – Está bem, já chega. A gente *realmente* precisa parar de falar desses assuntos mórbidos no meio das festas de fim de ano. Se meus pais estivessem aqui, me dariam uma bronca. – Ela entrelaçou os dedos nos meus e me puxou para onde o pré-lançamento estava

começando. – A propósito, eles estão muito animados para ver você de novo. Se prepare para muita comida e jogos de tabuleiro nas próximas duas semanas.

Passaríamos o Natal e o Ano-Novo com a família dela em Washington. A viagem estava marcada para dali a dois dias.

Abri um sorriso.

"Mal posso esperar."

Estava falando sério. Com Willow aposentada e morando no Oregon, passar um tempo com os Kidanes era para mim o mais próximo de ter uma família desde que a minha tinha morrido.

Ayana e eu nos sentamos. As luzes diminuíram e o desfile começou. Eu não ligava para moda, mas adorava os suspiros e as risadas de Ayana ao ver as roupas expostas.

– Qual é o seu favorito até agora? – sussurrou ela, no final da apresentação.

Para mim, pareciam todos iguais. Muito brilho, dourado e vermelho.

Dei de ombros.

"Acho que aquela coisa rendada com um laço. Você ficaria linda nela."

– Esse é o seu jeito de dizer que quer me ver usando uma lingerie de Natal? – provocou ela.

"Quero ver você usando tudo. Qualquer coisa." Abri um sorriso malicioso. "Nada."

Ela ofegou. O ar esquentou ao nosso redor e, quando a apresentação terminou, não dissemos uma palavra, apenas nos levantamos e saímos da pista principal ao mesmo tempo, nosso silêncio pontuado por algumas risadas sem fôlego, até que nos trancamos no banheiro privativo dos proprietários, que ficava no andar de cima.

Xavier e eu éramos as únicas pessoas que tinham acesso a ele. Pias de mármore limpas. Pisos polidos. Espelhos iluminados.

Muito melhor do que os banheiros do salão, e muito mais adequado para as atividades que eu tinha em mente.

– A gente não deveria fazer isso aqui – murmurou Ayana quando a levantei e a coloquei sentada na bancada. – Deveria estar lá embaixo com... *ah.*

Enquanto ela falava, levantei seu vestido e abaixei sua calcinha. Eu me ajoelhei diante dela e provoquei seu clitóris com uma lambida suave.

– O que você estava dizendo?

– Humm. – Ela parecia atordoada. – A gente não deveria... lá embaixo... *Ah, nossa, isso!*

A satisfação invadiu meu peito enquanto eu prendia seu clitóris entre os

lábios e o chupava. Ela foi à loucura e eu não me segurei, a chupando bem ali, no banheiro da boate. Não parei até ela gozar na minha cara com um grito.

Não havia som melhor no mundo.

Eu me levantei e abri o cinto. O tesão escorria da cabeça do meu pau até minhas bolas doloridas. Não importava quantas vezes transássemos, sempre parecia a primeira.

Ayana ainda tremia quando segurei seus quadris e alinhei a cabeça do meu pau à sua entrada. Ela tomava anticoncepcional, e raramente usávamos preservativo.

Ainda bem. Não tinha nenhum ali comigo e, se tivesse que esperar mais um segundo para fodê-la, ia explodir.

Soltei um gemido ao deslizar para dentro dela, enfim afundando até o talo em sua boceta apertada. Ela passou os braços em volta do meu pescoço e se segurou com força enquanto eu a fodia, doce e lentamente, e depois forte e rápido, até que nós dois estivéssemos encharcados de suor e de uma preguiçosa euforia pós-sexo.

Acho que o fato de eu preferir estar no banheiro de uma boate com Ayana a estar em qualquer outro lugar do planeta sem ela significava muita coisa. Com ou sem sexo, teria ficado feliz, desde que estivéssemos sozinhos.

– Feliz Natal adiantado, *srce moje* – sussurrei.

Ayana sorriu, seu rosto brilhando com tanta felicidade que fez meu coração ficar apertado.

– Feliz Natal adiantado, meu amor.

Fiquei paralisado. *Meu amor.*

Eu tinha evitado usar a palavra com A até então não porque o sentimento não existisse – ela havia se tornado a única mulher no mundo desde a primeira vez que a vi, mesmo que eu não soubesse disso na época –, mas porque não queria que ela se sentisse pressionada a retribuir até estar pronta.

Mais de um mês havia se passado desde o sequestro, mas Ayana ainda estava tentando superar os acontecimentos daquele dia. Fazia terapia duas vezes por semana e, às vezes, pesadelos a atormentavam na escuridão. Eu havia salvado sua vida e não queria que ela confundisse isso com amor.

Ayana segurou meu rosto, seus olhos brilhantes.

– Eu te amo – disse ela. – Não porque você salvou minha vida, mas porque você é *você*. – Era como se ela tivesse lido minha mente. – Mal-humorado, fofo, inteligente, leal... um pouco arisco, às vezes, mas ninguém é perfeito. – Ela sorriu ao ouvir meu pequeno resmungo. – Sou *apaixonada* por cada parte de você, Vuk

Markovic, e já faz um tempo que quero te dizer isso. Por acaso, hoje tive coragem.

Eu te amo. Palavras que ninguém nunca havia me dito... não no sentido romântico. Não importava, porque eu nunca tinha desejado ouvir isso de mais ninguém.

Aquelas palavras só tinham poder quando saíam da boca de uma pessoa.

– Fala de novo.

Minha voz soou tão grave e rouca que quase não a reconheci.

– Eu te amo – repetiu Ayana, baixinho. Seus olhos brilhavam sob as luzes.

Eu te amo eu te amo eu te amo.

Nada nunca tinha feito tanto sentido.

Encostei a testa na dela.

– Eu não mereço você, Ayana Kidane – sussurrei. – Mas, porra, eu também te amo.

Se ouvir aquelas palavras me iluminou, dizê-las em voz alta me incendiou da melhor maneira possível. As chamas eram doces e extraordinárias, não destrutivas, pois varreram a mácula do mês anterior para abrir espaço para novas lembranças.

E, quando Ayana e eu nos beijamos outra vez, nossas línguas adocicadas pelo sabor de nossas palavras, tive a sensação de que muitas novas lembranças estavam por vir.

CAPÍTULO 55

Vuk



Dez meses depois

EU AMAVA AYANA. DE VERDADE.

Mas, ao longo do nosso relacionamento, me dei conta de que estar com ela incluía um aspecto da vida que eu não amava: eventos sociais.

Jantares, bailes de gala beneficentes e eventos do setor voltados para networking. Festas para coisas que eu nem imaginava que eram motivo para festa, como o aniversário de animais de estimação. Não entendia por que meus funcionários insistiam em comemorar o aniversário de Shadow se nem sabíamos quando era. Eu havia resgatado aquele merdinha da rua.

Jeremiah disse que eles tinham inventado uma data, o que ia totalmente contra a definição de um aniversário. Ninguém pareceu concordar comigo, então ali estávamos nós, cantando parabéns para um maldito gato.

– Ah, olha só para ele! É muito fofo! – disse Maya, depois que a música terminou e todos aplaudiram. Ela tirou uma foto de Shadow enquanto todos o enchiam de carinhos e petiscos. – De quem foi a ideia do bolo?

– Do Vuk – respondeu Ayana, antes que eu pudesse pôr a culpa nela.

Ela havia se mudado oficialmente para a minha casa durante o verão, e vivia se unindo à equipe contra mim em tudo que estava relacionado a Shadow.

– Não se deixe enganar pela cara feia. Ele está amando a festa. Ligou tantas vezes para o cara do bolo essa semana que o sujeito ameaçou cancelar a encomenda se Vuk não parasse de perguntar se ele tinha certeza de que o bolo era apropriado para gatos.

Franzi a testa.

"Não estou de cara feia."

Ayana deu um tapinha na minha mão.

– Claro que não, querido.

"Era para eu fazer o quê? Deixar que ele envenenasse o meu gato? Depois a gente que ia ter que resolver o problema."

Eu tinha encomendado um bolo de batata-doce personalizado em forma de rato. Não deixávamos Shadow comer batata-doce com frequência porque não fazia bem para ele, mas era uma ocasião especial – ao menos segundo os meus funcionários.

Nunca havia contratado aquele tipo de serviço, então merecia um desconto por ficar preocupado. Foi Ayana quem acabou me convencendo a dar uma grande festa, por isso havia tantos amigos e colegas de trabalho presentes. Ela deveria estar feliz por eu não ter só colocado um pote de ração na frente de Shadow e pronto.

– Claro que não – repetiu ela, com um tom tranquilizador. – Tenho certeza de que o cara do bolo entende por que você foi tão, hã... *insistente* em ligar todos os dias.

– Agora eu também quero um gato, mas minha mãe me mataria. – Maya suspirou. – Ela é alérgica.

– Vuk. – Uma voz fria e familiar interrompeu a conversa. Dominic apareceu com a esposa, Alessandra, ao seu lado. – Posso falar com você rapidinho? Em particular.

– Também queria falar com você – disse Alessandra a Ayana, sorrindo. Elas se conheciam da época em que a mãe de Alessandra fora a mentora não oficial de Ayana. – Minha mãe está em Nova York e queria ver se a gente consegue marcar...

Enquanto elas conversavam, eu e Dominic nos afastamos. Entramos no saguão ao lado da sala de jantar, onde estava ocorrendo a festa.

Não havia contado a ele sobre meu envolvimento com Roman nem revelado a ninguém seu papel na queda de Emmanuelle. Não havia motivo para isso, e só traria mais problemas.

– Preciso daquele favor – disse Dominic. – Tenho que passar uma informação a uma pessoa, mas preciso de ajuda para encontrá-la primeiro. Já tentei, mas não tive sucesso. Ouvi dizer que você tem alguns... recursos que podem ser úteis.

Ah, merda. Tinha a sensação de que sabia quem era a tal pessoa, mas mantive uma expressão neutra e digitei a resposta no celular. "Me manda os detalhes. Deixa comigo."

Não tinha ouvido um pio sequer de Roman desde o outono. Não conseguia pensar em mais ninguém com quem Dominic quisesse compartilhar uma informação pessoal mas não conseguisse localizar, e não estava ansioso para fazer contato com o novo líder da Irmandade outra vez.

Mas devia um favor ao irmão dele e sempre cumpria minhas promessas.

Dominic soltou um suspiro aliviado.

– Obrigado.

Quando voltamos, a festa havia se transformado em um grande caos. Maya estava dançando com Shadow, que parecia bem confuso com toda a situação; Xavier e Sloane comandavam uma partida de pôquer improvisada usando cartas com diferentes fotos de Shadow impressas no verso (de onde tinham saído aquelas cartas? Não me lembrava de tê-las encomendado), e Jordan explicava a Jeremiah o último meme que havia viralizado na internet.

Música alta. Risadas altas. *Tudo* alto.

Fiquei incomodado.

Enquanto Dominic ia para junto da esposa, observei a cena e me perguntei se pegaria mal matar alguém numa festa organizada por mim mesmo. Depois, me perguntei se me importava com isso.

Resposta: não me importava.

– Você está pensando em matar alguém, né?

Ayana se aproximou, se divertindo com meu desespero.

"Talvez. Não posso dizer que sim nem que não."

Ela riu e passou os braços ao redor do meu pescoço.

– Sério, obrigada por topar. Tenho certeza de que metade dos seus amigos desmaiaram de choque quando foram convidados para uma festa organizada pelo *grande* Vuk Markovic.

Bufei.

"Última festa."

Ao menos até o... Bem, isso era outra coisa, e ficaria para outro momento.

– Ah, fala sério. Vai me dizer que não está se divertindo? – Ayana baixou um dos braços e juntou o polegar e o indicador. – Nem um pouquinho?

"Defina 'se divertindo'."

Então, abaixei a cabeça para que somente ela pudesse me ouvir:

– Gosto de estar com você. Gosto de ver você feliz. É assim que eu me divirto.

O rosto dela relaxou.

– É aniversário do Shadow, não meu – disse ela, com um sorriso na voz. – Faz um ano que você encontrou essa fofurinha.

– Comprei um bolo de batata-doce para ele. Já está bom.

Até que eu gostava de ver o gatinho tão animado. Talvez, se a Maya o mantivesse ocupado, ele parasse de destruir os móveis caríssimos com aquelas unhas.

– Podemos expulsar todo mundo? Já passou uma hora.

Ayana sorriu.

– Recomendo que você espere mais umas duas horas. Eles vieram para a festa de aniversário do nosso gato.

– A maioria mora a menos de dez minutos daqui.

– Vuk.

– Tá bom. Mais duas horas. Fique contente de eu te amar tanto.

– Eu fico. – Ela me deu um leve beijo nos lábios. – Não se preocupe. Mais tarde eu te mostro o quanto.

Meu corpo se agitou.

– Se a ideia era me fazer querer ter gente por perto, está tendo o efeito contrário.

– Quanto mais expectativa, melhor – disse Ayana, com uma piscadela. – Agora, vem. Vamos ver se a gente consegue arrancar um dinheiro do Xavier e da Sloane.

Nós nos juntamos ao resto da festa. Apesar de reclamar, eu me diverti, sobretudo depois de vencer Xavier no pôquer.

E o mais importante: Ayana estava se divertindo, e eu faria qualquer coisa para que ela sorrisse, inclusive organizar e *participar* da festa de aniversário de um gato.

E horas mais tarde, depois que todos tinham ido embora e estávamos sozinhos no quarto, ela cumpriu a promessa de me mostrar o quanto estava contente.

Ela tinha razão: quanto mais expectativa, melhor.



Dois meses depois

– ACHO QUE ESSES sapatos não são uma boa ideia.

Apoiei as mãos nos quadris.

– Já era para você ter aprendido a não subestimar minha capacidade de andar com calçados pouco práticos.

Vuk arqueou a sobrancelha ao ver as botas de salto alto impermeáveis que eu havia comprado para a viagem.

– Vamos andar na neve, *srce moje* – disse ele. – Seus pés vão congelar.

– São botas de neve.

– Nunca vi botas de neve com salto.

– Você também acha que cru e bege são a mesma cor, então, por mais que eu te ame, terei que recusar respeitosamente suas opiniões sobre moda.

Ele balançou a cabeça, rindo.

– Tudo bem. Os dedos são seus.

Era início de dezembro e estávamos passando uma semana no mais novo resort de luxo da Finlândia, na Lapônia. Nosso "quarto" era um iglu gigante com teto de vidro e uma vista espetacular do céu. Naquela noite, as luzes deslumbrantes da aurora boreal brilhavam acima de nós e davam uma sensação etérea ao ambiente.

Além da vista, o resort também contava com um spa de alto nível, um especialista em chocolate quente e guias particulares para atividades que variavam de trenós puxados por huskies a safáris de renas. Basicamente, era o país das maravilhas invernais, nevado e perfeito, e eu não queria ir embora nunca mais.

– A gente devia ter trazido o Shadow – comentei quando Vuk e eu saímos do quarto para fazer o workshop particular de fabricação de perfumes que ele havia organizado. – Ele ia adorar.

– Aquele gato não precisa de férias na Europa com todas as despesas pagas – disse Vuk, com um tom seco. – O pessoal da casa já o mima o suficiente.

Não comentei que tinha sido ele quem reservou para Shadow um dia em um luxuoso spa para gatos, no fim de semana anterior.

Também não admiti que ele tinha razão: meus dedos *estavam* congelando. Quando cheguei à metade do caminho até o pavilhão de atividades, comecei a diminuir a velocidade. Eu tremia, o gelo subindo dos pés até os braços e o peito.

Impermeável droga nenhuma. Nunca mais compraria nada daquela marca.

– Tudo bem? – perguntou ele, ao notar que eu estava andando mais devagar.

– Aham.

Ele curvou os lábios.

– São as botas, né?

– Bem, não *exatamente*, mas... Vuk! – Dei um gritinho quando ele me

levantou do chão. O mundo se inclinou, e minha risada ecoou pelos pinheiros cobertos de neve enquanto ele me carregava pelo resto do caminho. – O que você está fazendo? Me põe no chão!

– Quando estivermos lá dentro. Temos mais dois dias aqui, *srce moje*. Você não vai passar esse tempo todo com os dedos congelados.

– Que exagero – reclamei, bufando, mas não conseguia parar de sorrir.

Chegamos ao centro de atividades logo depois. A instrutora do workshop não esboçou nenhuma reação ao ver nossa entrada pouco convencional e nos cumprimentou com simpatia antes de dar início às atividades.

Vuk e eu pudemos criar e levar para casa nossa própria fragrância. A instrutora explicou as diferentes notas e como combiná-las para obter o equilíbrio perfeito. Também nos orientou no processo de seleção dos ingredientes de acordo com nossos gostos pessoais.

Vuk estava estranhamente calado, bem diferente do seu humor implicante de mais cedo.

Ele sempre ficava quieto perto de pessoas que não conhecia, mas naquela noite ele parecia quase... nervoso? Como ele odiaria se eu comentasse isso na frente da instrutora, deixei as perguntas para depois.

Após muita deliberação, escolhi uma combinação de aromas que me lembraria daquela viagem: uma nota de abertura mentolada, que se transformava em um suave almíscar infundido com íris, neve e lírio, com uma pitada de baunilha amadeirada.

– Excelente escolha – disse a instrutora. – Vou embalar as fragrâncias para vocês. Um minutinho, por favor. – Ela desapareceu em um cômodo nos fundos e voltou logo depois com duas sacolas. – Por favor, fiquem à vontade. O centro de atividades é só de vocês esta noite. – Ela me entregou as sacolas e sorriu. – Espero que tenham gostado do workshop. Aproveitem o resto da viagem.

Hesitei, um pouco confusa com a rapidez com que ela foi embora.

– Que estranho. Por que passaríamos a noite aqui? O workshop já acabou.

– Não faço ideia.

Vuk soou estranhamente tenso. Por outro lado, ele sempre ficava um pouco mal-humorado depois de eventos sociais.

– Que notas você usou no seu perfume? – perguntei.

Ele havia se recusado a me deixar ver o resultado, e eu estava morrendo de curiosidade.

– Espero que tenha escolhido a primeira base amadeirada. Ficou uma delícia em você.

Um sorriso surgiu nos lábios dele.

– Por que você não dá uma olhada na caixa e vê com os próprios olhos?

Nossos perfumes tinham rótulos personalizados no verso, listando as notas olfativas e a data de criação.

Vuk colocou as mãos nos bolsos e aguardou, com a mandíbula tensa, enquanto eu pegava o perfume na sacola. Virei o frasco, esperando ver uma combinação de madeiras e baunilha no rótulo.

Mas não. Na verdade, não havia nenhuma nota olfativa. Havia apenas uma frase impressa em uma fonte de máquina de escrever vintage:

Quer se casar comigo?

O ar fugiu dos meus pulmões. Minhas mãos ficaram tão quentes e suadas que o vidro teria escorregado e caído se eu não o estivesse segurando com tanta força.

Quando ergui os olhos, a garganta ardendo com as lágrimas não derramadas, Vuk já estava de joelhos na minha frente. O anel mais deslumbrante que já tinha visto brilhava em sua mão. O diamante impecável, em forma de gota, repousava em uma cama de veludo preto, cravado em ouro e elegantemente adornado com pequenas esmeraldas.

– Quando eu te contei sobre o workshop, você perguntou por que seria tão tarde – disse ele, suas bochechas um tanto rosadas, e um pequeno tremor tomou sua voz em geral fria e firme. – Era porque eu queria fazer isto sob a aurora boreal. No ano passado, quando estávamos em Washington, você me disse que nunca tinha visto a aurora boreal, e eu queria que você a visse. Quero que você conheça tudo que há de mais belo neste mundo, Ayana, e espero que me dê a honra de estar ao seu lado enquanto faz isso. – Vuk engoliu em seco. – De início, eu tinha planejado um discurso muito mais longo, mas não sou muito bom com palavras. Na verdade, nós dois nunca precisamos muito delas. Sempre soubemos o que o outro estava sentindo. Então, só tenho uma pergunta a fazer: Ayana Kidane, você quer se casar comigo?

As lágrimas já haviam caído antes de ele terminar a primeira frase, e desciam mais rápido e com mais intensidade naquele momento, enquanto a pergunta pairava no ar.

– *Sim!* Ai, meu Deus, sim! – respondi, aos prantos. – É claro que eu quero me casar com você!

Pensei ter notado os ombros dele relaxarem de alívio, mas, sinceramente, não conseguia enxergar muita coisa além do véu de lágrimas.

O mundo era um borrão quando ele colocou o anel no meu dedo, e então estávamos nos beijando, rindo e nos beijando mais um pouco.

Eu deveria ter imaginado que ele estava aprontando algo quando sugeriu uma viagem "espontânea" para a Finlândia, mas também não teria ficado surpresa se ele tivesse me levado até lá apenas porque eu lhe dissera que queria voltar.

Vuk era sério, mal-humorado e tinha uma tendência assassina que se manifestava de vez em quando, mas, no fundo, tinha um bom coração. Nós nos encaixávamos de uma forma única: luz e escuridão, mar e neve, fogo e gelo.

Antes de nos conhecermos, eu havia passado anos lamentando não ter uma vida amorosa, mas meus suspiros tinham sido apenas um recado do universo: *Espere um pouco mais. Seu par perfeito vai chegar.*

Ele chegou.

E valeu cada segundo de espera.

CENA BÔNUS

"AYANA. NÃO."

– Ah, para – insisti. – Vai ficar tão lindo em você!

"Não."

– Vuk. – Cruzei os braços. – Você prometeu que faria essa viagem de coração aberto.

"Meu coração está aberto. Minha carteira, não. Não para essa atrocidade."

Contive uma gargalhada e tentei manter a expressão séria.

– Eu te dou de presente. Vai ficar tão linda quando você for, hã... para a praia.

Vuk fechou ainda mais a cara. Estávamos na boutique exclusiva do hotel. A loja vendia de tudo: desde sabonetes em formato de conchas, que custavam 50 dólares, até roupas de resort luxuosas, incluindo a camisa com estampa tropical vibrante que eu segurava.

Havia sugerido que ele experimentasse de brincadeira, mas, quanto mais pensava no assunto, mais determinada ficava a tirá-lo de sua zona de conforto. O sujeito estava todo vestido de preto em uma ilha no Caribe, pelo amor de Deus. E, por mais gato que estivesse, não dava para passar os quatro dias seguintes passeando por Anguilla usando botas.

– Ayana, eu te amo – disse Vuk, depois que a vendedora da boutique se retirou para atender outro cliente. – Mas prefiro pedir um daqueles drinques tropicais que você tanto ama e enfiar o guarda-chuva no olho a usar uma coisa tão... – ele fez uma pausa, claramente em busca da palavra certa para expressar seu desdém – chamativa.

Olhamos para a camisa. Tudo bem, a estampa laranja, branca e verde não era nada discreta, mas estávamos de férias! Se havia um momento para sermos chamativos e despreocupados, era aquele.

– Se você usar esta camisa, eu te recompenso mais tarde – sussurrei.

– Você não vai me subornar com sexo.

– Tem certeza?

– Tenho.

Dei de ombros, fingindo indiferença.

– É... acho que você não vai ver o novo conjunto de lingerie que comprei para a viagem. Que pena. Em comparação, aquela camisola que usei na viagem para a Finlândia parece um saco de batatas.

Um segundo se passou.

O maxilar de Vuk se contraiu.

A vendedora terminou de atender o outro cliente e voltou até nós, mas, antes que ela pudesse oferecer ajuda, Vuk arrancou a camisa da minha mão e foi batendo os pés em direção ao caixa.

Contive um sorriso e fui atrás dele.

"Só para deixar claro, não estou comprando essa porcaria por causa da lingerie", disse ele, em linguagem de sinais, enquanto a atendente passava seu cartão. "Estou comprando para encerrar essa discussão."

– Tudo bem. Mas mencionar a lingerie não atrapalhou, né?

Os lábios de Vuk se comprimiram em uma linha fina, mas o brilho em seus olhos deixava claro que não estava tão irritado quanto fingia.

Eu tinha planejado dar um showzinho para ele aquela noite, independentemente de ele comprar a camisa ou não. Tínhamos quatro maravilhosos dias a sós, e eu ia aproveitar cada segundo – mas ele não precisava saber disso.

Vuk pagou pela camisa, e dei o braço a ele antes de voltarmos para nossa *villa*. Estávamos hospedados em um resort de luxo em Anguilla, e o lugar era tão silencioso que dava para ouvir o mar ao longe.

Era exatamente *daquilo* que precisávamos.

A vida andava um turbilhão sem fim desde que tínhamos retornado da viagem de fim de ano à Finlândia. Eu estava com a agenda lotada por conta dos trabalhos como modelo e do novo programa de mentoria que estava liderando para ajudar jovens modelos. Enquanto isso, Vuk estava ocupado com o lançamento do último produto de sua empresa e com a próxima reunião do conselho. Além de tudo isso, tínhamos um casamento para planejar.

A cerimônia estava marcada para o outono, e minha mãe estava radiante por *finalmente* fazer a festa de seus sonhos, depois que o noivado com Jordan fora por água abaixo. Vuk e eu tínhamos deixado a maior parte do planejamento nas mãos dela, mas ainda havia muita coisa para fazermos – mapas de lugares, customização de roupas, festividades pré-casamento –, e por isso planejáramos uma escapadinha para recarregar as energias.

Era engraçado: apesar da lista interminável de tarefas, não trocaria a experiência por nada no mundo. Planejar o casamento com Jordan tinha sido difícil, mas saboreava cada momento do processo com Vuk.

Pelo visto, estar apaixonada pelo noivo fazia uma enorme diferença na satisfação pessoal. Quem diria, não é mesmo?

Entramos na nossa *villa*, que tinha vista para o mar e era decorada com uma paleta deslumbrante de azuis e verdes. O sol banhava os cômodos com uma luz dourada e quente, e o ambiente cheirava a uma mistura de flores frescas e maresia.

Eu adorava a agitação da cidade, mas às vezes não tinha nada melhor do que uma escapadinha para uma ilha remota.

Eu me joguei na cama king-size enquanto Vuk tirava a camisa.

– Agora que você já tem roupas adequadas, o que acha de passar um tempinho na praia? – perguntei. – Está tarde demais para pegar sol, mas podemos pedir para o concierge sugerir alguma atividade. Mergulho, vela, esqui aquático...

Pessoalmente, não achava que fosse tarde para pegar sol, mas era nosso primeiro dia ali. Não queria assustar Vuk logo de cara. Dada sua aversão à areia e ao surfe, o fato de ter concordado em viajar para aquele local já tinha sido um milagre.

Sua expressão revelou que ele tinha odiado todas as opções, mas, quando abriu a boca, disse apenas:

– O que você prefere?

Refleti. Por mais divertido que fosse mergulhar, tanto com snorkel quanto com cilindro, não estava no clima de algo tão aventureiro naquele momento. Esqui aquático parecia legal, em tese, mas já havia assistido a muitos vídeos de acidentes para correr o risco de pagar de idiota no que pretendia que fossem férias relaxantes.

– Nós vamos assistir ao pôr do sol do mar – decidi por fim. – Um passeio de barco privativo regado a champanhe parece a primeira noite perfeita em Anguilla.

– Você vai me fazer usar essa camisa horrorosa no barco, né?

– Ah, com certeza.

Não tive chance de dizer mais nada antes de ele agarrar meus tornozelos e me puxar para a beirada da cama. Dei uma gargalhada quando ele se pôs em cima de mim, fazendo uma falsa cara feia.

– Você vai pagar por isso.

Ele me encarou, fingindo irritação.

– Ah, é?

Arqueei a sobrancelha, meu tom indiferente disfarçando que meu coração de repente disparara. Vuk ainda estava sem camisa, e o calor de seu corpo me envolveu como o cobertor mais delicioso do mundo. Quem disse que a faísca de

um relacionamento morria depois de um ano não sabia do que estava falando. Na verdade, a nossa estava mais forte do que quando tínhamos começado a namorar.

– Posso saber como?

Um brilho diabólico surgiu nos olhos dele.

– Ah, consigo pensar em algumas maneiras.

Ele roçou os lábios no meu pescoço, seus beijos dolorosamente leves em comparação com o desejo repentino que se acumulava em meu ventre. Minha respiração ficou superficial, e tive que lutar contra a vontade de agarrá-lo ali mesmo.

A inacreditável habilidade de Vuk em me deixar cheia de tesão com um único toque deveria ser estudada.

– Temos que pegar o barco.

Não soei convincente nem para mim mesma.

– Só no fim do dia.

Vuk alcançou minha boca e mordeu meu lábio inferior, não com força suficiente para machucar, mas firme o bastante para aquecer meu sangue.

– Temos umas boas duas horas até lá.

Uma parte distante do meu cérebro chegou a se lembrar de que ainda não tínhamos ligado para o concierge para marcar o passeio nem desfeito as malas ou comido. Estava tão animada com o resort que o arrastara para fora do quarto logo após o check-in.

No entanto, tudo aquilo parecia trivial comparado ao...

– *Ah*.

Soltei um arquejo baixinho quando a mão de Vuk alcançou o meio das minhas coxas. *Meu Deus*, o cara era um gênio com os dedos. E com a boca. E com o... Bem, com tudo.

– Espera. Você não quer ver a lingerie primeiro?

– Quero ver em algum momento. – Ele enfiou os dedos por dentro da minha calcinha. – Mas você quer mesmo que eu pare agora?

Era um bom argumento.

Não conversamos muito depois disso, nem fomos jantar, *nem fizemos* o passeio de barco ao pôr do sol. No entanto, mais tarde naquela noite, deitada, saciada e aconchegada ao lado dele, nem me importei de termos passado a maior parte do primeiro dia no quarto. Desde que estivesse com Vuk, estava feliz.

– Sugiro que a gente passe o resto das férias desse jeito – disse ele, acariciando meu ombro nu, sua voz rouca como sempre ficava depois de transar. – Aqui

dentro, sem roupa, longe do sol...

Dei risada. Uma ressalva ao que disse antes sobre estar feliz desde que estivesse com ele: era verdade, *porém* eu não deixaria que Vuk desperdiçasse uma viagem perfeita para uma ilha.

– Vamos chegar a um acordo. – Eu me apoiei no cotovelo e olhei para ele. – Eu fico com o horário entre o café da manhã e o jantar. Você fica com o horário entre o jantar e o nascer do sol. Faremos o que o outro quiser nesse espaço de tempo.

Vuk me lançou um olhar irônico.

– Você acha que eu sou tão idiota assim? Você vai estar no controle de quase o dia inteiro.

– Idiota, não. *Flexível.* Aliás, se você pensar bem, o horário entre o jantar e o nascer do sol é o melhor, então sou eu quem está fazendo o sacrifício.

Ele soltou uma risada profunda.

– Fique contente por eu te amar tanto.

Tomei aquilo como um sim.

– Eu fico.

Então o beijei novamente, sem conseguir evitar que um sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Estávamos sendo o casal mais cafona e meloso de todos os tempos, mas quem se importava? Estávamos sozinhos ali, e estávamos felizes. Era só isso que importava.

– Eu também te amo. E prometo que mostro a lingerie amanhã. Sério. Até lá, acho que ainda faltam algumas horas para o sol nascer...

Como disse, eram as melhores horas. E aproveitei cada segundo delas com Vuk.

Agradecimentos

JÁ FAZIA ALGUM TEMPO que não escrevia um livro protagonizado por um herói perturbado e de moral duvidosa, e talvez seja por isso que eu tenha me divertido tanto com a história de Vuk Markovic e Ayana Kidane! Um mocinho perigoso e completamente apaixonado, que faria qualquer coisa por ela? Sim, por favor.

Este livro também teve um pouco mais de ação e suspense do que os volumes anteriores da série Reis do Pecado, portanto agradeço a todos da Equipe Ana por terem embarcado comigo nessa jornada!

A Becca: demorou um pouco para entendermos esse casal, mas conseguimos! Mudar você-sabe-o-quê para você-sabe-onde na história foi sem dúvida a decisão certa. Além disso, Jordan saiu vivo.

Às minhas leitoras alfa, Brittney, Rebecca e Salma: mais um romance finalizado com sucesso! Obrigada por serem meu porto seguro e minhas maiores entusiastas durante todo esse processo.

Às minhas revisoras técnicas, Marijana, Efrata e Hayley: obrigada por compartilharem seus conhecimentos e a magia da tradução comigo. Aprendi muito, e não teria sido capaz de fazer isso sem vocês.

Às minhas leitoras sensíveis beta, Chelé, Erica, Aishah, Emma, Jessie, Sonali, Malia e Nina: obrigada por todos os comentários atenciosos. Agradeço muito o tempo e o cuidado que dedicaram a isso. Vocês ajudaram a fazer esta história brilhar!

A Britt: obrigada pela revisão impecável. Mais um prazo apertado vencido com sucesso!

A Cat: "Imagine uma píton, não uma cobra de jardim." Quem sabe sabe. Obrigada por ser uma ótima designer e uma ótima amiga.

A Christa, Madison e o restante da equipe da Bloom: mal consigo acreditar que já estamos no quinto livro desta série! Adoro trabalhar com vocês e estou muito animada com o que está por vir.

A Gina, Ellie e o restante da equipe da Piatkus: obrigada por todo o esforço depositado neste lançamento. É uma grande alegria ver meus livros em lojas do mundo inteiro, e isso não seria possível sem vocês.

A Kimberly, Aimee, Joy e o restante da equipe da Park, Fine and Brower: sou muito grata por ter vocês ao meu lado. Vocês são demais!

A Jess: obrigada por todo o trabalho árduo nos bastidores! A semana de

lançamento foi tranquila por sua causa, e não conseguiria fazer metade do que faço sem sua ajuda.

Aos meus leitores: foi incrível ver sua empolgação com *Rei da Inveja*. Obrigada pelo apoio ao longo dos anos. Vocês são os melhores leitores que eu poderia querer, e me sinto extremamente honrada por fazer parte dessa comunidade com vocês.

Com amor,
Ana

Leia a seguir um trecho da nova série de Ana Huang,
Deuses do Jogo.

Além da paixão por Ayana, Vuk é obcecado por seus negócios, entre eles o clube de futebol londrino Blackcastle.

Na nova trilogia de romances esportivos, você vai se derreter pelos jogadores Asher Donovan, Vincent DuBois e Noah Wilson.

Conheça agora o primeiro volume, *Partindo para o ataque*.





CAPÍTULO 1

ASHER

Nunca fui de ficar muito nervoso nos jogos, mas nada como saber que setenta mil pessoas estão testemunhando você fazer merda para ficar completamente desestruturado.

Encharcado de suor, recebi a bola do ponta-esquerda. A torcida foi à loucura, e um pouquinho de ansiedade se instalou nas minhas entranhas.

Normalmente, o entusiasmo dos torcedores me estimulava. Afinal de contas, eu *sonhava* com momentos como esse desde criança. Jogar em um time profissional, ouvir milhares de pessoas gritando meu nome, ser o jogador que levaria o time à glória.

Momentos como esse mostravam que eu havia conseguido chegar lá, provando que os críticos estavam errados – o que eu já tinha feito inúmeras vezes.

Claro que tinha, porque eu era simplesmente *o* Asher Donovan.

Mas hoje, no último minuto da última partida dessa temporada da Premier League, eu me senti apenas Asher, o novo e polêmico jogador do Blackcastle.

Era minha primeira temporada com o time, o jogo estava empatado, e estávamos em segundo lugar na classificação, atrás do Holchester United.

A gente *precisava* de uma vitória para levar o troféu, mas, até o momento, a partida se mostrava uma tragédia absoluta.

Uma bola interceptada aqui, um pênalti perdido ali. Estávamos completamente desorientados em campo, e eu já via a vitória escapando por entre os dedos.

Fiquei ainda mais frustrado ao tentar atravessar o enxame de zagueiros do Holchester – Bocci, Lyle, Kanu. Eu conhecia bem as táticas deles, mas eles

também conheciam as minhas.

Este era o problema de jogar contra seu antigo time: não tinha muito como enganá-los.

Sem ter por onde passar, toquei a bola para outro atacante e tentei ignorar o tempo que se esgotava.

Quarenta segundos.

Trinta e nove.

Trinta e oito.

A bola quicou entre os jogadores até que, em um golpe de sorte e azar, Vincent dominou a bola em um contra-ataque.

Os aplausos se transformaram em um rugido baixo, abafado pela minha inquietação.

Dezessete.

Dezesseis.

Quinze.

Minha posição era perfeita para receber a bola. Estava de cara para o gol, mas pude ver os olhos de Vincent vasculhando o campo em busca de alguém, *qualquer* outra pessoa para quem tocar a bola.

Meu coração batia acelerado.

Vamos lá, seu desgraçado.

Não havia mais *ninguém*. Eu era o único jogador do time que tinha chance de marcar um gol naquele momento. Vincent deve ter chegado à mesma conclusão, porque, com uma contração perceptível da mandíbula, finalmente deu o passe para mim.

Os torcedores ficaram exultantes, mas já era tarde demais.

Os poucos e preciosos segundos de hesitação de Vincent permitiram ao - Holchester se reorganizar e roubar a bola antes que eu pudesse alcançá-la.

Um murmúrio coletivo se espalhou pelo gramado.

Pisquei para afastar o suor e tentei me concentrar, mas os olhares de provocação do meu antigo time e o brilho das luzes do estádio me desorientaram, uma sensação que eu não experimentava desde *aquela* partida muito tempo antes.

Cinco.

Uma tentativa fracassada de roubar a bola.

Quatro.

Flashes de manchetes de jornais e de programas de TV ecoavam na minha cabeça. *Traidor. Judas. Vendido.* Será que eu valia a transferência recorde de 250

milhões de libras ou era o erro mais caro da história da Premier League?

Três.

Por algum milagre, consegui roubar a bola na segunda tentativa.

Dois.

Não havia tempo para pensar.

Um.

Chutei.

A bola foi para fora e logo soou o apito final, e o estádio caiu num silêncio tão profundo que dava para ouvir minha pulsação nos ouvidos.

Meu time estava atônito, enquanto os jogadores do Holchester pulavam e gritavam em comemoração.

Era o fim.

E tínhamos perdido.

Minha primeira temporada com o Blackcastle (aquela em que todos esperavam que eu conquistasse um título) chegara ao fim. E tínhamos *perdido*.

Tudo ao meu redor se transformou em um fluxo abafado de ruídos e frenesi, e mal senti o tapinha de consolo de um colega de equipe nas minhas costas, tampouco percebi a dor em meus músculos.

Praticamente não sentia nada.



Ninguém deu um pio a caminho do vestiário, e a apreensão era palpável.

A única coisa pior do que perder um jogo era enfrentar o técnico depois, e ele nem sequer nos deu a chance de sentar antes de começar o esporro.

Frank Armstrong era uma lenda no mundo do futebol. Como jogador, ficou famoso por marcar três gols por jogo – o bom e velho *hat-trick* – em várias partidas consecutivas nos anos 1990; como técnico, ficou famoso por sua abordagem inovadora de liderança e por seu temperamento explosivo, este último em plena exibição enquanto ele nos esculachava.

– Esse é o nível do futebol de vocês? – esbravejou ele. – Essa é a porra do nível do futebol de vocês? Porque eu vou dizer uma coisa: não está nem *perto* do nível da Premier League. É uma grande merda, isso sim!

Falta de foco, péssimo trabalho em equipe, nenhum entrosamento: ele abordou todos os problemas que vinham nos afligindo desde que fui transferido no meio da temporada, e não era preciso ser um gênio para saber o motivo.

Enquanto o técnico nos repreendia, cabeças oscilavam entre mim e Vincent, que estava sentado do outro lado do vestiário.

A dinâmica do time tinha ido para o ralo desde a minha chegada. Parte disso era consequência natural da incorporação de um novo integrante em um grupo muito entrosado. O principal problema, no entanto, era que eu, o artilheiro da liga, e Vincent, o principal zagueiro e capitão do time, nos odiávamos.

Jogávamos em posições diferentes, mas nossa rivalidade era notória. Ele era o único concorrente à altura que eu tinha quando o assunto era mídia, status e patrocínios (coisas importantes em nosso mundo), mas a grande origem da nossa rixa foi o que aconteceu durante a última Copa do Mundo.

A queda. A briga. O cartão vermelho.

Tentei não pensar nisso, porque era bem capaz de acabar dando um soco na cara dele, e acho que Frank não ia gostar muito que eu fizesse isso no meio do seu discurso sobre trabalho em equipe.

– DuBois! Donovan!

Ergui a cabeça de imediato ao ouvir meu nome, e Vincent fez o mesmo.

Ao que parecia, o técnico havia finalizado o discurso, porque o restante do time estava se trocando e ele nos encarava.

– Minha sala. *Agora*.

Obedecemos sem discutir. Não éramos burros.

– Querem adivinhar por que chamei justo vocês dois aqui? – O técnico nem esperou que a porta se fechasse antes de começar a segunda parte de seu discurso.

Vincent e eu permanecemos em silêncio.

– Eu fiz uma pergunta.

– Porque nós perdemos – respondi.

Meu estômago revirou com a palavra *perdemos*.

Todo mundo odeia perder, mas a derrota daquele dia foi particularmente difícil para mim, porque eu sabia que havia pessoas loucas para que eu me desse mal no Blackcastle, ou seja, os torcedores do Holchester United que me odiavam por ter ido para o seu maior rival.

Tive muitos adversários durante a infância – professores que achavam que eu nunca chegaria a lugar nenhum, torcedores que pensavam que eu era apenas um fenômeno de momento, a imprensa que procurava algum podre em todos os aspectos da minha vida –, e eu não suportava a ideia de os críticos terem razão.

– Não, não é porque nós perdemos! – esbravejou o técnico. – É porque vocês dois são os jogadores que o resto do time mais admira, mas deixaram que essa

rivalidade ridícula afetasse o jogo. Pior ainda, que afetasse a confiança de vocês.

Afundamos em nossos assentos, constrangidos.

– Eu sabia que haveria um período de transição, mas achei que vocês superariam essa história e se resolveriam, porque são adultos. Mas parece que estou lidando com crianças, porque aqui estamos, no fim da temporada, e não temos nada para mostrar, exceto uma série de erros que poderiam ter sido facilmente evitados se vocês tivessem aprendido a *trabalhar juntos*! – A voz do técnico aumentou a cada palavra até ficar alta o suficiente para atravessar as paredes.

O volume já baixo da conversa no vestiário diminuiu de maneira perceptível, e meu rosto ficou vermelho de vergonha.

A decepção do técnico foi quase tão insuportável para mim quanto a derrota. Eu o idolatrava desde a infância, e a oportunidade de trabalhar com ele foi um fator importante para que eu aceitasse a transferência.

Não era *assim* que eu imaginava encerrar nossa primeira temporada juntos.

Vincent se remexeu na cadeira ao lado.

– Frank, eu...

– Nem adianta vir com as suas desculpinhas – cortou o técnico. – Que merda foi aquela nos acréscimos? O Donovan estava *na cara* do gol. Você deveria ter passado a porcaria da bola pra ele quando teve a oportunidade. Viu um espaço, passa a bola. É a regra básica do futebol!

Vincent contraiu os lábios. Ele não podia dizer o que todos sabíamos: que não havia passado a bola imediatamente porque não queria que eu marcasse o gol da vitória. A imprensa reprisaria aquele lance várias e várias vezes, e eu seria apontado como o herói da partida. Vincent não suportaria ver isso.

Babaca egoísta. Não sei como agiria se estivesse no lugar dele, mas achei melhor nem pensar nisso.

O olhar do técnico era certeiro. Estava à frente do time havia tempo suficiente para saber as motivações de Vincent sem que ele precisasse verbalizá-las.

– Já que vocês querem agir feito crianças, vou tratá-los como crianças – disse ele. – Normalmente, eu deixo o treino fora da temporada a cargo de cada jogador, mas não neste verão. Neste verão, vocês dois vão fazer um cross-training na Royal Academy of Ballet. Juntos.

– *O quê?* – Vincent e eu explodimos ao mesmo tempo.

Os clubes quase *nunca* ditavam os detalhes de como passávamos o período entre uma temporada e outra. Os jogadores vinham de todas as partes do

mundo, então o verão era a chance de voltar para casa, ver a família e treinar como bem entendessem.

– Já falei com a diretora da RAB. Ela está de acordo – anunciou o técnico. – Não falei nada antes porque queria ver se vocês dois conseguiriam tomar jeito e vencer a merda do último jogo. Como não foi o que aconteceu, vocês terão aulas particulares com a *mesma* instrutora durante o verão. Ela é uma das melhores da escola e sabe bastante de futebol. Vocês estarão em boas mãos.

Não queria estar nas mãos de ninguém. Eu não tinha nada contra balé. Até conhecia jogadores que fizeram treinamentos funcionais usando a dança e adoraram, dizendo que haviam melhorado sua força, flexibilidade e as técnicas com os pés.

No entanto, eu já havia criado meu plano de treino. Não precisava que uma desconhecida aparecesse e me dissesse o que fazer.

Vincent se endireitou, seu rosto tomado por uma palidez fantasmagórica.

– Não me diga que é a...

– A instrutora será Scarlett DuBois. – O técnico deu um sorriso amarelo. – De nada.

DuBois? Tipo...

– A irmã do Vincent? – gaguejei. – Você tá brincando. Isso é conflito de interesses!

Nunca tinha visto a irmã de Vincent, embora já tivesse ouvido falar sobre ela. Os dois eram próximos, o que era péssimo. Não precisava que os irmãos DuBois conspirassem contra mim.

– Não quero treinar com a minha irmã – retrucou Vincent. – Isso não é... *Não*.

– Que bom que nenhum dos dois tem direito de opinar sobre o assunto. – A voz de Frank retornou ao volume normal, mas suas palavras continuavam afiadas. – A diretora me garantiu que ela é a pessoa ideal para a proposta e que não vai deixar relações pessoais afetarem seu trabalho. Eu acredito nela. Isso significa que vocês dois *treinarão* com a Scarlett e *levarão* a sério. E, senhores... – Ele nos encarou com um olhar penetrante. – Quando voltarem, é melhor me convencerem de que são capazes de trabalhar juntos, ou vão direto pro banco. Não quero nem saber se vocês são o capitão ou o artilheiro do time. Entenderam?

– Sim, senhor – murmuramos.

O técnico estava decidido. Não havia nada que pudéssemos fazer ou dizer para nos livrarmos daquilo, logo eu passaria o verão inteiro preso aos irmãos

DuBois.

Respirei fundo.

Eu não sabia muito sobre Scarlett DuBois, mas sua ligação com Vincent me fazia ter certeza de uma coisa: eu não ia gostar dela.

Nem um pouco.

Clique aqui para ver na loja

Sobre a autora



ANA HUANG é autora best-seller do *The New York Times* e da Amazon. Escreve romances contemporâneos com heróis deliciosos e heroínas fortes. Seus livros já foram vendidos para mais de 20 países. *Rei da Inveja* foi finalista do Goodreads Awards.

anahuang.com
@authoranahuang
@authoranahuang

Outros livros da série:


REI
DA
IRA
RIQUEZA, PODER E PRAZER
ANA HUANG
REI
DO
ORGULHO
SEDUÇÃO, OUSADIA E PAIXÕES PROIBIDAS
ANA HUANG
REI
DA
GANÂNCIA
AMBIÇÃO, AMOR E SEGUNDAS CHANCES
ANA HUANG
REI
DA
PREGUIÇA
DESEJO, CORAGEM E OPOSTOS QUE SE ATRAEM
ANA HUANG

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



e pe tade de ver o

Sarah MacLean

a hi t ria aboro a inteli ente e en vel obre o poder tran for ador do luto do a or e da fa lia

Há cinco anos Alice foi banida da magnífica ilha particular do pai, o gênio da computação Franklin Storm, na costa de Rhode Island. Desde então, construiu uma reputação independente do sobrenome, da influência e dos bilhões dele.

Mas a morte repentina de Franklin faz com que o retorno de Alice seja inevitável.

O plano dela é manter a cabeça baixa, prestar as últimas homenagens e ir embora logo depois do velório.

Infelizmente seu pai tinha outros planos. O patriarca excêntrico e manipulador deixou para os herdeiros um último desafio, um jogo que vai virar o mundo deles de cabeça para baixo. As regras são: passar uma semana na ilha, completar as tarefas designadas e assim receber a herança.

Mas, para Alice, lidar com os familiares é mais difícil que o jogo em si. Com a irmã mais velha e seu caso de amor secreto, o irmão e sua arrogância implacável, a irmã caçula e seu apreço por elementos esotéricos, a mãe com sua frieza e o olhar implacável de julgamento, as possibilidades de drama estão em cada canto da mansão.

Somando-se a isso tudo o olhar atento e sempre presente de Jack Dean, o braço-direito lindo e misterioso de seu pai, vai ser um milagre se Alice sair da ilha com o coração intacto.

Clique aqui para ver na loja



o ando por ontrole

Peyton Corinne

h e t de e perado para entir qualquer oi a adie n o a uenta ai entir tanto

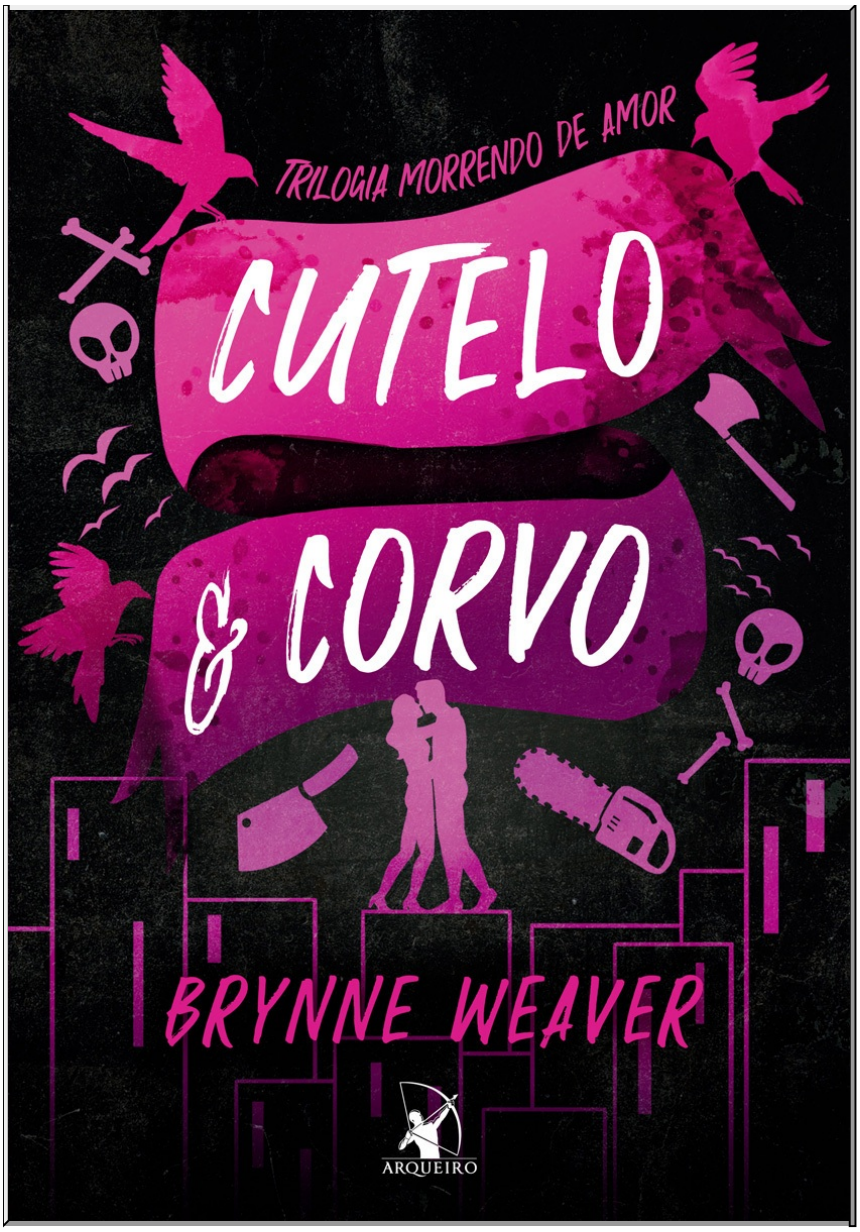
Rhys Koteskiy está de volta. Pelo menos é o que todo mundo espera. Na semifinal do último ano, o astro do time de hóquei da Universidade Waterfell levou uma pancada tão violenta que até hoje luta para se recuperar. Atormentado por pesadelos e crises de pânico quando pisa no rinque, ele se pergunta se algum dia vai jogar de novo – e se é isso mesmo o que quer.

Sadie Brown está determinada a não perder o foco neste semestre. Afundada em dívidas, ela se vira do avesso para conciliar os estudos, a batalha pela guarda dos irmãos mais novos e os treinos de patinação artística. Com seu temperamento difícil, sua reputação no campus não é das melhores.

Quando ela presencia uma crise de pânico do melhor jogador da equipe de hóquei e tenta ajudá-lo, nasce uma inusitada identificação entre os dois. Rhys sente um vazio enorme e não consegue resgatar sua paixão pela vida, enquanto Sadie, sempre tomada por alguma emoção, não aguenta mais lidar com tanta intensidade.

Mas o caminho para a cura não é fácil, e os segredos que eles guardam um do outro só complicam as coisas. Numa trama marcada por traumas, descobertas e a promessa de um futuro, Rhys e Sadie percebem que, por mais doloroso que seja, às vezes é preciso cair para aprender a voar.

[Clique aqui para ver na loja]



Cutelo e Corvo

Brynne Weaver

Quando um encontro casual desperta um vínculo improvável entre os assassinos e rivais Sloane e Rowan, eles constroem algo aparentemente impossível: uma amizade de duas almas sombrias que por acaso gostam de matar outros serial killers.

Ela leva os olhos das vítimas como troféus, e ele é um chef de cozinha que, nas horas vagas, atua como o assassino conhecido como Açougueiro de Boston. Percorrendo o país todo, essa dupla institui uma competição particular de sangue e sofrimento que acontece anualmente e os coloca frente a frente com os monstros mais perigosos dos Estados Unidos.

À medida que a sua amizade se transforma em algo mais, o perigo aumenta e eles passam de predadores a presas, correndo o risco de perder não só o amor recém-descoberto, mas a própria vida.

Será que Rowan e Sloane conseguirão sair vivos desse jogo? Ou finalmente encontraram alguém à sua altura?

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE ANA HUANG

REIS DO PECADO
Rei da Ira
Rei do Orgulho
Rei da Ganância
Rei da Preguiça
Rei da Inveja

DEUSES DO JOGO
Partindo para o ataque

Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br